

OS  
ESPLENDORES  
DA FÉ

ACCORDO PERFEITO DA REVELAÇÃO E DA SCIENCIA,  
DA FÉ E DA RAZÃO

PELO

REVERENDO MOIGNO

CONEGO DE S. DYONISIO

FUNDADOR-DIRECTOR DO JORNAL «COSMOS-OS-MUNDOS»

É preciso que Elle cresça, e quanto a mim,  
que diminua!

S. JOÃO, CAP. III, V. 30.

VERSÃO PORTUGUEZA

DO

PADRE FRANCISCO MANUEL VAZ

Antigo Missionario d'Africa oriental e professor das disciplinas do 3.º grupo  
do Lyceu de Bragança por provas publicas dadas em concurso

*Com auctorisação e approvação do em.<sup>mo</sup> snr. D. AMERICO*

CARDEAL-BISPO DO PORTO

---

DA QUARTA EDIÇÃO FRANCEZA

TOMO IV

DA FÉ E DA RAZÃO

---

PORTO

ANTONIO DOURADO—EDITOR

Rua dos Martyres da Liberdade, 137

1891

---

PORTO

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO

74—Largo de S. Domingos—76

# PREFACIOS

---

## O AUCTOR

FRANCISCO MARIA MOIGNO, NASCIDO EM GUEMÉNÉ — SUR-  
SCORF (MORBIHAN), A 15 D'ABRIL DE 1804

Conego de S. Dyonisio, conego honorario do Cabido da cathedral de Vannes; douctor em theologia de S. Thomaz d'Aquino, professor emerito de theologia, de hebreu, de Escriptura sancta, de historia ecclesiastica, de mathematicas, de physica e de chimica; auctor das *Licções de calculo differencial e integral*, do *Calculo das Variações*, da *Mecanica analytica*, do *Repertorio de optica moderna*, da *Telegraphia electrica*, das *Actualidades scientificas*, da *Chave da sciencia*, quinta edição franceza; dos *principios fundamentaes, segundo os quaes devem resolver-se, no tempo actual, as duas grandes questões: 1.º das relações da Igreja e do Estado; 2.º e da Liberdade na organização do ensino*; antigo redactor do *Universo*, da *União monarchica*, da *Epoca*, da *Imprensa*, do *Paiz*; redactor dos primeiros vinte e um volumes do *Cosmos*, dos tres primeiros volumes *Annuarios* do *Cosmos*, dos

trinta e nove volumes dos *Mundos*; traductor da *Correção das forças physicas*, de Grove; do *Calor considerado uma forma de movimento*, de Tyndall; das *Licções sobre o som*, de Tyndall; da *Luz*, de Tyndall; membro da Associação britannica para o progresso das sciencias, da Academia imperial Estanislau de Nancy, da Sociedade Batava de Rotterdam; da Sociedade das sciencias de Harlem, do Instituto geologico de Vienna, das Sociedades industriaes de Molhouse e de Lyão, da Sociedade das sciencias, lettras e agricultura de Versailles, das Academias pontificias dos Nuovi-Lyncei, da Immaculada Conceição, da Academia philosophico-medical de S. Thomaz d'Aquino de Florença, e de muitas outras Sociedades sabias; um dos fundadores da Obra de S. Francisco Xavier; cavalleiro da Legião d'honra; official da ordem de Santos Mauricio e Lazaro de Italia; commendador da ordem de Carlos III de Hespanha.

Hão de estranhar-me que depois de ter escripto tantas obras com esta singela indicação: *pelo Padre Moigno*; faça agora alarde, no frontispicio d'esta, de estirado rol de qualidades e titulos. Cederia eu porventura a um sentimento de pequenina e ridicula vaidade? A consciencia tranquillisa-me a tal respeito.

Na obra que hoje publico e que é o resultado dos estudos e preocupações da minha vida, venho defender e vingar a verdade e a divindade de minha fé; e eis ahi o motivo, porque devia apparecer revestido de todas as peças da armadura.

Vivemos n'um seculo que desconhece a sinceridade esclarecida das almas crentes, que busina a pretensão insultante de que a grande salvaguarda e antemural da fé é a ignorancia, que toma no sentido grosseiro da lettra que mata aquella admiravel sentença do Salvador: *Bemaventurados os pobres de espirito*; que quer em summa que a sciencia haja dado cabo da fé, e que onde

a fé subsiste ainda, não possa haver sciencia. Em taes condições é claro que prejudicaria minha causa, e que por conseguinte faltaria a um dever, se desde logo não tractasse de estabelecer meus direitos a ser considerado como entendido e sabido o que não podia fazer sem acrescentar a meu nome as distincções honorificas, que me tem vindo procurar em minha exiguidade.

Posso declarar sem hesitação alguma, que se ha escriptor que preencha as condições exigidas para o desempenho da missão que me impuz, a saber, estabelecer e provar o accordo perfeito da fé e da sciencia, esse escriptor sou eu. Não podem accusar-me de ignorancia quando eu affirmar que no immenso thesouro das verdades, do qual a sciencia sente legitimo orgulho, não ha nem sequer uma, que o homem de boa fé possa manejar contra a religião; não haverá remedio senão discutir as provas que eu apresentar; a ninguem assiste o direito de me recusar accesso. Imitando a forma da linguagem sanctamente vivida de S. Paulo, talvez pudesse dizer sem orgulho aos mais ardentes partidistas da sciencia, a seus mais auctorizados representantes: «Sois sabio, tambem eu; já sondastes todas as profundidades da theoria e verificastes todas as experiencias; tambem eu theorisei e experimentei como vós. Amais o progresso; a minha sêde por elle é insaciavel, e deveis ter-me visto na estacada de seus promotores. Livros, jornaes, brochuras, licções, conferencias, conversações, tudo puz por obra afim de o tornar accessivel áquelles que repelliam o progresso. E os homens que o não queriam eram bastas vezes aquelles que pareciam seus mais ardentes defensores!

Avanço mais, porque toda a gente tem reparado n'isso, e até muitos se tem admirado e talvez escandalizado, direi, que tenho marchado na frente e muito adeante das theorias modernas. Fui o primeiro a proclamar as verdades adquiridas por uma sciencia alfim

no estado aulto; lá encontrareis meu nome, como guiso sonoro preso ás doutrinas em apparencia as mais emancipadas, embora realmente as menos inimigas da fé: a simplicidade e a identidade dos ultimos atomos da materia; a reduccão de todos os phenomenos da natureza á materia e ao movimento; a unidade e a correlação de todas as forças phisicas e chemicas, sua homogene-se mutua por equivalentes mechanicos etc., etc. Não devia recuar, nem recuei deante de nenhuma das grandes syntheses da sciencia moderna, porque são a expressão da verdade, e tem, o que o commum dos sabios ignora, sua razão de ser, sua ultima explicação, na metaphysica, a primeira e a mais elevada das sciencias porque é em nós o reflexo da luz de Deus que illumina, quando vem ao mundo toda a alma feita a sua imagem e semelhança.

Permitta-se-me que deixe consignada aqui a homenagem espontanea que o barão Carlos Dupin, o grande geometra, decano da secção de Mecanica do Instituto de França, se dignou prestar-me na sessão do Senado de 25 de fevereiro de 1870, por occasião da discussão sobre a liberdade do ensino superior, liberdade afinal concedida em 1875 e mutilada em 1876. Cito a passagem na integra, porque tem o interesse da actualidade.

«... Tem-se dado alguma cousa de bastante singular. Royer-Collard, que citei, estava persuadido da grandeza, da excellencia da Universidade, e que nada poderia jamais egualar-se-lhe. A tal respeito pensava exactamente como o sr. de Saint-Arnaud. Os Jesuitas, dizia elle, nunca conseguirão ter senão professores mediocres; desafia-os a que montem um ensino de primeira ordem.

Dizia-me isto pouco depois de 1830. Sem embargo os reverendos Padres tem caminhado de progresso em progresso, e cousa que revolta seus antagonistas,

tem teimado em formar professores. Em seu instituto seguem um processo maravilhoso, e que os governos fariam bem em imitar, afim de tirarem o melhor partido dos homens.

Quando alguém é recebido como membro da ordem, examinam-se-lhe as aptidões, e diz-se-lhe: Vós tendes a palavra abundante e colorida, tendes disposições para as brilhantes manifestações, sereis missionario e prégador; ou: vós sois excellente para as minudencias da administração, sereis nosso economo. E enfim a outro, como por exemplo, ao P.<sup>o</sup> Moigno, um dos geometras mais distinctos da Europa, dizem: Vós tendes talento para as mathematicas, sereis professor de sciencias exactas. (*Jornal official*) de 20 de fevereiro, columnas 3 e 4.

O sr. Dumas, o illustre secretario da Academia das sciencias, na sessão de segunda-feira 10 de setembro de 1872, dignou-se pronunciar a seu turno estas palavras, as quaes o *Jornal official* publicou tambem:

«Tenho a honra de apresentar, proseguiu o sr. Dumas, em nome do sr. P.<sup>o</sup> Moigno, uma serie completa de livrinhos que formam um verdadeiro curso de sciencia illustrada, com o titulo: *Actualidades scientificas*. As descobertas modernas são desenvolvidas com muita competencia de modo que não é facil encontrar n'outras obras esclarecimentos equivalentes. São conferencias sobre cada questão em voga, mórmente sobre assumptos, tratados na Inglaterra, na Allemanha, etc. Exemplos: Combinação dos atomos.—Analyse espectral dos corpos celestes.—Força e materia.—As illuminações modernas.—Physica molecular.—Theoria do velocipede.—Constituição da materia.—Esboço historico da theoria mecanica do calor.—Metamorphoses chimicas do carbonio.—Phenomenos e theorias electricas.—Licções todas de muito proveito dos srs. Tyndall, Hofmann, Huggins, Tait, Rankine, Odling, etc.

«O snr. Moigno, ha cincoenta annos que marcha á á frente do movimento scientifico. Introduziu em França todas as novidades da sciencia estrangeira. Devemos-lhe o conhecimento de quasi tudo o que de curioso e notavel se faz entre nossos visinhos; e reciprocamente, é muitas vezes a elle que os sabios estrangeiros devem o conhecimento de nossos trabalhos.

«Por seus jornaes e seus livros, o sr. Padre Moigno tem prestado incessantes serviços á sciencia; soube constituir uma especie de livre permuta intellectual entre os sabios francezes, inglezes, allemães, italianos, americanos. E' o laço de união, como nenhum outro, entre as escolas, as faculdades, as universidades e os grandes centros scientificos. E visto offerecer-se a occasião, é bom fazel-o lembrado á geração presente, que nem sempre attribue a seu verdadeiro auctor, com sufficiente imparcialidade, o merito de ter introduzido entre nós o gosto dos altos estudos e das leituras scientificas.»

A Inglaterra deu-me tambem um precioso testemunho de notoriedade scientifica. As *Monthly Notices*, jornal official da Sociedade Real astronomica, fizeram-me saber um dia que meu humilde nome baixo bretão tinha sido dado a uma cratera da Lua, recentemente notada e mais nitidamente definida, designada nas cartas ou catalogos com o n.º 408. E' uma grande honra, pois apenas quarenta nomes francezes figuram á superficie do satellite da Terra, e muitos nomes mais illustres do que o meu, só depois é que lá appareceram.

A America tambem me não esqueceu: percorrendo um dia o vocabulario dos nomes biographicos modernos do magnifico dictionario anglo-americano illustrado, de Webster, ed ção de junho de 1864, que me foi offerecido, fiquei surprehendido do lá encontrar meu nome com as suas duas pronunciações, a ingleza e a americana



Em Vienna d'Austria um editor, o sr. Lencir, que debaixo da protecção da Academia imperial das sciencias, publicou o catalogo com grandes retratos lithographados, dos mathematicos distinctos, deu-me n'elle um logar de honra.

Em Berlim, o sr. Poggendorff, em seu grande dictionario biographico para servir á historia das sciencias exactas, dignou-se tractar-me como amigo.

Não posso em vista do exposto ser suspeito á sciencia; sempre lhe concedi, e sempre lhe hei de conceder o que lhe é devido, a submissão a suas theorias, a accettazione franca de seus factos, sem segunda tenção, sem lhes impôr outras condições, do que a de se tornarem verdades adquiridas. Nunca me aconteceu nem me ha de acontecer pôr de quarentena uma theoria ou um facto demonstrados, debaixo do pretexto desarrazoado e impossivel, de que essa theoria ou facto consummados poderiam ser contrarios a minha fé.

Devo inspirar tanto menos desconfiança á sciencia, quanto que não sou um especialista, mathematico, physico, chimico ou naturalista exclusivamente, confinado em uma ordem particular de ideias, girando em um circulo estreito de douctrinas e de phenomenos, absorvido constantemente na investigação de uma dada classe de problemas. Por vocação, por disposição natural do meu espirito, e tambem por dever tive de estudar uns após outros os diversos ramos das sciencias humanas. Mal acabava de receber de meus illustres mestres, Cauchy, Ampere e Biot, o ensino completo das sciencias mathematicas e physicas, já me iniciava nas collecções das galerias e dos jardins, sob a direcção dos Cuvier, dos Häuy, dos Desfontaines, dos Thouin, nos factos da zoologia, da botanica, da mineralogia, e da geologia. Mais tarde, fundador e director de uma escola normal do clero, que teve algum retinimento, ensinei a mathematica, a physica, a chimica, a astronomia, etc.

Um ultimo titulo emfim á confiança que estou no direito de esperar dos sabios.

O molde de meu espirito, dando-me aliás o gosto de aprofundar as sciencias, arrastava-me irresistivelmente para a vulgarisação ou exposiçào elemental, na linguagem de todos, das conquistas da sciencia e da industria. Meu primeiro artigo de jornal data de 1829, e desde então nunca mais larguei a penna, contente a mais não poder ser de analysar e tornar conhecidas as descobertas dos outros; cioso de promover sua gloria, ardente em defender seus direitos, sempre duvidoso da minha propria gloria. Preparei-me para esta missào de dedicaçào por um longo e serio estudo das linguas eu-pêas, e posso dizer que desde 1830 a 1876, li e resumi, com a penna na mão, quasi tudo o que foi publicado em jornaes e livros de sciencia progressiva na Allemanha, na Inglaterra, na Hespanha, na Italia e na Russia, etc.

Devo mesmo confessar que tenho levado ao excesso o amor da vulgarisação das sciencias. Em agosto de 1872, organisei em Paris, apenas com os meus recursos, com o nome de *Sala do Progresso*, um notavel estabelecimento no intuito: de promover por licções e conferencias publicas o progresso real e bem entendido; de dar maior e mais prompto impulso ás invenções e descobertas da sciencia e da industria; de combater energicamente os dois inimigos inexoraveis do progresso, das descobertas e da invenção, a ignorancia que os mata em germen, e que os deixa em o nada, e a rotina que lhes oppõe o circulo apertado da sciencia.

A epocha e o local d'esta empreza não tinham sido bem escolhidos? A agitaçào publica era muito grande, e minha sala da *cité* do Retiro, rua do suburbio Saint-Honoré n.º 30, estava muito fóra da circulaçào.

Depois de tres mezes de exercicios superiores a minhas forças, tive de resignar-me a voltar para a minha

humilde solidão de Saint-Germain-des-Prés. Só Deus sabe quantas fadigas, inquietações, angustias e despezas enormes me custou esta energica campanha. Não me lamento, e tornaria a começar se fosse preciso ainda que tudo quanto soffri se erguesse de salto contra mim. Sinto-me feliz e altivo, eu, humilde padre, sabio pobre, animado e abençoado por Pio IX, que se dignou dizer que me amava por ter sido o primeiro a levantar e segurar firme a bandeira do Progresso, i é, a bandeira necessariamente divina do « *Verdadeiro, do Bom, do Bello* », de baixo de todas as formas.

Este episodio de minha vida prova-o superabundantemente. A sciencia não pode deixar de me considerar como um de seus apóstolos os mais ardentes; e os sabios que desde muito me deram logar em suas fileiras, não podem recusar-se a reconhecer em mim um irmão de armas, um amigo, um echo fiel de suas investigações e de seus estudos.

Devo ser ainda menos suspeito á religião, porque cursei meus estudos ecclesiasticos na escola por excellencia do saber e da piedade; e porque depois de ter estudado durante seis annos a philosophia e a theologia, com mestres sabios e sanctos, ensinei por minha vez essas sciencias, as primeiras de todas.

Fui objecto ainda de um favor insigne, que n'este momento agradeço a Deus, prostrado por terra, e com o coração repleto de uma gratidão sem limites. Estou de sessenta e tres annos de idade, li tudo, ouvi tudo, e nunca senti uma tentação contra a fé, nem a menor sombra de duvida.

Sempre cri e creio como nunca em todas as verdades ensinadas pela Egreja catholica, apostolica, romana, com uma fé calma, serena, viva e forte, sem que nunca, torno a dizer, a minima sombra de duvida se haja interposto entre um dogma e meu espirito. Devo

esta felicidade incomparavel, em primeiro logar a uma graça particularissima do ceo, depois á influencia e á memoria de meu virtuoso pai, Vicente Paulo Alexandre René Moigno, espirito recto, coração nobre, como nunca o houve. Devo-o enfim á limpidez natural de minha intelligencia, inimiga jurada da argucia e do sophisma; ao habito do trabalho e da oração que me tem levado o melhor da vida, á fidelidade a minha prezada sotaina, velha e sancta companhia que ha mais de cincuenta annos que não largo; á frequencia enfim dos sacramentos da penitencia e da Eucharistia. Tenho viajado muito, e salvo duas ou tres excepções, tenho rezado todos os dias a sancta missa com todo o fervor de que sou capaz.

Tenho sondado tanto quanto possivel os mysterios da religião e da sciencia, e minha fé jamais se resentiu d'isso: minha voz será portanto a de uma testemunha esclarecida, convicta e fiel.

Ninguem poderá dizer por outra parte que a sancta Egreja, á qual sou dedicado do fundo d'alma, tenha tido para comigo preferencias e ternuras excepcionaes. Pelo contrario todos sabem, e felicito-me por isso, e sinto hoje grande regozijo, no interesse da grande causa que venho pleitear e ganhar, que por muito tempo se conservou para comigo muito fria e cheia de reserva.

Tendo entrado aos desoito annos na Companhia de Jesus, em setembro de 1822, lá me conservei até 15 de outubro de 1843, sinceramente fiel a minha vocação, estimado de meus superiores, amado de meus irmãos.

Era professo dos quatro votos, o que significará para os credulos que estava iniciado em todos os segredos da ordem. Em meu nome figurava a maior parte das propriedades da provincia de França; e tanto dentro, como fóra da Companhia gozava da fama de religioso regular e instruido.

Era feliz então, feliz quanto se pode ser o n'este mundo, feliz no seio de uma vida de trabalho, de fadiga, de privações e de austeridades.

Uma tempestade subita separou-me d'esta illustre Sociedade. Poderia revelar aqui o segredo de minha separação, seria de molde para tirar vingança de bastantes accusações malignas, prefiro mil vezes humilhar-me debaixo da mão de Deus.

Não me quero illudir, a perda de minha vocação era uma vingança e um castigo, por causa de mui numerosas infidelidades a minhas regras. *Aquelle que é infiel nas cousas pequenas, será infiel tambem nas grandes.* (S. Luc. cap. xvi, v. 10)

Aprouve porem ao bom Deus tirar bem do mal. Quiz que a justiça e a misericordia se encontrassem em mim, agradeço-lh'o de todo o meu coração: A divisa que me inspirara em meu terceiro anno de noviciado, *convem que Elle (Jesus Christo) cresça, e quanto a mim, que diminua*, susteve-me no beiral do abatimento e do desespero. Pelo amor e o habito do trabalho e da oração que me repartira, deu-me a entender que me reservava uma missão gloriosa, a reconciliação da fé e da sciencia, missão que me seria difficil cumprir, com equal continuidade e independencia na Companhia. O sentimento quasi unanime de meus antigos irmãos é de facto que Deus me reservava este destino, e um tal sentimento tem-me sido de grande consolação. Sabem elles tambem que nunca deixei de amar ternamente aquella que foi nossa mãe commum, e que me conservei o que era quando estava entre elles nos bellos annos de minha vida religiosa.

Eis que de repente me encontrei lançado em um meio, ao qual era completamente estranho. Dizer o que soffri durante os doze annos que se seguiram ao meu egresso, seria tarefa impossivel. Calumnias odiosas, proscricções injustas, miseria profunda, crueis perse-

guições por dividas que não eram minhas ou que tinham tido por causa um excesso de imprudente caridade, etc., tudo isso tive de soffrer. No entanto posso asseverar que encontrei grande felicidade na tribulação; que comprehendí e saboreei esta phrase de S. Paulo tão desgostosa á natureza: Sereis bemaventurados, quando os homens vos calumniarem, quando disseram de vós falsamente todo o mal imaginavel!

Durante estes crueis annos de provas, tornei-me um estranho, um desconhecido para a maior parte dos membros do episcopado e do alto clero, para aquelles mesmos que em outro tempo me tinham rodeado de attensões e de respeitos. Obtemperando a minha consciencia, arrebatado por um grande amor á Egreja, publiquei em 1846, com o titulo palpitante de actualidade: *Os verdadeiros principios, segundo os quaes devem resolver-se, no tempo presente, as duas magnas questões: 1.º das relações da Egreja e do Estado; 2.º da liberdade e da organização do ensino*, um livrinho que teve bastante successo, a que fizeram numerosos empréstimos, mas sem pronunciar o nome do auctor, considerado talvez como transfuga.

Em 1848 Mgr. Sibour, recentemente nomeado arcebispo de Paris, dignou-se prover-me no cargo de segundo capellão do lyceu de Luiz o Grande.

Servi-o alguns annos; mas em presença da desorganização momentanea d'este estabelecimento outr'ora e ainda hoje tão florescente, cansado tambem da vida secular, desejoso da paz da vida religiosa, pedi a demissão.

Meu projecto de entrar em uma congregação ao tempo em via de organisar-se, não devia realisar-se. A sancta Providencia indicou-me claramente o que de mim esperava, fornecendo-me o ensejo e os meios de fundar o jornal hebdomadario *Cosmos*, que veiu a ser mais tarde *Os Mundos*. Consagrei-lhe toda a minha

actividade, apesar de pobre e humilhado, sem um lugar na Universidade, sem um beneficio na Igreja.

Depois de tres annos passados na vida occulta de uma comunidade, foi para mim grande fortuna encontrar vago um lugar de diacono assistente ás missas cantadas em S. Sulpicio com o ordenado annual de quatrocentos francos! O auctor do *Maldicto* pôde dizer d'esta vez sem calunnia: «Um sabio de primeira ordem, o amigo de Francisco Arago e de Alexandre de Humbolt, cujo renome é europeu, que abandonou os Jesuitas ha muitos annos, é hoje diacono para acolytar ás missas cantadas em uma das parochias de Paris!»

Em 1857, a convite do sr. Comte, parochio de S. Germain-des-Prés, acceitei em condições um pouco melhores o cargo de subdiacono assistente ás missas cantadas e de cura para administrar os ultimos sacramentos. E' a mais humilde das posições ecclesiasticas, mas é honrosa, primeiramente porque tudo é honroso na casa de Deus, em segundo lugar porque tinha os poderes de prégar e de confessar, e a salvação das almas da parochia estava em grande parte a meu cargo durante a noite.

Bastantes vezes no entanto ouvi dizer a sabios illustres, que pareciam sentir por mim mais do que benevolencia, uma sincera amizade, que conheciam ao mesmo tempo minha posição e a cathegoria inferior de um subdiacono: «Se não fosseis um mau padre, a igreja de Paris, com risco de passar por madrasta, dir-vos-hia: «Meu amigo, subi mais acima.»

Contentei-me de responder com uma resignação sincera: «A igreja de Paris não é madrasta; sabe que não sou um mau padre; e está no direito de pensar que faz em meu favor tudo o que pode! Meu humilde cargo dá-me o preciso, e deixa-me livre muito tempo; proporciona-me, na propria igreja, um pequeno eremite-

rio, longe do ruído das ruas, verdadeiro sanctuario da oração e do trabalho, occupações gratissimas da minha vida.»

E' certo que, á semelhança de tantos outros ecclesiasticos, teria podido salvar as apparencias, frequentando como simples sacerdote os exercicios do culto de uma parochia ou de uma simples capella. Mas por um lado era pobre, sem outros recursos que a minha penna, e rodeado, esmagado de miserias a alliviar; por outro, nunca pude acabar comigo, que ficasse uma segunda vez fóra dos quadros da hierarchia ecclesiastica.

Felicito-me cada vez mais da resolução energica que tomei de me conservar e de morrer, se tanto fóra preciso, simples subdiacono em S. Germain-des-Prés: *elegi abjectus esse in domo Dei mei!*

Por este tempo Mgr. Gazailhan, então bispo de Vannes, dignou-se nomear-me conego honorario do cabido de sua cathedral.

Foi n'estas circumstancias e n'estas disposições que ousei empregar a redacção e a impressão dos «Esplendores da Fé», *accordo perfeito da Revelação e da Sciencia*. Dizia de mim para comigo com certa timidez, mas não sem confiança no pouco que sabia: as academias reconhecem que sou entendido, falarei com auctoridade; a Igreja sabe que sou bom padre, padre humilhado se se quizer, como o grão de trigo que deve morrer antes de dar fructo, mas padre fiel a minhas crenças e a meus deveres, falarei com grande convicção, e tambem com a graça do meu ministerio.

Acabava em outubro de 1868 o primeiro esboço d'esta obra, mal previa eu que me havia de levar ainda sete longos annos de trabalho difficil e continuo! Depois de ter estudado toda a minha vida, e reunido incessantemente os materiaes necessarios, entendi que poderia correr de foz em fóra ao redigil-a; não tardei



porem a reconhecer que tinha de abrir caminho através de uma floresta virgem, que tinha de marchar a passo e ás apalpadelas.

Não importa, meus *Esplendores* foram para mim paranympfos de ventura antes de nascerem, e sou-lhes obrigado por isso.

No fim da minha carreira litteraria e scientifica sujeitara-me ao grande exame de *Universa Philosophia et Theologia*, e tinha na Companhia de Jesus o grau de doctor em theologia; não era comtudo um titulo official ou legal. Expressi a um piedoso e illustre cardeal, o principe Luiz Luciano Bonaparte, que me deu provas inequivocas de muita afeição, o desejo de ver meu doctorado confirmado e consagrado conformemente aos usos e canones da sancta Egreja.

Pouco depois recebia da sagrada Congregação da Propaganda o diploma seguinte:

«Em audiencia do Sanctissimo Padre, a 17 de setembro de 1871. Como o reverendo Francisco Moigno, sacerdote da diocese de Paris, tem dado á Sancta Sé testemunhos claros de seu zelo pela religião e de inteireza de costumes, e tem dado provas de grande exito entregando-se aos estudos theologicos, assim como atesta o reverendo provincial da Sociedade de Jesus na provincia de França, Nosso Sanctissimo Padre o Papa Pio IX, sobre o relatorio apresentado por nós, secretario da Sagrada Congregação da Propaganda abaixo assignado, dignou-se crear e declarar o dicto padre Francisco Moigno doctor na Faculdade de Theologia, com todas as honras e direitos que são devidos aos doctores em theologia. Sua Sanctidade quere que o sacerdote assim promovido faça quanto antes a profissão ordinaria de fé catholica na presença de seu ordinario diocesano, consoante a forma prescripta por Sua Sanctidade o soberano Pontifice Pio IV.

Dado em Roma, no palacio da dicta Sagrada Congregação, no dia e anno supra.

Meus votos haviam sido attendidos muito alem do que esperava; assim vinha a ser douctor de S. Thomaz d'Aquino, mestre em theologia, dignidade relativamente rara. Ficava plenamente satisfeito, quando menos de um mez depois, o Soberano Pontifice Pio IX, tão sancto e tão grande, tão doce e tão forte, se dignava dirigir do Vaticano, sua prisão, ah! um breve apostolico que me enche de confusão, e me move a abençoar como nunca, minha vida de orações, de humilhações e de trabalho.

---

AO NOSSO CARO FILHO FRANCISCO MOIGNO, SACERDOTE  
FRANCEZ, PIO IX, SOBERANO PONTIFICE

«Os pontifices romanos, apreciadores e pais nutricos os mais seguros da verdadeira sciencia e da verdadeira virtude, nunca deixaram de testemunhar sua paternal benevolencia áquelles, em quem o merito de um saber eminente se unia a uma piedade exemplar, a uma fé inabalavel, a uma sincera dedicacão a esta Sancta Sé Apostolica. Este bellissimo elogio, charissimo filho, dirige-se certamente a vós que ao mesmo tempo que pelo brilho de vosso nome attraís os olhares de todos os sabios, não só da França, mas das outras nações, realisais por vossa religião, integridade, e submissão á cadeira de S. Pedro o que se pode esperar de um ecclesiastico e de um sabio. Eis porque, tendonos vós dirigido a humilde supplica de que vos confirmemos, embora não houvesseis versado no collegio de S. Thomaz d'Aquino dos Irmãos Prégadores as disciplinas theologicas, o diploma de douctor n'esta faculdade, nós que sabemos de boa fonte, que, joven ainda,

provastes em exercicios publicos vosso valor n'essas mesmas sciencias, escutam os benevolamente vosso desejo.

Em virtude do que, carissimo filho, absolvendo-vos e tendo-vos por absolvido, para este fim sómente, de toda a excommunhão, suspensão ou interdicto, e d'outras quaesquer sentenças ecclesiasticas, se é que tendes incorrido n'ellas, de qualquer maneira ou causa que tenham sido pronunciadas, nós vos creamos, constituimos, declaramos por estas letras, por nossa auctoridade apostolica, doctor na sagrada theologia; concedemos e permittimos que sejaes chamado por este nome nos diplomas de quaesquer actos. Todos os direitos, caro filho, privilegios, prerogativas, indultos, de qualquer nome porque sejam designados, de qualquer auctoridade apostolica, imperial ou regia que emanem, de que por direito ou costume, usem e gozem, podem ou venham a poder usar ou gozar, aquelles que depois de terem dado prova de sua erudição, em qualquer universidade, obtiveram o grau de doctor; por nossa auctoridade apostolica, vol-os deferimos, attribuimos e outhorgamos. Todas estas cousas, nós vol-as concedemos, decretando que nossas presentes Lettras Apóstolicas sejam e devam ser tidas por firmes, validas e efficazes, que surtam e obtenham seus effeitos plenos e inteiros, que vos assegurem em todas as circumstancias o titulo, direitos e privilegios atraz mencionados, e que assim seja pronunciado por todos os juizes ordinarios ou delegados, mesmo pelos auditores das causas do Sacro Palacio e pelos cardaes da sancta Igreja Romana, tirando a todos e a cada um d'elles toda a faculdade de julgar e de definir d'outra sorte (*sequem as sancções do estylo*).

«Dado em Roma, em S. Pedro, sob o annel do Pescador, a 2 d'outubro do anno de 1871, vigesimo sexto do nosso Pontificado.»

Não recuei jamais deante de nenhuma das conqui-

tas da sciencia; pelo contrario tenho corrido com todas as minhas forças adeante do progresso! O mesmo Pontifice bem o sabe! E louva, e abençoa em minha humilde pessoa o accordo de uma sciencia adeantada e de uma fé inabalavel. Este accordo é pois em mim um facto, como em si mesmo é um dogma! Quanto me tarda que este facto e este dogma brilhem em meus *Esplendores*, para os quaes este ditoso Breve constitue um prefacio incomparavel!

Faltava ainda alguma cousa a minha felicidade. Rehabilitado acima de todas as minhas esperanças, senti-me vivamente impellido a uma aproximação com a Companhia de Jesus, minha sancta e gloriosa mãe; concebi o desejo ardente de lhe pertencer, tanto quanto possivel, sem no entanto viver em seu seio. Dirigi n'este intento uma humilde supplica ao Muito Reverendo Padre Geral, por intermedio do Muito Reverendo Padre Rubillon, Assistente de França, outr'ora meu discipulo, e meu amigo. A resposta não se fez esperar, e vou com satisfação consignal-a n'este logar: é datada de Roma, 25 d'agosto de 1872.

«E' uma grande consolação para mim ver que sollicitaes de novo, e com mais instancia do que nunca, vossa aproximação da Companhia de Jesus, quando está passando por uma perseguição tão universal e tão violenta; quando o augusto suffragio de Pio IX acaba de consagrar vossos gloriosos trabalhos e dar um novo incentivo a outros para bem da sancta Egreja. Fiz valer estes motivos junto do nosso Reverendo Padre Geral; dignou-se acolhel-os; e da melhor vontade vos concede o que lhe pedis: 1.º uma união de orações e de meritos com a Companhia; 2.º a auctorisação de terminar vossos dias em uma de nossas casas com o consentimento dos superiores locais.»

O Muito Reverendo Padre Bechx dignara-se escrever por seu proprio punho: «Concedo de todo o

meu coração as duas petições mencionadas» e assignava-se.

Tocava no cumulo de meus votos; desde logo meu coração se voltou para o pio e sabio asylo de Fourvieres, onde os Padres da Companhia redigem os *Estudos Religiosos*; tive a veleidade de me lá apresentar com armas e bagagens: os *Mundos* poderiam talvez completar os *Estudos*.

Escrevi portanto a um de meus confrades: eis sua resposta, com a qual me conformei: «E' com verdadeira e religiosa alegria que soube o que me participaes a proposito das disposições tomadas pelo Muito Reverendo Padre Geral no que vos diz respeito; e todos aquelles de meus irmãos, a quem dei a noticia experimentaram uma doce e viva consolação no Senhor.

Ah! sim, com certeza, Deus repartira-vos uma grande e gloriosa missão, e por maior que seja o desejo que temos de vos ver um dia unido comnosco mais do que pelos affectos do coração, entendemos que é util, necessario até, que guardéis e mantenhaes o mais tempo possivel o posto de honra, onde a Providencia vos collocou para espiar, e desmascarar a falsa sciencia, e sustentar perante o mundo inteiro a gloria da sciencia christã e do sacerdocio catholico.» 15 d'abril de 1873.

Alguns mezes depois um decreto do Marechal-Presidente da Republica, rubricado pelo sr. Batbie, Ministro dos cultos, em data de 15 de setembro de 1873, nomeava-me conego do insigne cabido de S. Dyonisio.

A esta primeira dignidade, o senhor bispo de Vannes dignava-se accrescentar a de conego honorario de sua cathedral com a cathegoria de bispo.

Em S. Dyonisio, n'este pacifico remanso, tendo á vista a velha e esplendida basilica, ha tres annos que continuo a redacção dos *Esplendores da Fé*.

E' aqui tambem que me veiu procurar uma nova

provação, da qual não posso deixar de dizer algumas palavras. Um decreto da Congregação do Index, com data de 7 de dezembro de 1875, condemna uma de *minhas actualidades Scientificas: a Fé e a Sciencia, explosão do livre pensamento em setembro de 1874. Discursos annotados dos srs. Tyndall, du Bois-Raymond, Richard, Owen, Huxley, Hooker, e de Sir John Lubbock*, pelo sr. P.<sup>o</sup> Moigno, conego de S. Dyonisio e Redactor em chefe dos *Mundos*.

A sentença applica a meu Livro a segunda regra do Index do Concilio de Trento: «Os livros dos auctores hereticos que tractam *ex professo* de Religião ficam absolutamente condemnados.»

Isenta meus prefacios e notas, i é, tudo aquillo que é da minha lavra n'este opusculo, que tinha em vista refutar brevemente todos os erros que a Sciencia moderna oppõe á Revelação.

A condemnação não implica nada que me diga respeito pessoalmente; não se dirige realmente senão aos discursos que reproduzi para melhor os combater.

Mas não é menos verdade que meu livro está no Index, e que fiz mal em o publicar.

Reconheço-o; não tentarei desculpar-me.

Ninguem o sabe melhor do que eu: o erro é incomparavelmente mais contagioso, do que a verdade é persuasiva.

Minhas annotações, por nitidas, precisas e victoriosas que possam ser, não neutralisarão completamente o veneno dos espiritos tentadores do livre pensamento, deveria abster-me de publicar integralmente os insidiosos discursos dos sabios insurgidos contra a fé.

Apresso-me a declarar-o desde já: ainda que a condemnação do Index se dirigisse a meus *Esplendores da Fé*, essa obra que deve coroar uma longa vida de estudo, de oração, trabalho excessivamente arduo de sete annos de redacção, cuja publicação tanto me tem cus-

tado, não hesitaria um instante em me submetter e em me sacrificar, não sem uma viva dôr, mas sem outra magoa que a de me não ter sabido garantir do erro!...

A auctoridade legitima, a auctoridade espirital sobretudo não se discute, acceita-se, acata-se, e em seguida levantam-se os olhos ao ceo e adora-se.

Esta longa referencia, não o dissimulo, poderá prejudicar-me na opinião de alguns espiritos mais austeros, poderá parecer menos conveniente, ou inopportuna. A consciencia porem não me auctorisava a supprimil-a, porque se me affigou de natureza a conciliar a minha obra alguma sympathia, e a dar-lhe mais importancia e exito.

Resigno-me pois a que me acoimem de vaidade, a mais nescia das fraquezas humanas; quanto a mim abençoarei esta humilhação, se minha autobiographia contribuir para me abrir accesso, ainda que só seja juncto de uma alma para a reconduzir á Fé.

*F. Moigno.*

---

*S. Dyonisio, 24<sup>a</sup> de maio de 1876, festa de Nossa Senhora do auxilio dos Christãos.*

«O Fundador dos *Mundose* das Salas do Progresso.»

No momento !o mais solemne e critico de minha existencia tão provaða, quando estava nas dores do parto de minha «Sala do Progresso», tive a fortuna de inspirar, sem o saber, um vivo interesse a um escriptor muito habil, o sr. Victor Fournel, que sob o pseudonymo de «Bernardille» redigia a chronica muito lida do jornal o *Francez*. Fiquei surprehendido ao saber que, em o numero de 6 de dezembro de 1872, se dignava fazer de minha humilde individualidade um estudo atrahente, facto pelo qual fui muito felicitado.

Eis quando o li qual o sentimento que me dominou inteiramente. Era possível que a criação da «Sala do Progresso» estivesse acima dos meios de que dispunha, e que me visse forçado a suspendel-a para esperar dias melhores. O sr. V. Fournel teria tido a missão providencial de ornar a victima afim de que succumbisse pelo menos com honra debaixo do seu immenso fardo, e de grangear-lhe sympathias que a levantem quando a hora soar?

«Se passardes casualmente entre as oito e as nove da noite, nos arredores do bairro de Saint-Honoré, recommendo-vos que chegueis até ao n.º 30, e que pergunteis pela Sala do Progresso. Poderieis até sem inconveniente ir lá de proposito: a cousa vale a pena que se tenha este incommodo. A Sala do Progresso foi aberta ha algumas semanas pelo sr. P.º Moigno, do qual o sr. Dumas, chimico dava recentemente em plena Academia este testemunho, que ha perto de meio seculo caminha á frente do movimento scientifico em França.

E' uma alevantada ideia esta sua, e que necessita dos incitamentos do publico. O sr. P.º Moigno com os collaboradores que o auxiliam, tenciona dar todos os dias cursos de sciencia illustrada, que abracem todos os ramos dos conhecimentos humanos: chimica, physica, historia natural, historia universal, geographia, que sei eu?... acompanhados de todas as demonstrações e experiencias que podem tornar interessantes e claras as licções, intermeiadas em certos dias de musica destinada a dourar a pilula, para aquelles que não consentem em instruir-se senão com a condição de se divertirem.

Tal é ardua tarefa que o sr. P.º Moigno, de perto de 69 annos de idade, acaba de assumir com a energia e a fé que o caracterisam.

Na America e na Inglaterra, o exito era seguro para uma egual tentativa: em França só com o auxilio



de uma indomavel perserverança é que será possível sacudir a apathia rotineira do publico.

Pelo que me diz respeito admiro com toda a sinceridade aquelles que na idade do repouso, mettem confiadamente hombros a uma semelhante empreza, e desejaria ser poeta para renovar em sua honra a ode de Horacio á nau de Virgilio, partindo para a Grecia.

O que ha de mais curioso na Sala do Progreso, não são os cursos, mas seu fundador. Podeis ver todas as noites sobre o estrado, mesmo quando não ensina, um velho de lunetas, um tanto curvado; de physionomia insinuante, emuldurada em abundantes cabellos brancos, de verbo tão atrahente como sua physionomia. Este padre de maneiras tão despretenciosas e tão modestas é o sr. P.<sup>e</sup> Moigno, o amigo de Arago, de Cauchy, de Ampère, de Thenard, o antigo collaborador scientifico da *Epoca*, do *Paiz*, da *Imprensa*, o fundador do *Cosmos* e dos *Mundos*, o homem que tem escripto quasi tantos volumes em seu genero e pela maior parte sem collaborador, como Alexandre Dumas no seu; em summa o vulgarizador o mais infatigavel da sciencia moderna. Certo dia mostravam a uma senhora o sr. Montalembert em um grupo de pessoas que conversavam.

«Reparai bem, senhora, reconhecel-o-heis immediatamente, é aquelle que não está enfeitado.»

O sr. P.<sup>e</sup> Moigno tem alem d'isso um signal distinctivo, mas não é visivel a olho nú: não é membro da Academia das sciencias.

«Segui-o ao sahir do curso, onde vem fazer suas grandes experiencias de electricidade com a machina de Holtz, modelo Ruhmkorf, e demónstrar o novo para-raio de Zeuner: vel-o-heis com os pés na lama, a cabeça abrigada por um guarda-chuva que talvez seja de algodão, esperar pacientemente o omnibus, subir para elle e assentar-se entre um guarda-livros e uma colareja e recitar baixinho seu roزاری, porque esta alta intel-

ligencia tem a fé do carvoeiro; e este sabio illustre é o mais humilde dos padres.

Desçamos do omnibus com elle e não o larguemos até á porta de sua casa. Não será mui difficultoso seguil-o até mais adeante ainda. O P.<sup>e</sup> Moigno parece-se muito com esse abbade de Moliere, cuja historia refere Chomfort. Em casa d'elle tudo está aberto: os ladrões podem entrar e revistar as gavetas á sua vontade; sendo preciso o mesmo proprietario os auxiliará, dando-lhes a chave, se porventura possui alguma. Com tanto que não desarranjem os papeis, podem mexer quanto quiserem.

O P.<sup>e</sup> Moigno habita uma casinha que se esconde envergonhada atraz da egreja de Saint-Germain-des-Prés. Faz serviço na parochia, desempenhando as funcções de subdiacono nas missas, o que lhe grangeia segundo penso uns 125 francos mensaes. Já é um progresso, e elle está longe de se queixar. Lestes porventura o *Maldicto*, uma obra que teve o defeito de ser impia e o mau gosto de ser nescia? Não. Pois li-a eu, porque é mister que eu leia tudo, o que nem sempre me inspira uma estima profunda pela arte de Guttemberg.

Encontra-se lá um capitulo, intitulado o *diacono officiante*, onde se fala de um sabio de primeira ordem, que percebe 33 francos e 33 centimos por mez, para desempenhar as funcções diaconaes á missa cantada em uma das principaes egrejas de Paris. Tal foi de facto outr'ora a posição do P.<sup>e</sup> Moigno, e é a elle que se refere o *Maldicto* n'esta passagem. Não sei onde o auctor pôde obter estes esclarecimentos, que teria podido completar accrescentando que nunca sahiu uma queixa da bocca nem do coração do P.<sup>e</sup> Moigno.

Está satisfeito, cumpre com os seus deveres subdiaconaes e com todos os outros sacerdotaes com a exactidão de um cura novo. Ainda tem tempo para recitar o breviario depois de redigir os *Mundos*, de escrever as

*Licções de Mecanica Analytica*, de preparar suas preleções, e nunca lhe passou pela mente que trabalhos tão transcendentos o auctorisavam a pedir uma dispensa qualquer.

«No alto da porta lê-se: *Campainha dos Sacramentos*. E' o P.<sup>e</sup> Moigno de facto que está encarregado tambem de voar de noite em soccorro dos moribundos. Muitas vezes, este anoião, este homem que tem aprofundado os mysterios da sciencia, é despertado a toda a hora da noite para ir levar pela neve e o gelo o viatico a alguma pobre mulher que elle consola, como horas antes esclarecia as mais altas intelligencias. E a boa da mulher nem sequer suspeita que esse padre de palavra tão insinuante, que mandou chamar para juncto do seu travesseiro, e que viu seiscentas vezes com a dalmatica á missa das dez horas, é o amigo de Ampère e de Arago.

Felizmente o P.<sup>e</sup> Moigno tem o somno leve e calmo da creança. Deita-se entre as dez e as onze, para se levantar invariavelmente ás seis horas, ainda quando o tem despertado.

Das seis ao meio dia as funcções do seu ministerio e a missa obrigam-no a estar em jejum.

E' uma quaresma perpetua.

Mas custa-lhe pouco. Este anachoreta da sciencia tem a sobriedade dos Padres do deserto, e não desejo ao sr. Monselet um convite para almoçar em casa d'elle. Viveria de codeas de pão e de agua sem dar sequer por isso; creio até, que chegaria a nutrir-se exclusivamente de raizes quadradas e cubicas...

Voltemos á casinha.

Entra-se n'um corredor escuro.

Ao fundo um pequeno quintal, cheio de gallinhas, de pombos, coelhos e patos. Depois, de terdes errado algum tempo á toa e chamado em vão, acabais por to-

mar á direita, onde está uma porta que dá para uma entrada estreita, ingreme e escura.

Em seguida deparais em frente com um quarto, onde a velha criada invalida que ha quarenta e cinco annos vive na casa do P.<sup>e</sup> Moigno, como viveria na sua, vos espera ao passardes. Subi a outro andar, e encontrar-vos-heis em frente de uma porta: á direita uns quartos de aguas-furtadas; á esquerda o escriptorio do dono; no umbral está um cartaz impresso indicando os dias e as horas nas quaes é expressamente prohibido procurar o P.<sup>e</sup> Moigno, mas ninguem faz caso d'isso, nem o proprio P.<sup>e</sup> Moigno.

«Bateis, entrais: ninguem!

Depois de alguns minutos de espera e de attenção para a bibliotheca, que um amator poderia á vontade roubar sem que ninguem se oppuzesse, desceis para advertir que o amo não está no seu escriptorio; ella responde-vos simplesmente: «Talvez esteja na Academia.» No entrementes pôe-se em busca d'elle e passados dez minutos, chega-se por via de regra a descobrir o P.<sup>e</sup> Moigno, que apenas sahe para fazer as suas conferencias, que não põe os pés na rua, mas que frequentemente desce ao quintal por uma escada situada ao fundo do seu escriptorio, em seu quarto de cama, esse famoso quarto despedaçado por um obuz prussiano, a 20 de janeiro, quando o P.<sup>e</sup> Moigno estava de pé no umbral, com uma vella na mão, cuja mobilia a cidade de Paris tornou a colar de novo, mobilia comprada em outro tempo em leilão por 35 francos.

Podeis estar certo que sereis recebido com uma benevolencia nunca desmentida n'esse gabinete de trabalho, onde todo o mundo vem trazer o seu contingente. O sr. P.<sup>e</sup> Moigno recebe todas quantas publicações scientificas sahem á luz, desde a França até á Australia; está em correspondencia com todos os sabios do universo.

Sua rica bibliotheca está bem catalogada, mas seu escriptorio é um abysmo, inundado incessantemente por uma nova onda de papeis novos. Ao assentardes-vos, tomai cuidado não esmagueis algum aparelho. Felizmente para se orientar n'este chaos, o sr. P.<sup>o</sup> Moigno dispõe de uma memoria prodigiosa, auxiliado por um systema de mnemotechnica dos mais engenhosos. Sabe doze linguas; e não esquece nada do que aprende.

Podeis facilmente adquirir a certeza d'isso perguntando-lhe qual o nome do centesimo vigesimo primeiro papa; responder-vos-ha logo: Landon.

O obuz prussiano deu-lhe cabo de quinhentos volumes, mas elle tinha-os todos na cabeça.

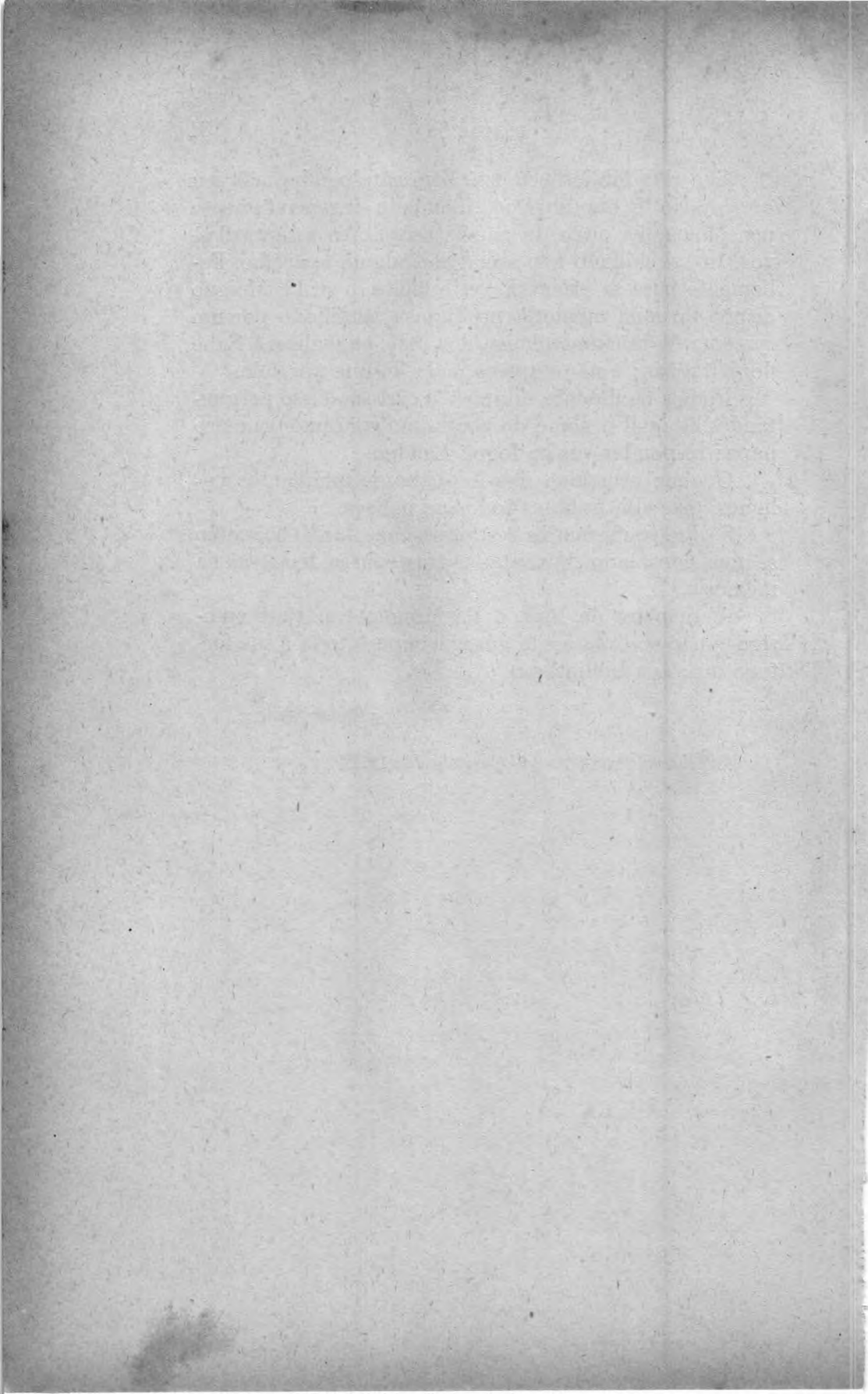
Se lhe roubarem os restantes, consolar-se-ha, como se tem consolado de tantas outras cousas, lendo-as na memoria.

A' maneira de Bias, o P.<sup>o</sup> Moigno traz tudo consigo — não só toda a sua guardaroupa e toda a sua fortuna, mas sua bibliotheca.

«*Bernardille.*»

(O *Francez*, sexta-feira 6 de dezembro de 1872.)

---



## A OBRA

Não venho levantar polemica como os escriptores catholicos do XVIII seculo. Tenho uma confiança tibia na lucta dos espiritos; e por outra parte estamos em um seculo que tem horror ao syllogismo, elemento indispensavel de toda a discussão.

Nutro a convicção intima e hei de consagrar a esta these um dos capitulos d'esta obra, de que a argumentação e a controversia raras vezes esclarecem um espirito ou convertem um coração; e de que na discussão o defensor do direito e do verdadeiro facilmente é levado a fazer concessões bastantes para que a razão passe para o lado do adversario.

Tambem não venho como Chateaubriand, meu illustre compatriota, cuja missão foi com certeza providencial, falar á imaginação e ao coração por uma serie de quadros encantadores e de scenas poeticas. No fim da grande Revolução, as almas estavam violentamente sacudidas por espectaculos crueis e lugubres; as bellezas e as harmonias da Religião, por um feliz contraste, eram de molde a impressional-as profundamente, a re-

concilia-las, sem que pensassem em desquitar-se de sentimentos que pareciam para sempre desterrados.

Hoje as condições de estudo e de logica, indispensaveis a uma discussão profunda, já não existem, as imaginações, pelo menos nas cousas do espirito, estão completamente puidas, nada seria capaz de as fixar e comover.

Ha porém felizmente uma faculdade, que ainda não está bastantemente gasta, é a faculdade de comprehender, a intelligencia, e até certo ponto o espirito. Nós temos ainda em França, e fóra d'ella muitas intelligencias, e intelligencias muito vivas, muito exercitadas!

Por conseguinte, sem discutir e sem pintar, venho falar ao espirito, fazer brilhar a seus olhos a luz da verdade e da fé. A minha obra não será mais do que a expressão animada da lei immaculada de Deus que converte as almas, o testemunho fiel do Senhor que dá a sabedoria aos pequeninos. *Lex Domini immaculata, copvertens animas; testimonium Domini fidele sapientiam praestans parvulis* (Ps. xxviii). Tenho a convicção intima — e espero que a hão de compartilhar as intelligencias que me lerem, a despeito dos esforços de uma vontade transviada, sempre propensa ah! a impedir o accesso á luz a mais viva e pura — de que a divindade da fé catholica, apostolica, romana, é uma verdade clara como a luz do dia, crível alem de quanto possa dizer-se, em conformidade perfeita com a sciencia nos pontos de contacto de uma com a outra.

Seria do mais intimo de minha alma, esclarecida pela sciencia e sanctificada pela fé, que soltaria este grito de reconhecimento: *Dou-vos este testemunho, ó meu Pai! Senhor do ceo e da terra, que se vossa revelação se occulta ah! para os sabios e prudentes, é perfeitamente accessivel aos pequeninos e humildes.*

Se meu plano não é inteiramente novo, se apparecer



em outra parte esboçado em alguns de seus pormenores, é novo pelo menos no seu todo.

Uma sentença de S. Gregorio, que o breviario romano recorda tantas vezes ao padre, causou-me viva impressão. O grande doutor tinha de explicar a razão porque são hoje tão raros os milagres, outrora, nos primeiros tempos do christianismo tão frequentes.

«O milagre, disse elle, é a agua necessaria para fazer nascer e crescer a arvore do ceo, que deverá abrigar em seus ramos todos os filhos de Deus. Quando plantamos uma arvore, temos o cuidado de a regar, e regamol-a em quanto não pega; mas quando lançou raizes profundas no solo, e vive da humidade que aspira, cessamos de lhe prodigar a agua já agora inutil. Os milagres são indispensaveis no começo, quando a maioria é ainda infiel, multiplicam-se então debaixo dos pés dos apóstolos do Evangelho; mas são superfluos quando a maioria é crente e fiel: *Miracula infidelibus, non fidelibus.*»

O estabelecimento do christianismo, o facto de ter vencido, conquistado e renovado o mundo, é o mais esplendoroso e indiscutivel dos milagres. Faz de per si só empallidecer todos os factos maravilhosos individuaes, sobre os quaes se pode discutir interminavelmente.

O que nós designariamos pelo nome de *Evidencias da Fé*, se a expressão fosse permittida, o que chamaremos os *Esplendores da Fé*, são as luzes fulgentes de um certo numero de factos notaveis, claramente enunciados d'antemão, realisados da maneira a mais portentosa, fóra de todas as condições naturaes. Estes oraculos, hoje realidades immensas e palpaveis, são d'ora em deante pharoes brilhantes, cuja luz na ordem intellectual e moral, é muito superior á luz electrica, a mais viva das luzes da sciencia moderna.

Mercê d'elles, estamos plenamente auctorizados a dizer de nossa fé, que semelhante ao sol, se ergue como

u m gigante para percorrer sua carreira immensa, que tem attingido esplendores meridianos, a cuja luz e calor só uma vontade rebelde pode subtrahir-se.

Enumerarei mais tarde estas *pequenas* palavras, volvidas *grandes* realidades. Seu alcance divino não exige de modo algum que a authenticidade dos Evangelhos seja demonstrada, ou a das obras originaes dos escriptores apostolicos, sob cujos nomes foram publicadas. E' muito bastante — o que sem difficuldade concedem ainda os mais encarniçados inimigos do Christianismo, o que a critica moderna nunca ousou negar—que os textos por mim invocados fossem escriptos e conhecidos desde o seculo da era christã, quando nada ao tempo fazia prever a realisação d'estes oraculos assombrosos.

---

# OS ESPLENDORES DA FÉ

---

## A FÉ E A RAZÃO

---

### CAPITULO PRIMEIRO

#### Estado da questão. Methodo a seguir. Discussão e Exposição

**D**EPOIS de ter reconciliado perfeitamente a Sciencia com a Revelação, resta para tambem reconciliar perfeitamente a Razão com a Fé: 1.º demonstrar invencivelmente, por argumentos palpaveis e irresistiveis, a verdade da Revelação divina, a divindade de Jesus Christo e da sancta Egreja catholica romana; 2.º dissipar todas as nuvens, amontoadas desde ha tantos annos a esta parte, por meio de respostas victoriosas ás objecções da impiedade e do livre pensamento; 3.º esclarecer com toda a luz possivel os mysterios da Fé.

Que methodo seguir n'esta demonstração e n'esta refutação? A dialectica, a philosophia e a theologia escolasticas são cousas excellentes, mas estão ao alcance apenas de um pequeno numero de espiritos; não se impõem á intelligencia; excitam a vontade mas não a

subjugam ; não convertem. Se a intelligencia estivesse só, não seria difficil esclarecel-a, mas a intelligencia está debaixo da influencia ou melhor debaixo do poder da vontade ; e a vontade sempre mais ou menos má, sempre mais ou menos insurgida contra a verdade sobrenatural, tende a tornar esta verdade inaccessible á intelligencia. Aquelle que faz o mal, disse a propria Verdade, aborrece a luz ! Esta influencia da vontade sobre a intelligencia posta em presença da verdade, nulla, ou quasi, quando se tracta de uma simples exposição, faz-se sobretudo sentir logo que começa a discussão e sobretudo a demonstração escolastica ou syllogistica, d'onde resulta que nunca ou quasi nunca a discussão determina a convicção, e sobretudo a conversão. Vou resumir, como prova, a historia de seis conferencias ou controversias celebres sobre questões religiosas : 1.º a conferencia ou colloquio de Poissy, por influencia de Catharina de Medicis. Aos argumentos victoriosos, pelos quaes o cardeal de Lorena, e o R. P.º Lainez, estabeleciam o facto da presença real, Theodoro de Beze oppoz a impossibilidade do mysterio ! Provava-se-lhe o movimento marchando, elle persistia em o declarar impossivel. 2.º A conferencia de Fontainebleau em presença de toda a côrte. Duplessis de Mornay não pôde defender sua causa, senão invocando textos truncados ; o cardeal Duperron rectificou-os immediatamente, mas apezar de desmascarado, o seu adversario não quiz concordar ; e todavia todos os espectadores o declararam batido. 3.º A correspondencia de Bossuet com Leibnitz sobre um projecto de reunião dos catholicos e dos protestantes. Leibnitz, apertado, esquivou-se bem depressa por considerações indignas d'elle, e sem relação alguma com os principios fundamentaes da discussão. 4.º A entrevista de S. Francisco de Salles e de Theodoro de Beze.

Logo desde o principio Theodoro de Beze reconheceu que a Igreja catholica, Igreja mãe, era a ver-

dadeira Igreja de Jesus Christo, e que era possível salvarem-se os que estivessem dentro do seu gremio. Manteve porem até ao fim que na igreja calvinista tambem era possível a salvação, e ainda mais facilmente, sobre este principio absurdo em si, e contradictorio com o Evangelho e a Tradição, que a fé salva sem obras. 5.º A conferencia de Bossuet e de Claudio sobre o acto de fé, em presença da senhora de Duras. Bossuet tinha-se comprometido a fazer admittir a Claudio, tantas quantas vezes quizesse, que nas douctrinas do calvinismo, cada christão pode entender melhor a Escripura do que os concilios universaes, e que o acto de fé é impossível sem um acto previo de infidelidade e de incredulidade. Estas duas monstruosidades não desar-maram Claudio. 6.º A conferencia entre theologos catholicos e protestantes sobre a vinda de S. Pedro a Roma. Vejo que em todos estes casos repellido para dentro de suas ultimas trincheiras e constituido na impossibilidade de responder, o adversario da verdade nunca se rendeu á evidencia.

Se me puzesse a escrever a historia das polemicas e discussões academicas, politicas, judiarias, preteritas ou contemporaneas, que tem tido o triste privilegio de preoccupar e de apaixonar a attenção publica, teria de verificar mais uma vez que nenhuma ou quasi nenhuma terminou pela derrota confessada de um dos contendores: que nenhum ou quasi nenhum dos luctadores teve a coragem de reconhecer que sua causa era má.

Ha um facto no Evangelho que me tem impressionado vivamente, é o desdem, diria o desprezo que Jesus Christo, a Sabedoria infinita, testemunha pela discussão. Acceita a objecção e refuta-a, mas por uma palavra, de um só traço, sem nunca discutir. Jesus Christo não argumentava; mais, nem sequer provava, falando com rigor; não demonstrava, fazia resahir a verdade, tornava-a sensível e palpavel por figuras e pa-

rabolas. Quem deixará de admirar esses dialogos tão singelos, tão attrahentes que produziam quasi invencivelmente a evidencia da verdade nos espiritos mais prevenidos? Lembrarei de fugida, porque são verdadeiros modelos propostos á nossa imitação, as parabolhas do Semeador, da Figueira esteril, da Viuva e do Juiz, do Pharizeu e do Publicano, do Servo infiel, das Dez Virgens prudentes e loucas, dos Dois filhos, dos Convidados para o festim, dos Operarios revoltados, do Grão de mostarda, do Thesouro descoberto, da Perola encontrada, da Rede lançada ao mar, do Filho prodigo, etc.

Estas figuras e parabolhas, sahidas da bocca do divino Salvador, que vinha illuminar a todo o genero humano, são ensinosa! bem olvidados! Revelam-nos um dos segredos mais occultos da razão humana, nas condições em que a perda original a deixou. Para chegar á intelligencia, para a mover a acceitar a verdade, sobretudo a verdade religiosa, é mister antes de mais nada desprendel-a, surprehendel-a d'alguma sorte em isolamento da vontade, e então, de improvisa, por uma figura, uma imagem, um facta simples e grandioso, etc., esclarecel-a com uma luz repentina e viva, á qual não possa resistir. Ha um sentido muito profundo n'esta phrase de um moralista francez: «*Não discutais, porque não convencereis ninguém; as opiniões são como pregos: quanto mais se lhes bate, mais penetram.*»

Não discutirei pois, mas para convencer a razão da divindade da Fé, forcejarei porque brilhe em toda a sua simplicidade e pureza, com todo o seu raiar sereno e benefico, a luz de um certo numero de palavras evangelicas, que são ao mesmo tempo prophecias, milagres e factos immensos que tem repercutido no mundo inteiro... São estas palavras evangelicas o que eu chamo propriamente ESPLENDORES DA FÉ. Estamos de posse d'ellas desde os primeiros seculos da Egreja, antes que

houvessem tido inteiro cumprimento, e portanto não é absolutamente necessario, para que tenham todo o seu valor, que hajam sahido authenticamente do punho dos evangelistas, aos quaes são attribuidas. Eil-as.

1. «Todas as nações da terra me hão de proclamar bemaventurada.» (Luc. i, 48).

2. «Meus olhos viram o salvador que vem de vós, e que offereceis a todos os povos, a luz que ha de illuminar as nações.» (Luc. ii, 30, 31, 32.)

3. «Este menino está posto para ruina e para resurreição de muitos.» (Luc. ii, 34.)

4. «Este menino será o alvo da contradicção.» (Luc. ii, 34.)

5. «Segui-me, far-vos-hei pescadores de homens.» (Math. iv, 9.)

6. «Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito.» (Math. v, 48.)

7. «Os pobres serão evangelizados.» (Math. xi, 5.)

8. «Sereis objecto de odio para todo o mundo, por causa de meu nome.» (Luc. xxi, 17.)

9. «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. (Math. xvi, 18.)

10. «Quando eu fôr levantado da terra, tudo atrahirei a mim.» (Jo. x, 32.)

11. «Reconhecerao que sois meus discipulos, por este signal, que vos amareis uns aos outros.» (Jo. xiii, 35.)

12. «Em verdade, em verdade vos digo, aquelle que crer em mim fará as maravilhas que eu faço e ainda maiores.» (Jo. xiv, 12.)

13. «Jerusalem, teus filhos serão passados ao fio da espada, e serão levados captivos para entre todas as nações... Jerusalem será calcada aos pés pelos gentios...» (Tuc. xi, 23 e 24,)

14. «Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; ensinai-as

a observar os meus mandamentos, e eis que eu estarei comvosco até á consummação dos seculos.» (Math. xxviii, 19 e 20.)

15. «Roguei por ti afim de que tua fé não desfaleça; e tu, convertido, confirma teus irmãos.» (Luc. xxii, 32.)

Eis outros tantos oráculos, cujo cumprimento estava fóra e muito acima das forças humanas! E cumpriram-se! Logo o dedo de Deus está ali.

---



## CAPITULO SEGUNDO

### A divindade da nossa fé, demonstrada pelas prophecias

A prophécia é o annuncio muito ou pouco antecipado de um factó contingente.

Por factó contingente deve entender-se o acto eventual de uma vontade livre, um factó que não seja o productó necessario de causas physicas ou moraes, que possa ser ou não ser realisado.

A prophécia visa a distancia, atravez do tempo e do espaço, o factó de uma vontade livre, suppõe necessariamente uma intervenção, uma inspiração, uma revelação divina, consciente ou não. E' de factó impossivel a visão a distancia de um acto livre sem a visão de Deus, ser dos seres, que foi, é e ha de ser, para o qual não ha nem espaço, nem tempo, simultaneamente immenso, eterno e omnipotente, senhor soberano das vontades, que inclina para seus fins deixando-as ou melhor formando-as livres.

A intervenção divina é mais necessaria ainda se é possivel, quando a prophécia tem por objecto acontecimentos sobrenaturaes e miraculosos: o poder de pronunciar confunde-se então com o de produzir.

O propheta, no sentido proprio, é o homem privilegiado, a quem e por quem Deus revela ou pronuncia acontecimentos contingentes, que se hão de realisar as mais das vezes, quando elle já não existir e onde não ha de estar.

Postos estes principios, estamos no direito de dizer: os grandes objectos de nossa fé, Jesus Christo e sua Igreja, tem sião objecto de prophecias numerosas, circumstanciadas, brilhantes. Todos os grandes factos do christianismo, a Incarnação, a Redempção, etc., foram prometidos, predictos, figurados e preparados com muitos seculos de antendencia por grande numero de homens; e estes homens eram evidentemente inspirados, pois que viam a distancia, no tempo e no espaço; logo Jesus Christo é Deus, a religião christã e a Igreja de Jesus Christo são divinas.

Quem poderá com effeito deixar de ver Jesus Christo no Messias de quem o Antigo Testamento por bocca dos prophetas diz: Ha de ter um precursor, nascerá na cidade de Belem; nascerá de Judá e de David; mostrar-se-ha de preferencia em Jerusalem; cegará os prudentes e os sabios; annunciará o Evangelho aos pobres e aos pequenos; abrirá os olhos dos cegos e dará saude aos enfermos; reconduzirá para a luz aquelles que jazem nas trevas; ensinará a via perfeita e será o preceptor dos gentios; será ao mesmo tempo a pedra angular e a pedra de contradicção ou de escandalo, contra a qual virá despedaçar-se Jerusalem. Deve ser regeitado, desconhecido, trahido, vencido, esbofeteado, es-carnecido, afficto de diversas maneiras, saturado de fel.

Terá os pés e as mãos atravessadas, hão de escarrar-lhe no rosto; ha de ser condemnado á morte, e seus vestidos jogados aos dados. Ao terceiro dia resuscitará; ha de subir ao ceo, e assentar-se á direita de Deus; ha de ser victorioso de seus inimigos; os reis da terra e todos os povos o hão de adorar. Os judeus hão de

continuar a formar nação; mas errantes, sem reis, sem sacrificios, sem prophetas, aguardando a salvação e não a encontrando! A Elle ser-lhe-ha dado um grande povo eleito e sancto, que ha de conduzir e salvar, que ha de nutrir e reconciliar com Deus, que ha de libertar do captiveiro do peccado, e ao qual ha de dar leis gravadas no fundo de seus corações, pelo qual, sacerdote segundo a ordem de Melehisedech, ha de offerecer o pão e o vinho consagrados. Será simultaneamente o doutor dos judeus e dos gentios; destruirá os idolos e o culto maldicto que lhes tributavam; as nações as mais infieis hão de submeter-se a seu jugo, e adorar a um só e mesmo Deus. Ha de vir quando o sceptro tiver sahido de Judá; depois da destruição da terceira monarchia, a dos Gregos; durante a quarta dynastia, i é, a dos Romanos; setenta semanas de annos ou quatrocentos e noventa annos depois da reconstrucção da cidade de Jerusalem. Virá ao templo, reedificado no tempo de Aggeu e de Malachias, e destruido pelos Romanos.

As promessas feitas no Antigo Testamento aos patriarchas e aos prophetas, os innumerados caracteres attribuidos ao Messias, as particularidades e até minudencias de sua vida e morte, os resultados de sua missão ou a conversão dos gentios, são pois incontestavelmente outras tantas prophcias, volvidas factos evangelicos realísados em Jesus Christo. Logo Jesus Christo é Deus, e sua Igreja é divina.

Não são tão sómente meras predicções ou annuncios feitos grande numero de seculos antes; os factos os mais salientes da Redempção foram figurados por acontecimentos e personagens symbolicas: Isaac, a Serpente de bronze, Jonas, etc., etc.

Accrescentemos que estes prenuncios irrecusaveis de tantos factos, tão eventuaes como inverosimeis, estão consignados nos livros os mais antigos do mundo, fundamento immutavel da religião e do governo de

um grande povo, guardados fielmente por elle, apesar de todo o interesse que tinha de os subtrahir ás vistas dos outros, e até de os destruir, pois que estão cheios de testemunhos de sua infidelidade, de reprimendas as mais asperas, de ameaças as mais terriveis, etc.; muito embora sejam n'uma palavra o monumento de sua condemnação e do triumpho do christianismo que elle aborrece.

Mercê das prophcias, a religião christã é tão antiga como o mundo, porque em todos os tempos o homem adorou o mesmo Deus como seu Creator, e o mesmo Christo como seu Salvador. Passou por phases diversas, progressos e decadencias, mas ficou uma em todas as edades de sua duração.

Estabelecamos enfim que ha no mundo um facto capital, que domina a antiguidade, que illumina as trevas do polytheismo, e que prova eloquentemente que estas mysteriosas prophcias são divinas: é a expectativa universal de um Deus Salvador, esse echo das promessas que o genero humano nos reproduz pelas bocas as mais longinquoas: *E será a expectativa das nações!* Toda a terra fala como Moysés falou. No primeiro trecho da historia, durante quatro mil annos, o mundo espera e aguarda; no segundo, o mundo crê e adora. Sim, pelo tempo da vinda de Jesus Christo, todos os povos esperavam, na fé de antigos oraculos, um enviado do ceo que os devia regenerar. Voltaire, Boulanger, Volney, etc., proclamaram este facto necessario; estabelecem que chamavam a vozes este enviado de Deus: «o grande mediador, juiz final, salvador futuro, Deus, rei unico, legislador supremo, etc., que havia de trazer a edade de ouro sobre a terra e havia de livrar os homens do imperio do mal.» Dizem formaes palavras: *que era esperado, que não ha povo algum que não estivesse na expectativa d'elle, e que o ponto do globo, onde devia nascer poderia denominar-se o Povo da esperança de*

*todas as nações. (Estudos religiosos do sr. Nicolas, t. II, p. 134; t. IV, pag. 190.)* As nações da terra esperaram-no durante dezoito seculos! Desde que Jesus Christo appareceu, não esperam já; logo Jesus Christo é o Messias prometido e enviado de Deus! Enfim todas estas tradições partem necessariamente de uma fonte commum que não pode ser senão as escripturas antigas e sagradas, *Antiquis sacerdotum litteris*, ás quaes Tacito as fazia remontar.

Esta universalidade e esta perpetuidade da religião de Jesus Christo são por conseguinte provas palpaveis de sua divindade e da divindade de sua sancta Igreja.

---

## CAPITULO TERCEIRO

### A divindade de nossa fé provada pelos milagres

O milagre é uma suspensão do curso regular dos phenomenos naturaes, uma derogação ás leis da natureza, produzida por uma vontade particular e excepcional de Deus, operando fóra da vontade geral que rege o universo, e o que constitue o que é. Assim sabe-se por uma experiencia de seis mil annos, que o sol se conserva em media doze horas acima do horizonte, é a lei da natureza.

Se acontecer que á ordem de um homem inspirado o sol se conserve deoito ou vinte e quatro horas sobre o horizonte, sem se pôr, será uma derogação ás leis da natureza ou um milagre. O milagre é pois a acção particular ou excepcional de Deus, substituindo-se momentaneamente á acção geral e regular que constitue a ordem da natureza. A primeira d'estas acções não suppõe em sua causa, a vontade de Deus, mais poder do que a segunda; apenas é caracterisada por sua singularidade.

O factó natural é a ordem constante e habitual, não se dá por elle. O factó excepcional e miraculoso é

a ordem perturbada, e por isso nota-se e com espanto. A multiplicação do grão lançado á terra e a multiplicação dos pães são factos da mesma ordem, um material, o outro sobrenatural ou miraculoso.

Antes de ser um facto sobrenatural ou miraculoso, o facto da derogação ás leis da natureza é um facto physico, que como todos os factos physicos, cahe de baixo da alçada dos sentidos.

Vê-se e palpa-se da mesma maneira que o sol ficou doze ou vinte horas sobre o horizonte. O milagre pode por consêguinte tornar-se metaphysicamente certo para aquelle ou aquelles que d'elle são sujeito ou objecto; physicamente certo para aquelles que o vêem; moralmente certo para aquelles que o ouviram de testemunhas oculares dignas de fé.

Negar a possibilidade do milagre é em realidade negar a presença e a acção de Deus em a natureza. Nenhum milagre é comparavel em grandeza aos factos immensos da criação e da conservação dos mundos. Todo o homem que reconhece a um Deus creador e conservador do universo, não está no direito de affirmar a impossibilidade do milagre. Por outras palavras negar a possibilidade do milagre é implicitamente ser atheu! Negar o milagre é tambem privar a Deus de sua voz, o unico meio pelo qual pode manifestar suas vontades; é collocar Deus abaixo de todos os seres animados da natureza, providos todos da faculdade de exprimir seus pensamentos, desejos e vontades. O milagre, a derogação ás leis da natureza, a producção no interior e no exterior d'um phenomeno contra a ordem regular das cousas, é o unico meio pelo qual Deus pode entrar em communicação com suas creaturas intelligentes e livres.

Supprimi o milagre, e reduzis Deus á condição dos idolos que tem olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem, mãos e não palpam, pés e não marcham. Até os pagãos

por um sentimento innato e invencível admittiam que seus deuses de pedra e de madeira podiam fazer milagres! Pediam-lh'os e exprimiam-lhes seu reconhecimento por *ex-voto*. Em todo o caso o milagre é pelo menos a condição essencial de toda a revelação feita ou de toda a fé imposta por Deus aos homens, de sorte que Moysés, Jesus Christo e os apóstolos deviam forçosamente fazer milagres.

Os milagres são factos extraordinarios, brilhantes, mas que se palpam, se vêem, se verificam como todos os phenomenos do mundo physico. E' pois mentir a todas as leis da logica, e constituir-se no estado de milagre de irrisão dizer com o sr. Renan, o inimigo pessoal da divindade de Jesus Christo (Prefacio da decima terceira edição da *Vida de Jesus Christo*): «Se o milagre tem alguma realidade, meu livro é um tecido de erros. Se pelo contrario o milagre é cousa inadmissivel, tive razão em encarar os livros que encerram narrações miraculosas como lendas repletas de inexactidões e de erros de facção.»

Repetimos, os factos evangelicos, antes de serem factos miraculosos, são meramente factos perceptíveis, nem mais nem menos que os factos naturaes; aquelles que os contam são tão dignos de credito, quando affirmam tel-os visto, como se se tratasse de factos da ordem commum; dos dois lados a questão é toda testemunhal; ora que testemunhos mais dignos de fé, do que o Evangelho e os evangelistas, dos quaes João Jacques Rousseau dizia: «Como recusar o testemunho de um livro escripto por testemunhas oculares, que o assignaram com o proprio sangue, recebido em deposito por outras testemunhas, que não tem cessado de o publicar por toda a terra, pelo qual morreram martyres em maior numero, do que as lettras de todas as suas paginas?!... A sanctidade do Evangelho fala a meu coração. Será possivel que um livro ao mesmo tempo tão



sublime e tão simples seja obra dos homens? Sim, mil vezes, os apóstolos são as testemunhas oculares as mais dignas de fé; suas pessoas e palavras trazem o cunho de seu character irresistivel de sinceridade e de verdade.»

Na historia singela dos innumeraveis milagres feitos á luz do dia por Jesus Christo, nada accusa, pelo contrario tudo exclue a ideia de trama, artificio, simulação, invento ou coacção.

Estes milagres provam tanto mais a divindade de Jesus Christo e de sua sancta Egreja, quanto é certo que todos ou quasi todos tiveram directa ou indirectamente por fim e resultado estabelecer que elle era o Messias enviado de Deus.

Façamos uma resenha d'elles por ordem chronologica.

1.º *Os milagres do nascimento de Jesus.* — O cantico dos anjos, Gloria a Deus, paz aos homens!

A aparição aos pastores, a estrella e a adoração dos magos, o aviso mysterioso que receberam de não tornarem a passar por Jerusalem, etc., terão podido ser inventados?

2.º *Baptismo de Jesus Christo.* — Jesus baptizado e sahindo d'agua orava, o ceo abriu-se, o Espirito Sancto desceu sobre elle, debaixo da forma de uma pomba. Uma voz descida do ceo dizia: Eis aqui meu Filho muito amado, em quem tenho posto todas as minhas complacencias, ouvi-o! João Baptista accrescenta: E' o Filho de Deus.

3.º *A agua mudada em vinho nas bodas de Caná.* — Não tem vinho, diz Maria, mãe de Jesus... Enchei as amphoras d'agua... Tirai agora e levai ao architriclino. A agua mudara-se em vinho... Foi o primeiro milagre de Jesus; manifestou por esta forma sua gloria, e seus discipulos creram n'elle.

4.º *A conversão da Samaritana.* — Chama teu marido. Não tenho marido. Dizes bem, porque já tivestes

cinco, e aquelle, com quem estás não é teu... Eu sei que o Messias ha de vir... Sou eu que falo contigo... Vinde ver um homem que me contou tudo o que tenho feito... Muitos creram n'elle... porque, ouvindo-o, ficaram certos de que realmente era o Salvador do mundo.

5.<sup>o</sup> *Cura do paralytico.* — Meu filho, são-te perdoados os teus peccados!... Quem pode perdoar peccados, a não ser Deus? Para que saibais que o Filho do homem tem o poder de perdoar os peccados, digo a este paralytico: Levanta-te; toma o teu leito, e caminha! E o homem marchando, dava gloria a Deus.

6.<sup>o</sup> *A transfiguração.* — Seu rosto tornou-se resplandecente como o sol, seus vestidos luminosos e alvos de neve; Moysés e Elias rodeados de magestade praticavam com elle. Uma nuvem luminosa os envolveu, e eis que d'ella se fez ouvir uma voz que dizia: Este é meu filho muito amado, em quem tenho posto todas as minhas complacencias, ouvi-o! Em occasião opportuna S. Pedro alludiu a este milagre em termos magnificos, que o humilde barqueiro do lago de Genezareth estava longe de poder inventar:

«Não é por fabulas doutas que vimos dar-vos a conhecer o poder e a virtude da exaltação de Jesus Christo, mas depois de havermos sido espectadores de sua magestade! Nós estavamos com elle na montanha, quando recebeu honra e gloria.»

7.<sup>o</sup> *O cego de nascimento.* — Nem elle, nem seus pais peccaram, mas está n'este estado (cego de nascimento) para que as obras de Deus sejam manifestas n'elle... E' mister que eu faça as obras de meu Pai... Deixou cahir na terra uma pouca de saliva, fez lodo com ella, e untou com esta massa os olhos do cego, dizendo-lhe: Vai, e lava-te na fonte de Siloé.

Foi, lavou-se e voltou, vendo perfeitamente! (Aquelle que dissesse que esta narração foi forjada, mentiria a sua consciencia e ao Espirito Sancto!) Era um sabba-

do... Este homem não é Deus, porque não guarda o sabbado... Sabemos que é peccador! .. Se elle é peccador, não sei eu.

Sei porem uma cousa; eu era cego e agora vejo!... Deus falou a Moysés; quanto a este, não sabemos d'onde vem... Se não fosse Deus, não poderia operar estas cousas... Tu nasceste todo no peccado, e arvoras-te em doutor!... E excommungaram-no da Synagoga... Jesus, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus?... Quem é, Senhor, para que eu creia n'elle?... E' este que te está falando... Creio, Senhor! E pros-trando-se, o adorou.

8.º *A resurreição de Lazaro.* — Aquelle que amais, está enfermo... Essa enfermidade tem por fim a gloria de Deus... Lazaro está morto, vamos ter com elle... Se houvereis estado aqui, meu irmão não teria morrido... Teu irmão ha de resuscitar... Eu sou a resurreição e a vida... Sim, Senhor, creio que sois o Christo, o Filho de Deus vivo, vindo a este mundo... Onde o puzestes?... Vinde e vêde, Senhor... Levantai a pedra! . Cheira mal. Não te disse, que se creres, verás a gloria de Deus... Meu Pai, graças vos dou porque me ouvistes... E' por este povo que me rodeia, afim de que creia em vós que me enviastes. Lazaro, sahe fóra! E de repente Lazaro sahiu... E muitos creram n'elle

9.º *A multiplicação dos pães.* — Jesus retirou-se para o outro lado de lá do mar de Galileia. Uma grande multidão o seguia, porque viam os milagres que obra-va... Tenho compaixão d'esta turba!... Onde compraremos pão bastante para que todos elles comam?... Ha aqui um moço que tem cinco pães de cevada e dois peixes... Jesus Christo tomou os pães, e mandou-os distribuir áquelles que estavam assentados, e tambem os peixes... Todos comeram quanto quizeram. Depois de fartos, ajuntaram-se os pedaços restantes, e enche-ram doze cestos. Estes homens, em numero de cerca de

cinco mil diziam: Este é verdadeiramente o propheta que devia vir ao mundo.

10.º *Jesus caminha sobre as aguas.* — O mar alvorado por um vento muito forte, encapellava-se muito... Ahi pela quarta vigilia da noite, Jesus veio ter com elles, caminhando sobre as aguas... ficaram passados de terror... Pedro disse-lhe: Se sois vós, ordenai que eu vá ao vosso encontro sobre as aguas... Pedro caminhava sobre as aguas... mas teve medo, e começava a alagar-se. Senhor, salvai-me! E Jesus estendendo-lhe a mão, agarrou-o... Quando entraram na barca, o vento cessou .. Aquelles que estavam na barca, vieram adoral-o e disseram-lhe: Sois verdadeiramente o Filho de Deus.

11.º *Os milagres da morte de Jesus Christo.* — A offuscação do sol, as trevas espessas que cobrem a terra inteira, o sol que treme, os rochedos que estalam, o véo do templo que se despedaça, os mortos que resuscitam, o centurião que desce do calvario, batendo no peito e exclamando: Aquelle era realmente o Filho de Deus, etc.! Isto não pode ter sido inventado... Dyonisio Areopagita, testemunha d'esta offuscação do sol, exclamou: Ou o Deus da natureza soffre, ou a natureza vai recahir em o nada!

12.º *A resurreição de Jesus Christo.* — Por que milagre nos provarás tu que tens o poder de fazer estas cousas?... Destruí o templo, que eu o reedificarei em tres dias... Assim como Jonas esteve tres dias e tres noites no ventre da baleia, assim o Filho do homem estará tres dias e tres noites no seio da terra. Ao terceiro dia ha de resuscitar. Na manhã do dia terceiro deu-se um grande terramoto... O anjo do Senhor desceu do ceo e arredou a pedra... Os guardas assustados cahiram como mortos... Foi o momento da resurreição. Antes do nascer do dia, Maria Magdalena e outra Maria vieram ao sepulchro e acharam-no vasio. O anjo

disse-lhes: Buscais a Jesus que foi crucificado, não está aqui, resuscitou... Depois Jesus mostrou-se a Pedro, aos discipulos de Emmaús, a todos os apóstolos, e de maneira particular a S. Thomé: Mette o teu dedo nos buracos de minhas mãos, mette a tua mão na chaga de meu lado, e não sejas incredulo, mas fiel... Meu Senhor e meu Deus!... S. Pedro no dia do Pentecostes ousava dizer a todos os Judeus reunidos: Jesus de Nazareth, a quem Deus auctorisou entre vós por milagres, prodigios e maravilhas, e a quem vós destes a morte, Deus resuscitou-o, e nós somos testemunhas d'isso.

13.º *A ascensão de Jesus Christo.* — Ainda um pouco, e não me vereis mais... Vou para meu Pai... Vós ser-me-heis testemunha em Jerusalem, em toda a Judêa, em Samaria e até ás extremidades do mundo. . Quando chegou o momento, Jesus levou seus apóstolos e seus discipulos para Bethania, e quando acabou seu discurso, levantou as mãos, abençoou-os, e deixando-os, subiu ao ceo.

14.º *Descida do Espirito Sancto.* — Estamos todos reunidos no mesmo lugar. De repente fez-se um grande ruido... que encheu toda a casa, onde estavam. Então apareceram como linguas de fogo que se dividiram e pousaram sobre cada um d'elles.. E foram todos cheios do Espirito Sancto, e começaram a falar diversas linguas. A multidão ajunctou-se e ficou confusa, porque cada qual ouvia os discipulos falarem em sua lingua.

15.º *O coxo da porta do templo.* — Jesus Christo tinha dicto a seus apóstolos: Aquelle que crê em mim, fará os milagres que eu faço, e ainda maiores. Ora eis que de facto os Actos dos Apóstolos nos dizem: «Os apóstolos partindo prégam em toda a parte, cooperando o Senhor com elles, e confirmando sua palavra com os milagres que os acompanhavam... Traziam os doentes

para as praças publicas, collocavam-nos sobre leitos e grabatos, afim de que sequer a sombra de Pedro cahisse sobre alguns d'elles, e os curasse de suas enfermidades... » S. Paulo em muitas de suas epistolas fala do que Jesus Christo obrou por elle, para a conversão dos Gentios, em milagres e prodigios. Certo dia, Pedro e João dirigiam-se ao templo; havia ali um homem que era paralytico desde o ventre da mãe, e que lhes pediu esmola. Pedro diz: não tenho ouro, nem prata. Mas dou-te do que tenho. Em nome de Jesus Nazareno levanta-te, e caminha. E logo seus pés e pernas se firmaram, e levantando-se, marchou, saltando e louvando a Deus.

Digamol-o mais uma vez, só um milagre de cegueira e de sem razão é capaz de imaginar e affirmar que estas narrações foram inventadas, que factos tão brilhantes são illusões ou mentiras.

Nos logares e tempos, em que Jesus Christo e os apóstolos viveram, e quando Jerusalem podia contar tantas testemunhas de suas obras quantos eram os seus habitantes, milhares de pessoas de todas as condições mostraram-se de tal sorte convencidas, que o adoraram como Deus. A sancta Egreja de Jesus Christo, monumento immenso, que não teve por fundamento senão os milagres do divino Salvador e dos apóstolos, está de pé vai em dezenove seculos. Todas as potencias da terra a tem querido abater, a sciencia de todos os seculos tem-se esforçado pela minar, e ella ahi está erecta e levantada, entre a terra e o ceo! E' outro milagre fundado sobre o milagre.

Se o não vêdes, que vêdes então? Os escribas, os sacerdotes, os pharizeus, inimigos de Jesus Christo, nunca negavam seus milagres, tentavam sómente infirmal-os explicando-os pelo poder dos demonios. Nenhum escriptor judeu nos primeiros seculos do christianismo, ousou desmentir os evangelistas. Os dois Tal-

muds de Babylonia e de Jerusalem, limitam-se a dizer mui gravemente que Jesus Christo se apropriara o nome ineffavel de Deus, nome, cuja pronunciação é o bastante para operar os maiores prodigios. A ajuizar pelo que dizem os mais doutos apologistas, S. Justino, Tertulliano, Origenes, etc., etc., nem os idolatras, nem os philosophos ousavam no seu tempo ainda negar os milagres de Jesus Christo, e as consequencias que d'elles tiravam os christãos. O proprio Celso os confessa expressamente, attribuindo-os a magia. E' que então todos acreditavam em Deus e nos deuses, e ninguem pensava em negar a possibilidade do milagre, do maravilhoso, do sobrenatural, que constitue o fundo d'alma humana. Só o atheismo dissimulado do seculo XIX podia inventar a these, tão impia como insensata, da impossibilidade do milagre, e inspirar ao sr. Renan esta explicação odiosa dos milagres de Jesus Christo:

«E' pois verdade que Jesus Christo não foi thaumaturgo e exorcista senão contra vontade. Seus milagres foram uma violencia que lhe fez seu seculo, uma concessão que lhe arrancou a necessidade do momento. Assim é que o exorcista e o thaumaturgo desapareceram, mas o reformador religioso permanecerá eternamente.» (*Vida de Jesus Christo*, 1.<sup>a</sup> ed., p. 268.) Que titulo poderia adduzir a uma eterna memoria o miseravel reformador, que se deixava arrastar, mau grado seu, a operar MILAGRES IMPOSSIVEIS. e que repetia sem cessar que fazia seus milagres em nome de seu Pai, cuja omnipotencia era a sua? Esta affirmacão audaciosa e blasphema do sr. Renan é um brilhante esplendor da fé.

Os milagres são mais raros hoje e por uma razão que S. Gregorio Grande expoz em termos admiraveis: «Os milagres são indispensaveis no principio, quando a maioria é infiel, e multiplicam-se debaixo dos pés dos apóstolos do Evangelho! São superfluos quando a maioria é já crente e fiel: *Miracula infidelibus, non fidelibus!*»

Mas nem por isso deixa de ser verdade que na Igreja catholica, e só n'ella, com exclusão de todas as igrejas christãs (o que é um caracter tocante de sua divindade), os milagres não tem cessado de se operar, em todos os seculos e que ainda hoje são numerosos: sirvam de testemunho os logares de peregrinação da Virgem e dos sanctos; e os inqueritos juridicos relativos aos milagres operados pelos sanctos, cuja beatificação ou canonização a Igreja proclama.

---



## CAPITULO QUARTO

### As notas ou os signaes caracteristicos da verdadeira Egreja de Jesus Christo

A Egreja é a sociedade dos fieis christãos, unidos pela profissão da mesma fé, pela participação nos mesmos sacramentos, pela submissão a um só e mesmo pastor legitimo, representante de Jesus Christo. Que Jesus Christo instituiu uma Egreja, e que essa Egreja ainda hoje subsiste, ninguem ousaria negal-o! Depois de Pedro ter feito sua solemne profissão de fé: «Vós sois o Christo, Filho do Deus vivo», Jesus disse-lhe: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella!» Nos actos dos Apostolos, como em todas as epistolas canonicas, fala-se continuamente da Egreja fundada por Jesus Christo, adquirida a preço de seu sangue, que é mister ouvir sob pena de ser tido em o numero dos pagãos e dos publicanos. Jesus Christo, que lhe chama seu reino, o reino de Deus, sua herança, seu aprisco, fóra do qual não ha salvação, deu-nos signaes, pelos quaes a podemos reconhecer. Estes signaes ou Notas da Egreja são, na ordem a mais logica: a visibilidade, a apostolicidade, a unidade, a sanctidade, a catholicidade e a infalli-

bilidade. Ora estas notas são proprias sobretudo, algumas até exclusivamente, da Igreja catholica, cujo chefe é o soberano Pontifice romano, e mostram entre todas como a unica verdadeira a Igreja de Jesus Christo.

*Visibilidade.*—A Igreja devia ser uma cidade situada sobre o cimo de uma alta montanha, uma lampada collocada sobre o candelabro, afim de que luza a todos os olhos. Ora a Igreja visivel por excellencia é a Igreja catholica. Domina todas as outras pelo numero e qualidade de seus membros; marcha triumphante atravez do tempo e do espaço; mostra-se com brilho em seu chefe, em seus membros, em seus sanctuarios innumeraveis, seus logares abençoados de peregrinação. Mostra-se ainda melhor pelo odio que lhe votam. As outras seitas são para ella como matilhas encarnicadas em sua perseguição, e acclamando-a em grita por seus uivos.

No dia 3 de julho de 1877 a catholicidade celebrava o quinquagesimo aniversario do episcopado de Pio IX, o mundo inteiro movimentava-se; todos os olhares e corações se voltavam para Roma; os navios a vapor e os carros das vias ferreas enchiam-se de peregrinos acudindo como outr'ora os Magos, carregados de ricos presentes, ouro, myrrha e incenso; exclamavam por sua vez: vimos o signal seu, e do norte como do meio dia, do oriente como do occidente, viemos adoral-o!

*Apostolicidade.*—Jesus Christo confiou exclusivamente a seus apóstolos a missão de fundar sua Igreja, de a governar e de a perpetuar; e prometeu-lhes que havia de estar com elles até ao fim dos seculos. Os apóstolos metteram de posse de suas sés pastores escolhidos, ordenados por elles; S. Paulo quere que os considerem como estabelecidos por Deus, como guardas fieis da doutrina e das tradições da Igreja de Jesus Christo.

Ora a unica Igreja apostolica é a Igreja romana,

da qual dizia já no seu tempo S. Ireneu: «Citamos entre todas a Igreja mui grande, muito antiga, de todos conhecida, fundada em Roma pelos dois mais illustres apóstolos, Pedro e Paulo. A tradição que recebeu dos apóstolos e a fé annunciada aos homens, chegou até nós pela successão de seus bispos.

Nós nomeamos-os, e fazendo-o, confundimos todos aquelles que vão haurir em outra parte os artigos de seu symbolo. E' por esta Igreja que os fieis disseminados por toda a parte tem conservado a tradição apostolica.» Sim, basta a serie de soberanos Pontifices desde S. Pedro a Pio IX para estabelecer como um sello palpavel e glorioso, sua apostolicidade. A apostolicidade não a encontrais em mais parte alguma! Para confundir todas as outras seitas christãs, basta recordar-lhes os nomes de todos os seus fundadores, Ario, Nestorio, Eutyches, Phocio, Socinio, Luthero, Calvino, Henrique VIII, Jansenio, etc., etc.

*Unidade.* — Não ha sociedade sem unidade, sem um programma universalmente adoptado, sem constituição livremente consentida. Jesus Christo exige que seus discipulos sejam uns, como seu Pai e Elle são um, e quer que não haja mais do que um redil e um pastor. Esta unidade é necessaria e essencialmente triplice: unidade na fé, unidade na participação dos mesmos sacramentos, unidade na subordinação a um mesmo pastor: *um só corpo e um só espirito; um só Senhor, uma só fé, um só baptismo!* dizia S. Paulo.

Esta triplice unidade é completa e absoluta na Igreja catholica. Não existe, não pode existir nas outras egrejas, ou melhor nas outras seitas christãs, que adoptam como principio fundamental o proprio principio de divisão intestina, a liberdade de exame, a interpretação privada da sagrada Escripura, a inspiração pessoal, etc.

E' em vão que para affectarem uma especie de uni-

dade, inventam a distincção entre dogmas fundamentaes e dogmas secundarios, porque Jesus Christo fulminou já esta distincção sacrilega, não quer que se omitta um *iota* ou um unico ponto de sua douctrina ou de seus mandamentos. E demais d'isso se se tracta das egrejas protestantes da Allemanha, da França, da Inglaterra, a divisão é tão profunda n'estes ultimos annos, que attinge o proprio dogma capital da divindade de Jesus Christo.

*Sanctidade.* — Jesus Christo, diz S. Paulo, entregou-se por sua Igreja, afim de a sanctificar, e de que seja pura e sem macula. Impõe a todos os seus membros que sejam sanctos e perfeitos, como seu Pai celestial é perfeito; promete estar com ella até á consummação dos seculos na sanctidade e na justiça. Ora a Igreja sempre contou e conta sempre em seu seio um grande numero de sanctos; é a unica que possui o segredo e o privilegio das virtudes heroicas; é a unica que exerce o direito de beatificação e de canonização.

Nas outras egrejas nem sequer se aspira á sanctidade, muito menos ás virtudes heroicas; a ninguem se dá o nome de sancto, não se beatifica, nem se canoniza! A Igreja catholica é pois a unica sancta, na verdadeira significação da palavra.

*Catholicidade.* — A catholicidade é a universalidade na unidade. Jesus Christo enviou seus apóstolos a ensinar todas as nações, com ordem de lhes ensinarem a guardar fielmente sua douctrina e seus mandamentos. E de facto os apóstolos foram por toda a parte, prégaram por toda a parte os mesmos dogmas e identica moral; administraram por toda a parte os mesmos sacramentos; submeteram por toda a parte os christãos á mesma auctoridade etc.; de sorte que por um milagre verdadeiramente extraordinario, a Igreja logo ao nascer appareceu catholica. A Igreja romana é emi-

nentamente catholica; conta não só membros, mas egrejas e bispados em todas as partes do mundo. Assentado na cadeira de S. Pedro em Roma, centro de sua unidade, seu chefe supremo, para qualquer lado ou distancia para onde relanceie o olhar, vê povos submettidos a sua auctoridade. E' realmente a ella que Deus, concedeu todas as nações em herança.

E' por ella e só por ella, que se cumpre a grandiosa prophesia de Malachias; «do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações, diz o Senhor; em todos os logares se me sacrifica e offerece uma victima pura.» A mais eloquente manifestação da visibilidade, da apostolicidade, da unidade, da sanctidade, da catholicidade da Egreja, é o sancto sacrificio da missa celebrado a todas as horas, quasi em todos os momentos, sobre toda a face da terra.

*Indefectibilidade e infallibilidade.* — Jesus Christo prometeu estar com sua Egreja até ao fim dos seculos. Enviou-lhe seu Paraclito, o Espirito de verdade que deve estar sempre n'ella. Disse-lhe: Aquelle que vos ouve, a mim ouve. Uma tal indefectibilidade só a Egreja catholica a pode possuir. Só ella de facto a possui e a exerce desde sua origem, forte com as promessas formaes de Jesus Christo. fundando-se n'este principio, que Deus não teria sufficientemente assegurado o deposito da fé, se não houvesse constituido um juiz supremo que pronunciasse em ultima instancia, e que decidisse infallivelmente.

Nenhuma outra egreja tem pretensões á infallibilidade; todas se contentam em apresentar a seus adeptos, nas sagradas Escripturas, um codigo que interpretam com a assistencia do Espirito Sancto que não vêem, seu juiz infallivel de facto e de direito.

Alem d'esta indefectibilidade promettida á Egreja, representada pelo summo Pontifice e pelos bispos, juizes da fé, alem da infallibilidade propria dos concilios

inspirados pelo Espirito Sancto, a Egreja catholica não se esquece de uma outra infallibilidade prometida a Pedro, encarregado por Jesus Christo de apascentar as ovelhas e os cordeiros. Chegado o momento, reunida em concilio ecumenico no Vaticano, proclamou ella dogma de fé a infallibilidade do summo Pontifice romano, falando *ex cathedra*, ou pronunciando em materia de dogma, de disciplina, como juiz supremo, e dirigindo-se a toda a Egreja.

Infallivel em si mesma e em seu chefe, a Egreja catholica romana é bem mais do que qualquer outra, a cidade edificada sobre montanha, e que não pode furtar-se ás vistas de todos. É um pharol de fogos brilhantes, de raios, que só os cegos voluntarios não vêem.

Em resumo, a Egreja catholica apostolica, romana, e só ella pode invocar em seu favor as prophecias, os milagres, a visibilidade, a apostolicidade, a unidade, a catholicidade, a sanctidade, a indefectibilidade, a infallibilidade; logo é divina e só ella é divina.

Sua divindade adquirirá novo lustre dos Esplendores da Fé.

---

## CAPITULO QUINTO

### Primeiro Esplendor da Fé

*Todas as nações da terra me hão de proclamar bem-aventurada* (S. Lucas, cap. i, v. 48).

Uma donzella nasceu na Judêa do casamento por muito tempo esteril de Joaquim e Anna. Apresentada no templo na idade de tres annos, foi educada debaixo da vigilancia dos sacerdotes em uma profunda solidão. Sahe do templo na idade de quatorze annos para desposar S. José, como ella, descendente dos reis de Judá, modelo acabado de todas as virtudes, porem humilde e pobre carpinteiro.

Veu habitar em Nazareth uma modestissima casa, que ainda hoje pode ver-se no Loreto, cidade de Italia.

Um dia em que ella orava com fervor, o archanjo Gabriel saudou-a com estas palavras extraordinarias: *Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo, tu és bemdita entre todas as mulheres.* Maria toda perturbada, estremece e pergunta o que pode significar esta mysteriosa saudação. O anjo diz-lhe: *Não temas, porque encontraste graça na presença de Deus. Conceberás e darás á luz um filho; este filho será chamado o Filho do Altissimo. Assentar-se-*

ha sobre o throno de David, e seu reino não terá fim. Maria, cada vez mais admirada e fóra de si, affirma que uma tal concepção e parto são impossiveis, porque fez voto de castidade inviolavel. O anjo assegura-a dizendo: *O Espirito Sancto virá sobre ti, e a virtude do Altissimo te cobrirá com sua sombra. O filho que de ti nascer será o Filho de Deus.* Maria curva-se dizendo: *Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a sua palavra. «E o Verbo Eterno se fez carne e habitou entre nós!!!»*

Mal o anjo tem voltado ao ceo, eis que Maria, transportada de caridade ardente, corre a offerecer seus bons serviços a sua prima Izabel, cuja gravidez miraculosa soubera pelo anjo. Izabel sente de improviso estremecer em seu seio o filho que n'elle trazia, e exclama inspirada pelo Espirito Sancto: *Bemditá és tu entre as mulheres e bemdito é o fructo do teu ventre! D'onde a mim este excesso de felicidade, que a mãe do meu Salvador se digne vir a minha casa!* Maria inspirada e transportada por sua vez, exclama: «Minha alma engrandece ao Senhor; e meu espirito exulta em Deus meu Salvador; porque o Omnipotente operou em mim grandes cousas. Baixou seus olhares sobre a humildade de sua escrava, e por «isso todas as nações a partir d'este dia me hão de proclamar bemaventurada!!!»

Alguns mezes depois, Maria dá á luz, nas proximidades de Belem, em um estabulo abandonado o Filho annunciado pelo anjo; colloca-o em um presepio carunchoso; de subito os anjos em grande numero fazem retinir nos ares este cantico de triumpho e de amor: *Gloria a Deus nas alturas e sobre a terra paz aos homens de boa vontade!*

Pareceu-me que devia reproduzir abreviando esta narração do Evangelho; mas façamos agora abstracção do que encerra de maravilhoso para só considerar esta simples phrase: «*Todas as nações a partir d'este dia me hão de chamar bemaventurada!* Quando foram escriptas



por S. Lucas, o companheiro fiel do apostolado de S. Paulo, Maria vivia ainda em Epheso em companhia de S. João, o discipulo amado, que a recebera por mãe.

Mais tarde, de volta a Jerusalem, cidade toda cheia de recordações da vida e soffrimentos de seu divino Filho, finou-se de amor. S. Dyonisio Areopagita conta que os apóstolos já dispersos, advertidos por vozes celestes, se acharam junto do leito, sobre o qual Maria adormecia no Senhor, renderam-lhe attentas homenagens, e a proclamaram de novo bemaventurada. O que é certo é que no concilio de Jerusalem, o primeiro dos concilios, formulando o symbolo augusto que tem seu nome, ensinaram o mundo a fazer este acto solemne de fé: *Creio em Jesus Christo, Filho unico de Deus. nascido da Virgem Maria.*

E' o ponto de partida do culto particular de hyperdulia, que d'or'avante ha de ser dado a Maria no mundo christão.

Uma piedosa combinação das palavras do anjo, da saudação de Izabel, das invocações sahidas dos labios dos primeiros devotos para com Maria, deu origem logo no berço do christianismo á deliciosa oração *Ave Maria, Eu vos saúdo, ó Maria.* Tomando logar nos habitos da Igreja, recitada de manhã, á noite, muitas vezes ao dia pelos fieis de todos os paizes, a Saudação angelica é só de per si o mais maravilhoso cumprimento do oraculo sahido da bocca de Maria: *Todas as nações me proclamam bemaventurada.*

Desde os primeiros tempos da Igreja, capellas foram consagradas a Maria na gruta de Gethsemani e no monte Carmelo. O templo da Fortuna de Epheso volte-se o sanctuario da *Penagia*, de Maria toda sancta, como o Pantheon de Roma se transforma em S. Maria de todos os Martyres. E já no tempo de Constantino, em um local milagrosamente assignalado, se elevava a magnifica basilica de Nossa Senhora das Neves ou de

Santa Maria Maior, gloriosa rainha de todas as egrejas consagradas a Maria. E' crença constante que S. Lucas, habil pintor, executara muitas vezes o retrato de Maria, e que algumas de suas effigies (madonas) ainda hoje são veneradas nas egrejas de Roma: a mais celebre é o principal ornamento de Santa Maria Maior. Seja como fôr, é certo que se encontraram nas paredes das catacumbas imagens de Maria que remontam ao terceiro seculo, ao segundo e mesmo ao primeiro seculo da Egreja. N'uma a Virgem está assentada, tendo nos joelhos o divino Infante, e estendendo os braços na attitude de quem ora; o pintor desenhou á direita e á esquerda o monogramma do Christo. Em grande numero de outras pinturas, Maria está representada n'aquella mesma attitude, mas só, com esta inscripção contundente para os incredulos: *Maria Virgo, Ministere du templo Gerosale*.

Os Padres da Egreja e os escriptores ecclesiasticos proclamaram á porfia Maria bemaventurada. Desde S. Clemente Papa, segundo successor de S. Pedro, até S. Bernardo e S. Francisco de Salles, ha um concerto unanime de louvores entusiastas e de supplicações ardentes. Occupam quatro grossos volumes da *Semana Aurea de Laudibus Beatæ Virginis*, Migne, 1862.

O nome, a commemoração, a invocação de Maria tem tomado logar em todas as lithurgias, a partir da de S. Thyago, a mais antiga de todas. Não se contentando de a invocar na celebração dos sanctos mysterios, nos momentos os mais solemnes, antes e depois da consagração, a Egreja começou com cedo a celebrar em festas particulares os mysterios e as circumstancias de sua vida: seus desposorios, sua purificação, a Expectação de seu parto, sua annunciação, sua natividade, sua compaixão, visitação, assumpção, suas sete dores, sua conceição immaculada. Estas solemnidades tão numerosas não bastavam, a Egreja quiz ainda que to-

dos os sabbados livres do anno fossem festas de Maria. Não era bastante ainda, o calendario de Maria foi augmentado cada dia, de seculo em seculo. Tem-se festejado alternativamente: Nossa Senhora do Loreto, Nossa Senhora do Monte Carmelo, Nossa Senhora Auxilio ou Soccorro dos christãos, Nossa Senhora do Sancto Rozario, o sancto Nome de Maria, os Prodigios de Maria, etc., etc. E todas estas festas recentes commemoram acontecimentos grandiosos, que são para Maria brilhantes triumphos proclamados pela Egreja universal: a batalha de Lepanto, o levantamento do sitio de Vienna, a derrota dos Albigenses, a tomada da Rochella, a volta de Pio vi e de Pio vii a Roma, etc., etc.

Alem das invocações lithurgicas e de suas festas, a Egreja compoz em nome de Maria antiphonas, e hymnos admiraveis e tocantes, que a proclamam bemaventurada de todas as maneiras possiveis. Cada um d'estes hymnos ou antifonas inspirou uma deliciosa melodia, que se canta ha seculos com emoção sempre nova. A maior parte d'estas orações, e outrosim as devoções para com Maria, o Escapulario, o Rozario, o Angelus, etc., recordam-nos aliás acontecimentos miraculosos, grandes beneficios da bemaventurada Mãe de Deus. No decimo terceiro seculo, seitas poderosas manichêas, os cataros, os vaudezes, os albigenses, etc., faziam á França e á Egreja uma guerra implacavel. S. Domingos oppoz-lhes a devoção do sancto Rozario, e foram vencidos, quando mais seguros estavam da victoria.

No tempo em que o Occidente se arrancou de alguma sorte de seus fundamentos para se arrojarem todo sobre o Oriente, e marchar á conquista dos Logares Sanctos, os papas Urbano II, João xxii, Calisto III ordenaram que a *Ave Maria* fosse recitada tres vezes ao dia ao som do sino, de manhã, ao meio dia e á noite, por todo o mundo e de joelhos. Ainda hoje, depois de tantos seculos idos, o Angelus retine tres vezes ao dia, de sorte que não se passa um minuto do dia em que Ma-

ria não seja proclamada bemaventurada, visível e solemnemente.

Os hereges não podiam atacar Jesus Christo deixando incolume sua divina Mãe. Insurgiram-se portanto contra Maria: Ario negou que o Filho de Deus, consubstancial a seu Pai em sua divindade, (\*) fosse consubstancial a Maria em sua humanidade. Nestorio disputou a Maria sua maternidade divina. Joviniano ousou blasphemar contra sua triplice virgindade, etc., etc.

Estes ataques rudes foram para Maria occasião dos mais brilhantes triumphos. Os Padres da Egreja, os summos Pontifices, os Concilios geraes e particulares, tomaram sua defesa com uma energia verdadeiramente divina; proclamaram-na com mais solemnidade bemaventurada e gloriosa! Quando o povo de Epheso teve noticia da condemnação de Nestorio, soltou grandes gritos de alegria, cumulou de benções os Padres do concilio, e acompanhou-os com brandões até suas moradas. A atmospherica da cidade appareceu de improviso embalsamada dos perfumes queimados em honra de Maria Mãe de Deus, o enthusiasmo chegou a delirio, as lagrimas corriam de todos os olhos.

Maria tem sido sobretudo proclamada bemaventurada nos sanctuarios bemditos dos logares de peregrinação, que se vão multiplicando sobre toda a terra desde os primeiros tempos do christianismo até nossos dias. Todos, em numero superior a duzentos, tiveram por origem um acontecimento sobrenatural, uma appareção celeste, uma graça insigne, um prodigio operado, etc., etc.

Todas tem sua estatua milagrosa, aos pés da qual milhares de peregrinos, vindos muitas vezes de grandes

---

(\*) O contexto parece deixar na penumbra o principal erro de Ario, a não consubstancialidade do Verbo com o Padre.

distancias, tem orado e oram com um fervor sempre antigo e sempre novo.

Na idade media a devoção para com Maria tomou um impulso magnifico: todas as illustrações da epocha, S. Francisco de Assis, S. Boaventura, Alexandre de Halles, Alberto o Grande, S. Bernardo e outros devotos entusiastas de Maria. (Para os sabios e escriptores d'esta idade de fé, Maria era um espelho divino, onde todas as verdades theologicas e especulativas, todos os factos da historia da Religião e da natureza vinham reflectir-se.) Quando o genio da crença inventou a architectura gothica com sua ogiva esbelta e aguda, symbolo do pensamento christão aspirando ao ceo, levantou seus mais bellos monumentos á gloria de Maria. Só em França trinta e seis de nossas cathedraes sobre oitenta e tres, são dedicadas a Maria.

A partir da idade media as lettras, as artes, as bellas artes celebram á porfia as glorias da Virgem. Os pintores Bellini, Cimabué, Fra Angelico, Memling, Alberto Durer, consagraram-lhe suas mais bellas produções. Ainda depois da Renascença ter de alguma sorte paganisado o pincel, os mestres os mais illustres, o Perugino, Raphael, o Guido, o Tintoreto, os Carrache, Murillo, Mignard, Rubens, etc., nunca se mostram mais bem inspirados, do que quando reproduzem a encantadora imagem de Maria Mãe de Deus.

Os esculptores a seu turno, Miguel Angelo, Luca della Robia, Donatello, Bouchardon, Canova, Bonnassieu, esculpturaram primorosamente as glorias de Maria. Os musicos Haydn, Weber, Pergoleso, Beethoven, Mozart, Haendel, Rossini, Gounod, etc., cantaram-na em hymnos de harmonia; suas *Ave-Maria*, suas *Regina caeli*, seus *Stabat*, são contados em o numero das obras primas. Os poetas enfim desde Sedulius até Santeuil, desde os Trouvères até Lamartine e Victor Hugo cantaram seus louvores.

Um sentimento profundo de respeito e de venera-

ção vovera os primeiros christãos tímidos talvez ao excesso; não ousavam dar a seus filhos o nome augusto e suave de Maria. Mas a pouco e pouco, á medida que a devoção para com a Mãe de Deus e dos homens foi crescendo, crearam animo, e o nome de Maria volveu-se quasi universal. Hoje o maior numero de meninas sentem-se felizes e altivas de o terem. E é uma das mais graciosas glorificações de Maria o ver essa multidão pressurosa que na vespera da festa da Assumpção percorre em todos os sentidos nossas grandes cidades, levando na mão ramilhetes de flores que vai oferecer a nossas innumeraveis Marias.

E que dizer d'esse numero portentoso de familias religiosas, de ordens de cavallaria, de congregações ou associações piedosas, de homens, de mulheres, de moços, de donzellas, de creanças, que em todos os seculos se tem alistado debaixo do estandarte de Maria, cumprindo d'est'arte o oraculo do Propheta: «Milhares de virgens depois d'ella farão sua côrte ao rei, virão para elle ufanas de marchar nas suas pégadas: depois dos pais e das mães, serão os filhos.» (*Ps. XLI, vv 14 e 15.*)

Desde o principio do segundo seculo da Egreja até ao decimo nono, o oraculo cumprira-se; todas as nações da terra tinham proclamado Maria bemaventurada! Mas era preciso para que o milagre attingisse toda a sua significação, que a prophecia se realisasse com mais brilho ainda no decimo nono seculo, i é, que nosso seculo fosse mais do que qualquer outro o seculo de Maria. Seu começo foi assignalado por uma nova devoção, tocante e entre todas suave; não era já a devoção de um dia, era de um mez inteiro, o bello mez de maio, com suas flores, seus perfumes e seus cantos, do qual se fez uma longa festa a Maria, festa celebrada hoje no mundo todo. Depois do mez de Maria veio em 1830 a medalha milagrosa, revelada a uma piedosa irmã da Caridade com esta affectuosa invocação: «O' Maria, concebida sem peccado, rogai por nós que a vós

recorremos,» medalha que brilha hoje sobre milhares, sobre milhões de peitos abençoados. Logo depois em 1836 nasceu a archiconfraria de Nossa Senhora das Victorias, a qual conta já 174,441 dioceses ou parochias. O numero de cirios que ardem a cada instante deante de seu altar privilegiado é de mais de 100; a quantidade de cera consumida cada anno excede a cifra de 100000 francos. No fim de março ultimo, o numero dos *ex-voto* suspensos das paredes do templo era de 1,871; ao officio da tarde, nos domingos, as encommendações vindas de todo o mundo attingem a cifra enorme de 25,000, 100,000 cada mez, 1,200,000 cada anno.

Em parte alguma, em nenhum outro seculo foi Maria proclamada bemaventurada com mais enthusiasmo!

E as aparições de la Salette, a 19 de dezembro de 1846; de Lourdes, fevereiro de 1855; de Pontmain, 17 de fevereiro de 1871; com suas aguas miraculosas, seus magnificos sanctuarios, suas multidões de peregrinos, vindos de todas partes do mundos, os innumeraveis milagres que todos os annos se operam n'aquelles logares! E a manifestação recentissima de Maria a umas creanças na floresta de Marpingen, que tanto irritou o inimigo pessoal da Igreja e da França!

Ha dias, a annual peregrinação da Salvação teve a nobre coragem de levar a Lourdes duzentos enfermos, cujo estado era tão grave, que muitos estiveram a pique de fallecer no caminho. Todos foram alliviados ou consolados! Vinte foram miraculosamente curados. Nunca Maria se mostrou tão gloriosa, mais cheia de ternura pela França. Ao mesmo tempo vinte e cinco mil peregrinos, a rainha mãe da Baviera á frente, enchiam a floresta de Marpingen, como lançando um desafio ao perseguidor que fremia de raiva. E' que de feito no momento dado Nossa Senhora de Lourdes e de Marpingen, forte como exercito ordenado em batalha, ha de assegurar o triumpho da França e reparar todas as suas perdas.

E' pois verdade, e de verdade absoluta e resplandecente que hoje, como na idade media, mais do que nos primeiros seculos da Egreja, em todo o universo, a gloria de Maria é como o sol no firmamento.

E' necessario ser cego, para se subtrahir á influencia de seus raios evidentemente divinos.

Entre Maria immaculada em sua concepção e tres vezes virgem, antes do seu parto, no parto e depois do parto; entre Maria Mãe de Deus e Maria proclamada bemaventurada pelo universo inteiro, pelos reis e pelos povos, por todos os poderes do mundo, a sanctidade, o genio, a eloquencia, a poesia, a architectura, a pintura, a esculptura, a gravura, o desenho, a musica, etc., etc., ha a proporção do effeito para a causa, e da causa para o effeito, é o milagre produzindo o milagre. Entre Maria, mulher commum, esposa vulgar, mãe de muitos filhos, dos quaes um sabio, ainda que um tanto impostor (segundo Renan e o livre pensamento) pois elle proclamava-se Deus, ha um abysmo invadeavel! Seria um edificio collossal fundado no vacuo! Despojando Maria de suas prerogativas, de seus privilegios, Renan centuplicou o esplendor do milagre! Fez o absurdo sobrenatural e divino!

E o que seria se traçassemos o quadro verdadeiramente admiravel e divino da influencia do culto de Maria sobre a vida dos individuos, das familias, das sociedades? Maria é em rigor a alma do mundo christão; é ella sobretudo que faz os sanctos, e todos os sanctos tiveram para com ella uma terna devoção. Todos os dias se está verificando esta promessa divina: Israel será tua herança, lança tuas raizes no coração dos eleitos.

Exclamemos pois ao terminar: Maria tinha annunciado e predicto que todas as nações a proclamariam bemaventurada; o oraculo cumpriu-se em condições portentosas. E' a um tempo prophecia e milagre evi-



dente! Logo Maria é Mãe de Deus! Logo a fé christã é divina! Logo entre todas as egrejas a Egreja catholica, apostolica, romana, resplandece como divina, porque é em seu gremio só que o culto de Maria tomou seu desenvolvimento pleno; pois que é ella, mais do que todas as outras, que proclama Maria bemaventurada!

---

## CAPITULO SEXTO

### Segundo Esplendor da Fé

*Meus olhos viram o Salvador que vem de vós, que preparastes em face de todos os povos, a luz que se ha de revelar ás nações.* (S. Luc. cap. II, vv. 30, 31, 32).

Chegado o dia da purificação e da apresentação, José e Maria levaram o Menino a Jerusalem, e o apresentaram ao Senhor no templo; traziam consigo dois pombinhos, que deviam offerecer para o resgatar. Ora a esse tempo havia em Jerusalem um velho, chamado Simeão, justo e temente a Deus, cheio do Espirito Sancto, que esperava a consolação de Israel.

Conduzido por uma inspiração interior, veio ao templo, tomou o Menino Jesus nos braços e exclamou: «Agora, Senhor, segundo vossa palavra, deixai o vosso servo morrer em paz; *porque já meus olhos viram o Salvador que vem de vós, que preparastes em face de todos os povos, para dar a luz que ha de illuminar todas as nações.*»

O sancto velho inspirado proclama pois em alta voz que o menino por quem José e Maria acabavam de pagar o resgate dos pobres, é: 1.º o Salvador enviado por Deus e offerecido a todos os povos; 2.º a luz que

ha de ser revelada ás nações. Eis o oraculo, a propheta clara, solemne, brilhante! Quando S. Lucas a escrevia, os apóstolos apenas tinham começado a sua tarefa. O oraculo cumpriu-se? Evidentemente!

O mundo está cheio da salvação de Deus e inundado da luz de Jesus Christo. O cumprimento do oraculo, volvido a seu turno um milagre patente, incomparavel, é o estabelecimento da religião christã, logo a religião christã é divina. E como Jesus Christo não é em parte alguma tanto e mais a salvação do mundo, a luz das nações, do que no seio da Egreja catholica, apostolica, romana, esta Egreja é a verdadeira Egreja de Deus.

1.º *Jesus Christo é e tem sido a salvação de Deus!*

Com effeito, todo o povo salvo o tem sido por Jesus Christo; todo o povo que Jesus Christo não tem salvo está sepultado na morte e perdido; todo o povo que se tem separado de Jesus Christo tem corrido de novo para sua perda!

Ali está o mais saliente de todos os factos; o ensinamento, a licção a mais certa da historia preterita e presente. S. Pedro disse: «Jesus volveu-se a pedra angular e fundamental; não ha salvação senão por elle, porque não foi dado aos homens nenhum outro nome, pelo qual possamos ser salvos!» S. Paulo disse depois de S. Pedro, felicitando os romanos de sua fé em Jesus Christo: *Onde o peccado abundava, a graça de Jesus Christo foi superabundante. Como o peccado reinou e pelo peccado a morte, assim a graça reina por sua vez e com a graça a justiça e a vida eterna.* Não ha um resumo mais eloquente da historia dos povos, grego, romano e judeu, do que o do Apostolo dos Gentios n'essa mesma epistola aos Romanos.

«São inexcusaveis, porque tendo podido conhecer, e tendo conhecido Deus em suas obras, não o glorificaram como Deus... Mas desvaneceram-se em seus

pensamentos; e seu coração obscureceu-se... Embora se digam sabios, volveram-se fatuos... Substituíram o Deus incorruptível pela imagem de homens corruptíveis, de aves, de quadrúpedes. Assim é que Deus os entregou aos desejos impuros de seus corações, de forma que tem deshonrado sua própria carne. Porque transformaram a verdade de Deus em mentira, adoraram e serviram a creatura, Deus entregou-os a suas paixões de ignominia... Os homens e as mulheres cometeram crimes contra a natureza. A mulher ardia em desejos pela mulher, o homem pelo homem, abandonados como estavam a um senso depravado..., cheios de toda a iniquidade, de malícia, de fornicção, de avareza, de inveja, de morte! São malignos, brigões, delatores, detractores, violentos, arrogantes, calumniadores, desobedientes, dissolutos, insensatos, sem affeição, sem misericórdia!...» Eis escripta por um grande genio e um grande sancto a historia do mundo ou pelo menos da parte do mundo a mais civilizada. S. João, o apóstolo da castidade e da caridade, resumiu este quadro em uma unica phrase: *Todo o mundo está sepultado no mal. Nós, a quem Jesus Christo salvou, somos de Deus e não peccamos.*

Jesus Christo salvou o mundo de todos os vicios e dos vicios os mais vergonhosos... O proprio Cicero, que falou tão bem dos deuses e da virtude, dizia-se auctorizado pelos antigos a praticar a sodomia e o incesto.

Jesus Christo salvou o mundo da idolatria e de uma idolatria systematicamente corruptora, pois as paixões as mais contrarias á razão e á natureza tinham seus deuses, seus templos, seus altares, seus sacerdotes, seus cultos e muitas vezes seus mysterios secretos e infames.

Jesus Christo salvou o mundo da barbarie e da civilisação podre, ainda peor do que a barbarie, peor ao menos do que o estado selvagem.

Jesus Christo salvou o homem da escravidão, não da escravidão regulada, moderada, adoçada que o christianismo pôde tolerar, provisoriamente; mas da escravidão sacrilega, espantosa, abominavel, tyrannica, estabelecida e glorificada pelo paganismo, entre todas as nações, e com maior refinamento de crueldade, nos povos os mais esclarecidos e civilizados.

Entre os Gregos e os Romanos, os escravos não eram homens, eram cousas; compravam-nos, vendiam-nos, mandavam-nos matar, quando para nada prestavam já; lançavam-nos até em pabulo ás feras dos circos ou ás morêas engordadas nos tanques dos patricios opulentos. Seu numero era immenso! Athenas contava quatrocentos mil escravos e só vinte mil cidadãos! Roma no tempo de Cicero contava apenas dois mil proprietarios sobre uma população de um milhão e quinhentos mil proletarios. Ainda ha pouco se descobriu em Roma o local das vastas prisões onde, acabado o trabalho diario, amontoavam os escravos, em numero de vinte a trinta mil. Eis a escravidão de que Jesus Christo salvou o mundo! Eis os desgraçados, aos quaes se não despedaçou, ao menos fez cahir os ferros!

Jesus Christo salvou a mulher de uma servidão mais dura talvez e mais humilhante do que a propria escravidão. Por elle a mulher foi levantada á dignidade de companheira do homem; encontrou enfim nos respeitos e attentões de que é objecto a recompensa de sua submissão e de sua dedicação. Com a mulher christã a creança tomou seu logar no lar domestico;olveu-se o laço de união entre os dois esposos: a auctoridade substituiu o despotismo brutal.

Jesus Christo salvou os povos da tyrannia dos poderes publicos. Os governos modernos, diz João Jacques Rousseau (*Emilio* liv. v) devem incontestavelmente ao catholicismo sua mais solida auctoridade e a infrequencia das revoluções; tornou-as menos sanguina-

rias; isto prova-se pelos factos, confrontando-os com os dos antigos governos. Esta mudança não é obra dos homens de letras; as crueldades dos Athenienses, dos dictadores, dos imperadores romanos fazem fé!» Um protestante celebre, lord Fitz William, em suas admiraveis *Cartas de Atticus*, não deixa de dizer «que é impossivel formar um systema de governo qualquer, que possa ser permanente ou vantajoso, a não ser que se apoie na religião catholica romana.»

Salvador do homem da terra e do tempo, do individuo, da familia, da sociedade, Jesus Christo é bem mais o Salvador do homem da eternidade.

As victimas humanas não podiam abonancar a justiça de Deus; disse: Eu venho; e constituiu-se victima de propiciação pelos peccados do mundo; resgatou-o pelo seu sangue; fechou os infernos debaixo de nossos passos; abriu o ceo acima de nossas cabeças; enriqueceu-nos de tantas graças, que, por maiores que possam ser as revoltas das paixões, está no direito de nos dizer como a S. Paulo: «Basta-te minha graça, tanto mais que minha omnipotencia se ostenta mais na enfermidade.» O Salvador fez mais ainda; fez nascer uma quantidade grande de virtudes heroicas e verdadeiramente divinas, multiplicou os Sanctos, tão raros no Antigo Testamento, em proporção immensa. O proprio Voltaire disse: «Todas as virtudes humanas podem ser encontradas nos antigos, mas as divinas só os christãos as possuem» e os christãos catholicos, apostolicos, romanos!

Cumpriu-se pois da maneira a mais evidente e extraordinaria o oraculo de Simeão: *Meus olhos viram o Salvador que vem de vós!*

O mundo inteiro brada a Maria bem alto: Por toda a parte e sempre a salvação veio e vem de Jesus Christo! Por toda a parte e sempre a salvação se tem.

ido e se vai com Jesus Christo! e o delicto superabunda de novo!

Se Jesus Christo é Deus, o Verbo eterno de Deus feito carne, esse resultado immenso de salvação explica-se naturalmente. Se, como opina Renan, Jesus Christo é apenas um reformador humano, bastante fraco, bastante covarde para se deixar arrastar a obrar milagres, a constituir-se impostor, a salvação do mundo é um effeito sem causa, um absurdo monstruoso. E porque é sobretudo na e pela Egreja catholica, apostolica, romana, que Jesus Christo é Salvador do mundo, a Egreja catholica, apostolica, romana é divina.

2.º *A luz que se ha de revelar ás nações.* A historia do christianismo resume-se toda n'estas poucas palavras que o evangelista S. Matheus põe como exordio de seu Evangelho: «O povo que estava assentado nas trevas viu uma grande luz; a luz levantou-se para aquelles que estavam assentados na região das sombras da morte.»

Estas palavras inauditas de Jesus Christo: «Eu sou a luz do mundo; aquelle que me segue não caminha em trevas, mas terá a luz da vida!» volveram-se a seu turno um successo immenso.

Que o mundo antes de Jesus Christo estava sepultado nas mais profundas trevas, nas trevas da morte; que elle estava entregue aos mais monstruosos erros, ninguém se lembrou ainda de o pôr em duvida.

Sim, em toda a parte a noção do Deus verdadeiro se tinha obscurecido, a noite fizera-se em volta dos conhecimentos fundamentaes de nossa origem, de nossa natureza, de nossos deveres, e destinos.

Emquanto o povo se imbebia em toda a parte de tradições desfiguradas, e se mergulhava em uma idolatria monstruosa, a sciencia antiga forcejava por se tornar a apossar da verdade obscurecida pelas paixões; tentava forjar um Deus, mas este Deus era uma mistura

confusa de todos os seres, um parto ridiculo de todas as contradicções! um principio impotente que partilha com o mal o soberano imperio das cousas; um monarcha egoista que se concentra para gozar, no palacio de sua gloria, deixando vogar o mundo aos caprichos do acaso! . . . um destino inexoravel que suffoca a liberdade e fecha os ouvidos ás supplicas da misera humanidade E' o ente de razão que se chama Natureza! E' a materia infinita, eterna, subsistindo por si mesma, e tirando de seu vasto seio todas as existencias.

D'onde vimos? Quem o sabe? As fabulas davam ao homem um pai nos proprios deuses! Deus é um oceano infinito que encerra em si o germen de todas as cousas. O turbilhão eterno, montão de atomos, no seio dos quaes o acaso opera felizes encontros. Que vemos? aqui brutos; alem parcellas de infinitos! ora sem alma, ora com ella, ora com duas ou tres almas. Para um a alma é espirito; para outro é um agregado de atomos! Para muitos o genero humano compõem-se de castas distinctas e ciosas que não devem misturar-se.

Que deveremos fazer? Contemplar o bello, deixar-nos correr á vontade do destino. introduzir a ordem em nossas sensações, medir o prazer pela força de nosso temperamento, fazer consistir toda a moral na voluptuosidade, imitar os deuses que a paixão fabricou, ou exagerar a honra da virtude em proveito do orgulho.

Para onde vamos? Perder-nos sem saudade e sem consciencia no infinito! Rodar sem fim de um corpo para outro! Tomar posse de um paraíso sensual! Extinguir-nos no abysmo do nada!

E tudo isto, *talvez!!!* Porque o erro antigo e moderno nada affirma! Porque Secrates, Platão, Aristoteles, Cicero, Seneca, depois de haverem escripto alternativamente o pró e o contra, mantiveram-se n'um scepticismo absoluto! O proprio Voltaire disse: «Desejaria que para gaudio de todos, para nossa instrucção, todos



os grandes philosophos da Antiguidade, os Zoroastro, os Mercurio Trimegisto, até os Numa, voltassem hoje á terra, e conversassem com Pascal, que digo? com os homens os menos sabios de nossos dias que não fossem os menos sensatos; desculpe-me a Antiguidade, mas creio que fariam uma triste figura. Pobres charlatães! Não venderiam caro suas drogas sobre a Ponte-Nova!»

Ao contrario, Jesus Christo, luz do mundo, ensinou-nos por seus exemplos, por suas licções, por seu Espirito Sancto toda a VERDADE. O resumo da fé que encabeçamos n'esta obra, prova claramente que um menino christão sabe muito mais sobre Deus, sobre o proximo, e sobre si mesmo, do que os mais famigerados philosophos da antiguidade.

Mas não é sómente na esphera religiosa e moral que Jesus Christo é a luz do mundo! Foi necessario muito tempo ao christianismo para corrigir os costumes, esclarecer as intelligencias, converter as nações e organizar as sociedades modernas. A meia idade preoccupara-se muito com os interesses sobrenaturaes e ternos do homem para poder cultivar com ardor e successo as sciencias humanas. No entanto encetava corajosamente o seu estudo, quando a Renascença veio tolher o passo ao movimento christão, e reavivar a lucta entre a carne e o espirito. Não é menos palpavel que a luz scientifica não passa de um reverbero da luz evangelica, e que realmente todos os progressos e conquistas das sciencias, das bellas artes, das artes, são fructo do christianismo.

A prova está em que as nações sabias e industriaes são as nações christãs; que a sciencia ou a industria nascem ou ficam adstrictas a uma rotina mecanica no seio das nações que o christianismo não illuminou, como a China ou o Japão; que o progresso, as invenções, as descobertas são apanagio das nações que illumina mais ou menos a luz de Jesus Christo; que só muito tarde e

que aparecem em as nações que não são ou que deixaram de ser christãs, e ainda por importação ou imitação.

Esclarecida pela fé a intelligencia dilata-se, a vontade fortifica-se; só então é que o homem aspira a dominar os sentidos e a natureza.

Ensinando ao homem por auctoridade verdades, cuja investigação outrora lhe exauria as forças, a fé salvou-o do desanimo ou do scepticismo, e proporcionou-lhe uma base solida; faz mais, pela diffusão e communidade de luzes, cria para elle um contrapeso do senso commum, que o protege efficazmente contra seus desvarios individuaes, e uma alavanca potente que lhe centuplica as forças, pondo as de todos á disposição de cada um. Enfim pela communhão intima entre a alma e seu auctor, entre a verdade e a virtude, a fé introduz no homem um principio de vida que é para o espirito o que o espirito é para o corpo, que concentra, disciplina, inspira seus movimentos, e defende seus thesouros da ferrugem da corrupção. A fé em Jesus Christo volve-se segundo a feliz expressão de Bacon o *aroma da Sciencia, Fides aroma scientiarum*. Eis como forte com o soccorro da fé, o espirito humano que ficara durante quatro mil annos sopitado, e como no estado de infancia, se ergueu a uma altura, nunca por elle conhecida. Marchou de progresso em progresso! «Quando vêdes, dizia ainda Voltaire em uma de suas phases de acalmação, que a razão faz progressos tão prodigiosos, mas só no momento da prégação do Evangelho, olhai a fé como alliada que deve vir em vosso auxilio, e não como inimiga que devais atacar; ousai estremecel-a e não receal-a.»

A prova ainda de que a luz da fé é a luz da sciencia, está em que os mais nobres representantes da sciencia, da razão, do progresso debaixo de todas as suas formas, os guias da humanidade tem sido todos apos-

tolos ou discipulos de Jesus Christo. «Não é difficil, diz d'Alembert, produzir a lista dos grandes homens que tem considerado a religião como obra de Deus; lista capaz de abalar, mesmo antes do exame, os melhores espiritos, sufficiente pelo menos para impor silencio a qualquer multidão de conjurados, inimigos impotentes das verdades necessarias aos homens, que Pascal defendeu, que Newton acreditou, que Descartes respeitou!!!»

Cem vezes o temos recordado: no passado, como no presente, á frente de todos os ramos do saber humano, e entre os genios que fazem honra á humanidade, contam-se christãos sinceros, catholicos fervorosos: o sr. Augusto Nicolas nota que dos sessenta e nove sabios, de quem Fontenelle faz o elogio, talvez não haja tres que não sejam notaveis pela piedade como pelo saber, de sorte que o livro de seus elogios é no fundo uma historia interessante. Em pleno XIX seculo, no tempo fatal, em que a fé, ah! se tornou tão rara, cada uma das secções da nossa Academia da sciencias, Astronomia, Geometria, Mecanica, Geographia e Navegação, Physica, Chimica, Historia Natural, Mineralogia e Geologia, Botanica, Medecina e Cirurgia, lá tem um sabio, não só amigo do christianismo e da Igreja catholica, mas crente e piedoso.

O catholicismo sempre marchou e marchará sempre á frente da civilisação e do progresso, porque ha, diz Balmes «na civilisação europêa, baseado no christianismo, um desejo ardente de perfeição em todos os ramos... um espirito cosmopolita de universalidade e de propáganda, um fundo inexaurível de recursos para se rejuvenecer, uma impaciencia generosa que pretende adeantar-se ao futuro, d'onde resulta uma agitação, um movimento incessante,» etc. Em França antes da Revolução a sciencia era toda christã e catholica, contava em seu seio quatorze grandes universidades e

trinta observatorios astronomicos. Se nos primeiros cincôenta annos d'este seculo, a Egreja catholica marchou no segundo plano é porque tinham derramado o mais nobre e puro de seu sangue, tinham-na despojado de todas as suas riquezas, deixando-lhe apenas com que viver, e precisava de muito tempo para sahir do meio de tantas ruinas.

Mas eil-a de pé, e em seu primeiro impeto aspira já a ressuscitar o ensino superior que sem ella se definhava; quere cultivar com ardor as sciencias humanas, ostenta e desfralda novamente o balsão de Jesus Christo, luz do mundo! Seus inimigos sabem muito bem, já o demonstrámos, que a verdadeira sciencia é necessariamente christã e catholica, não obstante dão vozes enraivecidas contra ella, quereriam á semelhança de Juliano Apostata arrebatá-lhe violentamente a unica liberdade que lhe tem dispensado. Mas sabem-no bem: se no naufragio, com que as douctrinas impias ameaçam a sociedade, as sciencias humanas não perecem, é porque o clero catholico as terá salvo! Suas universidades não são de hontem, e algumas pelo menos estão já certas de um brilhante futuro. Pode dizer-se de Pio IX que é o pontifice o mais apostolico, o mais catholico e o mais romano que se tem assentado na cadeira de S. Pedro: a simples enumeração do que tem feito este papa em favor da sciencia é realmente fabuloso.

Sim, Jesus Christo é a luz do mundo não só religioso, moral e social, mas do mundo sabio. Sua fé é a salvaguarda insubstituivel da sciencia e da civilisação. No futuro, como no passado, as nações que lhe voltarem costas, recahirão na barbarie.

Resumamos. O velho Simeão dissera da creança pobre apresentada no templo, que havia de ser o Estandarte levantado em face das nações, a Salvação do mundo, o Enviado de Deus, a Luz que havia de illumi-

nar todos os povos! E o triplice oraculo cumpriu-se. E' ao mesmo tempo uma prophesia evidente e um milagre brilhante: milagre naturalissimo se aquelle menino era Deus; milagre impossivel se era apenas homem. Logo Jesus Christo é Deus, e porque é sobretudo em face e no seio da Igreja catholica, apostolica, romana, que Jesus Christo é o estandarte, salvação e luz, a Igreja catholica, apostolica, romana é divina.

---

## CAPITULO SETIMO

### Terceiro Esplendor da Fé

*Este está posto para ruina e resurreição de muitos.* (S. Luc, cap. II v. 34.) Depois de ter entregue a Maria sua Mãe o Menino Jesus, a quem nada no exterior distingue dos outros meninos da sua idade, que não traz consigo nenhum signal de força ou de poder, que não balbucia, que não fala senão por seu sorriso, o velho Simeão abençoando-o, dirige-lhe estas palavras propheticas, extraordinarias. inauditas, de um alcance immenso: «*Este está posto para ruina e resurreição de muitos!*» Quer dizer será o senhor soberano, o arbitro unico do genero humano, d'elle só dependerá a ruina ou a salvação, a elevação ou a ruina dos Estados e dos homens, sobre elle repousam d'or'avante os destinos do universo.

Se este Menino não é Deus, este oraculo é uma loucura! E no entanto cumpriu-se á lettra! Sobre toda a face da terra, e na serie inteira das gerações, desde o dia em que foi pronunciado até nossos dias, este oraculo é o resumo fidelissimo, palpavel, de toda a historia. A sorte de muitos que resistem teimosos a Jesus Christo é perecer mesmo n'este mundo; o destino de muitos que militam debaixo de seu estandarte é vencer.

A RUINA DE MUITOS — *O povo judeu.* — Não contente de desconhecer aquelle que Deus tinha enviado, a nação judaica persegue-o e supplicia-o; assim é que essa nação é a primeira, para quem Jesus Christo foi a ruina.

No cerco para sempre memoravel de Jerusalem, por uma complicação de males sem exemplo, os terremotos, a fome, os contagios, a guerra estrangeira e intestina, perecem no espaço de alguns mezes um milhão e cem mil homens! Da cidade immensa e do templo tão magnifico de Jerusalem não resta pedra sobre pedra. Dispersos por toda a terra, os resquicios d'este povo infeliz parecem ter por missão darem em espectáculo a todo o universo o cadaver mutilado e sempre vivo de uma nação reprovada, apegando-se á terra e desherdando-se do ceo.

*Roma pagã.* — Foi, depois da nação judaica, a mais implacavel inimiga do nome christão; será a segunda victima immolada á gloria de Deus e do seu Evangelho... Esta cidade orgulhosa estava ainda no ponto o mais culminante de seu poder e esplendor, quando João Evangelista proclamava com tres seculos de antecedencia, suas humilhações e sua queda; designava os futuros vencedores do povo tantas vezes invencivel, e representava-os primeiro alliados e depois inimigos. Parece que se estão a ver os Godos, os Hunos e os Herulos... Discernem-se os furores de um Alarico e de um Atila, que consummaram afinal a desolação da antiga Roma, a grande cidade edificada sobre sete collinas, que reina sobre os reis, a mãe das fornicações da terra, enebriada com o sangue dos santos e dos martyres de Jesus!

OS DEICIDAS — *Judas.* — Arrojou seus trinta dinheiros para o templo, foi-se e enforcou-se. Seu corpo abriu-se, e as entranhas espalharam-se sobre a terra.

*Pilatos.* Encontrou no tribunal de Caligula, succes-

sor de Tiberio, um juiz digno d'elle. Desterrado para Vienna, capital dos Allobrogos, suicidou-se.

*Caiphaz*, que despedaçara sua tunica de grande sacerdote, exclamando que Jesus era blasphemo, despojado da purpura por um proconsul romano, cahiu no desespero e poz fim a seus dias.

*Annaz*, pai de Caiphaz, acabou tambem pelo suicidio.

OS TYRANNOS E OS PERSEGUIDORES DOS CHRISTÃOS — *Herodes Agrippa*.—Primeiro dos perseguidores, mandou matar S. Thyago o Menor, e prender S. Pedro. Tendo vindo a Cesarêa para presidir ás festas em honra de Cesar, de tal sorte offuscava com o brilho de seus vestidos, que o povo exclamava: «Até aqui consideravamos-te um homem, hoje reconhecemos que dominas a natureza!» No mesmo instante appareceu-lhe um anjo; comprehendeu logo que era o annuncio das vinganças divinas. Alcançado por violentissimas dores de entranhas, volta-se para seus lisongeiros e diz-lhes: «Eis que Deus me condemna a deixar esta terra.» Levado a seu palacio, e vendo do leito o povo prostrado na praça, chora e morre cinco dias depois em meio de dores insupportaveis

*Nero*.—Declarado pelo senado inimigo do bem publico, e condemnado ao supplicio da rocha Tarpeia, é preso com guarda á vista sobre o monte Palatino. Ganhos á força de dinheiro, os soldados abandonam o posto da guarda, e vão passear nos bairros de Roma. Nero fica só, mas vai vibrar sobre si uma punhalada dentro de um sotão com um instrumento que um de seus libertos lhe presta para o attentado.

*Domiciano*.—Foi tão cruel, tornou-se tão odioso, que seus libertos, seus officiaes e sua mulher conspiram contra elle e matam-no.

*Galerio Maximo*.—Preparava-se para celebrar por novas crueldades contra os christãos o vigesimo anno



de seu reinado, quando uma ulcera espantosa invadiu toda a parte inferior de seu corpo. Um sangue dene-grido e podre mana incessantemente com vermes. Seus soffrimentos são intoleraveis; desejaria não haver nunca perseguido os christãos, mas é já tarde, e morre n'um accesso de desespero.

*Maximino II — Daia.*— Ingeriu veneno, mas a dose é demasiada ou muito forte. Assalta-o um delirio furioso, acompanhado de dores horriveis, causadas sobretudo por um fogo interior, prenuncio do do inferno. Crê ver Jesus Christo armado do raio para vingar seus servos decapitados, e morre dando urros sinistros.

*Juliano Apostata.*— Entrou na Persia á frente de um exercito immenso, e seguido de uma frota consideravel. Sua rectaguarda é bruscamente atacada pelos soldados de Sapor; voa em seu auxilio sem ter tido tempo de vestir a couraça; um dardo despedido por mão desconhecida vara-lhe um dos hypocondrios e penetra profundamente no figado. Theodoreto refere que levando a mão á ferida, e enchendo-a de sangue o arrojara para o ceo, exclamando: «Venceste, Galileu!»

*Valeriano.*— Impellido por Marciano, um de seus generaes, perseguiu violentamente todos os christãos do do imperio. Feito prisioneiro por Sapor foi alvo dos mais indignos e crueis tratamentos. O rei servia-se d'elle como de apeadeiro, quando cavalgava; mandou-o esfolar vivo, e quando morto mandou preparar sua pelle para servir de tapete.

*Diocleciano.*— Constantino, seu vencedor, tinha mandado deitar abaixo todas as suas estatuas; tal magoa concebeu por isso, que resolveu morrer. Vagueava de um lado para outro, agitado por continuas inquietações. sem tomar nem alimento, nem repouso, não fazendo outra cousa senão gemer e derramar lagrimas. Desprezado, maltratado, reduzido a aborrecer a existencia, deixou-se morrer de fome e de desespero.

**RUINA DOS INIMIGOS DA EGREJA E DOS PAPAS.**—E' uma das maiores licções da historia, diz de Maistre: todo o principe que se tem atrevido a por mãos sobre o Pontifice ou a affligil-o, pode contar com um castigo temporal e visivel: morte violenta ou vergonhosa, má fama durante a vida, e memoria pouco saudosa depois da morte!

*Adolfo e Desiderio, reis dos Lombardos* — Moveram guerra aos papas Estevão II, Estevão III, Adriano I; Pepino e Carlos Magno marcharam contra elles, põem termo ao imperio lombardo, e dão o exarchado de Ravenna ao Papa.

*Henrique IV, imperador da Allemanha* — Muito celebre por suas luctas impias e violentas contra os papas Gregorio VII, Victor III, Urbano I, morre miseravelmente em Liège, solemnementemente deposto, expulso vergonhosamente por seus subditos conjurados contra elle; implorando em vão a interferencia do summo Pontifice e dos bispos.

*Henrique V, imperador da Allemanha* — Marchando nas pégadas do pai, não cessa de perseguir o papa e a Egreja; morre excommungado e sem descendencia.

*Henrique VI, imperador da Allemanha* — Excommungado por Celestino III, a quem arrebatara o ducado de Benevente, morre pouco depois, de idade de trinta e dois annos apenas.

*Othão IV, imperador da Allemanha* — Infiel a seus compromissos, excommungado e deposto por Innocencio III, morre em um esquecimento profundo.

*Frederico II, imperador da Allemanha* — Excommungado pelo Concilio de Lyão por ter querido despojar a Sancta Sé de seu dominio temporal; declarado decahido de sua dignidade, morre em um canto ignorado da Italia. Seu filho apenas lhe sobrevive alguns mezes; seu neto morre no cadafalso; seu filho natural, Manfredo, provavelmente seu assassino, usurpador da

Sicilia a seu turno, excommungado, é morto na batalha de Benevente, seu corpo foi arrojado a um fosso, sua mulher, seus filhos, seus thesouros entregues ao vencedor.

*Philippe o Bello, rei de França* — Irritado da excommunhão fulminada contra elle pelo papa Bonifacio VIII, envia á Italia um deputado encarregado ostensivamente de notificar sua appellação para o futuro Concilio, mas na realidade para se apoderar da pessoa do Pontifice, a quem esta violencia occasiona a morte. Philippe cahe de um cavallo e morre, de idade apenas de quarenta e seis annos.

*Luiz XIV, rei de França* — A attitude firme da Sancta Sé, nos negocios da Regale, do direito de asylo das embaixadas, da declaração do clero de França, indispol-o fortemente; ameaça e apodera-se do condado de Avinhão. A partir d'esta fatal epocha, o esplendor do Rei-Sol marchou a passos rapidos para o declinar. A gloria de sua bandeira empallideceu, espantou a Europa por seus revezes. Deus poz sobre elle mão pesada, e atacou-o pelos lados mais sensiveis. Tornou-se o escravo das vontades felizmente boas da senhora de Maintenon, que o preparou para uma morte christã e cheia de resignação.

*O Directorio da Republica franceza* — Depois de haver notificado a Pio VI que o povo romano retomava sua soberania, e não mais o reconhecia por seu chefe temporal, mandou lançar mão de sua pessoa, e encerrou-o apezar de suas graves enfermidades na cidadella de Valença onde morreu. Já se gloriavam de ver despedaçados os velhos idolos, como o exigiam a liberdade e a politica! Tres mezes depois, ás gargalhadas da França, o Directorio inclinava-se deante da espada de um moço general, e desaparecia da scena.

*Napoleão I, imperador dos Francezes* — Vencedor de toda a Europa, no apogeu de uma gloria superior á

de Alexandre Magno, o imperador cahiu tambem sobre a pedra angular, e foi despedaçado. Excommungado pelo papa Pio VIII, depois da invasão de Roma, mandou prender á força o augusto velho, conservou-o prisioneiro no palacio de Fontainebleau, saturou-o de magoas e de vexações, separou-o de seus conselheiros, etc. Esperava que o havia de dobrar ao abandono do poder temporal e á cessão dos Estados Pontificios. «E' realmente extraordinario, dizia um dia Napoleão. ao nobre e sancto velho, todos os principes da Europa obedecem a minhas ordens, todos os povos vergam debaixo do peso dos meus exercitos triumphantes, só um velho meu prisioneiro recusa minha amizade. . . Vossa amizade ser-me-hia grata, mas o que quereis é injusto! — Visto que repellis minha amizade, experimentai meu odio! — Magestade, deponho vossas ameaças aos pés do crucifixo, deixo a Deus o cuidado de minha causa — Estulta exaltação! — Imperador, calai-vos, o antigo Deus vive ainda! Ha de despedaçar-vos quando a medida estiver cheia!» Doze annos mais tarde Napoleão prisioneiro em Santa Helena, dizia para um pagem testemunha da terrivel scena de Fontainebleau: «Recordas-te de Pio VII, de sua predicção e de suas palavras? — Sim, Sim! o antigo Deus vive ainda! Elle vos despedaçar! O papa não foi falso propheta! — Meu sceptro não foi despedaçado pelos homens, mas por Deus!»

*Luiz Philippe, rei dos Francezes* — Via na religião um meio de governo: a lei devia ser athêa, i é, indifferente a todos os cultos. Liberal, aconselhou mal Pio IX no começo do seu pontificado.

Por occasião de sua ultima conferencia com Mgr. Affre, que não trepidava em dizer que a Igreja pedia liberdade, e não protecção, que não podia deixar de manter o direito que tinham os bispos de se reunir para tractarem dos interesses de suas dioceses, que re-

cusava dizer-lhe que especie de concessão um delegado dos bispos fôra encarregado de ir solicitar do soberano Pontifice, Luiz Philippe levantou-se, pegou no arcebispo pelo braço, e disse-lhe: «Não vos esqueçais que se tem dado cabo de mais de uma mitra!» O arcebispo levantou-se por sua vez, e disse-lhe: «Isso é verdade! mas que Deus conserve ao rei sua coroa, porque tambem se tem dado cabo de bastantes coroas!» A 24 de fevereiro o rei, já abatido pela morte tragica do duque de Orleans, entrava precipitadamente para um trem com a rainha, sem escolta, sem dinheiro, sem provisões de viagem, e ordenava que o levassem primeiro a Versailles, e depois a Dreux, disfarçado, por entre mil terrores de ser reconhecido, preso e julgado. De Dreux, alcançava as costas da Mancha, e embarcado em um fragil barco, por um mar agitadissimo, desembarcava em Inglaterra, e morria depois de um exilio muito curto.

*Carlos Alberto, rei do Piemonte* — Lisongeu a Revolução mesmo em suas perseguições contra o catholicismo. Deixou violar os sanctos asylos dos religiosos e dos padres, roubar as casas dos Jesuitas, e invadir os paços episcopaes de muitos prelados aliás recommendaveis. Vencido na batalha de Novara, abdica no mesmo dia a coroa, e vai morrer de magoa e de vergonha no Porto, em uma cabana de pescador.

*Napoleão III, imperador dos Francezes* — Os primeiros annos de seu reinado foram felizes. Quiz que Pio IX fosse o padrinho do principe imperial. Mas havia tempo que era hostile ao poder temporal dos papas! Instaram vivamente com elle para que não assignasse o tratado de setembro, pelo qual se empenhava a retirar suas tropas de Roma dentro de dois annos! Recordavam-lhe os destinos de seu tio! Tudo foi inutil. Os Estados Pontificios foram invadidos! Roma tornou-se a capital do reino de Italia. Ao mesmo tempo no castello

de Bellevue, Napoleão III vencido, esmagado, humilhado, entregava sua espada ao rei Guilherme, e partia para o logar de sua prisão. Menos de dois annos depois morria no exilio, despojado de todo o seu prestigio, na modesta vivenda de Chislehurst, felizmente reconciliado com Deus.

**RUINA DOS IMPIOS, DOS HEREGES, DOS SCISMATICOS —**  
*Simão o Mago* — Dizia-se Filho de Deus, e gabava-se de subir ao ceo. Prometteu a Nero uma ascensão solemne em sua presença. Elevou-se de feito aos olhos do imperador, mas por virtude da oração de S. Pedro, cahiu, quebrou as pernas e morreu.

*Ario* — No momento em que fazia sua entrada triumphante em Constantinopla, assaltado por uma dor de entranhas, retirou-se a um logar secreto, e morreu de repente.

*Nestorio* — Expulso por Theodosio de toda a area do imperio, foi apanhado por nomadas. Repatriado, foi ainda exilado por tres vezes, e morreu com o corpo em decomposição, e a lingua roida pelos vermes.

*Luthero* — Assentado á sumptuosa meza dos condes de Mansfield, esvasiando copos uns atraz dos outros de vinhos generosos, solta redeas a seu humor caustico contra o papa, o imperador, os frades, e o proprio diabo. Levantando-se em seguida, tira da parede um pedaço de cré, e escreve este famoso verso: *Pestis eram, vivens, moriens, tua mors ero, Papa* — vivo, eu era tua peste, ó Papa, morto serei a tua morte! — Immediatamente sente-se preza de uma tristeza insuperavel, que nunca mais o largou. Em a noite de 17 para 18 de fevereiro de 1545, mortaes augustias lhe torturam a alma, entra em agonia e expira, depois de ter protestado em uma oração sacrilega, que confessara e prégara o Christo, mas o Christo que o Papa deshonra, persegue e blasphema!

*Calvino*. — Um de seus discipulos conta sua morte

d'esta maneira: «Calvino morreu como desesperado, torturado e consumido por essa enfermidade muito vergonhosa e cruel, com que Deus afflige os rebeldes e os malditos... Vi com meus proprios olhos seu fim, sua ruina e seu supplicio.»

*Henrique VI II, rei de Inglaterra.* — Seus habituaes desregramentos tinham-lhe causado uma tal obesidade que não podia mover-se senão por meios mecanicos por elle inventados. Nada porem perdera de sua ferocidade e de sua paixão pelo sangue. Estava já estendido sobre seu leito de morte, e ninguem ousava advertil-o do seu estado, porque este aviso seria inevitavelmente seguido de uma ordem de morte prompta e violenta. Morreu pois antes de saber que tocara no termo de sua vida, e sem ter podido assignar um grande numero de sentenças de condemnação que planeava. Affirma-se que em sua ultima agonia, olhando para aquelles que lhe rodeavam o leito, lhes dissera: «Senhores, tudo deitamos a perder, Estado, Egreja, a consciencia e o ceo!»

*Izabel, rainha de Inglaterra.* — Capaz de todos os crimes, não pôde suffocar os remorsos que a consciencia de seus crimes suscita na alma dos tyrannos. Em sua ultima enfermidade, espantada da abominação de sua vida, dizia para os medicos sollicitos em lhe prodigarem seus cuidados: «Deixai-me, quero morrer, a vida torna-se-me insuportavel.» Os grandes da côrte e o arcebispo de Cantuaria, lançaram-se-lhê aos pés. supplicando-lhe que tomasse alguns remedios: nada puderam obter! Estava decidida a morrer, matando-se.

*Thomaz Cromwell* — Foi elle quem moveu Henrique VIII a declarar-se chefe da egreja de Inglaterra, e a perseguir o clero para o obrigar a submeter-se. Depois da abjuração solemne do rei, foi nomeado seu vice-rei e vigario geral para o espirital. Desgostoso de Anna de Cleves que Cromwell lhe tinha trazido

para esposa, Henrique VIII resolveu dar cabo d'elle, e fel-o condemnar á morte por um parlamento como herege e inimigo do Estado. Foi decapitado e todos os seus bens confiscados.

*Oliveiro Cromwell* — Era a alma da conspiração impia que jurara aniquilar o papismo e o Papa. Morreu no leito; mas depois de que angustias! Perseguido pela consciencia de seus crimes, julgava-se incessantemente ameaçado com a espada da divina vingança. Sem amigos, sem servidores fieis, não se fiando em ninguem, tremendo a cada passo de ser assassinado, nunca dormia duas noites seguidas no mesmo aposento, e arranjava em cada um d'elles um esconderijo por onde pudesse escapar-se.

*Voltaire* — Conta-se d'elle que estando ainda moço em um convento de Recolletos, apostrophando o grande crucifixo que se levantava ao centro do claustro, lhe dissera: «Tu és grande, e eu pequeno! Mas quando eu fôr grande, far-te-hei pequeno!» Cumpriu a palavra; tornou-se o inimigo pessoal de Jesus Christo e de sua sancta Igreja, chamando-lhes infames, e combatendo-os com toda a especie de armas. Esmagai o infame!

Era esse grito de guerra infernal que repetia sem cessar! Em fevereiro de 1778, recebera auctorisação de voltar a Paris, foi acolhido como triumphador; coroa-ram-lhe o busto em sua presença na sala do theatro da Comedia franceza.

A' noite, exausto de emoções, saturado de lisonjas, foi assaltado por uma febre violenta. Mandou chamar o padre Gautier, sacerdote da communidade de S. Sulpicio, assignou em presença de testemunhas a retractação exigida e recebeu os ultimos sacramentos! Era seu ultimo acto de hypocrisia. Seu quarto encheu-se de novo de encyclopedistas que não o largaram mais. Gracejou com elles do que chamava sua phantasia de penitencia. No mez de maio teve uma recahida grave.



Quiz ainda chamar o padre Gautier, mas só o deixaram aproximar, quando o delirio do moribundo tornava já inútil o seu ministerio.

Morreu em um horrivel desespero, dirigindo a seus discipulos amargas objurgações, ora invocando a Deus, ora blasphemando-o. A's vezes com voz lastimosa, e muitas em accessos de furor, exclamava: «Jesus Christo! Jesus Christo!» Torcia-se no leito e despedaçava o peito com as unhas...

«Sinto, gritava, que uma invisivel mão me arrasta ao tribunal de Deus... O diabo está acolá! Quer agarrar-me, eu vejo-o, eu vejo o inferno; escondi-me!»

Em um accesso de sêde ardente levou a bacia da cama aos labios, e exgotou-a, deu um grande grito, e morreu sujo das proprias immundicies e do sangue que lhe sahia a borbotões da bocca e do nariz.

«Não posso recordar-me de semelhante espectaculo sem horror! escrevia o celebre douctor Tronchet a Bonuet de Genebra. Desde que viu que tudo quanto fôra tentado para lhe augmentar as forças produzia o effeito contrario, a morte levantou-se como espectro deante de seus olhos, e a raiva e o desespero cresceram sempre.» Ruina! Ruina!

*Condorcet* — Tinha grandes qualidades, genio urbanidade, o que fazia um contraste frisante com sua effervescencia revolucionaria. D'Alembert comparava-o a um vulcão coberto de neve, e chamava-lhe carneiro enraivado. Não reconhecendo no mundo senão a materia, mas dotada de uma força progressiva eterna e de uma energia divina, destinada a depurar-se e engrandecer-se por si mesma, foi como o patriarcha do atheismo scientifico moderno. A exemplo de tantos innovadores modernos, cheios de imprudencia, semeava ventos sem prever a tempestade que havia de perdê-lo. Posto fóra da lei, viu-se obrigado a esconder-se nas pedreiras abandonadas, onde passou muitas noites. A

fome obrigou-o a sahir d'ali; foi reconhecido, preso e encerrado n'uma prisão. Quando o carcereiro voltou passadas vinte e quatro horas, encontrou-o morto; tomara um veneno violento que havia algum tempo trazia sempre consigo para escapar ao supplicio que o esperava.

*Os corypheus da grande Revolução franceza* — Chaumette, o organisador da festa da Razão; Hebert, chefe dos atheus; Robespierre, o inventor e o pontifice do Ente Supremo; Pétion, o cumplice dos dias 2 e 3 de setembro; Cloots, que blasonava de inimigo pessoal de Jesus Christo; Danton, o organisador da carnificina dos Carmelitas; Fouquier-Tinville, o feroz accusador publico; Carrier, o ministro dos casamentos republicanos; Lebon, padre apostata e fera sedenta de sangue; Schneider, o novo Nero, etc., todos pereceram de morte tragica e violenta! E as mais das vezes aconteceu ser escripta sua sentença de morte sobre actas de accusação impressas d'antemão, e deixadas por elles em branco Ruinas! Ruinas!

*Os corypheus da unidade italiana. O conde de Cavour* — Em sua opinião, nossas divinas crenças eram um flagello, e retardavam o desenvolvimento regular e progressivo do genero humano. Foi elle quem proclamou Roma capital da Italia. Chegou ao apogeu da gloria, eis porem que sua intelligencia se obscurece, sua mão treme. Morre de uma febre pernicioso no proprio dia, em que se celebrava por uma grande festa nacional o anniversario da Unidade. Armellini, que pronunciou em 1848 a queda do Papa soberano temporal, a quem sua mulher increpava constantemente a violação do juramento, que tinha prestado como advogado consistorial, morre em Bruxellas, despresado de todas as pessoas de bem.—Farini, que em sua juventude em Bologna, mostrando o braço nú, gritava que o havia de mergulhar até ao cotovello no sangue dos padres, mor-

re doido! Recusando tomar qualquer especie de alimento, os olhos desvairados, perseguido pelo espectro de uma victima innocente, que entregara ás mãos de uma população furibunda; mettendo horror aos guardas, mergulha o braço até ao cotovello mas nas proprias immundicies e expira.

*De Lamennais* — Poucos homens, mesmo entre os hereges, tem acanhado tão miseravelmente: Ario foi fulminado em um logar sordido, mas não se suicidou, nem se condemnou ao abandono geral, á nullidade civil, ao carroção funebre dos pobres, á valla commum, ao silencio universal sobre um tumulo, que teria devido ser tão illustre. Tudo isto, dizia Lacordaire, forma um espectro que persegue. Ruina!

ELLE FOI POSTO PARA RESURREIÇÃO DE MUITOS! O triumpho de muitos, das sociedades, dos principes e dos particulares que tem seguido fielmente a Jesus Christo e a sua sancta Egreja, e tem posto só n'Elle toda a sua confiança, é a seu turno um grande facto historico, certo e palpavel.

NAÇÕES E SOBERANOS — *Israel* — Parecia que em virtude da reprovação do povo judeu, as promessas feitas aos patriarchas e as esperanças do universo ficavam para sempre comprometidas. Tudo porem revive com a Egreja christã, e esta resurreição é admiravel! Jesus Christo reservou para si de toda a nação judaica doze homens do povo e ignorantes. Semeia-os pelo mundo como grão fecundo, e não tarda que uma ceifa abundante de adoradores em espirito e verdade surja de toda a parte.

*Constantino* — No principio de sua gloriosa carreira, leu no proprio ceo, juncto de uma cruz luminosa, as promessas de seus futuros successos, *In hoc signo vinces!* Mandou inscrever estas palavras sobre a bandeira de seu exercito, e desfralda-a como estandarte á frente de suas legiões.

Desde então conta pelos annos suas victorias; faz morder o pó a cinco imperadores idolatras, que lhe oppunham seus exercitos; torna-se senhor do mundo romano, ao qual manda adorar o divino Crucificado; funda em seguida imperio mais florescente do que o primeiro, e morre em velhice tranquilla, depois de um reinado de trinta annos.

*Carlos Magno.* — Subiu ao throno joven ainda, mas da juventude conservara apenas o vigor e a actividade; não empregou seu poder senão em ampliar o reino de Jesus Christo. Assim é que não houve gloria comparavel á sua.

Marcha de victoria em victoria, de triumpho em triumpho. Sua magestade e sua bondade desarmavam os rebeldes, que seu braço não vencera ainda. Que bello dia aquelle em que o soberano Pontifice Leão III, na basilica de S. Pedro em Roma lhe collocou a corôa imperial sobre a fronte, ao mesmo tempo que o povo romano repetia em altos gritos: Vida e victoria a Carlos o muito pio, coroado de Deus, grande e pacifico imperador! O mundo conta-o no numero de seus heroes, e a religião no de seus sanctos! Resurreição!

*Convertidas illustres.* — Mas a magnifica realisacão do oraculo de Simeão mostra-se sobretudo na historia dos grandes convertidos. A conversão é um milagre da resurreição das almas, realmente mais assombroso do que o da resurreição dos corpos. O corpo morto de feito não oppõe a sua resurreição senão uma resistencia passiva, ao passo que a alma, pelo peccado morta, oppõe a sua resurreição uma resistencia activa e por vezes tenacissima.

A conversão prova pois invencivelmente a divindade da religião, no seio da qual se opera, porque é propria da religião catholica, apostolica e romana com exclusão de qualquer outra igreja christã; pois são os melhores sectarios da heresia ou do scisma que passam

para o catholicismo, vencidos por uma conversão sincera, em quanto que são os maus catholicos que passam para a heresia ou para o scisma, por uma verdadeira preversão! A Igreja catholica, apostolica e romana, é a unica divina.

Esboçemos a historia de alguns d'estes convertidos illustres.

*Maria Magdalena.* — O Evangelho designa-a com o epitheto de peccadora da cidade! Possessa de sete demonios! Simão o phariseu estranha e pasma de que Jesus Christo a consinta a seus pés!

Mas ella arrepende-se e ama! Seus peccados são-lhe perdoados; sua vida não será mais do que um longo acto de amor! Renan finge-a mentecapta!

Jesus Christo transformou-a n'uma grande sancta, cujos louvores serão celebrados pelo mundo inteiro até ao fim dos seculos. O oraculo cumpriu-se. Resurreição!

*S. Paulo.* — E' Benjamin, lobo voraz, que de manhã arrebata a preza, e á tarde transforma-se em cordeiro!

«Eu atormentava, confessa elle, os sanctos nas synagogas. Meu furor augmentava todos os dias. Chegara ás portas de Damasco. Vi uma luz mais brilhante que o sol. Cahi por terra... Ouvi uma voz, que me dizia: Saulo, Saulo, porque me persegues? Respondi: Quem sois vós, Senhor? O Senhor disse-me: Sou Jesus a quem tu persegues!... Envio-te aos Gentios afim de que se convertam das trevas á luz, de Satan para Deus.» Ao mesmo tempo que os companheiros de S. Paulo, tomando-o pela mão, o introduziam em Damasco, Deus apparecia a Ananias e dizia-lhe: Levanta-te! Vai a casa de Judas e procura por Saulo de Tarso. Mas, Senhor, elle vem para carregar de cadeias aquelles que invocam vosso nome!... Elle ora, torna o Senhor, e eu escolhi-o para que prégue meu nome aos Gentios, aos

reis e aos filhos de Israel. Ananias foi, impoz as mãos a Saulo; logo escamas cahiram dos olhos, e recuperou a vista! E prégava nas synagogas que Jesus é o Filho de Deus!... Seu impulso foi o de um gigante. Attingia de salto o conjuncto de todas as virtudes, o amor de Deus, o amor de Jesus Christo, o amor de seus irmãos, amigos e inimigos! E seu ministerio foi soberanamente efficaz. O mais sabio dos philosophos, Aristoteles, o mais eloquente, Platão, o mais illustre, Socrates, etc., honraram a Grecia com seus ensinamentos e com os exemplos de sua vida. Apenas foram bronzes que soam ou cymbalos que retiniam! Corintho, apesar da presença dos sete Sabios, ficou a cidade a mais corrompido do mundo: só no templo de Venus não se contavam menos de mil cortezãs! Paulo, o associado de um judeu que auxiliava na fabricação das tendas, prégou n'esta cidade impudica a mortificação dos sentidos e o desprezo das riquezas, e converteu-a!... Chegado ao termo de sua divina missão, Paulo dizia a Deus na singeleza de sua alma: Consumei a minha carreira: combati o bom combate; guardei a fé! Resta-me a corôa de justiça que me está reservada e que o justo juiz não me fará esperar... Sua nobre e sancta cabeça rolou ao corte da espada do carrasco; seu tumulto bem mais glorioso, do que o dos conquistadores, dos imperadores, dos philosophos os mais celebres, transformou-se n'uma immensa e magnifica basilica, aonde vem orar peregrinos de todo o mundo. S. João Chrysostomo, a quem seu genio, sua eloquencia e seu zelo ardente fez denominar *Bocca d'ouro*, prestou a S. Paulo esta homenagem sublime:

«Quando te contemplo, fico estupefacto!» O sr. Renan com sua penna sceptica e acerada, resume seu sacrilego *Estudo de S. Paulo* n'estas crueis palavras, que são aliás um esplendor da fé: «O Christo que lhe fez

revelações pessoais é seu proprio phantasma, é a si mesmo, a quem ouve, julgando ouvir a Jesus.»

Jesus impostor! Paulo allucinado! E o mundo convertido! Ressurreição!

*S. Dyonisio Areopagita* — Um dia vê entrar no Areopago um homem de fronte vasta, olhar profundo, de rosto inspirado: era S. Paulo. Ouve-o, sente-se tocado, converte-se, e torna-se um escriptor inspirado. Debaixo de sua perna douta, o ensino de S. Paulo explana-se em mysteriosas harmonias, que sobem da terra ao ceo. A seu turno faz-se apostolo, evangelisa a Gallia; funda a Igreja de Paris; morre martyr, illustrando para sempre a ditosa collina com seu sangue. A esplendida basilica de S. Dyonisio tornará seu nome para sempre immortal, em quanto que o nome dos outros areopagitas seus collegas, jaz sepultado em profundo esquecimento. Ressurreição!

*S. Justino*. — Estudara alternativamente as doutrinas de Zenão, de Aristoteles, de Platão, seu espirito com estas leituras turbara-se, e seu coração ficara mais irrequieto.

Certo dia que passava á beira-mar, um velho desconhecido, de exterior venerando, diz-lhe que a verdade só se encontra nas prophcias e nos milagres do Evangelho.

Faz-se christão, recebe o sacerdocio, conservando todavia seu manto de philosopho, e forma na primeira escola discipulos illustres. Sua fé ardente traduziu-se em obras de brilho; sua primeira apologia desarmou o imperador Adriano, a segunda fez impressão profunda sobre o espirito de Marco Aurelio. Como era eloquente, quando dizia aos Romanos: «Fui outrora o que vós sois, sêde hoje o que eu sou. A força da religião christã illuminou-me, livrou minha alma da escravidão das paixões; trouxe-me a serenidade e a paz.» A alma assim esclarecida está segura de se unir um dia a seu Crea-

dor. Pagão, Justino teria sido um philosopho ignorado; christão, Justino brilha e brilhará para sempre com um brilho puro, vivo e vivificador. Resurreição!

*Santo Agostinho.* — Alma ardente e sensível, espirito vivo e penetrante, coração amoroso em extremo, segue facilmente pelo declive rapido dos prazeres e do erro. Mas a mãe incomparavel, Santa Monica, vigia-o com fervor. A graça persegue-o incessantemente.

Certo dia, cahe de joelhos e exclama: «Até quando, Senhor, direi amanhã, amanhã? Porque não ha de ser hoje, n'este mesmo instante?» Ouve uma voz interior que lhe diz: «Toma e lê!» Um volume das *Epistolas* de S. Paulo estava a seus pés. Toma-o e lê: «Caminhemos honestamente, não nos excessos da meza e na embriaguez, não na dissolução e na impudicicia, não na contençaõ e na rivalidade! Revistamo-nos do Senhor Jesus e não façamos caso da carne.» Immediatamente surge-lhe no espirito sua vida de erro e de prazer em todo o seu horror, uma luz sobrenatural illumina sua intelligencia, os encantos da virtude enamoram-lhe o coração. Está convertido!

Retira-se em companhia de sua mãe para uma scolidão visinha de Milão, e não a deixa senão para receber o baptismo das mãos de Santo Ambrosio. Volta á Africa sem Monica, ah! morta em Ostia, e continúa perto de Tagaste sua vida solitaria e laboriosa. Aceita muito a seu pezar a coadjutoria de Valerio, bispo de Hippona, e succede-lhe mais tarde, vivendo de boas obras, não se preocupando senão da gloria da Egreja, e da felicidade da patria, e morre aos setenta e seis annos, succumbindo á previsãõ das desgraças que o cerco ameaça a sua cara Hippona, legando á posteridade monumentos impereciveis de seu genio, erudição e zelo. Possidonius, um de seus contemporaneos, eleva o numero de suas obras a mil e trinta, comprehendendo seus sermões e suas cartas. Não resuscitado por Jesus



Christo, Agostinho teria sido um habil rhetorico, mas d'ha muito esquecido; uma ruina moral! Auctor de uma das quatro grandes regras da vida religiosa, fundador dos clerigos regulares, pai de multidão innumeravel de religiosos agostinhos e de religiosas agostinhas que forma para a justiça, brilhará como estrella em perpetuas eternidades. Resurreição!

*Santo Ignacio de Loyola.* Gentil-homem espanhol, escolhera a carreira das armas e levava a vida dissipada dos campos. Se Deus o não houvera resuscitado, teria ficado vulgar e desconhecido. Ferido no cerco de Pamploña e condemnado a um repouso forçado, pediu um livro para se distrahir. Não havia no castello senão a *Vida dos Sanctos!* Esta leitura impressiona-o fundamente e converte-o; toma logo a resolução de se consagrar todo á defesa da Sancta Egreja e á maior gloria de Deus. Cavalleiro de Jesus Christo e de sua divina Mãe, faz sua primeira vigilia de armas na capella de Nossa Senhora de Montserrat, e corre a occultar-se na gruta de Manresa, onde parece que Deus lhe revelou seus *Exercicios espirituaes*, com os quaes ha de effectuar a conquista dos primeiros companheiros de seu apostolado, que mais tarde lhe hão de inspirar suas constituições tão admiradas, e o hão de volver pai da immensa familia de apostolos que será a edificação do universo. Conduzido a Roma por impulso irresistivel, orava certo dia em uma capella em ruinas; viu o Eterno Padre que o apresentava a seu divino Filho Jesus Christo, carregado de pesado madeiro e promete de lhe ser propicio. De facto, por uma bulla de 27 de setembro de 1540, o soberano Pontifice aprovou com o nome de Companhia de Jesus sua nova ordem, especialmente dedicada á pessoa do summo Pontifice, á santificação das almas e á educação da juventude. Prodigando-se sem reserva, fundou umas apoz outras em Roma, a casa de retiro para judeus convertidos, casa de refugio para

cortezãs arrependidas, asylos para orphãosinhos e donzellas em perigo de perderem a innocencia. Enfim modelo completo de todas as virtudes, rico de merecimentos, depois de ter recebido do summo Pontifice uma benção especial, *in articulo mortis*, levantando as mãos e os olhos ao ceo, pronunciou o nome sacrosancto de Jesus, e expirou tranquillamente a 31 de julho de 1556. Sua vida resumè-se em sua famosa divisa: *Ad maiorem Dei gloriam*, e tambem nas bellas orações que recitava constantemente: *Suscipe!* e *Anima Christi!* A gloria a mais pura de S. Ignacio e de sua Companhia é de terem sido com Jesus Christo objecto especial das contradicções do inferno e de seus sequazes: *signum cui jcontradicetur*. Tem sido combatidos por toda a parte sempre e em tudo. Esplendor!

*Le Bouthilier de Ransé* — Joven e festejado, o abbade de Ransé forcejava por conciliar o prazer e a moral. «Eu prégio de manhã, dizia elle, como um anjo, e caço á noite como um diabo.» O Senhor foi-o attrahindo insensivelmente a si por uma serie de accidentes que lhe fizeram tomar a resolução de se consagrar inteiramente a Deus.

Retirou-se para o seu castello de Vêret na Touraine; mas bem depressa desgostoso da magnificencia e da voluptuosidade que tudo n'elle respirava, o vendeu com a baixella de ouro e de prata, deu o producto aos pobres, despediu os criados, demittiu-se de todos os beneficios, á excepção da abbadia da Trappa, onde se estabeleceu na qualidade de abbade regular, com a vontade decidida de ahi restabelecer a restricta observancia.

Inabalavel em sua resolução, sem nunca se cançar com semelhante vida de austeridades, sempre indefesso na practica de uma piedade ardente, morre penitente sublime na palha e na cinza, com grande edificação da côrte de Luiz XIV. Que gloria para o fidalgo outrora

tão leviano o ter-se volvido pai, grave e presadissimo, d'essas numerosas familias de trappistas que alegram os ceos, assombram a terra e fazem fremir o inferno pelo heroismo de uma vida excessivamente mortificada!

*O R. Padre Lacordaire* — Na provincia bebera na propria nascente da incredulidade, e apesar de em sua vinda a Paris se ter posto em relação com fervorosos christãos, nem sequer pensara em converter-se. Eis como elle proprio refere sua conversão: «Luz alguma me veio dos homens. Vivia solitario e pobre, abandonado ao trabalho de meus vinte annos, sem jubilos interiores, sem relações agradaveis, sem attractivos pelo mundo, sem os inebriamentos do theatro, sem paixões de relação, de que tivesse consciencia, a não ser um tormento vago de reputação. Foi n'esse estado de isolamento e de melancholia interior que Deus veio procurar-me. E'-me impossivel dizer em que dia, em que hora, e como é que minha fé, perdida havia annos, tornou a aparecer em meu coração como phanal que não estava extincto. A theologia diz-nos que ha uma outra luz do que a da razão, uma outra impulsão do que a da natureza, que essa luz e essa impulsão emanadas de Deus, operam sem que saibamos d'onde vem e para onde vão.» *O R. Padre Lacordaire* teve duas grandes glorias: a de crear um genero de eloquencia nova e a seu modo inspirada, que esclareceu muitos espiritos e tocou bastantes corações; e a de restaurar em França a ordem illustre dos Padres Prégadores e de ser o patriarcha de uma geração de oradores que proseguem com brilho e com exito sua sancta missão.

*O R. P.º Libermann*. — Seu pai, rabbino muito influente, destinava-o ás honras da synagoga, e com cedo instillara em seu coração o odio que os judeus votam aos catholicos! A vista de uma cruz fazia-o fugir, a pressança de um padre arrancava-lhe gritos de raiva.

Seus estudos, exclusivamente rabbinicos, deram em resultado conceber um entranhado horror aos christãos, levado ao fanatismo. — Mas a graça aguardava a occasião de domar este novo Saulo!

Abriu-lhe largamente o coração, e recebeu o baptismo em sentimentos de calma e fé verdadeiramente pasmosos. Não era só um christão que Deus trazia a sua Igreja, era um sacerdote, um fundador de uma Congregação religiosa e um apóstolo. Escapou ás garras de uma cruel enfermidade, a epilepsia, que devia reduzi-lo a uma impotencia absoluta, mal acabara de receber o sacerdocio, logo se tornou o fundador e o superior geral das Congregações reunidas do Espirito Sancto e do Coração Immaculado de Maria para o apostolado dos negros. Consumido em poucos annos, percorreu uma carreira immensa, brilhou com o brilho de heroicas virtudes. O processo de sua beatificação está já instruido. Resurreição!

Poderíamos multiplicar ao infinito esta gloriosa lista de resuscitados por Jesus Christo, conquistas gloriosas de sua graça, milagres vivos de sua omnipotencia sempre subsistentes.

Mgr. Boëss, o sabio e piedoso bispo de Strasbourg, teve a feliz ideia de escrever a historia dos principaes convertidos da Allemanha depois da Reforma até nossos dias. Seus doze volumes, nos quaes figuram e resplandecem muitos milhares de resuscitados de Jesus Christo, são um monumento incomparavel levantado á gloria da sancta Igreja catholica, apostolica, romana. Ah! se tambem se escrevesse a historia dos prevertidos, por bem pouco conhecidos, que passaram para os bandos do scisma e da heresia, como seria eloquente o contraste? Alem a resurreição com todos os seus fulgores; aqui a ruina com suas torturas e ignominias.

OS SANCTOS E AS SANCTAS. — Os resuscitados de Jesus Christo são finalmente essa multidão innumeravel de

sanctos e de sanctas, generosos vencedores do mundo, do inferno e de si mesmos, que sustentando palmas nas mãos e diademas nas frentes, resplandcentes de luz divina e inebriados de delicias immortaes, celebram por hymnos de acções de graças a gloria de seu triumphador e os ineffaveis beneficios de seu Salvador. Como são grandes! como fazem honra a Jesus Christo e a sua sancta Igreja, esses apostolos que perlustraram o universo, subjugando pela força da Verdade, pelo ascendente de um poder evidentemente sobrenatural os sabios e os ignorantes, os philosophos e seus discipulos, os povos e os Cesares! •

Como são grandes esses prophetas inspirados do ceo que predisseram com muitos seculos de antecedencia essa espantosa revolução! Como são grandes esses martyres, cuja força e coragem nada pôde abater; esses confesores de heroicas virtudes e de caridade ardente; essas Virgens, lirios radiantes surgindo a'entre os espinhos de todos os vicios, etc., todos esses sanctos, n'uma palavra que bem melhor que o firmamento, proclamam a gloria de Deus! que na linguagem energica de S. Paulo venceram pela fé os reinos, practicaram a justiça, conquistaram promessas, fecharam as fauces dos liões, extinguiram a impetuosidade das chamas, escaparam ao no da espada, triumpharam da enfermidade, naurindo sua força na fraqueza, e pondo em desordem o campo dos infieis, etc. Resurreição!

---

## CAPITULO OITAVO

## Quarto Esplendor da Fé

*Este menino será posto como alvo de contradicção.* (Luc. cap. II, v. 34.) O menino, tão bello, tão meigo, de quem o velho Simeão disse que seria posto em alvo de contradicção, *signum cui contradicetur*, é aquelle, cujo nascimento os anjos annunciavam entoando: **PAX HOMINIBUS BONÆ VOLUNTATIS.**

Condensará todo o seu ensino n'esta unica recommendação:

*Aprende de mim que sou manso e humilde de coração.*

Sua vida poderá escrever-se n'estas duas unicas palavras: *Passou fazendo o bem.* Sua voz não retinia estentorosa nas praças publicas; não acabava de partir a canna a meio quebrada; não extinguia a mecha que fumegava ainda! As creanças apertavam-se em redor d'elle, e a multidão seguia-o longe ao deserto, attrahida pelos encantos de sua conversação e a sublimidade de sua doutrina e o resplendor de seus milagres! Salvador enviado de Deus, luz que se ha de revelar ás nações, cordeiro immolado pelos peccados do mundo, deveria ser adorado, amado, bemdito de todos, e eis que Simeão

prophetiza que seria alvo da contradicção em toda a força da expressão, alvo da contradicção universal, incessante, encarniçada, excessiva! Eis a prophecia, eis o oraculo! E sua realisação enche tambem o mundo, o tempo e o espaço. Esplendor!

Quando nasce, não ha para elle logar nas hospedarias de Belem; nasce pois n'um estabulo abandonado. Herodes, advertido já tarde de seu nascimento, resolve mandal-o matar, e eil-o condemnado a fugir para o Egypto. De volta do exilio, Archelau ameaça ainda seus dias, terá de ir viver para Nazareth, na obscuridade, na pobreza e no trabalho. Durante sua vida publica, soffre sêde, fome, fadiga, e não tem onde repousar a cabeça. Será sem cessar contradicto! Se expulsa os demonios, fal-o sem nome de Belzebuth; se opera milagres, é por intervenção do diabo, pois é peccador!

Armam-lhe laços, conspiram contra elle. preparam-lhe a morte, dizendo que é bom que um homem morra pelo povo; pronuncia-se contra elle a grande excommunhão, e expulsam-no da synagoga; está reduzido a não poder andar em publico, a occultar-se, a fugir para o deserto. A hora das ultimas contradicções bateu. Seus inimigos resolveram prendel-o; ajustam com Judas o preço da traição; Judas entrega-o por um osculo; é preso, cercam-lhe a garganta com uma corda, é arrastado pelas ruas de Jerusalem, coberto de saliva, declarado blasphemador, insultado, contundido, arrastado, abandonado por seus apóstolos, renegado por S. Pedro, revestido da tunica dos loucos, flagellado, coado de espinhos, apupado como rei de theatro, posto em parallelo com Barrabás, rejeitado, condemnado á morte, carregado com uma cruz, arrastado ao supplicio, crucificado, ultrajado, blasphemado, maldito. Morre dando um grande grito! Um soldado romano vara-lhe o coração com uma lança, e guardas são postados em seu tumulo para que seus discipulos não pudessem

furtar seu corpo, e assim fizessem crer em sua resurreição. Contradição!

Resuscitado e ascendido ao ceo, será como nunca, alvo da contradição, não em sua pessoa physicamente inviolavel, mas na pessoa dos seus.

Prometera-lhes que seriam aborrecidos por causa de seu nome, e de feito o odio desencadeia-se primeiramente contra os Apostolos e os christãos do seu tempo, expulsos tambem das synagogas, lançados em prisão, martyrisados como Estevão, Thyago o Menor, etc.

Quando desesperados e privados de todo o poder, os judeus estiverem na impossibilidade de cevar seu odio contra os christãos, os imperadores romanos serão a seu turno instrumentos implacaveis de contradição. Nero, Domiciano, Trajano, Marco Aurelio, Severo, Maximino e Juliano o Apostata, ordenaram perseguições geraes, em que pereceram milhões de christãos.

Era a Jesus Christo que se contradizia em seus martyres, pois a primeira intimação que lhes faziam era de o renegar, de calcar aos pés sua cruz, e de sacrificar aos idolos que a prégação do Evangelho deitou por terra.

Quando os perseguidores desapareceram, todos ou quasi todos, victimas memoraveis da justiça divina, os executores do oraculo sagrado da contradição hão de ser os hereges e os scismaticos! Disputarão a Jesus Christo todo o seu ser: sua divindade que elle como que aniquilou por nosso amor, sua sacrosancta humanidade de que se revestiu para ser nossa victima, sua alma que foi triste até á morte, sua vontade que sacrificou á de seu Pai, sua liberdade que abdicou, seu corpo que entregou ao supplicio por nós, etc., etc.

Ario contradirá a divindade do Verbo, sustentando que o Filho de Deus não é igual em tudo, nem consubstancial a seu Pai. Macedonio negará a divindade do Espirito Sancto, contradirá a Incarnação do Verbo di-



vino em Maria pela virtude do Espirito Sancto. Pelagio negará o peccado original, contradirá a necessidade da graça e da Redempção por Jesus Christo.

Os semi-pelagianos contradirão tambem o divino Redemptor, affirmando que o homem pode merecer a graça por um principio de fé e por um bom movimento da natureza: Nestorio contradirá a divindade do Filho do homem, affirmando que Maria, sua mãe, não pode ser chamada Mãe de Deus, distinguindo assim a pessoa de Jesus Christo da pessoa do Verbo divino. Eutyches contradirá Jesus Christo, negando a unidádé das pessoas e a dualidade das naturezas, affirmando que depois da Incarnação não ha em Jesus Christo mais do que uma natureza. Os monothelitas \* contradirão Jesus Christo, recusando-lhe duas vontades e duas operações, divina e humana.

Os iconoclastas contradirão a Jesus Christo, declarando guerra a suas imagens, ás imagens de sua divina Mãe e de seus sanctos. Phocio contradirá Jesus Christo negando que o Espirito Sancto proceda do Pai e do Filho, e seperando-se de sua sancta Egreja. Beranger disputará a Jesus Christo sua presença na Sua sagrada Eucharistia, negando a transsubstanciação. Wicief atacará Jesus Christo na auctoridade do Pontifice romano, que não será o chefe da Egreja. Luthero contradirá as doutrinas da Revelação sobre o peccado original, a justificação, os sacramentos, as indulgencias, o primado da Santa Sé, o Purgatorio, o livre arbitrio, o merito das boas obras, etc., e porá em tumulto toda a Egreja de Jesus Christo etc. Calvino, fazendo peor do que Luthero, rejeitará a invocação dos sanctos, o papa, os bispos, os padres, as festas, as ceremonias sagradas. Henrique VIII contradirá Jesus Christo, declarando-se

---

\* O texto traz por erro «monotheistas».

chefe da Igreja, e passando rapidamente do scisma á heresia protestante. Baio contradirá Jesus Christo por numerosos erros e palmares sobre a graça, o livre arbitrio, a justificação, o peccado original. Jansenio ousará affirmar que Jesus Christo não morreu por todos os homens: que Deus recusa a graça não só aos peccadores, mas até aos justos; que os sacramentos não devem ser administrados senão aos sanctos.

Depois dos reformadores que dispuzeram os espiritos para a insubordinação e para a incredulidade vem os socinianos que rejeitam de seu symbolo todos os dogmas e todos os mysterios inacessiveis á razão: a SS. Trindade, a divindade de Jesus Christo, a Incarnação, a satisfação do divino Salvador, os effeitos dos Sacramentos, a operação da graça, etc., que affirmam n'uma palavra que toda a Redempção consiste em Jesus Christo nos ter dado licções e exemplos de sanctidade, e que morreu para sellar sua doutrina.

Depois das negações do socinianismo vieram os furores da philosophia do xviii seculo materialista e athea.

O chefe do partido, Voltaire, tinha havia muito feito juramento de votar sua vida á ruina da Igreja e de toda a religião revelada. Obstinando-se em ver no christianismo uma invenção humana, proposta pelos padres, imposta pelos reis, chega a ter-lhe horror; designa-o com o nome de infame; d'or'avante seu grito de guerra será este: «Esmagai o infame! O que mais me interessa é o invilecimento do infame... Empenhai todos os irmãos em perseguir o infame, de viva voz e por escripto, sem lhe dar um instante de tregoas...»

Era um exercito que aguerria contra Jesus Christo e a Igreja... «Formai um corpo, agrupai-vos, e sereis os senhores...» E esta matilha encheu de seus uivos infernaes a *Encyclopedia universal*, monumento immenso de falsa philosophia, de uma sciencia insurgida contra a

fé, de historia tecida de fabulas e de mentiras, etc, etc.

Depois da philosophia, e por ella chocada, veiu a Revolução franceza, que passou das palavras a actos, das ameaças a vias de facto. Depois de ter semeado a perturbação e a divisão na Egreja, supprimido todas as ordens religiosas, laicisado e algemado o clero, procreveu a religião christã e proclamou o culto da Razão. Jesus Christo foi expulso de seu tabernaculo e de seu templo! E vis cortezãs, fazendo-se passar como rainhas do Deus-razão, receberam o incenso das turbas.

A contradicção foi como um mar immenso; enguliu tudo.

Até então pelo menos tinham deixado a Jesus Christo seu ser, sua realidade historica.

Mas eis que chega a critica moderna para lhe disputar as acções de sua vida, as palavras de sua bocca, sua personalidade, sua existencia n'uma palavra. Em sua *Vida de Jesus* que teve um tão fatal retinimento, o doutor Strauss chega a dizer: «O sujeito dos attributos que o Evangelho e a Egreja concedeu a Jesus Christo, não é um individuo, mas uma ideia! Em um individuo, em um Deus-homem, certos attributos pugnam entre si. Na ideia ou no espaço concordam. A *humanidade é a reunião de duas naturezas, o Deus feito homem, o infinito descendo á condição de finito, e o espirito finito que se recorda de sua infinidade. Ella é o filho do Pai invisivel e da mãe visivel, do espirito e da natureza... Ella é o thaumaturgo... Ella é imperecivel... Ella é aquelle que morre, que resuscita e sobe ao ceo.* Christo é a Humanidade. E esta abstracção sacrilega, insensata, achou echo em grande numero de espiritos contradictores de Jesus Christo.

A contradicção do sr. Renan é ainda mais revoltante: Compraz-se em despojar o divino Salvador de todo o seu brilho real, de todo o seu prestigio sobrenatural e divino para o fazer passar por um personagem

vulgarissimo, ou melhor «pelo verme dos prophetas!» A origem de sua familia é desconhecida... Seu pai e sua mãe eram de condição mediocre... Era o mais velho de uma numerosa familia, mas seus irmãos e irmãs detestaram-no sempre... Estava em revolta continua contra a auctoridade paterna... Calcou aos pés tudo o que ha de mais caro ao homem, o sangue, o amor, a patria... Com uma duzia de pescadores e algumas mulheres, que disputavam entre si a honra de cuidar de sua pessoa, entre outras Maria de Magdalo, pessoa muito exaltada e padecendo de nervos, percorreu a Galileia... Não se esquivava á alegria, e não deixava de comparecer nos divertimentos das bodas... Sua vida era uma festa perpetua... Affectava rodear-se de pessoas de vida equivocada, arriscando-se a encontrar más companhias em casas de fama suspeita... Nada de escandaloso, mas um profundo horror pelos devotos... Como principio social o communismo com seus accessorios, o odio do rico, a destruição da propriedade... Nada de novo em doutrina... Suas continuas affirmações a seu respeito contem o quer que seja de fastidioso... Nunca operou milagres... Era um exorcista esperto em todos os segredos da arte, um tanto feiticeiro, um pouco magnetizador, um tanto espiritista... Impuzeram-lhe a reputação de thaumaturgo... Os actos de illusão e de loucura tinham grande parte em sua vida.

Provinciano admirado dos provincianos, foi mal visto da aristocracia de Jerusalem... Dizia-se altamente o Filho de Deus; era porem um equivoco... Era pantheista, mas sem o saber... No ultimo periodo de sua vida, excedeu toda a medida... Fez crer que era a elle que comiam e bebiam... Gigante cahido, queria que só para elle se existisse, só a elle se amasse... Vendo em sua propria morte o meio de fundar seu reino, concebeu pensadamente o proposito de se fazer ma-

tar.... Desesperançado, impellido até ás ultimas, não se pertencendo mais a si mesmo, prestou-se a uma scena miseravel (a fingida resurreição de Lazaro) que o arrastou ao supplicio... Tudo se passou com toda a lealdade .. Um grande sentimento de ordem e de policia conservadora presidiu a todas as medidas adoptadas... Jesus foi pregado na cruz... Forcejaram por estabelecer a fé em sua resurreição... A forte imaginação de Maria de Magdalo desempenhou n'esta conjunctura um papel capital. Poder divino do amor, momentos sagrados, em que a paixão de uma halucinada dá ao mundo um Deus resuscitado!

Ora eis aqui o Christo do sr. Renan... Já não é um rei, é um personagem de theatro. *Et procidentes adoraverunt eum*. Isto não são processos humanos, são processos satanicos. Estamos em pleno sobrenatural, e nada demonstra com mais força a divindade de Jesus Christo. Esplendor! A contradicção ainda não fica por aqui. Do odio hypocrita devia passar ao motejo e ao desdem. Um litterato conhecido, membro da Assembleia legislativa, cantou esta loa abominavel no natal... «Era realmente um pasmoso sonhador.... Não distinguindo muito entre o meu e o teu .. Não trabalhando para viver.... Mendicante, um admiravel vagabundo.... Infelizmente Deus, o pai desconhecido, dotara-o da faculdade perigosa da imaginação... O filho devia commetter terriveis inconveniencias contra as cousas e as pessoas estabelecidas.. Isto foi tão longe, que a sachusetts, a bolsa, o governo... o apanharam pelo gassetete como a simples jornalista e o mataram.... As creanças podem celebrar o nascimento de um tal simplorio. Reparai nas consequencias... A fé está morta, a hypocrisia alastra... Pudor de Tartufo perante a verdade nua!... Compromissos, mentiras, perversão de entendimento, gangrena de character! Em logar de Jesus os Jesuitas... Mil e oitocentos annos perdidos...

Não seria melhor que uma phtysica levasse este Salvador, estendendo-o sobre a palha de seu estabulo, e assim ficaria o mundo livre d'elle? Pobre grande coração, se houvesse podido prever o que se ia fazer d'elle, com que pressa, antes de ter abrido a bocca se teria atirado ao Jordão com uma pedra ao pescoço!» Henrique Rochefort foi mais longe ainda na expressão fria do desdem: «Se o rapaz quizesse applicar-se um pouco, teria sahido mestre na arte de carpinteiro; mas seus pais não podiam sustental-o; andava sempre por fóra; quando chegava a trabalhar meio dia, era a preço dos maiores esforços; despediam-no de todas as officinas. E todavia não era a intelligencia que lhe faltava para seu mister... Quando lhe apresentaram a cruz, onde ia morrer, a primeira cousa que disse foi: Que mal amanhada está! deve ser obra de F...»

O abysmo chama outro abysmo.

Eis enfim a contradicção impellida ao abominavel, ao horrivel.

No reino christianissimo, a 1 de setembro, um jornal pôde dizer impunemente a proposito do processo intentado ao sr. Gambetta: «... Isto já data de ha mil oitocentos annos; um revolucionario de nome Jesus Christo teve seus dares e tomares com a justiça!... a ponto que o infeliz thaumaturgo pereceu sobre o patibulo da infamia... Depois d'isso tem passado por Deus, graças aos archivos dos processos judiciarios, que tão caro lhe custaram como homem!...»

No dia da meia quaresma (15 de março de 1877) a liga das tabernas pedintes, organizada em procissão carnavalesca, passeou nas ruas durante muitas horas, sob a protecção da auctoridade municipal uma imagem do Sagrado Coração com esta inscripção: «Eis aquelle que tanto amou as raparigas!»

Seja pois dicto mais uma vez:

O cumprimento do oraculo do velho Simeão tem

tomado proporções enormes. Humanamente falando, esta contradicção immensa, inexoravel devia parecer in-crível e impossivel, visto Aquelle que é objecto d'ella se offerecer ao mundo como sua salvação, sua luz, sua vida, sua verdade, sua via, o legislador supremo do verdadeiro, do bom e do bello! E como não obstante se dá, colloca-nos em face do sobrenatural e do divino em toda a sua expressão. O espirito que este Esplendor da fé não offuscar e não vencer, será a seu turno um prodigio de cegueira. *Este Menino será um signal de contradicção.*

## CAPITULO NONO

### Quinto Esplendor da Fé

*Vinde apoz de mim, e far-vos-hei pescadores de homens.*  
(S. Matheus, cap. iv, v. 18.) Jesus passando ao longo da praia do mar de Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores; e disse-lhes: Vinde apoz de mim, e far-vos-hei pescadores de homens... E largando as redes, seguiram-no. «*Eu vos farei pescadores de homens!*» Isto é pescadores de almas!

Que singulares palavras dirigidas a pobres barqueiros! Nunca o mundo ouvira cousa assim! *Eu vos farei pescadores de homens!* Quem, se não fora Deus, teria a pretensão extraordinaria de tomar este compromisso solemne?

E' um oraculo patente, uma prophacia maravilhosa! O oraculo traduziu-se n'uma realidade immensa! A prophacia cumpriu-se! O compromisso teve seu effeito!

Desde o dia, em que semelhantes palavras foram pronunciadas, o mundo tem estado notoriamente cheio de pescadores de homens! Os apóstolos e os successores dos apóstolos são por profissão pescadores de ho-



mens! O facto de haverem apanhado em suas redes multidões de homens e de povos, é patente. Eis-nos pois ainda em presença de uma prophesia e de um milagre esplendidos.

Antes de subir ao ceo, Jesus Christo disse a seus apóstolos: Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto; ensina-lhes a observar meus mandamentos! E logo, mas depois de haverem recebido o Espirito Sancto, estes pescadores de homens se espalham por toda a parte prégando e convertendo, i é, effectuando por toda a parte pescas miraculosas de homens.

No proprio dia do Pentecostes e no seguinte, Pedro pescou oito mil grandes peixes-homens. Em seguida os apóstolos repartiram entre si o universo, e envolveram-no todo nas malhas de suas redes. Simão Pedro pescou no Ponto, na Bithynia, na Cappadocia, na Asia Menor, em Antiochia, e em Roma.

André nos Scythas, na Grecia e no Epiro; Thyago o Maior na Judêa, e provavelmente nas Gallias e na Hespanha. S. João na Asia Menor; Philippe na alta Asia; Bartholomeu na Alta Armenia; Matheus na Colchida; Thomé nos Parthos, na India e porventura na China; Thyago o Menor em Jerusalem; Simão na Libia; Judas na Mesopotamia, etc. Paulo aggregado aos apóstolos por uma vocação directa lançou as redes em setenta e sete regiões ou cidades; a simples enumeração dos logares de seu apostolado é uma confirmação brilhante do divino oraculo: «*Far-vos-hei pescadores de homens.*»

A pesca das almas faz-se em primeiro logar directamente pelas missões apostolicas propriamente ditas; em segundo logar no pulpito sagrado pela prégação; em terceiro logar no tribunal da penitencia pela confissão; todos estão auctorisados a dizer a estes povos, como S. Paulo aos Corinthios: Vós sois a corôa do

meu apostolado; fui eu que vos gerei, sois minha obra, minha gloria, minha consolação, minha alegria.

I. *As missões apostolicas.* — E' Jesus Salvador do mundo continuado atravez do espaço e do tempo; é o reino de Deus estabelecendo-se na terra pela conquista das almas para a bemaventurança eterna.

A historia da Egreja não é outra cousa do que a historia das missões; não tem cessado, nem cessarão até ao fim dos tempos.

A lista por ordem chronologica e por ordem alphabetica das principaes missões, occupa á sua parte vinte e seis grandes columnas da Taboa das materias da *Historia universal da Egreja Catholica* do abbade Rohrbacher, setima edição, 1877. Vai em desoito séculos que o mundo inteiro tem sido continuamente sulcado em todos os sentidos por gloriosos pescadores e caçadores de homens ou de almas. E não são pescadores de homens isolados, são familias inteiras, gerações de pescadores de homens, que se succedem e se dedicam incessantemente á conquista das almas. Todos os annos numerosos missionarios partem de Italia, da França, da Belgica, da Irlanda, de Roma, de Genova, de Milão, de Londres, das casas dos Jesuitas, dos Franciscanos, dos Dominicanos, dos Lazaristas, dos Irmãos da Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco, dos Maristas, dos Padres do Espirito Sancto, dos Oblatos, etc., etc. Partem para a Africa: Algeria, Sahará, Marrocos, Tunisia, Fezzan, o Senegal, a Guiné, o alto e baixo Egypto, a Abyssinia, o paiz dos Gallas e dos Sahos, Zanzibar, a Senegambia, a Nigricia, etc. Partem! para a Asia: a Syria, a Armenia, a Mesopotamia, o Kurdistan, as margens do Tigre e do Euphrates, as vertentes do Libano, do Caucaso, do Thibet, do Himalaya, a Conchinchina, a China, o Japão, a Corêa, a Birmania, o reino de Sião, o Tonkin, o Cambodge, a India transgangetica e cisangetica, a Ocea-

nia, a Australia, etc., etc. Partem! para a America desde a California até ao Labrador, etc., etc.

E em que condições verdadeiramente sobrenaturaes e divinas, exercitam seu ministerio evangelico! Condições de desinteresse! Como S. Paulo, o modelo dos apóstolos, estão auctorisados a dizer: «Jamais cubicei o ouro e a prata fosse de quem fosse; quanto ás cousas de que eu e aquelles que estão comigo precisamos, com estas mãos as tenho obtido; tenho-vos mostrado em tudo que é trabalhando assim que devemos sustentar os indigentes, e ter presente as palavras d'aquelle que disse: é mais feliz o que dá do que aquelle que recebe!» Condições de intrepidez! «Parto não sabendo o que está para me acontecer, a não ser que o Espirito Sancto me attesta que tribulações e cadeias me aguardam; nenhuma d'estas cousas receio; não reputo minha vida mais preciosa do que a mim, com tanto que consume minha carreira e o ministerio que recebi do Senhor Jesus, de dar testemunho do Evangelho da graça de Deus!» Condições de dedicação sem limites! «Livre a respeito de todos, fiz-me escravo de todos para ganhar maior numero d'elles. Fiz-me judeu com os judeus para ganhar os judeus;... como se fôra sem lei com aquelles que não tinham a lei, afim de ganhar aquelles que estavam sem a lei;... fraco com os fracos para ganhar os fracos;... tudo para todos para ganhar a todos!»

Aqui está realmente o pescador de homens evangelico, primitivo e moderno, dobrando-se a todas as necessidades, affrontando todos os perigos, tomando todas as formas, usando de todas as astucias sanctas, a exemplo do pescador e do caçador que aspira anciosamente apcderar-se de sua presa! Mas para maior gloria de Deus e pela salvação das almas!

Os gelos do polo ou os fogos intertropicaes não são capazes de lhe retardar o passo. Vive com os Es-

quimós e os Groenlandezes em seu odre de pelle de vacca marinha, transportado em trenós sobre gelos eternos por cães ou rennas, rezando seu breviario aos clarões das auroras boreaes, alimentando-se de oleo de baleia.

Percorre a solidão montado no dromedario do Arabe ou segue a pé o Cafre atravez de desertos abrazados. Na India, no Maduré, condemnar-se-ha á vida mortificada e monotona dos bonzos; será paria, proscripto, maldito, privando-se durante longos annos de todo o commercio, mesmo secreto, com aquelles de seus companheiros que evangelizam as castas nobres! Na China, adoptará o vestuario dos lettrados, dará licções de geometria; será presidente do tribunal das mathematicas; armar-se-ha do telescopio e do compasso; desenrolará as cartas, e fará girar os globos celeste e terrestre; iniciará os mandarins no verdadeiro curso dos astros para lhes ensinar tambem o verdadeiro nome d'aquelle que os dirige em suas orbitas, inspirando-lhes ao mesmo tempo uma veneração profunda por seu Deus e uma alta estima pela França! No Paraguay e no Brazil sobe os grandes rios e penetra nas florestas com o breviario na mão esquerda, uma grande cruz de madeira na direita, sem outras provisões mais do que sua confiança em Deus; atravessando florestas virgens, caminhando em terrenos paludosos, com agua até á cintura, ou trepando rochedos escarpados: espreitando os antros e os precipicios com receio de lá encontrar em logar de homens serpentes ou animaes ferozes! Quando não consegue apanhar o selvagem que foge sempre, o caçador de homens planta sua cruz em um logar descoberto, e vai occultar-se no mais cerrado da floresta; os Indios aproximam-se a pouco e pouco; sahindo então de subito de sua emboscada, e aproveitando-se da surpresa, exhorta-os a deixar uma vida miseravel para gosarem das doçuras da sociedade. Muitas vezes embarcando n'uma

piroga com seus jovens cathecumenos, navega pelos rios cantando canticos, que os neophytos repetem, como avesinhas de gaiola para attrahirem as aves selvagens. Os Indios deixam-se enfim cahir n'este laço, descem das montanhas para a margem; para melhor ouvirem, muitos d'elles lançam-se ao rio e seguem o barco encantado. Os pescadores de homens conseguirão d'est'arte formar em poucos annos trinta aldeias ou Reducções, especies de republicas christãs, cujos habitantes são cultivadores sem escravidão e guerreiros sem ferocidade. «No seio d'estas povoações numerosas compostas de Indios inclinados a todos os vicios, reinava, diz uma testemunha ocular, o bispo de Buenos-Ayres, uma tão grande innocencia, que eu não creio que lá se commettesse um unico peccado mortal. . . » Era o christianismo no maximo da felicidade! Na Guyana, o missionario enterrava-se em lagoas doentias; tornava-se amavel aos Indios á força de se consagrar ao allivio de suas dores; conseguia d'elles alguns filhos que educava no conhecimento da Religião christã; de volta ás florestas, estes jovens, apóstolos improvisados, prégavam o Evangelho a seus velhos parentes que facilmente se deixavam persuadir. Breve chegava o momento de fundar uma aldeia com a respectiva capella! Certa manhã, diz Chateaubriand, em uma floresta solitaria do Canadá, caminhava de meu vagar; vi vir para mim um grande velho de barba branca, vestido de longa sotaina, lendo attentamente em um livro, e caminhando apoiado em um pau. Eis a vida que levava o missionario.

Ora seguia os selvagens nas caçadas que duravam annos... ora vagueava ao grado e capricho de seus neophytos, que semelhantes a creanças não podiam resistir a um movimento de sua imaginação e de seus desejos... julgando-se largamente recompensado se havia por seus longos soffrimentos conquistado uma alma para Deus, aberto o ceo a alguma creança, alliviado

algum enfermo, enxugado uma lagrima. O ceo, tocado de suas virtudes, concedia-lhe por vezes a palma do martyrio, que tanto desejava.

Nos mares do Levante o missionario deixava-se encerrar nos porões das sultanas para ouvir toda a noite as confissões dos marinheiros, dizer-lhes a missa, e dar-lhes a communhão ao amanhecer.

Muitos eram assaltados pela peste, e outros morriam antes de lá terem sahido! Um jesuita que ha poucos annos sollicitara a honra de se dedicar ao serviço espiritual dos forçados, debaixo do clima mortifero da Gayana franceza, escreveu a seu superior: «O posto que ha quatro annos occupo é realmente esmagador; sinto-me por vezes embrutecido com o trabalho. Ter sempre deante dos olhos um milhar de grandes crimi-nosos a humanisar, a esclarecer, a converter, é um fardo que esmaga! Minha missão porem é tão bella! Sobre os oitocentos homens da minha penitenciaria seiscentos e trinta commungaram pela paschoa apezar das injurias e dos sarcasmos dos empedernidos!»

Darei um rapido esboço da vida de alguns dos pescadores de homens mais famosos.

S. Patricio, apostolo da Irlanda; S. Agostinho, apostolo da Inglaterra; S. Eloi, apostolo dos Flamengos e dos Frisões; S. Bonifacio, apostolo da Allemanha; S. Anschario, apostolo da Suecia, da Groenlandia e da Irlanda; S. Adalberto, apostolo da Polonia e da Prussia; S. Estevão, rei e apostolo da Hungria; S. Domingos, apostolo dos Albigenses, fundador da Ordem dos frades prégadores; S. Catharina de Senna, a grande operadora de conversões, de quem os papas fizeram seu legado; S. Vicente Ferrer, que arrebatava as multidões apoz de si; S. Francisco Xavier, apostolo das Indias e do Japão, que levou a luz da fé a cincoenta e dois reinos, e arvorou a cruz sobre cinco mil legoas de paiz. que baptizou por suas mãos perto de

um milhão e tanto de musulmanos, como de idolatras, que trouxe á Egreja mais subditos novos, do que os celebres heresiarchas do seu tempo fizeram desertores! S. Francisco de Sales, o apóstolo do Chablais, que foi doce e humilde de coração, de quem o cardeal Duperron dizia: «Estou seguro de convencer os calvinistas; mas convertel-os é segredo que Deus reservou para o sr. de Genebra.» S. João Francisco Regis, apóstolo do Velay, a quem nada se punha deante em suas excursões evangelicas, que expirando em plena missão, sobre seu campo de batalha, dizia para o companheiro: «Ah meu irmão, que ventura! Como eu morro contente!» Pedro Claver, o apóstolo, o pai ou antes o escravo dos escravos, o escravo dos negros, aos quaes serviu quarenta annos, e aos quaes á força de ternura e de affectuosas licções. ensinava a ser puros, castos e sobrios. O padre Anchieta, o apóstolo do Brazil, denominado o novo Adão, por causa da innocencia de sua vida e do poder maravilhoso que exerceu sobre os elementos e sobre os animaes. O reverendo padre Mannoir, apóstolo da baixa Bretanha, que deu em media dez missões por anno, durante quarenta annos, e fundou essas casas abençoadas de retiros annuaes que perpetuam efficaçmente seu apostolado...

Os pescadores de homens são em primeira plana os missionarios; ora quem diz missionario diz missão, missão legitimamente dada, missão recebida, missão cumprida. A fé, dizia S. Paulo, nasce do ouvido, *fides ex auditu*; mas como hão de ouvir sem prégador do Evangelho, *quomodo audient sine praedicante*? E com que direito prégarão, se não forem enviados, *quomodo praedicabunt nisi mittantur*? Ora aquelle que envia, que é por consequencia o pescador de homens por excellencia, é o Soberano Pontifice, successor de S. Pedro. E' o Papa de feito que hoje ainda, como ha mil e sete centos annos, lança continuamente sua rede evangelica sobre to-

dos os povos, do norte ao meio dia, do oriente ao occidente. Como modelo d'estes pescadores supremos d'almas lembrarei S. Gregorio o Grande!

II. *A cadeira e a prégação evangelica.* — Os pescadores de homens são em segunda plana os prégadores, os oradores christãos. Socrates erigia em principio que a arte de persuadir ou a eloquencia, só deve servir para mover ao bem. para desviar do mal, e no caso em que se tenha feito o mal, deve servir para que se accuse ao juiz, afim de receber a legitima punição. O que em Socrates era apenas ideal, volveu-se no seio do catholicismo uma realidade palpavel, de todos os tempos e de todos os logares. O pulpito catholico é não a tribuna mas o throno, d'onde se faz ouvir incessantemente a palavra de Deus viva, efficaz, mais penetrante que a espada de dois gumes penetrando até á divisão d'alma e do corpo, até ás junctas e ás medullas dos ossos, que põe a descoberto os pensamentos e os desejos do coração. Assim é que a historia da igreja está cheia de portentosos effeitos de salvação produzidos pela palavra dos grandes mestres do pulpito christão, os Leão o Grande, os Gregorio o Grande, os Basilio, os Gregorio de Nazianzo, os João Chrysostomo, os Ambrosio, os Agostinho, os Pedro Chrysologo, os Thomaz d'Aquino, os Boaventura, os Lejeune, os Bossuet, os Bourdaloue, os Massillon, os Flechier, os Bridaine, os Bouregard, os Maccarthy, os Lacordaire, os Ravignan, os Felix, os Monsabré. E' do alto do pulpito christão, que a verdade brilha, que a virtude enamora, que a graça commove profundamente! Luz, amor, conversão! Eis os grandes effeitos da eloquencia inspirada por Deus. Darei aqui apenas os nomes de alguns oradores dos mais celebres: S. João Chrysostomo ou Bocca de Ouro, Bossuet, Bourdaloue, Bridaine, o padre de Bauregard, o padre de Maccarthy, o padre de Ravignan.

3.º *O Confessionario.* — Depois dos missionarios e dos



prégadores vem os confessores, que são, rigorosamente fallando, os pescadores de homens, praticos e positivos. E' pela confissão que se acaba a pesca. O confessionario é realmente a espera do caçador, a choupana do pescador de homens. Cada um dos milhões de confessionarios da Egreja catholica é por conseguinte uma testemunha visível, eloquente, do oraculo: Vinde, apoz de mim, far-vos-hei pescadores de homens! E porque é sómente na Egreja catholica que se levantam os confessionarios, a Egreja catholica é a unica egreja do Deus salvador, que constituiu seus apóstolos pescadores de homens. A confissão é por outra parte tão insupportavel aos fieis e ao padre, que se não fora divinamente instituida por Jesus Christo, teria sido impossivel impol-a.

Representai-vos, por exemplo, o confessor nas proximidades da Paschoa, do Natal ou de qualquer outra grande festividade, durante certa missão ou mesmo em exercicios espirituaes, na vespera de uma communhão geral, etc.! Vê-se na necessidade de ficar no seu posto todo o dia e uma parte da noite sem poder mexer-se, em uma attitude desageitada, o ouvido sempre á escuta, e temendo não ouvir, etc.! o frio regela-o, o somno apoquento-o; as exalações physicas e moraes são insupportaveis! Sim, que maior martyr que o infeliz que apenas pode sahir do confessionario para tomar um pouco de descanso ou de alimento, e desempenhar as outras funcções egualmente espinhosas do sancto ministerio! Ah! se não sentisse que foi Deus quem ali o collocou, que Jesus Christo o postou ali para trazer ao redil as ovelhas desgarradas de sua grey, teria desanimado seiscentas vezes. Que admiraveis pescadores de homens não são uns nobres e santos velhos, ambos assistentes do Geral da Companhia de Jesus, que na egreja do Gesù em Roma ouviam vinte e quatro mil confissões de penitentes, vindos de todas as partes do mundo! E que

peixes tão grandes eram os que vinham pegar nas linhas dormentes sempre lançadas, ou ficar em malhas sem cessar armadas! Certo dia viram levantar-se do confissionario do P.<sup>e</sup> Rozaven o mais illustre dos chimicos, o mais eminente dos physiologistas da nossa Academia das sciencias! E estes dois sanctos jesuitas, hoje de setenta e seis annos de idade, que em Paris ouvem um quatorze mil, o outro vinte e quatro mil confissões por annos! Ambos, mas o segundo sobretudo está de tal sorte familiarisado com as pescas miraculosas das almas, que me dizia singelamente:

«Que um peccador, doente ou são, consinta em me dar um dedo minimo, que eu o levarei ao ceo.» E o veneravel João Baptista Viannay, parochio d'Ars, homem simples, bom e sem artificio, confessor incomparavel, pescador de almas como nunca se viu, para quem acudia de todos os pontos do horizonte uma multidão avida dos beneficios, de que era o dispenseiro. Por muito cedo que se levantasse, antes das tres horas, já lá estavam os penitentes á sua espera á porta da igreja. Alguns chegavam a passar toda a noite n'essa expectativa para estarem certos de serem attendidos. Quando entrava ou sahia da igreja, quando atravessava a praça, todos se precipitavam para elle, para ouvirem sua voz ou ao menos para lhe tocarem a humilde sotaina. Ah! que emoção causa ainda hoje a vista d'este confissionario grosseiro e incommodo, onde tantos peccadores ajoelharam, onde tantas lagrimas correram, onde tantas alegrias, luzes e consolações se receberam!

Pescador de homens em suas missões, em suas pré-gaões, no confissionario, o apostolo catholico é ainda pescador de homens na administracção dos outros sacramentos, o baptismo, a confirmação, a sancta Eucharistia, a ordem, o matrimonio, a extrema-uncção.

Mas em quanto que a Igreja catholica conta em seu seio tantos pescadores de homens, o pescador de

homens é desconhecido no seio do scisma ou da hereisia. As missões protestantes datam de hontem, dos primeiros annos de este seculo, e pode asseverar-se que se a reforma, que aliás se proclama evangelica, pensou embora tão tarde em levar a Boa Nova ás nações infieis, foi mais por odio do catholicismo, do que por zelo e charidade.

Uma vez resolvida esta propaganda, ou antes esta exportação do christianismo evangelico, effectua-se a grandes sommas de sociedades numerosas, debaixo da protecção dos governos, com a força, são directores, secretarios, correspondentes, missionarios ou antes emissarios viajantes de Biblias que não são a palavra de Deus immaculada, e de *tracts* ou pequenos tratados de moral seccos e sem unção. Estas sociedades biblicas apesar de rendas annuaes enormes, 25 milhões de libras, apesar de seu exercito de cinco mil missionarios, e do milhão de Biblias ou de *tracts* que distribuem todos os annos, de que nas Indias fazem estatuas dos deuses, e na China solas de sapatos, são absolutamente estereis! Os annuncios das conversões são uma excepção rara, rarissima, e ainda assim desmentidas por collegas invejosos ou mais sinceros. O missionario ou antes o commissario biblico não é pescador de almas, porque não é enviado, porque não tem nem character, nem missão divina, porque não vai á maneira dos apostolos consoante a ordem de Jesus Christo, sem pau, sem sacco, sem provisões, sem dinheiro. Recebe 6000 francos para si, 1000 francos para a mulher, 500 francos para cada filho; aproveita-se da posição para fazer um commercio vantajoso; aluga ou compra por baixo preço terras que explora ou que vende carissimo.

Os gordos milhões das sociedades biblicas são o ouro do pharizeu que dá por ostentação, e que recebe n'este mundo a recompensa. Os magros milhões da Associação para a propaganda são o obulo do pobre, que

se multiplica até ao centuplo. As missões protestantes são o maximo do poder humano com o minimo do effeito divino. As missões catholicas são o minimo do poder humano com o maximo do effeito divino.

O ministro evangelico não é pescador de homens no pulpito christão; sempre porque não é enviado, ou porque é enviado por uma auctoridade humana e usurpada. Sua palavra não tem razão de ser; os fieis estão no direito de a discutir e de a recusar, invocando o principio fundamental da reforma, que os torna interpretes da sagrada Escriptura e juizes supremos na fé. Deputado pelo Cezar ou pelo povo, não é independente; tem interesses de familia a conciliar. E' simplesmente um homem vestido de preto que sobe á tribuna todos os domingos para falar de cousas discutiveis. Sua palavra não tem auctoridade, nem character sacramental. O protestantismo alem d'isso degradou a eloquencia christã por uma linguagem baixa, trivial, de mau gosto, linguagem empregada pelos primeiros reformadores para se fazerem receber melhor do povo.

O ministro evangelico enfim não é pescador de almas na administração dos sacramentos. O baptismo não passa de uma cerimonia, uma simples aspersion de agua lustral; a confissão é abolida; a communhão rara, a eucharistia não é mais do que um symbolo; a ordenação é mui provavelmente ou antes certamente nulla; o casamento enfim é apenas um contracto natural. Para elle, a unica condição de salvação é a fé, mesmo sem o merito das boas obras; sua religião é no fundo o socinianismo; não se crê lá na divindade de Jesus Christo; não pode pois haver para elle nem redempção, nem conversão.

Em resumo: Jesus tomara o compromisso de fazer dos apóstolos e de seus successores verdadeiros pescadores de homens.

A promessa foi cumprida perante o univrsao in-

teiro! O verdadeiro typo dos pescadores de homens existe em grande numero! existe no seio da Igreja catholica, apostolica, romana, e em mais parte alguma! Logo, porque o oraculo, aliás incrivel e estranho, se tornou uma realidade immensa, Jesus Christo é Deus e a Igreja catholica é divina!

Assignalemos um facto que não tem sido sufficientemente notado: em França e fóra d'ella o pescador de homens tem muitas vezes deixado o seu nome no centro do seu apostolado, ou no logar de seu martyrio, de forma que o cumprimento do oraculo divino está mil vezes monumentalizado! « *Vinde apoz de mim, far-vos-hei pescadores de homens!* »

---

## CAPITULO DECIMO

### Sexto Esplendor da Fé

*Sêde perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito* (Math. v, 48.) Ao mesmo tempo que são um preceito ou um conselho, estas palavras são também uma prophécia. Jesus Christo de facto não daria a seus discipulos preceitos ou conselhos evangelicos, se taes preceitos ou conselhos não devessem ser postos em practica por um maior ou menor numero d'entre elles. Significam pois que a religião de Jesus Christo formará uma grande multidão de homens perfeitos, marchando nas pégadas do divino Mestre. Ora este prenuncio tornou-se por sua vez uma realidade immensa que enche o universo.

A Egreja catholica, romana, unica entre as egrejas christãs, contou sempre e conta ainda e contará sempre em seu seio um grande numero de almas perfeitas, de sanctos e de sanctas de virtudes sobrenaturaes, logo é divina, e só ella é divina.

Já no Antigo Testamento fora dicto aos eleitos de Israel: «Sereis sanctos, porque vosso Deus é sancto.» E de feito pela fé no Messias venturo, pela graça que devia conquistar por seu sangue, um certo numero de

personagens biblicas foram notaveis por sua sanctidade! S. Paulo, em sua carta aos Hebreus, exalta a fé e a virtude de Abel, Enoch, de Noé, de Abrahão, de todos aquelles que sem terem visto o cumprimento das promessas as saudaram de longe com o sentimento profundo de que eram estrangeiros e viajantes sobre a terra.

Commentando esta apotheose de S. Paulo, toma S. Ambrosio o cuidado de fazer notar que a philosophia pagã não produziu nenhum heroe que se possa comparar aos patriarchas, aos prophetas da lei antiga, sanctificados pela fé em Jesus Christo venturo. Mas só depois do seu advento é que os exemplos, as licções, a morte do Salvador deviam fecundar a terra, e dar aos anjos e aos homens o spectaculo não só de actos em grande numero de virtudes heroicas, mas o habito das virtudes heroicas que a Egreja catholica exige d'aquelles que colloca nos altares.

As virtudes heroicas são caracterisadas e definidas no admiravel capitulo quinto de S. Matheus que termina por um apello á perfeição, e que é ao mesmo tempo o Sermão da montanha. Bemaventurados os pobres do espirito; bemaventurados os mansos, bemaventurados os que choram; bemaventurados os que tem fome e sêde de justiça; bemaventurados os misericordiosos; bemaventurados aquelles que tem o coração puro; bemaventurados os pacificos; bemaventurados aquelles que soffrem perseguição por amor da justiça. Sereis bemaventurados quando os homens vos amaldiçoarem e disserem falsamente todo o mal de vós por minha causa. Regozijai-vos e estremecei de alegria, porque vossa recompensa será grande nos ceos; é assim que perseguiram os prophetas que existiram antes de vós. Vós sois (notemos que se tracta de uma affirmacão e não de uma simples exhortação) o sal da terra... Vós sois a luz do mundo... Que vossa luz luza pois

deante dos homens afim de que glorifiquem a vosso Pai que está nos ceos... Se vossa justiça não for mais abundante que a dos Escribas e Pharizeus, não entrareis no reino dos ceos... Aos antigos foi dicto. «Não matarás» eu digo-vos que aquelle que se encolerisar contra seu irmão que lhe disser raca, que lhe chamar louco, soffrerá o juizo e passará pelo fogo... Se no momento de apresentares tua offerenda ao altar, te lembrares de que teu irmão tem alguma cousa contra ti, deixa tua offerta sobre o altar, vai reconciliar-te com teu irmão, e voltando, farás a tua offerenda... Aos antigos foi dicto: «Não commetterás adulterio.»

Eu digo-vos que todo aquelle que olhar para uma mulher com mau desejo, já commetteu adulterio em seu coração...

Se teu olho te escandalisa, arranca-o... Se tua mão direita te escandalisa, corta-a e arroja-a para longe de ti...

Aos antigos foi dicto: «Não has-de perjurar, manterás teus juramentos ao Senhor.» E eu digo-vos não jureis de maneira alguma nem pelo ceo, nem pela terra, nem mesmo por vossa cabeça. Que vossa linguagem seja: sim, sim; não, não. Porque tudo o que for alem d'isto é mau. Foi dicto: «olho por olho, dente por dente.» E eu digo-vos que não pagueis mal com mal. Mas se alguém vos ferir na face direita, offerecei-lhe tambem a esquerda.

Dá a quem te pedir, e não te desvies d'aquelle que quer que lhe emprestes! Foi dicto: «Aborrecerás o teu inimigo e amarás o teu proximo.» Eu digo-vos: Amai os vossos inimigos, fazei bem áquelles que vos odeiam, orai por aquelles que vos perseguem e vos calumniam, afim de que sejais abençoados de meu Pai que está no ceo. Se amardes aquelles que vos amam, que merito tereis n'isso? Os publicanos fazem outro tanto. Quando



amais vossos irmãos, não fazeis mais do que os pagãos fazem.

Sêde pois perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito. — Esta linguagem sublime de simplicidade e de sanctidade é só de per si um bello esplendor da fé. Caracterisa o Verbo encarnado, Filho de Deus vivo. Uma intelligencia humana não seria capaz de conceber este ideal divino. Pois bem! tudo quanto Jesus Christo exige de mais perfeito, milhões de heroes catholicos lh'o tem habitualmente cumprido. A Egreja não beatifica todos aquelles que, tendo entrado na via da perfeição, cedem ainda a algumas fraquezas humanas. Custou-lhe a perdoar ao Padre Claver um movimento de impaciencia contra seus negros queridos, que depois de advertidos continuavam não obstante a executar suas danças indecentes. As virtudes, o habito das quaes sempre suppoem os decretos de beatificação vem a ser: as theologaes, Fé, Esperança e Charidade; as cardeaes, Prudencia, Justiça, Força e Temperança; as religiosas, o Zelo da gloria de Deus, a Humildade, a Submissão á vontade Deus, a Doçura, a Paciencia, o Desprezo do mundo, a Mortificação, a Pobreza, a Castidade, a Obediencia. Ora a historia ecclesiastica de todas as edades prova de maneira brilhante que todas estas virtudes tem sido levadas ao heroismo, por uma multidão de sanctos perfeitos, como Jesus Christo, queria que o fossem.

E' impossivel pensar em qualquer d'estas virtudes evangelicas sem a vincular ao nome popular de um dos sanctos, cujas festas celebramos.

Que bello monumento não é a serie dos decretos de beatificação e de canonização dos sanctos dos quatro ultimos seculos! Que gloriosa lista de nomes e de virtudes evangelicas! Que typos admiraveis de perfeição de todas as edades, sexos e condições, tendo fielmente reproduzido em si os traços do divino auctor e

consummador de nossa fé, espelho, modelo, regra, sello de toda a sanctidade!

Commemoremos alguns.

*S. José.* — E' justo, i é, modelo acabado de todas as virtudes. A gravidez miraculosa de Maria, sua esposa, inquieta-o, perturba-o; quer deixal-a sem escandalo, secretamente. O anjo tranquilisa-o.

Crê na palavra do celeste enviado, e adora o Filho de Deus.

Recebe ordem de partir de noite, e de levar o Menino com sua mãe: parte. E' pobre, e traz com alegria a libré da pobreza. Durante tres dias com as lagrimas nos olhos procura o divino Infante perdido no templo. Ama a solidão laboriosa de Nazareth. Jesus e Maria recebem seu ultimo suspiro.

*S. João Baptista.* — Que fé! «Aquelle que nasceu depois de mim já existia antes de mim... Eis o Cordeiro de Deus que apaga os peccados do mundo!» Que humildade! «Eu sou a voz que clama no deserto... Não sou digno de desatar as correias de seus sapatos.» Que austeridade! Por vestido uma pelle de cabra, por cintura uma correia de couro, por alimento o mel selva-gem das florestas e os gafanhotos do campo. Que amor tão perfeito! «E' necessario que Elle cresça; e quanto a mim, que diminua.» Que força! Não hesita em censurar a Herodes o escandalo que dá, e curva docilmente a cabeça ao ferro do algoz.

*S. João Evangelista.* — Sua virgindade fez d'elle o discipulo amado. Na ultima Ceia, pousou a cabeça sobre o peito de Jesus; foi o confidente de seus segredos. Jesus moribundo confia-lhe sua mãe, e dá-o como filho a Maria... E' a aguia que levanta o vôo até ao alto dos ceos, e que refere suas maravilhas... E' o apostolo inspirado da divindade e da caridade immensa de Jesus. Em seu coração não ha senão amor... Em seus labiós assoma constantemente esta palavra fecunda:

«Filhinhos, amai-vos uns aos outros.»

*Uma creança. S. Cyrillo.* — Tinha sem cessar na bocca o nome de Jesus. Furioso por não querer adorar os idolos, seu pai expulsa-o de casa, e denuncia-o como christão. O juiz insta para que ceda ás vontades de seu pai, e entre nos direitos de herdeiro.

«Estarei bem melhor, diz elle, com meu pai que está no ceo: não temo a morte, será para mim o principio de uma nova vida.» Levam-no ao supplicio; mostram-lhe a fogueira, a espada, todos os instrumentos da morte. Fica inabalavel. «Não temo nem o ferro, nem o fogo; dai-vos pressa em acabar comigo, afim de que vá mais promptamente ao ceo.»

Os espectadores choram; conjura-os a que se alegrem com elle, e o animem. Morre como heroe... Vossos louvores, ó Senhor, sahiram perfeitos da bocca d'esta creança!

*Uma donzella. S. Ignez.* — Tinha treze annos. Sua belleza e suas riquezas grangearam-lhe muitos pretendentes das principaes familias de Roma. Não quer porer outro esposo senão Jesus Christo. Insistem, fica inflexivel. Irritados, chamam em seu auxilio as ameaças do juiz e a perspectiva dos instrumentos do supplicio... Accendem uma grande fogueira; trazem cavaletes e unhas de ferro; Ignez não desmaia. Arrastam-na para diante dos idolos; querem forçal-a a offerecer-lhes incenso; ergue a mão, mas para fazer o signal da cruz.

Encerram-na em um logar de perdição. Nada reocio, diz para o juiz; Jesus Christo é cioso de mais da castidade de suas esposas, para que consinta em que eu seja violada.»

Vencidos por sua belleza angelica, os libertinos respeitam-na. Um unico, mais temerario, ousa pôr n'ella olhos impudicos. F' ferido de cegueira.

Enfurecido, o juiz manda-lhe cortar a cabeça.

Ignez, diz S. Ambrosio, marchou para o supplicio com maior alegria, do que outras para o leito nupcial!

*Uma joven esposa. S. Cecilia.* — Era de familia illustre e christã. Sua vida toda consagrada á oração e á caridade. Era a abelha sempre activa e afanosa, que enchia o seu cortiço de mel de todas as virtudes. Casaram-na com um moço patricio, chamado Valeriano. O leito nupcial foi preparado, porem Cecilia dirigira a Deus esta deprecação:

«Fazei que meu coração e meu corpo, immaculados, conservem intacta a virgindade.» Foi ouvida.

Valeriano abriu os olhos á verdadeira fé, e tornou-se christão.

Egualmente o veiu a ser Tiburcio, seu irmão, e um joven official do pretorio, chamado Maximo.

Estes tres mancebos morreram martyres de sua constancia em defenderem sua religião. Cecilia depois de lhes ter grangeado a salvação eterna, obteve tambem a gloria do martyrio. Foi decapitada.

*Uma boa mãe e seus filhos martyres.* — Sancta Felicidade, dama romana, tão distincta por suas virtudes, como por sua familia, teve sete filhos que educou no temor de Deus e na piedade. Viuva, consagrou todo o seu tempo a Deus e á conversão dos idolatras.

Denunciada como christã pelos sacerdotes pagãos, compareceu no tribunal de Publio. Intimada a sacrificar aos idolos, recusa e exclama: «Com a virtude do Espirito de Deus que combaterá em mim, sahirei victoriosa.»

E vossos filhos? forçar-me-heis a tirar-lhes a vida! — Meus filhos viverão eternamente com Jesus Christo se forem fieis. — Que! não tendes dó d'elles? Estão na flor da idade, e podem aspirar ás mais altas dignidades.

— Vossa piedade é uma impiedade! meus filhos, olhai o céu, onde Jesus Christo vos espera com todos

os sanctos. Publio mandou então esbofetear a sancta, e interrogou separadamente os sete filhos.

Nenhum se deixou mover nem por ameaças, nem com promessas. Morreram todos em supplicios differentes, aos olhos de sua mãe, que foi a ultima a alcançar a coroa do martyrio. Temia mais, diz S. Gregorio Magno, deixar na terra seus sete filhos, do que as outras mães temem sobreviver aos seus. Foi oito vezes martyr, pois soffreu o que soffreram todos os seus sete filhos.

*Um martyr na força da idade. S. Lourenço.* — As virtudes extraordinarias de que deu exemplo em sua juventude, conquistaram-lhe a affeição de S. Sisto, que o estabeleceu, em uma das principaes diaconias, guarda das riquezas da Igreja e encarregado de distribuir suas rendas aos pobres. Quando o sancto papa caminhava para o supplicio, Lourenço triste disse-lhe: «Aonde ides, Pontifice, sem o vosso diacono?— Não vos abandono, meu filho, . . . , provas maiores e uma victoria mais gloriosa vos esperam! Dentro de tres dias seguireme-heis. No entretanto dai aos pobres as rendas de que sois depositario.» Lourenço obedeceu. E quando mais tarde o prefeito de Roma exigiu que lhe entregasse as riquezas de que era depositario, Lourenço disse-lhe mostrando-lhe grande multidão de pobres: «São esses a quem as riquezas da Igreja foram distribuidas!» O juiz, grandemente irritado, exclamou: «Sei que desejas a morte; hei de fazer-te a vontade; mas não julgues que ha de ser prompta; morrerás de morte lenta. Collocam uma grelha de ferro sobre carvões meio acesos, e Lourenço é deitado em cima. Seu semblante revelase aos olhos dos christãos revestido de uma aureola de gloria. Parecia insensivel aos ardores do fogo material. «Podeis virar-me, dizia para os algozes passado algum tempo, d'este lado já estou assado.» D'ali a pouco: «Minha carne está assada, podeis comel-a.» Orava fervorosamente, pedindo a Deus a conversão de Roma.

Acabada sua oração, levantou os olhos ao céu, e entregou sua bella alma. Com esta morte acabou a idolatria que se esvaiu a pouco e pouco, até ao dia em que o proprio senado venerou os tumulos dos apóstolos e dos martyres.

*Um velho martyr. S. Polycarpo* teve a felicidade de conversar com aquelles que tinham visto o Salvador e de beber o espirito de Jesus Christo nas instrucções dos mesmos apóstolos. S. João, de quem era particularmente afeiçoado, fel-o bispo de Smyrna. Certo dia encontrou em Roma a Marcião, o inimigo da divindade de Jesus Christo, que ousou perguntar-lhe se o conhecia: «Sim, conheço-te pelo primogenito do diabo.»

Soffreu o martyrio no imperio de Marco Aurelio. Conduziram-no ao amphitheatro; o juiz ameaçou-o com a fogueira ou as feras. «Não temo senão uma coisa, respondeu Polycarpo serenamente, é o fogo eterno!» — «Que o atirem ás chammas!» grita o povo. Immediatamente se junta lenha em redor de uma columna, á qual está preso o sancto varão. Dirige então a Deus esta supplica: «Senhor Jesus, Senhor do céu e da terra, douvos graças por ter soado a hora, em que desfructo a ventura de ser associado aos martyres.»

A chamma envolve-o de todos os lados, mas respeita-o. O algoz acaba com elle, embebendo-lhe o punhal. Assim morreu gloriosamente pelo nome de Jesus esse veneravel pontifice na edade de oitenta e seis annos.

*Um mendigo. S. José Labre.* Pobre, humilhado, despresado, vagabundo sobre a terra, vestido de andrajos, apenas vivia de esmolas que nunca pedia, e que reparava com os outros pobres, quando excediam as necessidades de sua subsistencia. Passava o dia na sua querida igreja de N. Senhora dos Montes, e a noite no hospicio.

Quando soltou o ultimo suspiro, um grito se escapou de todos os peitos: «Morreu o sancto!» Deus ma-

nifestou sua gloria por numerosos milagres. A Igreja inseriu-o no catalogo dos sanctos, e deve dizer-se em abono da verdade que sua canonização foi um dos actos mais gloriosos do soberano Pontificado de Pio IX.

*Uma pastora. S. Genoveva.* Tinha apenas sete annos quando um bispo sancto, Germano de Auxerre, predisse sua futura sanctidade. Consagrou-se a Deus, de quem foi esposa fiel. Sua mortificação era extrema, sua humildade profunda, sua fé viva, sua charidade ardente. Era tractada como visionaria e hypocrita. A colera augmentou quando predisse que Paris escaparia á espada de Attila, que acabava de invadir as Gallias.

Quando pouco depois viram que os Hunos mudavam o plano de sua marcha, a perseguição dirigida contra a sancta trocou-se em admiração. Genoveva ainda operou por muito tempo outros prodigios brilhantes. Morreu aos noventa annos. E ha seculos que é venerada solemnemente e invocada com fervor sempre novo como padroeira de Paris. Suas cinzas foram arrojadas ao vento, mas seu tumulo canta victorias.

*Um lavrador. S. Izidro.* — Deu provas brilhantes de sanctidade supportando com paciencia as injurias, e procedendo docemente com aquelles que lhe tinham inveja por sua fidelidade aos amos.

O trabalho era para elle um acto de religião. Emquanto a mão lhe guiava a charrua, o coração conversava com os anjos e com Deus. Cheio de caridade para com os pobres, distribuia-lhes grande parte do seu salario. Inspirou de tal sorte a sua mulher os sentimentos de sua fé profunda, que mereceu tambem ella ser inscripta em o numero das sanctas que a Hespanha venera. O piedoso lavrador preparou-se dignamente para a morte por uma renovação do seu fervor; causou admiração a todos aquelles que assistiram aos seus ultimos momentos. Sua sanctidade eminente, apesar de occulta, tem sido o objecto de universal admiração.

A Hespanha e a cidade de Madrid contam-n'o em o numero de seus mais gloriosos patronos.

*Um porteiro. Affonso Rodrigues.* — Primeiramente foi mercador, tendo porem experimentado differentes reveses de fortuna, adorou a mão de Deus, entregou-se todo ás obras de sanctificação christã, e entrou na Companhia de Jesus. Seus superiores confiaram-lhe o cargo de porteiro do collegio de Majorca, funcções que desempenhou até ao fim de sua vida. Foi n'esta humilde condicção que soube elevar-se ao mais alto grau de sanctidade, caminhando sem cessar na presença de Deus. Sua mortificação era extrema. Sua obediencia e sua humildade não tinham limites. Era affavel e cortez com todo o mundo. Viam-n'o muitas vezes em extasi; mas os dons de Deus não inchavam seu coração; considerava-se o maior dos peccadores. Morreu na idade de noventa annos, e tornou-se objecto de profunda veneração.

*Uma serva. S. Zita.* — Nasceu de paes pobres. Na edade de doze annos entrou para o serviço de um rico habitante de Lucques, onde ficou até á sua morte. Repartiu com os pobres do pouco que tinha. Sua cama era uma taboa, ou a terra núa. Doce, humilde, submissa para com toda a gente, era de coragem intrepida para com os libertinos. Sua virgindade era a recompensa de uma vida mortificada e de uma oração continua. Seu serviço não soffria com estes exercicios de piedade. Assim é que seus amos acabaram por tractal-a com bondade e até com veneração. Em sua velhice foi considerada não como domestica, mas como serva de Deus. Sua morte foi sem agonia, expirou docemente, com os olhos erguidos para o ceo. No niesmo instante uma estrella fulgente appareceu no zenith da cidade, e as creanças entraram a clamar: « Corramos á egreja de S. Fredegunda, porque Zita, a sancta, morreu. »

Numerosos prodigios attestaram sua sanctidade. A



Republica e a cidade de Lucques escolheram-n'a para sua padroeira.

*Um fugitivo. S. Aleixo.* — Filho unico de um rico senador de Roma, recebeu uma educação conforme a sua prosapia, não tardou que se tornasse notavel por sua beneficencia para com os pobres. Quanto mais avançava em annos, tanto menos podia distrahir-se do pensamento de Deus e da eternidade. Seus paes quizeram absolutamente casal-o. Mas por uma inspiração extraordinaria, no proprio dia das bodas, usando da liberdade que a Egreja concede de abraçar um estado mais perfeito, antes de consummar o matrimonio, fugiu e foi esconder-se n'uma cabana visinha de uma egreja dedicada á Sanctissima Virgem. Suas virtudes attrahiram a attenção, tudo alem d'isso revelava n'elle uma nobre origem.

Mudou de residencia, voltou a Roma disfarçado em peregrino, e pediu hospitalidade na casa paterna. Concederam-lhe um cantinho onde passou o resto de seus dias, desconhecido de sua familia. Só na hora da morte é que se deu a conhecer. Fizeram-lhe magnificos funeraes. Seu corpo, encontrado no seculo XIII, descança hoje n'uma egreja levantada em honra sua. Seu nome apparece nos martyrologios gregos e latinos.

*O advogado dos pobres. S. Ivo.* — Descendente de familia illustre e piedosa, cursou nas universidades mais afamadas os estudos de philosophia, theologia e direito canonico, nos quaes se distinguiu. A sancta gravidade de sua conducta impunha-se aos mais libertinos e acabava por os mover. Sua vida repartiu-se entre a oração, o estudo e a caridade. Sua mortificação era excessiva: deitava-se sobre a terra nua, com um livro ou pedra por travesseiro. Decidiu-se livremente a abraçar o estado ecclesiastico. No dia da sua ordenação e da sua primeira missa derramou lagrimas de alegria e de amor.

Nomeado official, i é, juiz ecclesiastico, primeiramente da diocese de Vannes, e de Treguier, prior ao depois, desempenhou este cargo com uma sabedoria e habilitade incomparaveis.

Os mais illustres jurisconsultos admiravam sua sciencia e conhecimentos do direito, ao mesmo tempo eram subjugados pelos encantos de sua eloquencia. Os orphãos, os viuvos, os pobres, e os desprotegidos encontravam n'elle um defensor infatigavel. Mandou construir junto do seu presbyterio um hospital para os pobres e os enfermos. Nos ultimos annos de sua vida viam-n'o sustentado por duas pessoas prégar e responder a todos aquelles que vinham de longe consultal-o. Succumbiu a tantas fadigas, e viu-se na necessidade de guardar o leito. Tendo recebido os ultimos sacramentos, só com Deus se entreteve até dar o ultimo suspiro. Practicou a virtude em grau heroico nas funcções tão perigosas de juiz, de advogado, de cura, funcções que tem dado á igreja mui poucos sanctos.

*Um eremita. S. Paulo.* -- Nativo da baixa Thebaida, apenas tinha quinze annos, e já vivia pacincamente na practica de todas as virtudes christãs, quando o imperador Decio abriu sua perseguição contra os christãos.

O moço Paulo para não se arriscar a perder a fé, entendeu que devia esconder-se; d'aqui seguiu-se-lhe o desejo de viver inteiramente no retiro do mundo. Deparou-se-lhe uma caverna, juncto da qual havia uma fonte e uma palmeira que lhe forneciam alimento e vestuario. Tinha já cento e treze annos, quando S. Antão por uma revelação do céo tomou o caminho de seu eremiterio. Os dois sanctos reconheceram-se sem nunca se terem visto. Conversaram o dia inteiro ácerca das cousas de Deus, e passaram a noite orando. No dia seguinte pela manhã Paulo pediu a Antão que lhe fosse buscar o manto de S. Athanasio, para o vestir antes de

morrer. Ao voltar, Antão encontrou Paulo de joelhos sem movimento e sem vida. Dois leões vindos do deserto abriram uma cova, onde Antão deu sepultura ao servo de Deus.

*Um patriarcha. S. Athanasio.* — Elevado na idade de trinta annos á sé patriarchal de Alexandria, consagrou-se todo ao seu munus de pastor de almas. Governava com doçura e firmeza a grey confiada a seus cuidados, quando appareceu no horisonte o espectro negro do despresador da divindade de Jesus Christo. O impio Ario desafivelou de repente a mascara; agrupa em roda de si innumerables partidarios, e conta já com o triumpho. . . Mas Athanasio sahe-lhe á frente para lhe tomar o passo. Abate, confunde com sua eloquencia vehemente e cheia de fogo o novo Cerintho. Vencido no terreno da doutrina, Ario ataca o adversario pela calumnia, forceja por tornar Athanasio abominavel aos olhos da christandade.

O sancto e intrepido doutor é intimado a comparecer perante um conciliabulo, onde tomam assento bispos, antes dignatarios do imperio, do que defensores da Igreja. Athanasio desconcerta estes juizes prevaricadores pela magestade de sua attitude e pela precisão de suas respostas.

Sua causa triumpho, sua innocencia é manifesta; mas aqui, como tantas outras vezes ah! a força conculca o direito. O intrepido bispo teve de aprender o caminho do exilio. Cinco vezes se verá arrancado aos braços de seu charo rebanho. Que importa! A chamma inextinguivel do amor de Jesus Christo arde pura e intensa em seu nobre peito. Inabalavel no testemunho da verdade, aguardará na oração, nas vigalias e no jejum, que chegue a hora da calma e do repouso.

A tempestade cede, e abonança, Athanasio sauda enfim o termo de seus dias no meio de seu povo fiel de

Alexandria, que nunca deixou de edificar com sua heroica paciência, sua humildade profunda, sua austeridade sem limites e sua invencível afeição á doutrina da Egreja.

*Uma imperatriz. S. Helena.* — Casou com Constantio Chloro, quando era apenas official, o qual se viu forçado a repudial-a, quando foi elevado ao imperio. Fora uma condição expressa d'esta elevação. A honra de ter dado á luz o Grande Constantino teria sido para ella lenitivo d'esta affronta, se pudesse prever as consequencias felizes, sobretudo para sua salvação. Porque só abraçou a fé christã depois de seu filho, mas soube indemnizar-se do tempo desperdiçado na idolatria. Distinguiu-se principalmente por uma piedade humilde e sincera, que a fazia esquecer de sua dignidade, e confundir-se com o povo nas assembleias sanctas, por um amor terno e generoso para com os pobres, dos quaes era mãe; por um zelo e uma liberalidade sem limites para a construcção das egrejas.

Tinha já os seus oitenta annos, quando Constantino lhe pediu que superintendesse na construcção de um templo que tencionava levantar sobre o Calvario. Helena partiu para os Logares sanctos, abrazada no desejo de encontrar a cruz, sobre a qual Jesus Christo morrera. Seus votos foram ouvidos; a verdadeira cruz appareceu. Helena testemunhou a Deus seu reconhecimento por uma infinidade de boas obras.

De volta a Roma, não tardou a entregar a Deus sua bella alma, abençoando ternamente sua familia ajoelhada a roda de seu leito.

*Um Douctor. S. Ambrosio.* — Era governador de Milão, quando foi chamado como por inspiração á sé episcopal d'esta grande cidade. Seu procedimento depressa justificou esta escolha. Brilharam n'elle todas as qualidades que fazem os grandes bispos. Seu zelo em

instruir o povo era infatigavel, seu desinteresse exemplar, sua charidade sem limites, sua doutrina a respeito das almas tresmalhadas incomparavel. A elle deve a Egreja a conversão de S. Agostinho. Mostrou-se inflexivel contra as empezas da imperatriz Justina, e prohibiu energicamente a entrada da egreja ao imperador Theodosio, inquinado com a mortandade dos habitantes de Thessalonica.

*Um exemplar de mães. S. Monica.* — Educada por uma creada prudente, aprendeu com cedo a domar suas paixões nascentes, e a reprimir os arrebatamentos do character. Esposou um burguez de Tagasto, chamado Patricio, homem honesto, mas ainda pagão.

Deu-lhe muito que entender o humor violento e imprudente do marido, mas nunca se desmandou d'aquella obediencia que a religião recommenda ás mulheres christãs. Esta moderação produziu seus effeitos a pouco e pouco sobre o impetuoso character de Patricio. Acabou por detestar a idolatria, e morreu sanctamente. Deixava um filho que devia prolongar ainda por bastante tempo as magoas d'esta digna viuva, antes de lhe dar bem doces consolações. Este filho era o grande Agostinho, então escravizado ao jugo do erro e das paixões. Todas as admoestações de Monica pareciam inuteis; mas as orações e as lagrimas que não cessava de derramar na presença do Senhor avançavam em segredo a hora de uma conversão inteiramente miraculosa.

Soou afinal. Esta boa mãe não tendo já nada a de-sejar sobre a terra, foi receber no ceo a recompensa de tantos meritos. Morreu no porto de Ostia, nos braços de seu caro Agostinho.

*Um bispo. S. Nicolau.* — Um grande sancto, popular atravez de todas as idades, viveu no seculo iv. Foi bispo de Myra na Lycia. A grande veneração em que a

Egreja o teve sempre e o grande numero de templos levantados em sua honra, são provas inconcussas de sua sanctidade. E' o patrono das creanças. E com razão, porque desde a infancia foi modelo de innocencia e de virtude. Tinha um prazer extremo em formar esta idade tenra na piedade; muitas vezes salvou donzellas em perigo de perderem a innocencia. Operou muitos milagres authenticos.

*Um doctor. S. Thomaz d' Aquino.* — Nascido em 1226 de uma das principaes familias do reino de Napoles mostrou cedo grandes disposições para o estudo e para a virtude. Aos dezeseite annos envergou o habito de S. Domingos. Seus pais levaram-n'o muito a mal; encerraram-n'o em um castello forte onde nada se omittiu para tentar sua resolução, e onde sua innocencia correu grandes perigos. O sancto noviço triumphou de todas as difficuldades, conseguiu fugir e acabou por fazer seus votos. Estudou na escola de Alberto o Grande.

A superioridade de seu espirito, junto a um trabalho continuo, depressa o puzeram em estado de dar licções aos proprios mestres, e de compor essas bellas obras de theologia, que lhe mereceram o epitheto de Anjo da escola. O estudo contribuiu n'elle para augmentar seu zelo pela perfeição e sua fidelidade ás practicas de devoção particularmente para com Jesus no SS. Sacramento.

Escreveu seus mais bellos tractados aos pés do crucifixo, por isso mereceu ouvir da bocca do divino Salvador estas doces palavras: «Thomaz, bem escreveste a meu respeito!»

*Uma enferma. S. Lidwina.* — Natural de Hollanda, Lidwina amou a Deus desde os primeiros annos; aos doze fez voto de virgindade. Foi provada por uma horriavel tempestade de males que a obrigaram a guardar o leito os ultimos trinta annos de sua vida. Durante

sete viu-se privada do uso de quasi todos os membros. A estes soffrimentos physicos accresciam grandes penas interiores. Mas nunca por um milagre da graça o desespero se apoderou d'essa alma provada no cadinho do soffrimento.

Meditava habitualmente sobre a paixão do Salvador; era ali que hauria a força para accrescentar a suas proprias dores outras mortificações voluntarias. Esta paciencia heroica, acompanhada de uma doçura e de uma humildade raras, de um ardente amor dos pobres, mereceu-lhe o dom dos milagres e das revelações. Sancta e alegremente crucificada na terra com seu divino Mestre, foi partilhar emfim com elle a coroa promettida aos fieis amantes da cruz.

*Um rei. S. Luiz.* — A rainha Branca, sua mãe, educou-o com grande esmero. « Meu filho, lhe dizia ella muitas vezes, antes quizera ver-te morto a meus pés, do que manchado com um peccado mortal. » Estas palavras gravaram-se profundamente no coração do joven Luiz. Meditava-as sempre, já depois de ser rei de França. Mostrou-se tão grande principe, quanto fervoroso christão, e soube alliar todas as virtudes dos sanctos com as qualidades de um heroe e de um sabio legislador. Depois de haver regulado e pacificado o interior de seus Estados, tomou a cruz, e partiu para a Palestina. Cahido em poder dos musulmanos, não perdeu nada da severidade de seu espirito, nem da dignidade de seu character. Os proprios barbaros, tocados de tanta grandeza d'alma, diziam que era o christão mais altivo que jamais tinham visto.

Uma outra cruzada não teve melhor sorte, mas proporcionou ao sancto rei a vantagem de morrer soldado de Deus e de sua sancta religião. A peste arrebatou-o de juncto ás muralhas de Tunis.

O proprio Voltaire prestou um solemne e enco-

miastico preito á grande sanctidade d'este modelo incomparavel de soberanos, antes pai do que rei dos francezes.

*Um papa. S. Pio V.* — Logo aos quinze annos tomou o habito dos dominicanos, e a regra de tender sempre á maior perfeição. Depois de haver ensinado com grande successo a philosophia e a theologia, exerceu uns apoz outros os cargos de mestre de noviços, prior, etc., e mais tarde foi promovido ao cardinalato. No pontificado de Pio IV, mostrou uma tal aptidão para a direcção dos negocios da Egreja, que na morte d'este papa, foi por aclamação chamado a succeder-lhe. Fez quanto lhe foi possivel para affastar de si este fardo, mas não houve remedio senão curvar a cabeça. Pio V mostrou mais ardor ainda depois de papa do que antes pela oração e mortificação; n'estes exercicios encontrava elle toda a sua força. Publicou os decretos do concilio de Trento, e invidou todos os esforços para os fazer executar. Foi a sua prodigiosa actividade e a suas orações que attribuiram a memoravel victoria alcançada sobre os Turcos em 1571. Pio V foi um grande papa e um grande sancto.

*Um grande do mundo. S. Francisco de Borgia.* — Passou os primeiros annos na côrte de Carlos Quinto, que o tractou sempre com grande consideração. Espôs Leonor de Castro, da qual teve cinco filhos. Encarregado de conduzir o corpo da imperatriz Izabel a Granada, Francisco tocado do estado do cadaver d'esta princeza, concebeu um tal desprezo pelas cousas do mundo, que desde logo resolveu abraçar uma vida mais perfeita.

Viuvo aos trinta e seis annos, vice-rei da Catalunha, quarto duque de Gandia, renunciou a todas as grandezas humanas, e entrou na Companhia de Jesus. S. Ignacio enviou-o como prégador a todas as provincias da



Hespanha, e nomeou-o superior de todas as casas de sua ordem n'este reino. Sua humildade extraordinaria e suas outras virtudes, ás quaes sua fidalguia dava novo realce, conciliaram-lhe o respeito de grandes e pequenos.

Seu ministerio foi abençoado. Foi o terceiro geral da Companhia. Tres cousas, dizia elle, hão-de assegurar a prosperidade da Companhia:

1.º o espirito de oração e a frequencia dos sacramentos; 2.º a opposição do mundo e as perseguições; 3.º a practica da mais perfeita obediencia.

*Um grande chancellor. S. Thomaz de Cantuaria.* — Chancellor de Inglaterra no reinado de Henrique II, e arcebispo de Cantuaria, exerceu estes cargos difficeis com um zelo e um talento, que mereceu a aprovação do rei. Thomaz era o modelo de seu clero, o pae dos pobres, o ardente defensor dos direitos da Igreja. Esta firmeza inabalavel attrahiu-lhe a inimizade do monarcha. Ninguem, dizia o rei, terá coragem de me livrar d'esse padre, que me dá mais que fazer que todos os outros meus subditos! Thomaz assassinado em sua igreja, ao pé do altar, morreu como heroe christão.

*Um fundador. S. João da Matha.* — Nasceu em Faucon, na Provença, por meado do seculo XII; cursou os estudos primeiramente em Aix, ao depois em Paris, onde recebeu o presbyterado.

Durante a celebração de sua primeira missa, teve uma visão que lhe deu a entender o que o céo queria d'elle. Mas afim de melhor se assegurar da vontade de Deus, foi ao deserto ver um sancto eremita, Felix de Valois, com o qual combinou a fundação de uma ordem religiosa, destinada á redempção dos christãos captivos em terras dos mahometanos. O summo Pontifice depois de ter consultado a Deus na oração aprovou a nova instituição que tomou o nome de Ordem da Trin-

dade. João fez duas viagens a Tunis, onde teve muito que soffrer.

Milhares de captivos foram resgatados. Extenuado de fadigas, de jejuns e de mortificações, veio morrer a Roma, em cheiro de sanctidade, pelos annos de 1213.

*Uma fundadora. S. Thereza.* — Nasceu em Avila em 1515. Desde a mais tenra idade, abrazada por leituras piedosas, que em familia tinham logar, ardia no desejo de affrontar o martyrio, e entregava-se com ardor incrivei a todas as practicas devotas. Este primeiro entusiasmo esfriou no entanto por causa da leitura de alguns romances, e pelas relações que atou com pessoas bastante mundanas. Teria até cahido em verdadeiro relaxamento, se um movimento superior da graça lhe não tivesse inspirado o pensamento de entrar em religião.

Escolheu a ordem do Carmelo. Dentro do claustro ainda teve de lutar contra a fraqueza humana. Mas afinal por um novo e glorioso impulso entregou-se totalmente a Deus e caminhou a largos passos pelas heroicas veredas da perfeição. Recebeu do ceo favores extraordinarios pelos quaes Deus a preparava para a grande obra da reforma do Carmelo. Conseguiu attingir gloriosamente seus fins. Mil contradicções, mil obstaculos vieram desalentar-a! Thereza no fim confiava sempre mais em Deus. Sua divisa era esta: *ou soffrer ou morrer*, e depois de ter soffrido bem, e bem combatido todos os combates do Senhor, pôde finalmente ir ver face a face o divino esposo de sua alma, no anno de 1581.

Era-me facil multiplicar ao infinito esta gloriosa lista de modelos de virtudes heroicas, mas é forçoso parar. E quem eram esses aos quaes Jesus Christo pedia a sanctidade e a perfeição, e que tem sido realmente sanctos perfeitos?

São homens como nós, de quem o Sabio disse: « O homem em seus sentidos, em seus sentimentos, em seu coração, é inclinado ao mal desde a mais tenra juventude! N'elle a fascinação da frivolidade obscurece o bem, e a inconstancia e a concupiscencia faz nascer invariavelmente a malicia... » E' esta natureza que em Job exclamava: « Meu Deus, meu Deus, porque me haveis feito contrario a vós? » que inspirava a S. Paulo estes assentos de desespero: « Infeliz de mim, que não faço o bem que quero, e faço o mal que aborreço! » Estes sanctos, estes homens perfectos são seus apóstolos e discipulos, a quem Jesus Christo tantas vezes dissera: « Vigiai e orai sem cessar, porque o espirito está prompto. mas a carne é fraca... »

Insensatos e remissos em crer, quanto tempo terei de vos soffrer ao pé de mim? » São esses mesmos apóstolos, esses mesmos discipulos que no dia de sua paixão, não tiveram animo para vigiar e orar uma hora com elle, e que fugiram. Sim, são esses mesmos aquelles, dos quaes Christo fez sanctas e sanctos perfectos.

Um grande numero de sanctos, de facto, como S. Thereza, S. Francisca de Chantal, S. Francisco de Borja, S. André Avelino, etc., etc., fizeram voto de tender sempre á perfeição, de obrar a cada instante o que lhes parecesse que era mais excellente. Conforme as eloquentes palavras da Sagrada Escripção corriam no caminho da perfeição com a rapidez da faulha que devora uma vasta extensão de cannaviaes seccos; tinham fabricado uns degraus em seu coração, trepavam-nos com grande intrepidez; eram como a luz da aurora, ao nascer fraca e pallida, mas crescendo sempre até aos esplendores do meio dia. E repitamol-o mais uma vez, estas transformações, estas transfigurações são proprias, exclusivas da Egreja catholica, apostolica, romana, que

é a unica sancta, a unica que tem feito, faz e fará sempre sanctos e perfeitos.

Um impio d'esses a sangue frio e mui famoso, Proudhon, ao convite divino: «Sêde sanctos, porque eu sou sancto,» respondia com estas abominaveis blasphemias que se diriam sahidas da bocca de Satanaz, mas que por sua côr negregada não deixam de ser um dos Esplendores da fé: «Gigante mentiroso, Deus imbecil, teu reino acabou, vai procurar entre as bestas outras victimas. Sei que não sou, nem posso nunca vir a ser sancto E como o serás tu, tu que tanto te pareces comigo?... Deus, tollice ou cobardia; Deus, hypocrisia e mentira; Deus, tyrannia e miseria; Deus é o mal! Enquanto a hnmanidade se curvar deante de um altar, enquanto o homem for escravo dos reis e dos padres, será reprobada... a paz e o amor desaparecerão d'entre os mortaes.»

Pois esse mesmo Proudhon vencido pela evidencia dos factos, e pelo testemunho brilhante da historia, disse da religião catholica; «Foi ella quem cimentou os fundamentos da sociedade; quem deu a unidade e a personalidade ás nações; quem serviu de sancção aos primeiros legisladores; animou com um sopro divino os poetas e os artistas, e collocando no ceo a razão das cousas e o termo de nossa esperança, derramou a ondas sobre um mundo de dores a serenidade e o enthusiasmo... E como ella sabe enobrecer o trabalho, aligeirar a dor, humilhar o orgulho do rico, e levantar a dignidade do pobre! Quanta coragem inflammou com suas lagrimas! Quantas virtudes fez despontar! que dedicações suscitou! Que torrentes de amor entornou no coração das Therezas, dos Francisco de Sales, dos Vicente de Paula, dos Fenelon! Com que laço fraterno ella soube abraçar os povos, confundindo em suas tradições e orações, os tempos, as linguas e as raças...

A religião creou typos, aos quaes a sciencia nada poderá accrescentar; e ditosos de nós se aprendermos da sciencia a realisar em nós o ideal que a religião nos mostra.» Esplendor! Esplendor! Jesus Christo dissera: « Sêde perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito, ou antes, muitos de vós serão perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito!» O oraculo divino cumpriu-se, e seu cumprimento é um milagre evidente da omnipotencia divina.

---

## CAPITULO UNDECIMO

### Setimo Esplendor da Fé

*Os pobres serão evangelizados.* — (S. Matheus xi, 32). Os discipulos de João hesitavam ainda em se collocar debaixo da direcção d'aquelle que seu mestre denominara o Cordeiro de Deus. O precursor lá estava jazendo sempre na prisão. Herodes tinha até então resistido ás solicitações de uma esposa vingativa e cruel. O illustre preso aproveitou-se dos ultimos dias de vida que lhe deixava a moderação ou a pusillaminidade do tetrarcha. Mandou chamar dois de seus mais fieis discipulos e despachou-os directamente a Jesus: «João Baptista, disseram elles ao Salvador, propõe-vos esta pergunta: Sois Aquelle que deve vir, ou devemos esperar outro?» N'este momento Jesus, estava rodeado de immensa multidão de povo. Na presença dos discipulos de João curou enfermos de suas enfermidades e de suas chagas, livrou os possessos e deu vista aos cegos. «Ide, e dizei a João o que vistes. Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos resuscitam, os pobres são evangelizados.» E' portanto o proprio Jesus Christo que classifica o annuncio do Evan-

gelho dos pobres como um milagre que demonstra sua divindade e a divindade de sua Igreja, e que d'elle faz um Esplendor da fé! Os pobres são evangelizados, quer dizer, rehabilitados, respeitados, amados, soccorridos, ensinados.

E' ainda um oraculo, uma prophesia! e um oraculo que se tem verificado, e todos os dias se está verificando. Em toda a parte no christianismo, theoreticamente ao menos, ou ao menos no seio da Igreja catholica, romana, dogmatica e practicamente, o pobre é evangelizado da maneira a mais perfeita, e esta evangelização do pobre é ainda um grande facto que enche o mundo. Logo a Igreja catholica é divina. Jesus Christo já tinha chamado a attenção sobre este escopo de sua missão. Em uma circumstancia memoravel, certo dia em que ensinava na synagoga de Nazareth, sua cidade natal, apresentaram-lhe o livro do propheta Isaias, abriu-o e leu: «O espirito do Senhor está sobre mim, e me consagrou por uma uncção sancta, enviou-me para evangelizar os pobres.» O Evangelho annuciado aos pobres, fim capital da missão do divino Mestre, é pois tambem uma prophesia do Antigo Testamento, cujo cumprimento é realmente maravilhoso.

Logo que o Messias nasce, pobre no meio dos pobres, logo que o anjo aparece aos pastores, diz-lhes: «Annuncio-vos uma feliz nova, uma grande alegria. Eis que vos nasceu o Salvador, o Salvador dos pobres! Ide, encontrareis um menino deitado n'um presepio, envolvido em cueiros.» E immediatamente uma grande multidão de espiritos entoa o hymno do Salvador: «Gloria a Deus! Paz aos homens de boa vontade!» Os pastores correram a Belem, encontraram o menino deitado no presepio, creram n'elle e adoraram-no; depois fizeram-se echos da boa nova. Os primeiros chamados ao berço do Salvador foram pois os pobres. Fundará sua Igreja sobre pobres.

Seus apóstolos serão pobres, o chefe do seu apóstolado será pobre. Quando começar sua prégação, a primeira das bemaventuranças será: «Bemaventurados os pobres!»

Até então, nos tempos passados, em todas as sociedades, na antiguidade pagã, e entre os povos, cuja civilização tem sido a mais gabada, os Gregos e os Romanos, não só nenhuma pobreza, nenhuma indigência era respeitada — a historia inteira ali está para o attestar — mas todas as miserias eram barbaramente ultrajadas. Aqui a indigência era uma verdadeira degradação social, que collocava o pobre fóra da familia e da humanidade; alem a creança pobre, cobardemente trahida pela sociedade, era abandonada sem defesa aos caprichos de seu pai que podia a seu grado atiral-a como uma immundície sobre a praça publica ou asphixial-a por suas proprias mãos.

Acolá hombro a hombro com um punhado de homens, que disfructavam alegremente a vida como se fóra monopolio seu, vegetavam entre o supplicio da fome e o mais duro ainda do desprezo milhares de escravos, especie de rebanho de figura humana, de dia ajoujados aos mais duros trabalhos, á noite encurralados como vis animaes em fetidos subterraneos, raça privilegiada para a dor e o opprobrio.

Tudo isto se passava no reinado da razão humana sem que jamais soltasse um protesto em favor da dignidade do homem. Não só a philosophia não derramava lagrimas em presença de tantos infortunios, sua voz contra uma tal oppressão, mas proclamava pela bocca de Seneca, de Marco Aurelio e de seus outros sabios, que a piedade não é senão uma fraqueza: «Não chores com aquelles que choram!» Mas eis que de subito appareceu no mundo a doçura e a humanidade de Nosso Senhor Jesus Christo, gritando: «Meu Pai envia-me para evangelizar os pobres! Bemaventurados os pobres;



bemaventurados os que choram! Chorai com os que choram, affligi-vos com os que estão afflictos. E para operar esta revolução immensa, Jesus Christo encontrou em seu coração humilde e doce um segredo divino e incrivei, superior a quanto d'elle poderíamos dizer.

Quere que o pobre d'ora em diante seja honrado como se fôra o proprio Jesus Christo; quere outhorgar-lhe titulos não só á consideração e ao respeito, mas a uma especie de culto e de adoração. E para isso, fará de sua condição una especie de sacramento ineffavel, no qual se ha-de revelar sensivelmente até ao fim dos seculos. Incarna-se no pobre; identifica-se com o pobre: «Em verdade, em verdade vos digo, que tudo aquillo que fizerdes ao minimo dos meus, a mim o fizestes... Aquelle que o fere, fere-me na pupilla do olho.» O pobre chora, é Jesus Christo quem chora! O pobre tem fome, é Jesus Christo quem tem fome! O pobre mendiga, é Jesus Christo quem mendiga! O pobre tem a apparencia do homem, mas a realidade desapareceu, em seu logar está Jesus Christo. E com receio de que esta transformação não ficasse uma ideia esteril, Jesus Christo tira d'ella uma ideia pratica. Depois de ter revestido o pobre de sua dignidade, revestiu-o de sua omnipotencia, constituiu-o thesoureiro do ceo.

O que Jesus Christo dá, o pobre o dá. Dá a verdade, a graça e o ceo; porque a fé, a graça e a salvação eterna, tudo isto está promettido só aos pobres. «Vinde, bemitos de meu Pai... Porque tive fome, e me destes de comer; sêde e me destes de beber... Retirai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno!» Aqui está o pobre realmente divinizado! Eil-o rodeado das homenagens do universo. Será preciso, é-o absolutamente, sob pena de morte eterna, que o homem se lhe dirija com todo o respeito.

Os direitos de Jesus Christo são os direitos do pobre, e esta delegação era necessaria, para que a indi-

gencia não ficasse sem recursos, para que a humanidade fosse verdadeiramente uma familia de irmãos, para que o Pai commum que está nos ceos assegurasse a cada um o pão quotidiano. Jesus Christo no pobre é a obrigação da esmola, é a divida de reconhecimento a um amor infinito! E' tambem a regra do amor que deve medir-se não pelas necessidades do pobre, mas pelos direitos de Jesus Christo, pelas dimensões da Cruz. E a cruz é o infinito no amor. E' tambem a consolação e a gloria na esmola! E' finalmente a refutação de todas as objecções que o mundo não cessa de oppor á esmola!

Importa estabelecer alem d'isso que Jesus Christo para melhor affirmar a beatitude do pobre lhe oppoz a desgraça do rico: «Ai de vós! os ricos! Em verdade vos digo, é muito difficil que um rico entre no reino dos ceos!... Repito, é mais facil a um camello passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no ceo.»

O que ha de mais extraordinario é que estas doutrinas sobre a pobreza e a riqueza, escandalo para o judeu, loucura para o gentio, sabedoria e virtude de Deus para os escolhidos, hajam entrado tanto adentro na sociedade humana, e hajam mudado todas as ideias, todos os sentimentos, todas as relações. E' que o pobre está no direito de saccudir o pó de seu opprobrio, de levantar a cabeça inclinada pela desgraça ou pelo desprezo. Os abatimentos do pobre são finitos! Cedo virão seus dias de ventura e de gloria!

Pode agora estender a mão e fechal-a sobre a esmola do rico, porque esta esmola não é um soccorro á miseria, mas sim um tributo pago á realeza de Jesus Christo a quem representa. Ora um tributo nunca foi vergonha á realeza que o reclama e recebe! Que sublime pensamento o de collocar o pobre acima de tudo só pelo facto e em nome de sua pobreza! Que consciencia não é preciso ter de sua propria força para tentar semelhante revolução! Que poder para a impor! A'

falta de outro esplendor, este seria o bastante para fazer cahir de joelhos deante de Jesus Christo e de sua sancta Igreja, catholica, apostolica e romana! Porque realmente tanto poder, tanta grandeza e tanta caridade só a Deus podem pertencer.

Antes de civilisada pela Cruz, a sociedade não conhecia outros monumentos alem dos arcos de triumpho, os theatros, os templos dos idolos, i é, os tristes monumentos do erro, do orgulho e da voluptuosidade! Hoje pasma de ver levantar edificios novos, caritativos e gloriosos, a simples inscripção dos quaes revela o genio que os produziu. «A Jesus Christo em seus pobres!» A Igreja faz mais ainda! Com seu poder de creação que lhe foi legado pelo divino fundador, surgem por toda a parte fundações religiosas que repartem entre si todas as miserias a recolher e a alliviar. A sua voz e por sua influencia entre os proprios abalos das revoluções e as trevas da barbarie, surgem generosas associações, rivalisando em dedicação, disputando a palma do sacrificio, cujas leis são a verdadeira carta de beneficencia, cuja constituição ficará para sempre a organização viva da caridade. Não ha nenhuma das innumeraveis miserias da especie humana que escape ás sanctas conspirações de seu zelo, cujo exercicio é um novo esplendor da fé. «Hão de reconhecer que sois meus discipulos, se vos amardes uns aos outros.»

Apenas esboçamos aqui a evangelisação que se exerce pela instrucção, o ensino dos pobres e dos pequenos. E' ainda um facto mais claro que o dia, que no seio do christianismo em geral e da Igreja catholica, apostolica, romana em particular: 1.º o ensino tem tomado proporções enormes; que as escolas que remontam aos seculos apostolicos se tem multiplicado sem cessar até attingirem uma cifra prodigiosa; 2.º que em as nações até hoje idolatras, mesmo n'aquellas, em que a civilisação é muito antiga e bastante adeantada, como na Chi-

na e no Japão, a instrução se reduz a muito pouco, á explicação de alguns textos de Confucio; 3.º que entre as nações que abandonaram o christianismo, a instrução das classes inferiores da sociedade é quasi nulla. De forma que o ensino, a instrução do pobre é certamente um dos mais refulgentes esplendores da fé.

No seculo primeiro S. João fundou em Epheso uma escola, na qual instruia a juventude. S. Polycarpo, seu discipulo, fez outrotanto em Smyrna. Desde o seculo II e o III vemos escolas e bibliothecas collocadas ao lado das egrejas. Na primeira ordem d'estas escolas deve collocar-se a dos cathecumenos, cuja instrução e educação duravam de ordinario dois annos. Não percamos occasião de notar que o catecismo, esse livrinho que desde os mais remotos seculos até nossos dias, serve de texto á instrução religiosa dos cathecumenos e das creanças, é só á sua parte um brilhante esplendor da fé.

«Lêde esse pequeno livro, diz Jouffroy, um dos chefes menos suspeitos da escola Philosophica e ecletica, ahí encontrareis a solução de todas os questões que venho de propor, de todas sem excepção. Perguntai ao christão d'onde vem a especie humana, dir-vol-o-ha; para onde vai, tambem o sabe. Perguntai á pobre creança, que jámais pensou na vida, para que está n'este mundo, o que será d'elle depois da morte? Ouvireis uma resposta sublime que não comprehenderá, mas que nem por isso deixará de ser digna de admiração! Perguntai-lhe porque, perguntai-lhe como foi creado o mundo e para que foi? Porque é que Deus creou animaes e plantas? Como foi povoada a terra? Se por uma só familia, se por muitas? Porque falam os homens muitas linguas? Porque soffrem, porque se guerreiam, e quando ha de acabar tudo isto? Ella o saberá ainda. Origem do mundo, origem da especie, origem das raças, destino do homem n'esta vida ou na outra,

relações do homem com Deus, deveres do homem em suas relações para com os seus semelhantes, direitos do homem sobre a criação, nada d'isso ignora. E quando fôr grande, não hesitará sobre o direito natural, sobre o direito politico, sobre o direito das gentes. Tudo isto resalta e decorre naturalmente do christianismo e do catecismo!...»

A escola de Alexandria e de Constantinopla, onde Juliano teve por condiscipulos S. Basilio e S. Gregorio de Nazianzo, eram verdadeiras universidades. A bibliotheca, annexa á escola de Alexandria comprehendia cem mil volumes. Estas escolas e bibliothecas estendiam-se á litteratura profana, testimunha o decreto hypocrita de Juliano Apostata que prohibia aos christãos interpretar Homero, Hesiodo, etc., debaixo do pretexto de que era um delicto interpretar auctores, cuja doutrina se condemnava, e se accusavam de erro, de loucura e de impiedade. E' um facto indubitavel que os thesouros litterarios da antiguidade grega e romana foram conservados nos conventos. Entre os livros que levaram para Inglaterra os monges encarregados por Gregorio Magno de converter a Grã-Bretanha causava admiração um bellissimo manuscripto de Homero.

Mas a missão de evangelisar as nações devia exercer-se, mórmente por escolas elementares. Desde 680, o sexto concilio de Constantinopla ordenava que se estabelecessem escolas gratuitas até mesmo nas aldeias, e recommendava aos padres que tomassem cuidado d'ellas.

No seculo VIII diversos concilios prescrevem aos bispos e aos parochos que se devotem á instrucção da juventude, sobre tudo d'aquelles que se dedicavam ao estado ecclesiastico. No seculo IX, Carlos Magno, auxiliado por Alcuino, fundou a universidade de Paris, e deu um impulso immenso ás escolas ecclesiasticas e leigas. Ao mesmo tempo Alfredo o Grande fundava a univer-

cidade de Oxford. No seculo x, Luiz o Gordo emancipava os servos, e queria que um dos principaes cuidados dos bispos fosse sua instrucção. Apareceram então muitas Congregações de um e outro sexo, devotadas não só ao estudo das altas sciencias, mas principalmente ao ensino dos primeiros elementos das lettras e da religião. Em uma serie de artigos sobre as bibliothecas da idade media, inseridos nos *Annaes de philosophia christã*, 1839, o R. P.<sup>e</sup> Cahier prova até á evidencia que n'esta epocha tão calumniada, graças á acção poderosa da Igreja, a instrucção dos reis e dos senhores da burguezia, e das proprias mulheres, era muito mais vasta do que se pensa. Apresenta a lista, pasmosa pelo numero, das escolas da França, da Allemanha, da Inglaterra, da Irlanda. Refuta a estolida calumnia de que os nobres se gabavam de não saberem escrever o seu nome, e explica a ausencia de assignaturas da classe nobre nos actos publicos pela tyrannia da etiqueta que era não assignar.

S. Luiz, rei de França, que assignava suas cartas, não assignava os diplomas; um escriptor censura a Carlos v ter assignado por proprio punho todos os actos emanados de sua auctoridade. Sabe-se tambem que a maior parte dos trovadores e dos *trouvères* da meia idade eram gentishomens. Anna de Volvire, chamada a sancta de Nada, á qual um sancto uso bretão dera como padrinho e madrinha dois bons pobres, era já aos quatorze annos madrinha de quatro creanças pobres, e ensinava ella mesma em seu castello ás donzelas indigentes as primeiras lettras. No seculo xvi surgem umas apoz outras innumeradas congregações ou ordens religiosas, unica e principalmente consagradas á instrucção e á educação das creanças e dos pobres. As Ursulinas, fundadas por Angela de Mérici; os Jesuitas, por Santo Ignacio de Loyola; os padres do Oratorio por S. Philippe Nery; a Congregação de Nossa Senhora pelo bemaventurado Pedro Fourier; a Ordem da dou-

trina christã por S. Hippolyto Galando; os Somascos por S. Jeronymo Emiliano; os Religiosos das Escolas pias por S. José Calazanz; a Ordem da Visitação por S. Francisco de Sales e Santa Joanna de Chantal; a Congregação do Oratorio pelo cardeal de Berulle; os Padres da Congregação da Missão e as Irmãs da caridade por S. Vicente de Paulo e Luiza de Marillac; os Eudistas pelo Padre Eudes; a Congregação de S. Carlos, fundada na Lorena; as Irmãs da doutrina christã, as Irmãs da Providencia; os Irmãos das Escolas christãs por J. B. de la Salle; os Irmãos da Caridade, fundados pelo abbade Rosmini; os Irmãos da Instrucção christã, os Irmãos da Sacra Familia, etc., etc. Darei apenas um rápido esboço de alguns d'estes piedosos fundadores.

*Jeronymo Emiliano.* — Era de Veneza, de nobre estirpe.

Depois de ter servido com distincção nos exercitos da republica, foi feito prisioneiro e carregado de ferros. Tendo obtido soltura por intervenção da santissima Virgem, consagrou-se á practica de todas as virtudes christãs, especialmente aos exercicios da caridade. O allivio dos enfermos e dos pobres, o cuidado dos orphãos, a instrucção das creanças e dos candidatos ao estado ecclesiastico, foram objecto de sua solitudine. O desejo de perpetuar estas boas obras moveu-o a fundar a Congregação dos Somascos. Este nome veio-lhe da aldeia, onde pela primeira vez se reuniram os membros do novo instituto. Jeronymo morreu de doença contagiosa, contrahida no tratamento dos enfermos.

*José Calazanz.* — Veiu ao mundo a 11 de novembro de 1536, em Petralta, no Aragão. Logo desde a infancia se tornou nctavel por sua piedade. Padre, confessa, préga, visita os doentes, os enfermos, n'uma palavra entrega-se a todas as obras de caridade e do apostolado.

Sua mortificação era excessiva, suas acções continuas; os pobres, os doentes, os prisioneiros eram o objecto constante de sua ternura e de suas esmolas. Quando a peste devastou Roma, andava de um lado para o outro, visitando todos os enfermos, e muitas vezes carregava com os corpos das victimas do contagio. A vista de um rancho de creanças desoccupadas e entregues á mais vergonhosa ignorancia toca-lhe o coração. Quer atalhar a este deploravel estado; mas elle só que poderá fazer? arranja cooperadores, fundando com a protecção do papa a Congregação das Escolas pias que prestaram immensos serviços á Egreja na pessoa dos filhos do povo.

*João Baptista de la Salle.* — Nascido em Reims de familia christã e honesta, teve desde a juventude desejos de se consagrar a Deus. Ordenado de presbytero, recebeu o grau de doutor em Pariz. Nomeado conego de Reims, depressa largou estas funcções, mui pouco activas para seu zelo, e devotou-se á educação das creanças. Em 1679 abriu em Reims escolas gratuitas, forma professores, aos quaes sustenta em sua casa, e dá-lhes sabios regulamentos. Assim tomou principio o Instituto dos Irmãos das Escolas christãs, que tanto se tem disseminado atravez dos seculos, apezar das calumnias e das perseguições de toda a especie. Este verdadeiro e modesto servidor dos pobres deixou em paz a terra de exilio na idade de sessenta e oito annos em 1719.

*João de Lamennais.* — Irmão do celeberrimo auctor do *Ensaio sobre a Indifferença*, João de Lamennais nasceu sobre o velho solo catholico da Bretanha. Educado em sentimentos de uma piedade sincera e solida, tendo abraçado a carreira ecclesiastica, João tornou-se notavel por sua fé ardente e seu gosto pelo estudo. Em 1825, em Ploermel, lançou os fundamentos do Instituto dos Irmãos da caridade, destinado á educação das creanças pobres. Os começos foram humildes, mas o



grão de mostarda germinou, e a massa fermentou com o tempo. Hoje esta obra estremecida por este padre simples e recto está de todo florescente. Ainda não ha muito que este humilde evangelista dos pobres entregou sua bella alma a Deus nos sentimentos da maior piedade e da mais doce confiança na misericordia divina. Deixou fundas saudades em todos quantos o conheceram. Seu querido Instituto dos Irmãos da caridade prestou e continuará a prestar relevantes serviços por toda a parte onde aparecer.

No fim do seculo XVIII, o numero das escolas de caridade em Paris e nas dioceses de França era immenso! Bergier notava que não fora nem a philosophia, nem a politica, nem a philantropia, mas só a religião, a que marchando á frente d'estas bellas instituições, fundara todos estes estabelecimentos de instrucção para as classes ricas e pobres. A revolução franceza rompeu violentamente com todas as tradições do passado, supprimiu os estabelecimentos religiosos, e dispersou a sancta legião dos evangelistas dos pobres. Fez n'uma palavra taboa rasa de tudo o que existia.

Quiz em seguida reorganisar, mas apenas pôde dar á luz um despotismo ridiculo e barbaro. O Directorio não foi mais feliz. Suas escolas centraes ficaram desertas. Então provou-se á evidencia que a demagogia athêa tão poderosa em destruir é incapaz de edificar, e que a Igreja, a unica que recebeu a missão de ensinar as nações, é tambem a unica que pode crear, construir e conservar.

A França, que antes da Revolução contava grande multidão de collegios e universidades florescentes, ficou apenas com escolas centraes sem estudantes, faculdades sem ouvintes, collegios commerciaes desertos, lyceus sem frequencia, e um unico observatorio que legou um triste numero de observações sem importancia. Com o imperio e a restauração, as congregações

religiosas renasceram. Multiplicaram-se em proporção enorme. O *Pauperes evangelisantur* de novo se converteu em brilhante realidade. E o que ha de mais extraordinario é que os collegios do clero, as instituições ecclesiasticas, as escolas preparatorias para as carreiras publicas, sustentadas por padres ou religiosos, são mui superiores em numero, em distincção de educandos, e nos resultados obtidos nos concursos para a Escola polytechnica, para a Escola militar, nos diplomas de capacidade, nas pensões para as escolas especiaes etc. As Universidades catholicas estão apenas em começo, e tudo prenuncia já para o direito e a medicina que hão de fazer concorrência temível ás faculdades do Estado. Hão de provar ao menos que a sciencia a mais adiantada não inspira á Egreja nenhum terror, que a Fé considera a sciencia como irmã querida com a missão de evangelisar com ella em uma harmonia perfeita. Assim é que se ouve o ronco longinquo do odio vir-se aproximando cada vez mais. Regouga a expressão sentida e iracunda que inspira essa pouca liberdade que deixam á Egreja, sobretudo para o ensino superior.

Levanta-se já tudo a desfraldar o estandarte da ligado ensino, o espectro da instrucção, gratuita obrigatoria e leiga. E' sempre e encarniçado, como nunca, o odio de Deus que se tracta de banir a todo o preço do coração das creanças e sobretudo do coração dos pobres. O que ha de mais horrivel é que este odio que não pode simular o amor da sciencia e do progresso, pois que os resultados estão no campo contrario, prepara sem ter a desculpa de o não saber, o castigo cruel das sociedades que se deixam covardemente puxar a reboque de uma odienta minoria. A religião retirou-se deante dos prejuizos selvagens que lhe vedam o exercicio da sua grande missão de evangelisar os pobres. Que tem acontecido? todas as miserias se erguem

ameaçadoras, e d'ora em diante forras de todo o freio que as continha, combatendo-as.

E' a onda do pauperismo, que de balde detido pela regulamentação, sobe, sobe sempre até ameaçar a propriedade. A riqueza aterrada solta o grito de alarme, a sociedade no lucto vela a frente com um veo... Onde irá despedaçar-se a onda que engrossa! Sabe-o Deus! O que nós sabemos é que onde o catholicismo está em pé, onde os pobres são por elle evangelizados, o desespero é um crime. Que a religião volte! que avance, que implante sua cruz e diga á onda: «Até aqui, e não mais longe!» E a onda virá expirar a seus pés, a esperança renascerá, e o mundo será salvo!

---

## CAPITULO DUODECIMO

### Oitavo Esplendor da Fé

*Sereis odiados de todos por causa do meu nome.* (Math x, 22.) Jesus Christo estava no principio da sua vida publica. Percorria cidades e aldeias, prégando o Evangelho, curando enfermidades e toda a casta de males. Relanceando um olhar sobre a multidão que o seguia, amiserou-se d'estas ovelhas sem pastor, e voltando-se para seus discipulos, disse-lhes: «A seara é grande. mas os obreiros são poucos. Rogai ao Senhor que mande obreiros para a sua messe.» Tomando em seguida de parte os doze, depois de lhes ter dado o poder de expulsar os demonios e de guarecer todos os males, diz-lhes: «Ide, prégai que o reino de Deus está proximo. Envio-vos como ovelhas para entre lobos...

Sereis conduzidos por minha causa á presença dos reis e dos governadores... Os homens compellir-vos-hão a comparecer em suas assembleias, e sereis flegelados em suas synagogas...

Quando assim vos succeder, não estejais inquietos sobre o que haveis de responder... O espirito de vosso Pai suggerir-vos-ha o que haveis de dizer e falará em

vós... *Vós sereis odiados por todos por minha causa!* O discípulo não é mais do que o mestre . . . Se ao Pai de famílias chamaram Beelzebuth, ainda peor hão de dizer dos de sua casa. Mas não temais aquelles que matam o corpo e que não podem matar a alma . . .»

Eis em sua tocante simplicidade a narração evangelica. Uma outra vez Jesus Christo disse aos doze: «Sereis entregues á tribulação e á morte, e sereis odiados de todas as nações por causa de meu nome. (Math. xxiv, 9). . . Se o mundo vos aborrece, sabei que primeiro me aborreceu a mim. Se fosseis do mundo, o mundo vos amaria, porque ama o que lhe pertence. Como porem não sois do mundo, e eu vos escolhi d'entre os do mundo, eis porque o mundo vos aborrece. O servo não é mais do que seu senhor; a mim perseguiram-me, tambem vos perseguirão a vós por causa de meu nome, porque não reconhecem como Deus Aquelle que me enviou.» Compendiando a palavra do Mestre, S. Paulo diz: «Todos aquelles que quizerem viver piamente em Jesus Christo, hão de soffrer perseguição.» (Ep. a Timotheo, II cap. III, 12.)

*Sereis por toda a parte e sempre objecto de odio*, vós, meus apóstolos e discípulos, meus padres e meus fieis servos, vós a quem eu envio, e que sereis effectivamente cordeiros em meio de lobos! Aqui está o oraculo, e como se cumpre todos os dias, aqui está o milagre! Cordeiros e odio! Associação absurda, monstruosa e no entanto divina, realidade immensa que só á sua parte enche o espaço e o tempo! E' que se trata de um odio sobrenatural e divino, porque se dirige a Deus.

E como o objecto unico d'este odio implacavel é o padre e o fiel catholico, apostolico, romano, com exclusão de qualquer outro, a Religião catholica, apostolica, romana é a unica religião de Jesus Christo, é a unica divina.

Realmente para tudo isso que a Verdade mesma

denominou *Mundo*, para todos aquelles que não genuflectem deante de Deus, nem de Jesus Christo, para tudo isso, que por uma consequencia fatal jaz sob o imperio do espirito maligno, o padre e o fiel catholico são o objecto incessante de um odio concentrado. Que passe um ministro de uma religião qualquer, um marabuto, um derviche, um bonzo, um lamma, um ministro protestante, um pope, um muphti, etc., que passe, digo, diante de um grupo de livres-pensadores, o sentimento que desperta será um sentimento de curiosidade e de respeito!

Passes um padre catholico ou um irmão das escolas christãs, será logo objecto de um rancor talvez contido, porem mal disfarçado! E' a historia do preterito, do presente, e será a historia do futuro! «Sereis alvo do odio por causa de meu nome, e porque não conheceram meu Pai que me enviou!» O discipulo de Jesus Christo não tem sido sómente objecto de odio, tem-o sido nas condições miraculosas e tambem divinas, pelo Mestre enunciadas n'estes termos: «Sereis felizes, quando os homens vos amaldiçoarem, vos perseguirem e disserem falsamente de vós todo o mal. Regozijai-vos, estremecei de alegria, porque foi de igual modo que trataram os prophetas que vos precederam.»

O odio! o odio! A alegria e a bemaventurança em face do odio! E' prophesia, é historia!

1.º O odio inflamma-se primeiramente no coração dos judeus. Mal os Apostolos encetavam em Jerusalem suas prégações ácerca de Jesus Christo, logo os principes dos sacerdotes os prendem e mettem em masmorras.

Um anjo abre-lhes as portas e pôe-nos em liberdade. De novo prégam no templo, os magistrados lá estão para os arrastar ao Conselho que depois de os ter despedaçado com açoutes, os despede, prohibindo-lhes sob as mais severas penas que tornem a fallar de Jesus

Christo. Estevão, um dos primeiros diaconos da nascente Igreja, ainda moço, cheio de graça e de sabedoria, espanta os judeus por suas replicas. O Espirito divino fala evidente por sua bocca. Fremem de raiva em seu coração, e rangem os dentes contra elle. Levam-no de rastos para fóra da cidade, e apedrejam-no enquanto ora e diz: «Senhor Jesus, recebei meu espirito, não lhes imputeis este peccado.» E' sempre, como se vê, o odio e a alegria no odio, que S. Paulo celebra n'estes termos ainda mais eloquentes: «Por cinco vezes recebi dos judeus quarenta açoutes menos um; por tres vezes fui despedaçado com varas. Perigos dos de minha raça, perigos da parte dos gentios, perigos até dos falsos irmãos. Deus poz-nos a nós, o ultimo dos Apostolos, em espectáculo ao mundo, aos anjos e aos homens, como destinado á morte! Vós sois sabios; nós insensato por causa de Christo! Vós fortes, nós fraco! Vós honrados, nós desprezado! Nós supportamos fome e sêde! Nós estamos nú e despedaçado a golpes! nós não temos morada estavel! Nós fatigamo-nos a trabalhar por nossas mãos! Amaldiçoam-nos e nós abençoamos! Perseguem-nos e perdoamos! Blasphemam de nós e oramos! Nós somos considerado enfim como *aposthema*, como as fezes do mundo, por todos rejeitado!»

O que S. Paulo dizia de si, dizia-o de seus correligionarios.

Uns tem sido torturados, outros soffrido vaias, prições, e vergastas; tem sido apedrejados, e supportado maus tractos. Acabaram á espada. Tem vagueado de um lado para outro vestidos de pelles de cabra ou de carneiro, nas privações, na angustia, na afflicção.

Elles, de quem o mundo não era digno, viram-se na necessidade de se esconderem nos desertos, nas auctuosidades dos rochedos, nos antros e cavernas da terra!» Odio, apostema e fezes do mundo, tudo isso era S. Paulo; tudo isso eram os primeiros christãos; os

christãos de todos os seculos e de todos os logares o tem sido! Nós, catholicos romanos, devemos sel-o e o somos para certa alcateia de lobos.

2.º Do coração dos judeus o odio passa para o coração dos romanos e traduz-se no martyrio, em proporções evidentemente sobrenaturaes e satanicas. Nero, diz Tacito, mandou suppliciar homens detestados que o vulgo chamava christãos, menos convencidos de haverem pegado fogo a Roma, do que de *serem detestados do genero humano!*

O excesso divino d'este odio resalta das circumstancias seguintes: 1.º *o numero de martyres*. Tacito notifica que era *multidão*.

Plinio o Moço diz em sua carta a Trajano, que se proseguisse em punir os christãos, uma infinidade de pessoas de toda a idade, sexo e condição correriam perigo de vida, porque as denuncias eram em grande numero. S. Clemente de Roma, affirma que S. Pedro e S. Paulo foram seguidos por grande multidão de eleitos que soffreram os ultrajes e os tormentos dando-nos edificante exemplo.

Muitos escriptores calculam em *deseito milhões* o numero de victimas das dez perseguições geraes dos imperadores romanos! 2.º *A qualidade das victimas, innocentes e modelos de todas as virtudes!* Plinio affirma que não só os não accusavam de nenhum crime, mas que se obrigavam com juramento a não commetter nem roubo, nem adulterio, a nunca faltarem a sua palavra, a nunca negarem o deposito confiado, etc. Eram creanças, adolescentes, donzellas, mulheres levantando-se acima das fraquezas de seu natural, magistrados integros com os seus jurisdicionados, senhores com seus escravos, nobres e plebeus, personagens illustres e cidadãos obscuros, de todas as nações barbaras ou civilizadas. 3.º *O motivo do odio e do martyrio*. Os perseguidores faziam um crime aos christãos de não adorarem os



ídolos, de serem aferradamente addictos á nova religião, de não quererem abjurar a fé de Jesus Christo. Maximiano pretende obrigar a legião thebana a tomar parte no sacrificio solemne que offerecia aos deuses antes de entrar nas Gallias. A legião recusa! Dezima-a uma primeira, e uma segunda vez. Nova recusa. Mauricio responde em nome de seus companheiros de armas: «Nós confessamos a um Deus, creador de todas as cousas e a Jesus Christo seu Filho. Temos armas, mas não nos serviremos d'ellas. Antes queremos morrer innocentes do que viver culpados.»

Eram seis mil! Deixaram-se degollar como cordeiros. 4.º *A multiplicidade e a crueldade dos tormentos.* Já Tacito refere que tinham sido inventadas torturas mui refinadas, cuja enumeração faz estremecer. Eram estendidos no cavallete, vergastados, esfollados vivos, despedaçados com unhas de ferro ou de bronze, consumidos pelo fogo, pregados á cruz; feitos em postas e devorados por cães, ursos e liões; cobertos de laminas rubras ao fogo; assentados sobre cadeiras ardentes; mergulhados em azeite a ferver; queimados a fogo lento; esmagados em mós; affogados nas ondas; lançados nús em tanques gelados; enterrados vivos; cortados a pedaços, empalados, decapitados á espada ou ao machado, etc. etc. Para elles não ha piedade, nem no coração das mulheres e das creanças que se volvem seus carrascos, nem no coração das multidões, a quem o supplicio dos maiores criminosos commove quasi sempre; ao contrario d'isso aplaudiam os tormentos dos christãos por gritos de alegria.

Nem a morte punha os martyres ao abrigo da raiva dos perseguidores; encarniçavam-se ainda sobre os tristes despojos de seus corpos mutilados; ou os reduziam a cinzas que eram arrojadas ao vento. 5.º *A constancia das victimas.* Não era o fanatismo dos Indios que se precipitam debaixo das rodas do carro de seus deuses, pe-

regrinos de Meca que se fazem calcar aos pés do cavallo branco do propheta, mulheres indús que se queimam sobre os corpos de seus maridos.

Não, os martyres estavam calmos! Em quanto lhes não queriam impor a apostasia, guardavam silencio; mas quando lhes intimidavam a renuncia a Jesus Christo, avançavam firmes e invenciveis. Jesus Christo promettera-lhes uma sabedoria e uma força d'alma, a que seus contrarios não poderiam resistir; confiando n'esta promessa e não contando consigo, preparavam-se para o combate com a penitencia, a oração e o jejum.

E de feito esta constancia heroica foi liberalisada a todos os martyres, a virgens delicadas e tímidas, a tenras creancinhas que venceram seus algozes por uma energia modesta e calma. 6.º *Os fructos do martyrio*. Freqüentes vezes, conversões extraordinarias, milagres brilhantes arrancavam aos mais incredulos a confissão de que o heroismo do martyrio vinha do alto. Mas o maior dos prodigios é não ter sido o christianismo affogado n'esta onda de sangue; que pelo contrario a morte, em principio destruidora, haja multiplicado mais e mais o numero dos christãos, a ponto de que o sangue dos martyres se converteu em sementeira de gerações novas de discipulos de Jesus Christo e que depois de tres seculos de morticínio, o universo se volveu christão.

III. Do coração dos imperadores romanos o odio transitou para o coração de grande numero de outros perseguidores pagãos, hereticos e scismaticos, etc. etc., os reis da Persia, China, Japão, Tonkin, Sião, Corêa, Ethiopia, etc. Os musulmanos, os imperadores da Alemanha, os reis de Inglaterra a seu turno tem odiado a Igreja de Jesus Christo e feito grande numero de martyres. Não ha seculo, não se passa anno que não veja derramar o sangue dos christãos catholicos. Para elles o odio e o martyrio são a regra, em quanto que para

todas as outras seitas christãs só por excepção rarissimos.

Cada scisma, cada heresia, traz consigo nova explosão de odio e de crueldade. Os arianos, os vaudezes, os albigenses, os lutheranos, os calvinistas, os anglicanos exerceram as mais crueis violencias contra os catholicos. Incendiaram egrejas, destruíram mosteiros, mataram religiosos e padres, etc.

Um corsario calvinista, chamado Souris, apoderase do navio que transportava ao Brazil o P.<sup>e</sup> Ignacio de Azevedo com os vinte nove companheiros de seu apostolado, e a todos immola em honra dos manes de Calvino.

IV. Do coração dos porta-estandartes do scisma e da heresia, o odio contra os catholicos passa para o coração dos philosophos do XVIII seculo e de Voltaire seu chefe. Transborda em torrentes não de sangue, mas de blasphemias, de injurias, de sarcasmos, de calumnias odiosas, de mentiras desavergonhadas, etc. Christo, a Egreja, os fieis, são o «Infame» que é mister destruir a todo o preço. O odiento patriarcha de Ferney não trepidará deante do alvitre selvagem de ver estrangular o ultimo jesuita com as tripas do ultimo rei. «Que pena, exclama, que os philosophos não sejam ainda bastante numerosos, nem bastante zelosos para destruir pelo ferro e pelo fogo os inimigos do genero humano e a seita abominavel que tantos horrores tem causado.» Eis o odio, não humano, porem satanico, que imprime na frente da religião catholica seu cunho brilhante de divindade. É mais significativo ainda este odio, quando arrasta Joanna d'Arc, a heroína sancta, no lodo de um poema, onde a obscenidade mais hedionda corre parellhas com a mais execravel impiedade. É este odio, compartilhado por uma legião de cooperadores, inundou a capital e as provincias de maus livros, para uso de todas as edades, sexos e condições. Corromperam funda-

mente o espirito publico; transformaram uma nação nobre e generosa n'uma sociedade de incredulos, immoral, interesseira, sedenta de ouro e de prazer.

V. Do coração dos philosophos passou o odio enfim para o coração dos revolucionarios, que decretam uma apoz outra a confiscação dos bens do clero, a constituição civil da egreja de França, a suppressão dos votos monasticos, a deportação dos padres não ajuramentados, as matanças de 2 de setembro em Paris, em Versailles, em Reims, e em outras partes.

Decretam festas licenciosas á deusa Razão, a abjuração solemne do sacerdocio pelos padres ajuramentados, a reforma do calendario christão, a suppressão das festas, o trabalho obrigado ao domingo, o encerramento dos templos, a destruição das cruces, a deportação dos padres para Cayenna, seu empilhamento sobre barracas, sua mortandade, o martyrio de grande numero de religiosos e de religiosas, etc., etc. Era o odio em seu maior paroxismo, o odio verdadeiramente infernal!»

«Sereis odiados de todos por causa de meu nome.»

Envergonhado de seus excessos, o odio philosophico e revolucionario, resolveu esconder as garras para de novo as deitar fóra, e organisou as sociedades secretas, na cuspide das quaes está a Franc-maçonaria, a qual semelhante á immensidade, cobre não só a Europa, mas o mundo inteiro. O numero das lojas é superior a cinco mil! (\*)

O dos companheiros de oito milhões pelo menos para todos os paizes; de um milhão e seiscentos mil só

---

(\*) A cifra das lojas, que leio no Prefacio dos *Assassinatos Maçonicos* de Leo Taxil, é de 17:016 com 1.060:095 maçons (parece-nos franco). E' um exercito bem bonito! *Audite sapientes, et nolite abjucere eam!*

para a França. Como Proudhon confessa, a maçonaria é a negação directa do elemento sobrenatural. Inimiga jurada de Deus e da religião, visa a excluir taes noções da educação, dos costumes privados e publicos, da vida humana e da morte. Nos seus segredos até já inicia mulheres e donzellas, e não trepida dizer-lhes quando o momento é chegado: «A primeira de vossas obrigações é acirrar o povo contra os padres e contra os reis: trabalhai por toda a parte n'esta cruzada sacrosanta.» A maçonaria almeja solapar toda a auctoridade divina.

O odio! Sim um odio verdadeiramente satanico é o que eu tenho presenciado da parte de todos os governos que se succedem ha uns sessenta annos a esta parte.

*Debaixo da Restauração.* — Força de lei dada á declaração do clero gallicano em 1682. — Violenta colera a proposito das leis do sacrilegio e do descanso dominical—O estrondear da imprensa liberal. —Ridiculo constantemente arremessado sobre o rei Carlos x. Ahi vai a amostra n'estas canções perfidas do mais popular dos poetas contemporaneos:

A's plantas de prelados ambiciosos  
Paramentado em grande ostentação,  
Ao som mellifluo dos sagrados hymnos  
Carlos recita a sua confissão!

Estendendo a mão na sacra Biblia,  
O confessor lhe diz: Em Deus jurai!  
Aves, fugi! o vosso amo é vassallo,  
A vossa liberdade em risco vai!...

Terrivel coio de seres malditos,  
De jesuitas cynicos, alvares;  
Pertador's de bonecos celestiaes,  
De padrecas astutos aos milhares!...

Por elles abençoado esvai-se tudo.  
 A mais antiga côrte se tornou  
 Por elles n'um pequeno seminario  
 Mas ah ! o biltre sempre governou !

As cantilenas impias da rua. — A effervescencia impia da juventude das escolas. — Insultos ás sotainas que apareciam nos pateos ou nas salas da Sorbonna. — Injurias grosseiras prodigadas ao clero; coleras violentas contra a Congregação, associação pia de jovens animando-se mutuamente ao bem. — Decreto de encerramento dos collegios dos Jesuitas arrancado ao rei christianissimo, que ha de ir expiar esta fraqueza ao exilio, onde acabará os dias.

*Debaixo da monarchia de julho:* O nobre e piedoso arcebispo de Paris, Mgr. de Quelen, obrigado a fugir e a esconder-se para escapar á morte. — O saque odioso e sacrilego de Saint-Germain-l'Auxerrois. — A pilhagem e a destruição do paço do arcebispo. — A igreja de Santa Geneveva arrebatada ao culto para se tornar no Pantheon dos grandes homens da França. — Projecto de suppressão das escolas dos irmãos suppostos ignorantinhos. — Proibição de celebrar outras festas além das da Concordata. — Casamentos protestantes das filhas do rei. — Auctorisação concedida ao primaz das Gallias de abrir sua igreja franceza. — Desenvolvimento em enorme escala das sociedades secretas.

*Debaixo do segundo imperio:* Odio mais artisticamente dissimulado, mas não menos activo. — A perseguição contra a imprensa religiosa. — A hostilidade contra as ordens religiosas docentes. — Os ataques dos orgãos do poder contra o clero e contra os homens fieis acima de tudo á sua consciencia e á Igreja. — A dispersão do Conselho superior da obra de S. Vicente de Paulo. — A violação do compromisso solemne de fazer respeitar o poder temporal do Papa. — Os francezes alistados nas

bandeiras do papa, ameaçados em sua nacionalidade. — O dinheiro de S. Pedro denunciado como obra má. — Os destinos do papado tractados entre a França e o Piemonte sem o papa. — A missão de defender o chefe da Igreja confiada a seu espoliador. — A queda do poder temporal do papa realisada com velhacarias e mentiras. — Denegações hypocritas, depressa seguidas do reconhecimento dos factos consummados por uma politica desleal e contraria aos interesses da França. — O progresso material animado sem limites. — O luxo attingido em todas as classes da sociedade loucas proporções. — A immoralidade escorrendo espessa nos theatros. — O drama envenenado de Galileu. — Escandalo das festas pagãs e os bailes decorados do palacio das Tuileries.

*Debaixo do governo da communa.* — Excitado pelo acolhimento demasiado benevolo que o clero fizera ao imperio e ao imperador, o odio retomou seu curso, e de um pulo descambou nos mais revoltantes excessos. Estreiu-se por profissões de fé athêas: «Deus é a hypothese, nós damos-lhe baixa. . . A nova geração não deve conhecer nem Deus que é o tyranno, nem o padre, que é o carrasco. . . Eu odeio a Deus, o miseravel Deus do padre, e desejaria como os Titans poder escalar o ceo para o ir apunhalar.»

Em seguida apparecem os decretos de proscricção e de confisco. — A Igreja é separada do Estado — O orçamento do culto supprimido. — Os bens das congregações religiosas são declarados propriedades nacionaes. — E' decretada a prisão dos padres. — As igrejas são transformadas em clubs. Afinal vem as execuções capitaes. As nobres victimas, entre as quaes Mgr. Darboy e o abbade Deguerry, são transportadas da prisão das Mezas á prisão da Roquette nos carros cobertos para transporte de cousas militares, e no percurso ouvem-se os gritos selvagens: Abaixo os padrecas! façamol-os em postas! Ha desoito seculos que estes maltrapilhos

nos emboubam! etc., etc. Quarenta e sete victimas, d'entre as quaes dez padres ou religiosos, são conduzidas da Roquette á rua do Haxo. Uma vivandeira a cavallo, vestida de vermelho, tocando o tambor, no meio d'uma charanga de clarins, entorna a embriaguez do ruido sobre aquellas cabeças já esquentadas pela embriaguez do alcool e do sangue.

A multidão armada empurrava os refens; as mulheres sobretudo davam aos padres valentes soccos... A grita pede: Aqui, aqui, matai-os aqui! Ninguem quer deixar de tomar parte na obra meritoria, todos querem bater, ejacular uma affronta, arremessar a sua pedra. Cantam, dançam, urram... O que ali está são victimas humanas cheias de angustias e de torturas, e loucos facciosos incapazes actualmente de distinguir o bem do mal. As barreiras da cité de Vincennes, rua Haxo, 85, estavam fechadas: empurram, as barreiras cedem; os refens são arrastados n'este movimento da multidão apinhada contra um pequeno muro por acabar. A taberneira, apeando-se do cavallo, correu para elles, e vibrou-lhes o primeiro golpe.

Immediatamente foram acommettidos a espingarda, a revolver e á espada. Alguns federados de uma muralha proxima berravam de ensurdecer e faziam fogo sobre as victimas. Mas a matança não era assaz. Forçaram aquelles infelizes a saltar para cima do muro. Gargalhada. Os padres recusaram-se a este gracejo burlesco. Um federado agarra-os então por baixo dos braços e atirava-os para cima do muro. A ultima victima perdeu os sentidos; tomaram-na pelas pernas e pelos braços, balancearam-na um instante e em seguida atiraram-na para sobre os outros infelizes. Foi este o ensejo escolhido para dar a estas doces victimas da liberdade de consciencia a honra de uma descarga geral. Odio! mas satanico!

*Debaixo do ceo plumbeo da hora presente. — O odio pro-*



mettido e prenunciado desencadeia-se por toda a parte sanhudo. Em França homens de estado, que blasonam de moderados, berram publicamente: «O clericalismo, o ultramontanismo, eis o inimigo. O grande vencido das eleições é o clericalismo!»

Ora, como os nossos proprios inimigos confessam, em França já não ha um só gallicano, é logo o catholicismo o grande predestinado ao odio, o alvo permanente de seus ataques.

E no entretanto o governo é o primeiro a repetir, que não está sujeito de maneira alguma á influencia dos clericas e dos padres.

Ao mesmo tempo as sociedades secretas e suas trombetas recommencam seus gritos de morte: «Estaveis quasi esquecidos; mas de sobejo nos haveis mostrado que tendes sete folegos, e que sois como a vibora, a qual cortada aos pedaços, se agita ainda: ora pois, acabareis afinal de sibilar e de morder. Quereis guerra, seja! estamos promptos.»

Em *Italia* o Papa despojado de tudo o que possuia, encerrado no Vaticano debaixo da protecção de uma tal lei das garantias, irrisoria e sacrilega, acha-se manietado contra os insultos e as ameaças dos inimigos da Igreja. As egrejas são confiscadas, as Congregações religiosas expulsas dos seus conventos e espoliadas... Em summa, por toda a parte perseguição não confessada, mas real e intensa.

Na *Allemanha* o odio é mais frio, mais systematico, mais philosophico, se assim me posso exprimir, porem mais profundo, e mais envenenado. Assenta nos principios de 1789, de forma que entre a Igreja e o Estado moderno haja guerra e guerra de morte.

«A Igreja quer fazer do Estado seu gendarme, o Estado quer e deve fazer da Igreja sua pupilla.» «Nenhum membro do Estado pode subtrahir-se á obediencia ás leis, apellando para os dogmas e constituições

da Igreja ou para a sua consciencia. O Estado deve por conseguinte trabalhar incessantemente em dominar a auctoridade da Igreja, sobretudo da Igreja catholica, instituição altamente perigosa; deve alem d'isso trabalhar sem descanso em consolidar seu proprio poder.» Tal é escopo da lucta religiosa na Allemanha.

Os meios empregados para attingir este fim são de uma violencia extrema: separação da Igreja e do Estado; casamento civil obrigatorio; registo civil; leis penaes contra o abuso do pulpito; fiscalisação da educação do clero; alta policia do Estado sobre a administração dos bens ecclesiasticos; prohibição de aplicar penas ecclesiasticas com effeito civil; apresentação das prescripções ecclesiasticas ao visto do Estado; supressão e expulsão da ordem dos Jesuitas e das outras ordens religiosas não auctorisadas; appellação de abuso contra a auctoridade ecclesiastica; emancipação interior da Igreja; emancipação exterior das potencias estrangeiras. E' em substancia impor a abjuração do dogma fundamental: «Creio na Igreja catholica.» E' uma profissão equivalente de atheismo!

Assim é que a perseguição marcha sem travão. Exilio, prisões, multas, destituição, tudo é posto por obra para realisar este plano infernal.

Na *Russia*, o odio manifestou-se e manifesta-se pelos maus tractos exercidos contra os Gregos unidos ou Uniatas da Polonia. Populações inteiras de 10, 20, 40 e 50 mil almas são arrancadas a seu torrão natal e desterradas sem recursos, sem abrigo. Os padres orthodoxos são deportados para a Siberia e condemnados a uma horrivel miseria. E o soberano que assim tortura milhares de subditos innocentes e fieis vai á frente de seus exercitos reclamar da Turquia a emancipação das populações christãs scismaticas! Cumprimento indubitavel da prophecia:

«Sereis odiados de todos por causa do meu nome!» O

odio infernal aos catholicos, porque são os unicos discipulos confessos de Jesus Christo!

Na *Inglaterra*, o mesmo odio, a mesma conspiração dos homens de Estado e dos jornaes contra a auctoridade da Egreja catholica e da Sancta Sé, unico obstaculo invencivel ao desenvolvimento da Reforma e da Revolução.

Na *Suissa*, n'esse velho paiz da honra e da liberdade, as egrejas catholicas com seus presbyteros, os ornatos necessarios ao culto, n'uma palavra com tudo o que constituia outr'ora a propriedade absoluta e sagrada de cem mil catholicos do Jura e do cantão de Genebra, são dados a um punhado de sectarios ou antes de intrusos sem sentimento algum de religião. Os legitimos curas d'almas são expulsos, desterrados, perseguidos como criminosos, e substituidos depois de farças odiosas de eleição popular, por miseraveis padres apostatas italianos, allemães ou francezes que a vindicta publica corre de todos os lados. Odio, odio sempre satânico ou infernal. Esplendor!

Na *Belgica*, é o odio escancarado, ensurdecador da franc-maçõnaria, da imprensa liberal, das Universidades, mas com uns espiritos que bem mostram ser a obra prima de Satanaz. A Belgica produziu o Solidario, i é, o impio que rompe abertamente, publicamente com a Egreja de Jesus Christo, que se obriga com juramento a não mandar baptizar seus filhos, a nunca pôr os pés n'uma egreja, a casar-se civilmente e a morrer sem sacramentos. O solidarismo é uma profissão aberta de materialismo e de atheismo grosseiro, ou de um puro deismo sem practicas religiosas. É o odio no seu apogeu. «Não se destroe a Egreja discutindo com ella, testemunhas Diocleciano e Voltaire. Mas quando ninguém ou quasi ninguém procurar o seu ministerio, então a Egreja desaparecerá. A religião christã funda-

menta-se em dois fantasmas, com que os simples se aterram, o Juizo e o Inferno. O unico meio de arredar este espantallo é repellir o padre, seu perdão e seu hyssope.» Tal é a linguagem do solidario. E não ha tentar convertel-o aos sentimentos de familia, e ás conveniencias que a familia impõe. Antes de ser pai, esposo e irmão, é solidario! A esta phantasia deu sua fé, seu baptismo, sua alma, a religião de sua mãe e a salvação eterna de seus filhos!

E' mais que o odio, é a raiva do condemnado. E de facto aquelle que não crê no Filho de Deus, já está julgado! Não poderá ver a vida, a ira de Deus está sobre elle!

O odio fora predicto solemnemente debaixo de todos os seus variados aspectos, e á hora presente anda como nunca exasperado. O odio n'aquelle que o aninha e traduz é o sello da besta; na Egreja catholica e para seus filhos é o sello de Deus. Os doudos furiosos que nos aborrecem proclamam a origem divina da Egreja e a fé não menos divina dos odiados. Ha no entanto uma condição indispensavel para que o odio seja realmente para a Egreja o penhor da victoria, e para nós o sello dos escolhidos: E' que nós não cessemos de ser cordeiros. Em quanto formos cordeiros, diz S. João Chrysostomo, essa bocca d'ouro, venceremos. Ainda quando tivermos em volta de nós milhares e milhares de lobos, seremos vencedores.

Mas se nos puzessemos a morder aquelles que nos mordem, nossos inimigos ficar-nos-hiam superiores, porque então faltar-nos-hia o soccorro do pastor que apascenta não os lobos, mas os cordeiros.

«Sereis objecto de odio.»

E temol-o sido. «Mando-vos como cordeiros para entre os lobos,» e temos sido cordeiros em meio de lobos! Esplendor!

Como são bellas e consoladoras estas palavras do principe dos apóstolos, e como tem a maior opportunidade nos tempos actuaes!

«Meus charissimos, não vos surprehenda o fogo ardente que serve para vos acrysolar, como se o que vos acontece fora alguma cousa de extraordinario. Participantes dos soffrimentos de Christo, regozijai-vos afim de que no dia da Revelação de sua gloria, sejaes tambem vós transportados de alegria.

«Se fordes ultrajados pelo nome de Christo, sereis bemaventurados, porque então a gloria, a virtude e o espirito de Deus repousam em vós. Se soffrerdes como ladrões, maledicentes ou avidos do bem de outrem, terieis de que córar. Mas quando soffrerdes como christãos, bemdizei e glorificai a Deus.» Esplendor!

---

## CAPITULO DECIMO TERCEIRO

### Nono Esplendor da Fé

*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.* (S. Math. xvi, 18.) Jesus dirigia-se para os arredores de Cesarêa de Philippos, e interrogava seus discipulos dizendo: Quem dizem ser o Filho do homem? Elles responderam: uns querem que seja João Baptista, outros Elias, outros emfim um dos prophetas. E vós quem dizeis que eu sou? Tomando a palavra Simão Pedro, disse: Vós sois o CHRISTO, FILHO DO DEUS vivo! E Jesus dirigindo-se a Pedro, disse-lhe: «E's feliz, Simão, filho de João, porque não foi a carne, nem o sangue, quem te revelou este mysterio, porem sim meu Pai que está nos ceos. Digo-te pois: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Dar-te-hei as chaves do reino dos ceos, tudo quanto fizeres sobre a terra será ligado tambem no ceo, e tudo quanto desligares na terra será desligado no ceo.»

Uma outra vez, ás margens do lago de Tiberiades, Jesus resuscitado depois de ter exigido de Pedro uma

triplice profissão, não já de fé, mas de amor, disse a Pedro, amas-me? Apascenta meus cordeiros! Apascenta minhas ovelhas! Quer dizer que o estabelece chefe supremo de sua grey, de seu reino, de sua Igreja. . . De forma que: Jesus Christo declara abertamente que ha de edificar uma Igreja, e que o fundamento e o chefe supremo d'esta Igreja, reino de Deus, seu reino, seu aprisco, será Simão Pedro; e que contra esta Igreja assim edificada, as portas do inferno, i é, o reino e o rei do inferno, apezar de perpetuamente conjurados contra ella, não poderão jamais prevalecer. Eis a prophecia! o oraculo! Cumpriu-se? Jesus Christo fundou uma Igreja, da qual Pedro é chefe? Incontestavelmente! O inferno ter-se-ha perpetuamente desencadeado contra esta Igreja de Pedro, catholica, apostolica, romana, pela synagoga, pelos tyrannos, pelos hereges, pelo islamismo, pela renascença e pela relaxação dos costumes, pelo scisma, pela reforma, pelos philosophheiros, pela revolução, etc., etc.? Incontestavelmente! E' a historia da Igreja sem tirar nem pôr. O inferno prevaleceu acaso? Não, evidentemente! A Igreja tem sahido triumphante de todas as conjurações que deveriam ter acabado com ella, se não fora divina, se ao memo tempo que Jesus Christo disse a seus apostolos: «Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto, ensinai a practicar tudo o que vos tenho recommendado,» não houvesse accrescentado: «Eis que eu estou convosco até á consummação dos seculos.»

Eu estou convosco ensinando, baptizando, ensinando a observar os mandamentos, estou convosco exercitando um ministerio exterior visivel, comvosco e com aquelles que vos succederem; com a sociedade reunida debaixo de vossa conducta, com minha Igreja até que o mundo acabe, todos os dias sem interrupção.

Eis aqui a prophecia, eis tambem o milagre de seu cumprimento.

PRIMEIRA TEMPESTADE. — *Conspiração da synagoga e dos judeus rebeldes* — Cincoenta dias eram apenas decorridos depois que Jesus, carregado das maldições de todo o povo, expirara em tormentos, fora sepultado, e a pedra que o cobria sellada com o sello da auctoridade publica. Seus discipulos, aterrados, tinham-se homisiado no Cenaculo, d'onde não ousavam sahir; nem sequer se ousava pronunciar o nome do Sancto suppliciado; as unicas vozes que soavam em Jerusalem triumphantes eram as dos seus inimigos; o seu poder firmara-se cada vez mais.

De subito um grito de resureição retiniu dentro da cidade deicida; apparecem visiveis linguas de fogo; os apóstolos sahem fóra de seu retiro como homens possuidos do espirito divino. Falam todas as linguas a um tempo, prégam que, o crucificado está vivo, que é elle o Messias prenunciado pelos prophetas.

Ostentam-se prodigios, que auctorisam seus discursos; crêem-nos; os algozes do Christo convertem-se aos milhares; o povo precipita-se em multidão atraz dos novos prégadores; a primeira egreja christã é fundada em Jerusalem á vista do Calvario; estabelecem-se outras em toda a Judêa; de balde a Synagoga restruge; perturbada, fóra de si, debate-se algum tempo, mas depressa tomba; e o povo judeu é disperso por toda a terra. Que victoria! Onde a houve mais prompta e mais prodigiosa?

SEGUNDA TEMPESTADE. — *Conspiração dos tyrannos!* — Todo o mundo romano conspira contra os doze pescadores de Genesareth, que conceberam o arrojado empenho de converter o universo á lei de seu Mestre divino. Todo o poder dos Cesares, toda a auctoridade do senado, dos pontifices e dos magistrados; todos os prestigios dos falsos deuses, toda a arte dos sophistas e dos escriptores, a força dos exercitos, o odio cego dos povos, a crueldade dos algozes, o horror dos supplicios e



das torturas, tudo é empregado, tudo se esgota durante mais de trezentos annos, para suffocar a religião nascente e assegurar o triumpho da idolatria. Enfim depois de tão longos e de tão crueis esforços, uma ultima perseguição mais furibunda que as outras, parece destinada a cumprir o voto de todos os perseguidores; nutrem a esperança de afogar o christianismo nas ondas de sangue derramado, e proclamam solemnemente que este culto detestado desapareceu da terra!

Vêde os fastuosos monumentos levantados para eternisar a memoria de um tal acontecimento. Lêde estas soberbas inscripções: «A Diocleciano, o Novo Jupiter, e a Maximiano, o Novo Hercules! por terem afinal abolido o nome christão e destruido no mundo inteiro a superstição do Christo: *Nomine christianorum deleta... superstitione Christi ubique deleta*. Mal punham a ultima pedra n'estes monumentos, eis Constantino, ainda pagão, advertido por um anjo e por um signal celeste a desfraldar aos ventos o estandarte da Cruz, com o qual entra vencedor em Roma e lá triumpho! O universo espantando é mau grado seu christão! Então perece o paganismo e seu imperio que o impio Juliano tentará em vão galvanisar.

Roma pagã, a maravilha das nações e o centro da idolatria, ha de succumbir tambem um seculo mais tarde, e dar logar á Roma christã que ha de ser até ao fim dos tempos a sede da verdadeira religião e a capital do universo catholico.

TERCEIRA TEMPESTADE. — *Conspiração das heresias e dos scismas*. — A que extremidades não foi reduzida a Igreja, quando debaixo dos imperadores christãos, divididos os hereges entre si, porem unidos em odio commum contra ella, despedaçaram seu seio e lhe arrancaram as entranhas! Nestorianos, donatistas, pelagianos, manicheus, iconoclastas, etc., etc.! Que espantosa tempestade desencadeiaram! Que perturbação e que mo-

tim no reino de Jesus Christo! Por toda a parte altar contra altar, cadeira contra cadeira, pastor contra pastor, rebanho contra rebanho; o erro sustentado pelo poder publico falando mais alto do que a verdade; concilios orthodoxos e conciliabulos inimigos da verdadeira fé; o Oriente e o Occidente divididos; o povo fiel marchando vacillante n'esta meia luz coada por entre trevas. O mundo exposto a deitar-se christão e a levantar-se ariano. Quem restituirá á verdade seu brilho embaciado? Quem fará sahir mais uma vez do seio das aguas a terra quasi submersa e engolida? Deus que prometeu á sua Igreja que as portas do inferno não prevaleceriam contra ella! Com effeito á voz de Deus as sombras espessas da mentira dissipam-se; os scismas e as heresias passam, fogem como torrentes, e desaparecem!

A Igreja sempre inabalavel sobre a rocha onde foi assente, domina do alto da montanha sancta o oceano das paixões e dos erros humanos e vê perpetuamente as ondas aparcelladas virem desfazer-se a seus pés.

QUARTA TEMPESTADE.—*Conspiração do Mahometismo*—Mahomet retoma a empreza de Ario. Investe contra a divindade de Jesus Christo, recusando-lhe outro titulo á veneração dos povos, alem do de Grande Propheta. Recommenda-se como o enviado de Deus, e jura converter o universo á sua doutrina, mistura de austero fanatismo e de mysticismo voluptuoso, cujo attractivo é impotente para realisar o sonho ambicioso d'esse filho sombrio de Ismael. Recorrerá pois á força bruta. O Islamismo ataca de todos os lados ao mesmo tempo a christandade surprehendida de tanta audacia, mas de nenhuma sorte inquieta do resultado final. Os mahometanos infestaram o Mediterraneo por frotas de corsarios; invadiram successivamente a Sardenha, a Corsega, a Sicilia, a Calabria, a Hespanha, a França meridional, a Hungria, a Bohemia, a Austria. Mas quando

o perigo foi extremo, o successor de S. Pedro dirigiu o seu apello aos generosos sentimentos da Europa catholica e dos heroes christãos; Carlos Martel, D. João de Austria, Sobieski, vencedores das famosas batalhas de Toledo, de Tours, de Lepanto, de Vienna, detinham esses furiosos guerreiros no momento, em que pareciam mais proximos a subjugar a Europa para de novo a sepultarem na barbarie.

As cruzadas por um lado, do outro a conquista dos Portuguezes, que arrebataram a este formidavel poder os recursos do commercio e das riquezas do Oriente, o reduziram ao enfraquecimento, em que hoje o vemos, até que seja afinal repellido para alem dos Balkans, se esbarronde debaixo do seu proprio peso.

QUINTA TEMPESTADE. — *Conspiração e invasão dos Barbaros.* — No seculo x, a Egreja soffreu muito da ferocidade dos povos do Norte, que occuparam successivamente as provincias da Europa occidental. Os Normandos, os Hungaros e outros povos selvagens percorreram com o ferro em punho a Allemanha, a França, a Italia e a Hespanha, e causaram por toda a parte males infinitos. As cidades foram reduzidas a cinzas, os mosteiros roubados e deitados a terra, os estudos e as artes quasi olvidados. A Egreja não obstante teve assaz força não só para guarecer as chagas abertas pela mão dos Barbaros, mas para converter e assimilar a si seus novos perseguidores.

Foi-lhe mister tempo para domar os excessos de sua originaria selvageria, e para dissipar a ignorancia que consigo tinham trazido; mas enfim Deus fez triumphar a Egreja da barbarie e da ignorancia, como triumphara das perseguições e das heresias.

SEXTA TEMPESTADE. — *Os escandalos da idade de ferro.* — As perturbações e a ignorancia, cortejo dos Barbaros, produziram o enfraquecimento da disciplina e a corrupção dos costumes; os escandalos multiplica-

ram-se, as mais sanctas leis eram publicamente violadas; o concubinato e a simonia ostentavam-se repellentes; o mal invadira os mesmos pastores, e a propria Roma não lavrava excepção. A Egreja gemia debaixo do peso de tantas desordens; esta prova era para ella mil vezes mais dolorosa, do que as perseguições. Estes escandalos em logar de abalarem nossa fé, devem pelo contrario firmal-a, porque nunca se patenteou mais visivelmente que é a mão de Deus a que sustenta a Egreja, e não a dos homens. Em meio de tantas desordens a fé conservou-se sempre pura; Deus não permittiu que os dogmas christãos soffressem o menor damno. A Egreja por outra parte nunca deixou de clamar contra os excessos e os abusos; em todos os concilios renovava as leis da disciplina, e forcejava por lhes suscitar a observancia. A divina Providencia atalhou a este estado com o apparecimento de sanctos illustres que se oppuzeram com zelo indomavel á torrente das iniquidades. As sciencias e artes encontraram asylo no clero e nos mosteiros: as casas episcopaes e religiosas tornaram-se escolas publicas. Os clerigos e os monges occuparam-se em transcrever as obras antigas que tinham arrancado das mãos dos Barbaros.

Não só a tradição constante e seguida das verdades que regulam nossa fé e nossos costumes, mas por outro lado a renascença das letras, das sciencias e das bellas artes na Europa, são obra da Egreja catholica.

SETIMA TEMPESTADE. — *O grande scisma do Occidente.* — No XIV seculo, desanimados pelas guerras intestinas que desolavam a Italia, os soberanos Pontifices entenderam conveniente affastarem-se de Roma, e vieram fixar sua residencia em Avinhão.

Não havia ninguem que não acreditasse que este affastamento não fosse fatal á Egreja; ficava no entanto apostolica, mas visivel e catholica... Mas por morte

de Gregorio xi, os cardeaes residentes em Roma, em numero de dezeseis, julgaram-se no direito de reunir consistorio e elegeram o papa Urbano vi, italiano de nascimento, prelado tão distincto por sua sciencia, como por suas virtudes. Ao mesmo tempo os cardeaes de Avinhão elegiam papa um francez Clemente vii, que fixou sua sede em Avinhão. Qual era o legitimo chefe da Igreja de Deus? Ninguem o sabia ao certo; pelo contrario a duvida pairava tão sinistra que houveram sanctos e illustres personagens sujeitos uns á obediencia de Urbano, outros á de Clemente. Foi para a barca de Pedro uma cruel tempestade, e o Senhor parecia dormir então. Urbano e Clemente tiveram muitos successores, todos convencidos da legitimidade da sua eleição, e vendo em seu emulo um antipapa. Este scisma vertiginoso durou ainda trinta annos. Em vão o concilio de Pisa depoz os dois concorrentes de Roma e de Avinhão; de balde procedeu á eleição de Alexandre v; o scisma continuou. A obstinação dos eleitos, o ciuime dos cardeaes das duas obediencias, os interesses oppositos das corôas, eram outros tantos obstaculos ao regresso á unidade! Mas a Igreja tem promessas, e Deus não se esqueceu d'ellas no perigo extremo. A despeito de todas as paixões humanas, a união effectuou-se no concilio geral de Constança; os pretendentes ao papado abdicaram ou foram depostos, e Martinho v, o novo eleito, foi universalmente reconhecido por unico e legitimo successor de S. Pedro.

OITAVA TEMPESTADE. — *As violencias da Reforma protestante.* — Mau grado de tantas derrotas já experimentadas, o espirito das trevas não se deu por batido. Instillou na alma de um monge orgulhoso e libertino o sopro da revolta. Luthero queimou as bullas do papa na praça publica, protestando violentamente contra a auctoridade do *summo pontifice*, e proclamou a dou-

trina do livre exame. Era mais do que a negação de tal ou tal dogma; era a negação do mesmo principio da auctoridade, base de todos os dogmas.

Esta emancipação da razão encontrou echo n'uma grande multidão de almas, ha muito insoffridas de todo o jugo, e a nova religião, mais ou menos profundamente modificada, fez progressos tão rapidos, que em poucos annos invadiu uma grande parte da Europa. A Inglaterra, a Dinamarca, a Suecia, quasi toda a Allemanha e a Suissa despedaçaram os liames que as prendiam a Roma. As novas seitas nem respeitavam as leis humanas nem as divinas. Luthero não receiara dizer a seu proprio soberano: «Se por amor da liberdade christã me é permittido calcar aos pés os decretos do Papa e os canones dos Concilios, pensais vós que respeitarei assaz vossas ordens para as considerar como leis?» Eis como a reforma se mostrou por toda a parte violenta e sanguinaria. Na Allemanha os lutheranos levantaram-se em massa, pegaram em armas, desolaram as provincias, destruíram castellos e mosteiros, mataram os padres e as religiosas. Em Inglaterra, quantas espoliações e mortes!

Quanto sangue derramado tambem n'esta nossa França, despedaçada durante tres longos reinados por facções insurgidas, por guerras civis, por numerosas batalhas! Um discipulo de Luthero, Ecolampadio, dizia poucos annos depois de seu mestre haver começado a predicar: «O Elba com todas as suas aguas não poderia fornecer lagrimas bastantes para chorar os males que a Reforma fez.» Estes males immensos alcançaram sobretudo a sancta Egreja, contra a qual todas estas seitas, unidas ou divididas, amigas ou contrarias, se conspiraram; e todavia ficou de pé. Ficou com seis grandes reinos, a França, a Italia, a Hespanha, Portugal, a Austria e a Polonia; conta um grande numero de filhos fieis até nos reinos os mais infestados pela

heresia; ganha todos os dias, por conversões numerosas, em Inglaterra sobretudo, muito terreno que tinha perdido.

As conquistas de seus novos apóstolos dão-lhe na China, no Japão, nas Indias quasi tantas almas como a Reforma lhe arrebatara. Dois grandes acontecimentos enfim, o feliz termo do concilio de Trento, apesar de todos os obstaculos levantados pelo espirito de erro e de revolta; e o ardor realmente prodigioso da nova ordem religiosa, a Companhia de Jesus, fundada por S. Ignacio no intuito de levantar a auctoridade do soberano Pontifice romano, acabaram de abonçar a tormenta.

NONA TEMPESTADE. — *O desencadeiar da Philosophia do XVIII seculo.* — A incredulidade do XVIII seculo, tão altiva de suas luzes e de suas forças amotinadas contra a Igreja de Jesus Christo, desenvolveu todas as suas phalanges, deistas, atheus, scepticos, materialistas, impios de todos os systemas, de todos os paizes, de todas as seitas; arregimentou-as debaixo da mesma bandeira, a bandeira do odio inexpiavel contra o nome catholico. Assim formou um exercito innumeravel ao grito de guerra: *Esmaguemos o infame!* Nada o enfreia; todo o meio lhe parece legitimo para destruir uma religião que ousa dizer-se a unica verdadeira e divina: a verdade e a mentira, a violencia e a perfidia, os respeitos hypocritas e os despresos ultrajantes, as maximas de tolerancia e os furores da perseguição.

Prophetizou bem alto que a ultima hora do catholicismo havia soado; que a indefectivel Igreja ia cahir inevitavelmente aos golpes de seu braço. Arrastou as multidões, não persuadindo os espiritos, mas corrompendo os corações, lisongeando todos os maus instinctos, favorecendo todos os vicios. Desolou a Igreja por bastantes defecções; mas sua fecundidade ha-de carrear-lhe novos filhos que lhe enxuguem as lagrimas. As

conspirações e os excessos da philosophia deixaram de pé a Igreja catholica que pretendia aniquilar mas solapou a sociedade civil, cujos interesses affectara defender.

Gravidou a revolução franceza, fez derramar sangue a ondas, onde se submergiu ella propria, em quanto que a Igreja catholica sahio d'este duplo combate contra a incredulidade e a revolução triumphante como nunca.

DECIMA TEMPESTADE. — *Os excessos da Revolução franceza.* — Uma geração corrompida pela philosophia julgou que uma vez despedaçado o jugo da Religião christã e catholica, e reconhecida a razão humana pela unica divindade da terra, reapareceria a idade de ouro das nações esclarecidas e livres. Foi proscripta a religião, abolidos seu culto e leis, perseguidos e exterminados seus ministros como inimigos publicos; Deus não tinha altares, mas a razão em delirio teve os seus.

Não tardou que o divorcio, proclamado entre o ceo e a terra, produzisse os necessarios effeitos: algo de semelhante ao que se daria na ordem da natureza se viesse a extinguir-se o facho do dia e os elementos a confundir-se, se deu tambem na ordem moral. A França, alteada depois de quinze seculos de christianismo ao fastigio da civilisação, abysmou-se repentinamente no pego da barbarie; perdeu toda a decencia, todas as regras, a humanidade, toda a forma de estado social; era a imagem do chaos e do inferno, quando os impios espantados de sua propria obra, vendo que o abysmo cavado ia engulir-os a elles tambem, desesperançados de poderem suster os estragos da torrente, cujos diques haviam rompido, chamaram em seu socorro essa mesma religião catholica, que tantos esforços tinham feito para aniquilar, reabriram por suas proprias mãos os templos de Deus e restituiram alguma liberdade a seu culto. Desde então os males diminui-



ram, e os mais incredulos viram claramente que o unico meio de salvação estava na reconciliação da França com a Egreja.

D'est'arte, quando um homem, sahido das suas fileiras, e ao depois tão celebre, subiu ao poder supremo, julgou impossivel dar ás leis e á auctoridade um solido fundamento, em quanto não recorresse á Santa Sé apostolica para repor as legitimas cadeiras episcopaes, guiar os povos pelos seus pastores, e apoiar a ordem publica sobre a moral do Evangelho. Que homenagem a sua Egreja opprimida! Que retractação tão solemne de tantas calumnias! Que confissão de impotencia absoluta de conservar sem ella os costumes, as virtudes sociaes, e a propria vida do corpo politico! E — o que ninguem poderá contestar — a volta á religião de nossos pais foi a epocha precisa da resurreição das sciencias, das lettras, do commercio, da industria, das artes, pelas quaes se testimunha hoje tanto zelo, e que tinham succumbido com tudo o mais no reinado do atheismo!

Debaixo ainda de outro aspecto foi a Revolução franceza para a sancta Egreja de Jesus Christo occasião de brilhante triumpho. O que a historia referia ácerca das crueis perseguições d'outrora e do heroismo dos primeiros fieis era desterrado por um mundo incredulo para a região das exagerações e das chymeras. Eis porem que a Egreja em sua supposta decrepitude é chamada á mais violenta das investidas; viram então que o fogo sagrado que inflammara os martyres não estava extincto. Quizeram impor ao clero francez leis que alteravam sua constituição divina e contradiziam sua fé: ou prestar juramento ou ficar exposto a todos os effeitos da mais implacavel vingança. Hesitariam um momento? Trinta bispos e quarenta mil padres, pela recusa unanime do perjurio se votam a todos e quaesquer sacrificios, a todos os perigos e carnificinas. Nas

prisões, nas barcaças, esses tumulos fluctuantes, onde soffrem supplicios, peiores que a morte, nos *banhos* de Cayenna, nos cadafalsos, etc. ninguem solta um murmuro, uma queixa; a nenhum pôde a morte arrancar o menor signal de fraqueza; ao expirar todos renovam seus juramentos de fidelidade a Deus e a sua sancta Egreja. Triumpho, esplendor!

UNDECIMA TEMPESTADE. — *Os attentados do Directorio e do imperador Napoleão contra a Sancta Sé.* — Por duas vezes no principio d'este seculo o inferno dirigiu todos os seus esforços contra a Sé indefectivel de Pedro, por duas vezes se lisongeu de a ter prostrado, e ousou cantar victoria. Era cedo; a sua alegria foi curta; e porque milagres de sua dextreza levantou Deus esse throno apostolico que julgavam ter despedaçado e reduzido a pó! Foi Deus evidentemente quem n'um momento derribou o colosso que pesava sobre o mundo inteiro, solidando-se todos os dias mais, e deante do qual se abatiam sceptros e coroas. Foi Deus quem feriu de subito o capitão famoso, cujas empresas, até então habilmente concertadas, tinham sido coroadas de successos. Quem, senão Deus, desbaratou só com os elementos naturaes exercitos reputados invenciveis, e dispersou pelo sopro do aquilão como leves palhas, essas innumeradas phalanges que pareciam predestinadas á conquista do universo? Quem, senão Deus, reunindo no mesmo designio e em um sentimento commum de conservação, os soberanos de Estados, tão diversos e separados de vistas, de interesses, de politica, de religião, reis, principes, vindos de todos os pontos da terra, até hereticos e scismaticos, em soccorro do chefe da Egreja, despedaçou os ferros que o algemavam, e levado em seus braços o restituiu a essa Roma, cuja auctoridade e direitos combatiam?

DUODECIMA TEMPESTADE. — *As pretensões e temeridades da falsa sciencia e da meia sciencia.* — No XVIII seculo

e nos primeiros annos do XIX, formara-se uma vasta coalisão de sabios no intuito de convencer os escriptores biblicos de ignorancia ou de impostura.

Homens presumçozos distribuiram entre si o dominio inteiro das sciencias, e entregaram-se a trabalhos gigantescos. Interrogaram ao mesmo tempo os annaes das nações, as leis da natureza, o curso dos astros do firmamento, as revoluções do globo, sua superficie, suas entranhas, os movimentos dos mares e dos rios; fizeram um apello a todos os seres animados e inanimados, ao ceo, á terra, ao Oceano, ao homem com sua razão e seus sentidos, á philosophia com suas subtilzas e abstracções, á historia com seus factos, suas datas e monumentos, etc., contra a verdade de nossos livros santos, annunciando todos os dias novas descobertas, titulos novos de convicção contra a divina revelação, demonstrações sempre mais evidentes de sua incompatibilidade com os factos da historia os mais incontestaveis. O Egypto fornecia suas constellações gravadas em pedra; a India suas taboas chronologicas e astronomicas para dar desmentidos authenticos á historia sagrada.

O edificio da fé parecia cahir pedaço a pedaço, e esbarrondar-se até aos fundamentos.

Causava espanto que o mundo tivesse podido aceitar como verdades reveladas tão palpaveis erros; não se fartavam de elogiar o merito dos homens extraordinarios, cujo saber e genio iam afinal desabusar o genero humano, e arrancar a razão a uma longa infancia. O que aconteceu porem? Essas mesmas investigações continuadas, esses mesmos estudos mais aprofundados levaram ao conhecimento de que os grandes homens tinham sido afinal logrados e caloteados pelas mais grosseiras illusões; suas invenções e systemas desvaneceram-se como sonhos e phantasmas; suas difficuldades melhor examinadas converteram-se em provas da religião que pretendiam destruir. Os monumentos

transportados de tão longe e com tamanhas despezas para virem depor contra elle, depuzeram em seu favor; enfim calculos mais justos e observações mais exactas justificaram plenamente a Escriptura Santa, suas origens, suas datas, sua irrefragavel auctoridade, que já se gabavam de haver entregue ao desprezo e ao escarneo. Que confusão para a falsa sciencia! que triumpho para a Egreja! Pode depois d'isto exclamar com o grande apóstolo: O' sabios, ó litteratos, ó investigadores do seculo, que é feito de vós afinal? *Sapiens, ubi, scriba, ubi conquisitor lingue soeculi*, Deus perdeu a sabedoria dos sabios; reprovou a sciencia dos mais prudentes.

Este oraculo tão expresso: *As portas do inferno não prevalecerão contra ella*, cumpriu-se finalmente da maneira mais brilhante. Incerra elle toda a historia, é um factó immenso que enche só de per si o mundo. Logo a Egreja de Jesus Christo é divina! E como é divina, e como tem marchado de triumpho em triumpho, ha de triumphar até ao fim.

O oraculo que tão brilhantemente se realisou no passado, ha de realisar-se de modo mais tocante ainda no porvir. No momento actual, os poderes do inferno desencadeiaram-se, como nunca, contra a Egreja de Pedro. A Italia tem feito o que tem querido, conserva o Pontifice captivo no palacio do Vaticano, depois de o haver espoliado de todos os seus recursos materiaes, espirituaes e moraes! Em Inglaterra denunciaram-na como a inimiga implacavel das soberanias temporaes! A França, ou pelo menos a maioria legislativa da França grita contra o clericalismo, contra o ultramontanismo, como o mortal inimigo da Patria! A Austria expoz ao vivo suas desconfianças, mais perfidas talvez do que uma hostilidade aberta! A Prussia eructa seus odios a vozes cheias! Seu genio mau, mais forte e não menos astuto do que Juliano. Apostata, victorioso da Dinamarca, da Austria e da França, declara-se seguro de

vencer Roma tambem! Conta as horas do papado! Para o riscar da historia espreita apenas a hora da morte de Pio IX, que succumbe ao peso dos annos! Prussia e Italia apertai o nó dos tratados, concertai habilmente vossos designios, urdi tramas profundas, tomai infalliveis medidas, prophetai bem alto que a Egreja indefectivel de Pedro vai cahir golpeada por vós! Sereis vencidas! As portas do inferno não prevalecerão contra ella. Jesus Christo, o Cordeiro — leão, estará com ella até á consummação dos seculos! E na consummação dos seculos, a eterna separação dos eleitos e dos reprobos, a eterna felicidade dos bons, a eterna desgraça dos maus, serão para ella o triumpho dos triumphos, porque todos os eleitos serão filhos seus, todos os reprobos foram inimigos seus, ella será a Jerusalem celeste, a visão magnifica da paz. Pio IX é morto e Leão XIII reina!

---

## CAPITULO DECIMO QUARTO

### Decimo esplendor da fé

*E eu, quando for exaltado da terra, atrahirei tudo a mim.* (S. Jo. XII, 32). Quasi no começo de sua vida publica, na conversação mysteriosa que teve com Nicodemus, principe dos judeus, Jesus Christo fez-lhe esta revelação extraordinaria: «Assim como no deserto Moysés levantou a serpente de bronze, assim é mister que o filho do homem seja levantado e offerecido ás vistas de todos, afim de que todo o homem que crer n'elle não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou o mundo de tal modo, que lhe deu seu unico Filho, afim de que nenhum d'aquelles que n'elle crerem pereça, mas tenha a vida eterna .. Aquelle que n'elle crer não será julgado!... Aquelle pelo contrario que não crê n'elle já está julgado, não mais verá a vida, a colera de Deus acena-lhe o golpe!...»

Em uma circumstancia solemne, no dia de sua entrada triumphante em Jerusalem, em presença da multidão, Jesus dirigia a seu Pai esta oração: «Meu Pai, glorifica teu Filho!»

Uma voz que desceu do ceo, e que a multidão

cuidou ser a do trovão, fez ouvir estas palavras: «Glorifiquei, e glorificarei ainda!» Então Jesus Christo exclamou: «E eu, quando fôr exaltado da terra, attrahirei tudo a mim!» João Evangelista accrescenta: «Dizia isto por allusão ao genero de morte que havia de soffrer!» O divino Salvador affirma cathegoricamente que semelhante á serpente de bronze no deserto, devia para salvação do povo ser pregado na cruz, suspenso entre o ceo e a terra, e que d'este modo tudo havia de attrahir a si! Dizia equivalentemente: Eu, homem mortal e morto, eu, divino suppliciado, tudo hei de attrahir a mim! Em quanto que o poder dos imperadores os mais famosos, conquistadores os mais intrepididos se extingue na campa! «E' quando tiver soffrido sobre a cruz o supplicio dos escravos, que Jesus Christo pretende exercer uma attracção universal e irresistivel.

Eis a prophecia! Eis agora o milagre. Um olhar, uma palavra de Jesus era o bastante para impressionar profundamente, para subjugar, para prender seus primeiros discipulos e seus apostolos. Attrahiu a si Zacheu, Magdalena e tantos outros! Sobre a cruz attrahiu o bom ladrão, que n'esse mesmo dia entrou com elle no paraizo.

Tanto elle era a alma de toda a natureza, que ao dar o ultimo suspiro, o sol perdeu a sua luz, a terra tremeu, os rochedos fenderam-se, os mortos sahiram do tumulo, o veo do templo despedaçou-se, os sepulchros abriram-se e muitos sanctos que dormiam resuscitaram. O centurião e os que estavam com elle diziam: Aquelle era realmente o Filho de Deus; Jesus Christo attrahira-os a si! Mesmo no tumulo, descia ao Limbo, e sahia trazendo em sua companhia as almas dos patriarchas e dos justos, que entraram com elle no ceo. Resuscitado, Jesus Christo attrahe a si o genero humano, as nações, os povos, os reinos e os imperios do universo. Com um sopro varreu os idolos, e expurgou a religião publica

dos erros e infamias que a deshonestavam; e depois de ter empurrado os povos fóra dos templos que derruía, chamava-os a novos templos, ao pé dos seus altares, e recebia as adorações da humanidade. Do templo penetrou na sociedade, renovou-lhe as instituições ou melhor reconstituiu-lhe os elementos, penetrou todo o corpo social de sua propria vida, e instillou n'ella os principios, antes d'elle ignorados, do direito, da justiça, da liberdade. Chamou primeiro os pequenos; e os povos vieram consolar-se orando e esperando a seus pés. Depois chamou os sabios; e o genio e o talento, desertando das escolas dos sophistas e dos rethoricos, veio pensar, escrever e prégar a favor da sua causa. Chamou afinal os Cezares; e os imperadores cedendo-lhe o throno, exclamaram á face do universo: «Não ha senão um Senhor e Mestre que é Jesus Christo. *Christus regit, regnat, imperat!*» O universo tornara-se christão, e ainda hoje o é, mas forçosamente dividido em dois campos, o campo dos amigos de Jesus Christo e o campo de seus inimigos. Restauração de uns e ruina dos outros, a todos se impoz. Sim, é graças á attracção exercida por Jesus Christo, que o mundo se salvou, esclareceu, civilisou, foi restituído á liberdade, vivificado pela caridade. Sim esta attracção é por tal forma a vida das modernas sociedades, que se pudessem isolar-se brusca-mente d'ella, volver-se-hiam astros errantes, bem depressa extinctos pelo vacuo e pelo frio dos espaços celestes, seriam n'uma palavra terras sem sol! Perderiam rapidamente toda a civilisação, toda a liberdade, toda a claridade; testemunha as scenas da Revolução franceza em 1793, e da Communa de Paris em 1871.

Jesus Christo attrahiu a si o homem individual, a personalidade humana! Fez sua a intelligencia e a liberdade de cada um; fez seu o coração e até o corpo de cada um, em summa todo o ser de cada um.

A intelligencia de cada homem de facto pela fé em



Jesus Christo abdica sua propria razão e funda-se na razão suprema do Verbo divino.

Faz pedaços o molde pessoal, mais ou menos falso e estreito para entrar no molde largo e profundo d'onde sahiu o Evangelho. Nenhum outro sobre a terra obteve jamais esta suprema dictadura da humana intelligencia. Os tyrannos opprimiram o pensamento, impedindo-lhe as suas manifestações, mas nunca a governaram, conquistaram ou attrahiram a si.

*A vontade de cada um.* Vai em desenove seculos que milhões de homens só querem o que quer Jesus Christo. Tem por unica vontade a vontade propria de Jesus Christo, e por unica lei de vida sua lei sancta e os divinos ensinamentos de seus exemplos. Fazem-se com elle doces e humildes de coração; tomam voluntariamente seu jugo, proclamando perante o universo que é bom e suave. E para lhe pertencerem totalmente deixam casa, pai, mãe, irmãos, irmãs, filhos, mulher, patria etc. A abnegação de si proprios é completa; crucificam sua carne, com seus vicios e concupiscencias, castigam seu corpo para o reduzirem á servidão. Afim de assegurarem sua união eterna com Jesus Christo, e ao mesmo tempo procurarem a salvação eterna de seus irmãos, preenchem em sua carne o que falta á paixão do Salvador. São n'uma palavra de tal sorte attrahidos por Jesus Christo, que não hesitam em dizer com S. Paulo: «Estou pregado na cruz com Jesus Christo; vivo, mas não sou eu quem vive, é Jesus Christo que vive em mim.» Esta fusão em Jesus Christo do ser inteiro do homem consumma-se n'este mundo no sacramento da Eucharistia, onde Jesus Christo se faz nosso alimento e nossa bebida, quando sua carne se confunde com nossa carne, seu sangue se mistura com o nosso sangue, seu coração pulsa junto do nosso coração e nossa alma é animada pela sua.

Como esta fusão com Jesus Christo, como este re-

vestimento completo de Jesus Christo, ao qual o grande apóstolo incitava os primeiros fieis: *Induimini Dominum Jesum Christum!* é admiravelmente expresso n'estas duas bellas orações inspiradas a S. Ignacio na gruta de Manresa: «1.º Recebei, Senhor, toda a minha liberdade; recebei minha memoria, minha intelligencia e minha vontade; fostes vós o que me destes tudo o que tenho e tudo o que possuo; restituo-vol-o sem volta, e o entrego á inteira disposição de vossa vontade. Dai-me sómente vosso amor com vossa graça, serei bastante rico, nada mais vos peço. 2.º Alma de Jesus Christo, sanctificai-me; corpo de Jesus Christo, salvai-me; sangue de Jesus Christo, inebriai-me; paixão de Jesus Christo, fortificai-me; ó bom Jesus, ouvi-me; escondi-me em vossas chagas; não consentais que eu seja separado de vós, defendei-me dos maus; na hora de minha morte chamai-me, mandai-me que vá para vós, afim de que seja feliz convosco pelos seculos dos seculos.»

*O coração de cada um.* Jesus Christo attrahiu o coração do homem. Conquistou sua afeição e seu amor... O amor fez-lhe guarda ao tumulto. Seu sepulchro é não só glorioso, mas amado. Todos os dias renasce em uma innumeravel multidão de seus discipulos. E' visitado em seu berço pelos pastores e pelos reis que aporfiam em lhe trazerem o ouro, o incenso, a myrrha, como a seu Rei, como a seu Redemptor, como a seu Deus. Uma porção notavel da humanidade retoma seu caminho e segue-lhe os passos em todos os logares de sua antiga peregrinação, sobre os joelhos de sua mãe, á beira dos lagos, no cume dos montes, nos carreiros do valle, á sombra das oliveiras, sobre o Thabor, etc. Espiam-lhe o somno e o despertar; escutam-no religiosamente; cada palavra sua vibra ainda, e produz o amor e as obras do amor.

Milhões de adoradores se despegam todos os dias em espirito da cruz, throno de seu supplicio e de seu

triumpho, se põem de joelhos, prostrando-se até á terra, e em seguida beijam com indizível fervor seus pés sanguinolentos. Uma paixão ineffavel o resuscita da morte e da infamia para o collocar na gloria de um amor que não desfallece, que n'elle encontra a paz, a alegria e até o extase. A cada geração requisita seus apóstolos e seus martyres, e cada geração responde a seu apello. E este amor que lhe consagram depois de sua morte milhões de homens, que nunca o viram, é já velho de dezenove seculos; e não arde em um só logar, mas sob todas as zonas do globo terrestre, tornando todos os tempos, todos os homens tributarios, com elle de um amor que jamais se extinguirá. Jesus Christo é de facto rei do coração, como o é tambem da intelligencia.

*O corpo de cada um.* Como o corpo, a carne com suas concupiscencias, suas cubiças, a corrupção de que é causa, são o obstaculo ou a resistencia invencivel oposta ao exercicio da attracção divina, os attrahidos de Jesus Christo sempre foram os inimigos encarniçados, os algozes do seu proprio corpo. Inventaram contra elle, como os tyrannos contra os martyres, mil instrumentos ou modos de supplicio, disciplinas, cilicios, cruces ainda de prégos, abstinencias, jejuns prolongados, etc., etc. Não pararam n'este caminho senão quando o corpo foi reduzido completamente á servidão na linguagem tão expressiva de S. Paulo. E o que é mais extraordinario, mais divino, é que as carnes as mais aborrecidas e as mais crucificadas são as mais tenras e as mais puras.

Taes são as dos Luiz Gonzaga, das Rosa de Lima, etc., etc.

Napoleão o Grande fez a este respeito um commentario que é ao mesmo tempo um lampejo de genio e uma inspiração sobrenatural. «Admiram as conquistas de Alexandre, mas o que são ellas comparadas com as de Christo? Ainda que Alexandre haja conquistado o mundo, suas conquistas passaram. Jesus pelo contrario

conquista e enamora não uma nação, mas toda a raça humana. Suas conquistas estendem-se pelo espaço de dezoito seculos, e com toda a probabilidade estender-se-hão até ao fim dos tempos.

E que conquista Jesus a cada homem? O que é mais difficil de conquistar – o coração! o amor! Pois Jesus conquista-os aos milhões vae em dezoito seculos. Alexandre, Cesar, Annibal nunca puderam conquistar um coração de homem! E o Christo! os corações de milhões de individuos são seus. Desde ha dezoito seculos centenas de milhares de homens se tem deixado martyrisar por elle; centenas de milhares acceitam seu jugo, supportam por elle as mais duras privações! Onde estão os meus amigos? Dois ou tres immortaes compartilham meu desterro! Que abysmo entre a minha miseria e o reino eterno do Christo, que é annuciado, pré-gado, amado, adorado por toda a terra. Elle viverá pela duração dos seculos em milhões de corações.» Este reino maravilhoso de Christo prova claramente sua divindade. Mas se o Christo é Deus, sua Egreja é divina, manifestamente divina.

Semelhante attracção, exercida por Jesus Christo sobre as almas é igualmente maravilhosa e omnipotente, quer se tracte de uma alma infiel, quer de uma fiel, mórmente de uma d'essas primorosas, a quem se digna chamar bem amadas. Lá está sempre batendo á porta da alma desgarrada, e não se cansa de bater. Agita-a, abala-a, desprende-a dos sentidos e do mundo, subjugaa.

Sacudida em todos os sentidos pela mão divina a pobre alma bem pode retirar todas as suas molas, não lhe será permittido continuar o somno que a encantara.

Jesus tem o poder de despertar e de perturbar as almas. Quando o effectuou, tem o poder de penetrar lá dentro, quando lhe apraz sem lhes arrebatara a liber-

dade, deixando-as ou antes volvendo-as livres. Quantas vezes a conversão se dá n'um alustro! Um relampago, uma voz que ribomba em a nuvem derriba um Saulo soberbo, e muda o leão em cordeiro, o perseguidor em apóstolo. Jesus volta-se e olha para Pedro que o acaba de negar tres vezes. Pedro convertido chora amargamente na solidão, e tantas lagrimas quotidianas cavam-lhe nas faces dois sulcos indeleveis. Está attrahido para sempre! E quando o divino Mestre lhe perguntar se o ama, não hesitará em responder-lhe: «Senhor, bem sabeis que vos amo.» Que divina attracção não é essa que arrebatava todos os dias aos carinhos da familia essas virgens abençoadas, que lá vão atraz do Cordeiro, para toda a parte aonde fôr, até ao Calvario, até ao ceo? Arrancar-se-hão todas juvenis e cheias de encantos aos braços de um pai e mãe estremecidos, a todas as esperanças e illusões da vida, para irem occultar-se na solidão do claustro. . . Alguns mezes depois soa o momento da tomada do habito. Aparecem radiantes á grade do coro, vestidas como noivas, enfeitadas de joias e de rendas, enfeites que poucos minutos mais tarde vão arrancar e calcar aos pés, aureolando-lhes a fronte uma alegria divina, fructo do mais perfeito conhecimento d'Aquella, ao qual deram seu coração. Quando apoz de um ou dois annos de provas definitivas reaparecem á grade para pronunciarem votos irrevogaveis, quando sua voz se faz ouvir no silencio da assembleia sancta para dizer: Meu amado é meu e eu sou d'elle; já não é só a alegria, é o enthusiasmo que arfa no peito, e que trahe na emoção da voz a paixão que as transporta. E é sempre de Jesus Christo morto na cruz. . . que nasce esta mysteriosa attracção.

Sim, Jesus Christo levantado da terra attrahe tudo a si.

N'estes seculos tristes, em que a indifferença universal está reclamando uma graça omnipotente, que es-

perfeição e vivifique as almas; em que a impiedade sempre uivante indica a necessidade de um novo vinculo que prenda os homens a Jesus Christo; em que as violencias desaforadas da heresia desolam a Igreja e lhe arrebatam milhares de seus filhos; em que os crimes que bradam ao ceo, clamam por uma grande expiação e uma grande reparação, Jesus aparece a Margarida Maria Alacoque, a quem dá o doce nome de desposada, e a breve trecho de esposa.

Descobrimo-lhe seu divino Coração, que tanto amou os homens, que a nada se tem poupado até se esgotar e consumir, para lhes provar seu amor... Peço-te que a primeira sexta-feira da oitava do SS. Sacramento seja dedicada a uma festa particular para honrar meu coração em reparação e desagravo dos ultrages que recebe no sacramento de meu amor... Prometo-te que meu coração se ha de dilatar para verter com abundancia as influencias de seu amor sobre aquelles que lhe renderem esta homenagem.»

Ora a voz da humilde virgem de Paray-le-Monial foi no glorioso pontificado de Pio IX plenamente escutada. O mundo celebra hoje com pompa a festividade do Sagrado Coração de Jesus. A Igreja catholica em globo, a igreja de França em geral, e cada diocese de França em particular, a cidade de Paris de maneira particularissima, estão consagradas ao Sagrado Coração de Jesus. Maria Margarida foi elevada á honra dos altares; seu tumulo já agora glorioso attrahe milhares de peregrinos que vem orar com o fervor dos primeiros christãos; e eis que no seio da grande Babylonia moderna, do visio da sancta collina dos martyres, antigos e modernos, vai erguer-se magestosa a immensa basilica do Sagrado Coração, do alto da qual Jesus Christo agradecido attrahirá de novo a si os corações de nossa bella Patria.

E' portanto veridico que a prophecia, que o mila-

gre, que o impossível, se volveram realidades immensas. Exaltado da terra, Jesus Christo attrahiu tudo a si! Jesus Christo vivo sempre em sua morte, impoz-se ao mundo! Cessando de viver, começou a reinar! Do fundo de seu tumulto, ou antes lá do alto dos céos, agita o mundo e subjuga a humanidade! Logo é Deus e sua religião divina! Esplendor!!!

---

## CAPITULO DECIMO QUINTO

### Undecimo Esplendor da Fé

*N'isto hão de reconhecer todos que sois meus discipulos, se vos amardes uns aos outros.* (S. J. xiv, 34.) O Salvador come a ultima ceia com seus discipulos; levanta-se da mesa, cinge-se com uma toalha, e lava os pés aos doze apóstolos! Até ao proprio Judas! Dá-lhes a derradeira, a prova suprema de seu amor infinito, seu corpo a comer, seu sangue a beber...! Com o espirito perturbado, com o coração saturado de angustias annuncia-lhes que um d'elles o ha de trahir. Esta revelação é o signal da sahida de Judas; Jesus ficando só com os onze, diz-lhes: «Meus filhos, dou-vos um mandamento novo, amai-vos uns aos outros..., como eu vos amei. Todos hão de reconhecer que sois meus discipulos, se vos amardes uns aos outros.»

Pouco depois, na adoravel oração da Ceia, Jesus Christo dirá a seu Pai: «Que aquelles que me destes sejam um, como nós somos um; que sejam consummados na união, afim de que o mundo conheça, que fostes vós quem me enviou.» Assim o proprio Jesus Christo por duas vezes fez da caridade para com o proximo um Esplendor da Fé.



O apóstolo S. Pedro foi mais explicito ainda, pois diz:

«A vontade de Deus é que tapeis a bocca ás objecções dos ignorantes e dos insensatos, fazendo bem a toda a creatura!»

O oraculo reza pois que a Egreja de Jesus Christo devia resplandecer por uma caridade sem limites, por uma fusão completa das almas e dos corações! E assim era, os primeiros christãos denunciavam-se logo, porque formavam um só coração e uma só alma. Esta caridade devia estender-se a todas as miserias e a todas as dores; ora é de facto no gremio da Egreja catholica, apostolica, romana, que a caridade tem sido superabundante, e tem tomado em seus excessos todas as formas imaginaveis. Logo a Egreja catholica, apostolica, romana, é a verdadeira Egreja de Jesus Christo.

Já S. Paulo dizia: «Quem soffre que eu não soffra com elle?»

Digamos antes de mais nada em que deve consistir esta caridade, enumerando-lhe as regras, as obras, as qualidades, perfeição e coroa.

1.º Regras da caridade evangelica:

Primeira regra: *Não faças a outrem o que não quereias que te fizessem.*

Segunda regra: *Faze a outros o que quereias que te fizessem.*

Terceira regra: *Amarás o teu proximo como a ti mesmo.* (S. Math. XXII, 39.) O amor que nos temos a nós é real, activo, efficaz; quereiamos communicar-o a todos, ou que todos nos amassem tão cordealmente como nos amamos a nós mesmos. O amor que nos temos é terno; volve-nos sensivel a todos os nossos males, e persuade-nos de que nunca são pequenos; occulta-nos nossos proprios defeitos, e persuade-nos de que nunca são grandes. Nosso amor ao proximo deve tambem volver-nos sensiveis a seus menores trabalhos, e fechar-nos os

olhos a seus maiores defeitos: regra verdadeiramente divina, da qual os sabios da antiguidade não tiveram a menor ideia. Um principe pagão muito illustrado, a quem a revelaram pela primeira vez, não hesitou um momento em proclamar divina a religião que a ensinava e que por milagre a praticava.

Quarta regra: *Amai vossos inimigos: fazei bem áquelles que vos aborrecem, orai por aquelles que vos perseguem e vos calunniam.* (Math., v. 44.)

Quinta regra: *Ama o proximo*, ou pelo menos esforça-te por amar o proximo, *como Jesus Christo nos amou.* «Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado!» Regra sublime, cuja pratica constitue uma perfeição eminente, o heroismo da caridade.

E' este em rigor o mandamento novo que só um Deus podia trazer ao mundo, do qual só um Deus podia offerecer-nos o exemplo, exemplo que só um Deus por sua graça pode mover-nos a imitar. Pois Jesus Christo amou-nos: 1.º sem nenhum interesse da sua parte e sem nenhum motivo da nossa, não só porque na qualidade de peccadores não podiamos ser de forma alguma dignos de amor, mas porque uma semelhante condição nos volvia soberanamente dignos de aversão.

Não obstante amou-nos mais do que a si mesmo, pois se aniquilou por nós, e derramou seu sangue até á ultima gota. Assim diz S. João (Ep. III, 16): «Se Jesus nos testificou seu amor dando sua vida por nós, devemos corresponder a este amor dando nossa vida por nossos irmãos.» O apostolo da caridade accrescentava: «Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros, não de palavra e de lingua, mas por obras e verdade. Por este caracteristico reconheceremos e reconhecerão que somos da verdade... Sabemos que fomos transportados da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos... Aquelle que ama cumpre a lei... Se vos amardes, isso basta...»

Jesus Christo inculcou a seus discipulos a caridade debaixo ainda de outra forma: «Sêde misericordiosos, como vosso Pai celestial é misericordioso.» A misericordia, piedade do coração para com a miseria do proximo, e as obras de misericordia são recommendadas n'estas palavras da sentença final:

«Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que vos está preparado desde o principio. Porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; não tinha asylo e recolhestes-me; estava nú e vestistes-me; doente e visitastes-me; prisioneiro e viestes verme.» As obras de misericordia são de duas especies, corporaes e espirituas. As primeiras em numero de sete são: visitar os enfermos; dar de comer aos famintos; de beber aos sequiosos; vestir os nús; visitar e socorrer os prisioneiros; sepultar os mortos. As segundas tambem são sete: ensinar os ignorantes; dar conselho aos que d'elle carecem; esclarecer os que estam em erro; perdoar as injurias; consolar os tristes; soffrer os defeitos do proximo; orar a Deus pelos vivos e defunctos.

A caridade christã deve alem d'isso revestir qualidades ou preencher condições que S. Paulo enumera com uma complacencia inspirada n'esta passagem sublime:

«Ainda que eu falasse todas as linguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, não sou mais do que o bronze que soa ou cymbalo que retine. Ainda que tivera o dom de prophecia, ou penetrasse todos os mysterios, ainda que versasse toda a sciencia, ou tivesse fé bastante para transportar montes... ainda que distribuisse todos os meus bens pelos pobres ou entregasse meu corpo ás chammas... se não tiver caridade de nada me serve tudo isto. A caridade é paciente, doce e bemfazeja; não é invejosa, nem temeraria ou precipitada; não se tinge de orgulho; não é ciosa; não busca

seus proprios interesses; não se irrita; não pensa mal; não folga com a injustiça. Tudo soffre, tudo crê, tudo espera, tudo supporta. As prophecias hão de acabar, as linguas hão de cessar, a sciencia ha de desvanecer-se, a Caridade essa nunca terá fim. A Fé, a Esperança, a Caridade são tres cousas excellentes, mas a Caridade é-o bem mais! A Fé ha de passar, a Esperança ha de passar, só a Caridade permanecerá.»

Finalmente Jesus Christo resumiu toda a sua doutrina n'estas palavras ineffaveis: «Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração.»

A doçura é a perfeição, o verniz, a flor, o perfume da caridade. A humildade é o fundamento, o meio, o baluarte da caridade. Debaixo de todas as suas formas e em todos os seus graus de perfeição a caridade é a virtude sobrenatural, pela qual amamos ao proximo por amor de Deus, de sorte que na opinião de S. Thomaz, o amor de Deus e o amor do proximo apenas constituem um só e mesmo habito ou disposição d'alma capaz de actos differentes. Interrogado ácerca dos mandamentos da lei, o Salvador respondeu: «O primeiro e o maior dos mandamentos é: «Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças, com todo o teu espirito.» O segundo é semelhante ao primeiro: «Amarás ao proximo como a ti mesmo.»

O motivo ou base do primeiro mandamento é o proprio Deus! O motivo do segundo é Jesus Christo, Deus incarnado na humanidade, no homem, incarnado porem de maneira particular no pobre. «Tive fome e destes-me de comer; tive sêde e destes-me de beber. . . Aquillo que fizestes ao mais pequeno dos meus, a mim o fizestes.»

Não é tudo: a coroa indispensavel da caridade evangelica eil-a aqui. Ha de ser essencialmente activa, mas cheia de pudor e occulta. «Tende cuidado, diz Je-

sus Christo, não façais as vossas boas obras diante dos homens para attrahirdes sobre vós seus olhares, porque então perderieis vossa recompensa. Quando derdes a esmola, que vossa mão esquerda ignore o que faz a vossa mão direita, afim de que vossa esmola fique em segredo, e que vosso Pai que vê tudo no recondito vos dê a paga.» Aqui está a caridade evangelica em todo o esplendor do divino, suas regras, suas obras, suas qualidades esquisitas, seus motivos, sua perfeição ou sua coroa.

E não soffre duvida, que o signal por onde desde as primeiras edades da Egreja se reconhecem os christãos, é sua caridade fraterna.

E' por suas boas obras que a contento de Deus tapam a bocca d'aquelles que blasphemam do que ignoram.

Eram apontados a dedo: «Vêde-os como se amam!» Formavam um só coração e uma só alma! Vêde quanta é sua solicitude pelos pobres! S. Pacomio, fundador da vida cenobitica, ainda soldado, passando por uma cidade christã, foi tomado de assombro á vista dos dons voluntarios que um grande numero de habitantes fazia aos pobres. Perguntou que anjos de caridade eram aquelles; responderam-lhe que eram christãos.

Sem detença ergue as mãos ao ceo e jura abraçar o christianismo. A viuva e o orphão, o velho sem amparo, o indigente vestido de trapos são objecto não só da compaixão e do amor do christão, mas de seu respeito e de sua veneração. A Egreja tem ensinado aos principes e aos reis a lavar e a beijar os pés do pobre, de quem ella tem sido em todo o tempo a alma nutriz. Emquanto possuiu thesouros, prodigou os em seu favor: para elles construiu magnificos hospicios, instituiu ordens religiosas dos dois sexos para os alimentar, para os socorrer em suas necessidades, para lhes assistir nas enfermidades, para os consolar na dôr. Hoje, pobre e

indigente, faz apello ao menos á caridade publica em favor d'aquelles de seus filhos que soffrem ; geme, e solta o grito compadecido das entranhas maternas ; armada de todos os seus meios de auctoridade e de persuasão, não cessa do alto da tribuna sagrada de ameaçar os ricos avaros e egoistas, de convidar a novos esforços, a novos sacrificios os ricos caridosos e compassivos...

Em resumo desde os alvares do Christianismo — e é este um dos factos mais brilhantes da historia — tem surgido como por encanto uma pleiade de heroes da humanidade regenerada que á porfia tem observado religiosamente todas as regras da caridade evangelica, praticado todas as obras de misericordia corporal e espiritual com o luxo divino das qualidades esquisitas que S. Paulo enumera tão complacentemente, pondo-lhe o sello da humanidade e da doçura, cujo exemplo nos legou o divino Salvador, dotando-a com esse doce perfume de timida modestia que a si propria se occulta o bem que faz. E não são sómente heroes da caridade, são gerações inteiras de heroes succedendo-se indefessamente a seu sancto Fundador, os que continuam o glorioso apostolado de sua caridade sem limites.

Depois de a havermos admirado na idealidade, vejamos como alguns de seus mais bellos modelos a tem sabido pôr em practica em grau heroico.

*S. Paulo.* — Zelador ardente da seita pharizaica, reputava só como amigos seus os do seu partido e os de sua raça ; perseguia furibundo tudo quanto contrariava as tradições de seus pais. Mas logo que adora a Jesus Christo, attentai como seu coração se dilata ! «Cesse, diz elle, toda a distincção entre Judeu e Gento, circunciso e incircunciso, Grego, Barbaro, Scythia, entre escravo e homem livre, Jesus Christo e só elle é tudo em todos, e todos são n'Elle. Por seu amor pertenco não a um povo, não a uma seita, mas a todos os povos selvagens e civilisados, a todos os homens sabios

e ignorantes, prudentes e insensatos. A caridade de Jesus Christo urge-me. Em meu peito e entranhas trago tudo quanto foi resgatado em seu sangue. Verteria da melhor vontade todo o meu pelo mais obscuro habitante da ultima região da terra. De livre que era tornei-me escravo de todos; percorro o mundo inteiro para servir meus semelhantes, chorando com os que choram, regozijando-me com os que se regozijam, sofrendo sem me queixar a fome, a sêde, a nudez, fadigas extremas e crueis perseguições, esquecido de mim mesmo e fazendo-me tudo para todos, para tudo reunir debaixo da doce lei do Deus de misericórdia e de amor!»

*S. João Evangelista.* — Hauriu a caridade no peito de Jesus Christo que á sua semelhança o fez manso e humilde de coração. Como é admiravel quando nos diz em sua epistola: «Carissimos, amemo-nos uns aos outros, porque a caridade é de Deus. Todo aquelle que ama nasce de Deus, e conhece a Deus. Aquelle que não ama não conhece Deus, porque Deus é o amor! Se alguém disser: Eu amo a Deus, e aborrecer seu irmão, mente, pois como aquelle que não ama seu irmão que vê amaria a Deus que não vê?» Oraculo divino mas formidavel. que se explica por estas solemnes palavras de Jesus Christo: «O que fizerdes ao minimo dos meus, a mim o fizestes!» Nos ultimos annos de sua vida, levado á igreja nos braços dos fieis, não podendo já fazer-lhes longas exhortações, contentava-se com esta: «Filhinhos, amai-vos uns aos outros.» E quando lhe observavam que não lhes dizia outra cousa, respondeu: «E' o preceito do Senhor, se o cumprirdes, tanto basta!» Já tinha seus oitenta annos, quando tendo sabido que um mancebo por elle confiado á solitudine paternal do bispo de Epheso, de excesso em excesso cahira em se tornar capitão de ladrões, vivendo com elles de roubos e morticinios, em um monte escarpado e coberto

de espessa floresta, monta a cavallo, toma um guia, e dirige-se a toda a pressa para o valhacouto dos bandidos. Tendo lá chegado, desce do cavallo, despede aquelles que o acompanhavam, e penetra sósinho atravez da espessura. Preso pelas sentinellas, pede que o conduzam á presença do capitão. Logo que reconheceu a João, larga a fugir; João persegue-o gritando-lhe: «Porque fojes de teu pai, que vem buscar a ovelha perdida e reconduzil-a ao aprisco?» Não lhe sendo possível resistir a instancias taes, o moço pára, abraça chorando o sancto velho, que o estreita amorosamente ao peito, o leva consigo e o reconcilia com Deus.

*S. Nicolau, bispo de Myra.* Mereceu pela innocencia da vida, pela piedade, por uma terna compaixão pelos pobres, ser o modelo e o padroeiro da infancia e da juventude christã. A morte prematura de seus pais, constituiria-o senhor absoluto de sua sorte, e possuidor de uma immensa fortuna. Foi o thesoureiro do pobre e do indigente, Indagava as necessidades occultas, as miserias timidas, e soccorria-as em segredo. Nada mais tocante do que as sanctas industrias, as destrezas que empregava para roubar não sómente aos olhares estranhos, mas aos proprios individuos, objecto de seus beneficios e munificencias, a mão que lh'as dispensava, para que só a Deus os agradecessem, de quem era o ministro invisivel. Duas virtuosas donzellas irmãs, a quem o pai não pudera dotar, porque por uma serie de desgraças, de rico e abastado que era cahira na miseria, tinham recebido d'esta mão desconhecida sommas que as habilitaram para casar decentemente. Uma terceira irmã, não menos digna do que as outras duas, concebeu a esperança de ser a seu turno opportunamente favorecida. Esperavam terceira bolça arrojada de improviso pela janella aberta. A bolça não se fez esperar! Mas d'esta vez o mysterioso bemfeitor foi percebido, e não pôde esquivar-se ao reconhecimento por



tanto tempo illudido. Soube-se desde então quem era o auctor de cem outras liberalidades secretas.

*S. Paulino, bispo de Nola.* — S. Agostinho disse d'elle: «Ide á Campania, visitai Paulino, esse tão grande por seu nascimento, por seu genio e riquezas! Vêde com que generosidade esse servo de Deus se despoja de tudo para só a Deus possuir! Vêde como renunciou ao orgulho do mundo para abraçar a humildade da cruz! Vêde como emprega em louvar a Deus esses thesouros de sciencia, perdidos quando se não consagram áquelle que os confiou!» Certo dia, não tendo já nada que distribuir, vende-se a si mesmo para resgatar o filho de uma pobre viuva! Levado captivo pelos Godos, dizia a Deus com simplicidade: «Não consintais que me atormentem por ouro ou prata; bem sabeis onde depositei tudo o que me destes.»

*S. João o Esmoler, bispo de Alexandria.* — Mal tomara posse, reúne os economos de sua igreja, e diz-lhes: «Ide por toda a cidade, e inscrevei com muito cuidado os nomes de todos os nossos senhores e amos!» Perguntam-lhe com pasmo quem eram esses amos e senhores. «São aquelles, diz, a quem vós chamais os *Pobres!*» Encontraram mais de sete mil, aos quaes mandou dar esmola todos os dias. Eis o seu testamento: «Dou-vos graças, meu Deus, por que ouvistes minha depreciação, não me resta mais do que a terça parte de um soldo, embora em minha ordenação encontrasse na casa episcopal de Alexandria quatro mil libras de ouro, afóra as quantias innumeraveis que recebi dos amigos de Christo . . .»

*S. João Gualberto.* — Encontrando n'uma sexta feira sancta em uma passagem estreita o assassino de seu irmão, ripa da espada e cresce para elle. Mas lançando-se-lhe aos pés, com os braços em cruz, conjura-o em nome de Jesus Christo a que lhe não tire a vida. Tocado a este espectáculo, João estende a mão ao assas-

sino, e diz-lhe: «E'-me impossivel recusar-te o que me pedes em nome do Salvador; concedo-te não só a vida, mas até minha amizade,» e abraçou-o ternamente.

Fundador da Ordem de Vallombreuse, João fez da charidade para com os pobres a virtude culminante; a ninguem despedia sem lhe dar esmola; muitas vezes aconteceu-lhe deixar vasio os celleiros do mosteiro para soccorrer os indigentes. Deus permittiu que em uma grande fome se multiplicassem miraculosamente as provisões do convento de Rozzuolo, aonde acudiam pobres de toda a parte.

*S. Izabel da Hungria.* — O castello de Marburgo, que ella habitava, levantava-se sobre um rochedo escarpado, aonde os doentes não podiam subir. Manda edificar perto do castello dois hospitaes, onde todos os doentes e pobres eram acolhidos.

Visitava-os a miude, e practicava para com elles os serviços os mais humilhantes e mais ternos. Todos os dias distribuia á sua porta abundantes esmolas em dinheiro e provisões a novecentos indigentes, de forma que suas rendas eram no rigor da palavra o patrimonio dos pobres.

Prudente em sua excessiva charidade, mandava trabalhar aquelles que podiam, de maneira proporcionada a sua força e destreza. Espoliada de seus estados e fortuna, reduzida á miseria, estendeu a mão sem vergonha e vivia de esmolas. Quando mais tarde seu espoliador e seu carrasco, voltou a sentimentos de justiça e bondade, lhe pediu perdão pelo mal que lhe tinha feito, em resposta abriu-lhe os braços e regando-o de lagrimas, exclamou: «Não quero nem vossos castellos, nem vossas cidades; dai-me tão sómente com que prover ás necessidades dos pobres.» Logo que recebeu os quinhentos marcos de prata que o duque Henrique lhe enviou, mandou-os distribuir pelos pobres de uma só vez e no mesmo dia. Fez publico por toda a parte

nas vinte e cinco leguas em redor de Marburgo, que todos os pobres se reunissem n'um dia determinado em certa planicie proximo de Wherda.

No dia aprazado milhares de mendigos, vagabundos, estropiados, cegos, enfermos se acharam ali reunidos. Izabel presidiu á distribuição de sua pensão, passando de fileira em fileira, servindo todos os pobres com uma toalha á cinta, como se servisse a Jesus Christo. Ao entardecer, vendo que os mais fracos tinham de passar a noite ao sereno, mandou accender grandes fogueiras, lavar-lhes os pés e perfumar-lh'os.

Como cantassem, enthusiasmados por tantas attentões, exclamou: «Bem vol-o tenho dicto, que devemos tornar os homens tão felizes quanto possivel.» E correu para tomar parte em sua alegria.

*S. João de Deus, fundador dos Irmãos da Charidade.*

— Convertido por João d'Avila, entra a correr pelas ruas de Grenada, arrancando os cabellos em tal desespero, que a populaça crendo-o louco, poz-se a perseguil-o á pedrada e a cacete. De volta a sua casa, coberto de sangue e de lama, dá aos pobres tudo, e fica reduzido a miseria extrema. Chamado pelo sancto religioso cuja voz lhe commovera o coração, á practica da charidade, arranjou algum dinheiro no negocio da madeira, com o qual alugou uma casa para doentes pobres. A todas as necessidades provia, passando as horas do dia á cabeceira da cama dos enfermos, e as da noite a transportar outros para este hospital improvisado.

Um dia pega-lhe o fogo na casa; vivamente alarmado do perigo que corriam seus caros doentes, toma-os a todos um por um ás costas e salva-os atravez das chammas! Pareciam respeitar o fogo intenso que abrazava seu coração, de forma que nem elle, nem seus doentes padeceram cousa alguma. Sua charidade não se delimitava nas paredes do hospital, penetrado de dor ao pensar que muitos infelizes não teriam o neces-

sario, mandou proceder a uma investigação exacta de todos os pobres da provincia, e proveu a suas necessidades já enviando-lhes alimentos a casa, já proporcionando-lhes trabalho. Certo dia que o arcebispo de Granada lhe censurava receber em seu hospital todos os vadios e homens de má vida, respondeu com admiravel candura: «Não sei que haja no meu hospital outros peccadores senão eu, que sou indigno de comer o pão dos pobres!» Seus religiosos que vão de porta em porta pedindo esmola, dizem: *Meus irmãos, fazei bem por amor de Deus.*

Na Italia são por isso conhecidos pelo nome de *Fate ben Fratelli!*

*S. Thomaz de Villanova.* — Ainda creança, dava do seu almoço aos outros pequenos, e seus vestidos áquelles que tinham frio. Voltou mais de uma vez para casa sem fato, sem chapéu e sem sapatos.

Se lhe tivessem feito a vontade, daria todas as suas refeições aos pobres, e elle comeria pão secco. Na morte de seu pai, distribuiu toda a herança pelos pobres, fez de sua casa um hospital, e entrou na ordem dos Eremitas de S. Agostinho.

Nomeado arcebispo de Valença, fez a jornada a pé, com o habito de monge já bem puido. O cabido que bem conhecia sua pobreza, presenteou-o com quatro mil ducados para mobilia; recebeu-os, mas logo os doou ao hospital, que estava ao tempo muito sobrecarregado. Guardou o habito monastico, que remendava elle mesmo, como a regra prescrevia. Dos dezoito mil ducados que rendia a mitra, treze eram destinados a obras de caridade.

Todos os dias se viam á sua porta quinhentos pobres, e todos recebiam com uma ração de pão e vinho uma pequena quantia de dinheiro. Contribuia para o dote das donzellas casadoiras. Mas sua particular ternura empregava-se nos orphãos; recompensava aquelles

que lh'os traziam. Antes de expirar, quiz que dessem aos pobres toda a mobilia e dinheiro que lhe restava! E como, já depois de ter repartido largamente por todos, seus famulos lhe trouxessem ainda mil e quinhentos ducados, reprehendeu-os por lhe retardarem sua ditosa morte. «Ide, disse-lhes, acabai com isso, afim de que eu não viva mais tempo.»

Quando voltaram, exclamou: «Agora, marcharei alegre ao combate, nada tenho por onde o inimigo possa deter-me. Tendo tido conhecimento de que um pobre pae de familia, carcereiro, não tivera parte na distribuição da mobilia, mandou-o chamar, pediu-lhe desculpa do esquecimento, deu-lhe a cama sobre a qual estava deitado e fez signal de que o descessem e o puzessem no chão, para que o novo domno pudesse levar a cama. Como ninguem lhe quizesse fazer n'isto a vontade, o sancto volta-se para o pae de familia, e roga-lhe em nome de Jesus Christo que lhe permita o uso do leito até á sua morte. Esplendor!

*S. Luiz Gonzaga.* — Este sancto joven pertencia mais ao ceo do que á terra; era mister todo o rigor da obediencia para o arrancar a seu commercio intimo com Deus; mereceu que o Papa Bento XIII lhe desse este glorioso testemunho: «As mais eloquentes palavras não poderiam louvar condignamente a caridade de Luiz Gonzaga, porque attingiu o grau mais elevado a que pode chegar-se.

Ostentou-se principalmente, quando em Roma apoz a fome se declarou a peste, onde fez tantas victimas. Embora lhe custasse a ter-se em pé — tal era a fraqueza a que o reduziam as mortificações — solicitou e obteve de seus superiores licença para visitar os pestiferos nos hospitaes, e de lá os transportar ás costas, de lhes lavar os pés, de os consolar e animar, e de ir de porta em porta mendigar para os que tinham fome, etc. Ata-

cado do flagello no exercicio da santa caridade, morreu com 23 annos de idade apenas!

*S. Vicente de Paulo.* — Uma piedade rara, a pureza immaculada de seus costumes, a solidez e a penetração de seu espirito, a candura de sua alma, uma ternura para com os pobres que chegava a ponto de repartir com elles d'aquillo que mal bastava para suas necessidades, um amor ardente pela casa do Senhor, um zelo prematuro por sua gloria revelavam os secretos designios da Providencia a seu respeito. Debaixo do fato rude do moço pastor occultava-se o coração do bom pastor... Nunca houve coração mais sensivel ás misérias humanas do que o seu; tinha o genio de bemfazer e soube communcial-o aos outros.

Por toda a parte, por onde Vicente passar, a dor e o infortunio serão forçados a bater em retirada... Deus que o constituiu de modo particular ministro de sua caridade, e depositario de seus dons n'este mundo, deu-lhe auctoridade e poder sobre todos os corações, direito e acção, digamol-o assim, sobre todas as fortunas, de forma que é impossivel recusar-lhe cousa alguma em sua qualidade de provedor e economo dos pobres... Parece que tudo pertence a este homem de Deus, e que recebeu o supremo dominio sobre todos os bens... E assim que não poderá elle? o que não pôde nenhum soberano! Nutrir a população inteira de quatro grandes provincias! Luctar contra os flagellos conjugados do contagio, da fome e da guerra, e vencel-os! Prover durante vinte annos consecutivos a todas as necessidades de vinte e cinco cidades e de um numero dez vezes maior de villas e aldeias! Mandar a oitenta casas suas distribuir diariamente viveres, remedios e vestidos, a todo um povo nú, doente e faminto! Ser n'uma palavra para os habitantes de uma notavel parte da França o que a Providencia é para o universo! Que

diríamos, se mettessemos em conta os hospitaes, casas de refugio, asylos, etc., que abriu para todas as edades e miserias humanas? Se o mostrassemos ao leitor, resolvendo já no fim de seus dias com pleno successo o problema insolavel para os governos da abolição da mendicidade? E provando assim que a religião pode só por si o que será sempre impossivel ao poder humano, porque este emprega o zelo mercenario que aneia enriquecer, e aquelle a caridade generosa que forceja por empobrecer?

*A irmã da Caridade.* — E' a obra prima de S. Vicente de Paulo, que tomou, como Deus, o lodo da terra, e lhe deu forma e espirito. Ensinou-lhes d'um jacto os ternos cuidados que reclamam as dores e os enojos da enfermidade; as doces insinuações que consolam e animam ao moribundo; a solitudine attenciosa que adivinha as necessidades; o ardor que previne os desejos, o zelo que triumphá dos desgostos; a paciencia que não esgotam ingratições e injustos murmúrios; a arte tão proveitosa de preparar por suas mãos os remedios e de applical-os com discernimento, de pensar delicadamente as feridas, de curar as enfermidades...; a arte de balbuciar com a infancia para a formar na sciencia e na virtude; de inspirar a fé aos pobres alliviando-lhes as miserias; de assim fazer uma dupla esmola ao mesmo tempo. esmola ao corpo, esmola tambem á alma etc. Escola de novo genero, onde a propria caridade engendra mães para os orphãos, mestras para as meninas pobres, medicos para os doentes, hospicios para a indigencia, consoladoras para todas as dores, etc. E são passados já dois seculos, e estes ensinamentos de S. Vicente de Paulo estão tão vivos ou talvez mais vivos do que no primeiro dia! A philosophia, a heresia, o scisma nunca puderam formar uma unica irmã da caridade. E a santa Igreja catholica, apostolica, romana conta em seu seio vinte mil, um exercito que assombra e desafia

o mundo. Por toda a parte estimadas, por toda a parte amadas, votadas á castidade, á pobreza, á obediencia, e se tanto for preciso, á morte.

Em Paris, durante o cerco, quarenta e sete irmãs da caridade tratavam em Bicetre os soldados atacados de variola. Onze succumbem dentro de poucos dias! Exhaustas de fadiga, envenenadas pelo ar pestilencial que respiram, as trinta e seis que restam não chegam para todos os serviços da ambulancia! Requistam-se outras onze, aparecem logo trinta e duas.

*A Irmã Rosalia.* — Tinha apenas quinze annos, e já brilhava com todos os attractivos da belleza; entra nas Irmãs da caridade! Morta aos setenta annos, consagrou a Deus e aos pobres cincoenta e cinco annos de sua vida. Depois de terminar o noviciado, foi mandada para a Pequena Casa da Rua Epée de Bois, bairro de S. Marceau, um dos mais pobres arrabaldes de Paris, o mais grosseiro e entregue a todas as suggestões das más paixões; nunca a abandonou! Se adregava falar-se dos vicios que minavam aquella infeliz gente, respondia: «São meus filhos, e se a graça me não sustentasse, seria peor do que elles!»

Exercia sobre todos os que se lhe aproximavam um poder extraordinario, o poder de um espirito superior e de um coração animado do ardente amor de Deus e dos pobres. Os proprios incredulos não lhe resistiam, postos em frente de necessidades extremas, temiveis e crueis, era-lhes impossivel deixar de abrir a bolsa, todos os dias mais, até que á hora marcada. não sabiam como, mas sentiam-se inundados de fé, de conhecimento e amor de Deus.

Quantas almas abriu ás influencias da graça, depois de obter que abrissem a bolsa! Não se contentava com o concurso das esmolas, pedia e alcançava o concurso dos corações. Assim dispunha de um exercito de auxiliares, damas, jovens e homens maduros. O poder que



exercia em nome dos pobres sobre tudo quanto se lhe avisinhava, creava-lhe um fundo de recursos inexgotáveis; era d'esta sorte que sua caridade podia abraçar todas as miserias que lhe pediam soccorro, e allivial-as. Nada a amedrontava; sabia sempre excogitar o meio de vencer os obstaculos que se oppõem ao bem. Nas grandes crises desenvolvia um poder incalculavel. Sempre calma, fria mesmo na apparencia, conseguia, como se viu durante o cholera de 1832 e de 1849, como nas jornadas de 1848 organizar meics de soccorros proporcionaes ás grandes necessidades. E' impossivel enumerar os prodigios de caridade e de misericordia por ella feitos!

Mas para que se faça uma pequena ideia bastará dizer que sendo dotada de actividade rara, passou todos os seus dias unicamente occupada do proximo sem outro descanso que o tempo, consagrado á oração!

E não era por certo este tempo aquelle, em que menos trabalhava em sua missão quotidiana de ardente caridade. Esplendor!

*As Irmãsinhas dos Pobres.* — Um humilde vigario de Saint-Servan, villa da Bretanha, em face de S. Malo, o sr. P.<sup>e</sup> Lepailleur, commovido profundamente pelos velhos pobres, fatalmente condemnados á mendicidade ou antes á vadiagem, concebeu o designio de fundar um asylo que lhes assegurasse ao mesmo tempo os soccorros temporaes e espirituaes. Não dispunha comtudo dos recursos indispensaveis para a realisação do seu pensamento, por isso teve de limitar-se a exprimir o seu desejo a duas meninas, suas confessadas, nas quaes descobrira as mesmas aspirações.

Convidou-as a unirem-se-lhe e a estarem promptas para responder á vocação de Deus.

O regulamento que redigiu para ellas continha esta phrase que foi o ponto de partida de uma das mais bellas creações da caridade catholica.

*Sobretudo forcejaremos por tratar com bondade os pobres velhos, enfermos e doentes; não lhes recusaremos nossa solicitude.* Chegou o momento; a divina Providencia poz na mesma estrada das duas jovens outros dois anjos de caridade, Joanna Jugan e Fanchon Aubert, a quem deram asylo na mansarda que habitavam, assim como a uma velha cega que tinham adoptado. Tal foi o berço da obra incomparavel que promete conquistar o mundo.

No conselho da mansarda resolveu-se immediatamente recolher o maior numero de velhos possivel. As quatro associadas não podiam desde então pensar em ganhar a vida de seus pobres pelo trabalho; os cuidados reclamados pela idade e fraquezas de seus adoptivos absorviam-lhes todo o tempo. Mandar os velhos pedir esmola teria sido expol-os novamente ao perigo de recahirem nos maus habitos.

Então o padre propoz-lhes irem ellas mendigar para elles.

Quem havia de pensar que o novo instituto encontraria n'esta decisão o seu futuro e recursos inesgotaveis? E no entanto a partir d'este dia, puderam providenciar a todas as necessidades de seus pobres por esta nobre e sancta mendicidade. Soffriam vaias e baldões, viam-se cercadas de uma atmosphaera de ridiculo e de opprobrio...

O numero dos velhos crescia continuamente; exigia novas *Irmãsinhas dos pobres*. Foi este o nome tão humilde quanto amavel que tomaram, depois de haverem acrescentado aos tres votos ordinarios de pobreza, castidade e obediencia o voto particular de hospitalidade... Era tal a sua convicção de que seu exemplo seria imitado, que só pensavam em fundar novas casas. O momento avisinhava-se em que a obra ia tomar uma extensão miraculosa. O piedoso fundador mal podia acreditar no que via; novos recrutados vinham alistar-se n'este exercito contra a miseria. Por via de re-

gra eram pobres operarias ou simples creadas de servir, transformadas graças ao amor de Deus em servas dos pobres; os noviciados multiplicavam-se e aperfeiçoavam-se; as Irmãsinhas apareciam como por encanto. Hoje sua congregação, tão novel ainda, compoe-se de dois mil e oitocentos membros, e estes 2,800 membros encarregam-se de por si sós nutrir, consolar, alliviar, mais efficazmente do que o faziam todas as administrações *vinte mil pobres velhos!*

Pois uma só casa fundada no hospital *custa dez mil francos!* As 105 casas, as 20,000 camas das Irmãsinhas dos Pobres custariam portanto *duzentos milhões de francos*, e todavia nada custaram. E' um mundo sahido do nada á voz da omnipotencia divina. Estas casas bemditas são no fundo a reunião de todas as miserias imaginaveis! Mas do seio d'esta pobreza de cortar o coração, d'estas repugnantes enfermidades, resalta como que um irradiar de dignidade, de ventura, de contentamento! As almas são felizes, vêem e gostam de Deus.

As irmãs honram-no e amam-o nos pobres, os pobres bendizem-no e amam-o nas irmãs; nada ha mais tocante e suave do que a expansão de todos estes pobres corações felizes, tranquillos, consolados, cheios de reconhecimento e de esperança. São tractados como meninos; imitam-lhes o character, o riso franco e aberto, a alegria, sobretudo a alegria! E quantas conversões miraculosas produzidas por este espectaculo! Quantas e quantas vezes se lhes tem escapado esta confissão: Que-rei bem aos vossos pobres, ó minha mãe, eu era um mau christão antes de conhecer-vos, não amava os pobres; agora amo os pobres e o bom Deus!

Sim uma só irmã da caridade tal qual sahiu do coração de S. Vicente de Paulo com sua touca, seu escapulario, seu corpinho, saia e avental, seu rosario, sua cruz e sua caveira; uma só irmãinha dos pobres tal qual se nos mostra em Joanna Jugan, com sua capa,

sua touca, saia *á la Vierge*, seu cordão, é um magnifico esplendor da Fé! Que diremos pois de vinte mil Irmãs da Caridade, de duas mil e oitocentas irmãsinhas dos pobres!

Exercito glorioso de testemunhas brilhantes da divindade da sancta Egreja catholica, apostolica, romana. Ah! como são celestes ao levantarem-se da meza sancta, trazendo em seu casto seio o divino esposo que ellas adoram, servem e amam nos meninos e nos velhos de sua adopção!

Em todos os seculos, e mais do que nos preteritos n'este seculo decimo nono, a sancta Egreja pode lançar ao mundo o altivo desafio de S. Paulo: Quem adoece, que eu não esteja com elle? Quem está ahí alcançado pelo fogo da dor, que não me queime o coração?! Sim, na estirada serie das miserias humanas, miserias do corpo e miserias de espirito, não ha uma unica para a qual não tenha descoberto e applicado o remedio e aberto asylo. Sigamos de facto rapidamente a esteira do homem, do seio da mãe ao seio da eternidade, e vejamos como ao pé do mal lá aparece o remedio que ella traz.

*Ao nascer.* — Hospicios de maternidade. Sociedades de maternidade. Irmãs de Nossa Senhora da Assistencia dos partos. Obras dos enxovaes para recém-nascidos. Rodas. Hospicios dos meninos encontrados. Obra das amas de leite. Obra da Santa Infancia para o resgate, baptismo e educação das creanças chinezas.

*Do berço á escola.* — Salas de asylo. Obra das senhoras protectoras das salas de asylo. Obra de adopção. Obra dos orphãosinhos. Vestiaria do Menino Jesus. Obra das tutelas das creanças encontradas e abandonadas. Orphanatos agricolas. Obra dos meninos desamparados. Obra dos campos para meninos pobres. Obra da repatriação das creanças abandonadas.

*Da escola ao apprendizado.* — Escolas primarias de todas as especies. Pensões para as escolas primarias.

Obra da primeira communhão. Obra dos catecismos e das parochias para vestir creanças preparadas para a primeira communhão. Sociedades de collocação, educação, de apprendizado das creanças. Obra da primeira communhão e da perseverança dos jovens limpa-chaminés. Sociedades de educação e de ensino.

*Do apprendizado á officina.* — Obra dos aprendizes e dos jovens operarios. Obra de patronato dos aprendizes convalescentes. Orphanatos e officinas de reparigas pobres na cidade e no campo. Escolas professionaes.

*Na officina e em familia.* — Associações de jovens e de damas de commercio. Escolas nocturnas. Associação de professores. Obra dos domesticos e das criadas. Refugios para donzellas e mulheres sem asylo. Sociedades de despedida para suas familias de reparigas sem collocação e das mulheres abandonadas pelos maridos. Obra de S. Vicente de Paulo. Gremios de beneficencia. Damas da Caridade nas freguezias. Damas da Caridade nos concelhos. Sociedades philantropicas, boticas e fornilhos. Caixas de alugueres. Assistencia judiciaria. Obra do secretariado dos pobres. Obra do resgate dos penhores depositados no monte-pio. Asylos da boa noite. Sociedade de S. Francisco Regis para a rehabilitação dos casamentos civis e religiosos. Sociedade de protecção para os indiciados que se justificam.

*Infermos.* — Asylo de creanças incuraveis. Hospitales de Berck-sur-Mer e de Forges-les-Bains para creanças escrofulosas. Asylos e escolas de surdos-mudos e de surdas-mudas. Asylos e escolas de creanças cegas. Sociedades para o ensino simultaneo dos surdos-mudos e dos que falam. Escolas de gagos. Asylo de S. Vicente de Paulo para epilepticos.

*Doentes.* — Hospitales e hospicios geraes. Hospitales e hospicios especiaes. Estabelecimentos Monthyon para convalescentes. Asylos para convalescentes. Obra dos doentes pobres. Obra da visita dos doentes pobres nos

hospitales. Irmãs guarda-doentes nos domicílios dos ricos e dos pobres. Soccorros aos afogados e asphyxiados. Soccorros de hospício. Consultas gratuitas. Pharmacias. Hospícios e asylos de orates.

*Velhos.* — Hospitales e hospícios da velhice. Asylo Sant'Anna. Hospícios das pequenas familias. Casas de retiro e asylos para velhos de ambos os sexos. Casas das irmãsinhas dos pobres.

*Criminosos.* — Sociedades de protecção aos indiciados que se justificam. Sociedades de protecção aos jovens presos e aos jovens soltos. Colonias e penitenciarías agricolas para os moços condemnados. Casas das raparigas victimas de uma primeira falta. Casas e obras do Bom Pastor. Obras das damas e cavalheiros visitantes das prisões. Congregações de irmãos e irmãs para serviço das prisões. Trinitarios e padres da Mercê para resgate dos captivos nos paizes infieis. Documentos authenticos provam que o numero total dos infelizes arrancados á escravidão, desde 1218 a 1632, attingiu a cifra enorme de *um milhão e quatrocentos mil*, e que estes resgates não custaram menos de *oito milhares e quatrocentos milhões!* (*Vida de S. João da Matha*, pelo P.<sup>e</sup> Calisto da Providencia, pag. 345 e 346.) Que esplendor da Fé!

*Moribundos e mortos.* — Padres das orações da agonia. Congregações dos irmãos da boa morte para assistencia dos agonisantes. Capellão dos condemnados á morte. Irmãos coveiros. Archiconfraria da boa morte. Confraria de N. S. da Piedade para os mortos. Damas suffragantes das almas do Purgatorio.

E que immensidade de obras especialmente consagradas á satisfação das necessidades religiosas e moraes das populações! Obras dos bairros. Obras das egrejas do campo. Obra dos tabernaculos. Obra das lampadas. Obra da adoração do SS. Sacramento. Obra do descanso dominical. Obras da sacra familia. Obra da doutrina

christã. Obras dos estudantes. Obra das novas convertidas. Obras da juventude. Obra dos praticantes de S. Sulpicio. Obra das escolas apostolicas. Obra e sociedade dos bons livros. Bibliothecas parochiaes. Obra dos Bretões, dos Allemães, dos Alsacianos, dos Flamengos, dos Inglezes, dos Italianos. Congregações e confrarias de homens e mulheres, etc., etc.

*Viajantes — Peregrinos, etc.* — Quem não admirará a dedicação dos Padres de S. Bernardo condemnados voluntariamente a respirar um ar rarefeito e frio que lhes consome a vida? Quem ha ahi que ignore a historia da capella de Nossa Senhora dos Anjos na floresta de Bondy, da abbadia de Nossa Senhora dos Eremitas em Einsiedeln; dos numerosos mosteiros erectos nos logares os mais selvagens dos Abruzzos; dos conventos fortificados do monte Libano; das ordens dos cavalleiros da Terra Sancta, etc., instituições inspiradas no pensamento de defender a vida dos viajantes das avalanches e dos ataques dos bandidos e as caravanas de peregrinos das depredações dos Arabes, etc., etc.?

Os centros de acção que vimos de enumerar são só em França mais de vinte mil. Cada centro de acção conta pelo menos dez cooperadores. O que forma um total de duzentos mil agentes activos da charidade catholica, prestando ouvido attento e fiel á voz do Deus que disse: Ama teu proximo como a ti mesmo. Forceja pelo amar como eu te amei a ti mesmo!

O que fizeres ao menor dos meus, a mim proprio o farás.

Aquelle que não ama seu proximo que vê, como amaria a Deus a quem não vê?

Quem não se deixará possuir de respeito á vista d'esses innumeraveis monumentos da charidade catholica, onde todas as enfermidades são curadas ou ao menos alliviadas; onde as dores sem esperanza são mitigadas; onde a velhice indigente acha o repouso e a

tranquillidade; onde o orphão encontra uma familia; onde são prodigados ao infeliz privado de razão cuidados que não poderá nunca reconhecer?

Providencia visivel de Deus sobre a terra, só a Egreja catholica poderia mitigar d'esta sorte os males da humanidade. Esplendor!



## CAPITULO DECIMO SEXTO

### Duodecimo Esplendor da Fé

*Em verdade, em verdade vos digo. Aquelle que cré em mim fará as obras que eu faço e até maiores!* (S. Jo. xiv, 12.) Jesus acaba de celebrar a Paschoa legal! Depois de ter amado ternamente os seus, quiz deixar-lhes uma prova derradeira e excessiva de seu amor.

Deu-lhes seu proprio corpo a comer, seu sangue a beber, com direitos d'or'avante sagrados á immortalidade, á ditosa resurreição, á visão intuitiva, á felicidade eterna. Em seguida expande seu coração no d'elles. «Eu vou á casa de meu Pai, vou preparar-vos um lugar. Quando este lugar estiver preparado, voltarei e vos tomarei comigo afim de que estejais onde eu estiver. . . Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguem vai ao Pai senão por mim. Eu estou em meu Pai e meu Pai em mim. . . Quem me vê, vê a meu Pai. . . Se não crêdes em minha palavra, crêde ao menos pelas obras. Em verdade, em verdade vos digo: Aquelle que cré em mim fará as obras que eu faço e ainda maiores, porque vou para o Pai. . . Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome vos será concedido.» Jesus Christo

promete a seus apóstolos um poder igual e mesmo superior ao seu; e indica-lhes o escopo d'essa omnipotencia. Consiste em fazer os milagres que fez Jesus Christo. E que milagres fez Jesus Christo? Os cegos viam, os coxos andavam, os leprosos eram curados, os surdos ouviam, os mortos resuscitavam, os pobres eram evangelizados, os demonios fugiam, uma virtude emanava de seu corpo e curava todos os males. E deverão os apóstolos e seus successores fazer os mesmos milagres e maiores ainda!

Eis a prophacia, eis o oraculo! claro, brilhante, sobrenatural, divino! Cumpriu-se? Evidentemente! á letra! Os milagres dos apóstolos, milagres maiores do que os do proprio Jesus Christo tem enchido e encherão o mundo. Estes milagres por outra parte são exclusivos da Igreja catholica romana. Nenhuma outra Igreja pensa mesmo em reivindicar-os; nenhuma tem pretensões ao milagre! Logo a Igreja catholica é divina e a unica divina.

Jesus Christo foi mais explicito ainda no dia de sua Ascensão: «Ide, diz a seus apóstolos, por todo o mundo, prégar o Evangelho a toda a creatura! Eis os prodigios que hão de acompanhar aquelles que crerem: Expulsarão os demonios e falarão novas linguas; tomarão impunemente as serpentes; beberão venenos mortiferos e não lhes farão mal; imporão as mãos aos doentes e os doentes ficarão curados.» O oraculo cumpriu-se immediatamente, pois S. Marcos acrescenta: «Elles partindo prégarão por toda a parte cooperando com elles o Senhor, e confirmando sua palavra com os milagres que a acompanhavam.» Este oraculo de Jesus Christo: «os apóstolos farão os milagres que eu fiz e maiores ainda,» quando se aproxima do da affirmacão, pela qual S. João termina seu Evangelho, é realmente decisivo e contundente. Eis as palavras do apóstolo:

«Muitas outras cousas fez Jesus, as quaes se fossem

escriptas, nem o mundo todo seria bastante para conter os livros que as referissem.» Pode haver hyperbole, no que diz o apóstolo, mas é rigorosamente verdadeiro que fizeram os milagres de Jesus e maiores ainda. Desde o começo de seu apostolado. depois do ruido que se fez ouvir no Cenaculo, a multidão conjuga-se em redor d'elles e fica confusa, porque todos os ouvem falar a sua lingua: «Estes são galileus, e todavia fala cada um d'elles a lingua, em que nascemos!» Falar todas as linguas a um tempo, fazer-se entender ao mesmo tempo de povos os mais diversos, é inquestionavelmente um facto altamente extraordinario! Não lemos que Jesus o fizesse. E quantas e quantas vezes se não renovou este prodigio! Paulo em Epheso baptiza doze discipulos do divino Precursor; não sabiam ainda se havia Espirito Santo! impõe-lhes as mãos, e immediatamente cheios do Espirito Santo prophetisam e falam muitas linguas! E estes dons, estas graças, diversas e portentosas, que S. Paulo chama obras de Deus: o espirito de palavra, a sabedoria da sciencia, o dom das curas, o dom dos milagres, o discernimento dos espiritos, etc. eram communs na primitiva Igreja! Sahia de Jesus Christo uma virtude que curava todos os males...! Mas seguiu S. Pedro em sua marcha triumphal. Traziam os enfermos para as praças publicas, estendiam-nos sobre os grabatos, e a sombra de Pedro curava-os... Saphira e sua mulher surpreendem a boa fé de Pedro; tinham de posto a seus pés uma parte apenas do campo vendido... «Para que esta mentira e esta fraude, diz S. Pedro a Saphira. Tu mentiste a Deus e não aos homens!» E immediatamente Saphira cae morto! A mulher de Saphira mente por sua vez e consumma a fraude. «Porque, lhe diz Pedro, vos concertastes ambos para enganar o Espirito Sancto? Eis que chegam os que levaram teu marido á sepultura e vão levar-te!»

De repente cambaleia e expira! Eram peccados a sangue frio.

Foram severamente punidos! Mas que grande milagre comparado mesmo aos do proprio Jesus Christo! Resuscitou Lazaro, mas nunca deu a morte a peccador algum só com a espada da sua palavra. E' sobretudo na momentosa obra da prégação do Evangelho que os milagres dos apóstolos excederam os do proprio Jesus Christo. Logo ao primeiro sermão de S. Pedro tres mil pessoas se convertem! Ao segundo cinco mil! No momento da Ascensão do divino Salvador, o numero dos discipulos encerrados no Cenaculo era de cento e vinte! Alem d'estes contavam um ou outro escondidos aqui e ali, mas em pequenissimo numero. Quando Paulo, de volta a Jerusalem em casa de Thyago contou aos anciãos reunidos o que Deus obrou a favor dos Gentios por seu ministerio, estes, glorificando a Deus, lhe diziam: «Vês, irmão, quantos milhares de Judeus creram! E no entanto eram todos mui zelosos da lei.»

Milhares de judeus, zelosos da lei, convertidos, que milagre!...

E o paganismo da Grecia e de Roma extirpado! E o Evangelho recebido no mundo inteiro! Os ditosos pés de cada um d'estes admiraveis pescadores d'almas, d'estes evangelistas da paz, d'estes evangelistas do bem, correndo sempre, semeavam por toda a parte milagres. Todo mundo ouviu o retinir dos prodigios semelhantes ou maiores do que os do divino Salvador. Logo o cumprimento da prophecia encheu tambem o mundo. Nunca faltaram na Igreja de Jesus Christo os milagres no exercicio do apostolado. Mas ha sanctos, a quem a multidão de seus milagres tem valido o glorioso epitheto de Thaumaturgos. São testemunhas mais solemnes, mais brilhantes da verdade da palavra de Jesus Christo, do cumprimento da tão inaudita prophecia.

Vamos fazer desfilar aos olhos do leitor alguns d'estes grandes thaumaturgos.

*S. Martinho de Tours.*—Nascido na Pannonia de familia idolatra, á volta do anno 316, viu-se obrigado por ordem de seu pai a entrar na carreira das armas. Era ainda cathecumeno quando Jesus Christo lhe appareceu em visão e lhe agradeceu o ter dado ametade da capa a um pobre. Deixa a profissão das armas, recebe o baptismo e vai ter com Hilario, bispo de Poitiers, que lhe confere o poder dos exorcismos. Ainda levita, funda o mosteiro de Ligugé, onde opera o seu primeiro milagre. Um negocio urgente levava Martinho a deixar a cella. Durante a sua ausencia, um noviço ainda não baptizado, morre subitamente. Os monges estão consternados. Martinho regressa e sabe do acontecido. Dirige-se á cella do morto, manda retirar toda a gente, faz uma prece fervorosa, e chama á vida aquelle que pouco antes era cadaver.

Nomeado bispo de Tours, o sancto thaumaturgo continua sua vida penitente e mortificada. Prêga por toda a parte, acompanhando a palavra de innumerous prodigios.

Em Tours cura uma rapariga paralytica e quasi moribunda... Em Paris livra um leproso do mal que o consome abraçando-o e dando-lhe a benção. Em uma aldeia da diocese de Chartres resuscita um menino, milagre que determina logo a conversão de muitas almas... Dá vista a Paulino de Nola, tocando-lhe nos olhos feridos de cataracta...

Insistia um dia com os idolatras para que deitassem abaixo uma arvore, objecto do culto pagão; suas instancias são coroadas de exito, mas com a condição de que o bispo se collocaria do lado para onde a arvore devesse cahir. O sancto acceitá.

Querem ainda prendel-o com cordas... consente n'isso confiando no poder de Deus... A arvore vae ca-

hir... pende para o lado de Martinho... um terrível estalido se ouve... o sancto está ameaçado de morte inevitavel... mas não! Faz o signal da cruz... a arvore levanta-se e cahe com fracasso do lado opposto! Os pagãos maravilhados batem as palmas cheios de enthusiasmo, e pedem instantemente que os baptizem.

Sulpicio Severo, testemunha digna de fé, conta ainda outros muitos prodigios operados por este grande e humilde servo de Deus. Carregado de annos e de trabalhos, o grande bispo de Tours recebe aviso de Deus de seu proximo fim. Estremece de alegria a esta feliz nova, offerecendo-se no entanto para ficar mais tempo sobre a terra afim de trabalhar ainda na salvação das almas e dos corpos. Mas sua coroa immortal está aprestada; já o espera no ceo! O demonio tenta atemorisal-o. «Que vens tu aqui fazer, besta feroz? lhe diz o sancto. Em mim nada encontras que seja teu; 'o seio de Abrahão está aberto para me receber.» Taes foram suas ultimas palavras. Expirou tranquillamente aos noventa annos de idade. Eis aqui com certeza milagres tão grandes e maiores que os de Jesus Christo.

*S. Gregorio.* — Nasceu tambem nas trevas da idolatria. Sua alma era recta ainda assim, seu coração puro, sua intelligencia activa e ardente. Não tarda a sentir duvidas sobre as superstições do paganismo. O grande Origenes inicia-o nos mysterios da fé, e desde então marcha a passos agigantados no caminho da virtude. Recebe o baptismo e pouco depois, apezar de sua resistencia é sagrado bispo de Neocesarêa. Converte sua mãe; só o pae permanece indifferente a suas exhortações. . .

A força de Deus assiste a Gregorio. A sua diocese é quasi toda pagã, apenas conta dezeseite christãos! Mas ao morrer apenas haverá dezeseite pagãos! Brilha sobretudo por seu poder extraordinario de operar milagres. Os seus desejos são sempre attendidos. Certo dia entra para se abrigar em um templo consagrado aos

idolos, depois de ter feito muitas vezes o signal da cruz, passa a noite em oração... No dia seguinte chega o sacerdote do templo; os demonios declaram que não podem continuar a habitar em um logar, d'onde os expulsou um homem que ali esteve de noite. O sacerdote enfurece-se e corre apoz de Gregorio... O sancto diz-lhe tranquillamente que recebeu de Deus o poder de expulsar e de chamar Satanaz a seu grado. O padre enche-se de psmo; conjura-o a que chame os demonios. Gregorio acceita e entrega-lhe este escripto: «Gregorio a Satanaz, entra.» Mal é collocada sobre o altar esta ordem, eis que os demonios entram, e dão seus oraculos! O sacerdote pagão sente-se mudado; pede no entanto outro milagre mais brilhante ainda... Uma enorme pedra embaraça o caminho; deseja que mude de logar... Gregorio ordena... e a pedra vae collocar-se no sitio indicado! D'esta vez dissipam-se todas as sombras do espirito do pagão, que se volve discipulo fervoroso de Jesus. Em outra occasião, tem uma visão, o seu quarto está inundado de luz... a Virgem aparece-lhe acompanhada do discipulo amado... Gregorio prostra-se... S. João convida-o a por-se á meza e a escrever o que lhe ditar... E Gregorio ouve da propria bocca do Evangelista a explicação das divinas Escripturas!... Em Neocesaria, todos os dias lhe traziam muitos doentes, por vezes incuraveis, dá-lhes sua benção e recuperam a saude... E' preciso edificar uma igreja para conter os fieis, cujo numero augmenta todos os dias... Um tremor de terra derriba quasi todos os edificios da cidade, nem uma pedra sequer da igreja edificada por Gregorio se despega!... O Lyco, rio mui impetuoso trasbordava frequentemente occasionando o espanto, nas inundações... era o terror e a desolação dos habitantes! Gregorio commove-se com esta perspectiva. Approxima-se do rio, planta seu cajado na margem, e ordena com segurança e calma ás aguas do rio que obedeçam á vonta-

de de Deus, que não vão além do sitio onde está fixo o seu cajado... As aguas retiram docéis, e as innundações cessaram desde então... O cajado de Gregorio toma raizes e tornou-se uma grande arvore... S. Gregorio de Nyssa refere este duplo prodigio realmente incrível. Rixavam dois irmãos por causa de um lago que fazia parte da herança paterna... a quem havia de pertencer? A discussão acalora-se. Os dois irmãos não accordam... Encontram a Gregorio, a quem expõem a questão e aguardam a resposta... O negocio não se aranja... Os dois litigantes estão a ponto de vir ás mãos, apellando para a força... Já está aprazado o dia da lucta... Gregorio sabe-o; a perspectiva do sangue que vae derramar-se horrorisa-o... Passa a noite em oração á borda do lago... Ao outro dia o lago estava secco! Em outra occasião o sancto thaumaturgo a petição dos habitantes faz recuar um monte o bastante para deixar espaço a uma nova egreja que vae edificar-se. E' o *non-plus ultra* da fé, e o milagre dos milagres, como se deprehende das palavras do Salvador.

*S. Francisco d'Assis.* — A vida d'este glorioso e humilde servo de Christo foi um milagre continuo. Sua mãe deu-o á luz em um estabulo, sobre palha a conselho de um estrangeiro mysterioso. Um desconhecido, um anjo talvez em figura humana, serve-lhe de padrinho. Um outro personagem de origem não menos celeste, pede para ver este menino de benção; toma-o nos braços, contempla-o com amor, e marca-o n'uma espadua com o signal da cruz. Assim é que todos aquelles que presenciarão estes prodigios, exclamaram: «Este menino será grande deante de Deus!» Nunca houve predição que melhor se realisasse. Francisco, depois de alguns annos passados na leviandade mundana, renuncia ás esperanças do seculo, e lança-se a passos de gigante no caminho real da sancta cruz.

Volve-se o familiar de Deus.



Pobre dos bens d'este mundo, é rico do poder divino. Manda nos elementos; os animaes bravios submettem-se-lhe; reina como senhor sobre toda a natureza. Com um gesto, com um signal cura todas as enfermidades e doenças; dá vista aos cegos, ouvido aos surdos, palavra aos mudos. A propria morte depõe sua tyrannia deante do fiel discipulo de Jesus; Francisco arrebatava-lhe suas victimas.

No valle de Spoleto encontra-se com um pobre mendigo, cuja face está roida por um cancro; prostrase-lhe aos pés e beija-lh'os. O sancto ordena-lhe com bondade que se levante; aperta-o ao coração, abraça-o com effusão e o cancro desaparece!... Em Terni uma creança fica esmagada debaixo do entulho de uma parede desabada, levam á presença de Francisco o cadaver do pequeno; o servo de Deus ora, e entrega-o á familia cheio de saude! Em Narni afoga-se um homem, cujo cadaver não apparece... Francisco ora, immediatamente indica o sitio onde o devem encontrar. Transportam-no para juncto do sancto... Abençoa-o, e ordena-lhe em nome de Jesus que resuscite e o morto revive!... A igreja da Porciuncula e o pequeno retiro do monte Alverne foram as testemunhas privilegiadas dos favores concedidos pelo ceo a Francisco. Os anjos faziam-lhe companhia; conversava com a Virgem Immaculada; Jesus apparecia-lhe em forma visivel e adoravel.

A Trindade revelava-se a esta alma doce e amante em todo o brilho da magestade. Um seraphim assignalou-o com os estygmias sagrados da paixão do Redemptor. E depois de sua morte puderam ver em seu corpo esses signaes portentosos do divino amor.

No sentimento de terna devoção para com o meu patrono devo commemorar aqui um de seus milagres mais tocantes, que não viria á imaginação a mais viva e phantastica. Prégava certo dia em uma cidade da Ita-

lia, na praça publica; o concurso da multidão era enorme. Dois jovens esposos, muito affeiçoados ao sancto, e aos quaes promettera depois do sermão ir jantar a sua casa, deixaram um filho entregue aos cuidados de uma domestica digna de toda a confiança, recommendando-lhe muito que o não deixasse um instante. Não tinham contado ah! com a grande fama do sancto que attrahia tudo a si. A criada não pôde resistir ao desejo de ouvir o seraphico S. Francisco; a creança que ficara só, cahe dentro de uma caldeira d'agua a ferver e perde a vida.

Imagine-se qual não seria o desespero da criada e mais ainda dos pais que entraram pouco depois! O sancto porem ía chegar e com elle uma felicidade incomparavel. Se lhe contam a triste nova, não será possível obsequial-o como desejam. Para lh'a occultar, mettem o cadaver do menino em um bahú, e cada qual dissimula como pode a dor que o opprime. Francisco chega, pôz-se á meza, como se tudo ignorasse, e mostra-se cheio de amabilidade para os seus hospedes que-ridos. Mas á sobre-meza, exprime um singular desejo, quer que lhe sirvam maçãs! Não era tempo d'ellas, por isso os pais desculpam-se como podem. O sancto reitera suas instancias, que perturbam e entristecem seus hospedadeiros já tão consternados. De subito, lançando um olhar para o bahú, onde estava escondido o corpo da creança, o olhar cheio de inspiração e verdadeiramente celeste exclama: «Abri esse bahú, que lá encontrareis as maçãs que tão ardentemente desejo.»

Que rude golpe para o coração do pai e da mãe; mas não ha remedio senão obtemperar.

Abrem o bahú fatal, e quasi morrem de alegria ao verem seu filho vivo, com as mãosinhas cheias de maçãs que o incomparavel servo de Deus espera. E' logo verdade que Deus faz a vontade d'aquelles que o temem, e que os discipulos do Salvador tem feito milagres tão grandes e até maiores do que os seus! Riam

se querem de minha ingenuidade, de minha demencia! mas depois de passados cincoenta annos a profundar os mysterios da sciencia, creio ainda n'este milagre da fé, por mais extraordinario que seja, ou pelo menos em sua possibilidade, tão sinceramente, tão vivamente como nos bellos dias de meu noviciado religioso, quando o li pela vez primeira na *Vida de S. Francisco*, pelo rev. Padre Chalippe.

*S. Francisco de Paula.* — O piedoso fundador dos Miniminos pertencia a uma honesta familia da Calabria; desde sua infancia aparece no theatro do mundo como o eleito do Senhor. Ahi pelos quinze annos retirou-se para uma espantosa solidão, entregando-se a todos os exercicios de uma vida austera e mortificada. O inferno desencadeia-se contra elle, mas o joven athleta sahe vencedor da lucta. Sua fé é inabalavel; seu amor sem limites. Mais tarde honrado com a estima e a affeição dos papas e dos reis, reputava-se a vassoura do mundo e a mais indigna das creaturas; a dar-lhe credito era um miseravel peccador. Quiz que seus discipulos se condecorassem com o nome de Miniminos, para indicar que deviam considerar-se os ultimos na casa do Senhor. Em troca de tanta humildade, recebe uma participação verdadeiramente extraordinaria na omnipotencia divina. Brinca com os mais terriveis elementos.

Lê nos corações; prevê o futuro. Deus parece ter-se constituido executor de todas as suas vontades. Sempre affavel, sempre amavel, sua caridade para com o proximo nunca desmaia. Opera maravilhas e considera-se o minimo dos servos de Deus. Eis algumas: Um pobre homem soffre de lepra, está disforme. Os nervos dos pés e das mãos contrahidos; quasi que não tem voz... Levam-no a Francisco... Dá-me a tua mão, diz ao leproso, e sente-se logo cheio de firmeza e de vigor!... Dá tambem vista a uma rapariga cega, e a palavra a um mudo de nascença. A irmã do sancto no

desespero da morte de seu unico filho, vem ter com elle. Francisco manda transportar o cadaver a sua cella, põe-se em oração, e minutos depois, a mãe vê reaparecer o filho cheio de vida. Quando procedia á edificação de um mosteiro, succedeu ficarem dois operarios sepultados n'um cabouco.

Todos os julgam perdidos; Francisco manda remover o terreno; os dois obreiros apparecem vivos sem terem recebido a minima arranhadura!... Na cidade de Palermo muitos gentishomens encontram um cadaver humano debaixo da neve; trazem-no ao sancto que lhe grita: «Levanta-te e caminha.»

A taes palavras o cadaver põe-se em pé; a morte abandonara sua presa... Em quanto se edificava uma casa da ordem, um forno de cal apezar de muito ardente, não funcionava, e fazia recear uma explosão. Vão ter com Francisco, que entra intrepidamente no forno incandescente, faz-lhe as necessarias reparações e sahe são e salvo! .. Um prégador afamado por seu talento e virtudes, ousou censurar ao sancto o prometer a saude aos doentes, e lançar-lhe em rosto o que elle chamava sua presumpção: o sancto ouve-o com paciencia, em seguida aproximando-se do lume, toma nas mãos carvões ardentes e conserva-os sem se queimar. «Todas as creaturas, diz-lhe então, obedecem d'est'arte áquelles que servem a Deus com um coração perfeito.»

*S. Francisco Xavier.* — Tão distincto pela nobreza de sua origem, como pela superioridade de seu talento, o futuro apostolo das Indias aspirava ás honras as mais elevadas, aos empregos os mais distinctos... Ignacio de Loyola faz penetrar a graça do ceo n'esta alma ardente e generosa... Transforma Xavier... faz d'elle um apostolo... Debaixo da direcção de um tal mestre Xavier attinge o mais alto grau da perfeição evangelica. Arde no alevantado designio de salvar os homens seus irmãos; quer conquistar almas para Jesus Christo...

Seus votos são escutados... As Indias serão d'or'avante o theatro de seu apostolado; lá fará Deus brilhar n'este servo seu poder infinito. Não é pelos arrazoados que se podem arrebatat ao demonio almas escravizadas ás potencias infernaes... E' mister milagres incessantes para abrir á luz do Evangelho os olhos cegos d'estes pobres idolatras... Este poder sobrenatural acompanhará por toda a parte a prégação do infatigavel apostolo... Centenares de pessoas lhe pedem ao mesmo tempo que venha vel-os e cural-os .. E' impossivel satisfazel-os a todos ao mesmo tempo .. Xavier toma creanças, a quem distribue medalhas e rozarios... E logo estes christãosinhos expulsam os demonios e effectuam curas milagrosas... Um de seus cathechistas, Antonio Miranda, é mordido por uma vibora e, morre. Xavier sabe-o!... Faz-lhe falta este auxiliar para a instrucção do povo, corre: «Antonio, diz elle com voz forte e vibrante, em nome de Jesus Christo, levanta-te!» E Antonio levanta-se, cheio de vida... Uma rapariga é ceifada por uma febre maligna... Xavier resuscita-a! Uma creança perde a vida afogada n'um poço... Chamam o apostolo..., os pagãos estão presentes... aguardam com incredulidade..., Xavier lê-lhes no coração..., restitue a vida á creança... Milhares de idolatras abraçam a fé... a Francisco dão-lhe o epitheto de *Senhor da natureza*... Fala muitas linguas sem as ter aprendido... Separa dois exercitos promptos a bater-se só com a simples injucção de que se separem... Certo dia está prégando a um auditorio mal disposto..., ouvem-no sorrindo-se... recolhe-se e com voz inspirada exclama: «Não acreditais na minha palavra, acreditai ao menos nas obras que ella faz.» Morrera havia dias um indio, o grande thaumaturgo manda abrir a sepultura, já fede...! «Ponde-o ali», diz o Padre na inspiração... Levam o cadaver infecto a seus pés... «Em nome do Deus vivo, em prova das ver-

dades que prégo, ordeno-te que te levantes!» O morto levanta-se obediente a esta voz.

Então toda aquella gente proclama a sua crença no Deus de Xavier!... Já estavam dando á terra outro cadaver, o de um joven. . a familia chora e consterna-se... Xavier sente-se commovido, e restitue o moço vivo aos seus.

O vice-rei da Hespanha vai embarcar; dá ordem para tudo apromptar: «Não embarqueis, lhe diz Xavier,... o navio perder-se-ha.» A predicção verificou-se... Muitas vezes interrompia suas predicas para anunciar ao povo a morte de um personagem conhecido... «Tal individuo acaba de perecer no mar, pedi por sua alma!...» Imperava nas ondas irritadas, apparece, visivel ao mesmo tempo em dois navios separados e a longa distancia. Salva do naufragio inevitavel um navio varado entre dois bancos de areia . . «Grande Deus, Padre, Filho e Espirito Santo, exclama, salvai-nos!» E o navio segue na derrota docil á voz do apostolo!... Uma creança cahe ao mar... o pae está desesperado... é musulmano...! Xavier vai ter com elle, conforta-o, e obtem d'elle a promessa de converter-se, caso Deus lhe restitua o filho... Passados dias, a creança apparece na praia, e precipita-se nos braços do pae que recebe o baptimo... Uma grande estiagem desola a terra que evangelisa... Xavier pede ao Senhor que se amerceie dos pobres neophytos, e lhes mande chuva, e a chuva cahe com abundancia!... Annuncia a muitas almas a hora de sua conversão... a outras increpa a recahida futura no mal...

Aquelle que crer em mim fará as obras que eu faço e maiores ainda! Esplendor!!!

## CAPITULO DECIMO OITAVO

### Decimo terceiro Esplendor da Fé

*Ide, ensinai a todas as nações, baptizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo ; ensinando-lhes a observar todos os meus mandamentos, e eis que estarei convosco todos os dias até á consummação dos seculos.* (S. Matheus., xxviii, 10 e 18). Estas palavras foram pronunciadas na occasião a mais solemne da vida de Jesus Christo. Os onze apóstolos tinham vindo á montanha da Galileia como ponto de entrevista. Jesus Christo aparece a seu turno, e ao chegar, os apóstolos adoram-no! Aproxima-se d'elles e diz-lhes: «Todo o poder me foi dado no ceo e na terra, como meu Pai me enviou, assim eu vos envio. Ide pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; ensinando-lhes a observar todos os meus mandamentos. E eis que eu estarei convosco até á consummação dos seculos.»

O que Jesus Christo ordena a seus apóstolos: «Ide, ensinai, baptizai, ensinai a observar meus mandamentos,» é evidentemente a conversão do mundo inteiro. No decurso de sua vida publica muitas vezes alludira

e predissera esta conversão debaixo de diversas imagens. Ora é uma seara: «Levantai os olhos e vêde os campos, como já estão louros para a ceifa! A seara é grande, mas os obreiros poucos. Rogai ao Senhor da seara que mande operarios para sua ceifa.»

Em outra occasião, é o reino dos ceos que se aproxima; e o incremento d'este reino é comparado ao da minima das sementes bem depressa transformada em um arbusto e depois em uma grande arvore, debaixo de cujos ramos se vem abrigar todas as aves do ceo. Em outra parte, é uma pequena porção de fermento, o qual, acrescentado a uma grande massa de farinha, a faz fermentar toda! Que menor grão, de feito, que menor fermento do que esse pequeno collegio de apostolos enviado por Jesus Christo, a todas as cidades, e nações do mundo! Mas o divino Mestre é mais explicito ainda. Prediz que muitos estrangeiros hão de vir do Oriente e do Occidente tomar logar no reino dos ceos com Abrahão, Isaac, Jacob... , que seu Evangelho ha de ser pré-gado por toda a parte... , que quando fôr levantado da terra tudo ha de attrahir a si!!!

Jesus Christo prediz alem d'isso a maneira, pela qual se ha de operar o grande milagre da conversão do mundo. Não occulta a seus apostolos as opposições violentas que hão de levantar, os odios mortaes de que hão de ser objecto, as perseguições sanguinolentas que hão de soffrer, o martyrio e a morte que os esperam. Anima-os, fortalece-os com a ideia de que elle venceu o mundo, de quem tanto tem de soffrer e promette-lhes que hão de ser esclarecidos e fortificados pela virtude do Espirito Sancto, etc., etc.

D'onde se vê que a conversão do mundo, as circumstancias d'esta conversão, os meios, pelos quaes ha de effectuar-se, que tudo isso foi predicto por Jesus Christo. Sua affirmacão é ainda mais solemne, quando diz a seus apostolos no momento de os deixar:



*Recebereis a virtude do Espirito Sancto que virá sobre vós, e ser-me-heis testemunhas em Jerusalem, em toda a Judéa e Samaria e até aos confins da terra.* (Act. 18.) A prophécia é extraordinaria, refulgente, e cumpriu-se á risca! O Evangelista S. Marcos refere-o n'estes termos de uma grandiosa simplicidade: *E elles partiram, e prégarão por toda a parte, cooperando o Senhor com elles, e confirmando sua palavra com milagres.* Esta linguagem nada tem de humano!

*Elles:* Pedro seu chefe que tanto se escandalisara, tanto se revoltara á simples ideia do supplicio da cruz, que provocara estas palavras fulminantes de Jesus: «Retira-te, Satanaz, tu és para mim objecto de escandalo, pois não tens gosto pelas cousas de Deus, mas pelas dos homens;» Pedro, que em a noite da agonia, não pôde vigiar e orar sequer uma hora com seu divino Mestre, a quem por tres vezes renegou... mas Pedro que já confirmado no bem, exclamava entusiasmado: «Senhor, bem sabeis que vos amo!» *Elles!* Os dez! que na marcha funebre pelo jardim das Oliveiras disputavam ainda qual d'elles era o maior; a quem Jesus Christo, magoado por sua incredulidade, não duvidou dizer: «Raça de incredulos, até quando permanecerei convosco? Até quando terei de vos supportar?» *Os dez!* insensatos e tardios em crer no cumprimento das prophécias; *Os dez!* que logo que seu Mestre foi preso, fugiram covardemente! *Os dez!* que mesmo no Thabor, algumas horas antes da ascensão de seu Mestre, duvidam ainda da sua resurreição, e merecem que lhes censure severamente sua incredulidade e dureza de coração! Mas *os dez!* que afinal cheios do Espirito Sancto, se volvem pescadores intrepididos das almas!

*Partiram!* O Evangelho não diz vão partir, partem, mas sim partiram! Como heroes, como Cesar! e cada qual diz como Cesar: «Cheguei, vi e venci!»

*E prégarão!* Em todos os idiomas, porque o Espi-

rito Sancto lhes tinha desatado a lingua! Prégaram por toda a parte, na Judéa, na Samaria, na Asia Menor, na Grecia, na Mesopotamia, na Armenia, na Persia, nas Indias, na China provavelmente, em Roma, na Italia, nas Gallias, na Hespanha, etc., etc. *Por toda a parte!*

*Com a cooperação do Senhor* que os enviara! Semearam, plantaram, regaram! Deus fez crescer as plantas e as arvores abençoadas.

*Confirmado e fecundando o Senhor sua palavra pelos milagres que a acompanham!* Com effeito Jesus Christo promettera-lhes que fariam milagres como os por Elle feitos e maiores, e fizeram-nos. Marcharam, e ensinaram tão bem e baptizaram tão bem, que Paulo seu contemporaneo e coapostolo, dizia em sua Epistola aos Romanos: *Sua voz soou por toda a terra, dai graças a Deus por que a vossa fé é annunciada em todo o universo*; em sua Epistola aos colossenses: «O Evangelho que chegou até vós, é annunciado em todo o mundo, onde cresce e fructifica, assim como entre vós.»

*Partiram!* Como seu divino Mestre queria que partissem: sem alforge, sem sapatos, annunciando por toda a parte a paz, accetando a hospitalidade que lhes for offerecida, comendo e bebendo do que lhes puzerem diante, curando os enfermos, e repetindo sempre: está proximo o reino de Deus...

Cordeiros em meio de lobos, objecto do odio universal, predestinados ao supplicio, e de facto todos martyres em testemunho da fé que prégavam. Tudo isto é admiravel, sobrenatural, divino! O mundo convertido é um milagre immenso só pelo facto de haver sido pre-nunciado.

Mas esta conversão é um segundo milagre, mais notavel ainda em razão das circumstancias extraordinarias em que se realisou.

*Difficuldade da empreza.* — Aqui evidentemente não ha proporção entre a causa e o effeito. O effeito é o

mundo convertido, conquistado. A causa é a voz, a palavra dos apóstolos, *fides ex auditu*. Ou esta palavra não passa de palavra humana, a palavra dos obscuros e grosseiros pescadores do lago de Genesareth, e então é um pouco de som vão que se dissipa no ar, uma causa nulla, absolutamente nulla! ou essa palavra confirmada pelo milagre como se affirma no Evangelho, é a palavra do mesmo Deus, e então a causa é divina, e o effeito — a conversão do mundo, o reino de Deus, a Igreja catholica, apostolica, romana, — é divina. Causa nulla, effeito infinito! ou causa e effeito divino. Escolhei.

*A grandeza do empreendimento.* — S. João Chrysostomo, representando em espirito os apóstolos ao sahirem de Jerusalem, detem-os e diz-lhes: «Que pretendeis fazer? Converter o universo? a quem? a Jesus Christo? Que! ides converter o universo abysmado em toda a casta de excessos, e convertel-o a um homem que acaba de morrer n'uma cruz! E não reparais na geral animadversão que ides concitar contra vós? A surperstição do povo, a prescripção de antigos erros, o orgulho dos philosophos, a libertinagem dos impios, o poder dos Cesares, a crueldade dos tyrannos, a raiva dos verdugos, todas as forças da terra e do inferno, conjuradas vão desencadeiar-se contra vós!

Jesus Crucificado envia-nos! Obedeceremos! E haremos de triumphar! Balanço da causa, zero! Balanço do effeito, infinito!

*Os heroes da empreza.* — E' ainda S. João Chrysostomo que fala: «Mas para conseguirdes o que desejais dispondes de recursos? Possuis thesouros para ganhar os povos pelo engodo das riquezas? Tendes sciencia para confundir os senhores das nações? Conheceis a politica para lhe moverdes as molas? Tendes ao menos exercito e soldados para subjugar o universo pela força das armas? — Não, não temos nada d'isso! Se temos alguma cousa, é o contrario d'isso! Nossas tropas? somos

doze apenas! Nossas riquezas? a falta de tudo! Nossa politica? a simplicidade da pomba com a prudencia da serpente! Nossa sabedoria? a loucura da cruz.» Balanço da causa, zero, menos do que zero. Balanço do effeito, infinito!

*Exitto da empreza.* — De maneira que d'um lado o infinito! Os sabios, os philosophos, os genios, os imperadores, os magistrados, os exercitos, o universo inteiro; do outro zero, menos do que zero! Doze judeus, aborrecidos e desprezados de todas as nações; doze proadores sem letras, sem talentos adquiridos, até então grosseiros, timidos, covardes, sem apoio, sem defeza! Quem triumphará? Os apóstolos saltam para a arena annunciam o Evangelho! A terra assombrada cala-se na presença d'elles... Falam... suas palavras são dardos de fogo! — Marcham... seus passos são passadas de gigante. Seus actos são outros tantos prodigios. Estes timidos cordeiros que vão para o açougue sem se lastimarem são outros tantos liões destemidos que affrontam todos os perigos, outros tantos conquistadores que percorrem todo o universo como vencedores. Os milagres precedem-nos em sua marcha; as virtudes seguem-nos em multidão, os vicios consternados e sem animo fogem espavoridos. A idolatria baqueia por terra, e sobre essas ruinas a Igreja triumphante de Jesus Christo estabelece seu imperio. Balanço da causa menos que zero! Balanço do effeito, infinito! Por seus cordeiros o lião de Judá venceu!

*Rapidez da empreza.* — Infinita a seu turno! S. Paulo já quasi no começo do seu apóstolado bem dizia Deus, porque o Evangelho illuminava toda a terra. No segundo, dizia S. Justino, todas as nações, todos os povos: Gregos, Romanos, Scythas, Barbaros, etc. estão sujeitos á lei do Evangelho. «Imperio romano, dizia Tertulliano depois de S. Justino, cessa de gabar tuas victorias e conquistas. Nossos apóstolos foram mais longe do que

todos os teus generaes, e nunca Roma em seus mais bellos dias hasteou tão longe seu estandarte, como a Igreja sua cruz! Vêde a multidão dos nossos! Somos de hontem, e já enchemos as vossas provincias, vossas cidades, e vossos campos, tudo, tudo á excepção dos vossos templos e dos vossos theatros. Perseguis-nos; se nos quizeramos vingar, bastar-nos-hia abandonar-vos! Vosso imperio ficaria deserto! Balanço da causa, zero! Balanço do effeito, infinito!

*Consequencias da empreza.* — A transformação do genero humano, dos individuos e dos povos! Transformação d'essa innumeravel multidão de pessoas de toda a idade, sexo e condição, que depois de terem gemido por tanto tempo á sombra da morte, nas trevas da idolatria, abriram afinal os olhos á luz! Transformação d'essa multidão de almas mundanas, que arrancando-se ás delicias nefastas do seculo, foram sepultar-se nos desertos, nos claustros, nos conventos, para só meditarem as verdades eternas! Transformação das almas boas mudadas em almas sanctas, heroicas, perfeitas, como seu celestial auctor! Transformação até mesmo das almas sceleradas e impias! «Dai-me, dizia Lactancio, homens orgulhosos, avaros, colericos, sensuaes; confiai-os á religião, que ella os transformará em homens novos. O orgulhoso humilhado debaixo da mão de Deus; o avaro entornando seus thesouros no seio do pobre; o colerico mostrando a doçura do cordeiro; o sensual abraçando a cruz...» Transformação finalmente de innumeravel multidão de pagãos em martyres! No quarto seculo contava já S. Jeronymo um milhão e cem mil! outros tantos gloriosos atletas da fé, modelos incomparaveis de constancia acima das forças humanas! Constancia heroica! Affrontavam a morte, arrostavam com os tyrannos, subiam aos cadafalsos como vencedores! Constancia tão universal que parecia innata nos christãos! Homens, mulheres, creanças, velhos! toda a idade e

sexo estava maduro para o martyrio. Sua vida era um aprendizado para o martyrio; sua ambição morrer; seu sangue era guardado nas veias para correr sobre o altar da Religião. Constancia tão extraordinaria, que arrebatava os proprios tyrannos de admiração, e algumas vezes foi causa de sua conversão. Constancia divinamente contagiosa e fecunda! Quantos mais christãos degollavam, mais apareciam.

O sangue dos martyres era liberal sementeira de crentes; de forma que depois de reunidos todos os esforços do inferno, depois de trezentos annos de violenta perseguição, os tyrannos cansados, inebriados de sangue, desesperando de extinguir o christianismo, se volveram elles proprios afinal christãos. Os lobos mudados em cordeiros entraram a seu turno no redil, corroando por tal arte o triumpho da religião de Jesus Christo. Balanço da causa, menos que zero! Balanço do effeito, infinito!

*Perpetuidade da empreza.* — O que é mais extraordinario ainda é que passados mil e oitocentos annos os successores directos dos apóstolos prégam por toda a parte, ensinam todas as nações, baptizam-nas, e ensinam-lhes a observar os mandamentos de Deus. Um notavel numero de sanctos zelosos Pescadores d'almas, Jovens apóstolos arrojam-se intrepididos para os quatro pontos do horizonte, o Japão, a China, a Corêa, as Indias, a Conchinchina, o reino de Siam, Madagascar, as ilhas de Sandwich, as ilhas da Oceania, o Senegal, a Africa meridional e central, S. Domingos, as Montanhas Rochosas, o Labrador, etc., etc.

E como elles partem! A *ceremonia das despedidas* é um verdadeiro esplendor da fé. Depois da oração da noite, os viajeiros do dia seguinte são introduzidos na capella. Ajoelham nos degraus do altar, junto do tabernaculo. Atraz d'elles seus irmãos, seus directores, seus parentes e amigos, chegados para os verem pela ultima

vez. Procede-se á leitura do assumpto da meditação que os seminaristas hão de fazer no dia seguinte.

Acabada a leitura, assentam-se; os missionarios porrem ficam de pé junto do altar. Um dos directores do estabelecimento, antigo missionario, dirige-lhes uma piedosa allocução. Em seguida os missionarios sobem os degraus do sanctuario, e ali, de pé, voltam-se para seus irmãos. Estes e depois d'elles todos os assistentes, levantam-se de seus logares, e, vem oscular de joelhos os pés abençoados d'estes enviados do Senhor, em quanto o coro canta a bella antiphona: Quão formosos são os pés dos que evangelizam a paz, dos que evangelizam o bem! Logo que seus irmãos acabam de oscular os pés dos missionarios, estes levantam-nos e depõem na frente d'elles o beijo da paternidade. E quando todos os corações se tem assim transfundido uns nos outros, entoia-se o cantico da partida, cuja musica é obra de um grande artista, Gounod. Eis o estribilho: «Parti, amigos, adeus n'esta vida, levai ao longe o nome do nosso Deus. Encontrar-nos-hemos um dia na patria. Adeus, irmãos, adeus!» Assistindo uma noite, diz Luiz Veillot, a esta cerimonia, na capella do Seminario das Missões Estrangeiras, fui testemunha do facto seguinte: «Um velho adeanta-se, caminhando a custo, e amparado por um dos directores. Chegado ao altar, beija successivamente os pés dos quatro primeiros missionarios. Quando chegou aos pés do quinto, prostrou-se, imprimiu os labios sobre os pés do moço que empallideceu, e a elles juntou a frente cobrindo-os com suas cãs; afinal soltou um suspiro que echoou em todos os corações: não posso esquecer-me da pallidez que mostrou então o rosto do missionario, que era seu filho. E este filho era o segundo que este Abrahão entregava assim a Deus. E não lhe ficava outro!»

Esplendor! Jesus Christo tinha dito a seus apóstolos: «Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as em nome

do Padre, do Filho e do Espirito Sancto, ensinai-lhes a observar os meus preceitos. E eis que eu estou com-vosco até á consummação dos seculos.» Tal é a prophecia. Jesus Christo quiz que fosse mais explicita ainda, «Recebereis a virtude do Espirito Sancto que baixará sobre vós, e ser-me-heis testemunhas em Jerusalem, em toda a Judeia, na Samaria e até aos confins da terra.»

Eis o oraculo! Era tambem o impossivel humanamente! Devia ser e foi o milagre. Recebereis a virtude do Espirito Sancto lá do alto! Ora sua prophecia e o milagre tornaram-se um factio immenso!

O mundo converteu-se, é christão! Os apóstolos marcharam, ensinaram, baptizaram, ensinaram a observar os mandamentos de Jesus e foram suas testemunhas até aos confins da terra! Logo Jesus Christo é Deus; logo a religião catholica, apostolica, romana é divina! Esplendor! Esplendor!!!

---



## CAPITULO DECIMO OITAVO

### Decimo quarto Esplendor da Fé

*Jerusalem, dias virão em que teus filhos hão de cahir ao gume da espada e hão de ser levados captivos para entre as nações... Jerusalem será calcada aos pés pelos Gentios até que o tempo dos Gentios tenha expirado... (S. Lucas, XXI, 24.)*

Jesus Christo approximava-se de Jerusalem, onde ia fazer sua entrada triumphal. Ao avistar a cidade do alto das collinas, chorou sobre ella e disse: « Ah! se conhecesses pelo menos n'este dia que te é ainda concedido, como poderias assegurar-te a paz! Mas ah! estas cousas estão encobertas a teus olhos. Por isso dias virão em que teus inimigos te hão de cercar de trincheiras, te hão de bloquear e opprimir de todos os lados. Hão de lançar-te por terra a ti e a teus filhos; não deixarão pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo da tua visita! » Em outra occasião, Jesus Christo dizia aos Judeus: « Vim em nome de meu Pai e vós não me recebestes! Um outro virá em seu proprio nome (Tiberio ou Tito) e sereis forçados a soffrel-o! » Finalmente em uma predicção não menos clara, não me-

nos explicita, Jesus Christo disse: « Quando virdes Jerusalem investida por um exercito, sabei que está proxima a desolação. Ai das mulheres gravidas e d'aquellas que amamentarem! N'esses dias haverá uma espantosa miseria no paiz e uma grande colera contra o povo... Hão de cahir debaixo do gume da espada e hão de ser levados em captiveiro para entre as nações... Jerusalem será calcada aos pés pelos gentios até que o tempo dos gentios acabe. »

Jesus Christo predisse pois claramente a destruição da cidade de Jerusalem e do templo, a mortandade dos judeus, sua dispersão, a maldição que incessantemente ha de cahir sobre elles, por elles mesmos invocada, quando em um excesso de furor satanico a esta declaração de Pilatos: « Eu estou innocente do sangue d'este justo, vêde lá vós, » clamaram: « Que seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos! » Scena espantosa! o povo todo prophetisava como prophetisara Caifaz! O facho de todas as prophcias illuminava-o com uma luz funebre!...

Cumprir-se-hiam estes oraculos? Sim, e de maneira bem extraordinaria. Jerusalem foi sitiada, tomada de assalto, saqueada e destruida! Não ficou pedra sobre pedra do templo, cujos fundamentos saltaram fóra... O povo judeu, disperso por toda a terra, é por toda a parte detestado, maldito, suscitando desconfianças! Nunca se viu quadro mais funebre do que o das desgraças dos judeus, traçado por Josepho, desgraças na patria, desgraças no Oriente e no Occidente. Tiberio e Claudio expulsam-nos de Roma; em Cesarêa são degollados aos milhares. Nero confisca-lhes o direito de cidade, na capital da Syria. Em Alexandria aos mais crueis supplicios ajunctam o ultraje; expulsam-nos de suas casas; suas mulheres são publicamente affrontadas; matam-nos a pau e á pedrada; comprazem-se em os verem brutaemente consumidos pelas chammas das foguei-

ras. Em consequencia de um levantamento provocado por novas vexações, Alexandre, judeu de nação, abandona seus compatriotas ao furor dos soldados e do povo. Fazem n'elles uma carnagem horrivel... Encontraram mais de cincoenta mil cadaveres amontoados no Delta do Nilo, onde estes infelizes tentaram entrincheirar-se.

Todas as cidades da Syria presencearam eguaes horrores, que se repetiam até na Mesopotamia. A Palestina é levantada pelos romanos e pelos bandos de insurrectos que sob o nome caracteristico de assassinos, semêam por toda a parte a desolação, o incendio e a morte. Em Jerusalem Floro espicaça os habitantes pela tyrannia de seus caprichos, e quando lhe vem fazer representações, açula sobre estes desgraçados a malta de seus satellites como se fossem feras. Mais barbaro ainda, João de Giscala, chama em soccorro de seus zelotes vinte mil Idumeus que por sua ferocidade põem o cumulo á desolação! Não ha treguas nem accordo, é a mais espantosa anarchia que se viu jamais! Tudo está inundado de sangue, até mesmo nos degraus do altar!

Jesus Christo não tinha predicto sómente o facto principal do horrivel castigo dos Judeus; as circumstancias que deviam acompanhal-o ou precedel-o, foram tambem denunciadas.

1.º Jesus Christo tinha dicto a seus apóstolos: «Antes de todos estes males, porão mãos sobre vós; hão de levar-vos perante as synagogas, os reis e os governadores; metter-vos-hão em prisão; sereis mortos.» Quem fez o primeiro martyr do Evangelho? Quem immolou o primeiro bispo de Jerusalem? Quem lançou Pedro em prisão, lhe poz ferros, entregou Paulo ao proconsul romano? Foram os judeus que o perseguiram por toda a parte com seus furores, em Jerusalem, em Roma, em Damasco, em Cesarêa; e que foram por fim os instrumentos da perseguição de Nero.

2.º Jesus Christo tinha dicto em segundo lugar que o Evangelho de seu reino seria prégado em todo o mundo antes da queda de Jerusalem. De feito a voz dos apóstolos já tinha soado até aos confins da terra, seu sangue fecundo tinha corrido sobre todas as plagas, de mistura com o sangue de innumeraveis fieis. A Egreja estava fundada e reinava pela cruz! Era a nova Jerusalem: cantada por Isaias! A antiga Jerusalem podia então desaparecer.

3.º Jesus Christo tinha dicto: «Em verdade, em verdade vos digo, não passará a presente geração sem que todas estas cousas succedam! Convidara as filhas de Jerusalem a chorar sobre si e sobre seus filhos. Estas palavras, ouvidas sem duvida por muitos d'aquelles que haviam de vir a ser as testemunhas ou as victimas d'este supremo desastre, foram plenamente verificadas pelo acontecimento. O pagão Phlegon e toda a tradição ecclesiastica referem que por occasião de arrastarem ao supplicio os dois apóstolos Pedro e Paulo, estas duas fieis testemunhas de Jesus Christo annunciaram aos judeus que os rodeavam a ruina imminente da sua patria. Lactancio conservou-nos estas revelações: «Jerusalem vai ser completamente destruida, seus habitantes reduzidos a comerem-se uns aos outros, perecerão de fome e de desespero. Os que escaparem da morte, cairão nas mãos de seus inimigos; verão esmagar seus filhos, e tudo assolado pelo ferro e pelo fogo; serão para sempre banidos da terra dada a seus pais.

E todos estes males cairão sobre elles por terem insultado com tão crueis opprobrios o bem amado Filho de Deus!» Os dois apóstolos eram martyrisados a 29 de junho, no anno 66, e no principio d'abril de 67, Tito á frente de cerca de setenta mil homens, vinha acampar quasi á vista de Jerusalem. Para esfaimar a cidade, cercou-a com a vasta muralha predicta por Jesus Christo. A 8 de setembro mandou assaltar a cidade

alta; ao primeiro assalto a muralha entreabriu-se; os romanos precipitam-se pela abertura; é tudo morto; a terra desaparece coberta de sangue; a cidade é demolida. Os prisioneiros foram noventa e sete mil! Os mortos um milhão e cem mil! Desastre inaudito e nunca visto sobre a terra; cegueira insensata, humilhação de um crime espantoso; mortandade, fome; abominação da desolação no templo, sacrificio offerecido a Jupiter pelos soldados deante da porta oriental; circumvallação immensa; cidade tomada de assalto e posta a fogo e a sangue, ruina completa pelos gentios, etc.

Aqui está o cumprimento litteral da prophecia, co-roudo pela cerimonia solemne do triumpho de Tito, que Josepho descreve com o sentimento de indizivel dor. Entre os despojos era digno de notar-se sobretudo o livro da lei mosaica e setecentos prisioneiros carregados de cadeias, com os olhos baixos e marejados de lagrimas, adeante do carro do triumphador. A esta hora já a charrua tinha passado a uso romano sobre as ruinas ainda fumegantes do templo. »

Não era bastante; a louca pretensão de Juliano Apostata de dar um desmentido ao Nazareno reedificando o templo, cavará os fundametos de tal sorte que não reste de facto pedra sobre pedra d'esses edificios soberbos condemnados por Jesus Christo.

O propheta Oseas dissera :

« Os filhos de Israel estarão muito tempo sem rei, sem principe, sem sacrificio, sem altar, sem sceptro, sem teraphim. » Parece impossivel precisar melhor e em menos palavras a condição real dos judeus dispersos e calcados aos pés pelas nações: 1.º sem rei e sem principe! Seiscentas vezes tem os judeus tentado constituir-se em republica independente e eleger um chefe; seiscentas vezes tem esposado como sua a causa de qualquer aventureiro que lisongeasse sua ambição patriótica. Todos os seus esforços tem mallogrado e sua sorte

não muda. E' sempre e por toda a parte a raça proscrita, vagabunda e maldita, trazendo na frente estampado o estygma da reprovação divina e de sua grandeza decahida, mysterioso signal que a opulencia nunca pode apagar!

Disseram :

« Não temos outro rei senão a Cezar! » E' Cezar com effeito, é sempre Cezar, nos tempos de Roma como em toda a serie dos seculos, i é, o poder politico que os abandona aos furores populares, provocados pelo prejuizo, ou levantados pelo crime.

2.º Não terão culto, nem sacrificios. Não havia senão um unico lugar no universo, onde se pudesse offerer a Deus o sacrificio grato, e este lugar já não existe! E' pois naturalissimo que os regosijos das festas dos Tabernaculos, os ritos mysteriosos da Paschoa, que as pompas augustas do Pentecostes hajam cessado. Quem por outra parte immolaria d'ora em diante as victimas de Israel e as offereceria ao Senhor? Este misterio era destinado para os sacerdotes, e Israel já os não tem. O sacerdote devia ser tomado na tribu de Levi, e a tribu de Levi está confundida com as demais! O rabbino que succedeu ao Pontifice é um simples doutor sem a uncção sagrada, sem character nem missão!

3.º *Não terão ephod*: O ephod é a insignia sacerdotal. Até ao tempo de Theodosio o Moço, os judeus embora dispersos tinham ainda um pontifice chamado patriarcha; desde esta epocha em diante nem sombra sequer de hierarchia!

4.º *Sem teraphim*: Sem pontifice e sem vidente que dê os oraculos divinos na Arca Sancta! A Arca Sancta de facto desapareceu no incendio do templo, e desde então não mais houve sancto dos sanctos nem oraculos; Deus emudeceu para elles! Cessou de haver pastor para os encaminhar, verdadeiro mestre para os es-

clarecer, mão para levantar o veo dos divinos mystérios! A dispersão com os caracteres os mais definitivos de uma reprovação e sem appellação! Sua teimosia em refugar o perdão; o acervo de crimes amontoados sobre sua cabeça, e cuja medida todos os dias enchem; a ausencia completa de sacerdocio e de nacionalidade; o odio invencivel de que são alvo; tudo está a dizer claramente que não ha para elles graça...

Contraste singular! São elles os reis da terra pelas enormes riquezas que possuem, pela influencia incalculavel que a sua imprensa exerce em todas as nações, e apesar d'isso são objecto do desprezo universal! O proprio Renan, o inimigo pessoal de Jesus Christo, diz: « Insociavel, estranho em toda a parte, sem patria, sem outro interesse que o de sua seita, o judeu talmudista tem muitas vezes sido o flagello dos paizes, para onde a sorte o tem levado! » Michelet o clerophobo disse com maior crueza ainda: « O judeu é o homem immundo, que não pode tocar qualquer cousa ou uma mulher sem que a queime, é o homem de ultrage, em quem todo o mundo escarra! » (*Historia de França*, t. III.) O sr. Desmonseaux termina seu livro *o Judeu, o Judaismo, e a Judaização dos povos christãos*, tão instructivo e tão espantoso pela revelação da conspiração satanica, urdida pelos judeus contra as sociedades christãs, por esta sangrenta apostrophe, expressão formidavel da verdade: « Marcha, marcha, alma vagabunda, judeu errante, sempre irrequieto, sempre agitado, sempre esbofeteado, sempre implacavel, sempre immutavel no meio de tuas mudanças... Toda a nação é para ti estranha; toda a nação te conhece e tu conhecel-as a todas! Mas teu coração empedernido não se affeiçoa a ninguem e ninguem se te affeiçoa!... »

E's conhecido em toda a parte, e por toda a parte homens, climas e flagellos, se te não poupam o insulto, poupam-te ao menos a vida! Um signal semelhante ao

de Cain te assignala. Tu és maldito! . . . sim maldito! . . . E os prophetas de tua lei te bradam que nenhuma benção egualará a tua no dia em que de tua pessoa faças o verdadeiro filho de Abrahão!»

A conversão dos judeus é de facto uma opinião seguida, principalmente fundamentada nas prophcias de Isaias e de S. Paulo. «Virá de Sião Aquelle que deve libertal-a e que deve expurgar a impiedade de Jacob.» (Is. LXIX, 25). . . S. Paulo (*Epistola aos romanos*, XI, 25 e seg.,) parece dizer que o povo judeu converter-se-ha no fim dos tempos para o Messias, desde muito desconhecido e que os Gentios o terão tambem a seu turno esquecido, dobrará o joelho deante d'elle, e implorará o perdão. Então a antiga e a nova alliança, reconciliadas n'uma só, se abraçarão como duas irmãs reunidas pelo mesmo amor, sobre o peito adoravel d'este unico e verdadeiro Salvador, cuja morte resgatou indistinctamente todas as nações, todos os povos e edades. Muitos interpretes applicam aos judeus este oraculo de Ezechiel: «Retirar-vos-hei de todos os povos. . . Conduzir-vos-hei para a vossa terra que dei a vossos pais. . . Sereis meu povo e eu serei vosso Deus. Quando eu vos tiver purificado de todas as vossas iniquidades, e houver repovoado vossas cidades e restaurado os logares arruinados. . . tudo o que restar dos povos que vos rodearem reconhecerá que eu sou o Senhor.» Não será esta a explicação da tendencia extraordinaria de grandissimo numero de judeus de todas as partes do mundo para irem viver e morrer em Jerusalem? Todas as sextas-feiras, excepto a que faz parte das festas do Tabernaculo, os mais devotos dirigem-se no verão ás quatro horas e no inverno ás tres e meia da tarde ao muro occidental da mesquita de Omar, para orarem e chorarem seus peccados, para implorarem o fim dos males que os acabrunham, vai em dezenove seculos.



Nada mais melancolico do que este seu cantico dialogado :

«*O rabbino* : Por causa do templo que foi destruido, por causa das muralhas em ruina, por causa de nossos grandes homens que pereceram. — *O povo* : Solitarios nos assentamos nas lagrimas e no pranto. — *O rabbino* : Supplicamo-vos que tenhais piedade de Sião!»

Que tocante realisacão do oraculo de Jeremias (xxx, 15): «Porque choraes vossos flagellos? Vossa dor é incuravel, é por causa da multidão de vossos peccados que d'esta maneira vos tractei!»

Esplendor!!!

## CAPITULO DECIMO NONO

### Decimo quinto Esplendor da Fé

*E tu, convertido, confirma teus irmãos.* (S. Luc. xxii, 32.) Terminara a ceia. Judas sahira, a alma do Salvador estava cheia de mortal tristeza, mas amava infinitamente, estava doce e resignada. «Meus filhinhos, diz, dou-vos um mandamento novo: Amai-vos como eu vos tenho amado.» Depois voltando-se para Pedro, diz-lhe: «Simão, Simão, Satanaz pediu para te joeirar como se joeira o trigo; mas eu roguei por ti, afim de que tua fé não desfalleça, e *tu, convertido, confirma teus irmãos!* Confirma teus irmãos! Jesus Christo fala assim ao chefe de sua Egreja; a oração que acaba de fazer volveu-o invencivel, os poderes do inferno não poderão prevalecer contra elle! Desmaiará um instante, mas levantar-se-ha, confirmado no bem, e depois de convertido, confirmará seus irmãos na fé. E' uma ordem, mas é ao mesmo tempo um oraculo, uma prophecia. Tu serás o joguete de Satanaz, mas depois de convertido, confirmarás teus irmãos.

O oraculo cumpriu-se, Pedro cahira! Desconheceu e renegou seu divino Mestre, o homem, o Galileu, o Nazareno...! mas não renegou a Deus.

Jesus Christo dirigiu-lhe não obstante um olhar de misericórdia e de amor! Converteu-o! Em seguida vai occultar-se nas trevas, chora amargamente, e todos os dias de sua vida o canto do gallo fará correr por suas faces uma torrente de lagrimas.

E Pedro confirmou seus irmãos na fé de maneira portentosa.

De todos os esplendores o mais refulgente é talvez a vida de S. Pedro resumida n'estas duas palavras de grandeza e simplicidade maravilhosas: «Pedro, convertido, confirma teus irmãos!» Pedro antes de sua conversão é o homem com todas as fraquezas dos da sua especie; é a canna agitada pelo vento. Pedro convertido é o roble vigoroso que desafia a tempestade. Ouçamos sua historia bosquejada pelos sanctos evangelistas.

André conduziu seu irmão Pedro a Jesus, dizendo-lhe: Encontrámos o Messias! Jesus encara Pedro e diz-lhe: «Simão, filho de Jonas (filho da pomba e pomba) chamar-te-has Cephás! quer dizer Pedra, rocha imutavel, sobre a qual hei de levantar minha Igreja.»

Que admiravel inicio!

Jesus passando á borda do mar de Galileia, viu Simão e André, seu irmão, lançar as redes á pressa e disse-lhes: «Vinde, segui-me, far-vos-hei pescadores de homens!»

E largando as redes seguiram-no. Que divina attracção! Que portentosa missão! Pescadores de homens! Jesus Christo assentado na barca de S. Pedro, diz-lhe: Faze-te ao largo, e deita as redes.— Mestre, em toda a noite nada apanhámos; mas á tua palavra deitala-hei...» E apanharam uma tal quantidade de peixes que a rede corria perigo de se romper. Fizeram signal a outros pescadores para que viessem ajudal-os; estes acudiram, e encheram de peixes as duas barcas de forma que ameaçavam submergir-se. Ao ver isto Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, exclamando: «Re-

tirai-vos de mim, Senhor! porque sou peccador! A pesca milagrosa mergulhara-os a todos na estupefacção. Jesus disse a Simão: «Não temas! Mais tarde pescarás homens.» Que milagre! que acto de fé divina! Que estranha prophesia!

Pela quarta vigilia da noite Jesus veio ter com seus discipulos, marchando sobre as aguas do mar, e fazendo semblante de passar alem. Julgaram que era um phantasma. Pedro exclama: «Senhor, se sois vós, ordenai que eu vá ter comvosco por cima das aguas.»

E sahindo da barca, caminhava sobre as aguas. Mas ventava muito, e Pedro teve medo; começando a submergir-se, exclamou: Senhor, salvai-me! Jesus estendendo a mão, agarrou-o e fazendo-o entrar na barca, disse-lhe: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?»

Eis mais uma vez o milagre, eis o homem, eis a canna.

«E tu, Pedro, quem dizes que eu sou?»— Senhor, tu és o Christo, Filho de Deus vivo! — Bemaventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne ou o sangue quem te revelou este mysterio, porem sim meu Pai que está nos ceos. E eu digo-te: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Dar-te-hei as chaves do reino dos ceos; tudo o que ligares sobre a terra será ligado no ceo, e tudo o que desligares sobre a terra será desligado no ceo!

Que magnifico acto de fé! que elogio! que promessa! que poder tão magnifico o concedido a S. Pedro! Poder sempre exercido, e que o ha de ser sempre.

Jesus annunciava a seus discipulos que era mister que elle fosse a Jerusalem, que soffresse muito, e fosse suppliciado, mas que ao terceiro dia havia de resuscitar! Pedro toma-o de parte, e dirige-lhe vivas increpações: a Deus não praza que taes cousas te aconteçam! é impossivel! Jesus voltando-se para seus discipulos,

ameaça Pedro e diz-lhe: «Retira-te de mim Satanaz; tu és para mim objecto de escandalo! Não comprehendes o que sejam as cousas de Deus, só sim comprehendes as dos homens! Não tens gosto pelas cousas do ceo, sómente aprecias as da terra!» Aqui está o homem! aqui está a canna! Aqui está Pedro antes de ter recebido a virtude do Alto!

Jesus levanta-se da meza, despe seus vestidos, cinge a cintura com uma toalha, deita agua n'uma bacia e dirige-se primeiramente a Pedro para lhe lavar os pés. «Que! Senhor, vós a lavar-me os pés! nunca o poderei consentir! — Se te não lavar os pés, não terás parte comigo! — Senhor, n'esse caso não só os pés, mas também as mãos e a cabeça! — Aquelle que é puro apenas ha mister que lhe lavem os pés: ora vós sois puros.» Eis ainda o homem, eis a natureza humana com seus extremos! E que scena tão divina!

«Simão, Simão, eis que Satanaz pede para te joeirar como ao trigo! — Senhor, diz Pedro, estou prompto para vos seguir ao carcere e á morte. — Todos vós esta noite tomareis escandalo de mim. — Quando todos se escandalisassem, eu nunca o faria, antes darei minha vida por vós!

— Tu darás tua vida por mim! Em verdade, em verdade te digo: Hoje, antes que o gallo cante uma vez, já tu me terás negado tres! — Ainda quando fosse preciso morrer nunca te renegarei.»

Pedro era introduzido no Pretorio por um discipulo que conhecia o grande sacerdote! — A criada porteira diz-lhe: «Não és tu um dos discipulos d'este homem? — Não!» responde Pedro. Tinham feito uma grande fogueira, Pedro tomara logar a ella. Uma criada olhando-o com attenção, diz-lhe: «Tu estavas com Jesus o Galileu. — Não sei o que queres dizer, não conheço esse homem!» Pedro ia para sahir, o gallo cantou. Ao atravessar a porta, uma outra criada diz: «Este é dos de

Jesus de Nazareth » Pedro negava, mas a criada insistia: «Tu és d'essa gente, a linguagem mesmo denuncia-te.» Pedro protesta e jura que nada de commum havia entre Jesus e elle. — Mas eu vi-te com elle no horto!» diz um parente do criado do Pontifice, a quem Pedro cortou uma orelha. Pedro continuou a negar.

O gallo cantou pela segunda vez! E Jesus que passava arrastado pelos soldados, voltou um olhar para Pedro, que correu a occultar-se nas trevas e chorou amargamente. Eis a queda e a conversão.

Jesus resuscitado mostra-se de pé na praia. O discípulo que Jesus amava diz a Pedro: «E' o Senhor » Pedro enverga a tunica (pois estava nú) e lança-se ao mar.

Depois de modesta refeição, Jesus diz a Pedro: «Simão, filho de Jonas, amas-me? — Sim, Senhor, bem sabeis que vos amo. — Apascenta os meus cordeiros. — — Pedro, amas-me? — Senhor, vós que tudo sabeis, bem conheceis que vos amo! Apascenta as minhas ovelhas. Quando eras moço cingias teus rins, e ias para onde querias! Quando fores velho, entregarás as mãos que outro ligará, e serás conduzido aonde não quererias ir. Falando assim, Jesus indicava a Pedro o genero de morte, com que havia de glorificar a Deus. Eis a tocante e divina historia de Pedro.

Aqui está como elle confirmou seus irmãos.

Descendo do jardim das Oliveiras, Pedro entra no Cenaculo com os apóstolos e os discípulos, e procede á eleição de Mathias na vaga de Judas. Passados dez dias de ferventes supplicas, Pedro e os apóstolos são cheios do Espirito Sancto, e sahe do cenaculo falando todas as linguas.

Vinga seus companheiros da calumnia de embriaguez, com que pretendem amesquinhal-os, e mostra n'elles o cumprimento da prophecia de Isaias: «Derramarei meu espirito sobre vossos filhos e prophetizarão.»

Depois apostrophan-do a multidão, diz-lhe: «Jesus a quem vós crucificastes não soffreu a corrupção do tumulto, resuscitou, e nós somos testemunhas de sua resurreição. Assentado á direita de seu Pai, entornou sobre nós seu espirito, espirito que procede de seu Pai, e este espirito opera em nós o que estais vendo, o que ouvis.

Crêde n'elle, recebei seu baptismo.» Cerca de tres mil acreditaram, e uniram-se aos apóstolos na fracção do pão e na prece. Ao outro dia recomeça a prégacção e convertem-se cinco mil homens. A synagoga indignase, lança ferros a Pedro e a João; cita-os deante do seu tribunal, prohibe-lhes com ameaças que d'ora em deante falem e ensinem em nome d'esse Jesus; mas respondem com uma intrepidez divina:

«Não podemos deixar de obedecer a Deus que nos impoz como uma obrigação dizer o que vimos e ouvimos.» E estes heroes pedem fervorosamente a Deus que lhes conceda a força para annunciar sua sancta palavra em toda a confiança, e que estenda seu braço para que as curas, os milagres, os prodigios feitos em nome de Jesus Christo acompanhem por toda a banda seus passos. Deus ouve-os.

Basta a sombra de Pedro para curar os enfermos e livrar os possessos, que acudiam de toda a parte ao seu encontro. Herodes para lisongear os judeus dá ordem de prisão contra Pedro, desejando ir alem supprimindo-o pela morte, assim como a Thyago Maior, bispo de Jerusalem; mas um anjo abre-lhe as portas do carcere.

Por occasião da renhida disputa de preceituar aos gentios convertidos a observancia das prescripções le-gaes, Pedro faz esta simples observação: «Para que impor aos discipulos um jugo que nem nossos paes nem nós podemos supportar?» Todos eram confirmados na verdade e fixos no procedimento que deviam ter.

Mas é sobretudo depois de ter levantado sua cadeira em Roma que elle ha de ser o chefe supremo visível da Igreja, cumprindo com maior solemnidade o oraculo do divino Mestre.

Os fieis de Roma, diz S. Ambrosio, alarmados dos perigos que a crueldade de Nero acenava sobre a cabeça de Pedro, apertavam com elle para que se retirasse da cidade. Por muito tempo recusou fazel-o, mas afinal taes e tantas foram as instancias que se decidiu a partir. Poz-se a caminho durante a noite, e já se aproximava das muralhas, quando viu a Jesus Christo, que entrava pela porta e vinha ao seu encontro. «Aonde ides Senhor? lhe diz o apostolo. — Vou a Roma para lá ser outra vez crucificado!» Pedro comprehendeu. Volta para traz. Advertido do supplicio que o espera, apenas tem um pensamento, confirmou por una exhortação immortal a coragem, a fé e a esperança dos christãos. E' seu testamento, fal-o para todos os fieis do universo, a todos quantos partilham com elle a fé de N. S. Jesus Christo: «Servi a Deus juntando a virtude á fé, a sciencia á virtude, o desinteresse á sciencia, a paciencia ao desinteresse, a piedade á paciencia; o amor do proximo á piedade, e ao amor do proximo a charidade que tudo encerra!!!...

Todo aquelle que perde de vista estas grandes cousas é um cego que marcha ás topadelas na vida, um ingrato que esquece os favores, de que foi objecto, quando pelo baptismo recebeu a remissão de seus antigos peccados. . . Devo reiterar a memoria d'estas verdades, embora as saibaes já e as guardeis em vosso coração. Em quanto habitar n'este tabernaculo mortal, sou-vos devedor d'estes *incitamentos e exhortações*. (*Confirma fratres tuos!*) A deposição do templo de minha alma está para breve; estou certo d'isso. Nosso Senhor Jesus Christo m'o revelou! Mas terei todo o cuidado de



que depois de minha morte estas instrucções vos sejam reiteradas!» Pelos successores de Pedro!...

«Quero que saibaes tambem que, annunciando-vos o advento e o poder de N. S. Jesus Christo, de modo algum me volvia echo de *fabulas doutas!* Eu proprio fui testemunha de suas grandezas, e das glorias de que Deus Padre o revestiu. Lá estava quando uma voz descida do ceo, no meio de um vivo fulgor, lhe prestava esta testificação: «Este é o meu Filho muito amado, em quem puz todas as minhas complacencias; ouviu-o.» Esta voz celeste ouvi-a quando estavamos com elle sobre a montanha sancta.

Alem d'isso possuimos um testemunho não menos authentico nos oraculos dos prophetas. Que os lêdes com muita attenção é por mim bem conhecido, e por isso sois dignos de louvor. As prophecias são lampadas accesas na obscuridade, aguardando que o dia apareça e que a estrella d'alva amanheça para os vossos corações. Não esqueçais no entanto que as palavras da sagrada Escriptura não devem ser submettidas a uma interpretação privada. São independentes da vontade e da intelligencia por sua mesma procedencia, pois que os sanctos que nol-as transmittiram as tinham recebido da inspiração do Espirito Sancto.» Quem não sente aqui o sopro de Deus?

«Assim como houve falsos prophetas no seio do povo de Israel, assim haverá mestres na impostura. Introduzirão no meio de vós seitas de perdição. Renegarão a fé do Senhor que os remiu. Seguil-os-hão turbas em seus desvarios! Por uma avareza sordida fazem trafico de seus discursos seductores e dos desgraçados que são suas victimas.

Sua condemnação está escripta desde a origem da historia do mundo; o Deus vingador não dorme. Não perdoou aos anjos rebeldes... Não poupou o mundo

antediluviano. Nas ondas do diluvio universal que enguliu os ímpios, escaparam apenas Noé e sete pessoas! As cidades de Sodoma e Gomorrha reduzidas a cinzas ainda hoje attestam a realidade dos castigos que Deus reserva aos ímpios.

O justo Loth foi arrancado pelo Senhor ao ultrage d'estes infames... Deus sabe, quando lhe apraz, livrar os justos da perseguição.

Sua providencia reserva os ímpios para o juizo final e para os supplicios eternos. Sua vingança ostentar-se-ha principalmente sobre os perversos que se abandonaram ás ignominias das concupiscencias carnaes, affectando o desprezo de toda a auctoridade, comprazendo-se nos commettimentos do orgulho, perseguindo com suas blasphemias todos os representantes do poder.

Os anjos, maiores e mais poderosos do que os principes d'este mundo, poupam-nos por agora, deixando a Deus o cuidado de os julgar.

Os insensatos, soltos como brutos empoz de todas as perversidades da natureza, correm a sua perdição.

Blasphemam do que ignoram, perecerão na corrupção. Seus olhos andam cheios de adulterio, e seduzem as almas innocentes...

Fontes sem agua, nuvens arrebatadas por turbilhões, e que vão perder-se nas trevas da noite, atizam as chamas das paixões impuras para de novo inflammar os christãos a custo safos do erro. Promettem a liberdade, esses escravos da corrupção! Sim escravos! porque tal é o estado dos que se deixam vencer; sim, porque depois de ter buscado um refugio contra as fezes do mundo no conhecimento de Jesus Christo, de novo soffreram o jogo ignominioso da carne.

Melhor teria sido para elles não haverem jamais conhecido as vias da justiça; a elles se applicam em toda a sua nudez estes crueis proverbios: O cão volta

a engolir seu vomito! O povo sahindo vai chafurdar na lama!

Nos ultimos dias surgirão artifices de decepção, seductores entregues a todas as concupiscencias da carne...

Onde estão, dizem, as promessas de Jesus... de sua segunda vinda? Vossos pais morreram, nada se tem mudado na ordem da criação, a natureza é eterna!

Ora a verdade, que elles a ignorem ou não, é que o Verbo de Deus creou os ceos primeiramente; em seguida a terra, da agua e pela agua, na qual foi submersa pelo diluvio. N'este mesmo instante os ceos e a terra só pelo Verbo subsistem. E' elle que os mantem no estado actual até ao dia do juizo e da catastrophe final, em que os impios hão de perecer pelo fogo. Quanto a vós, meus carissimos, não tracteis de computar os tempos. Sabei que aos olhos do Senhor um dia é como mil annos e mil annos como um dia!... Sua providencia é paciente! Por amor de nós não quer a perda de ninguem, quer pelo contrario chamar todos á penitencia...

O dia do Senhor surprehenderá de improviso como surprehende o ladrão! Em um choque horrivel os ceos passarão; os elementos esbrazeados serão dissipados; a terra com tudo o que encerra será consumida pelo fogo. Se pois todo o universo está destinado a succumbir, qual não deve ser a piedade, a sanctidade de vossa vida, vós que esperaes o julgamento do Senhor, que correis a este formidavel acontecimento, em que os ceos esbrazeados serão dissolvidos, em que os elementos entrarão em fusão pelo ardor das chammas! Segundo a promessa de Deus esperamos novos ceos e nova terra, patria da justiça! Em uma tal expectativa, carissimos, empregai todos os vossos cuidados em manter-vos puros e sem mancha, na paz de uma consciencia inviolavel; redobrai de zelo na confiança de que a

longanimidade de Nosso Senhor Jesus Christo é um meio de salvação para nossas almas. O nosso carissimo irmão Paulo já vos escreveu ácerca d'estas cousas segundo a sabedoria divina que o inspira... Sei que em suas epistolas ha passagens difíceis de comprehender, e que certos homens, ignorantes e levianos, procuram depravar-lhe o sentido. Mas não ha um unico livro das Escripturas que o espirito de mentira e de ruina não tenha forcejado por adulterar. Vós ao menos, irmãos meus, tende-vos por advertidos, acautelai-vos não cedais a suggestões perfidas, sêde firmes na fé, crescei cada vez mais na graça e no conhecimento de nosso Deus e Senhor. A Elle toda a gloria no presente e na eternidade!

Que admiravel profissão de fé! Que magestosa condemnação das heresias de todas as edades, incluindo o protestantismo e o liberalismo.

E que successo tão extraordinario o da explanação da dupla theoria verdadeira, a formação neptuniana da terra e o fim do mundo pelo fogo, feita por aquelle de quem a synagoga não podia deixar de admirar a inabalavel firmeza tanto mais, que bem sabia que era analphabeto e idiota, *sine litteris et idiotae!* mas S. Dyonísio Areopagita, impressionado pela sublimidade de sua linguagem, não hesitava em chamar-lhe «a gloria sem rival, o ornamento celeste, o chefe supremo, a base, a columna singular e a mais forte da divina theologia.»

A primeira epistola de S. Pedro, mais moral do que dogmatica, nem por isso deixa de ser um maravilhoso cumprimento da prophecia: Convertido, confirma teus irmãos! Seus irmãos d'esta vez são os judeus da dispersão, reservados para a salvação que deve revelar-se no fim dos tempos...

«Não foi a preço de ouro ou prata, materias corruptiveis, que alcançastes a redempção dos vãos erros

das paternas tradições, mas pelo sangue de Jesus Christo, cordeiro sem macula, conhecido antes da criação do mundo, e manifesto n'estes ultimos tempos por vossa causa. E' por elle que crêdes em Deus que o resuscitou d'entre os mortos, e o coroou de gloria, assim é que vossa fé e vossa esperança estão em Deus.

«Conservai pois vossas almas castas nos vinculos da caridade e da ternura fraterna. Amai-vos mais e mais respeitosamente uns aos outros na simplicidade de vossos corações . . . regenerados como fostes no Verbo de Deus vivo e eterno. . . Despojai-vos de todo o espirito de fraude, de dissimulação, de inveja e de maledicencia.

Como a creança recém-nascida, sêde avidos do leite espiritual e puro que vos fará crescer na salvação. Gostai cada vez mais quanto o Senhor é doce. Aproximai-vos d'esta pedra viva, rejeitada dos homens, mas eleita e glorificada por Deus, afim de que lhe sejais sobrepostos como as outras pedras de seus edificios espirituaes, templos sanctos, onde se offerecem hostias agradaveis a Deus por Jesus Christo. . . Honra vos seja, a vós que acreditastes.

Para os incredulos ao contrario a pedra angular, rejeitada por architectos cegos, tornou-se pedra de naufragio e de escandalo, contra a qual virão despedaçar-se. . .

Vós, carissimos, raça escolhida, sacerdocio regio, nação sancta, povos da divina aquisição. . . , viajeiros e peregrinos que sois, desatai-vos das concupiscencias carnaes que luctam contra a alma, firmi vossa vida entre as nações no caminho do bem. Apodam-nos de maleficos, forçai os calumniadores a reconhecerem vossas boas obras. . . *Sêde submissos por Deus a toda a creatura humana* : ao principe como fonte do poder ; aos governadores por elle enviados como a representantes seus, para que reprimam os culpados e remunerem os homens de bem. Tal é a vontade de Deus. . . Sois livres,

não para fazer de vossa liberdade veio de malícia perversa, mas para vos mostrardes servos de Deus. Respeitosos para com todos, amai os homens com amor fraterno, temeí a Deus e amai o príncipe.» — «Escravos, sede submissos com todo o temor a vossos amos, não sómente áquelles que são bons e moderados, mas áquelles, cujo character é aspero. Porque é o triumpho da graça tolerar pacientemente por amor de Deus maus tractos injustos. Jesus Christo tambem assim soffreu por nós, e nos legou seus exemplos afim de que os imitemos. Não tinha peccado, nunca a mentira assomou a seus labios; amaldiçoavam-no e guardava silencio; soffreu as torturas de sua paixão, e nunca caiu de sua bocca a menor ameaça sobre seus algozes.» — «Que as mulheres sejam submissas a seus maridos. . . Que os aliciem á fé por seu procedimento casto, juncto a um temor respeitoso. Que não façam alarde de seu cabello esquisitamente penteado, nem de enfeites de ouro ou de vestidos muito ricos; mas que brilhem pela incorruptibilidade de um espirito calmo e modesto, que é de grande valia aos olhos de Deus. E' assim que outr'ora as sanctas mulheres se adornavam em espirito de submissão e de fidelidade a seus esposos.» — «Vós, maridos, vivei intelligentemente e sabiamente com vossas mulheres, tractando-as com delicadeza como a seres mais fracos, coherdeiras convosco da graça de Jesus Christo. N'estas disposições, todas as preces que fizerdes serão ouvidas.»

-- Todos enfim não formais senão um só coração, compassivos, amando-vos como irmãos, misericordiosos, modestos, humildes. Não pagando o mal com mal, a maldição com a maldição, mas pelo contrario pagando o mal com bem, a maldição com benção. Acima de tudo, tende uns para com os outros uma caridade constante, porque a caridade apaga a multidão dos peccados.

Ponde ao serviço uns dos outros os dons que houverdes recebido, constituindo-vos d'esta sorte bons dispenseiros dos dons multiplos de Deus... Carissimos, se vos ultrajarem pelo nome de Jesus Christo, considerai-vos ditosos, porque a honra, a gloria, a virtude de Deus, e seu espirito repousam sobre vós.

Cautela não vos affrontem como a homicidas, ladrões, maldizentes, avidos dos bens d'outrem. Mas se vos affrontarem como a christãos, não córeis, antes dai gloria a Deus... Bispos, conjuro-vos eu, bispo e testemunha dos soffrimentos de Christo, a que apascenteis o rebanho de Deus, confiado a vossos cuidados, e a que desempenheis as funcções do episcopado não com espirito de rigor, mas com terna affeição; não com os olhos no lucro torpe, mas no sentimento de uma caridade desinteressada; não para dominar tyrannicamente sobre o clero, mas para serdes de coração o modelo do rebanho... Vós, moços, sêde submissos aos anciãos; exercitai-vos porfiadamente na humildade, porque Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes. Humilhai-vos debaixo da poderosa mão de Deus, para que vos exalte no tempo de sua vinda, deixando-lhe a Elle toda a vossa sollicitude, para que tenha cuidado de vós. Sêde sobrios, e estai vigilantes, porque o vosso inimigo o diabo anda em roda de vós como leão rugindo, procurando a quem devore... Resisti-lhe fortes na fé... Que o Deus de toda a graça, que nos chamou por Jesus Christo a sua eterna gloria, depois de haverdes soffrido por modicissimo tempo, vos aperfeiçoe, fortifique e roborise. A Elle seja dada a gloria e o imperio pelos seculos dos seculos. Amen!»

Esta linguagem é evidentemente sobrenatural, inspirada, divina!

Quando te converteres, confirma teus irmãos! E' diz Bossuet, por outras palavras: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do in-

ferno não prevalecerão contra ella,» quer dizer, que será avigorado contra os esforços de Satanaz até se volver inabalavel, confirmado em sua immobildade.

E ahi está todos os dias o summo pontifice, chefe da Egreja, successor de Pedro, pela convocação dos concilios, por allocuções consistoriaes, por suas bullas, seus breves apostolicos sellados com o sello do pescador, a continuar a gloriosa missão de confirmar seus irmãos na fé. Sejam quaes forem as tormentas que se desencadeiem, as duvidas que se suscitem, os erros que despontem, Pedro manda aos ventos e ás ondas e apaziguam-se; Roma fala e a causa está definitivamente julgada. *Roma locuta est, causa finita est!* Pio ix confirmou-os até ao fim tanto ou mais do que os seus predecessores; confirmou-os principalmente por sua obra, o incomparavel *Syllabus*, por seus protestos energicos contra todas as invasões da revolução e contra todas as arremettidas do erro. Sua firmeza inabalavel grangeou-lhe a honra de ser o primeiro papa proclamado infallivel. Logo que lhe succedeu Leão xiii, eil-o, na carta encyclica da tomada de posse do supremo pontificado, a tornar-se o echo intrepido de todas as confirmações de Pio ix, que tinham sido as de Pedro! Esplendor!

---



## CAPITULO VIGESIMO

### O alcance dos Esplendores da Fé

Um só d'estes esplendores da Fé, que são em seu enunciado prophcias luminosas, em sua realisação milagres refulgentes, é o sufficiente para demonstrar invencivelmente, para fazer tocar com o dedo a divindade de Jesus Christo, auctor d'estas prophcias e d'estes milagres, a divindade da sancta Egreja catholica, apostolica, romana, objecto e fructo d'estes portentosos acontecimentos. Reunidos, postos ao lado uns dos outros, fortificam-se em proporção crescente e de alguma forma indefinida.

Nunca, ao menos que eu saiba, foram agrupados sob este duplo aspecto, de seu duplo alcance, prophcias claras como a *luz*, factos ou milagres tamanhos como o mundo, ou antes factos que são o proprio mundo transformado e *d'alguma sorte divinizado*.

Com effeito:

1.º *Todas as nações me proclamarão bemaventurada!*  
E' o mundo retinindo por toda a parte com os louvores de Maria; coalhado de logares de peregrinação e de sanctuarios de Maria, proclamando por toda a parte os seus louvores.

2.º *Meus olhos viram o vosso Salvador, o Salvador de todos os povos, a luz que iluminará as nações! E' o mundo salvo, illuminado, civilisado pelo Christianismo!*

3.º *Este menino está posto para ruina e resurreição de muitos! E' o mundo vendo desaparecer uma a uma as nações, judaica, grega e romana, etc., conjuradas contra a religião de Jesus Christo. E' o mundo testemunha solemne da morte funesta de muitos perseguidores, hereges, impios, inimigos de Jesus Christo, de sua sancta Egreja e do papado. E' o mundo glorificando-se de aplaudir o heroismo da sanctidade, a gloria sem nuvens dos grandes convertidos ou resuscitados de Jesus Christo!*

4.º *Este menino será mira de contradicção! E' o mundo de todos os tempos e logares, desencadeado, encarniçado, enfurecido contra Jesus Christo, e disputando-lhe violentamente todo o seu ser!*

5.º *Vinde comigo, far-vos-hei pescadores de homens! E' o mundo salvo em todos os sentidos pelos bellos passos dos evangelistas da paz, caçadores e pescadores de homens, lançando continuamente suas linhas e suas redes! Missões por toda a parte, pulpitos e confessionarios!*

6.º *Sêde perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito! E' o mundo por toda a parte e sempre edificado, espantado, encantado com as virtudes heroicas dos sanctos, que aspiram á perfeição, e que se empenham por voto a attingil-a!*

7.º *Os pobres serão evangelisados! E' o mundo surprehendido, escandalisado de ver a pobreza liberta, honrada, amada, espontaneamente abraçada como uma profissão bemdita! Os pobres evangelisados, instruidos, alliviados e consolados de todas as suas miserias; em quanto que o rico, como um maldito, vê-se reduzido a não poder ser salvo senão pelo pobre!*

8.º *Sereis objecto do odio de todos por minha causa!*

E' o mundo echo perpetuo dos uivos implacaveis das matilhas encarniçadas contra os catholicos, ardentes na chacina dos infames d'outr'ora, dos claricaes de hoje!

9.º *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella!* E' o mundo theatro do furor impotente da idolatria, da heresia, do scisma, da philosophia, da Revolução, conjurados uns apoz outros contra a Egreja, sempre de pé sobre sua rocha eterna! Fortes e bem fortes foram os imperadores, fortes os arianos, fortes os barbaros, fortes Luthero e Calvino, fortes Voltaire e os encyclopedistas, fortes Robespierre e a Revolução franceza, fortes os imperadores da Allemanha, forte Napoleão o grande, forte a Franc-maçonaria, forte o heroe do *Kulturkampf!* \* E todas estas forças, todas estas ondas vieram e virão despedaçar-se contra a rocha do Vaticano!

10.º *Quando eu for levantado da terra, tudo attrahirei a mim.* E' o mundo tornado christão, dominado pela cruz de Jesus Christo; o mundo dando o grito estri-dente de gloria e de triumpho da idade media: O Christo reina, o Christo governa, o Christo impera nas intelligencias, nas vontades, nos corações e nos corpos!

11.º *Reconhecerão que sois meus discipulos por este signal, que vos amareis uns aos outros!* E' o mundo passando do estado mais brutal á mais ardente charidade, engendrando por toda a parte heroes da charidade.

12.º *Em verdade, em verdade vos digo, aquelle que crer em mim fará as obras maravilhosas que eu faço, e ainda maiores!* E' o mundo convertido pelos milagres

---

\* Bismarck, ex-chancellor do imperio allemão.

dos apóstolos; é o mundo maravilhado dos prodígios operados pela Sanctissima Virgem e pelos sanctos.

13.º *Jerusalem, tu serás calcada aos pés dos gentios!* E' o mundo apontando por toda a parte os judeus dispersos, vagabundos e malditos, obstinados em seu endurecimento, sem altares, sem sacerdotes, nem sacrificios!

14.º *Ide, ensinai todas as nações, baptizai-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto, ensinando-lhes a observancia dos meus preceitos!* E' o mundo baptizado, instruído, submettido á lei de Jesus Christo, cantando em seu reconhecimento por toda a parte e sempre a sancta doxologia: Gloria ao Padre, ao Filho e ao Espirito Sancto!

15.º *E tu, convertido, confirma teus irmãos!* E' o mundo ouvindo outr'ora, como hoje, a voz que desce da cadeira de Pedro em Roma, sacudindo loucamente, de balde felizmente, o jugo aliás suave do representante de Jesus Christo.

E' o mundo assombrado da valentia de Pio IX, enunciando e condemnando os erros modernos no Sylabus e continuado por Leão XIII!

Estas quinze prophcias são outros tantos pharoes, ou melhor quinze astros rutilantes; quinze milagres tomando outras tantas formas novas e sobrenaturaes. Impossivel é não ver umas, impossivel não palpar ou sentir os outros. Reunidos expõem a divindade de Jesus Christo e de sua Egreja a um foco de luz tão viva, que a incredulidade é um crime, que a duvida é inexcusavel. Os pseudo-sabios e os demi-sabios do mundo, offuscados por suas proprias luzes, alteando-se acima do ceo, são os unicos que podem não ver os listões brilhantes d'estes oraculos de luz, não enxergar estes mundos milagrosamente transformados!

Quão sublime e formidavel é este transporte de Jesus Christo agradecendo a seu Pai o ter permitido

que a revelação accessivel aos pequeninos se esquivasse aos olhos dos grandes!

E não esqueça que estes oraculos e estes milagres não cessam de effectuar-se no seio da Igreja catholica, apostolica, romana. Effectuam-se, é verdade, em proporções ou com menor brilho, porque a fé tende a tornar-se cada dia mais rara sobre a terra. Mas este brilho diminuto estava egualmente predicto, e é a seu turno um milagre de cegueira voluntaria!

«Quando soar a hora do juizo derradeiro, e o Filho do homem vier, crêdes que encontrará fé na terra?»

O divino Salvador accrescentava: «A vida material dominará cada vez mais sobre a terra; a grande preoccupação dos homens será comer, beber, matrimoniarse, correr de festa em festa; depois virão dias de seducção tal, que se Deus os não abreviasse, os proprios eleitos, se possivel fosse, seriam seduzidos.» S. Pedro em sua segunda epistola, mostra-nos tambem a concupiscencia dos ultimos tempos e embustes arteiros causando defecções innumeradas.

S. Paulo enfim aponta no mais remoto horizonte um tempo, em que os homens não mais hão de supportar as sãs doutrinas e se hão de embalar em fabulas. Tudo é esplendor na fé christã, até mesmo o abandono, que ha de soffrer um dia!

Jesus Christo é Deus, a Igreja é divina, logo tudo o que Jesus Christo nos revelou e o que a Igreja nos ensina é verdadeiro, bello e bom, como todas as manifestações divinas. As objecções levantadas por esta revelação e ensino, podem ter algum valor aparente, mas não tem nenhum real! Assiste-nos o direito e o dever de as rejeitar sem mesmo as discutir. Mas se eu usasse d'este direito, se cumprisse rigorosamente este dever, muitas intelligencias não ficariam satisfeitas; era de recer que dos paúes da razão subjugada pelos sentidos surgissem nuvens espessas de hesitações, duvidas, in-

quietações, que obscureceriam o bello ceo da revelação. Darei pois mais um passo para a frente, cheio de confiança, direi mesmo, certo de não deixar atraz de mim uma objecção seria.

A Religião christã, catholica, apostolica, romana, prospõe-nos como dogmas de fé mysterios e verdades que espantam a intelligencia ou que contrariam a vontade. Deus, sua existencia, sua noção, seus attributos! A SS. Trindade, a Creação. A Incarnação, a Redempção! O peccado original, a existencia do mal no mundo! A Providencia; o milagre. A oração. A liberdade humana em presença do concurso divino da acção omnipotente da graça e da predestinação! A presença real de Jesus Christo debaixo das especies eucharisticas! A existencia dos espiritos ou anjos bons e maus, e suas relações com o homem! Os sacramentos! Os fins do homem: a morte, o juizo particular, a resurreição dos corpos, o juizo universal! A vida futura, o paraizo, o inferno, a eternidade das penas e das recompensas! As relações da Egreja e do Estado! O poder temporal dos papas.

Sobre todos estes pontos o mysterio e o sobrenatural, n'este seculo de preoccupações materiaes, de fé rara e pouco activa, excitam em grande numero de espiritos uma repulsão mais ou menos violenta!

Para conciliar plenamente a razão com a fé, ha bastantes prejuizos a desarreigar, repugnancias a vencer, incertezas a dissipar.

Fiel ao plano que me tracei, não vou discutir, nem mesmo raciocinar syllogisticamente, mas procurarei esclarecer! Pela questão previa, por excepções oppostas e sem recusa, por considerações curtissimas e muito simples, accessiveis a todas as intelligencias com a unica condição de estarem livres de má vontade, farei cahir objecções, tirando-lhes todo o valor aparente ou real.

## CAPITULO VIGESSIMO PRIMEIRO

### Os Mystérios em geral

No capitulo setimo do primeiro volume demonstrei até á evidencia que a fé subjectiva, a adhesão da intelligencia ás verdades reveladas é altamente razoavel, porque a fé não é realmente senão o auxiliar necessario e benefico da alma humana, o telescopio bemdito de sua razão e liberdade.

Ao mesmo tempo recordei os principios que forçam a admittir a necessidade absoluta e a existencia real dos mysterios, i é, das verdades, factos ou dogmas, inacessiveis á intelligencia humana, mas que todo o homem razoavel deve acceitar, quando lhe sejam revelados ou impostos por uma auctoridade competente e indiscutivel.

Nossa intelligencia é essencialmente finita; a verdade pelo contrario physica, metaphysica ou moral é essencialmente infinita ou indefinida. Nossa intelligencia é a poça aberta pela creança; o mysterio é o Mediterraneo ou o Oceano! Louco seria aquelle que quizesse transportar o Oceano para a poça! Mais louco ainda aquelle que partisse d'esta impossibilidade para negar a existencia do Oceano!

O inacessível, o desconhecido, é o mysterio! O conhecido, o palpavel é a revelação manifestada pelos esplendores da fé! Oppor o desconhecido, o mysterio ao conhecido, á revelação seria abuso do raciocinio! Aceitar pelo contrario o desconhecido, o mysterio debaixo da pressão do conhecido, da revelação é obrar com razão esclarecida! Já o dissemos, os mysterios da religião são bem menos numerosos e aterradores, do que os mysterios da sciencia. Em realidade, nada sabemos, ou bem pouco! E esse pouco sabemol-o muito pouco! De cousa alguma possuímos a ultima palavra! A que se reduzem em derradeira analyse os progressos das sciencias? á multiplicação das incognitas! Quando é sincero, o verdadeiro sabio não hesita em dizer como Salomão: «Concebera o designio em meu espirito de investigar e tornar a investigar a origem de tudo o que existe debaixo do sol! Ignorava ah! que é a peor das occupaões, a que Deus pôde entregar o homem.» E n'outra parte: «Que fructo tira o homem do seu trabalho?»

«Cerca-o de todos os lados a afflicção do espirito, o mysterio, o desconhecido, de que Deus o envolve como n'um vestido! Deus fez bem todas as cousas no tempo e no espaço. Mas este bem tornou-o como *inacessível ao homem! Entregou o homem a disputas eternas, como se houvesse querido pol-o na impossibilidade de achar o segredo de uma só de suas obras desde o principio até ao fim!...*» E ainda algures: «*Reconheci que de todas as obras de Deus que se passam debaixo do sol, o homem nenhuma razão (definitiva) pode encontrar; que quanto mais forceja por encontrar menos encontra. O sabio em vão se lisongeia de possuir este conhecimento, nunca o poderá attingir!*» Sim, todas as sciencias humanas, aquellas de que o homem se orgulha mais, sciencias, cujo objecto é aliás a obra visivel de Deus, vão dar a incognitas terribes, a mysterios desoladores! E ha quem se admire,



quem se indigne de que a religião, cujo objecto é o proprio Deus, o auctor de todas aquellas cousas, o Infinito! nos proponha e preceitue mysterios!

Espirito, materia, ether, espaço, tempo, attracção, affinidade, luz, calor, electricidade, magnetismo, moleculas, etc., a essencia de tudo isso escapa-nos! E quere-riamos conhecer a Deus!!!

A inconsequencia é tanto mais fatal, quanto que os mysterios da Religião, perfeitamente dignos de Deus, perfeitamente dignos do homem, são, como provaremos, admiraveis conquistas scientificas, que elevam a intelligencia, que dilatam o coração, que são para nós fonte de graças e de felicidades que jamais teriamos ousado esperar.

Pelo contrario os mysterios da sciencia humana, muito mais proximos de nós, são muralhas a pique, contra as quaes força é vir despedaçar-se. E a tal ponto que á excepção dos factos ou phenomenos, a sciencia humana é como uma prisão, sobre a porta da qual se lê esta sentença formidavel: *O' vós que entraes, deixai aqui toda a esperanza!* Prisão que estamos condemnados a habitar, em quanto a visão da fé não der logar á visão intuitiva. Porque será então que, emancipados pela crença fiel nos mysterios de Deus, veremos a luz sem a luz! Para provar que nada exageramos affirmando que os mysterios da sciencia são realmente desoladores, para não dizer revoltantes, enumeraremos alguns.

A terra, que sentimos absolutamente immovel, é animada no entanto por tres movimentos muito rapidos: de rotação em redor do seu eixo, de revolução em volta do sol, de translação no espaço sobre a orbita immensa que o proprio sol descreve em redor da estrellas Alcyon das Pleiades, e talvez de outros muitos movimentos ainda, porque Alcyon e todas as estrellas chamadas fixas, como por antithese, effectuam no espaço carreiras vertiginosas! — Cada uma d'essas peque-

nas manchas esbranquiçadas ou nebulosidades, que só a custo enxergamos no ceo, e bem assim a immensa zona circular que chamamos Via Lactea, é um montão de soes tanto ou mais brilhantes e grandes, do que o nosso sol, que *realmente não passa de uma estrella de sexta grandeza!* — Cada uma das ondas luminosas que partem do sol, atravessa em um segundo, *em quanto dizemos um*, tresentos mil kilometros! — Este correio que anda tresentos mil kilometros por segundo, gasta muitos annos para chegar da estrella mais visinha até nós, e faz-nos assistir hoje a uma erupção estellar, succedida ha doze, cem, mil annos talvez! — Os milhares de milhões de raios luminosos, calorificos, sonoros, lançados pelos astros visiveis e invisiveis do firmamento, cruzam-se e entrecruzam-se sem nunca se perderem ou extinguirem, transportando comsigo e em si o signal indelevel dos acontecimentos occorridos desde a origem dos tempos!

Uma gota d'agua microscopica, de uma millesima de millimetro de diametro, encerra vinte e cinco milhões de *moleculas*, formadas cada uma de milhões de *atomos!*

Em cada millimetro de ar que respiramos, ha segundo o sr. Stoney, grande auctoridade scientifica, um bilião de biliões de moleculas, das quaes fica ainda um milhão de biliões em um millimetro cubico do vacuo o mais perfeito a que possamos chegar com nossas machinas pneumaticas aperfeiçoadas. — As moleculas ou atomos do fluido luminoso, o ether, cujas distancias mutuas são apenas de tres millionesimas de millimetro, executam pelo menos n'um segundo quatrocentos milhões de vibrações! As amplitudes d'estas vibrações variam de quatro a seis millionesimas de millimetro. E todavia estas vibrações, infinitamente pequenas, produzem todos os phenomenos da attracção, da affinidade, da luz, do calor, do magnetismo e da electricidade! — No seio

de um frasco cheio de gaz e hermeticamente fechado, onde parece reinar o repouso absoluto, as moleculas são incessantemente projectadas em todos os sentidos, com velocidades excessivas de seiscentos a dois mil metros por segundo, de modo a causar oito milhões de colisões ou choques mutuos n'um mesmo tempo quasi indivisivel. — Um gaz, o hydrogenio, posto em presença, a uma temperatura relativamente baixa, do palladio, um dos metaes mais densos, penetra-o, e faz-lhe absorver de quinhentas a seiscentas vezes o seu volume, e forma com elle um só e mesmo solido, o que suppõe uma pressão ou compressão interior de *quarenta a cincoenta mil atmospheras*, pressão, de que não fazemos ideia alguma.

Dois gazes inoffensivos, o oxygenio e o hydrogenio, unindo-se debaixo da acção de uma pequena chispa electrica, em quantidade sufficiente para formar um litro de agua, largam 34000 calorias ou unidades de calor, i é, o equivalente de uma força mecanica, ao pé da qual as forças do mundo visivel se annullam, bem superior ao esforço espantoso de qualquer massa de granito de muitos milhares de kilogrammas, precipitando-se do monte Branco! — Se a terra parasse repentinamente em sua orbita, descripta em volta do sol, o calor produzido pela transformação subita do movimento de massa em movimento molecular, produziria um calor tal, que o globo terrestre seria não só fundido, mas até volatilizado! etc., etc.

Prolongando indefinidamente uma curva e sua asymptota, distantes na origem apenas um centimetro ou uma millionesima de millimetro, aproximam-se sempre sem nunca se encontrarem.

Que haverá de mais intimo para nós do que nosso corpo e nossa alma! Nosso corpo e nossa alma somos nós! Nossa alma vê-se pela mais perfeita das visões, a visão intuitiva! A alma habita, informa, anima, sente

seu corpo, faz d'elle o que quer! e no entanto o corpo e a alma, unidos ou separados, são para nossa intelligencia duas incognitas desoladoras, dois enigmas insolentes que arrancam á sciencia a mais despreoccupada, á mais livre pensadora este grito de desespero: *ignoramus, ignorabimus*, que tantas coleras tem excitado, mas que todos bom ou mau grado são forçados a acceitar!

Que cousa é essa que em nós sente, pensa e quer, opera, delibera e soffre? *Ignoramus, ignorabimus!* Que logar é esse onde a memoria congrega e armazena os thesouros do passado, i é, um acervo enorme de ideias, de factos, de lembranças, que põe sem cessar á nossa disposição, sem que possamos ver onde os temos para nol-os apresentar? E a vontade? E a intelligencia ou a faculdade de comprehender ou de raciocinar? E a imaginação? E essa successão infinita de ideias, de reflexões, de sentimentos, de desejos, de sonhos, *modificações moveis* ao *excesso de uma alma simples e indivisivel*, que alternativamente nos occupam, divertem, affigem, espantam e desconcertam, etc. O que é tudo isso? *Ignoramus! Ignorabimus!* E a vida, o que sentimos mais intimamente em nós? E nossos sentidos? E nossos órgãos? E esse poder tão absoluto que temos sobre nossos membros? E todas essas molas tão admiravelmente distribuidas em todas as partes de nosso corpo, que o movem com tanta facilidade e de tantas maneiras diferentes? Como sem os ter visto, sem conhecer nem sua posição, nem seu numero, nem seu jogo tão complicado, nem suas combinações tão multiplas, os empregamos com tamanha pontualidade? Como encontrais exactamente cada um d'elles para lhe imprimir a acção que vos apraz?

*Ignoramus! Ignorabimus!* E toda esta resenha é apenas um debil bosquejo dos mysterios esmagadore da natureza, que a sciencia tem de acceitar aos milhares, porque sua existencia é evidente, muito embora

nada comprehenda. Se dermos ouvidos á ultima palavra da sciencia, mesmo experimental, não ha realmente em a natureza senão myriades de myriades de monadas simples ou inextensas, identicas em si! E' com estas monadas inextensas que são constituídos todos os corpos: gazosos, liquidos, solidos, inorganicos e organicos do reino mineral, do reino vegetal, do reino animal, e são geradas todas as forças, todos os phenomenos da natureza!

O mysterio da materia em consequencia dos incessantes progressos realizados pelas sciencias de observação, converteu-se n'um pégo tão profundo, que a sua vista causa fortes vertigens. Um dos mais illustres phisicos de Inglaterra, já atraz o dissemos, em seu discurso inaugural das sessões da Associação britanica para o progresso das sciencias levou o arrojio a ponto de fazer a seguinte profissão da fé, que é um delirio: «Penetro n'essa materia, que em nossa ignorancia até hoje temos coberto de opprobrios, o poder de engendrar todas as formas da vida... A natureza da materia é desenvolver tudo o que nos rodeia, e tudo o que em nós sentimos, tudo o que foi e tudo o que ha de ser, pelo jogo das forças molleculares. Vivemos porque a materia vive: sentimos e pensamos, porque as combinações materiaes de que somos formados, tem a virtude de sentir e pensar!» Para o sabio sem Deus esta synthese do universo só pela materia é evidentemente o impossivel, o absurdo no seu mais alto grau. Pelo contrario para o sabio christão que crê no Deus eterno, omnipotente, creador e conservador dos mundos, esta synthese é um hymno admiravel, que entoa alegre e o arrebatada, porque d'esta sorte tudo é reconduzido á unidade.

O desconhecido, o mysterio da sciencia permanece, mas passa realmente do finito ao infinito, do mundo a Deus. Será sempre verdade que ha fóra de nós seres

que não poderemos attingir, verdades que não poderemos comprehender; mas estes seres e estas verdades tem sua origem e a razão de sua existencia no ser infinito que os creou e que nol-os revela. Prostro-me a seus pés, e adoro-o.

Para o sabio atheu, esta mesma synthese é o impossivel e o desespero; escaparia-lhe se pudesse, como o pretende e espera em vão, entrar em o nada.

Para o sabio christão, o mysterio é eminentemente razoavel e consolador, por que é a manifestação pelo espelho e pelo enigma da eterna verdade, que um dia ha de ver face a face. *In lumine tuo videbimus lumen.*

Em summa, a sciencia tem seus mysterios, impene-traveis, medonhos, desoladores, muito embora o campo de suas observações seja o mundo do finito, o mundo da materia e da alma! Estes mysterios são factos que ella acceita, porque sua existencia está demonstrada, embora não lhes conheça a causa e a natureza intima! E todavia orgulha-se d'elles, porque constituem o progresso, e são o resultado da conquista do tempo e dos homens! *Multi transibunt, et Scientia augebitur!* Propõe-nos, impõe-nos, mesmo áquelles que estão menos em estado de os comprehender e ainda quando nenhuma applicação recebessem que mostre a estabilidade que tem!

Mas isto não é tudc. N'este seculo positivista em que se gabam de ter abandonado a via, no estudo das sciencias, do raciocinio e das theorias *á priori*, para se ater unicamente á observação e á experiencia, estamos condemnados a acceitar os factos os mais inverosimeis da sciencia, sem que nos seja permittido remontar a suas origens e a suas causas. E será então caso para espantos que a religião, cujo campo é o infinito, cujo objecto é Deus, tenha tambem os seus mysterios, factos grandiosos que acceita, fiada na auctoridade da mesma Verdade, factos que são para o espirito humano con-

quistas inesperadas e gloriosas, factos que se ufana de propor e impor tanto mais quanto é certo serem para a humanidade uma fonte de felicidade, inesperada, eterna, e de alguma sorte infinita!!!

Inclinar-se perante o mysterio quando apenas é uma abstracção em um campo de investigações, onde parece absurdo que exista, e repellir o mysterio d'uma ordem de concepções, onde constitue uma necessidade natural e imperiosa, quando tem como resultado mostrar-nos Deus a verdade, a bondade, a belleza infinitas, e volvendo-se todo, digamol-o assim, ao sabor de S.Thomaz, para nossa felicidade, como se o homem fosse o Deus do proprio Deus! não será o cumulo da sem-razão e da injustiça?

## CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

### Deus !

*A ideia de Deus.* Nada mais natural, mais familiar ao homem que a ideia de Deus. Quando contemplamos o ceo, já dizia Cicero, não é possível deixar de reconhecer com evidencia que ha uma intelligencia soberana que o dirige. S. Paulo diz a seu turno: « As perfeições invisíveis de Deus, tornadas comprehensíveis pelas cousas que foram feitas, patentearam-se á nossa vista, assim como seu poder eterno e sua divindade, de sorte que elles (os philosophos) são inescusáveis, porque tendo conhecido a Deus, o não glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, mas desvaneceram-se em seus proprios pensamentos. Seu coração insensato obscureceu-lhes a intelligencia!»

Pelo facto de na linguagem do grande apostolo estarmos em Deus, nos movermos em Deus, vivermos em Deus, e sermos do genero de Deus, n'este sentido que temos o ser por Deus e com Deus, a alma humana é naturalmente crente em Deus. Tudo n'ella proclama Deus. Um philosopho celebre, Hemsterhuys, não recebeu dizer: *Um unico suspiro para o futuro e melhor é uma demonstração mais que geometrica da divindade!*



Porque *Deus creou o homem á sua imagem, e lhe deu a plenitude da intelligencia para pensar, e creou n'elle a sciencia do espirito, e concedeu a seus ouvidos a honra de ouvirem sua voz mysteriosa* (Eccl. xvii, 4-11), o homem foi desde a origem iniciado na ideia e no sentimento de Deus. Eis ahí porque sempre e em toda a parte, o homem em seu espirito, em seu coração, e em sua linguagem, em seu culto, tem estado em relação com Deus. «Obrigado pelo ensino, diz o sr. dr. Quatrefages, em sua obra da *Especie humana*, a passar em revista todas as raças humanas, tive de procurar o atheismo tanto nas raças mais inferiores, como nas mais elevadas. Não o encontrei em parte alguma, a não ser no estado individual, ou no de escolas mais ou menos restrictas, como na Europa no ultimo seculo, ou ainda em nossos dias.»

Tanto isto é verdade que um heterogenista, positivista dos que o são mais, invocava ha pouco a pretendida ausencia da ideia de Deus como caracter distinctivo das raças humanas, differentes da raça adamica.

*A Existencia de Deus.* — Já atraz fizemos a exposição das provas certas da existencia de Deus. As mais palpaveis são aquellas que resultam do facto d'estes grandes dogmas scientificos:

O numero actualmente infinito é impossivel: houve uma primeira revolução de cada um dos astros; um primeiro homem, e em cada cathegoria de seres vivos um protoparente.

A vida nem sempre existiu á superficie da terra.

A geração espontanea ou o desenvolvimento da vida sem outra vida anterior é impossivel.

O universo sem Deus, a theoria puramente dinamica do mundo ou dos mundos conduz a monstruosos absurdos.

A causalidade é um primeiro principio da razão; a finalidade é uma lei da natureza.

A finalidade, o designio, as causas finaes osten-

tam-se por toda a parte, e proclamam uma intelligencia infinita.

O instincto dos animaes é inexplicavel sem Deus.

Os atomos e as moleculas são productos manufacturados, obras de Deus.

Cada uma das obras dos seis dias exigiu imperiosamente a intervenção divina.

A existencia de Deus é ainda mais irrefragavelmente estabelecida por cada um dos quinze esplendores da Fé, que são a um tempo prophcias refulgentes e milagres da omnipotencia divina.

Deus resplandece em cada pagina das sanctas Escripturas; o conjuncto dos textos, em que os escriptores sagrados enumeram os nomes, e celebram os attributos do Deus de Adão, de Abrahão, de Jacob, do Evangelho, nomes e attributos que o espirito humano não era capaz de inventar, são de per si sós uma sublime manifestação do dogma fundamental de nossa fé, porque sobrepujam infinitamente a intelligencia humana.

Instituição divina de um divino fundador, a Egreja catholica crê e professa que ha um só Deus, verdadeiro e vivo, omnipotente, eterno, immenso, incomprehensivel, infinito em intelligencia, vontade e em todas as perfeições. Poder espiritual, um, singular, absolutamente simples e immutavel. (*Constituição dogmatica do concilio do Vaticano*).

*Definição e attributos de Deus.* -- No momento, em que vai confiar a Moysés o papel de libertar os filhos de Israel da escravidão, Deus diz-lhe: «Vem, e enviarte-hei a Pharaó. — Quem sou eu para que vá ter com o Pharaó, e tire do Egypto os filhos de Israel? — Eu serei comtigo — Direi aos filhos de Israel: O Senhor Deus de vossos paes envia-me para vós. Se elles porem me perguntarem qual é seu nome, que lhes direi? — Dir-lheshas: *Eu sou o que sou. Aquelle que é envia-me para vós.*

Teria sido impossivel conceber e enunciar uma definição tão precisa e tão bella. Convem admiravelmente ao ser definido — Deus! Só a elle convem! Caracterisa-o por seu genero proximo, o *Ser*, *Eu sou* e por sua differença proxima, *O que sou! Aquelle que é!*

D'esta definição incomparavel decorrem immediatamente todos os attributos divinos.

*Sua intelligencia.* — Elle conhece-se, affirma-se.

*Sua personalidade.* — Manifesta-se a Moysés; fala-lhe, ordena-lhe, diz-lhe: *Eu sou, eu envio-te.*

*Sua unidade.* — Elle é aquelle que é! Se houvesse dois ou muitos deuses, já não seria aquelle que é, seria apenas uma parte do que é. Em outra occasião poz ainda na bocca de Moysés esta declaração formal: *Vêde que sou unico e que não ha outro Deus senão eu!*

*Sua simplicidade.* — Se Deus fosse composto, haveria n'Elle ser e não ser, e não seria já aquelle que é. Se fosse extenso, poderia conceber-se sua metade, sua quarta parte. O Eu é simplesmente simples e indivisivel.

*Sua eternidade.* — Aquelle que é, é essencialmente o presente: não ha para elle nem passado, nem futuro. Se não fosse eterno, não teria existido sempre, e não seria aquelle que é! Elle accrescenta em outro logar: *o que é*, eis meu nome desde a *eternidade*. Elle é! E' o eterno presente!

*Sua immensidade.* — Elle é! E' por toda a parte, como é desde sempre! Por toda a parte é Elle! Assim como sua eternidade comprehende eminentemente, virtualmente, todo o passado, sua immensidade comprehende virtualmente o espaço e o logar, que só hão de existir, quando tiver creado seres finitos.

*Sua necessidade.* — Elle é, logo é necessariamente. E para o ser necessario não ha nem tempo, nem logar. O tempo e o logar só aos seres contingentes faz falta, são accidentes que os acompanham.

*Sua immutabilidade.* — Aquelle que é, é necessariamente o que é, tudo o que pode ser. E' immutavel em sua essencia, em suas perfeições divinas que são sua essencia; em seus actos interiores ou *ad intra*, que são elle mesmo; mas não em seus actos exteriores, *ad extra*, que são d'elle, n'elle, por elle, mas que não são elle. A causa primeira de todas as cousas essencialmente una, simples, indivisivel, immutavel, pode por um só acto eterno como elle produzir ao defóra seres successiveis e mudaveis, sem elle mesmo mudar. Os seres creados por Deus mudam, mas Deus fica sempre o mesmo, o que é! Perecem, mas Deus permanece.

*Sua verdade, sua bondade, sua belleza.* — O ser creado pode ser e é verdadeiro, bom e bello! Logo o ser infinito, aquelle que é, é infinitamente verdadeiro, infinitamente bom e infinitamente bello! a verdade, a bondade e a belleza infinitas! Para que me interrogaes ácerca do *bom*? dizia Jesus Christo. Só Deus é bom, a mesma bondade, como é a propria verdade, e a propria belleza. O verdadeiro, o bom e o bello, são o ser debaixo de diversas denominações. *Bonum et ens convertuntur.* E' sempre o ser.

*Sua força ou poder, sua sciencia.* — Todos estes attributos são perfeições do ser creado, logo são com maioria de razão perfeições do ser essencial. d'aquelle que é, do ser dos seres.

O ser infinito é pois omnipotente, omnisciente! Deus pode tudo, Deus sabe tudo, ou antes Deus vê tudo em uma visão intuitiva, porque vê tudo em seu ser, que é o ser dos seres, em uma visão essencial, eterna! Por isso mesmo que não ha para Deus futuro, não ha falando com rigor para Deus previsão ou presciencia; mas sómente sciencia e visão!

*Sua liberdade.* — A liberdade é uma qualidade essencial das intelligencias finitas, e uma qualidade ou per-

feiçãõ a perfeiçoante; logo a intelligencia infinita é infinitamente livre.

Não em seus actos interiores que são elle mesmo, mas nos actos exteriores ou relativos á creação. Deus creou o mundo livremente, creou-o livremente tal qual é; governa-o livremente, como lhe apraz.

Deus é livre n'este sentido, que por um só e mesmo acto eterno decretou livremente tudo o que devia existir fóra d'elle; mas não n'este sentido, que elle possa mudar de resolução ou de vontade.

E' a um tempo livre e immutavel! E por isso mesmo que estas duas perfeições coexistem em Deus, não são incompativeis, embora não possamos ver o como d'este mysterioso accordo.

Deus na creação, como no governo do mundo, pôde e deveu fixar sua escolha sobre o imperfeito ou o menos perfeito, porque o mais perfeito só em Deus pode existir, e porque de resto o imperfeito do ser finito não attinge de maneira alguma o ser infinito. Basta que toda a obra de Deus seja boa. E assim foi que cada um dos periodos da creação teve por coroa este dicto sublime: «*E Deus viu que tudo era bom.*»

*Sua sabedoria e sua justiça.* — São tambem qualidades ou perfeições aperiçoantes dos espiritos finitos, logo estão em grau infinito no ser dos seres, Aquelle que é. A sabedoria consiste na proporção e harmonia perfeita entre o fim a conseguir e os meios que a elle conduzem. Ora Deus abrange com força sua obra de uma extremidade a outra, e tudo dispõe com irresistivel suavidade. Deus é infinitamente justo, i é, infinitamente fiel a si mesmo, a seus decretos e promessas. Recompensa a virtude e pune o vicio. Livre em seus dons, não exige de suas creaturas o que não lhes deu; se pune essencialmente o peccado, não o pune necessariamente n'este mundo; é paciente porque é eterno.

Em resumo, a intelligencia, a personalidade, a uni-

dade, a simplicidade, a eternidade, a immensidade, a necessidade, a immutabilidade, a verdade, a bondade, a belleza, a omnipotencia, a omnisciencia, a liberdade, a sabedoria e a justiça infinitas de Deus, são consequencia logica e immediata da definição revelada a Moysés: «*Eu sou o que sou!*» Estas grandes vozes, estes attributos mysteriosos hoje familiares ás intelligencias, não puderam ser invenção do homem. Logo são essencialmente realidades objectivas, e o sentimento que d'ellas temos não pode ser senão o resultado da «*illuminação de nossas almas, feitas á imagem e semelhança de Deus, pelo Verbo divino ao entrar no mundo.*»

*Personalidade divina.*— O que mais revolta o livre pensamento é que Deus seja tanto e mais que outros seres, uma natureza distincta e infinita, subsistente em si mesma; o mais alto, o mais accentuado, o melhor caracterizado de todos os Seres! que opera, que faz, que manda, que se impõe a todos os seres, os quaes só tem sua razão de ser n'Elle, por Elle, e para Elle! E no emtanto Platão, á luz de sua razão pagã, escrevia estas palavras solemnes: «Nunca nos poderão convencer de que não ha nada debaixo do nome de Deus! *Que aquelle que existe absolutamente, não tem nem movimento, nem vida, nem alma, nem pensamento, que é inerte, que é privado da augusta e sancta intelligencia. Diremos que tem intelligencia, mas que não tem a vida? Diremos que possui uma e outra, mas que não tem personalidade? Diremos que é pessoal, intelligente, vivo, mas que é inactivo! Tudo isto é absurdo.*»

Mas, dirão, a personalidade diminue Deus, e diminuindo-o, supprime-o! E' uma affirmacão gratuita e falsa, uma blasphemia, uma loucura. O ser que não subsiste em si, que não é uma pessoa, que não diz *eu*, que não é elle, não tem realidade senão fóra de si e não é nada.

Mas, accrescentam, se Deus fosse distincto de sua

obra, não seria sua obra, não seria o ser ou o infinito. Sim, se nem toda a realidade da obra procedesse do obreiro! se nem todo o ser das criaturas estivesse eminentemente em Deus! se nem toda a creatura existisse, se movesse, e vivesse em Deus! se supprimindo Aquelle que é, se não supprimissem por esse facto todos os seres, a obra inteira de Deus!

A obra honra, exalta o obreiro, não o suprime! A obra sem o operario é uma chymera: Raphael sem suas obras primas não seria Raphael, não seria nada. O poder da obra ou das obras denuncia o genio da personalidade. Deus está em suas obras por seu poder que do nada as tirou, por sua presença que as faz subsistir, por sua essencia que lhes dá o ser, o movimento e a vida.

Quanto á pretensão do pantheismo moderno de que o ser infinito, universal, perfeito, immutavel, superior ao tempo e ao espaço, não pode ser senão um «*ente ideal!*» conceder-lhe realidade mas negar sua infinidade! n'este sentido que a realidade e a perfeição implicam contradição! que a perfeição não existe, nem pode existir senão na ideia! que o Deus real por consequente não pode ser senão o conjuncto dos entes que o manifestam, o «*Cosmos,*» com suas imperfeições e suas loucuras! que n'uma palavra, Deus é a ideia do mundo, e o mundo a realidade de Deus! (Vacherot, *Metaphysica*) é um sophisma absurdo, um trocadilho de palavras incoherentes! E' sem duvida melhor existir, do que ser simplesmente imaginado por um outro ser, pois que o ser que existe em si tem ao mesmo tempo sua idealidade e sua realidade. O ideal não passa de mera modificação do espirito que o concebe, e é forçosamente menor do que o espirito que o concebe. O espirito que produz o ideal Deus, ha de ser infinito ou finito. Se infinito, será uma realidade infinita, sua concepção será em si mesma uma realidade infinita, subsistente em si

mesma. Deus! existirá realmente, e não só idealmente. Se finito, essa concepção será em si mesma finita, e não será a perfeição ideal infinita. Deus ideal infinito não passa de vã chymera! Deus *Natureza* ou *Cosmos* não tem realidade senão no espirito finito que o concebe e perece com elle! Não é o pantheismo, é o materialismo brutal com todas as suas consequências.

Em resposta ao raciocinio impio: o perfeito, Deus, não passa de uma ideia do espirito, elevando-se do imperfeito que elle vê a uma perfeição que não tem realidade senão no pensamento, Bossuet invocava sua alma! «Dize-me, minha alma, como entendes tu o nada senão pelo ser? a privação senão pelo bem de que ella priva; a imperfeição senão pela qualidade que desmaia; o erro senão pela negação da verdade; a duvida e a obscuridade senão pela falta de luz e de saber; a desordem senão pela violação da ordem... Ha pois anteriormente a tudo um ser, uma verdade, uma regra, uma ordem, n'uma palavra, uma perfeição, antes de toda a perfeição, um perfeito que é o primeiro! E este é Deus!»

Nada mais absurdo com effeito do que admittir que a negação precede a affirmação, que o finito precede o infinito. \* O finito accrescentado ao finito nunca fará senão um ser ideal, o indefinido! que é forçosamente a negação do infinito, do ser, do que é.

Fica pois no fim de contas um materialismo grosseiro, que decreta sem pestanejar e sem se importar com a observação, a experiencia e a razão, etc., que a materia é eterna; que todos os seres da natureza são apenas modificações, evoluções da materia; que todas as operações physicas, physiologicas, psychicas, cujo

---

\* Deve entender-se realmente e não idealmente, porque idealmente o infinito é posterior ao finito.



mecanismo o homem ignora completamente: a vida, o instinto, as ideias, os juizos, os raciocinios, os sentimentos, o querer, são phenomenos devidos ao jogo das forças atomicas ou moleculares da materia.

São tão cegos que não vêem que fazendo a materia eterna a fazem necessaria, que fazendo-a necessaria, a fazem illimitada, a fazem infinita, que fazendo-a infinita e causa de tudo quanto existe, a fazem omnipotente, que a fazem Deus, eterno, necessario, infinito, omnipotente!

Um montão de atomos existe em numero necessariamente finito, pois que o numero actualmente infinito (que não pode ser ao mesmo tempo par e impar) é impossivel! Infinito o que é essencialmente numero e limite, emquanto que o infinito só se concebe excluindo ao mesmo tempo o limite e o numero! Perfeito esse mesmo numero finito de atomos, que por isso mesmo que é finito, pode ser concebido maior ou menor, que se pode imaginar mais ou menos mudado ou transformado, que é sempre em esforço ou em futuro; etc.! Ah! não, não ha n'isto mysterios, ha absurdos monstruosos!

Em summa, Aquelle que é, o ser por essencia, necessario, eterno, infinito, immenso, immutavel, omnipotente, etc., Deus, é um mysterio grandioso, magnifico, que impondo-se á intelligencia, a eleva e exalta ao mesmo tempo. Que admiravel necessidade para a razão humana a de um primeiro ser! e quanto, por outra parte, se assim nos podemos exprimir, esta necessidade é conforme á razão! Com effeito, se em um instante dado nenhum ser existia, jamais teria existido, pois que o nada nada pode produzir. Assim vemos que o atheu não hesita em fazer a materia eterna, cada atomo de materia eterno! A materia e o atomo são finitos, e o finito é o indeterminado quanto a sua natureza, quanto a sua forma, e ao tempo, quanto ao logar e ao movimento, quanto ás qualidades, etc., etc. Ora necessario

e limitado, eterno e indeterminado, é ao mesmo tempo a afirmação e a negação!

E' o impossivel no mais alto grau! Em quanto que o ser, aquelle que é, e o ser necessario, eterno, infinito, immenso, immutavel, omnipotente, omnisciente, são uma e mesma affirmação esplendida.

E este primeiro mysterio que tão bem se harmonisa com a razão, uma vez admittido, todos os outros mysterios se harmonisam a seu turno, porque tem sua razão de ser em Deus, e nos são revelados por Deus. Para o materialista, pelo contrario, um abysmo chama outro abysmo, precipita-se de cataracta em cataracta, até desaparecer envolto nas ondas da demencia e do desespero.

---

## CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

### Os mysterios da SS. Trindade

Deus é um! Basta a razão para o demonstrar. Mas o que nenhuma intelligencia contingente e finita teria podido suspeitar, se o proprio Deus não se tivesse dignado revelar-nol-o é que n'essa unidade infinita ha uma mysteriosa triplicidade; n'essa natureza essencialmente una ha tres pessoas distinctas, o Padre, o Filho, o Espirito Sancto.

Já na historia da creação se nota certa mistura imprevista do singular e do plural, que caracteriza a multiplicidade na unidade divina. «Façamos o homem á nossa imagem e semelhança!» E Deus creou o homem. Mais tarde assentado á sombra do carvalho de Mambré, o pai dos crentes viu passar pela sua frente como um symbolo ou uma sombra da SS. Trindade. Deus mostrou-se a Abrahão debaixo de tres formas humanas, ás quaes falou no singular, como se fossem um, *ne transeas, Domine*; e que lhe respondem como se fossem um, *revertar*. Viu tres, diz um sancto Padre, e adorou um. Em seguida vem os prophetas que celebram em seus canticos, ainda que vagamente, o Padre, o Verbo, o Espirito, até que afinal vem Jesus Christo levantar o veo.

Ide, ensinai todas as nações, batizai-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto. Echo fiel da divina revelação, S. João Evangelista diz a seu turno: Tres dão testemunho no ceo, o Pai, o Filho e o Espirito Sancto, e estes tres são um!

Enfim os apóstolos, em seu symbolo divino, fazem esta solemne profissão de fé: «Creio em Deus Padre omnipotente, em Jesus Christo, seu unico Filho, e no Espirito Sancto.»

S. Athanasio no symbolo da fé que nos deixou, e que toda a Egreja recebeu, definiu com admiravel precisão este dogma sublime da SS. Trindade.

A Fé catholica exige que adoremos um só Deus na Trindade, e a Trindade na Unidade. Não confundindo as Pessoas, nem separando a substancia. Porque uma é a pessoa do Padre, outra a pessoa do Filho, outra a pessoa do Espirito Sancto. Mas o Padre, o Filho e o Espirito Sancto tem uma mesma divindade, uma gloria igual, uma magestade coeterna. Qual o Padre, tal o Filho, tal o Espirito Sancto. Increado o Padre, increado o Filho, increado o Espirito Sancto. Immenso o Padre, immenso o Filho, immenso o Espirito Sancto. Eterno o Padre, eterno o Filho, eterno o Espirito Sancto. E no entanto não são tres increados, tres immensos, tres eternos, mas um só increado, um só immenso, um só eterno. Omnipotente, Deus, Senhor, é o Padre; omnipotente, Deus, Senhor, é o Filho; Omnipotente, Deus, Senhor, é o Espirito Sancto. E não são tres omnipotentes, tres deuses, tres senhores, mas um só omnipotente, um só Deus, um só Senhor. O Padre por ninguem foi feito, nem creado, nem gerado. O Filho é do Pai, não feito, nem creado, mas gerado. O Espirito Sancto é do Padre e do Filho, não feito, nem creado, nem gerado, mas procedente. Um Padre, e não tres padres, um Filho, e não tres filhos, um Espirito Sancto, e não tres espiritos sanctos. E n'esta Trindade não ha nem ante-

rior, nem posterior, nem maior, nem menor! Estas tres Pessoas são coeternas e eguaes, de forma que é mister em tudo adorar a Unidade na Trindade, e a Trindade na Unidade. Um em tres! tres n'um! mas tres Pessoas n'uma só natureza ou substancia, e uma só natureza em tres Pessoas!

A fé não ensina que tres deuses fazem um só Deus, que tres substancias fazem uma só substancia, o que seria contradictorio em si, e contrario á razão: mas que uma só e mesma natureza é nas tres pessoas, e que estas tres pessoas, o Padre, o Filho e o Espírito Sancto, não são mais que um só Deus!

E' por certo um mysterio acima da razão, um mysterio ineffavel, mas um mysterio glorioso, de que a nossa razão esclarecida pela fé pode até certo ponto conceber a soberana conveniencia ou mesmo a necessidade absoluta, a existencia portanto!

A alma humana, da qual Deus disse tel-a feito a sua imagem e semelhança, revela sua trindade na unidade! Existe, conhece, quer ou ama. A ideia ou o conhecimento é o quer que seja distincto do ser; a vontade é tambem algo distincto da ideia e do ser.

Mas por isso mesmo que minha alma é susceptivel de soffrer e soffre de mil modos diversos, no eu o ser, a ideia, a vontade são simples accidentes, modos ou numeros de ser, que não subsistem em si mesmos, mas na alma, não tres pessoas, mas uma só pessoa, e uma só natureza. Pelo contrario em a natureza divina, onde não é possivel conceber nem accidentes, nem modos, porque é infinita, porque é tudo: o ser, o conhecimento e o amor: Deus existindo, Deus conhecendo-se ou gerando o seu Verbo, Deus amando o seu Verbo e amado do seu Verbo, constituem tres pessoas em uma só natureza, o Pai, o Filho e o Espírito Sancto. A aguia de Meaux disse em uma linguagem cheia de inspiração: «Se eu fosse como Deus uma natureza infinita, in-

capaz de todo o accidente, e exigindo que tudo fosse substancial n'ella, meu poder (meu ser), minha intelligencia e meu amor seriam alguma cousa de subsistente! e eu seria tres pessoas subsistindo em uma só natureza.» E' a suprema palavra do genio do homem sobre o mysterio da SS. Trindade!

A unidade de pessoa na alma humana resulta egualmente de uma natureza finita; quando uma de suas faculdades predomina extraordinariamente, nota-se uma tendencia irresistivel para a personificar, para lhe dar uma subsistencia distincta. E' assim que do genio de Socrates se fez um demonio, da sabedoria de Numa a nympha Egeria, etc.

E' opportuna a citação d'estas palavras de S. Agostinho: «Em nós deparamos verdadeiramente uma imagem de Deus, i é, d'essa soberana Trindade, e ainda que não lhe seja igual, ou antes, que esteja muito longe d'ella, nem por isso deixa de ser d'entre as suas obras a que mais se lhe aproxima.»

Com effeito nós existimos, conhecemos que existimos, amamos nosso ser, o conhecimento que d'elle temos. Ser, Conhecimento, Amor! Já dissemos porque n'alma humana estas tres cousas não são senão uma natureza e uma pessoa!

Como Deus se conhece necessariamente e eternamente, gera de toda a eternidade seu Filho ou Verbo. Como o Pai ama eternamente seu Filho, e como o Filho ama eternamente seu Pai, o Espirito Sancto, amor mutuo do Pai e do Filho, procede eternamente do Pai e do Filho. E como é sempre Deus, Deus ser, Deus intelligencia, Deus amor, deve affirmar-se uma só e mesma natureza em tres pessoas consubstanciaes e coeternas, um só Deus, a quem é devido um só culto, uma só adoração, um só amor.

« Sem a SS. Trindade, dizia ainda Bossuet, Deus, no qual toda a paternidade toma sua origem, *á quo omnis*

*paternitas nominatur*, Deus que é mais pai que todos os outros pais, não teria Filho. Ora porque motivo é que a natureza divina não ha de ter essa perfeita fecundidade que dá a suas creaturas? O nome de pai será pois tão deshonroso e tão indigno do primeiro ser, que lhe não possa convir na accepção natural? « Eu que faço gerar os outros, não poderei gerar? » (Is. LXVI, 9.) E se é tão bello ter filhos por adopção, não será ainda mais bello e melhor produzil-os? . . . Produzir por abundancia, por plenitude, pelo effeito de uma inexaurivel communicação, n'uma palavra, pela fecundidade e pela riqueza de uma natureza feliz e perfeita? . . .

Deus de Deus, luz da luz, Filho perfeito de um Pai perfeito, que é pai desde que existe, que concebe em si proprio seu filho coeterno. »

Nada ha portanto mais racional que o mysterio da SS. Trindade, que dá a Deus um Filho unico, que ama infinitamente e de quem é infinitamente amado, ao mesmo tempo que d'este amor mutuo procede eternamente o Espirito Santo.

Se para a alma esclarecida pela fé o mysterio da SS. Trindade é eminentemente razoavel, se ha em Deus uma necessidade maravilhosa e gloriosa de communicar sua natureza infinita, é ella para a humanidade regenerada um mysterio de amor infinito. Porque nos amou com um amor eterno, Deus Padre tirou-nos do nada! E em sua misericordia, amou tanto o mundo, que lhe deu seu proprio Filho! O Filho amou-nos, fez-se carne e entregou-se á morte por nós. O Pai e o Filho amaram-nos tanto, que nos enviaram o Espirito Sancto, Espirito de consolação, Espirito de amor, Espirito que faz seu templo de nossas almas e de nossos corpos sanctificados pela graça, por suas virtudes e suas dôres, que ora incessantemente em nós por gemidos inenarraveis!

Encontramos a SS. Trindade na Revelação, na razão esclarecida pela Fé, na alma humana feita á ima-

gem de Deus, encontramol-a tambem na tradição cujas trevas illumina, e na synthese das sciencias, onde a unidade na trindade occupa um logar realmente extraordinario.

*A tradição.* — Aristoteles: Que pensa Deus? pensa-se a si proprio! Seu pensamento é o pensamento de seu pensamento, e este numero TRES, é a lei da natureza: nós applicamol-o a nossas devoções para com os deuses.

PLATÃO: O primeiro bem é Deus; a intelligencia é o filho d'este primeiro bem que o gerou semelhante a si, e a alma (o espirito) do mundo, é o termo entre o Pai e o Filho. — N'uma inscripção grega celebre lia-se: O Grande Deus, o Gerado de Deus, o todo refulgente,

μεγας θεος, θεογενετος, πανφεγγος.

— No Egypto, o famoso oraculo de Serapis dizia: Primeiro Deus, depois o Verbo, em seguida o Espirito, tres Deuses gerados junctamente e reunindo-se n'um só.

— O Oupneckat dos Indios diz que Deus é *Trabat*, i é, TRES, formando um só.

Os Thibetanos invocam Deus debaixo de tres nomes: OM, o braço ou o poder; HU, a palavra ou o Verbo; HUM, o coração ou o amor.

Encontra-se no Lautseu dos Chinezes este texto singular: Sabe-se commumente que tres são tres, mas ignora-se que tres são um. A primeira pessoa considerando-se a si mesma quer a segunda; a primeira e a segunda amando-se mutuamente respiram a terceira

Accrescentemos por ultimo que vemos escripto por toda a parte em a natureza e na sciencia, no mundo abstracto e no mundo concreto, este dogma ineffavel da Unidade na Trindade, da Trindade na Unidade. Encontra-se esta these admiravelmente desenvolvida na excellente obra, a *Sciencia sagrada*, do sr. P.<sup>e</sup> Berseaux,



tomo II, pagina 302 e segg. Bospuejemos alguns traços d'este quadro magnifico.

Na sociedade espirital:

Jesus Christo, a Egreja, os fieis.

Na alma humana: *o ser, a intelligencia, o amor.* Existimos, conhecemos, amamos. O fundo de nossa alma operativa comprehende: uma primeira ideia, *a ideia de ser*; uma primeira vontade a vontade de possuir o ser, *o desejo da beatitude*; um primeiro sentimento, *o sentimento de nosso corpo.*

As operações da intelligencia são em numero de tres: *a ideia, o juizo, o raciocinio.*

A ideia comprehende: *um sujeito* que percebe; *um objecto* a perceber; *a percepção* ou o objecto percebido.

O juizo suppõe *o sujeito, o verbo e o attributo.*

O raciocinio comprehende tres proposições: a primeira, *a maior*, produz a segunda, *a menor*, a terceira, *a conclusão*, nasce da maior e da menor.

O ser em si é *puramente espirital, puramente material, ou mixto.*

Os tres mundos, *espirital, material e mixto*, perfazem *um só universo.*

Todo o ser tem sua *substancia, sua forma ou especie, sua ordem.*

Todo o ser increado ou creado manifesta-se-nos debaixo de tres qualidades: *bom*, cujo typo é o Padre; *verdadeiro*, cujo typo é o filho ou o Verbo; *bello*, cujo typo é o Espirito Sancto.

O mundo material comprehende tres grupos de seres, os *mineraes*, que existem; os *vegetaes* que existem e vivem; e os *animaes* que existem, vivem e sentem.

Os espiritos celestiaes dividem-se em tres classes ou grandes hierarchias; cada hierarchia divide-se em tres ordens.

O ser considerado relativamente é ou *causa*, ou *meio*, ou *effeito.*

Considerado como successivo, o ser é *passado*, *presente* ou *futuro*.

Na grammatica ha tres pronomes: *eu, tu, elle*; *meu, teu, seu*; *mim, ti, lhe*; *nós, vós, elles*.

Ha tres termos: *substantivo, adjectivo, verbo*.

O substantivo é *masculino, feminino, ou neutro*.

O adjectivo é *positivo, comparativo, ou superlativo*.

O verbo é *activo, passivo, ou neutro*.

Nas *Sciencias mathematicas*: A Arithmetica comprehende tres operações principaes: a *numeração*, a *ad-dicção*, a *subtracção*.

Todo o corpo tem tres dimensões: *comprimento, largura, profundidade*. As grandezas geometricas são tres: a *linha*, a *superficie*, o *volume*.

A *linha* tem seu *principio* ou ponto de partida, seu *meio*, seu *fim*, ou ponto de chegada.

A linha é *recta, quebrada, ou curva*.

A recta é *horizontal, vertical, normal, ou inclinada*.

Duas linhas formam tres angulos, *agudo, recto* ou *obtusos*.

Um *triangulo* tem tres *angulos*, tres *lados*, tres *vertices*.

Todo o polygono é divisivel em triangulos, como todo o numero é decomponivel em numeros triangulares.

Todo o circulo tem um *centro* ou *foco*, *raio*, e *circumferencia*.

A mecanica comprehende tres grandes divisões: a *estatica* ou sciencia do equilibrio, a *cinematica* ou sciencia do movimento, a *dynamica* ou sciencia das forças, causas do movimento

As leis do mundo planetar são em numero de tres, a *lei de um movimento elliptico em redor de um centro de attracção*, a *lei das areas*, a *lei dos tempos de revolução*.

A chimica rege-se por tres leis correspondentes á acção de Deus, que tudo fez com *numero, peso e medida*:

a lei das proporções multiplas, a lei dos equivalentes, a lei dos volumes.

Todos os corpos. objectos da physica e da chimica, são *solidos, liquidos ou gazosos*.

Em crystallographia, todas as formas cristallinas se se podem reduzir a tres typos o *tetraedro*, o *cubo*, e o *rhombo*.

Em acustica, o som é caracterizado por tres elementos: o *tom*, a *intensidade* e o *timbre*.

Ha tres notas fundamentaes: a *dominante*, a *terça* e a *quinta*, formando accorde perfeito.

Os instrumentos de musica são de *sopro*, de *corda* ou de *percussão*.

Em physiologia e psychologia ha tres grandes objectos de estudo: o *corpo*, a *alma*, a *união d'alma e do corpo*.

A vida depende de tres órgãos que Bichat chama centros da vida: o *estomago*, órgão do poder; o *cerebro*, órgão da intelligencia; o *coração*, órgão da affeição ou do amor.

Teus órgãos principaes estão presentes em todas as partes do corpo, o *estomago* pelos vasos chyliferos, o *cerebro* pelos nervos, o *coração* pelas arterias e veias. \*

A familia é constituida pelo *pai*, pela *mãe*, e pelo *filho*.

O homem, o *pai*, creado independente, em sua força, representa o Padre eterno. A *mulher*, creada do homem, sua imagem, sua gloria, sua belleza, carne da sua carne, sangue do seu sangue, osso do seu osso, figura o Verbo divino, gerado do Padre; o *filho* precedendo do

---

\* Os tres órgãos que Bichat considera centros da vida são o cerebro, os pulmões (e não o estomago) e o coração. Alem d'isso é erro attribuir ao estomago vasos chyliferos.

pae e da mãe, de seu amor mutuo, é a imagem do Espirito Sancto.

A sociedade civil é constituída por tres cousas: o *poder*, o *ministro*, o *subdito*.

Poderíamos multiplicar ao infinito certas aproximações, e verificar d'est'arte que a Trindade na Unidade é lei essencial da natureza. Um auctor, animado das melhores intenções, o sr. P.<sup>e</sup> Bouverat, em um voluminho intitulado *Speculum Trinitatis*, ou *resumo da universalidade das cousas, nas quaes a SS. Trindade imprimiu seu sello divino* (Haton, Paris, 1871), multiplicou enormemente as manifestações singulares da Trindade divina, no mundo physico, moral e metaphysico!... E' logo verdade e muito, que sobre o mais profundo e inacessivel dos mysterios, os testemunhos do Senhor se volveram extremamente acceitaveis .. A trindade das pessoas na unidade da natureza divina é em Deus um facto não só essencial e necessario, mas fecundo e vivificante; e em suas relações com a humanidade uma fonte infinita de grandeza, de sanctidade, de divindade.

Adoremos, pois, e repitamos incessantemente, com a sancta Igreja catholica, a antiga e amavel doxologia: *Gloria ao Padre, ao Filho, e ao Espirito Sancto, como era no principio, agora, e sempre, pelos seculos dos seculos!* Redigamol-a sobretudo em nosso ultimo suspiro, quando chamando sobre nós a misericordia de Deus, seu ministro, disser: « Peccou muito, mas não negou o Pai, nem o Filho, nem o Espirito Sancto. Elle acreditou, e será salvo! »

---

## CAPITULO VIGESIMO QUARTO

### Deus creador

O livro inspirado do Genesis começa por esta affirmação solemne e inesperada, que o espirito humano não teria com certeza inventado: « No principio creou Deus o ceo e a terra. » Este grande dogma da criação reaparece em seguida, para assim dizer, em cada pagina das sanctas Escripturas; constitue uma tradição do genero humano, que a mãe dos Machabeus resume admiravelmente n'esta exhortação sublime ao mais joven de seus filhos. « Conjuuro-te, filho meu, a que contemples o ceo e a terra e todas as cousas que n'elles existem, e a que comprehendas bem que de nada fez Deus todas as cousas e o genero humano. »

O facto da criação era tão conhecido, tão universalmente adoptado e crido, que Jesus Christo pôde preteril-o, suppondo-o estabelecido por toda a parte! Reapparece todavia no ensino dos apostolos; prégam aquelle que creou todas as cousas, e seu symbolo começa por este acto de fé: « Creio em Deus Padre todo poderoso, Creador do Ceo e da terra. » O quarto concilio de Latrão, querendo formular de novo este dogma

capital, exige que todo o catholico confesse que não ha mais que um Deus, principio de todas as cousas, creador dos seres visiveis e invisiveis, que por seu poder omnipotente no começo de todas as cousas fez de nada uma e outra substancia, a substancia espiritual e a substancia material, o mundo angelico e o mundo material; em seguida a substancia humana commum d'alguma sorte aos dois mundos, constituida por um espirito e por um corpo.

Emfim o concilio ecumenico do Vaticano renovou n'estes termos o ensino do concilio de Latrão: « E' por sua bondade e virtude omnipotente, e não por augmentar sua felicidade ou adquirir uma nova, mas para manifestar sua perfeição, pelos bens que outhorga a suas creaturas, que este unico Deus verdadeiro, pelo conselho o mais livre, formou de nada, tudo a um tempo, no principio as duas especies de creaturas, espiritual e corporea, a saber, os anjos e o mundo, e em seguida os homens cuja natureza, a um tempo espiritual e corporea, participa de toda a creação. »

Os canones do concilio do Vaticano e os anathemas que pronuncia, definem ainda melhor o mysterio do Deus creador.

« 1.º Se alguém negar um verdadeiro Deus creador das cousas visiveis e invisiveis, seja anathematizado.

« 2.º Se alguém não se envergonhar de affirmar que alem da materia nada existe, seja anathematizado.

« 3.º Se alguém disser que apenas ha uma substancia ou essencia de Deus e de todas as cousas, seja anathematizado.

« 4.º Se alguém disser que as cousas tanto corporeas como espirituas, são emanações da substancia divina, seja anathematizado;

« Ou que a divina essencia por suas emanações ou evoluções se volve em todas as cousas;

« Ou emfim que Deus é o ser universal e indefini-

do que por sua determinação constitue a universalidade das creaturas distinctas em generos, especies, individuos, seja anathematizado.

« 5.º Se alguém não confessar que o mundo e todas as cousas que estão no mundo, tanto as materiaes, como as espirituaes, foram quanto a sua substancia produzidas por Deus, seja anathematizado.

« 6.º Se alguém disser: Deus creou não por vontade isenta de toda a necessidade; mas creou tão necessariamente como se ama a si necessariamente, seja anathematizado.

« 7.º Se alguém negar que o mundo foi creado para gloria de Deus, seja anathematizado.

As provas tão multiplices que demos da existencia de Deus são ao mesmo tempo provas do Deus creador ou da realidade da criação. El podemos dizer sem hesitar que todas as sciencias, a mecanica, a astronomia, a physica, a chimica, a geologia, a biologia, etc., etc. demonstram irrefutavelmente a verdade do dogma da criação.

Deus existe! o mundo existe! e existe porque Deus o creou! São tres grandes verdades indubitaveis, affirmadas ao mesmo tempe pela revelação, pela razão, pela sciencia. O desconhecido é o começo da criação. Como é que a immutabilidade infinita e essencial de Deus se harmonisa com o acto das criações successivas? Como é que o ser das creaturas pôde ser realisado por Deus, e tornado subsistente em si mesmo? N'uma palavra, como é que os seres creados estão em Deus e fóra de Deus? E' a grande e importante questão que é mister esclarecer d'algum modo. O ser das creaturas não pode ser alguma coisa, accrescentado ao ser divino, de sorte que o ser das creaturas accrescentado ao ser divino seja alguma coisa mais do que Deus; porque se isto assim fosse, Deus não seria nem aquelle que é, nem o infinito. Não ha pois mais ser que

no singular, *plus entis*, depois da criação, ha porem mais seres, no plural, *plura entia, plura habentia ens*. O ser das creaturas não pode pois ser senão uma especie de participação no ser, de copossessão do ser; qualquer cousa que a creatura possui com o ser dos seres, com Deus, mas de maneira differente.

« E', diz S. Agostinho, (*De Diversis Quaestionibus* LXXIII, quaest. XLVI, n.º 2), sua participação, actual no ser de Deus, o que faz que as cousas sejam o que são e como são. »

S. Agostinho diz ainda (*De Genesi ad litteram*, 515): « Todas as cousas que foram feitas existiam antes da sua criação na mente do Creador, e com certeza são melhores lá onde são mais verdadeiras. Porque Deus não as teria feito se as não tivera conhecido, não as teria conhecido se as não houvera visto, não as teria visto se as não houvera tido. »

« Cada natureza, diz S. Thomaz, tem sua essencia propria, n'aquillo, pelo que participa d'alguma sorte da semelhança divina. » (*Summa*, primeira parte, quest. 16 ad j.<sup>um</sup>) O Padre Monsabré, commentando S. Thomaz, diz: « As ideias são a propria essencia divina, em quanto é participavel e pode ser imitada pelas creaturas. » A creatura participa do ser em limites finitos; em Deus o ser é sem limites. Pode-se, deve-se applicar ao ser o que S. Agostinho diz do bem: *Ser este, ser aquelle, tirai este e aquelle, e contemplai, se vos é dado, o mesmo ser* (Aquelle que é!) *ser não de um outro ser, mas ser de todo o ser*. O que é assim interpretado pelo cardeal Gerdil: « Basta reflectir no que se passa dentro de nós, e consultar a ideia de Deus para ficar plenamente convencido de que o ser sem restricção, aquelle que é deve comprehender toda a realidade, á qual o nome de ser pode ampliar-se; porque se houvesse alguma realidade fóra de Deus, que não estivesse em Deus, é claro que



Deus não seria a plenitude do ser; seria uma especie de ser e não o mesmo ser.

Ora a realidade dos seres finitos não pode estar formalmente em Deus, tal como está nos seres finitos, i é, acompanhada de defeitos e de negações, porque em Deus não ha por certo nenhum defeito, nenhuma negação de realidade, pois seria contradictorio que no proprio ser houvesse negação do ser; é mister pois que a realidade dos seres finitos esteja em Deus sem defeitos e sem imperfeições.» (Cardeal Gerdil, *Defezã de Malebranche.*) Citemos enfim Suarez: «As creaturas podem ser consideradas debaixo de dois pontos de vista: em primeiro lugar, segundo o ser que tem em Deus, ser que está formalmente em Deus, o proprio Deus; em razão d'este ser, diz-se que a creatura está eminentemente em Deus, e d'esta maneira a creatura não é creatura mas a propria essencia creadora, consoante este pensamento de S. João: O que foi feito tinha vida n'elle (no Verbo divino.) Em segundo lugar, as creaturas podem ser consideradas em suas proprias essencias, mettendo em conta não só a perfeição que tem em Deus, mas aquella que ellas mesmas possuem, mesclada de imperfeições, i é, com limites, e com distincção uma da outra. Em resumo, o ser é participavel em tal ou tal grau, é a ordem dos possiveis; o ser é participado em tal ou tal grau, é a ordem das existencias. Mas como pode realisar-se esta participação? Que ideia fazer da criação?

Supponhamos uma intelligencia finita, um genio humano, um poeta, um orador, um pintor, um esculptor, um engenheiro mecanico. Concebeu a ideia de um poema, a *Illiada*; de um discurso, *pro Milone*; de um quadro, a *Transfiguração*; de uma estatua, *Moysés*; de um mecanismo, a *Machina de calculos*, etc., etc. Sua concepção surge-lhe no espirito, elle vê-a, contempla-a viva, animada! Desejaria poder effectual-a fóra de si, fazer

d'ella uma criação subsistente em si mesma, faz-la admirar de todos.

Mas impossivel. Sua criação é um modo de ser de sua alma. Para que pudesse existir fóra d'elle, seria preciso separar-se de si ou reduzir-se a si proprio ao nada. E como a faria subsistir fóra de si? elle não existe, elle não é nada onde desejaria collocar-a. Se lhe dais uma penna, tinta e papel, uma tela, um pincel e cores; marmore e um cinzel ou martello; metal e fogo, realisar-á até certo ponto sua ideia; mas será uma realisação morta, abstracta, que exigirá para ser comprehendida outros espiritos como o seu. De nenhum modo será uma criação.

A verdadeira criação, o ser gerado do nada ficou em seu genio, em sua alma, é elle! Mas o que não pode uma intelligencia finita, porque o não poderia uma intelligencia infinita? Em Deus as razões proprias das cousas, os typos divinos de toda a perfeição creada existem eterna e invariavelmente. Elle vê — é linguagem de Bossuet — todas as participações differentes que pode realisar! E as ideias divinas não são modos de seu ser infinito! são elle mesmo!

Elle existe por toda a parte, elle existe sempre onde lhe approuver realisal-os! Se não pudesse fazer existir fóra de si, e em seus proprios limites, o ser que n'elle é sua essencia infinita, seria menos que o poeta, o orador, o pintor, e o esculptor, que dá uma certa existencia fóra de si a sua obra, quando achou para ella um apoio. O apoio da creatura é o Creator! A multiplicidade encontra sua razão de ser na Simplicidade de Deus, como o tempo em sua Eternidade, como o logar em sua Immensidade!

Mais uma vez: o ser da creatura está ao mesmo tempo no ser creado com limites, e em Deus sem limites. Nada accrescenta ao ser infinito de Deus. *Mais entes, mas não mais ente!*

Uma outra comparação dará relevo á possibilidade, e projectará alguma luz sobre o como da creação, sem que esse como deixe de ser um mysterio impenetravel.

Um rei governava seu reino, onde exercia toda a auctoridade. Era ao mesmo tempo general do exercito, juiz, etc., etc., ou melhor ainda, não havia então nem general, nem juiz, etc. Não quer isto dizer que a auctoridade que constitue e distingue o general, o juiz, etc., não existisse já; mas estava comprehendida na auctoridade do rei, que possuia toda a realidade, estava n'elle porem sem formas, sem os limites, que definem o general, o juiz, etc.

Um dia chegou, em que ao soberano approveu dividir seu imperio em departamentos, districtos e conselhos, etc., e conceder parte de sua auctoridade a um certo numero de seus subditos, creando a uns generaes, a outros juizes, a outros prefeitos, a outros presidentes da camara, etc. Seria desarrazoado dizer depois d'estas creações que havia então no reino mais *auctoridade*, porque nada com isto se acrescentou á *auctoridade* do rei; ha sómente mais *auctoridades*, mais homens tendo auctoridade, em participação ou copossessão da auctoridade, mas sem participarem d'ella de egual maneira. O general é a auctoridade do rei limitada ao commando de tal corpo de exercito; o juiz é a auctoridade do rei limitada ao exercicio da justiça; o prefeito é a auctoridade do rei limitada á administração de tal departamento, etc. Tirai os limites que separam estas auctoridades umas das outras; que o conselho se torne em departamento, e o departamento em reino, que a administração em vez de se limitar á ordem civil, se estenda á ordem judiciaria, militar, etc., encontrareis sempre a auctoridade. E notemos alem d'isso que a auctoridade do general, do prefeito, do juiz, etc., não são uma parte aliquota, a metade, a quarta parte da auctoridade do rei, cada uma d'ellas é a auctoridade do rei limitada

de tal ou tal maneira, participada em tal ou tal grau. Se á auctoridade do rei substituírmos o ser divino ou simplesmente o Ser, ás auctoridades parciaes do general, do juiz, do prefeito, etc., os diversos seres que compõem a creação, encontramos tudo o que dissemos das relações dos entes contingentes com o ente necessario. Esta comparação, coxa como todas as comparações, difere da verdade sobretudo n'isto, que na participação da auctoridade, tracta-se da copossessão de um ente abstracto ou moral, a auctoridade, em quanto que na creação tracta-se da participação do ente real, physico ou concreto. Mas é de primeira intuição que é mister affirmar do ser necessario, infinito, todas as perfeições verdadeiramente aperfeiçoantes dos seres contingentes finitos. E como é para a auctoridade uma perfeição aperfeiçoante o fazer-se participar, o poder delegar, e tanto mais quanto mais extensa e soberana é, o ser dos seres, o ser por essencia, no livre exercicio de sua omnipotencia, deve poder communicar-se indefinidamente, mas não infinitamente, quer dizer que Deus pode chamar livremente uma multidão de creaturas a possuir com elle, por elle, n'elle, mas de modo finito, o ser illimitado e infinito que é sua essencia.

Deve dar-se n'uma palavra co-possessão real do «ser», como ha participação moral do ser moral e absoluto que significa a palavra auctoridade.

Longe de implicar os monstruosos erros do epicurismo e do pantheismo, a doutrina que acabamos de expor é a sua negação e refutação a mais formal. De facto: 1.º Assim como é absurdo dizer que a auctoridade do rei não é senão a somma, a totalidade das auctoridades dos generaes, dos prefeitos, dos juizes, etc., de seu reino, seria tambem absurdo e impio dizer que o ser divino não é senão a somma, a totalidade dos seres da natureza.

Ao contrario d'isso, assim como a auctoridade do

rei é uma realidade distincta da das auctoridades que governam n'ella, por ella, com ella; realidade que deveu preceder e que de facto precedeu essas auctoridades subordinadas, e lhes deu a existencia; assim o ser divino, essencialmente e absolutamente distincto do conjuncto das creaturas, é o ser necessario, eterno, infinito, que precedeu da eternidade as creaturas existentes; e estas creaturas não existem senão porque Deus as chamou á copossessão do ser.

2.º Assim como seria absurdo dizer que tudo no reino é o rei, porque os generaes, os prefeitos, os juizes, etc., participam de modo finito da auctoridade do rei, assim tambem as creaturas não são Deus, precisamente porque não participam senão de modo finito do ser infinito que é Deus.

3.º Assim como é inexacto e absurdo dizer que a auctoridade do general, do prefeito, do juiz é uma emanação espontanea e natural, uma evolução necessaria, um desenvolvimento regular, uma determinação da auctoridade indeterminada do rei; e como forçoso é dizer pelo contrario que todas estas auctoridades só existe m pelo exercicio livre da vontade do soberano, por uma participação, uma delegação livre de sua auctoridade propria e indefinida, da mesma maneira seria impio affirmar, como o prohibe com anathema o concilio do Vaticano, que o ser das naturezas é uma emanação, uma evolução, um desenvolvimento necessario, uma determinação do ser divino. A limitação da auctoridade encontra-se não na auctoridade do rei, mas em cada auctoridade individual! Assim tambem é na creatura e não no Creador que o ser é limitado, determinado, etc. E até creio firmemente que, quando S. Paulo diz: Nós temos em Deus a vida, o movimento e o ser; quere ensinar-nos que Deus está inteiramente presente em cada ser para *causar* n'elle o ser, a acção e a vida; mas não diz que os seres são uma parcella de Deus, que Deus

hes faz compartilhar sua substancia e sua vida por emanção, por effusão, por limitação, por determinação do seu ser. Deus está presente em todas as cousas, porque é a causa necessaria de tudo o que existe.

Convem notar que esta doutrina projecta muita luz sobre todas as questões da philosophia e da theologia natural.

1.º Todas as creaturas são de Deus e em Deus, Deus exerce sobre ellas um dominio de tal sorte essencial e soberano, que deixaria de ser Deus se deixassem de ser suas; como um rei deixaria de ser rei, se um general, um prefeito, um administrador de concelho, um juiz cessassem de administrar em nome d'elle, e se declarassem independentes.

2.º Deus deve necessariamente exigir de todos os seres que tenham por fim ultimo sua gloria, e mórmente dos seres racionaes, que o conheçam, o amem e o sirvam, porque o ser divino que se communica á creatura ama-se essencialmente e honra essencialmente sua gloria.

3.º O peccador que prefere uma participação do ser ao ser infinito, que contra Deus volta o que recebeu de Deus, que o força virtualmente e tanto quanto é da sua parte a negar-se, é incomparavelmente mais culpado, que o general, o prefeito, o juiz que voltassem contra o rei a auctoridade que d'elle tinham recebido.

4.º A creatura que se comprazesse em si mesma, como creatura, que não puzesse toda a sua gloria e grandeza em sua participação finita no Ser, seria como o administrador de concelho assaz louco para glorificar-se não de que participa em certo grau da auctoridade do rei, mas de que sua auctoridade é limitada á administração de um conselho, ou que se gloriasse de uma negação.

5.º Deus não é mais auctor do peccado, Deus não é mais responsavel pelo peccado da creatura, do que

um rei dos abusos da auctoridade d'aquelles que o representam; abusos que resultam necessariamente de que reparte sua auctoridade com seres livres e imperfeitos, abusos que o não obrigam necessariamente a conservar para si só a auctoridade, sem a participar, abusos que tolera e que lhe basta reprimir punindo-os com castigos proporcionados a sua gravidade.

Estas approximações enfim melhor nos fazem comprehender: Como Deus é um rei benevolente e sabio, que se multiplica seus representantes, communicando-lhes sua auctoridade é só para se offerecer sob diversas formas ás homenagens e ao amor de seus vassallos, para vigiar minuciosamente em suas necessidades, para se consagrar inteiramente a seus interesses: *Totus in nostros usus expansus!*

Accrescentemos para complemento d'este confronto, por insufficiente que pareça, entre a auctoridade do rei e o ser de Deus, esta derradeira consequencia. Assim como depois da constituição do general, do do juiz, do prefeito, etc., o rei ficou o que era, afóra o acto de sua vontade n'um momento do tempo, e que foi um modo contingente de sua alma; e assim como todas quantas mudanças estas delegações occasionaram se realisaram fôra do rei, etc.; assim tambem nada tem mudado em Deus, e Deus não perdeu a sua immutabilidade infinita na creação, effeito de uma vontade eterna como elle. A successão e a mudança não podem ter logar em Deus, que é um, simples, indivisivel e immutavel! Deus quiz desde toda a eternidade as leis que no tempo hão de presidir ás successões e evoluções de suas creaturas, em quanto que elle permanece sempre o mesmo.

Mais arrojado do que a maior parte dos apologistas da religião christã, tentei dar uma ideia do como formidavel da creação no intuito sobretudo de melhor fechar a porta ao pantheismo. Se algumas das minhas

expressões porventura não rebatem e enfraquecem assaz este monstruoso erro, retracto-as desde já e de todo o coração.

Um sabio muito illustre, sir Charles Babbage, projectou um feixe de intensa luz sobre a conciliação da immutabilidade divina com a mobilidade incessante da criação, fazendo intervir a machina de calculos analyticos, assombrosa criação de seu genio, que não pôde construir ah! senão em pequenissima escala! O modelo que provocou tamanha admiração, apenas mostrava quinze algarismos, e elle desejava trinta! Movida por um peso, a machina fazia aparecer automaticamente em certos vãos series de numeros, succedendo-se consoante uma lei determinada: a serie dos numeros naturaes, a serie de seus quadrados, de seus cubos, etc., a serie dos numeros triangulares, pyramidaes, etc. etc. Depois de se ter visto uma mesma serie de numeros succederem-se milhares e milhares de vezes, quando se esperava vel-a continuar indefinidamente, tal qual a successão dos phenomenos da natureza, ficava-se de subito surprehendido ao ver por um salto brusco no resultado, mas não na machina, a aparição do primeiro numero de uma serie inteiramente differente da primeira. Nada mudou na machina, é o que o genio do seu creador quiz que fosse em sua origem; a razão da mudança está n'outra parte, em os numeros dos vãos, que são o producto natural e como espontaneo de sua acção, acção sabida eternamente (se pudesse ser eterna) do pensamento de seu auctor. Seria bom ler na obra do sr. Ch. Babbage: *Nono Tractado Bridgewater*, todo o segundo capitulo — *Argumento em favor do designio, deduzido da mudança de lei nos phenomenos naturaes*; bastará porem este breve extracto para mostrar o alcance de suas considerações realmente originaes.

«Em presença de resultados tão simples é impossivel não perceber a applicação que d'elles se pode fazer



ao conjuncto mais grandioso e mais complexo dos phenomenos da creação. Chamar á existencia todas as variedades das formas vegetaes, á medida que são aptas para existir, pela adaptação successiva da terra que as nutre, é indubitavelmente o exercicio do poder creador. Quando uma rica vegetação tem coberto o globo, crear animaes apropriados para esta morada, os quaes nutrin-do-se d'estas plantas luxuriantes, enfeitam a natureza, não é um exercicio menos elevado e menos benevolente do poder creador. Mudae de epocha, passados periodos de tempo mais ou menos longos, as raças existentes, á proporção que a alteração das circumstancias phisicas torna sua habitação menos conforme a seus habitos, permittindo a extincção natural de algumas raças para dar lugar por uma nova creação a outras raças melhor apropriadas ao local previamente abandonado, é sempre o exercicio benevolente do poder creador. Causar uma alteração d'estas circumstancias phisicas para augmentar a somma do bem estar dos animaes recentemente creados, etc., etc., todos estes actos implicam um poder da mesma ordem, uma superintendencia benevolente, attenta a tirar proveito das modificações de meios, no intuito de procurar uma felicidade maior.

— Mas ter visto no momento da creação da natureza, que chegará um periodo, que, entrando em condições melhores e previstas, ha de ser susceptivel de vir a ser o supporte de formas vegetaes; que estas depois de tempo sufficiente hão de poder servir de alimento a formas animaes; que formas gigantescas ou microscopicas deverão, em periodos de antemão assignados, chegar successivamente á existencia para em seguida se extinguirem definitivamente; que esta extincção e esta morte, partilha de cada existencia individual, se ha de exercer com igual poder sobre as raças que constituem, que a extincção de cada raça é tão certa como a morte de cada individuo, e o advento de novas raças

tão natural como a desapareição de suas antecessoras; prever todas estas mudanças e tel-as previsto por leis que a todos abrangem no que deve succeder tanto ás proprias raças, como aos individuos que as compõem, e ao globo que habitam: é a manifestação de uma sciencia e de um poder infinitos. E, n'estas condições perfeitamente dignas de Deus, pode adoptar-se como conclusão indubitavel: «Que as mudanças por lentas e innumeradas que sejam, assim como as transições em apparencias as mais consideraveis e as mais bruscas, são consequencia necessaria de algumas leis mui extensas e mui geraes, decretadas na aurora da *existencia do mundo* por seu Creador.» Fica pois cimentada pelo genio humano e illustrada pela Machina de calculos analyticos, obra prima da mecanica, a conciliação perfeita da liberdade e da mobilidade da creação com a eternidade e a immutabilidade divina. A evolução da materia em Deus é um absurdo desolador. A evolução da materia com Deus, por Deus, em Deus, é uma synthese magnifica do universo que satisfará todos os espiritos, quando for completa pela creação immediata dos espiritos e das almas.

---

## CAPITULO VIGESIMO QUINTO

### A Providencia

Deus ordena, dispõe e rege todos os acontecimentos do universo que creou. Dá a cada ser seu logar, sua cathegoria, sua medida, seu grau, sua proporção; governa-os a todos por uma acção tão forte como suave; opera nos homens, para os homens, muitas vezes pelos homens e mau grado dos homens, tudo o que lhe apraz, quando lhe apraz, como lhe apraz, sem nunca ser embaraçado em seus designios pela resistencia de suas creaturas, attingindo tudo de uma a outra extremidade fortemente, e conduzindo tudo suavemente a seus fins. Não ha dogma tão claramente enunciado pela razão e pelo consentimento unanime de todos os povos. Todos tem reconhecido que a Divindade governa o mundo! Por toda a parte e em todos os tempos os homens lhe tem endereçado deprecações como ao soberano moderador de todas as cousas; sua acção sobre a creatura só é negada por aquelles que dizem não em sua intelligencia, mas em seu coração : Não ha Deus!

Na Sagrada Escripura aparece tambem indubio e refulgente: «Senhor, vós firmastes a terra, a qual está

solida debaixo dos nossos pés. E' a vosso beneplacito que o dia subsiste, porque todas as creaturas estão ás vossas ordens.» «Deus envia a luz, e ella parte; chama-a e ella vem tremendo (*sic*, ondulando)! As estrellas refulgem com todo o seu brilho, cada uma no posto que lhe foi assignado; mostraram prazer em luzir em honra d' Aquelle que as fez.» «Deus toma egualmente cuidado de todos os homens; dá a cada um a vida, a respiração e todas as cousas.» «Foi elle que fez nascer de um só homem o genero humano para que habitasse toda a terra, tendo determinado o tempo preciso e os limites de sua habitação sobre o globo...» «Vós regulastes todas as cousas, diz a sabedoria, com medida, numero e peso, porque o soberano poder pertence-vos e para sempre! Quem poderá resistir á força do vosso braço? O universo é no vosso computo como um grãosinho que a custo pode fazer pender a balança, e como a gota de orvalho da manhã que cahe sobre a terra. Mas vós tendes compaixão de todos os homens, porque tudo podeis; se dissimulais seus peccados, é afim de que façam penitencia.

«Vós amais tudo o que existe, nada aborreceis do que fizestes, porque se o tivesseis aborrecido não o teríeis creado. Que cousa poderia subsistir, se o não quizesseis! Mas sois indulgente para com todos, porque tudo, ó Senhor, vos pertence a vós, que *«amais as almas!»* Quem poderá dizer-vos: porque fizestes isto? Ou quem protestará contra vosso juizo? Quem se levantará na vossa presença para tomar a defeza dos homens injustos? Porque juncto de vós que tendes cuidado de todos os homens, não ha outro Deus, perante o qual se possa apellar dos juizos que pronunciaes. Não ha rei, nem principe que possa levantar-se contra vós a favor d'aquelles que deixastes perecer.»

Jesus Christo Deus, a verdade, a sabedoria, a sciencia, a bondade infinita, pinta-nos a divina providencia

em traços tão simples e tocantes, que seria preciso ser insensato e cruel para não sentir emoção profunda. «Não vos inquieteis para vossa vida do que haveis de comer, nem para vosso corpo do que vestireis. A vida não será mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestido? Olhai para as aves do ceo; não semeiam, nem ceifam, nem congregam em celleiros, e todavia vosso Pai celestial nutre-as! Não sereis vós muito mais do que ellas? E quanto ao vestido, para que vos inquietais? Vêde os lirios do campo, como crescem! Não fiam, nem tecem, e Salomão em toda a sua gloria não vestiu como um d'elles. E se á herva dos campos que hoje existe e amanhã será lançada no fogo, Deus a veste assim, quanto mais a vós, homens de pouca fé?

Não vos inquieteis dizendo que comeremos? que havemos de beber? ou com que vestir-nos? Isso são cousas por que os pagãos andam inquietos! Vosso Pai celestial sabe que de todas ellas precisais! Procurai pois em primeiro logar o reino do ceo e sua justiça; e todas estas cousas vos serão dadas por accrescimo! A cada dia basta sua malicia!...»

Aquelle, a quem estas palavras divinas não enterrecerem não é digno de se confiar á boa Providencia! Torna-se victima voluntaria da fatalidade. Que magnifico commentario d'estes deliciosos convites dos Livros Sanctos! «Deixai ao Senhor todos os vossos cuidados, e elle vos nutrirá!» «Lançai-vos nos braços de vosso Deus, que elle não os retirará para vos deixar cahir!» «A mãe poderá esquecer seu filho, de sorte que não tenha piedade do fructo de suas entranhas? Pois ainda que ella o esquecesse, eu não o esquecerei jamais!» «Deus lhe levará soccorro a seu leito de dor! Vós, Senhor, remexestes-lhe a cama em sua enfermidade!» Eis o divino em sua mais bella expressão.

Que haverá tão admiravel como esta serie ininterrupta de dias e de noites, este curso invariavel dos as-

tros, sem que o sol recuse nunca sua luz, sem que a lua antecipe ou retarde jamais seu curso, sem que nenhum dos astros saia jamais do logar que lhe foi assignado!

E esta successão variada de producções da terra: as arvores, as plantas, as hervas, as folhas, os fructos, cada um e cada uma segundo sua especie, e no tempo assignado para as necessidades e os desejos do homem! Do seio d'esta terra tão vil e tão esteril por si mesma, o calor e a chuva, o sol e os ventos fazem surgir os alimentos dos animaes e do homem. E' evidentemente Deus quem dá na abundancia sua subsistencia a todas as creaturas, quem faz nascer o sol, cahir a chuva sobre os bons e sobre os maus. E como a vida de tantos milhares de seres que cobrem a superficie da terra teria sido deixada ao acaso? O acaso não passa de um vocabulo, menos do que um vocabulo, uma ridicula desculpa da incredulidade ou da tolice humana!

Se os grandes phenomenos da natureza não fossem governados pela sabedoria infinita, e por leis tão antigas como o mundo, onde estariam as garantias da perpetuidade dos seres? E na verdade, o que seria mister para fazer desaparecer todo o vestigio de vegetação e de vida da superficie da terra?

Menos de um anno de secca absoluta ou de chuvas continuas. Que homem haverá bastante insensato ou bastante desnaturado para abandonar ao acaso a subsistencia de sua familia, e não ter mais cuidado d'ella, que se lhe fosse de todo extranha? Mas observações seculares demonstram que as medias de temperatura e de chuva são sensivelmente constantes, e o acaso por certo que não podia produzir esta successão regular das estações. A propria sciencia qualifica-a de lei da natureza, ora toda a lei suppõe um legislador, uma causa, e esta causa não pode ser senão a Providencia divina.

O P.<sup>e</sup> Baudrand dá um relevo admiravel a este en-

cadeiamento providencial dos phenomenos da natureza por um exemplosinho.

A carriça precisa para viver de alguns grãos de milho painço ; mas estes grãos não existiriam se a herva não crescesse. A herva não cresceria se a terra a não produzisse ; a terra não a produziria se não fosse regada pela chuva ; a chuva não cahiria sem as nuvens e os ventos que a carrêam. As nuvens e os ventos não se formariam sem os vapores, e os vapores não subiriam do oceano para a atmospherã, se não fossem gerados e levantados pelos ardores do sol.

Eis pois em que ordem divina o ceo e o sol, o ar e os ventos, as nuvens e as chuvas, o mar e os rios, a terra e seus fructos, todo o universo, entim, concorre de concerto para a producção dos grãos de painço necessarios á sustentação da carriça. Mas de que serviriam os grãos, se ella não estivesse nas condições de os buscar, de os discernir, de os apanhar, de os triturar ? se não tivesse um papo para os engulir, um estomago para os digerir, um grande numero de pequenos orgãos, de canaliculos, de veiasinhas, pelas quaes os sumos dos grãos digeridos, espalhando-se por todo o corpo, o nutrem, o vivificam, o animam e se transformam em osso, em carne, em bico, em unhas, em plumas, etc., etc.?

Ha infinitamente mais arte e industria na organização d'este passarinho, do que em todas as obras da industria humana, que jámais será capaz de fazer um grãosinho de areia, que existe ; uma fevera de herva, que existe e que vive ; uma ave que existe, vive, sente e voa. Uma tal ordem que nenhuma industria humana pode imitar, que nenhuma intelligencia creada pode conceber, que nenhum obstaculo pode suspender em seu curso, que nenhum poder é capaz de alterar, derribar e destruir, é evidentemente obra de uma intelligencia infinita.

O que oppõem ao dogma da providencia divina ?

1.º os veos impenetraveis e aparentemente desoladores que tantas vezes encobrem seus caminhos.

A Providencia que se estende a tudo, que a tudo provê, que tudo regula, o mundo moral e o mundo physico, é o desconhecido, é o mysterio: a voz do genero humano, a razão, o ceo e a terra, a revelação, são o conhecido que nol-a annuncia e a faz brilhar a nossos olhos como um sol refulgente. As contradicções e os escandalos aparentes da terra, eis outro mysterio, são nuvens um instante amontoadas que nos occultam o sol, é o eclipse momentaneo que breve ha de cessar: nuvens ou eclipses que de modo algum são um argumento contra a existencia do sol!

1. *O Triumpho dos tyrannos!* « O rei de Assur diz: « Em minha sabedoria concebi; em minha força executei; devastei as fronteiras dos povos, despojei os principes; mais potente do que elles, fiz descer aquelles que estavam sentados sobre thronos elevados. Meu braço attingiu como em seu ninho a força das nações; como quem apanha cegos abandonados, assim eu apanhei as nações da terra, ninguem estrebuchou, abriu a bocca para soltar o menor grito! » Eis a tyrannia no maior auge! « Cala-te, diz o Senhor! Deverá o machado glorificar-se ou levantar-se contra aquelle que d'elle se serve para fender, ou a serra contra aquelle que a põe em movimento para serrar, ou a vergasta ou o lenho, vis pedaços de madeira, contra aquelle que os levanta para ferir? Vou enviar a magreza para entre essas gorduras! Acima d'esse orgulho se inflammará e arderá como brazeiro ardente. Os espinhos e os aculeos de Assur serão devorados em um só dia. »

2. *A prosperidade dos maus.* « Meus pés quasi que hão trepidado, e meus passos quasi que hão cambaleado ao ver e quasi invejar a paz dos impios. Para elles não ha ideia de morte, nenhum flagello os ameaça. Não tocam com a ponta de seu dedo no labor dos huma-



nos, e nenhum mal lhes acontece. Eis a razão porque estão cheios de orgulho, e se adornam com a impiedade como se fôra ornamento de gloria. A iniquidade sahe de sua abundancia! Entregam-se a todos os desregramentos de seu coração; não pensam, nem falam senão de malignidade, e falam com emphase. Sua bocca está no ceo, e sua lingua toca a terra. Meu povo olha para elles, ao ver seus dias tão plenos. E' entrediz-se: Deus, sabel-o-ha? No Altissimo haverá sciencia? Porque é que elles, peccadores, nadam na riqueza e na abundancia? E' pois debalde que eu tenho conservado meu coração na justiça, e que tenho lavado toda a noite minhas mãos na sociedade dos innocentes? Pois que, depois de haver durado o dia inteiro, minha afflicção e meu castigo recomeçam logo pela manhã! Falar assim seria condemnar toda a familia de vossos filhos á reprovação.

Puz-me então a aprofundar mais este mysterio. Era bem rude minha tarefa; mas concebi a feliz ideia de entrar no sanctuario do Senhor e de interrogar os novissimos dos homens. Era aquillo um laço que lhes armaveis, pois querieis reservar-vos um pleno triumpho. Eil-os cahidos em ruina e devastados completamente. Desappareceram subitaneos, victimas de seus crimes, e desappareceram como o sonho do homem que desperta! Na cidade não deixastes vestigios de sua imagem, restos de sua passagem!!! »

Aqui está o segredo da Providencia! Ella abraça ao mesmo tempo a vida presente e a vida futura! A vida presente, tempo de prova, de combate e de expiação, tempo em que cada um deve completar em si mesmo o que falta á Paixão e Redempção de Jesus Christo! A vida futura, onde a justiça divina será satisfeita e vingada; onde cada um ha de receber a recompensa ou o castigo de suas obras! Em tudo, diz o pio auctor da *Imitação de Christo*, olha ao fim.

O fim para a religião catholica é o juizo derradeiro, a reprovação dos peccadores, e a glorificação dos justos; a homenagem solemne prestada por uns e outros á sanctidade, á providencia, á justiça de Deus! *Nos ergo erravimus! Montes cadite super nos!*

3.º *A desigualdade das condições.* E' uma exigencia absoluta da ordem social; não existe ou quasi não existe no estado selvagem, onde se dá apenas uma inferioridade ou superioridade relativa, consequencia natural da inferioridade ou superioridade dos espiritos ou dos caracteres. E' tanto mais accentuada quanto a sociedade é mais civilisada! Se por impossivel a fizessem cessar, renasceria maior. Seria como um parque cortado ou incendiado, *o carvalho ficará sempre carvalho! a moita será sempre moita!*

4.º *A desigualdade dos bens.* E' tambem uma necessidade, largamente compensada na terra e na eternidade. Os mais felizes nem sempre são ou mesmo não são nunca os que se pensa. O christianismo é a glorificação e a beatificação dos pobres.

5.º *A existencia do mal sobre a terra.* O mal é causado no mundo pelos espiritos. Já Euler, o maior, o mais eminente, o mais sabio, o mais honesto dos mathematicos physicos do seu tempo, e talvez dos tempos modernos, dizia: « A liberdade é uma qualidade essencial de todo o espirito, o proprio Deus não o poderia privar d'elle sem o aniquilar; assim como não pode despojar um corpo de sua extensão ou a materia de sua inercia. O mal é devido essencialmente á natureza finita dos seres creados! Deus pode e deve permittil-o com a condição de tirar bem d'elle em sua misericordia e em sua justiça. » (*Cartas a uma princeza d'Allemanha.*)

Quanto ás loucas affirmações do determinismo hodierno: « Uma necessidade absoluta domina a materia. A lei da natureza é uma lei mecanica! E' a expressão

a mais rigorosa da necessidade! Não ha poder algum, seja de que especie fôr, que escape a esta necessidade, que não reconhece excepção, nem restricção!» é o sonho do universo sem Deus, cuja extravagancia mostrámos. Seus apóstolos depararam a negação do dogma da Providencia n'esta celebre concepção de Laplace: «Uma intelligencia, que, para um instante dado, conhecesse todas as forças, que animam a natureza, e a situação respectiva dos seres que a compõem; se por outra parte fosse bastante vasta para submeter estes dados á analyse, abraçaria na mesma formula os movimentos dos maiores corpos do universo, e os do mais leve atomo.

Nada para ella seria incerto, e o futuro, como o passado estaria presente a seus olhos. O espirito humano offerece na perfeição a que tem sabido elevar a astronomia um esboço d'esta intelligencia infinita. Suas descobertas em geometria, juntas ás da gravidade, tem-no posto ao alcance de comprehender nas mesmas expressões analyticas os estados passados e futuros do systema do Mundo... Aplicando o mesmo methodo a alguns objectos dos nossos conhecimentos, conseguiu trazer a leis geraes os phenomenos observados e prever aquelles que circumstancias dadas podem determinar.» Pois bem, esta concepção é uma homenagem solemne prestada á Providencia divina, e aquella intelligencia soberana é certamente a intelligencia divina, Deus. Laplace accrescenta (*Vêde* t. III): «Todos os esforços do espirito humano, na indagação da verdade, tendem a aproximal-o incessantemente da intelligencia que acabamos de conceber, mas da qual ficará sempre infinitamente affastado!» Se ha determinismo, só Deus pôde no acto da criação, constituir um estado inicial, atómico ou molecular, tal que em cada estado subsequente, em todos os pontos do espaço e da duração, os factos fossem perfeitamente o que são. E se o determinismo deve esten-

der-se aos actos dos seres ou das causas livres, é muito mais indispensavel ainda, que Deus intervenha com sua sciencia e sua omnipotencia.

Aqui fica o governo da Providencia nobremente vingado pela sciencia a mais profunda, e tornado evidentemente compativel com a universalidade e a indefectibilidade das leis naturaes.

Prestemos pois attenção á voz do Sabio! Não digamos:

« Não ha providencia » com receio de que Deus irritado de nossa linguagem impia, não destrua todas as obras de nossas mãos. Se somos espectadores das oppressões dos pobres e das injustiças violentas dos maus, por elevados que estejam, os oppressores e os maus tem acima de si alguém mais elevado. Ha um rei supremo que manda em tudo, ao qual a terra é forçada a obedecer.

---

## CAPITULO VIGESIMO SEXTO

### A Oração

Que haverá de mais natural ao espirito e ao coração do homem do que a prece? O filho implora a seu pai, a esposa a seu esposo, o escravo a seu senhor, o subdito implora a seu soberano! Todo o universo ora! O mundo que passou, como o actual está cheio de preces, de invocações, de *ex-voto*! Os soldados romanos, como os soldados carthaginezes deixaram sobre os penedos dos Alpes testemunhos indiscutíveis da elevação de suas almas a seus deuses!

O instincto innato da oração encerra a convicção íntima de que pode ser ouvida; e como a oração ouvida é uma suspensão, uma derrogação ao menos aparente ás leis da natureza. esta suspensão, esta derrogação não são em si nem impossíveis, nem absurdas. A derrogação aparente não é mais impossível, ou mais absurda, do que é impossível ou absurdo que por vontade de seu auctor a machina de calculos analyticos, depois de ter escripto durante seculos a serie dos numeros quadrados, faça de repente apparecer um numero triangular, para voltar de repente ou depois de certo tempo mais ou

menos longo á serie dos numeros quadrados, ou a uma outra serie de numeros quaesquer.»

A Sagrada Escripura superabunda em preces sa-  
hidas das boccas as mais sanctas e puras e em preces  
como as de Moysés, prompta e miraculosamente ouvi-  
das.

O Evangelho é o codigo da oração curta, ardente,  
seguida sempre de prodigios :

A lithurgia da Egreja catholica é a seu turno um  
arsenal de orações apropriadas a todas as necessidades  
dos individuos, das familias, das sociedades ; e a histo-  
ria da Egreja é a historia de innumerados milagres, favo-  
res ou graças concedidas á oração.

Mas ha no Evangelho em favor da oração um testi-  
munho infinitamente mais auctorizado, que deveria des-  
armar os espiritos os mais prevenidos : o testemunho de  
Jesus Christo, que os inimigos da sua divindade vene-  
ram pelo menos como sabio legislador. «E' mister orar  
sempre e não desfallecer jamais. Pedi e recebereis,  
buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-ha. Porque todo  
aquelle que pede recebe, quem busca encontra, e  
abrir-se-ha a quem bater... Qual de vós dá um escor-  
pião a seu filho que lhe pede um ovo ; ou uma pedra se  
lhe pede pão, ou uma serpente se lhe pede um peixe ?  
E se vós, que sois maus, sabeis dar cousas boas a vos-  
sos filhos, quanto mais vosso pai que está nos ceos da-  
rá a seus filhos os bens que lhe pedirem!... Se dois ou  
tres d'entre vós se reunirem para orar, peçam o que  
pedirem, ser-lhes-ha deferido por meu Pai que está nos  
ceos... Tende fé em Deus! Em verdade vos digo : todo  
aquelle que disser a este monte, levanta-te, e lança-te  
ao mar! se não hesitar em seu coração, se crer que o  
que mandou deve fazer-se, será feito!... Tudo quanto  
pedirdes na oração, estai certos de que o alcançareis e  
sereis ouvidos... Se algum de vós tendo um amigo, for  
ter com elle de noite, e lhe disser : Amigo presta-me

tres pães, porque um parente meu acaba de chegar, e não tenho que lhe dar. Se este amigo falando lá de dentro, lhe gritar: Não são horas, a porta já está fechada, meus filhos e meus servos accomodados, não posso levantar-me e dar-te o que me pedes! Se não obstante o sujeito continuar a bater; ainda que se não levantasse por ser seu amigo, levantaria-se por causa de sua importunação, e dar-lhe-hia os pães de que tinha necessidade. Tambem eu vos digo por minha vez: Pedi e recebereis, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-ha!... Em verdade, em verdade, vos digo, tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, ser-vos-ha concedido... Até hoje ainda não pedistes, pedi e recebereis!»

Assim Jesus Christo, a Verdade, a mesma Sanctidade, impõe-nos como dever rigoroso orar, e orar incessantemente até importunar! Increpa-nos a falta de oração! Affirma-nos com juramento que tudo quanto pedirmos na oração, ainda que seja um milagre, tão grande como a deslocação de um monte, nós o obteremos. Não basta. Jesus Christo que bem sabia que quando a oração não fosse ouvida, seria porque aquelle que ora é mau, ou oraria mal, ou pediria o que para elle seria mal, quiz ensinar-nos elle mesmo a orar! E este ensino foi a obra prima de seu amor. «Quando orardes, entrai em vosso cubiculo, e com a porta fechada, orai a vosso Pai em segredo, e vosso Pai, para quem não ha segredo, vos ouvirá! Não faleis muito quando orardes, porque vosso Pai sabe aquillo de que tendes necessidade, antes que lh'o peçais!»

Eis como haveis de orar:

«Pai nosso, que estais no ceo, sanctificado seja o vosso nome! venha o vosso reino! seja feita a vossa vontade sobre a terra, como no ceo.

«Dai-nos hoje o pão quotidiano. Perdoai-nos nossas offensas, como nós perdoamos áquelles que nos offenderam! Não nos deixeis cahir na tentação. Livrai-

nos de todo o mal. Assim seja!» Que vosso nome seja sanctificado; que venha o vosso reino; que vossa vontade seja feita! Tres actos de charidade perfeita de baixo de uma forma, a que nenhuma boa natureza pode recusar-se, e que por si bastam para nos tornarem agradaveis a Deus! Volveremo-nos assim bons. Perdoai-nos como perdoamos, condição indispensavel para sermos ouvidos! Porque, accrescenta Jesus Christo, se não perdoardes aos homens, vosso Pai celestial tambem vos não perdoará! Orar, depois de terperdoado, é orar bem! O pão quotidiano, o pão consubstancial, o pão do corpo e da alma, o abrigo contra as tentações, a protecção efficaz contra o mal, é o bom por excellencia. Impossivel é pois não ser ouvido. Quantos escolhidos não terá feito esta brevissima oração! E' o divino em sua potencia infinita. Choro lagrimas de alegria, adoro e amo! Aquelle que não chorar de alegria, que não adorar e amar comigo, só tenho a lastimal-o de toda a minha alma e sem esperanza de que abra os olhos!

Que pode oppor o livre pensamento, a falsa sciencia ou a meia sciencia a estes oraculos da propria verdade?

O sr. Tyndall encontrou certo dia em seus queridos Alpes dois padres ainda moços, um Valaisiano e outro Tyrolez, que na forma de um antigo costume vinham abençoar um as fontes do Rhodano, pedindo a Deus que lhe cavasse profundamente o leito, que obstasse a inundações desastrosas ou produzisse alguma derivação benefica; o outro os cimos cobertos de neve para conjurar as avalanches e as inundações. Não se pedia mais do que a deslocação da montanha por Jesus Christo prometida! No fundo pedia-se apenas o pão quotidiano! Taes bençãos não estavam pois fóra da esphera traçada á oração pelo Salvador dos homens. Por outra parte conformavam-se com a lithurgia da sancta



Egreja catholica, apostolica, romana. Para que pois taxal-as de loucuras ou pelo menos de bugiarias sob o pretexto inconsiderado e atheu de que as leis da natureza são inviolaveis, e de que o proprio Deus não pode suspender ou alterar seu curso?

Algumas semanas depois o Conselho da Rainha preceituava á nação dias de lucto e de preces para obter que o cholera, que avançava do Oriente para o Occidente, não invadisse a Inglaterra, ou para que a variola e a peste bovina cessassem de fazer estragos. Este apello á fé dos christãos scandalisou não menos a sciencia do illustre physico. Protestou de novo, invocando sempre o grande principio da invariabilidade das leis da natureza: «Ha seis mil annos que o sol nasce e se põe todos os dias, logo ha de nascer e por-se sempre. E' uma injuria á razão acreditar que as preces são capazes de produzir effeito algum physico, qualquer modificação, qualquer suspensão das leis da natureza.» E cousa notavel, o sr. Tyndall é um dos physicos que ensinou que o mundo havia de acabar pelo fogo! Que ha de chegar um dia, e talvez não longe, em que o sol não mais nascerá, nem mais se porá! Como se vê, a sciencia é realmente o pobre soberbo! O sr. Tyndall concorda no entanto que está absolutamente acima da sciencia demostrar que os dois padres ou a egreja anglicana peçam o impossivel. (*Fragments of science*, pag. 361, linhas 12 e seguintes.) Já é alguma cousa, mas não basta.

Porque é que depois de haver nascido o sol ha seis mil annos se não recusaria um dia a fazel-o? A machina de calculos de sir Babbage depois de ter registado durante dez mil annos a serie dos numeros quadrados, pode em um momento dado fazer aparecer de repente um cubo, pela vontade anterior de seu auctor, vontade consignada na machina no momento de sua constru-

ção. E o Creador e Motor Supremo do universo não havia de poder fazer o que é possível ao genio do homem creado a sua imagem! Um confrade do sr. Tyndall deu-lhe na *Pall Mall Gazette*, sob o véo do anonymo uma resposta mui simples, mas que ficou sem replica. No mundo physico ha só materia, moleculas que se atrahem e se repellem, mas ha acima d'elle espiritos essencialmente livres que não podem entrar nas equações do determinismo! As vontades dos homens por exemplo, sem cessar em acção, exercem uma influencia pequena em apparencia, mas real e visivel, sobre os phenomenos naturaes, e moderam o curso das leis que os regem. Os fogos que elle acende, os arroteamentos que opera, as florestas que planta ou corta, os pantanos d'agua doce ou salgada que enxuga, as perfurações das montanhas, etc., modificam, e algumas vezes profundamente, o clima de uma localidade determinada ou de regiões inteiras. A chuva era rara antes da abertura do canal de Suez, hoje é lá frequente!

Fala-se do restabelecimento do mar do Sahará para de novo fecundar o deserto! Uma geleira, atraz da qual fazia pressão uma enorme massa d'agua, estava a pique de esmagar e engulir a aldeia de Niegés. Um habil engenheiro depois de haver por uma perfuração dado sahida á agua represada, mandou serrar a geleira, e fel-a cahir em pedaços inoffensivos; estava conjurado o flagello! Ora aquillo que pode de modo limitado a vontade livre, mas tão fraca do homem, porque o não poderá a vontade omnipotente de Deus em maior escala? Porque é que a supplicas do homem, a quem prometeu ouvir, não ha de intervir Deus mysteriosa, mas soberanamente?

O argumento era irrefragavel, o sr. Tyndall só lhe achou um supposto defeito, o de alentar a crença dos antigos pagãos e dos modernos selvagens, que attribuem

cada mudança de aspecto da natureza á entrada em scena de uma divindade arbitraria!!! (*Fragments of sciencie*, p. 368).

Ah! quanto melhor inspirado não era o grande Euler, alma tão candida, espirito tão lucido, mathematico tão eminente, physico tão experimentado, quando escrevia ha já cem annos, o que os sabios de hoje deviam córar de não ter lido! «A religião prescreve-nos o dever da oração, dando-nos a segurança de que Deus ha de ouvir nossos votos, com tanto que sejam conformes ás regras que nos preceituou. Por uma parte, a philosophia ensina-nos que todos os acontecimentos d'este mundo se succedem conformemente ao curso da natureza estabelecido desde o principio, e que nada pode impedir o que Deus quiz e previu. Mas respondo que quando Deus estabeleceu o curso do mundo, e dispoz todos os acontecimentos que deviam dar-se, attendeu sem duvida a todas as circumstancias que haviam de acompanhar esses acontecimentos, e particularmente ás disposições, aos votos, ás preces de todo o ser intelligente, e o arranjo de todos os acontecimentos foi posto perfeitamente de accordo com todas estas circumstancias. Quando pois um fiel dirige a Deus uma oração digna de ser ouvida, não deve pensar-se que esta oração só agora chegue ao conhecimento de Deus; já a ouvira desde a eternidade, e se como pai de misericordia a julgou digna de despacho, dispoz expressamente o mundo em favor d'esta oração, de forma que seu despacho fosse uma consequencia do curso regular dos acontecimentos.

«E' assim que Deus attende ás orações dos fieis sem operar milagres; muito embora não haja razão alguma para que Deus não haja feito e faça ainda verdadeiros milagres.» (*Cartas a uma princeza d'Allemanha*. Carta nonagesima.) Aqui está a verdadeira sciencia, e é a sciencia christã.

O sr. Tyndall nega que possa haver ou que haja um elo entre a oração, entre as disposições das vontades humanas e os phenomenos physicos: é um desmentido gratuito dada á Sagrada Escriptura. «Recusei-vos a chuva, diz Deus pela bocca do propheta (Amós, iv, 7), tres mezes antes das ceifas . . . Mandei chover sobre uma primeira cidade e não sobre uma segunda. Sobre uma terceira não chovi senão em parte, e a parte sobre a qual não choveu, seccou-se completamente.» «Elias diz o apostolo S. Thiago (Ep., v, 17), era homem como nós, tendo as mesmas paixões; orou com instancia que não chovesse sobre a terra, e não choveu durante tres annos e seis mezes.

Orou de novo, e o ceo deu chuva, e a terra produziu seus fructos!»

A illusão da sciencia é rebaixar Deus a seu nivel, tão baixo! Para Deus eterno e immenso não ha nem espaço nem tempo, nem passado nem futuro. Elle existe e nós existimos, nós movemo-nos e vivemos n'elle. E' o mysterio dos mysterios, diante do qual todos os outros mysterios, e todas as outras objecções se desvanecem.

---

## CAPITULO VIGESIMO SETIMO

### O Milagre

Dissemos do milagre, de sua possibilidade, necessidade, realidade, tudo o que d'elle se pode essencialmente dizer; portanto apenas nos resta desfazer aqui certas objecções e esclarecer por uma comparação feliz que as recentes descobertas da sciencia nos fornecem, a natureza e o modo da producção do milagre.

«*Que necessidade ha de recorrer ao milagre?* disse Diderot. Para mim basta-me o syllogismo. Uma só demonstração satisfaz-me e bem mais que *cincoenta factos!* Para que apertar-me com prodigios, quando podeis subjugar-me com syllogismos? Pois que! seria mais facil dar pernas a um coxo, do que esclarecer-me?

O syllogismo, como já observámos, não se impõe á convicção da intelligencia por causa da intervenção da vontade; e o raciocinio é privilegio de um pequeno numero! Por outra parte como La Harpe respondia a Diderot, o milagre é o syllogismo em acção, o melhor de todos. Se Deus me conferiu um poder que só a elle pertence e que não pode ser attributo do homem, com certeza que foi elle que me enviou, e que a palavra que eu

annuncio é sua: a maior é evidente. Ora eu recebi de Deus este poder: provo a menor: *Lazaro sahe do tumulo!* E o cadaver de Lazaro morto havia quatro dias, á vista e conhecimento de uma cidade inteira, levanta-se e sahe do sepulchro; logo, etc.

O syllogismo é cabal! Mas admiremos de passagem a grande predilecção que tem pelo syllogismo aquelles que o não entendem e ao mesmo tempo a estulta aversão que tem do syllogismo aquelles que sabem fazer uso d'elle! (*Curso de litteratura*)

2.º *O milagre é impossivel!* Não, e é violar todas as regras da logica, quando o mundo está cheio de milagres, concluir de uma supposta impossibilidade para a não existencia dos factos.

Não é assim que tem pensado o genero humano, que sempre e por toda a parte acreditou no sobrenatural, na intervenção directa de Deus no governo do universo, e que nunca pensou que o mundo fosse qualquer machina material funcionando sem Deus. Não, porque não ha povo algum que não tenha levantado para o ceo as mãos supplicantes. Não, porque as leis da criação não são absolutas, immutaveis, geometricas, e Deus, longe de ter as mãos atadas a seu respeito, pode derogal-as ou melhor, pode tel-as derogado desde toda a eternidade por um decreto livre de sua vontade.

Deus pôde crear, creou! E a criação é o maior dos milagres. Como então não havia de poder fazer todos os milagres imaginaveis? O Deus que não pudesse fazer milagres seria um Deus antiscientifico, antihistorico, pois não seria o Deus creador. Se as leis e as forças da natureza são absolutas e eternamente invariaveis, se não podem ser impedidas em sua marcha, como explicar que nós mesmos em muitos casos as mudamos, as submettemos, e desviamos de nós seus effeitos nocivos, e até remontamos a sua origem para as supprimir? Como actuamos sobre o espirito de nos-

sos semelhantes, e chegamos a modificar suas condições e suas vontades?

Se Deus tem dado ás coisas creadas a virtude de produzir seus effeitos, não deverá ter essa virtude em si mesmo? E se possui essa virtude, não devemos pensar que pode a seu grado produzir os effeitos das cousas creadas sem as cousas creadas, queiram ou não queiram estas cousas: multiplicar o trigo sem a intervenção da terra, curar as enfermidades sem remedios, etc., etc.? Demais, em que ficaria perturbada a ordem da natureza, se Deus previu as excepções; se para si as reservou, se as fez entrar na ordem geral da natureza; se por uma excepção prevista, o fogo, conservando a sua propriedade de consumir, não consome; se a agua do rio, conservando a propriedade de correr, sobe para a sua origem; se tal doença é curada sem medicos nem remedios; se um morto resuscitado vem retomar o logar que alguns dias antes occupava entre os vivos? Longe de perturbar a ordem, o milagre favorece-a, porque é um dos meios os mais efficazes, pelos quaes Deus executa o plano que formou, e conduz os seres a seu fim ultimo e universal: sua gloria e sua felicidade! Quando Deus faz milagres, dizia S. Agostinho, muda sua obra, mas não muda de designio! Seria grande honra, são palavras de Rousseau, punir aquelle que negasse a possibilidade do milagre; bastaria encerral-o.

3.º *A possibilidade do milagre ou de uma derogação ás leis continuas da natureza, é menor do que a probabilidade de um erro da parte das testemunhas que affirmam esta derogação ou este milagre! Logo o milagre tem a seu favor uma probabilidade não só nulla, mas negativa, quer dizer, que tem contra si toda a probabilidade!* Este sophisma é do muito celebre philosopho inglez Hume, sophisma tantas vezes repetido e tão interesseiramente gabado! Mas não deixa de ser um sophisma, porque

oppõe a um facto affirmado, o milagre, não sua impossibilidade — Hume não a nega — mas sua improbabilidade, o que é ainda mais absurdo do que oppor ao movimento ou deslocação no espaço sua pretendida impossibilidade.

Pois não estará em a natureza essencial de certos factos em geral, e do milagre em particular, serem improváveis, inverosímeis? Não affirmará a razão como axioma que o verdadeiro pode ser completamente inverosímil e por conseguinte improvável? Sir Charles Babbage, em seu nono tratado de *Bridgewater*, nota 1, pag. 131, não ficou por aqui; a esta resposta philosophica accrescentou a prova rigorosa de que o cacarejado argumento de Hume era mathematicamente falso. No tempo de Hume, o calculo das probabilidades estava muito pouco adeantado para que se ousasse tentar sequer a comparação rigorosa das duas probabilidades oppostas uma á outra por Hume, probabilidade do milagre e probabilidade do erro das testemunhas. Mas as fecundas theorias de Laplace tornaram possível este calculo.

Sir Charles Babbage fel-o, e pôde estabelecer a seguinte proposição: Por grande que seja a probabilidade fornecida pela experiencia contra a occorrença de uma derogação ás leis da natureza ou de um milagre, é sempre possível conceber um numero de testemunhas bastante consideravel para que a improbabilidade do erro de seu testemunho seja maior do que a improbabilidade da occorrença do milagre. Por outras palavras: é sempre possível conceber ou assignar um numero de testemunhas independentes tal, que a improbabilidade da falsidade de seu testemunho concordante seja maior que a improbabilidade da occorrença do proprio milagre, tal por consequencia que na theoria de Hume viria a provar a verdade do milagre.

Sir Charles Babbage não se limitou á analyse, pas-



sou aos numeros, e os numeros deram um desmentido brutal ao sophista.

4.<sup>o</sup> *E' impossivel verificar o milagre*, e por isso adquirir a certeza d'elle! Esta asserção é o cumulo do absurdo. Serão precisos muitos mais milhares de olhos para attestar a morte e a vida de Lazaro, do que a morte e a vida de outro qualquer? Serão precisos muitos milhares de ouvidos para ouvirem a voz potente que o chamou á vida? Será mister mais bom senso do que o do commum dos mortaes para comprehender que se um homem pode passar naturalmente do somno á vigilia, não pode passar da morte á vida senão por uma virtude sobrenatural? Affirmar que é mister para que um milagre seja certo, que se faça n'um amphitheatro, á vista dos medicos, dos physiologistas, dos physicos e dos chimicos, na presença de uma commissão composta de homens especiaes, exercitados na observação e analyse, que façam selecção do cadaver, que escolham a sala, regulem o programma da experimentação, é simplesmente caricato e indecente.

Diremos até, que o homem do povo, o homem da multidão é mais competente do que o sabio, porque o sabio, muito orgulhoso, nunca admittirá factos fóra de suas theorias e de suas formulas! Deus revela-se aos pequenos e dispensa suas graças aos humildes.

3.<sup>o</sup> *Os milagres podem ser explicados pelas vias da natureza hoje melhor conhecidas!* Não! Sua explicação não pode applicar-se a nenhum dos milagres de Jesus Christo e dos apóstolos, e muito menos aos Esplendores da Fé!

Invoquem os sabios, quanto quizerem, as leis ainda desconhecidas da natureza, appellem para o poder da imaginação, emquanto não demonstrarem que um medico pode curar um doente só pelo poder da sua palavra, resuscitar um morto por um mero acto de sua vontade, etc., ou que a imaginação pode consolidar uma

fractura, fechar uma ferida, dar vista a um cego, fazer cair a chuva, ou trazer o bom tempo, nada terão feito.

6.º *Hoje não se fazem já milagres!* Basta que os houvesse para que a Religião christã seja divina. Mas o milagre nunca deixou de brilhar no seio da Egreja de Deus.

Vêde-me Lourdes e as canonizações dos sanctos continuas, que nunca dispensam milagres bem estabelecidos. E os quinze esplendores da fé, prophecias a realisarem-se no decurso dos seculos, milagres incessantes, mais fulgentes que a resurreição dos mortos.

7.º *Os milagres podem ser feitos pelo demonio!* A existencia do demonio é de per si um milagre, pelo menos um factó sobrenatural, conhecido principalmente pela Revelação! O demonio não pode ter sido o auctor dos milagres de Jesus Christo, dos apóstolos, da sanctissima Virgem, dos sanctos, porque são operados contra elle, e ninguem é contrario a si mesmo.

Mais tarde teremos occasião de ver o que são os pretendidos milagres do magnetismo e do espiritismo, etc.

18.º *Todas as religiões, mesmo aquellas que são evidentemente falsas tem seus milagres!* Semblante de milagres, rasgos de força e de destreza, effeitos de prestidigitação, sim! Verdadeiros milagres, não!

De resto as pretensões de todas as religiões ao milagre prova que sempre se acreditou que o milagre é possível e necessario, porque é como a assignatura posta por Deus na sua obra! E que são esses pretendidos milagres do paganismo em comparação da serie imponente d'aquelles desde Moysés a Jesus Christo, e desde Jesus Christo até nós que tem sido operados publicamente e em pleno meio dia deante de milhares de testemunhas interessadas em contradital-os, tanto mais que visavam não a afagar as paixões, mas a reformar os costumes?

Digamos por fim como por uma comparação mui

tocante e apellando para a obra prima por excellencia da mecanica-mathematica, sir Charles Babbage, o immortal auctor da *Machina de calculos analyticos*, chegou a esclarecer a uma nova luz a questãõ da natureza e da possibilidade do milagre.

«O leitor está pois assentado em frente da machina de calculos, posta em movimento por uma manivela, e vê aparecer nos vãos dos algarismos, representando numeros, que se succedem segundo uma lei determinada, a serie, por exemplo, dos numeros quadrados 2, 4, 9, 16, 25, 36.

«Pode prolongar a experiencia tanto tempo quanto quizer, supponhamos que durou annos e seculos, sem que jamais deixasse de ver que o numero escripto a cada instante é o numero quadrado que se segue de tal forma que esta producção dos numeros quadrados é como uma lei da natureza, a successão indefnida dos movimentos e occasos do sol, e que se poderá apostar mil contra um em como o numero seguinte ha de ser ainda um numero quadrado. Mas eis que o constructor da machina exclama de subito: O primeiro numero que vai aparecer nas casas, e que julgaveis seria um numero quadrado, não o será. Quando a machina foi originariamente creada para marcar estes numeros, imprimi-lhe uma lei que coincide em todos os casos com a dos numeros quadrados, mas lavrei excepção para o numero que agora vai aparecer. Depois de este se haver mostrado, a lei dos numeros quadrados retomarã sua marcha ordinaria e invariavel até á destruição da propria machina.

Aquelle que presenciar este facto extraordinario não poderá deixar de conceder ao artista que soube realisar o cumprimento d'este facto e o previu um tão grande numero de seculos antes, um mais alto grau de potencia do que se a machina apenas registrasse uma serie. E se o inventor explica que na construcção da

machina, pode á sua vontade fazer apparecer a seu tempo qualquer numero que seja uma excepção ás leis estabelecidas, para todos os periodos futuros, por affastados e deseguaes que se imaginem; se a isto accrescentar que deu este modo de construcção á machina para a pôr de perfeito accordo com os acontecimentos em cada um dos periodos respectivos, o observador não poderá deixar de reconhecer um poder mais consideravel do que se na occasião de se dar um d'estes acontecimentos fosse preciso intervir para perturbar momentaneamente a marcha dos calculos da machina. Se alem d'isso o inventor para a perfeita intelligencia da machina produzisse elle mesmo por um simples processo, v. gr., deslocando-se um eixo, estes desvios apparentes, toda a vez que lhe apparecessem determinadas combinações; se enfim fosse dotado do poder de pre-nunciar os casos excepçionaes que dependem só da vontade do observador, muito embora debaixo de outras relações ultrapassem os limites de seu poder e intelligencia, dever-se-ha concluir que uma tal machina suppõe um poder inventivo acima de toda a comprehensão.

A machina de calculos analyticos que offereço aos olhos do leitor possui semelhantes qualidades. Foi feita para obedecer a qualquer lei dada, e para produzir em periodos, tão affastados quanto se queira, uma ou muitas excepções apparentes á lei. E' mister no entanto observar que esta lei aparente, que chegou a impor-se á attenção do espectador em consequencia de uma inducção illimitada não é a plena expressão da lei, em virtude da qual funciona a machina; tambem deve notar-se que o caso de excepção é tão absoluta e irresistivelmente a necessaria consequencia da organização primitiva da machina como qualquer calculo individual, tomado no conjuncto d'aquelles que ella pode eventualmente produzir.

Não foi intenção minha dar á machina em seu plano primitivo o poder de fazer calculos tanto acima da analyse mathematica, como aquelles de que acabo de falar; não entrevejo mesmo actualmente o periodo depois do qual esta extensão poderia ser util ao espirito humano. Apenas me circunscrevi a dar á invenção um grau de generalidade, que encerrasse uma grande manifestação de poder mathematico.

Estou intimamente convencido de que as generalisações mecanicas que é susceptivel de receber vão muito alem d'aquellas que estudei. Puz tambem de parte certas combinações que não poderão ter utilidade senão a grandes intervallos.

Por entre aquellas que me chamaram a attenção, observei as possibilidades de que acabo de falar; e as reflexões por ellas produzidas em meu espirito animaram-me a proseguir minhas investigações. Se o leitor concordar comigo em que estas especulações conduzem a uma concepção mais elevada do grande Auctor do universo, do que todas as outras até hoje ensaiadas, convirá egualmente em que o estudo dos ramos os mais abstractos da mecanica pratica, combinado com o das mathematicas no que de mais profundo ellas contem, não embaraça de modo algum o espirito humano na percepção das razões evidentes da verdade dos dogmas da religião natural. Ouso mesmo affirmar que estes caracteres proporcionam provas quiçá mais extensivas da grandeza da criação, do que as fornecidas até hoje pelas sciencias de observação, ou a physica.

Aqui está mais uma vez a ultima palavra da sciencia, *nec-plus-ultra* da sciencia a mais adeantada; nada tenho a accrescentar. A sciencia pronunciou-se, a causa está julgada!

## CAPITULO VIGESIMO OITAVO

### O Peccado Original

Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher, foram collocados no paraíso terreal. Depois de um certo tempo de prova fixo por Deus, deveriam sem morrer entrar de posse da felicidade sobrenatural dos ceos. Mas desobedeceram comendo o fructo prohibido.

Perdendo em consequencia d'isso a vida da graça e a justiça original, foram expulsos do paraíso terrestre, condemnados aos trabalhos, ao soffrimento e á morte; cahiram sob o poder do demonio, que os estimulara á desobediencia.

O castigo e suas funestas consequencias, a ignorancia, a concupiscencia, a privação da graça sanctificante, a escravidão do demonio, etc., alcançaram toda a posteridade de Adão e Eva. Nascemos todos concebidos no peccado, filhos de ira, excluidos da felicidade sobrenatural dos ceos: E' o dogma e o mysterio do peccado original! dogma, mysterio claramente affirmado e definido na sagrada Escriptura, nos ensinamentos da Egreja, nas tradições do genero humano. «Porque eu, dizia David, fui concebido em iniquidade, e minha mãe

concebeu-me no peccado. » (Ps. L.) « Quem, exclamava Job, poderá tornar puro o homem nascido de immundo semen? Como poderá o homem, nascido de pais culpados, ser immaculado e justo? » (xiv, 4; xv, 14.) « O peccado entrou no mundo, dizia S. Paulo, por um só homem, em quem todos peccaram, e pelo peccado a morte que a ninguem poupa. » (*Rom. v, 12.*) « Nós somos por natureza filhos de ira. » (*Epist. ii, 3.*)

Resumindo o ensino das sanctas Escripturas, dos sanctos Padres, dos concilios anteriores, o juizo e o sentimento da Egreja universal, o concilio de Trento formula assim seus anathemas: « Se alguém não reconhecer que Adão, o primeiro homem, depois de haver transgredido no paraizo terrestre o mandamento de Deus, perdeu por isso a sanctidade e a justiça nas quaes fora investido; que por esta prevaricação incorreu na colera de Deus, e por conseguinte na morte, com que Deus antes o ameaçara, e na servidão d'aquelle que desde então teve o imperio da morte, o demonio; e que por este peccado Adão todo, em seu corpo e em sua alma, ficou reduzido a um estado peor; seja anathematizado.

2.º Se alguém affirmar que a prevaricação de Adão a elle só prejudicou e não a sua posteridade pela perda da sanctidade e da justiça que de Deus recebera, ou que inquinado por um peccado de desobediencia, não transfundiou em todo o genero humano senão a morte e as penas do corpo, e não assim o peccado que é a morte d'alma; seja anathematizado.

E' pois de fê: 1.º que Adão foi creado não no estado de natureza pura, mas na sanctidade e na justiça sobrenaturaes, dons de Deus gratuitos; 2.º que por seu peccado decahiu do estado sobrenatural de justiça e de sanctidade, e que ficou reduzido ao estado de natureza pura, ou mesmo a um estado peor que o de natureza

pura (é pelo menos a opinião do maior numero de theologos, e quer-nos parecer que o comparativo *peior* do concilio de Trento não soffre outra interpretação); 3.º que a prevaricação de Adão se tornou commum a toda a sua raça não só quanto á pena e á morte, mas tambem quanto á culpa ou mancha inherente e propria de cada um; n'este sentido que todos peccaram realmente em Adão e nascem peccadores, filhos de ira, não por imitação, mas por propagação.

Esta historia da queda do homem, da degradação da raça humana, é demais a mais attestada pelo conjuncto de todas as tradições. Encontramos de facto por toda a parte o homem primitivo creado no estado de innocencia, de felicidade e civilisação; collocado em um logar de delicias; rei da natureza, dando aos animaes nomes convenientes; conversando familiarmente com Deus, etc., a primeira mulher prestando ouvidos á voz da serpente e introduzindo o mal no mundo; Adão perdendo toda a sua posteridade por uma fatal condescendencia aos desejos de Eva; Adão e Eva envergonhando-se de sua nudez, e cosendo vestidos para a occultar; Eva condemnada ás dores de parto; Adão e Eva entregues á ignorancia, á concupiscencia, ao sofrimento e á morte; a denuncia de uma inimidade eterna entre o homem e o demonio; a promessa do perdão e de um mediador entre Deus e o homem, etc., etc.

Pode enfim invocar-se em favor do dogma christão o estudo psychologico da alma humana e a prova experimental. Dizem-nos de feito que a perturbação, a desordem, a contradicção, e por conseguinte a queda estão na alma humana.

A Phedra antiga, como Job, como S. Paulo, lastimam-se amargamente de não poderem fazer o bem que querem, e de se verem fatalmente arrastados ao mal que reprovam. «Nada nos choca tão rudemente, dizia



Pascal, como esta doutrina do peccado original, e não obstante ser este mysterio de todos o mais incomprehensivel, ficamos sem elle incomprehensíveis a nossos proprios olhos... O homem é mais incomprehensivel sem este mysterio, do que o proprio mysterio o é para o homem... Confesso que depois que a religião christã, descobre este principio — o da corrupção e queda da natureza humana—os olhos se abrem para ver *por toda a parte* o character d'esta verdade, porque a natureza mostra *por toda a parte* um Deus perdido no homem e fóra do homem.» Bossuet diz a seu turno: «*D'onde esta discordancia*, e porque se me offerecem estas partes tão mal accommodadas? Estas medidas tão discordantes, com fundamentos tão magnificos, não estarão a clamar bem alto que a obra não é absolutamente divina, que o peccado se intrometteu n'ella, que o homem quiz a seu modo edificar sobre a obra de seu creator, e se desviou do seu plano? aqui está a palavra do enigma, eis solta a difficuldade!»

Entim Chateaubriand: «O peccado original é bem palpavel, porque o homem tal como o vemos não é o homem primitivo. Elle contradiz a natureza, desregrado quando tudo está regulado, duplice quando tudo é simples; mysterioso, mudavel, inexplicavel, está visivelmente no estado de uma cousa que um accidente esbarrou. É um palacio em ruinas e sobre ellas reedificado... A confusão e a desordem de todos os lados, sobretudo no sanctuario.» O proprio Bayle vencido pela evidencia, disse: «A vida presente não é mais do que uma lucta perpetua das paixões com a consciencia, na qual esta fica quasi sempre vencida. O que ha de mais singular n'este combate é que a victoria se declara muitas vezes a favor do partido que affronta as ideias que se tem da honestidade, e o conhecimento que se tem do seu interesse temporal.

O verdadeiro systema dos christãos é o unico que

pode resolver estas difficuldades. Ensina-nos que depois de haver cahido o primeiro homem do estado de innocencia, todos os seus descendentes ficaram eivados de tal corrupção, que se não fôr a graça sobrenatural serão necessariamente escravos da iniquidade, propensos ao mal, etc.»

Este facto psychologico extraordinario — que somos seres contradictorios comnosco—não pode provir de Deus que é a ordem por essencia. Não provem da fraqueza inherente a todo o ser finito, porque a alma feita á imagem de Deus ha-de propender naturalmente para Deus. Não vem do abuso que tivessesmos feito pessoalmente da nossa liberdade, porque nos sentimos propensos ao mal desde a infancia, logo que fazemos uso de nossas faculdades, como se o vicio nos fosse connatural, e nascesse em nossa alma como os espinhos e abrolhos nascem da terra sem cultura. Logo esta contradicção não pode vir senão de uma falta primitiva que se nos transmite hereditariamente pelo nascimento.

Advertiremos porem que esta prova fornecida pela psychologia e pela experiencia não tem valor sem que primeiramente se prove: 1.º que o estado de natureza pura é contrario á natureza de Deus e do homem; 2.º que nascemos em um estado de degradação peor que o estado de natureza pura; ora 1.º todos admittem e é quasi dogma de fé que Deus teria podido dar ao homem sahido de suas mãos o que constitue essencialmente sua natureza, *largiens naturam*, sem lhe acrescentar gratuitamente, benevolmente a graça, *donans gratiam*; 2.º muitos theologos não duvidam conceder que o estado actual do homem não é debaixo de nenhum ponto de vista intrinseco peor que o estado de natureza pura; que não ha entre o homem da natureza pura e o homem decahido outra differença que a de um homem nú e de um homem espoliado; que nossa corrupção não é o effeito nem da privação de um dom

natural, nem de uma qualidade morbida, de que a alma esteja affectada.

N'este sentir bastante commum e tolerado pela Igreja, todo o peccado original consistiria na privação causada pela desobediencia de Adão da vida da graça, e dos dons sobrenaturaes da alma. Havia entre Adão e nós uma solidariedade essencial; em virtude d'esta solidariedade nascemos na indigencia em que elle cahia; a justiça divina retira-nos privilegios gratuitos, e despoja-nos dos dons sobrenaturaes.

E' claro que debaixo d'este ponto de vista as objecções, com que se combate o dogma ou mysterio do peccado original perdem toda a sua força.

Não mais se dirá: 1.º que este dogma é um dogma barbaro, visto a privação de dons gratuitos e sobrenaturaes não ser contraria nem aos attributos de Deus, nem aos direitos essenciaes do homem; 2.º que o filho seria contra toda a justiça culpado pelo peccado que não commetteu, porque a transgressão é obra de Adão; que ha apenas um peccado original; que o filho nasce tão sómente na privação de bens gratuitos; 3.º que não se poderia explicar a cumplicidade do filho senão pela preexistencia das almas ou por uma especie de pantheismo humanitario; porque não ha participação alguma do filho na falta adamica; 4.º que nós explicamos a concupiscencia pela concupiscencia, porque não é á concupiscencia, mas á liberdade só que vamos buscar a razão da possibilidade da culpa original.

Mas vejo-me forçado, mau grado meu, a admittir que esta theoria é muito indulgente, que o peccado original não pode ser uma simples denegação ou privação; que entre o homem decahido e o homem de natureza pura ha maior differença do que entre o homem espoliado e o homem nú; que a resposta ás objecções corre de seu; que n'uma palavra as explicações fazem des-

aparecer ou antes suprimem os mysterios do peccado original.

Esta doutrina não se harmonisa sufficientemente nem com a *ideia do semen immundo* de Job, nem com a concepção *na iniquidade e no peccado* de David, nem com a expressão formidavel de S. Paulo *filhos de ira, por natureza*, nem com o *genero humano, inficionado originalmente por algum peccado*, de S. Thomaz de Aquino; nem finalmente com o homem ferido em suas faculdades naturaes e constituido em *um estado peior* do concilio de Trento. Quanto a mim a transmissão a todos os homens do peccado original implica mais do que uma simples espoliação, implica uma alteração intrinseca, uma diminuição verdadeira e profunda das faculdades naturaes. A concupiscencia do homem decahido é mais ardente e desenfreada; a promptidão ao mal de suas sensações e pensamentos, que inspirava a Deus piedade profunda, é mais accentuada; a malicia em que o mundo jaz alagado é mais espantosa do que o teria sido no estado de natureza pura. Sim, ha perversidades humanas que sahem da ordem natural, e que se podem chamar sobrenaturaes, porque são a consequencia necessaria de uma natureza viciada ou de uma influencia, de uma obsessão diabolica exaggerada, á qual o homem não teria sido sujeito no estado da natureza pura. Não é em odio da criação, mas em odio da redempção que o inferno se encarniça contra o genero humano, e vagueia sem cessar como leão avido da preza. Resta mostrar como esta alteração da natureza humana em Adão e a transmissão d'ella a sua posteridade são razoaveis, justas, conformes ás leis geraes da criação, da geração, etc., ou o que vale o mesmo — que ellas são realmente a consequencia necessaria das ideias universalmente admittidas sobre a solidariedade inherente á sociedade physica, physiologia, moral e social do genero humano.

A fé e a razão dizem-nos que a alma humana é a forma substancial do corpo, o agente pelo qual o ser humano existe, vive, sente : o principio de todos os seus actos, de todas as suas operações ou funcções, nutrição, crescimento, geração, etc., etc. Pelo facto de ser a forma substancial do corpo, o principio de seus actos, se a alma soffrer no proto-parente do genero humano uma profunda modificação, esta modificação profunda terá seu retinimento em toda a natureza humana; ora que maior modificação na alma, do que a cessação brusca da vida sobrenatural da graça?

Logo é muito natural que pelo peccado a natureza humana haja sido profundamente alterada; que o imperio da alma sobre o corpo e os sentidos do corpo haja diminuido em proporção consideravel; que a intelligencia se haja tornado menos accessivel á verdade, a razão menos recta, a consciencia menos esclarecida, os sentidos menos sujeitos á razão, etc., etc. Assim comprehendida a mysteriosa alteração da natureza humana, comprehende-se sua transmissão hereditaria sem difficuldade, porque não passa de uma consequencia natural da geração. A alma como forma do corpo determina esta funcção mysteriosa, e o germen que a constitue é passivo da alma, modificado ou alterado, quando a alma soffreu uma alteração profunda! Não será esta a razão do *semen immundo de Job*? Já atraz vimos que a concepção está na dependencia das impressões recebidas do exterior; foi d'este modo que explicamos a parturição, reputada impossivel, dos cordeiros malhados de Jacob, e hoje proclamada um phenomeno quotidiano, confirmado pelo facto immenso de que em a natureza o pello dos animaes e a plumagem das aves são de uma uniformidade assombrosa, em quanto que na domesticidade uma tal uniformidade desaparece para dar lugar a uma indefenida variedade. Se uma simples impressão physica actua tão profundamente sobre a con-

cepção, como deixaria de o fazer o estado da alma, forma do corpo? E' uma lei geral da natureza que todo o ser gera um ser semelhante a si, e que todo o ser gerado se encontra, a todos os respeitos, no estado do ser que o gera, a não ser que se declare algum desvio de natureza.

Este principio governa o mundo vegetal e o mundo animal; depara-se-nos tambem no reino humano, mas com uma mobilidade maior, sob todos os pontos de vista, physico, physiologico, moral, social. Existe incontestavelmente no seio da humanidade, em consequencia da unidade de origem, uma lei de hereditariedade que tudo abraça: a constituição physica com a saude e a doença; o character e o natural bom e mau, a nobreza e a degradação, o merito e o demerito, a liberdade e a escravidão, a riqueza e a pobreza, a verdade e o erro, os bens do corpo e os bens da alma, os bens do tempo e os bens da eternidade. A lei de solidariedade considerada como tendo origem na unidade moral ou social depara-se-nos entre o corpo e a alma, entre os membros de um mesmo corpo, entre os cidadãos de uma mesma nação, estado, e até da humanidade, entre o homem e o mundo material, entre o homem e o mundo espirital. Em summa visto que por uma parte a solidariedade está em todos os logares, e por outra a sciencia multiplica incessantemente os exemplos ordinarios e extraordinarios de *atavismo*, i é, de transmissão, atravez de muitas gerações, de condições secundarias mesmo de organização physica, physiologia, psychica, como deixar de crer na transmissão da queda original? O simples factó sem excepção e tão profundamente mysterioso da perpetuidade dos generos, das especies, das variedades, obriga d'alguma sorte a admittir que a realidade de todos os seres successivamente gerados está contida no primeiro pai; é por conseguinte natural que todo o genero humano haja peccado em Adão.

«O ovo, dizia Claude Bernard que aliás passava por ser positivista ou mesmo materialista, \* é a primeira condição da lei organogenica que preside á evolução de todo o ser vivo... E' sem contradicção de todos os elementos histologicos o mais maravilhoso, porque vemos que elle produz series inteiras de organismos inteiros.»

E poderíamos invocar em reforço do mysterio do peccado original a pangenese de Darwin, ultima palavra da sciencia, a mais aventureosa, que pretende que a simples cellula elementar continha não só os elementos ou principios constituintes dos corpos, mas tambem debaixo da forma de gemmulas toxicas os principios dos estados morbidos, das doenças hereditarias, das deformidades, das monstruosidades, etc., etc.

Mas dirão: o peccado original é uma affecção das almas, e estas não são transmittidas ou geradas, pelo contrario são immediatamente creadas e infundidas nos corpos quer no momento da concepção, quer no instante da organização. Para desvanecer de todo a difficuldade, poderíamos admittir com muitos philosophos. Padres da Igreja, doctores, que a transmissão das almas se faz como a dos corpos por geração e propagação; mas sustentando como incomparavelmente mais provavel a criação immediata das almas, não será permittido acreditar que a alma creada directamente, mas infundida no semen que Job denominara tão sabia e tão eloquentemente *immundo*, semen de que ella é a forma evolutiva, não possa evolver senão um ser degradado e decahido? E' n'isto que consiste realmente o segredo do peccado original, o *como* do qual é tambem

---

\* Mas convertido mais tarde ao espiritalismo pela impossibilidade de concordar o facto da renovação continua dos elementos anatomicos do corpo com a persistencia dos phenomenos d'alma, accusados pela consciencia, mas conservados pela memoria.

um mysterio profundo! Certamente que se o peccado original fosse um peccado actual — o que envolve contradicção nos termos — seria de facto absurdo attribuil-o ás almas que não existiam. Tracta-se porem não de um acto, mas de um estado; ora comprehende-se muito bem que a alma seja constituida n'este estado de queda e de degradação, pelo facto de se volver a forma de um germen infecto: *De immundo conceptum semine!*

Em resumo, o peccado original ou a transmissão a todo o genero humano da transgressão de Adão é uma consequencia legitima e natural das leis da geração e da solidariedade humana. Nada tem de injusto, e estamos até no direito de exclamar com a Igreja: *Felix culpa!* ditosa culpa! que tão divina e superabundantemente foi compensada pelos augustos mysterios da Incarnação e da Redempção; pois que ali onde o peccado abundou, a graça superabundou; poisque se pelo peccado de um só a morte reinou, a vida pela morte de um só reinou superabundantemente e para a eternidade.

---



## CAPITULO VIGESIMO NONO

### O Mysterio da Incarnação

A Incarnação é o mysterio do Filho de Deus feito homem; foi-nos revelado por S. João no principio de seu Evangelho em termos taes como estes: «No principio era o Verbo e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. Todas as cousas foram feitas por Elle, e nada do que foi feito se fez sem Elle! E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos sua gloria, a gloria do Filho unico do Padre.» O mesmo apostolo diz em sua Epistola: «*Aquelle que era desde o principio, aquella que ouvimos, aquella que vimos com nossos proprios olhos, aquella que contemplámos e tocámos com nossas mãos, o Verbo da vida, nós vol-O annunciamos.*» Os apóstolos ensinam-nos a repetir incessantemente: «Creio em Jesus Christo, o Filho unico de Deus, que foi concebido do Espirito Santo; que soffreu sob Poncio Pilatos; que foi crucificado; morto; sepultado; que resuscitou; que subiu aos ceos; que está assentado á direita do Padre Omniponte, d'onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos.»

Este dogma mysterioso é ainda mais claramente definido no symbolo de S. Athanasio. «E' indispensavel á salvação eterna crer fielmente na Incarnação de Nosso Senhor Jesus Christo. Uma fé recta obriga-nos pois a crer e a confessar que Nosso Senhor Jesus Christo, Filho de Deus, é Deus e homem. Deus gerado antes dos seculos da substancia de seu Pai, e homem nascido no tempo da substancia de sua mãe. Deus perfeito e homem perfeito, subsistente por uma alma racional e uma carne humana. Igual a seu Pai pela divindade, menor que seu Pai pela humanidade, não são dois, mas um só Christo. Um não pela conversão da divindade em carne, mas pela assumção por Deus da humanidade. Um absolutamente, não pela confusão da substancia, mas pela unidade da pessoa. Porque assim como a alma racional e a carne são um só homem, Deus e o homem são um só Christo.» Eis aqui a definição do mysterio e ao mesmo tempo a comparação natural que nos faz entrever a sua possibilidade.

De facto, visto que o homem é uma especie de incarnação, um espirito unido a uma carne na unidade de pessoa ou do eu, porque em Jesus Christo não estaria a divindade unida á humanidade na unidade do eu divino, como a alma está unida ao corpo para formar um só eu humano? A alma é simples, activa, indivisivel, indestructivel; o corpo é inerte, extenso, divisivel, corruptivel! Como pôde a alma congregar-se com elle?

Certo dia o espirito foi infundido ou insuflado na materia, e ambos ficaram compondo um só homem, sem que se possa jamais destringar o modo de constituição d'esta unidade mysteriosa.

Tenho um corpo, tenho uma alma, e sinto que andam intimamente unidos. Sinto sua absoluta distincção, mas sinto porventura ainda melhor sua penetração reciproca. A sciencia vê-a até ao ponto de a exagerar! Não ha em meu espirito um pensamento, um sonho,

etc., não ha em meu coração uma emoção, um sentimento que não deixem um qualquer vestigio nos meus órgãos. A seu turno não ha uma só molecula do coração que não reaja sobre meus pensamentos ou affeições. Outrotanto posso dizer de todos os demais órgãos, são de sua natureza materiaes; mas unidos a minha alma adquirem uma certa espiritualidade. O que observamos na incarnação humana, porque não se dará na Incarnação divina? Deus é espirito, a alma é espirito, Deus fez a alma humana á sua imagem, é de seu genero!

No instante, em que a alma humana de Jesus ia unir-se ao corpo formado do mais puro sangue de Maria pela intervenção do Espirito Sancto para o elevar á cathegoria de pessoa humana, porque não teria podido o Verbo divino unir-se a esta alma humana, e eleval-a na união com seu corpo á dignidade infinita de pessoa divina, onde o homem não mais subsiste já em si mesmo, mas no Verbo divino? N'esta união tão extraordinaria, não ha mais do que uma pessoa, o Christo, Homem-Deus! Jesus Christo é verdadeiramente homem, tem um espirito como o nosso, uma imaginação, uma sensibilidade, uma vontade, um coração e tambem um corpo semelhantes aos nossos! N'elle a natureza humana é completa, nenhum homem é mais homem do que elle! E ao mesmo tempo é Deus, plenamente Deus, perfeitamente Deus, e basta uma simples vista para d'isso ficar certo, como basta um olhar para ver n'elle o homem. « Elle nasce, diz Bossuet, mas nasce de uma Virgem e seu nascimento é anunciado pelos anjos. Come, mas quando lhe apraz, e é servido quando quer pelos anjos. Pode passar sem alimento material, seu alimento é a vontade de seu Pai.

Pede agua á Samaritana, mas descobre-lhe os sentimentos que o coração d'ella esconde e converte-a. Escuta a accusação feita contra a mulher adúltera, mas ao mesmo tempo escreve na areia os crimes secretos

dos accusadores! Dorme, mas durante o somno não deixa sossobrar a barca. Marcha, mas quando o ordena, a agua firma-se-lhe debaixo dos pés. Cospe, mas com a saliva faz um lodo e unta os olhos do cego de nascimento que cobram vista. Chora Lazaro, mas resuscita-o. Morre, mas incute n'essa occasião o espanto no coração de toda a natureza. Reparte o pão com os discipulos de Emaús, mas enche-lhes o coração de divinos ardores. Mantem sempre um justo meio, de forma que mostrando-se homem, se revela Deus; declarando-se homem, manifesta-se Deus.

A economia é tão sabia, a dispensação tão prudente, todas as cousas tão admiravelmente feitas, que apparece inteira a divindade e inteira a humanidade. »

Eis todavia algo de mais admiravel ainda, do que a coexistencia das duas naturezas.

Ha em mim duas naturezas, uma espiritual, outra material. Mas creio sentir alem d'isso como uma união intima d'estas duas naturezas. Ha uma terceira que diz minha alma e que diz meu corpo, que fala d'aquella e d'este como seus. Esta terceira é o *eu*, que pertence á alma, mas á alma como dupla causa de acções, cuja responsabilidade acceta, é a pessoa humana. Ora a Fé tambem nos mostra em Nosso Senhor Jesus Christo dois principios de acções, um de acções humanas, porque é homem, outro de acções divinas, porque é Deus; mas com um centro unico de responsabilidade, um só *eu*, uma só pessoa, o eu do Verbo divino, a pessoa do Filho de Deus. Logo todas as acções de Jesus Christo, espirituaes e corporaes, humanas e divinas são acções do Verbo, do Filho de Deus.

Nasce, ora, pensa, ama, soffre; mas uma lagrima de seus olhos, um suspiro de seu coração, um acto de adoração e de amor, tem um valor infinito.

E se a incarnação humana, a união hypostatica do corpo e da alma escapa a toda a investigação do espi-

rito, que admiração deverá causar que a incarnação divina, a união hypostatica da natureza divina e da natureza humana, fique um mysterio impenetravel? Assim pois o que é um enigma insolavel no homem não é a presença do corpo, nem a presença da alma, nem a transpiração da alma em todo o corpo, mas o como da fusão do corpo e da alma em sua harmoniosa unidade; da mesma sorte o que é um mysterio na Incarnação divina não é nem a presença em Jesus Christo da divindade, nem a presença da humanidade, nem mesmo a união hypostatica da divindade e da humanidade, mas o como d'esta união ineffavel, o como do Verbo feito carne.

Este adoravel mysterio da Incarnação é perfeitamente digno de Deus, a quem Jesus Christo, o Homem Deus, presta homenagens proporcionadas a sua soberana magestade; é uma fonte de grandeza, ventura e gloria para a humanidade, á qual offerece um Deus que não se perde em longinquos impossiveis, nos raios de uma luz inacessivel, pois é homem e responde sympathicamente a todas as exigencias da natureza humana, e tanto mais que o Homem-Deus se não dedignou de a tomar decahida, miseravel, humilhada, soffredora; que se dá por mãe a mais bella e pura de todas as creaturas humanas; que nasce infante, cheio de bondade e doçura; que consagra trinta e tres annos a fazer o bem; que se digna morrer pelos homens que tanto amou.

E que admiraveis não são as consequencias da Incarnação! O mundo viu de subito reaparecer, levantada das ignominias da queda, a belleza do homem divinamente fundida na belleza de Deus, e era alguma cousa de tão elevado, puro e arrebatador, que os apóstolos foram conquistados por um simples olhar, e as multidões eram attrahidas.

O que se adorava no semblante do Mestre, contemplou-se a breve trecho e com assombro no semblante

dos discipulos; appareceram typos novos, de belleza desconhecida, de uma graça, dignidade, paz, modestia, energia e serenidade inauditas; e o sorriso dos ceos ostentou-se n'esses rostos de creanças, de donzellas, virgens, pontifices e confessores. Pela Incarnação em summa o homem torna-se participante da natureza divina, herdeiro de Deus, coherdeiro de Jesus Christo e de sua gloria eterna.

Como pois não amar com transportes de admiração e de alegria este mysterio abençoado da Incarnação que nos deu Jesus Christo, o Verbo feito Carne!

Jesus Christo! Seu espirito é o mais bello, o mais elevado, o mais vasto, o mais penetrante, o mais universal, o mais perfeito! Nada aprendeu e tudo sabe! Vê a Deus, sua unidade adoravel, sua simplicidade infinita, a Trindade das divinas pessoas e suas operações mysteriosas; tudo o que o espirito humano ha de descobrir na serie dos seculos, esses mundos immensos que entrevê vagarosamente e por etapes o olhar do philosopho, do mathematico, do geometra, do astronomico, do geologo, do chimico, do physico, do naturalista, do physiologista!

Essas bellezas exquisitas da natureza que o poeta anseia cantar, o artista-desenhador, pintor, esculptor, reproduzir fascinavam-lhe os bellos olhos, e arrebatavam-lhe a alma, a mais sensivel das almas, junctamente inundada por toda a luz creada e increada, alma que tudo aprendera de seu Pai!

Jesus Christo! Seu coração é tão amante, que não pode ver; correr uma lagrima que não se enterneça. Possee todas as purezas, e não pode considerar o peccador sem se lhe abrir. Tem todas as impaciencias, todas as sanctas pressas do amor. *Desiderio desideravi!*... *Quomodo coarctor!*... Não se cansará de bater á porta, feliz se depois de vinte annos, de trinta annos chega a conquistar uma alma. Nada pode esfrial-o nem o es-

quecimento, nem a indiferença, nem a revolta, nem a traição.

A ingratidão, ainda do mesmo Judas, lhe não extingue os impetos. Abandonado, menosprezado, de nenhum esforço carece para amar ainda mais e até ao excesso.

Antes de ter dado até á ultima gota de sangue, já scismava em sobreviver-se no amor! Por uma admiravel industria condemnar-se-ha voluntariamente a amar sempre, em todo o tempo, em todos os logares e até ao fim do mundo, no adoravel sacramento do seu amor.

Que gloria e que felicidade para a terra possuir um coração que ama a Deus, como Deus se ama, e que ama os homens com um amor infinito!

Jesus Christo! Sua vontade é sancta, de sanctidade absoluta, essencial! Dons ineffaveis do Espirito Sancto, dons de sabedoria, de intelligencia, de conselho, de força, de sciencia, de piedade, de temor filial de Deus, a constituíam em um estado de vida toda divina e de extase incessante. O Espirito Sancto não se lhe communicou em parte e por medida, repousou sobre elle, na phrase energica de Isaias.

Jesus Christo! Seu corpo immaculado está em perfeita harmonia com a magestosa belleza de sua alma. Raciocinava debaixo da acção de um pensamento potentissimo, que a inundava de imagens as mais luminosas e verdadeiras; enviava ao mais ardente dos corações excitações de um sangue purissimo e quente. Imaginai o organismo o mais harmonioso que possa existir, o mais delicado e o mais forte, o mais sensivel e o mais inalteravel: ponde-o ao serviço da mais bella das almas, e tereis o corpo sanctissimo e formosissimo de Jesus Christo. Muito embora um veo discreto rodeasse providencialmente este foco de irradiações divinas, ainda assim não obstava a que o cingisse uma atmo-

phera de luz, de graça, de virtude, e algumas vezes, como sobre o Thabor, uma aureola de raios de extraordinaria brancura. Seu rosto andava habitualmente banhado em doce luz, um só de seus olhares conquistava os corações, uma só de suas palavras arrebatava as almas. Que imaginação, que palheta, que cinzel, que penna, poderia esboçar a belleza divinal de Jesus Christo! Desde que me puz a contemplal-a, dizia S. Thereza, essa ineffavel belleza está-me sempre deante dos olhos.

Seu soberano esplendor volve-nos desprezíveis todas as bellezas d'este mundo. « Ah! como sois bello meu bem amado, exclamava Bossuet, como sois bello e captivante! Esta admiração attrahe a alma a um certo silencio, que faz emudecer todas as cousas para só se occupar da belleza d'Aquella a quem ella ama. De sorte que tudo o que a alma pode, n'esta feliz admiração, é deixar-se attrahir cada vez mais pelos encantos de Jesus Christo e de só responder ao attractivo por um certo ah! de admiração! Ó Jesus Christo, ó Jesus Christo, ó Jesus Christo! é tudo o que se pode dizer. Pouco a pouco, todo e qualquer outro objecto se esvae do coração; ou antes o coração diz: isto é bello, mas não é Jesus Christo! Então em uma sancta impaciencia, parece-nos instar com as creaturas para que falem altamente d'este bem amado. Ah! falai, falai! Dizei mais! E a tudo o que d'elle não fala, silencio! Depois, não se consente que nos falem d'elle, porque nem todas as creaturas junctas nos falariaem, como deveriam falar, e a alma não pode supportar que d'elle se fale tão frouxamente.

Pede enfim que tudo se cale, e roga a Jesus que fale elle só do que elle é. Em seguida roga-lhe que não mais fale, pois que poderia dizer em linguagem humana que fosse digno d'elle! Pede-lhe portanto que se cale, e que se imprima no fundo do seu coração, e de lhe so-



breexcitar todas as potencias e de a deixar dizer em segredo: O' Jesus Christo! O' Jesus Christo!» Que esplendor da fé que são estes accentos inspirados de um dos mais bellos genios da humanidade!

E eis que já vão decorridos dezoito seculos, depois que a arte debaixo de todas as formas tenta reproduzir a divina figura do Deus feito homem sem o haver podido conseguir. Nada lhe tem faltado, nem o genio, nem a sanctidade, nem a sanctidade unida ao genio. O beato Angelico de Fiésole consagrou a esta obra sublime tudo quanto Deus lhe dera em talento, tudo quanto seu casto coração pudera idealisar, tudo quanto a mais ardente contemplação pudera lobrigar. Ajoelhamo-nos involuntariamente deante do seu *Ecce Homo*, cujo olhar da mais terna belleza, nada recorda que não se haja visto sobre a terra; mettemo-nos sem dar por isso n'esse cortejo ineffavel d'aquelles que amaram a Jesus Christo, e que o levam ao sepulchro.

Mas até mesmo n'essa obra d'arte realmente celeste, vê-se que ficou longe da verdade; a arte foi vencida! Nada pode comparar-se á calma, á grandeza, á serenidade, á ternura infinita do Christo na *Ceia* de Leonardo de Vinci. Seus olhos de uma belleza arrebatadora, seus labios dilatados pelo amor, suas mãos estendidas, não sei que terna inclinação de todo o corpo para o lado do coração dá a esta imagem uma uncção irresistivel! mas não é ainda Jesus Christo! A palheta de Raphael jamais se prestou, como no quadro da Transfiguração, a melhores combinações, nunca sua alma se inundou, como ali, das mais luminosas visões da belleza: contrastes admiraveis dão todo o realce á celeste aparição do Homem-Deus.

Com que arte elle põe a seus pés esse joven torturado pelo mau espirito; e aquella mãe sublime, cujos braços estendidos respiram tanta fé! Como esse ente

que soffre, e essa belleza dão relevo á luz, á calma, á gloria da humanidade transfigurada em Jesus Christo. Mas, ó arte humana, confessa tua derrota, isso não é mais do que a sombra da belleza adoravel de Jesus Christo, que esclarece com uma rutilante luz o mysterio da Incarnação. Devo declarar que os mais bellos traços d'este retrato magnifico de Jesus Christo foram extrahidos da obra do sr. P.<sup>e</sup> Bougaud.

---

## CAPITULO TRIGESIMO

### A Redempção

O Verbo encarnado, o Filho de Deus feito homem, morreu voluntariamente sobre a cruz por nós e por nossa salvação. Homem, soffreu; Deus communicou um preço infinito a seus soffrimentos.

Por sua paixão e morte reparou superabundantemente a injuria feita a Deus seu Pai pelo peccado; e resgatou-nos da eterna condemnação: eis o mysterio da Redempção!

Deus tinha dicto á serpente: «Porei inimizades entre ti e a mulher, a tua posteridade e a d'ella, tentarás mordel-a no calcanhar, mas ha de esmagar a tua cabeça!» Tal foi a primeira promessa do Redemptor. Isaias disse do Messias: «O Senhor poz sobre elle as iniquidades de todos nós. Foi offerecido em sacrificio, porque assim lhe aprouve; foi ferido por causa de nossas iniquidades; foi esmagado por causa de nossos crimes, e nós fomos guarecidos por suas feridas.»

O proprio Jesus Christo se dignou declarar-nos: «Amou Deus de tal sorte o mundo, que lhe deu seu Filho unico, afim de que todo aquelle que crê n'elle,

não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus enviou seu Filho ao mundo, para que o mundo seja salvo por elle.» S. Paulo põe na bocca de Jesus Christo esta solemne oblação a seu Pai: «Não quizestes hostias, nem offerendas, mas adaptastes-me um corpo. Os holocaustos pelo peccado não vos tem aprazido, então disse: «Eis-me aqui!»

Todos os symbolos da Fé catholica nos obrigam a crer que Jesus Christo, Filho unico de Deus, por nós e por nossa salvação padeceu no governo de Poncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado! Nada pois mais certo do que o dogma da Redempção. Como pôde Jesus Christo Deus soffrer e morrer?

E' o mysterio da Redempção, o qual debaixo d'este ponto de vista se confunde com o da Incarnação. Jesus Christo pôde soffrer e morrer, porque era realmente homem! Posto isto, a razão esclarecida pela fé, não hesita em formular as proposições seguintes, ás quaes nada pode oppor-se:

1.º Deus que tinha necessariamente creado o homem para sua gloria, que se tinha constituido necessariamente seu fim ultimo, não podia deixar de exigir a reparação da injuria que lhe fôra irrogada! O homem tinha peccado, era absolutamente indispensavel que sua falta fosse expiada, e que a expiação fosse proporcional á offensa, infinita como a offensa, ao menos por substituição e reversibilidade.

2.º Era conveniente que Deus perdoasse ao homem, ou que o homem fosse resgatado e rehabilitado, n'este sentido que Deus que não perdoara aos anjos rebeldes, podia perdoar ao homem. O homem de factó ficava depois de sua queda a obra prima e como o epitome de toda a criação. Era ainda uma grande cousa: conservava os grandes traços da imagem divina, indelevel n'elle. Fora solicitado ao mal por um poder exte-

rior que abusara de sua simplicidade e inferioridade para o fazer cahir no laço.

Adão cedera ás seducções da companheira que o proprio Deus lhe tinha dado, osso de seus ossos, carne de sua carne, sangue de seu sangue, coração de seu coração, alma de sua alma. Em si encerrava uma numerosa posteridade. Não era um puro espirito, mas um espirito estreitamente unido á materia, o que tornava sua falta mais desculpavel do que a do anjo.

3.º A Redempção exigia imperiosamente duas cousas: satisfação plena e inteira da divina justiça, e rehabilitação completa do homem, isto é, volta ao estado sobrenatural, á justiça original, á sanctificação pela graça habitual e actual, apello á vida futura, á restauração gloriosa, á visão intuitiva, á eterna felicidade.

4.º Esta satisfação e esta rehabilitação não podiam ser adquiridas nem pelo mesmo homem, nem por uma simples creatura por mais perfeita que a concebamos. De facto, como o peccado, a offensa commettida contra Deus reveste malicia virtualmente infinita em razão da dignidade infinita da pessoa offendida, a reparação devia ser tambem infinita pela dignidade infinita do Redemptor. Não era bastante que a victima fosse sancta, immaculada, era mister que fosse Homem-Deus; homem para poder no pé da solidariedade humana assumir sobre si a responsabilidade de todos os peccados dos homens; Deus para dar um valor infinito á expiação. O Redemptor só podia ser o ente universal ao mesmo tempo Deus e homem, possuindo em si de modo ineffavel a divindade e a humanidade, o ceo e a terra, todos os tempos e todos os logares, todos os crimes e todas as innocencias para tudo purificar e tudo reconciliar.

5.º E porque o peccado, separação violenta da

alma e de Deus, tinha tido por consequencia e punição a morte, separação violenta da alma e do corpo; porque a morte é o maior acto pelo qual Deus podia manifestar seu supremo dominio sobre o homem, e seu odio infinito ao peccado, convinha, para que a redempção fosse perfeita, que a morte fosse voluntariamente accete pelo redemptor. Venha pois a grande victima, ao mesmo tempo divina e humana, e morra sobre a cruz, para que a salvação, como o peccado desça da arvore ao mesmo tempo occasião do crime e instrumento do perdão, e então e só então é que a redempção será completa, e a sancta Egreja de Jesus Christo exclamará em seu reconhecimento enthusiasta: Feliz culpa! O' peccado necessario de Adão!

E porque no momento em que Jesus Christo expirava no Calvario, nós todos estavamos n'elle; porque o sangue que corria de suas veias tinha sido tirado das nossas, não alterado, pois Maria, sua mãe, fora immaculada em sua conceição, mas supernaturalizado e deificado d'alguma sorte por sua união com a divindade; porque aquelle que morria era nosso chefe, a cabeça e o coração da humanidade; porque no dogma christão as dores, a tristeza, a agonia da humanidade vem completar o que falta á paixão de Jesus Christo, para que se torne individual ou nossa; n'uma palavra, porque Jesus Christo fez de sua morte e das nossas uma só immolação, um só holocausto, immenso, no qual victima unica, ao mesmo tempo divina e humana, innocente e criminosa, por uma só oblação, a sanctificação dos escolhidos está consummada para a Eternidade. *Consummatum est!*

O dogma da Redempção assenta, é verdade, sobre este principio de substituição ou de reversibilidade, que os meritos da innocencia são applicaveis ao peccador; que o innocente pode soffrer, morrer, merecer, expiar

em logar do culpado, etc.; mas este principio é incontestavelmente uma lei da natureza e da justiça humana.

Em Roma Decio depois de ser votado pela Republica aos deuses Manes e a Tellus, avança armado sobre o seu cavallo e precipita-se nas fileiras inimigas: fez o sacrificio de sua vida e fel-o pelo ministerio do pontifice na crença de que salvaria sua patria dos males que a ameaçavam, e depois de haver dirigido suas deprecações aos deuses. Em Athenas sob a fé do oraculo que promete a victoria áquelle dos dois exercitos que perder seu general na batalha, Codro corre voluntariamente á morte para salvar a sua patria.

Agamemnon está prompto a sacrificar sua filha Iphigenia para assegurar aos Gregos ventos propicios que o levem a Troia. Na Judêa Deus em uma admiravel communição com Abrahão, apenas exige a presença de dez justos em Sodoma para não descarregar o golpe que já acenava a essas cidades indignas. O grande sacerdote Caiphaz não duvida asseverar que era mister que um homem morresse por todo o povo. Entre os Phenicios e entre os antigos em geral era costume nos grandes perigos que os principes das nações e das cidades, para prevenirem a ruina de seu povo, se mostrassem promptos a sacrificar á colera dos deuses aquelle de seus filhos que mais amavam. Todos os dias estamos vendo o homem perdoar ao culpado por causa do innocente que o implora, deixar-se abonancar pelos rogos da virtude formosa. Sempre e por toda a parte se tem acreditado que o justo suspende os flagellos, o raio das vindictas, e faz pender o prato da balança para a misericordia. Sempre e por toda a parte se tem offerecido sacrificios, que no fundo não passam de uma substituição, tendo sua razão de ser na solidariedade humana, porque todo o animal, toda a creatura tem o quer que seja do homem.

Que ha pois que estranhar que o novo Adão nos transmitta sua vida regeneradora, logo que o primeiro Adão nos pôde transmittir sua vida corruptora? Se a desobediencia de Adão nos fez peccadores, porque é que a obediencia de Jesus Christo não nos faria justos? Condemnados em Adão, muito embora sua natureza tão sómente, e não sua pessoa, fosse a nossa, porque razão não havíamos de poder ser justificados em Jesus Christo que conservando sua personalidade divina, fez sua nossa natureza? Porque motivo o que tem logar na ordem do mal, não o ha de ter na ordem do bem? Porque razão a bondade não ha de ser tão poderosa como a justiça?

O que a bondade no entanto não pode fazer é que os meritos de Jesus Christo nos sejam applicados individualmente e pessoalmente só pelo facto de sua morte, sem uma cooperação livre da nossa parte. De forma que é absolutamente preciso que acabemos em nós o que falta á paixão de Jesus Christo, pelo cumprimento de seus preceitos e conselhos, pela imitação de suas virtudes. Debaixo d'este ponto de vista, quem deixará de admirar essas almas generosas que á semelhança dos cartuxos, dos trappistas, dos carmelitas, das clarissas abraçam por estado o soffrimento voluntario, para melhor cumularem em si e nos outros o deficit indicado pelo grande Apostolo? Desempenham na ordem social a missão a mais elevada e mais sublime, substituindo-se aos culpados, e devotando-se por elles. Exalta-se o soldado que affronta o perigo e a morte por seu paiz, e não se admiram os martyres da penitencia que na ordem divina fazem o papel dos defensores da patria na ordem moral! Perguntar para que servem estes heroes, quando se crê em Deus, na alma, na liberdade, na queda, na incarnação, na redempção, no grande mysterio do justo expiando em logar do culpado, é perguntar para que serve o proprio christianismo. E como com-



prehender igualmente essa revolta contra o dogma catholico da indulgencia, que outra cousa não é senão uma applicação mais ou menos extensa dos meritos de Jesus Christo, feita pela Igreja em virtude das leis da reversibilidade e da substituição, com a condição de que havemos de cooperar na obra de Jesus Christo com alguma boa obra nossa! (Imitado do P.<sup>o</sup> Berseaux em sua *Sciencia Sagrada*).

---

## CAPITULO TRIGESIMO PRIMEIRO

### A presença real do corpo e do sangue de Jesus Christo debaixo das especies do sangue e do vinho

E' o mais assombroso dos mysterios, porque parece offerecer ao espirito tres grandes impossibilidades: 1.º a transubstanciação ou a conversão da substancia do pão e do vinho na substancia do corpo e do sangue de Jesus Christo; 2.º a presença ou a concentração debaixo do volume de uma molecula de pão e de vinho, de todo corpo e de todo o sangue de Jesus Christo; 3.º a persistencia dos accidentes interiores e exteriores, visiveis e invisiveis, aparentes ou não aparentes, da substancia do pão e do vinho, depois de ter sido convertida no corpo e sangue de Jesus Christo; 4.º a presença do corpo de Jesus Christo debaixo da hostia inteira e debaixo de cada uma das partes separadas ou moleculas; 5.º enfim a multilocação do corpo e do sangue de Jesus Christo, ou sua presença simultanea, debaixo de cada uma das moleculas do pão e do vinho nos logares os mais distantes. Mas por uma parte estas impossibilidades só o são para o espirito humano necessariamente limitado; por outra parte os progressos modernos das

sciencias longe de as vigorisar, enfraquecem-nas cada dia mais.

O desconhecido é o mysterio com todas as suas impossibilidades; o conhecido é, segundo o testemunho divino de Jesus Christo e a declaração infallivel de sua sancta Egreja, a presença real do corpo e do sangue de Jesus Christo com transubstanisação, concentração e persistencia dos accidentes ou apparencias do pão e do vinho, com fragmentação do corpo e do sangue de Jesus Christo, com dissimulação completa dos accidentes, apparencias ou propriedades do corpo e do sangue de Jesus Christo; com multilocação, etc., etc.

Por outras palavras, o desconhecido é: a essencia da materia, a essencia dos corpos ou o que constitue sua propria substancia, a molecula ou o que é tal que quando se tem, se possui toda a substancia do corpo, que quando se não tem senão em parte, a substancia do corpo não está na integra; 2.º a natureza real dos accidentes, especies, propriedades e apparencias da materia e dos corpos; 3.º os diversos estados debaixo dos quaes pode existir um corpo em si mesmo ou relativamente ao tempo, ao logar, etc., etc.

Ora todas estas cousas são, por confissão dos mais sabios, incognitas. mysterios inacessiveis, impenetra-veis; logo seria absurdo adduzir estas incognitas e mysterios para pôr em duvida o facto incontestavelmente revelado e divino da presença real! Pelo contrario a sã razão impõe-nos como dever induzir dos factos revelados e incontestaveis da Eucharistia a verdadeira natureza, embora na apparencia inaceitavel, da materia e dos corpos. Logo: I é da essencia do corpo poder, intervindo o milagre, encontrar-se em estados mui differentes, estado natural ou material; estado de corpo glorificado, espiritualizado, de algum modo participante das qualidades dos espiritos. II Logo a substancia de um corpo vivo pode estar concentrada em um espaço d'al-

guma sorte indivisível. III Logo um corpo pode estar realmente presente sem sua extensão natural e sem seus accidentes ou propriedades especificas. IV Logo os accidentes de um corpo podem ser fragmentados e suas qualidades especificas podem deixar de estar, sem que o corpo deixe de estar todo em cada um de seus fragmentos! V Logo a multilocação nada tem de absurdo ou de impossível, e um corpo pode existir ao mesmo tempo em muitos logares.

Accrescentarei que se dermos ouvidos ao bom senso, veremos n'estas cinco propriedades novas da materia e dos corpos, conquistas imprevistas, as quaes a razão e a sciencia deveriam agradecer summamente á Revelação, e tanto mais que os progressos incessantes da razão e da sciencia as justificam já hoje quasi plenamente, ou tendem a justifical-as cada vez mais.

E' o que vamos demonstrar mui perfunctoriamente, depois de ter ouvido da Revelação, da Sagrada Escripura, da tradição, do ensino infallivel da Igreja catholica, apostolica, romana as provas irrefragaveis da presença real, debaixo das especies eucharisticas, do corpo, sangue, alma, divindade de Nosso Senhor Jesus Christo.

*Promessa da divina Eucharistia.* S. Jo. VI, 5: «Vossos pais comeram o maná no deserto; mas em verdade, em verdade vos digo, Moysés não lhes deu o verdadeiro pão do ceo. Só meu Pai dispensa o verdadeiro pão do ceo, *aquelle que desceu do ceo e dá a vida ao mundo.* — Senhor, dai-nos d'esse pão.. Eu sou esse pão, descido do ceo. De forma que todo aquelle que tiver comido d'este pão não morrerá. Viverá eternamente... E o *pão que eu lhe der é a minha carne que eu hei de dar pela vida do mundo.* — Como poderá este homem dar-nos a sua carne a comer? — *Em verdade, em verdade vos digo que se não comerdes a carne do Filho do homem e se não berdes seu sangue não tereis vida em vós... Porque minha*

*carne é realmente um alimento e meu sangue realmente uma bebida.* Aquelle que comer a minha carne e que beber meu sangue, permanece em mim, e eu n'elle. . . Como o Pai que me enviou é a mesma vida, e como por elle tenho a vida, assim aquelle que me come terá a vida por mim. — Esta palavra é muito dura, quem poderá ouvi-la? Muitos retiraram-se, e não mais o seguiram. — Jesus disse então aos doze: E vós? Querereis também abandonar-me? — Senhor, exclamou Pedro, a quem iremos nós? Vós tendes as palavras da vida eterna. . . Nós acreditamos e conhecemos que sois o Christo, o Filho de Deus. . .»

Perguntamos a todo o espirito razoavel e não prevenido, se se tractasse não da presença real, não de comer seu corpo e de beber seu sangue, mas de commungar sómente com elle por um symbolo de seu corpo e de seu sangue, se Jesus Christo, a probidade e a verdade infinita, que tinha uma sêde ardente da salvação das almas, que chamava todos os homens a si, se não teria apressado a dissipar o escandalo, causado por suas affirmações, a delir a impressão revoltante de uma manducação carnal, que todos tinham apreendido. Teria elle deixado escapar muitos discipulos, cujo unico erro ou falta tinha sido tomar muito á lettra, que mata, suas palavras mysteriosas, affastarem-se e abandonarem-o para sempre? Tractava-se por consequente n'esta promessa da presença real, da manducação real de sua carne espiritualizada.

*Instituição da divina Eucharistia.* Sabendo Jesus que era chegada sua hora de passar d'este mundo para seu Pai, como amasse os seus amou-os até ao extremo! Levantando-se da meza, tirou seus vestidos, e tendo cingido os rins com uma toalha lançou agua n'uma bacia, e começou a lavar os pés dos apóstolos. Quando acabou, tornou a tomar seus vestidos, e a por-se á meza. . . «Durante a ceia, tomou pão, abençoou-o, partiu-o e

deu-o a seus discipulos dizendo: Tomai e comei, *este é o meu corpo*, que será entregue por vós! Fazei isto em minha memoria. . . E igualmente tomando o calix, deu graças a Deus e entregou-lh'o dizendo: Bebei todos d'elle, *este é o meu sangue*, o sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos em remissão dos peccados.

Jesus Christo dissera: «O pão que eu der, é minha carne que hei de entregar para a salvação do mundo; aquelle que come minha carne e bebe meu sangue tem a vida em si, porque minha carne é verdadeiramente um alimento e meu sangue é verdadeiramente bebida.» O que havia promettido cumpriu-o. «*Tomai e comei, este é o meu corpo! Tomai e bebei, este é o meu sangue! . . .*»

E' claro que o contexto, a energia das expressões, a clareza de cada uma das palavras tomadas separadamente ou em conjuncto, afastam toda a ideia, toda a possibilidade de allusão a uma metaphora, a um symbolo, a uma figura, a uma imagem sem a realidade. Melancthon dizia: «Estas palavras são fulminantes de clareza! O espirito subjugado nada tem a objectar-lhes!»

S. Paulo recebeu do proprio Jesus Christo a seguinte revelação: «Na mesma noite em que devia ser entregue tomou o pão, partiu-o, e dando graças a Deus, disse a seus discipulos: Tomai e comei, este é o meu corpo, que será entregue por vós! . . . Este calix é a nova alliança em meu sangue. . . Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este calix, annunciaes a morte do Senhor. Todo aquelle que comer este pão e que beber este calix indignamente, será reo da profanação do corpo e sangue de Jesus Christo: . . . come e bebe sua propria condemnação não discriminando o corpo do Senhor.»

Taes palavras não tem sentido se a Eucharistia não é uma realidade viva e divina. Eis porque o Evangelho

e S. Paulo foram assim interpretados por toda a tradição e pela Santa Igreja catholica, apostolica, romana, reunida em concilios geraes ou particulares, a quem pertence exclusivamente definir o verdadeiro sentido das Escripturas e da tradição.

O concilio de Reims, no XI seculo, impoz a Beranger, que foi o primeiro a infirmar o dogma da presença real, esta formula de fé: «Creio de coração e confesso de bocca que por força das palavras da consagração, o pão e o vinho que repousam sobre o altar são convertidos substancialmente na carne propria e vivificante e no sangue de Jesus Christo. Creio que depois da consagração é o verdadeiro corpo de Jesus Christo, nascido da Virgem Maria, offerecido sobre a cruz para a salvação do mundo, e assentado á direita do Padre; que é seu verdadeiro sangue que de seu lado correu; e que todos estes mysterios não são sómente signaes, mas que existem em propriedade de natureza e em verdade de substancia.» E o sagrado concilio de Trento: «Se alguem negar que no Sacramento da Eucharistia estão contidos verdadeira, real, e substancialmente, o corpo e sangue de Jesus Christo com sua alma e divindade... Se alguem pretender que n'este sacramento o Salvador está sómente como n'um signal, n'uma figura, ou por effeitos maravilhosos, seja anathematizado!» (Sessão XIII, cap. XIV, decreto 1.)

O dogma da presença real, dizia Leibnitz embora protestante, foi recebido de toda a antiguidade christã. A' excepção dos reformados, a unanimidade das egrejas é tal sobre este ponto, e tão perfeitamente estabelecida, ou antes affirmada, que nunca se poderá demonstrar nada contra esta especie de verdades!

E como admittir que durante quinze seculos os maiores sanctos, os mais sabios doutores hajam podido devanear em ponto tão capital, e adoptar crenças tão monstruosas! Porque se a Eucharistia não é

uma verdade, é a mais grosseira das idolatrias, o mais vergonhoso dos fetichismos. «Pretender que os Apóstolos, os Ambrosio, os Agostinho, os Gregorio, os João Chrysostomo, os Thomaz d'Aquino, os Francisco de Sales, os Bossuet, os Fenelon, se temem tão indecentemente illudido, seria equivalentemente abjurar o christianismo e pretender que a humanidade haja sido o titere, na serie dos seculos, do mais estupendo gracejo. Que argumentação, por outra parte, poderia produzir sobre um espirito não obcecado pela incredulidade, um effeito comparavel ao do spectaculo de um milhão de pontifices sabios e veneraveis, de padres instruidos e piedosos, que prostrando-se todas as manhãs de joelhos, elevam para o ceo, nas mãos puras, em um sentimento profundo de adoração e amor, a hostia e o calix que as palavras sacrosanctas tem consagrado!

Mostremos agora quão grande é o accordo dos dados da sciencia a mais adeantada com os dados e as exigencias eucharisticas.

1.º *Essencia da materia.* Já provámos á sociedade: que quanto maiores são os progressos das sciencias do raciocinio e da observação, mais propendem invencivelmente para inculcar que a materia, debaixo de qualquer forma que nos appareça, se reduz em ultima analyse, por toda a parte e sempre, a atomos ou a pontos inextensos, a monadas sem dimensões, perfeitamente identicas umas ás outras, inertes, i é, incapazes quer de se darem a si mesmas o movimento, quer de o perderem quando o hajam recebido.

2.º *A essencia ou a substancia dos corpos.* Devemos distinguir na materia e nos corpos tres cousas: o atomo ou atomos; a molecula simples, ou substancia dos corpos simples; a molecula composta ou substancia dos corpos compostos, formada da combinação de duas ou mais moleculas de corpos simples. Posto isto, a substancia de um corpo qualquer, o que é tal que quando



se tem, se tem o corpo, que quando se tem só em parte, não se tem já o corpo, é a molecula, resultado da combinação de um certo numero de atomos, se se tracta de um corpo simples, de moleculas simples ou grupos de moleculas simples, se se tracta de um corpo composto. Admittimos que a molecula ou substancia dos corpos simples, dos elementos, é no dizer de Herschell, um artigo manufacturado, uma verdadeira criação divina. Admittimos tambem com a Escola que é constituída por duas cousas, sua Materia, os atomos de que é composta, que por si a deixariam indeterminada, e sua Forma, um *quid* analogo aos espiritos que a determina, a limita, a faz subsistir por si, que lhe dá o suporte. A molecula ou substancia dos corpos compostos é o resultado, o producto, da combinação dos corpos simples debaixo da acção ou jogo das forças da natureza. E' tambem constituída por sua materia que outra coisa não é senão a dos componentes, e por sua forma particular, individual.

A Escola thomista pensa que no acto da combinação as moleculas simples perdem sua forma simples e individual. A Escola scotista admitte que as moleculas simples conservam sua forma propria e individual embora informadas em seu conjuncto pela forma propria do composto. São provaveis um e outro systema; mas o segundo é talvez mais provavel, mais harmonico com os dados das sciencias modernas que tendem a inculcar que as moleculas componentes conservam na combinação sua individualidade e suas propriedades essenciaes.

Deverá admittir-se alem d'isso que os atomos ou as moleculas dos corpos tem uma certa actividade, ou que são o que Faraday denominava *centros de força*? Não me parece; admitto sem repugnancia que todos os phenomenos da natureza inorganica se explicam pela materia e o movimento ou a materia em movimento. Em todo o caso a sciencia moderna é unanime em admittir

com Dumas esta proposição geral: podemos considerar todos os phenomenos physicos e chimicos como devidos á acção de certas forças, applicadas a mover moleculas de materia inerte por si mesma.

A molecula ou a substancia do corpo não é de modo algum o que nos aparece no corpo, não é a extensão ou o volume, não é a cor, não é o gosto, etc.

A molecula d'agua ou a substancia d'agua não muda de modo algum com o estado d'agua, é a mesma n'agua solida ou no gelo, n'agua liquida, n'agua no estado gazoso. A molecula tem extensão, volume, mas este volume é extremamente pequeno, muito abaixo de tudo o que possamos imaginar. Muitos sabios crêem ter provado que o numero de moleculas contidas em um millimetro cubico d'agua, é expresso por um numero maior do que a unidade seguida de vinte zeros! Mas por pequeno que seja o volume da molecula, em razão da inextensão absoluta das monadas ou atomos, pode não obstante dar logar em caso de concentração mysteriosa aos innumeraveis atomos ou moleculas de um corpo qualquer, ou mesmo aos atomos e ás moleculas em numero indefinidamente grande de todo o mundo.

*O continuo*, essencialmente extenso, não é impossivel, ideal ou abstractivamente fallando, n'este sentido, que é sómente divisivel ao infinito ou ao indefinido, e não composto de partes actualmente separadas em numero infinito, o que seria absurdo. Mas o continuo não passa realmente de um ente de razão como a linha, a superficie, o volume geometrico, como o tempo e o espaço e sempre entendi que Deus o não pode crear.

Com effeito, se Deus o creasse, Deus estaria no continuo; ora não pode estar no continuo sem ser elle proprio continuo e composto de partes distinctas. Sómente pode e deve affirmar-se que o continuo está virtualmente na simplicidade divina, como o tempo na eternidade divina, como o espaço na immensidade di-

vina. E como o continuo, se fosse a essencia da materia, constituiria uma objecção insolúvel contra o mysterio da presença real, força é que a sciencia o desconfesse e se desarme. Se a materia se reduz em ultima analyse a pontos physicos, monadas sem extensão, nada obsta a que se não possa conceber que um corpo qualquer, ou mesmo o conjuncto de todos os corpos, a materia de todo o universo seja por um acto da divina vontade concentrada em um espaço tão pequeno quanto se queira, ou mesmo em um ponto indivisível, como ella o é substancialmente, porem real e eminentemente em Deus.

*In ipso sumus.*

3.º *Essencia ou substancia de um corpo organizado.*

Se se tracta de um corpo organizado e vivo, do corpo humano, por exemplo, sua substancia formada de moléculas e em ultima analyse de átomos, deve ser sempre definida, o que é tal que quando se tem ou concebe, se tem ou concebe o corpo organizado; que quando se não tem realmente ou pelo pensamento senão em parte, se não tem já o corpo organizado. Que é realmente essa substancia ou essencia do corpo humano? Qual é sua constituição intima, qual é seu volume ou extensão? Só Deus o sabe!

Talvez, já algures o deixámos dicto, que toda a realidade do corpo humano preexistisse no germen vivo que a alma veio informar. Oppor, em vista do que precede, o volume do corpo de Jesus Christo a sua presença real no lugar occupado por uma molécula de pão, é mentir á sciencia verdadeira ou adquirida, ou pelo menos é abusar da sciencia e tirar argumento do que ella ignora.

4.º *Os diversos estados de um corpo.* Os estados de um corpo qualquer da natureza são multiplices. Quasi todos os corpos podem passar alternativamente ao estado solido ao liquido ou gázoso, ou vice-versa. O corpo

organizado ou vivo está primeiramente no estado de germen ou de embrião; desenvolve-se em seguida debaixo da acção ou direcção do ser simples que o informa e o faz subsistir pela adjuncção de partes ou moleculas adventicias, que se succedem e substituem constantemente, sem que o corpo perca um instante sua identidade, ou o que constitue sua substancia propria ou individual. Mais tarde virá a ser um cadaver inaninado, depois entrará em decomposição, e enfim cinza e pó. Se se tracta do corpo humano, a tradição e a revelação dizem-nos que não acaba ali sua evolução. Jesus Christo prometteu-nos a resurreição no ultimo dia, e a sua é penhor seguro da nossa. O corpo de Jesus Christo resuscitado, typo do que hão de ser os nossos, está d'algum modo espiritualizado, pois penetra atravez dos corpos impenetraveis ao ar e á luz! E no entanto, quando quere, torna a assumir os accidentes dos corpos vivos. Jesus Christo resuscitado comia com seus apostolos mel e peixe; mostrava a S. Thomé as chagas de suas mãos e de seu lado e convidava-o a que as tocasse com os dedos e a mão. S. Paulo directamente inspirado por Jesus Christo, diz-nos a seu turno: «Todos havemos de resuscitar! .. O corpo é semeado na corrupção, mas resuscitará na incorruptibilidade; é semeado na abjecção, mas resuscitará na gloria; é semeado na fraqueza, mas resuscitará no vigor; é semeado animal, mas resuscitará espiritual.» As propriedades ineffaveis d'este corpo espiritualizado serão a impassibilidade, a subtileza, a agilidade, a claridade. etc.

Posto isto, a fé ensina-nos que o corpo de Jesus Christo está presente na sancta Eucharistia real e substancialmente, mui provavelmente debaixo de cada molecula do pão e do vinho, não á maneira propria dos corpos, com seu volume, seu peso, seus accidentes ou propriedades naturaes, mas incorporalmente, á ma-

neira dos espiritos, por sua substancia, pelo agregado de atomos ou moleculas que constituem a substancia do corpo glorificado. Embora condensados debaixo do volume de uma molecula de pão ou de vinho, os atomos ou as moleculas do corpo glorioso de Jesus Christo ficam distinctos uns dos outros, não soffrem confusão; constituem seu corpo verdadeiro com seu sangue, alma e divindade.

5.° *Os accidentes do corpo.* Por isso mesmo que a substancia do corpo consiste essencialmente no agregado de seus atomos constituintes, a extensão não é essencial, como o não são tambem as propriedades physicas, chimicas, organolepticas etc. O maior numero de sabios admitte hoje que os effeitos, exercidos pelos corpos em nossos sentidos, tem sua explicação sufficiente na hypothese de que os atomos ou as moleculas dos corpos são centros inextensos de força ou acção a distancia; ou ainda, nos movimentos, de que estes atomos ou moleculas são primitivamente dotados ou accidentalmente animados. A extensão resultaria da distancia entre os centros de força, inextensos e activos (ao menos pelo movimento que é para elles uma segunda essencia).

A impenetrabilidade teria sua razão de ser na reacção opposta pelos centros de forças aos atomos ou ás moleculas que tendem a aproximar-se d'elles. Se em contrario das doutrinas scientificas actualmente recebidas, os atomos e as moleculas dos corpos fossem essencialmente extensos, ou formassem nucleos continuos, sua divisibilidade seria necessariamente infinita, sua impenetrabilidade absoluta, sua condensabilidade nulla, em tal caso o dogma da presença real levantaria objecções muito mais graves; d'onde se infere que a sciencia moderna está completamente de accordo com a fé.

6.° *Transubstanciação.* E' de fé na Eucharistia que a substancia do pão e a substancia do vinho se mudam

na substancia do corpo e do sangue de Jesus Christo, e que depois da consagração nada resta das especies ou substancias do pão e do vinho senão accidentes ou apparencias. Este dogma tão mysterioso está claramente definido no canon II, sessão XXIII do concilio de Trento: «Se alguém disser que no SS. Sacramento da Eucharistia a substancia do pão e do vinho fica junctamente com o corpo e o sangue de Jesus Christo Nosso Senhor, e negar esta admiravel e singular conversão de toda a substancia de pão no corpo, de toda a substancia do vinho no sangue de Jesus Christo, ficando apenas as especies, accidentes ou apparencias do pão e do vinho, a qual conversão a Igreja catholica apellida com o nome muito proprio de transubstanciação; seja anathematizado!» Só pois a substancia do pão e a do vinho se mudam na substancia do corpo e do sangue de Jesus Christo. Só pois a substancia do corpo e do sangue do Salvador e não as dimensões d'este corpo e d'este sangue nem seus accidentes ou apparencias estão presentes debaixo das apparencias ou accidentes do pão e do vinho.

O corpo e o sangue de Jesus Christo estão onde estavam a substancia do pão e a substancia do vinho, i é, debaixo de cada molecula de pão e de vinho transubstanciada. E ainda que todos os atomos componentes do corpo de Jesus Christo estejam reunidos n'um espaço quasi indivisivel, ahi estão sem confusão, perfeitamente distinctos e separados uns dos outros. Se toda e qualquer comparação não fosse defeituosa, debaixo de certos respeitos, diriamos que estão ali como toda a superficie do sol com seus accidentes, manchas, faculas, granulos, calor e luz, está presente no foco infinitamente pequeno de uma lenta amplificadora; como uma paizagem immensa, com todos os seus accidentes e por menores é reproduzida nitida e distinctamente na imagem photo-microscopica, onde uma lupa forte nol-os

mostra em toda a harmonia. E visto que, diz S. Thomaz, quando diversas cousas estão estreita e indivisivelmente unidas, onde umas se encontram devem estar as outras, o corpo, o sangue, a alma, a divindade de Jesus Christo vivo no céo, encontram-se ao mesmo tempo e por concomitancia debaixo de cada molecula de pão ou de vinho transubstanciada.

Bossuet disse em termos grandiloquos: « Jesus Christo na Eucharistia é tão identico ao corpo humano por sua substancia e tão dissimelhante por suas qualidades, que se pode dizer que é o mesmo e que não é o mesmo a diversos respeitos; que n'um sentido, e não attendendo senão á substancia, é o mesmo corpo de Jesus Christo nascido de Maria; mas que n'outro sentido, e attendendo só aos modos, é outro, tal como se fez elle mesmo por sua palavra. »

Não ha que duvidar, o dogma da unidade da materia de todos os corpos do universo, da identidade intrinseca dos atomos ou ultimos elementos inextensos, nos quaes se decompõem, é um passo immenso para o mysterio da transubstanciação.

7.º *A multilocação.* Não ha evidentemente nem contradicção em affirmar que o corpo de Jesus Christo está ao mesmo tempo presente no ceo e em todas as hostias consagradas, do que em affirmar que Jesus Christo está todo debaixo de cada uma das moleculas de uma hostia consagrada. O logar é um ente de razão que não tem realidade virtual senão na immensidade divina, e realidade actual senão no corpo que o occupa. Porque razão Deus que está presente em todos os logares não poderia crear no logar A o ser que já creou ou que ha de crear no logar B? Porque razão não poderá participar seu ser ao mesmo tempo, da mesma maneira, no mesmo grau, em muitos logares A e B?

O logar A não cessará de ser distincto do logar distante B, ainda mesmo que estes dois logares fossem

occupados pela presença de um mesmo corpo. Já fica estabelecido que o ser infinitamente perfeito deve possuir todas as perfeições aperfeiçoantes dos seres reaes ou mesmo moraes, como a auctoridade.

Ora é da essencia da auctoridade fazer-se participar onde quer, crear onde lhe aprouver governadores, administradores, juizes, etc., multilocar-se n'uma palavra: logo Deus com maioria de razão deve ter o poder da multilocação de suas creaturas.

A transubstanciação é uma especie de creação; toda a tradição compara as palavras da consagração ao *fiat lux* creador; nada pois obsta a que operem a multilocação. como o faria a creação, se Deus o quizesse.

Os annaes da Egreja offerecem-nos exemplos de factos certos de multilocação. S. Francisco Xavier livra ao mesmo tempo do naufragio, da fome e da sêde as equipagens de dois navios mui distantes um do outro. Em tempos, proximos de nós, quasi contemporaneos, S. Affonso de Ligorio esteve presente ao mesmo tempo em uma cadeira do paço episcopal, e á cabeceira do papa Clemente xiv, a quem assistiu na agonia.

Concluamos: longe de affrontar a razão, o mysterio da divina Eucharistia, pelo contrario completa-a, revelando-nos muitas propriedades da materia e dos corpos, quer naturaes quer sobrenaturaes, que podem ser-lhe miraculosamente communicadas.

E já que invocamos o milagre, acrescentaremos que a historia ecclesiastica está cheia de milagres, que attestam a presença real de Jesus Christo debaixo das sagradas especies: ciborios ou custodias suspensas no ar; e Jesus Menino mostrando-se visivel no meio da hostia; hostias tornadas incorruptiveis ou incombustiveis; gotas de sangue correndo de uma hostia atassalhada, etc. etc. Uma especie de milagre em favor da presença real é que os mais impios intimados em prova



de sua incredulidade a calcar aos pés a sancta hostia ou a derramar o sangue do calix, offerecem uma resistencia obstinada a fazel-o. Crêem, mau grado seu, e a Magestade de Deus occulto debaixo das apparencias eucharisticas fal-os tremer!

E' que de facto a Eucharistia é em si um milagre extraordinario, continuação ou renovação da Incarnação e da Redempção, o sobrenatural em seu supremo poder, o compendio em summa de todos os mysterios e de todos os milagres; domina todo o christianismo, é o sol da Revelação.

Mgr. Landriot em sua excellente obra, a *Eucharistia*, pag. 202, diz admiravelmente: « Que prazer para mim ver o Verbo de Deus, planeando sobre toda a criação, banhando todos os seres como fluido gerador e omnipotente, com a faculdade não só de crear, mas de modificar, de mudar, de transformar, de multilocar todas as substancias, todos os seres que tem na mão, como um physico omnipotente que tivesse um direito illimitado de vida, de morte, de mutação sobre todos os elementos submettidos a sua acção soberana!

Quando me propondes d'essas pequenas objecções de uma razão apoucada, parece-me ver uma creança que dispoe sobre a areia não sei que castello de cartas, e que ordena ao mar que não passasse alem, quando elle se approxima bello. magestoso, em toda a plenitude de sua força, elevado como se fôra uma serra fluctuante e marchando como um exercito que não sabe recuar. »

---

## CAPITULO TRIGESIMO SEGUNDO

### **Accordo da liberdade com o concurso divino, natural e sobrenatural, a presciencia divina, a graça e a predestinação.**

Ser livre é querer uma cousa com o poder de a não querer.. , a faculdade de escolher entre isto e aquillo, de se determinar por isto ou aquillo, apoz deliberação... Eis porque nós a denominamos livre arbitrio: sua essencia é a eleição. Que o homem delibera, escolhe e se determina, é senhor de suas acções, é o que a revelação nos ensina de maneira precisa. Mesmo depois da queda dizia Deus a Cain: «Tuas inclinações te ficarão sujeitas, e poderás sempre dominal-as.» (Gen. iv, 3.) Quando Moysés acabava de intimar ao povo hebreu a vontade de Deus, dizia-lhe: «A lei que vos imponho, nem está acima de vós, nem longe de vós. Está perto de vós, está na vossa bocca, em vosso coração, afim de que a cumprais... Chamo o ceo e a terra por testemunhas em como vos propuz o bem ou o mal, as benções ou as maldições, a vida ou a morte.. Escol-

lhei portanto a vida.» (Deuter., xxx). O auctor do, Ecclesiastico diz a seu turno (xviii, 14:) «Desde o principio creou Deus o homem, e lhe poz nas mãos sua conducta. O homem tem diante de si o bem ou o mal, a vida ou a morte; o que escolher, isso terá.» Todas as paginas das sanctas Escripturas, do Antigo e do Novo Testamento, proclamam altamente que o homem é livre. Vemos continuamente Deus queixar-se de seu abandono e de suas revoltas, increpar-lhe as resistencias a suas vontades, dirigir-lhe ternos convites, fazer-lhe propostas de vida ou de morte, ameaças de castigos ou promessas de recompensa, etc., etc. Para que tudo isto, se não temos a escolha e a liberdade de nossas acções?

A tradição e os Concilios sempre ensinaram que a vontade fica livre, perfeitamente livre, em face da presciencia divina ou da predestinação, debaixo da influencia da acção divina, sem a qual não haveria acção humana, debaixo da influencia da acção sobrenatural da graça, etc. E tudo depois como antes da queda de Adão. «Seja anathematizado todo aquelle que disser que o livre arbitrio do homem foi extincto e se perdeu com o peccado de Adão, e que não passa de um vão nome, uma ficção introduzida na Igreja por Satanaz!» (*Concilio de Trento*, sessão iv, Canon v.) «Seja anathematizado todo aquelle que disser que o livre arbitrio do homem, movido e excitado por Deus, em nada coopera consentindo na graça que o excita e chama, que não pode recusar seu consentimento se o quizer, mas que á semelhança de um ser inanimado, nada absolutamente faz, e é totalmente passivo.» (Canon xx.) «Anathema contra todo aquelle que disser que não está no poder do homem tornar suas vias más, mas que Deus opera o mal e o bem, não só permittindo-o, mas realmente e por si mesmo, de tal sorte que a traição de

Judas é tanto obra sua como a vocação de Paulo; seja anathematizado!» (Canon vi.)

O testemunho da razão é forçosamente conforme com o da Escripura, da tradição e dos Concilios; aqui não se tracta de uma d'essas verdades inaccessiveis, a respeito das quaes devamos ater-nos á palavra de Deus!

Consultai vossa natureza, invocai vossa experiencia, de um e outro lado ouvireis a mesma resposta: somos livres! .. Se o não fossemos, pensariamos todos nas mesmas circumstancias de igual modo, e por uma consequencia inevitavel, obrariamos todos da mesma maneira. Ora tal não ha. O livre arbitrio descobre-se no estudo de nossas faculdades, e sente-se em todas as nossas accções. Sente-se ainda depois da acção, quando nossa alma está altiva e contente do bem que practicou, confusa ou tremendo pelo mal de que não soube precatar-se.

O lugar que occupa a liberdade humana em as crenças, as preocupações, a linguagem, o respeito de todo o genero humano, basta para nol-a tornar veneravel e sagrada. Supprimi o livre arbitrio, tudo se volve inextricavel, ridiculo, odioso, na vida theorica e practica dos povos. Tentai explicar sem elle a historia e os monumentos, os louvores entusiastas, os vituperios indignados, escriptos ou gravados... não o poderieis fazer... Querer o que se poderia não querer, não querer o que se poderia querer, a virtude e a gloria, o crime e a vergonha .. tudo isso é ella! .. Se o homem obedece á fatalidade, nada mais odioso que a pompa indigna e hypocrita de que o rodeiam para lhe imputarem seu crime ou sua virtude, para o recompensarem ou o castigarem.

Já atraz vimos no tomo II, o que a falsa sciencia oppõe a esta douctrina do bom senso, do senso commum e da fé!

A duvida em theoria, mas a tolerancia na practica; una negação brutal, a affirmação insensata da necessidade absoluta dos actos humanos; um determinismo cego das intelligencias individuaes e nacionaes...

A liberdade humana em todas as condições da vida, em face da presciencia divina, debaixo da acção e do governo soberano de Deus, debaixo da influencia omnipotente da graça, debaixo do peso esmagador da predestinação, é por conseguinte um dado certo, o *conhecido*, na sua mais elevada significação, impossivel de negar sem crime ou demencia.

O *desconhecido*, pelo contrario, e o mysterio, é o como do accordo do livre arbitrio com a presciencia divina, o governo divino, a graça, a predestinação, etc., que são á sua parte verdades certamente conhecidas. E aquillo, a que a razão nos obriga, é a concluir da coexistencia d'estas duas ordens de verdades certas para seu accordo pleno e inteiro, ainda mesmo que este accordo ou o como d'este accordo ficassem inacessiveis a nossa intelligencia.

«A primeira regra de nossa logica, diz Bossuet, é nunca abandonar verdades conhecidas, sejam quaes forem as difficuldades que sobrevenham para as conciliar; devem se pelo contrario conservar sempre com firmeza as duas extremidades da cadeia, embora se não veja sempre o meio, por onde o encadeiamento prosegue...» (*Tratado do livre arbitrio*, cap. IV.)

Que admiravel linguagem esta! tem sido sempre a minha norma. Ora de um lado temos na mão os dogmas da soberania divina, da presciencia divina, da necessidade e efficacia da graça; do outro o dogma do livre arbitrio. E' possivel que o nó invisivel que une as duas cousas não seja bem dado pelas opiniões, mas estai certos de que o laço está bem dado...

Resta provar que a razão esclarecida pela fé derrama bastante luz sobre estas questões mysteriosas

para fazer desaparecer toda a sombra de contradição.

1.º *O livre arbitrio e o governo ou concurso divino.* E' mister acreditar que Deus que nos deu o ser, em quem estamos, nos movemos, e vivemos, que não pode ficar inactivo nas determinações livres de nossa vontade.

Seria fóra de toda a razão, diz Bossuet, attribuir-lhe o que vale menos, o ser, e tirar-lhe o que vale mais, o bem estar e o bem viver. Sua soberania exerce-se pois sobre nossas decisões ao mesmo tempo que as dirige ou provoca por sua lei. Assim é que a Escriptura não receia dizer que Deus opera em nós o querer e o perfazer. (*Phil.* II, 13.) Advirta-se porem que esta operação de Deus sobre um ser livre não é a mesma que sobre um ser puramente passivo; que ella se proporciona á nossa natureza e deixa intacta nossa liberdade. Como? Alguns pretendem que Deus se contenta com um concurso geral, concurso aplicado simultaneamente a todos os seres. Cada qual, operando, particularisa-o e determina-o segundo sua natureza, de tal sorte que o acto produzido é o acto de Deus, ao mesmo tempo que é o acto do homem. Este concurso seria como o do vapor sahindo do gerador e indo animar toda a classe de motores; ou como a irradiação solar que a todos os seres communica as condições de existencia. Como todo o agente, a liberdade toma sua parte de concurso divino, apropria essa parte, e determina esse concurso. Um tal concurso reduzir-se-hia por intermedio da liberdade a isto, a saber, que Deus quer de toda a eternidade practicar por meio d'ella o acto que ella mesma ha de querer produzir espontaneamente. Aqui nada ha difficil de conceber. N'este systema. o concurso divino nada tem que esteja em contradição com a liberdade; mas não amesquinhará a soberania absoluta de Deus; não deveremos ir um pouco mais alem?

Não estamos nós todos os dias a ser testemunhas do facto da palavra humana pela persuasão que exerce adquirir uma influencia directa sobre nossas determinações, permanecendo no entanto livres? Ella move milhares de almas a dizerem não só creio, mas quero e quero livremente... Ora se o homem tem o poder de persuadir, inundando-nos subitamente de uma viva luz, communicando-nos sentimentos imperiosos de alegria, de tristeza, de temor, de amor; exercendo sobre nós uma attracção irresistivel que leva o coração a gritar *Rabboni*, meu mestre... como recusaremos um tal poder a Deus?

Analysando a persuasão no seu maior auge, encontramos-lhe dois actos distinctos: o acto de uma força que provoca uma determinação de liberdade, e o acto da liberdade que se determina... E' o eu que cede á persuasão, é o eu que faz sua efficacia... D'onde se segue que Deus, se sua soberania se reduzisse a persuadir, não seria tão senhor como pode e deve sel-o. Uma grande escola, a escola thomista, ciosa ao excesso das prerogativas divinas, quer que a soberania absoluta de Deus consista em elle ser rigorosamente causa primeira de todas as cousas; que a determinação efficaz a tal ou tal acção não possa ter logar senão por virtude sua... Esta virtude fazem-na sim consistir no decreto eterno e infallivel, pelo qual Deus quere e predetermina cada um de nossos actos; outros em uma especie de mysterioso toque que dá o impulso a nossa actividade e a torna efficaz.

E não haja sustos por causa d'esta acção directa, pois Deus faz em nós o acto e o modo do acto; faz que obremos e obremos livremente; faz que tomemos uma determinação e que esta determinação seja nossa propria determinação. E accrescenta S. Thomaz, este concurso directo não faz de maneira alguma pesar so-

bre Deus a responsabilidade de nossas más acções, porque não é a Deus, causa primeira e indefectível de meus actos, mas ao meu livre arbitrio deficiente que se deve attribuir meu peccado. Deus não é responsável senão pelo que ha de bom no acto material do peccado, do mal moral tenho eu toda a responsabilidade.

Em resumo, d'estas tres opiniões tão differentes sobre o concurso divino, principalmente as duas primeiras salvam sufficientemente a honra de Deus e a honra da liberdade. A honra de Deus que fica senhor absoluto de todas as cousas, que nos tem em uma completa dependencia, de quem todos recebemos tudo, sem receber de nós cousa alguma. A honra de nossa liberdade, porque ficamos senhores de nossas deliberações, escolhas e decisões, porque a vontade movida por Deus permanece uma força activa que efficazmente coopera, e não um instrumento inanimado e puramente passivo.

2.º *A liberdade e a presciencia divina.* E' infinitamente provavel que em Deus e para Deus não haja nenhuma successão, nem passado, nem futuro, mas um presente eterno; que vê, comprehende e quere tudo o que tem sido, é ou será por um só acto; que não haja n'elle presciencia, mas sómente sciencia, como dizia S. Agostinho: *Res non sunt in eo (Deo) futurae, sed praesentes, ac per hoc non jam praescientia, sed tantum scientia dici potest.*

N'estas condições evidentemente a lucta entre a presciencia e a liberdade não existe... O homem não opera, porque Deus o vê operar; mas Deus vê o homem obrando livremente porque obra de facto livremente.

Deus não faz as cousas vendo-as, mas vê-as feitas. Pretende-se, o que é impossivel, que haja para Deus duração successiva, presente, passado e futuro, e por-



tanto presciencia; esta presciencia, embora eterna, não pode ser um obstaculo á nossa liberdade, porque é evidentemente não o principio, mas a consequencia dos nossos actos.

Não é porque nossas acções hajam sido previstas como futuras que nós as fazemos, é pelo contrario porque devemos fazel-as que Deus as viu como futuras. Deus faz tanto uma cousa quando prevê que se fará, como se a visse fazer.

Vejo um navio caminhar a velas cheias para um escolho, onde vai despedaçar-se; de certo não foi por eu o ter visto ou previsto que elle se perdeu, vi-o sim perdido porque ia perder-se. A presciencia divina, embora infallivel, e infinitamente mais perfeita que a do homem, tambem não influe mais sobre nossa determinação, do que o acto pelo qual se vê infallivelmente o navio correr a despedaçar-se no recife. A previsão ou a visão não muda a natureza de nossos actos. É bem verdade que tudo quanto Deus previu ha de acontecer, mas ha de acontecer da maneira que Deus previu. O que previu que devia acontecer necessariamente, ha de necessariamente acontecer; e o que previu que devia acontecer livremente, livremente ha de acontecer.

*A liberdade e a graça.* A doutrina catholica sobre a graça resume-se nas seguintes proposições que são verdades de fé.

Deus quer por uma vontade antecedente, séria, sincera e activa a salvação de todos os homens. Os homens a quem Deus quer salvar, não os abandona a si mesmos, porque o fim a que os chama é propria e absolutamente sobrenatural. O meio proporcionado a este fim, a graça debaixo de suas formas diversas, não pertence á ordem da natureza.

A graça com a qual o homem coopera, chama-se

*graça eficaz*, porque obtem seu effeito; mas o livre arbitrio debaixo de sua influencia não é um instrumento puramente passivo; opera por uma acção propria, e se de facto não resiste, conserva o poder real de resistir; as obras de salvação por conseguinte são imputaveis à liberdade, e aquelle que nos creou sem nós, não nos salvará sem nós...

Alem da *graça eficaz*, ha uma *graça verdadeiramente sufficiente*, que dá ao homem relativamente ás circumstancias presentes um poder completo, apropriado aos actos bons que deve praticar; de sorte que realmente esta *graça*, se é inefficaz, é por culpa de nossa vontade.

O problema a resolver na ordem theologica, o accordo do concurso da *graça sobrenatural* e da liberdade, é o mesmo que o problema a resolver na ordem philosophica, o accordo do concurso divino e da determinação humana... O homem não cessa de ser livre ainda quando tem sido influenciado por fóra, persuadido, attrahido, arrastado. Não cessa tambem de ser livre, porque acceita a influencia da *graça*, luz e força provenientes de fóra.

Não seria desconhecer os dados da psychologia pensar que a liberdade para ser perfeita carece de ser subtrahida a toda a influencia, e que será tanto mais livre, quanto for menos influenciada? Longe de se excluir a ideia de liberdade e a ideia de uma influencia exterior que a determina, ao contrario suppõem-se, porque a liberdade, se não fosse determinada por motivos de obrar, seria como uma balança sem braços, sem ponto de apoio, sem pesos.

E que não se diga que a acção da *graça*, que é a acção de Deus, é infinita e necessariamente eficaz. De feito, como advertem S. Thomaz e S. Agostinho, a acção de Deus humanisa-se e proporciona-se a nossa fraqueza.

Deus modera-a de tal sorte, que triumphá da liberdade com a cooperação da mesma liberdade. Não só a graça não prejudica a liberdade, mas pelo contrario é ella que torna a alma livre, libertando-a da escravidão. Em consequencia da queda original, a liberdade como todas as outras faculdades, está languida e enferma: o equilibrio entre o bem e o mal não existe. Sem o soccorro da graça, só existe a liberdade do mal; a liberdade do bem só pode existir com a condição de que, o soccorro da graça nos livre da tyrannia do erro, do vicio, e dos demonios, para os quaes o homem é um captivo fazendo-lhes todas as vontades. Aqui está o segredo d'estas palavras de S. João (VIII, 36): «Não sereis verdadeiramente livres, senão na proporção em que vos libertar o Filho do Homem.»

Não só a graça não prejudica a liberdade, mas aperfeiçoa-a. A liberdade de facto é o poder de adherir ao verdadeiro, ao bom e ao bello, depois de deliberação e de escolha.

Seu exercicio presuppõe o exercicio da intelligencia, da vontade ou do amor, da imaginação, etc.; presuppõe por isso mesmo a influencia de uma luz que illumina, de uma força que attrahe ou impulsiona, de uma belleza que seduz: ora a graça é a luz, a força, o attractivo no grau o mais alto.

Em ultima analyse, na theoria de S. Agostinho, o douctor da graça por excellencia, a acção da graça reduz-se á attracção exercida por uma especie de deleitação, *trahit sua quemque voluptas*. Somos como o carneiro que vae livremente para a pedra de sal que lhe mostrais, ou como a creança que fica livre correndo para as nozes que tendes na mão. A deleitação é o grande segredo da acção divina em nossas almas, e o nó gordio do mysterio da liberdade e da graça.

Um philosopho christão, o sr. Henrique Martin, disse

com aplauso: «A verdadeira noção da liberdade moral não contradiz o principio da razão sufficiente, comprehendido como deve sel-o. De feito, assim como a razão sufficiente das determinações eternas e livres da vontade de Deus está na conveniencia de sua bondade com a bondade divina; assim tambem, a razão sufficiente das determinações livres dos seres inclinados ao mal e sujeitos ao erro está em algum objecto apeteçivel, não mettendo em conta a disposição moral, em que lhes apraz collocarem-se livremente. A razão sufficiente basta em philosophia, como a graça sufficiente na theologia para tornar o acto possivel, mas não para tornar a acção necessaria.» (*Vida futura*, 2.<sup>a</sup> edição, pag. 368.) N'uma palavra, a acção do concurso natural com a do concurso sobrenatural da graça resume-se em effeitos de illuminação, de attracção, de deleitação, os quaes não implicam de modo algum a necessidade.

*A liberdade e a predestinação.* Antes de toda e qualquer determinação dos acontecimentos e das circumstancias, quer Deus a salvação de todos os homens. Sua bondade chama-os em commum amplexo á eterna felicidade, e prepara-lhes os meios necessarios para lá chegar. A graça não lhes falta; o livre arbitrio, esse sim pode faltar. Deus preoccupa-se de modo particular de seus escolhidos; predestinou-os, e preparou-lhes desde antes da criação do mundo o reino que devem possuir com elle livremente, gratuitamente. Deus não quer a gloria sem merecimentos, e não quer os merecimentos senão para a gloria. Em uma obra immensa como a sua, Deus é livre em manifestar todas as suas perfeições, sua justiça e sua misericordia. Onde tudo é gratuito, o bemfeitor pode sem injustiça dar a seu grado mais ou menos, com tanto que não prive ninguem do que lhe é devido. Nada obsta a que se admitta em Deus uma força *supercomprehensiva*, por meio da qual sonda de

algun modo nossa liberdade, e conclue infallivelmente as determinações que ella ha de tomar, se for collocada em tal ou tal meio, e se receber do alto tal ou tal soccorro. Esta sciencia condicional precede racionalmente o livre decreto da predestinação divina.

Deus vê assim em sua presciencia infinita aquelles que hão de usar bem de sua graça, e a estes predestina-os para a gloria. A graça não se merece d'outra sorte, é gratuita; mas a gloria merece-se pela graça, e Deus toma em conta este merito na ordem da predestinação.

A'quelles, a quem conhece por sua presciencia, predestinou-os a serem conformes á imagem de seu Filho. «Aquelles que predestinou, chamou-os, aquelles a quem chamou, justificou-os; aquelles a quem justificou, glorificou-os.»

Presciencia, vocação, justificação, glorificação, aqui está a ordem do decreto eterno; n'estas condições, como é evidente, nada ha que não seja mui conforme à razão.

Em resumo: Deus, querendo por uma vontade geral, antecedente e sincera, a salvação de todos os homens, promptifica os soccorros que deve conceder-lhes. Sua sciencia infinita, penetrando toda a natureza, os tempos, os logares, as circumstancias, vê aquelles que correspondendo fielmente a sua graça, hão de merecer a gloria, e decreta dar-lhes a graça e a gloria. Mas a graça que concede não é uma moção directa e physica que a alma recebe de modo que seus actos sejam por ella determinados, é um auxilio que prevalece, um concurso que acompanha, deixando á liberdade pleno poder de deliberar, de tomar uma decisão, de se determinar por si mesma a obrar... Presciencia, eleição, vocação, justificação, glorificação, tudo isso é obra gratuita da divina misericordia... Accrescentemos que é ainda Deus que em nós opera o querer e o perfazer,

porque sua omnipotencia dirigida por sua *sciencia media*, \* dispoz todas as cousas para que nós quizessemos e obrassemos livremente.

E não se diga que o dogma da predestinação extingue na alma humana toda a actividade fecunda de baixo do pretexto de que o homem que crê na predestinação poderá dizer de si para comsigo: Ou sou predestinado, ou não. Se sou predestinado, faça o que fizer hei-de salvar-me! Se o não sou, faça o que fizer, hei-de condemnar-me. Este discurso é como o do insensato que dissesse: Ou Deus tem determinado que eu morra hoje, ou d'aqui a vinte annos. Se decretou que hei-de

---

\* Nem todos os leitores terão conhecimento da ideia significada por este termo; só para estes diremos que foi assim que o celebre Molina designou em Deus o conhecimento de todos os futuros condicionados, i é, dependentes da determinação das causas segundas. E chamou-lhe *media*, porque a collocava entre as duas sciencias de *intelligencia* e de *visão*, pelas quaes seguindo S. Thomaz Deus conhecia tudo quanto existia ou era possível.

Se a cousa existia, ou existira, ou houvesse de existir, Deus conhecia-a por sciencia de visão; se nunca houvesse de existir, embora fosse possível, então denominava-a S. Thomaz sciencia de intelligencia. Molina porem excogitou outra divisão, onde entre a sciencia de visão e de intelligencia mettia a sua sciencia media para todos aquellos futuros que, alem de possíveis e contingentes, dependiam da determinação de uma causa livre, se se dessem taes ou taes condições. Esta discordancia pode parecer de pouco momento e propria a satisfazer curiosidades de escola, mas no desígnio e intenção dos auctores prefaciava os desenvolvimentos do *como* Deus conhecia o universo physico e moral e tudo quanto n'elle se produzisse.

Ora S. Thomaz pensava que Deus via tudo em si e nos seus decretos sem referencia alguma ás creaturas, e por isso bastava-lhe a divisão acima indicada, tendente só a discriminar o possível do existente; Molina ao contrario professava que Deus por uma *supercomprehensão* das causas segundas conhecia os futuros condicionados, de forma que o conhecimento de Deus é não só *subjectivo*, mas *objectivo*. Precisava por isso da sua sciencia media. O A. encosta-se nos desenvolvimentos que dá n'este parographo á doutrina de Molina.

N. do T.

morrer d'aqui a vinte annos, faça eu o que fizer, hei-de viver até lá. Posso pois deixar de comer, viver de ar e de tempo, atirar-me á agua, ao lume, ou pela janella fóra... A previsão de minha salvação, como a previsão de minha vida ou de minha morte, presuppõe necessariamente que devo empregar antes de mais nada os meios necessarios e sufficientes para segural-a.

*O determinismo.* Já atraz dissemos algumas palavras da pretendida theoria mecanica do universo, formulada n'estas celebres palavras de Laplace: «Uma intelligencia que para um instante dado conhecesse todas as forças, que animam a natureza, e as situações respectivas dos seres (quer dizer, dos atomos simples que compõem o mundo e os mundos), abraçaria em um mesmo conjunto de equações differenciaes os movimentos dos maiores corpos do universo, como os do mais leve atomo! Nada para ella seria desconhecido, e o futuro como o presente, seria sempre visivel a seus olhos!»

Deram a esta theoria o nome de *determinismo*, se fosse verdadeira, tudo com effeito a cada instante estaria determinado em a natureza, e a liberdade não passaria de um mero vocabulo. Vimos como o snr. Phillippe Breton mostra que esta doutrina implica o phenomeno extremo da reversão, e conduz aos mais extravagantes absurdos, suppondo mesmo que só se estende ao mundo material, ao mundo physico inorganico ou organico.

Estamos tambem no direito de acrescentar que estender esta theoria aos seres intelligentes e livres, que ter a pretensão de comprehender nas famosas equações differenciaes da dynamica geral os actos dos seres dotados de vontade, seria o cumulo da sem-razão. Como de facto por em equação o pontapé com o qual faço desaparecer da fauna universal muitos centos de formigas ou milhões de seres microscopicos? Ha no entanto geometras christãos, dos quaes se citam dois muito cele-

bres, o sr. de Saint-Venant, da Academia das sciencias, e o sr. Boussinesq, professor de mathematica, na universidade de Lille, para quem o determinismo comprehendido dentro de certos limites, não repugna e que chegam até a estabelecer um accordo mui sufficiente das leis da mecanica e da liberdade do homem em sua acção sobre a materia. Pode vêr-se nos *Mundos*, fasciculo de 22 de março de 1877: 1.º como nenhuma das tres leis geraes da mecanica: a conservação da quantidade de movimento, a conservação das areas, a conservação da energia, tanto potencial como actual ou cinetica, é violada por qualquer acto humano supposto livre; 2.º como tambem, pela consideração das soluções singulares das equações differenciaes, soluções que se accrescentam ás soluções particulaes que dão as integraes geraes, as leis fundamentaes do movimento se harmonisam tambem com as leis particulaes de intensidade que parecem ligar as accelerações das moleculas com suas posições relativas de cada instante; 3.º como enfim pela introducção de um principio director, podendo arbitrariamente e por sua propria eleição, prolongar as suspensões de movimento, se determina sua reiteração sem trabalho physico; o que é bastante para effectuar o accordo das leis physicas com a liberdade das acções dos espiritos. Mas é levar muito longe a condescendencia com os devaneios de uma sciencia impossivel.

---



## CAPITULO TRIGESIMO TERCEIRO

### Os Espiritos

Mais um mysterio ou uma incognita são os espiritos bons e maus, os anjos e demonios; sua existencia, sua acção physica, moral, psychica; suas relações com o homem, etc. Todo o homem sensato que no mundo descobre algo mais do que materia, poderá pôr em duvida a existencia de puros espiritos? Elles são possiveis! Nós concebemol-os! Nossa mesma alma é um espirito! Porque razão pois não hão-de existir? Se existem, foram necessariamente creados livres, porque a liberdade é da essencia dos espiritos, como a inercia é da essencia da materia. Se foram criados livres, e foram collocados n'um estado de transição ou de prova, uns puderam fazer bom uso de sua liberdade, e serem confirmados no bem, taes os bons anjos ou os anjos; os outros puderam abusar de sua liberdade, e volverem-se confirmados no mal, são os maus anjos ou demonios.

No Antigo como em o Novo Testamento a cada passo se deparam allusões aos bons e maus anjos; Jesus Christo esteve incessantemente em contacto com uns e outros.

Repete-nos as virtudes e beneficios dos anjos; conta-nos a impiedade e o castigo dos demonios; muitas vezes acautela-nos contra sua malicia.

A tradição humana, como a tradição revelada e divina, affirma a existencia dos espiritos bons e maus.

Esta existencia enfim é um dogma da Egreja catholica, apostolica, romana. «E' mister crer de fé firme, diz o quarto concilio de Latrão, que no começo dos tempos tirou Deus do nada uma e outra creatura espirital e corporal, angelica e mundana.

*Os anjos bons.* Eis em breves palavras o que a Revelação nos ensina, e o que é razoavel acreditar. Estas nobres intelligencias rodeavam a Magestade de Deus quando assignava á Terra seu logar na immensidade, e derramava a ondas a vida em seu seio. Formam innumeraveis phalanges, agrupadas em nove ordens ou hierarchias: Seraphins, Cherubins, Thronos, Dominações, Principados, Potestades, Virtudes, Archanjos e Anjos. Com a immaterialidade, a immortalidade, e a incorruptibilidade, os anjos receberam sua missão de poder e de protecção sobre o mundo. As naturezas corporeas e inferiores estão-lhes sujeitas em limites prescriptos por Deus. Presidem aos movimentos dos ceos, dirigem o curso dos astros; imperam nos ventos e tempestades; superintendem no governo dos imperios. Daniel falla dos anjos que presidem aos destinos dos Persas, dos Gregos, dos Hebreus. As egrejas tambem tem seu anjo protector, cada um de nós enfim tem um anjo tutelar ou da guarda.

A Sagrada Escriptura mostra-nos os anjos de Deus capazes de uma energia, e força physica consideravel. Um anjo lucha com Jacob até de manhã; não o podendo vencer, toca-lhe o nervo da coxa e secca-lh'o, o que o tornou claudicante, facto memoravel, sempre vivo na lembrança dos hebreus.

Um anjo atravessa n'uma só noite todo o Egypto,

e fere todos os primogenitos do homem e dos animaes. O anjo do Senhor ataca de noite o campo de Sennacherib, e mata cento e oitenta e cinco mil homens. \* Um anjo toma Habacuc pelos cabellos e com a rapidez do espirito vae-o collocar á entrada do fosso dos leões. Heliodoro é derribado e flagellado por anjos. Porque não será tudo isto possível e real? Deus, puro espirito, em sua eterna immobildade, e precisamente porque é immovel, é o exclusivo auctor da multiplicidade de movimentos que se executam nos espaços celestes. Sabios illustres, Ampere e outros, não se acobardaram quando affirmavam que só os espiritos desenvolvem força viva no mundo!

*Mens agitat molem*, dizia o poeta: o espirito põe em movimento as massas pesadas. Nossa alma faz mover o nosso corpo. Esta faculdade motriz dos espiritos é uma qualidade mysteriosa, porém real, pois o mundo está todo em movimento e a materia é essencialmente inerte.

*Os demonios.* Jesus Christo, attendendo á queda dos anjos, diz: «Vi a Satanaz precipitando-se do ceo como um raio, e abysmado no inferno preparado para elle e seus anjos.» A tradição da queda dos anjos tem-se conservado na lembrança da humanidade, e deixado vestígios em todas as theogonias.

Os maus anjos teem conservado depois da queda suas vantagens naturaes e seu poder sobre o mundo material, mas só d'elle se servem para fazer mal. Tornaram-se soberbos, embusteiros, invejosos, ardentes em grangear cumplices, em arránjar companheiros de sua desgraça e de seus tormentos. O poder de Satan augmentou notavelmente pelo peccado original, que na

---

\* O A. diz oitenta e cinco mil homens; mas o IV L. dos Reis eleva este numero a cento e oitenta e cinco mil.

expressão energica de Jesus Christo, nos constituiu «filhos do diabo,» e a elle nosso amo, principe e reitor do mundo, potencia do ar e das trevas, leão rugindo, circulando impertinentemente em busca de quem que devore.

Quem se não sente surprehendido e assombrado de o ver exercer seu despotismo desastroso sobre o proprio Jesus Christo, apoderar-se de seu corpo virginal e innocente, transportal-o ora ao tecto do templo, ora ao cume de uma montanha e sollicital-o para o mal?

O homem deveria reputar-se muito feliz, quando pode desencarregar-se na pressão estranha e tyrannica do demonio da responsabilidade dos excessos aos quaes por vezes se abandona. Ha crimes tão hediondos, que não tem explicação se não admittirmos com o apostolo que o peccador de tal modo se escravizou ao demonio, que lhe faz todas as vontades.

O primeiro grau d'esta escravidão é a tentação ou a simples sollicitação para o mal. A segunda é a obsessão, quando sem se ter apoderado do corpo da victima, exerce sobre ella uma acção sensivel e dolorosa. E' assim porventura que o espirito maligno agitava Saul, e não se retirava senão quando David o tinha d'alguma sorte conjurado, tocando harpa, e pondo a mão em Saul. Sara, filha de Ragucl, estava assediada pelo demonio Asmodeu, que deu a morte a seus sete maridos, e ao qual o anjo Raphael poz em fuga.

O terceiro grau enfim da escravidão do demonio é a possessão, quando se tem apoderado do corpo e da alma de um infeliz, para d'elles se servir como de instrumentos pelos quaes opera, produzindo effeitos mais ou menos extraordinarios, por exemplo, lançal-o por terra, transportal-o a distancia, conserval-o suspenso no ar, ou agarrado ao tecto, em opposição ás leis da gravidade; fazer-lhe fallar uma lingua que nunca apren-

dera; ensinar-lhe factos ignorados, distantes ou secretos, etc., etc.

O possesso tambem se chama demoniaco. O Evangelho cita notavel numero d'elles, e Jesus Christo aduzia como signal de sua missao divina o expulsar os demonios. Deu a seus apóstolos, que o transmittiram a seus successores, esse mesmo poder de expulsar os demonios. Citemos algumas das possessões do Evangelho.

1.º (S. Math., VIII, 25.) Dois demonios sahem furiosos dos sepulchros, irritados de verem o Filho de Deus vir atormental-os, pedindo-lhe, se quer expulsal-os, que os deixe entrar em um vara de porcos; invadem-n'a com effeito, e precipitam-se com elles no mar. 2.º (S. Math., XVII.) Certo homem desde a infancia estava sujeito aos mais graves accidentes: surdo e mudo era lançado por terra, cahindo na agua e ao lume, rangendo os dentes. etc., etc. Jesus Christo ordena ao espirito que o possuia que saia d'elle. O demonio sahe immediatamente dando grandes gritos, depois de haver contorcido a creança e de a ter deixado por morta. 3.º (S. Marc., I, 24.) Na synagoga de Capharnaum certo homem interpella Jesus Christo, proclama-o o sancto dos sanctos, e increpa-o por ter vindo para o perder. O espirito impuro atira com sua victima para o meio da assembleia, dá um grande grito e sahe. Quem poderá ver n'estas possessões e em outras muitas que poderiamos citar, simples casos de hysteria, de epilepsia, de loucura, doentes ou maniacos e não possessos do demonio? Quasi sempre no Evangelho tem os possessos do demonio logar á parte dos demais doentes, e são designados em termos que caracterizam nitidamente espiritos. (S. Marc., XIII, 39): «Pela tarde, já depois do sol posto, trouxeram todos os enfermos e os demoniacos» E no v. 34: «Elle curou muitos doentes vexados por diversas enfermidades, e expulsou muitos demonios

sem lhes permittir que dissessem que o conheciam. » Ora só espiritos, evidentemente, e não enfermos, é que podiam conhecer a Jesus Christo. A interpretação da exegese e da critica moderna é absolutamente gratuita e ridicula. A posse do mundo antigo, do mundo idola-tra, pelos demonios, é um dos factos melhor attestados da historia. O demonio desempenhava um papel importante no governo de Roma. As manifestações do poder infernal, deificado por seus adoradores, produzia-se por manifestações sobrenaturaes, de que ninguem tinha a menor duvida.

«Vossos magiços, dizia Tertulliano, evocam phantasmas, interpellam as almas dos mortos em aparições sacrilegas, dão seus oraculos pela bocca de creanças, operam maravilhas girando em um circulo cheio de prestigios, mergulham á vontade suas victimas no somno: eis o que podem effectuar por intervenção dos demonios, é d'esta sorte que exercitam a arte divinatoria em volta de suas mezas. Se apparece um d'estes infelizes que julgais atormentados por uma divindade, que se acham subitamente invadidos por uma potencia occulta, aos pés dos altares... que se agitam quasi sem folego, e predizem o futuro por, entre convulsões espantosas, então dizeis que é Juno, Esculapio, ou qualquer outro de vossos deuses, que manifesta sua vontade por este modo. Pois bem! se o christão que os interpellar os não compellir a confessar deante de todos que são demonios, agarrai o christão e entregai-o ao algoz.»

Todos os Padres da Egreja, desde Tertulliano até S. Bernardo, tem assim fallado, e nunca nem Porphyrio, nem Celso, nem Juliano Apostata pensaram em negar a realidade d'estes phenomenos. Os apóstolos e os missionarios, sobretudo nos paizes idolatras, encontraram frequentemente possessões de que a historia dos sanctos está cheia.

A Egreja catholica, infinitamente sabia que possui

em grau divino a simplicidade da pomba unida á prudencia da serpente, crê firmemente na possibilidade de relações intimas, voluntarias ou não, entre os demonios e o homem; mas não se pense que admitta sua realidade sem discernimento e provas certas.

Crê na possibilidade de um pacto, formal ou tacito, com o demonio; crê na conjuração ou na evocação explicita ou implicita do demonio no intuito de produzir effeitos admittidos por todos e que são universalmente designados com os nomes seguintes: *adivinhação* ou predição do futuro; *encantamento* ou fascinação exercida por palavras, figuras ou operações mysteriosas; *evocação* ou *necromancia*, appello e interrogatorio dos mortos; *fascinação* que não deixa ver as cousas como são; *maleficios*, *sortilegios*, *praticas supersticiosas*, etc., empregadas no designio de fazer mal ao proximo em sua pessoa ou bens...; *magia*, *feiticeria*, producção de effeitos superiores ás forças da natureza, etc., etc.

E o que temos visto? No momento em que a critica moderna, a exegese racionalista e o livre pensamento negavam a pés juntos a existencia do demonio, a obsessão, a possessão, todas as suas malignas influencias, assistia o mundo açodado e fremente a algumas das mais estranhas manifestações das potencias infernaes: o *magnetismo*, adormecendo suas victimas e transformando-as em adivinhos, em prophetas, em medicos improvisados; as *mezas girantes* e *percutoras*, escrevendo as revelações do mundo invisivel; o *espiritismo*, pretendendo ter á sua disposição todos os grandes espiritos dos tempos antigos e modernos, e fazendo-os fallar por interferencia de *mediuns* encantadores, etc., etc.

Tenho lido tudo quanto se escreveu sobre demonologia, tenho assistido a bastantes experiencias, não de espiritismo—affiguravam-se-me ridiculas demais por absurdas—mas de magnetismo e de mezas girantes. Membro de uma commissão encarregada de adjudicar um

premio de dez mil francos áquelle que lesse uma carta lacrada, especie de penetração que aliás se diz ser muito commum, tenho estado em condições de pôr á prova a pretensão e o talento de afamados magnetisadores; pois nunca deante de mim se produziu semelhante maravilhoso. Os outros physicos não tem sido nem mais felizes, nem mais privilegiados. Pelo contrario toda a vez que um sabio grave ou uma sociedade scientifica tem sido convidada a verificar os factos extraordinarios do magnetismo ou do espiritismo, não só nada tem visto, mas tem sempre posto em evidencia a má fé ou o embuste. \*

Poderia-se talvez pensar que taes factos não se tem dado, mas seria fóra de toda a razão, depois de um testemunho tão contundente como o da revelação, da tradição, da historia; em vista de um tal testemunho não soffre duvida a existencia da terrivel acção dos demonios no mundo e sobre o homem, nem a possibilidade de pactos culpaveis com as potencias infernaes.

*Alma, Espirito.* Como vem a proposito, resumirei em poucas palavras uma demonstração muito clara da espiritualidade d'alma por um sabio mathematico, o sr.

---

\* Não sei qual é a opinião que o mundo sabio forma do sr. Boucher de Perthes, se o tem na conta de um sabio, se de um erudito feliz, se de um intrujão; o que não padece duvida, lembrando o que o A. disse no seu Tomo II a proposito da sessão de espiritismo convocada para sondar a idade da maxilla de Molin-Quignon, é que a essa sessão assistiram alem do sr. de Perthes homens de sciencia e professores que evocaram a alma de Cuvier e do selvagem, que se deu pelo informante do corpo a que pertenceu a tal maxilla.

Parece-me pois demasiado assertoria esta parte da obra do A. e naturalmente, embora não intencionalmente, encaminhada a criar um scepticismo insustentavel na intervenção do demonio em certas phases do magnetismo e do espiritismo; mas prova a sua lealdade, pois essa intervenção é o que elle deseja provar.



Fua de Bruno, \* hoje abbade de Bruno, professor na universidade de Turin.

«A alma sente, pensa, quer, imprime movimento ao corpo; ora a substancia que pensa, sente, quer, move, não pode ser materia. Com effeito: 1.º se a materia, necessariamente composta de partes, sentisse ou cada parte perceberia o objecto inteiro, ou cada parte não perceberia senão uma parte do objecto: no primeiro caso haveria tantas percepções distinctas, quantas as partes do corpo. e estas percepções seriam ou todas completas, ou em parte completas e em parte incompletas. Ora nossa percepção é unica e completa; logo a alma não é composta de partes. não é materia. 2.º A alma humana pensa, compara entre si as sensações que recebe dos diversos sentidos: ora esta comparação seria impossivel, se o principio que compara fosse material e composto de partes. Porque ou cada uma d'estas partes seria propria para receber as duas sensações ao mesmo tempo, e então para que partes distinctas? ou as sensações seriam recebidas por partes differentes, e então quem compararia e distinguiria as duas sensações? 3.º *A alma quer*: o raciocinio é o mesmo que para o pensamento; porque a vontade suppõe tambem necessariamente a comparação. 4.º *A alma dá movimento*. Digo a um homem que o perseguem para o matar, e elle muda de direcção, e foge a todo o folego! Um general faz um gesto, e todo o seu corpo de exercito, infantaria, cavallaria, artilheria avança, e faz cahir sobre o inimigo uma chuva de balas, de granadas, de bombas. Se a alma do general fosse materia, sua quantidade

---

\* Se este sabio é o mesmo que no tomo III fala como auctor do calculo algebrico sobre a população do globo, na hypothese de todos os homens descenderem de um unico par etc., chama-se lá Faa de Bruno, e não Fua de Bruno. Decidam os eruditos.

de movimento seria o producto da massa pela velocidade, e esta quantidade de movimento seria forçosamente igual á de todas as forças que põe em jogo. Ora entre a fraca impressão da minha voz, ou a do gesto do general, e a carreira desapoderada do fugitivo, e a carga do combate, não ha senão uma relação infinitamente pequena. De pé e immovel sobre meus pés, marcho e corro. Se minha alma é material, sua massa é infinitamente pequena, pois que um cadaver pesa tanto como um corpo vivo; sua velocidade é nulla, sua quantidade de movimento nulla é tambem, enquanto que a quantidade de movimento do corpo que marcha ou que corre é grande; logo não poderia marchar e correr. E no entanto marcho e corro! Como pois esta quantidade de movimento infinitamente pequena e cega poderia coordenar os movimentos da marcha, dirigir com tanta habilidade os deslocamentos de meus membros, quer no ataque, quer na defesa, proporcionar tão perfeitamente os meios ao fim? Logo, em mim o principio do movimento é um principio espiritual.» Um jornal de medicina dava com a assignatura do sr. Claude Bernard, o grande physiologista, esta ultima demonstração, que já esboçámos, mas que pedimos venia para tornar a adduzir:

«O corpo humano é um composto de materias que incessantemente se movem. Todas as partes do corpo estão submettidas a um perpetuo movimento de transformação. Cada dia perdeis um pouco de vosso ser physico, e reparais pela alimentação essa perda. E por tal arte, que no espaço de cerca de oito annos, vossa carne, e ossos são substituidos por nova carne e novos ossos em consequencia d'essas addicções successivas.

A mão, com que escreveis hoje, já não é composta das mesmas moleculas que tinha ha oito annos. A forma é a mesma, mas a substancia que a enche é outra. O que digo da mão, diria do cerebro. Vossa caixa cra-

neana já não é occupada pela massa cerebral, que ha oito annos continha.

Posto isto, se tudo muda no cerebro em oito annos, como explicar o facto da memoria de cousas que vistes, ouvistes, aprendestes, ha oito annos? Se estas cousas estão— como pretendem certos physiologistas — alojadas, incrustadas nos lobulos do cerebro, como sobrevivem á desaparição completa d'esses lobulos? Esses lobulos não são os mesmos d'ha oito annos, e não obstante vossa memoria guardou intacto vosso deposito.

Logo ha no homem algo differente da materia, e esse quid é *immaterial, permanente, sempre presente, independente da materia*. Esse quid é a alma.»

E pois que o sr. Claude Bernard invocou a *memoria*, uma faculdade tão mysteriosa, será opportuno resumir em algumas linhas o argumento invencivel que o sr. Tremaux (T. xi dos *Mundos*, pag. 443) soube tirar d'ella a favor da espiritualidade d'alma:

«O cerebro é impressionado de modo analogo por todos os sentidos; assim possui esse fundo persistente de impressões que constituem a memoria; uma quantidade de impressões de todas as edades, de todos os dias, mobilam o cerebro, e formam uma especie de bibliotheca das impressões de nossa vida. Ora nós temos a faculdade de nos reportarmos a tal ou tal d'estas impressões, consoante o quizermos. Logo esta bibliotheca tem o seu bibliothecario que vae buscar no ponto desejado a impressão a que nos queremos referir, e que a põe debaixo das vistas de nosso pensamento, só, com exclusão de todas as outras, ou combinada com outras. Eis-nos pois mais uma vez em presença dos dois principios seguintes: a acção material e a faculdade de nos servirmos d'ella. Para distinguir uma faculdade tão extraordinaria, não vejo nada melhor, do que conservar o velho nome dado instinctivamente por todos os povos, e que não ha ninguem que não comprehenda.

chamando-lhe alma.» Se se negar a existencia e a acção da alma, será forçoso admittir que existem no mundo milhões de bibliothecas sem bibliothecario, que põem constantemente nas mãos dos leitores os livros que desejam consultar. E não será este um grande milagre? «A alma é o mecanico da machina calorica que dá sahida á corrente de sangue oxygenado, fonte da força motriz, necessaria para o exercicio das funcções physicas ou physiologicas do coração, do cerebro e dos outros órgãos! Ella é o electricista da machina electrica, que abre o circuito á corrente do fluido nervoso! E' o bibliothecario da memoria! E' n'uma palavra o agente que opera e o espirito que vivifica.»

## CAPITULO TRIGESIMO QUARTO

### Os Sacramentos

*Os Sacramentos em geral.* — Jesus Christo é o foco da vida divina ou sobrenatural. «Eu sou, dizia, o caminho, a verdade e a vida . . . Eu vim para que os homens tenham a vida e a tenham em superabundancia . . . Eu sou a videira, vós os ramos, que viveis, cresceis, e fructificaes em mim e por mim . . . Se alguém não vive em mim, seccará como o sarmento, será cortado e arrojado ao fogo. E a vida de que Jesus Christo é a fonte estende-se até á eternidade, pois elle é tambem a resurreição.» «Eu sou a resurreição e a vida!»

A sancta Igreja, interprete infallivel do Evangelho ensina-nos que Jesus Christo communica a nossas almas pelos sacramentos, agentes e signaes sensiveis, a vida, ou a graça invisivel. Ritos mysteriosos, ao mesmo tempo materiaes e espirituaes, como o homem ao qual devem dar a vida, que exigem e encerram por conseguinte tres cousas: um elemento material, a *materia do sacramento*; uma palavra vivificante, a *forma do sacramento*; o *ministro do sacramento*, o delegado de Jesus Christo encarregado de unir a materia á forma; e

enfim o *sujeito* do sacramento, o homem resgatado por Jesus Christo, para quem é um rigoroso dever embeber-se nos sacramentos do elemento vivificante, reparador e deificador.

As condições da vida sobrenatural, como as da vida natural do homem ou da humanidade são sete: Deve elle: 1.º nascer para a vida; 2.º nascer viavel ou com uma vida que possa continuar; 3.º conservar sua vida ou nutril-a por um alimento e bebidas conservadoras; 4.º restabelecer ou tornar a haver a vida, quando está compromettida pela doença, ameaçada ou mesmo extincta pela morte, se se tracta da vida sobrenatural para a qual a resurreição é possível. 5.º Na vespera das luctas ou combates pela existencia, o homem precisa de um auxilio especial que o fortifique, de uma especie de embriaguez que o disponha para o combate. 6.º E' mister que a vida se propague ou passe de uma geração para outra por uma instituição particular, a união dos esposos ou o matrimonio. 7.º Enfim porque o homem é essencialmente chamado á vida da familia ou á vida social, carece de que uma consagração nova e especial constitua, e invista de uma graça necessaria e sufficiente os chefes ou directores da sociedade espiritual das almas, chamadas a viver a vida de Jesus Christo.

Devia portanto haver e ha sete sacramentos: 1.º o Baptismo que nos faz nascer para a vida espiritual pela agua e pelo Espirito Sancto; 2.º a Confirmação que nos dá a viabilidade ou a virilidade sobrenatural, e nos eleva na linguagem expressiva de S. Paulo á plenitude da idade de Jesus Christo; 3.º a Eucharistia, na qual nos deixou no seu proprio corpo e sangue o alimento e a bebida necessarios para a conservação e permanencia em nós da vida sobrenatural e divina; 4.º a Penitencia que repara em nós a vida d'alma, quando languida ou compromettida, e que nol-a restitue quando perdida ou extincta; 5.º a Extrema-Unção, que apaga

os mesmos resquícios do peccado, obstaculo a nossa entrada no ceo, e nos fortifica na passagem do tempo para a eternidade; 6.º a Ordem que consagra os ministros da sociedade espiritual, os apóstolos, os doutores, os pastores, os directores de nossas almas; 7.º o Matrimonio enfim que propaga a vida divina ou sobrenatural ao mesmo tempo que a vida natural. Ha pois sete sacramentos, e não mais de sete.

D'esta vez ainda, como sempre, a revelação está em perfeito accordo com a razão. Tres d'estes sacramentos por sua propria natureza, o baptismo, a confirmação, a ordem, não podem ser recebidos mais de uma vez. A Igreja para melhor qualificar esta unidade de recepção, affirma d'estes tres sacramentos que imprimem character indelevel n'alma.

Os outros quatro, por sua natureza tambem, devem e podem com effeito ser recebidos mais de uma vez.

Os canones do concilio de Trento resumem admiravelmente o ensino da tradição e da Igreja sobre os sacramentos em geral, e este ensino é a seu turno perfeitamente racional.

Se alguém disser que os sacramentos da nova lei não foram todos instituidos por Jesus Christo Nosso Senhor, e que são mais ou menos de sete, seja anathematizado... III Se alguém disser que os sacramentos da nova lei não são necessarios para a salvação, e que sem elles ou sem o desejo de os receber, os homens só pela fé obtem de Deus a graça da justificação, muito embora nem todos sejam necessarios para cada um, seja anathematizado... Se alguém disser que os sacramentos da lei nova não conferem a graça propria áquelles que nenhum obstaculo lhe oppõem, dando a entender que não passam de signaes exteriores da graça ou da justiça recebidos pela fé, seja anathematizado... IX Se alguém disser que não ha tres sacramentos, o baptismo, a confirmação e a ordem, que imprimem

caracter n'alma, i é, um certo sello que não permite que estes sacramentos possam ser reiterados, seja anathematizado... xii Se alguém disser que o ministro que está em peccado mortal, com tanto que tenha observado tudo o que é essencial á forma e á collação dos sacramentos, os não faz ou os não confere, seja anathematizado... xiii Se alguém disser que os ritos da Igreja catholica, recebidos, approvados e usados na administração solemne dos sacramentos, podem ser menosprezados ou omittidos pelos ministros, se bem lhes parecer, ou substituidos por outros novos, porque são pastores presidentes das egrejas, seja anathematizado.

I. *O Baptismo, sua instituição e necessidade...* Ide, ensinaí todas as nações, baptizai-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto... Aquelle que acreditar e for baptizado, será salvo (S. Math. xxviii, 19). A necessidade do baptismo é uma consequencia necessaria do peccado original. O homem nasce filho de ira, morto para a graça. Todo aquelle que não renasce d'agua e do Espirito Sancto não pode entrar no reino de Deus.

*Materia do baptismo.* A agua pura, symbolo natural da purificação e da vivificação d'alma.

*Forma do baptismo.* «Eu te baptizo em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.» Eu te baptizo, quer dizer eu te purifico, eu te vivifico.

*Ministro do baptismo.* Habitualmente o padre: em caso de necessidade um leigo qualquer, ainda herege ou infiel, porque o baptismo é absolutamente necessario á salvação.

*O sujeito do baptismo.* Todo o homem sem distincção, para quem é um dever baptizar-se, logo que conhece esta condição essencial para a salvação.

*Effeitos do baptismo.* Na ordem divina a vida d'alma pela graça sanctificante, o transito da ordem natural para a ordem sobrenatural, para sempre; a qualidade



de filho de Deus, de irmão de Jesus Christo, de templo do Espirito Sancto.

Na ordem moral, um germen ou principio de sanctidade, de incorruptibilidade, de vida nova e celeste. Na ordem social, a creança volve-se uma cousa grande e sagrada, uma especie de encarnação de Jesus Christo : o que se lhe faz, faz-se ao proprio Jesus Christo.

*As ceremonias do baptismo.* Como são mysteriosas e tocantes! O padrinho e a madrinha, um segundo pai e uma segunda mãe de adopção; o nome de um anjo, de um sancto ou sancta de virtudes heroicas; o exorcismo ou a expulsão violenta do demonio, de que a creança era d'alguma sorte propriedade. Na bocca o sal, symbolo da sabedoria; nos ouvidos e nos narizes a saliva para abrir estes sentidos á voz de Deus e aos sanctos perfumes da virtude; em seu corpinho e cabeça unções para d'elle fazerem um unguido do Senhor e um athleta; a renuncia de futuro a Satanaz e suas obras; a profissão de fé; a tunica branca, emblema da innocencia e da candura; o *cirio acceso*, porque esta creança deve ser a seu turno luz e calor; a inscripção nos registos, ao mesmo tempo que Deus o inscreve no livro dos escolhidos. Eis o que é o baptismo, sacramento de regeneração, que toma o homem da esphera terrestre para o introduzir na esphera celeste, que o levanta a seu mais alto poder, muito acima de si mesmo.

II. *A Confirmação.* Este sacramento torna-nos viáveis na ordem sobrenatural, e perfeitos christãos, dando-nos a força de confessar a fé, e communicando-nos a plenitude dos dons do Espirito Sancto.

*Sua materia.* Oleo misturado com balsamo. O oleo que nutre, que aquece, que illumina e guarece; o balsamo, symbolo do bom cheiro das virtudes que o christão deve diffundir em redor de si.

*Sua forma.* Estas palavras: «Eu te assignalo com a marca da cruz, e eu te confirmo pelo chrisma da salva-

ção, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto Com o signal da cruz, pelo qual sahirás vencedor do inferno e do mundo. Eu te confirmo, isto é, eu te fortifico, aperfeiço e consummo em ti a vida christã... Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto; do Padre que te creou, do Filho que te resgatou, do Espirito Sancto que te sanctifica; da SS. Trindade que deves adorar e amar.»

*Seu ministro: ordinario*, o bispo que possui a plenitude do sacerdocio, que deve ter alcançado a sanctidade, e a quem por excellencia compete fazer sanctos; *extra-ordinario* e por delegação, o padre que haja recebido um poder especial.

*Seu sujeito*. Todo o homem já baptizado, nascido para a vida da Graça: é preciso viver para ser viavel. Muito embora a confirmação não seja absolutamente necessaria para a salvação é um dever rigoroso recebê-la podendo-o.

*Seus effeitos*. Resumem-se admiravelmente n'essas virtudes infusas, que a linguagem ecclesiastica chama os sete dons e os doze fructos do Espirito Sancto: sabedoria, entendimento, sciencia, conselho, piedade, fortaleza, temor de Deus... Caridade, alegria, paz, paciencia, benignidade, bondade, longanimidade, doçura, fé, modestia, continencia, castidade.

*Suas ceremonias*: A imposição das mãos. A mão é o signal e o instrumento geral da força e do mando: impor as mãos sobre o confirmado é attrahir sobre elle com auctoridade a força de Deus. A unção com o sancto crisma, mistura de oleo de oliveira e de balsamo sobre a fronte, sede do pudor e da vergonha, para que d'aqui se estenda a todo o corpo: a unção faz-se em forma de cruz, porque toda a força e toda a graça vem da cruz, porque d'ella não deve a fronte córar.

Batendo-lhe tres vezes na espadua, como para experimentar a calma e a paciencia do confirmado, o

pontífice diz-lhe: «Sê guerreiro pacífico e bravo, fiel e devotado a Deus.» Apoiando-se-lhe docemente na face, como para melhor provar ainda sua paciência, diz-lhe: «Que a paz seja contigo.» Em seguida abençoa-o n'estes termos: «Que do alto da celeste Sião o Senhor te abençoe, afim de que disfructes os bens de Jerusalem todos os dias de tua vida e durante a vida eterna.»

III. *Sacramento da Eucharistia.* A Eucharistia, chamada também manjar mystico, banquete divino, pão celeste ou transubstancial, pão de Deus, pão da vida, etc., etc., é um sacramento que debaixo das apparencias do pão e do vinho occulta o corpo, o sangue, a alma, a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, que o instituiu para se fazer o alimento de nossas almas.

*Sua materia:* o pão e o vinho, elementos essenciaes da alimentação do homem: o pão, o principal alimento do homem; o vinho, sangue da terra e sangue da videira: o pão, que nutre, fortifica, renova e continua a vida; o vinho que aquece, que alegra e enebria: o pão que faz os fortes; o vinho que faz germinar as virgens: o pão e o vinho, que se transubstanciam em carne e sangue, symbolos da transubstanciação de todo o nosso ser em Deus.

*Sua forma:* as proprias palavras de Jesus Christo repetidas pelo sacerdote, e tornadas soberanamente efficazes: *Tomai e comei; este é o meu corpo que será entregue por vós. Tomai e bebei todos, este é o calix do meu sangue; Testamento novo e eterno, mysterio de fé, que será deramado por vós e por muitos em remissão dos peccados; todas as vezes que fizerdes estas cousas, fazei-as em minha memoria.* Forma esta toda divina e divinizante.

*Seu ministro.* A Eucharistia é ao mesmo tempo sacramento e sacrificio: um sacramento, porque o pão e o vinho pela transubstanciação são mudados no corpo e no sangue de Jesus Christo, alimento de nossas almas. Ora o milagre da transubstanciação exige e impõe a

delegação, por transmissão legitima de um poder divino: um sacrificio em quanto é offerecido, e o padre é essencialmente o ministro do sacrificio.

Ninguem pode, diz o quarto concilio de Latrão, fazer o sacramento da Eucharistia se não fôr padre, ordenado conforme o rito recebido na Egreja.

*Seu sujeito.* Todos os fieis, todos os christãos, na idade da discripção, sufficientemente instruidos, e convenientemente preparados, podem e devem ser admitidos á communhão eucharistica.

Não é necessaria de necessidade de meio, mas de necessidade de preceito. Jesus Christo disse: «Se não comerdes a carne do filho do homem e beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós.»

O sagrado concilio de Trento, sessão decima terceira, formulou o canon seguinte: «IX. Se alguém disser que nem todos os fieis christãos ou cada um d'elles, quando chegados já ao uso de rasão, são obrigados a commungar cada anno, ao menos pela Paschoa, assim como o estatue nossa santa Madre Egreja, seja anathematizado!» O sagrado concilio accrescenta: «Canon XI. Aquelles, a quem sua consciencia accusa de peccado mortal, seja qual for a contricção que julguem ter, devem necessariamente, quando podem, recorrer a um confessor, fazer preceder a communhão da confissão sacramental; se alguém tiver a pretensão de sustentar o contrario, seja anathematizado.» O espirito da Egreja, declarado pelo concilio de Trento, é que os fieis possam commungar a todas as missas que desejem.

*Suas ceremonias essenciaes.* A offerenda feita pelo sacerdote em seu nome, em nome do povo e em união com Jesus Christo; a consagração que faz aparecer sobre o altar a Victima que se substituiu a todas as victimas humanas; a hostia divina, viva e vivificante, que nos dispensa toda a luz, toda a força, todo o perdão, todo o remedio, toda a graça.

A communhão enfim, consunmação dos elementos da offerenda; manducação da victima presente por effeito da consagração, união inteira de nossa alma com sua alma, de nossa carne com sua carne, de nosso sangue com seu sangue, de tal modo que podemos dizer: Já não sou eu quem vive, é Jesus Christo que vive em mim.

*Os effeitos da Eucharistia.* Estão admiravelmente resumidos n'esta deliciosa antifona; *O sacrum convivium!* O festim sacrosancto, em que Jesus Christo se volve nosso alimento, onde se renova o sacrificio da cruz; em que a alma é cheia de graça e onde recebemos o penhor seguro da resurreição e da gloria futura! Attentai no catholico fervente e pio que se levanta da meza sagrada: sai todo abrazado n'um sancto ardor que brilha em suas faces purpurinas, que n'elle desperta uma ternura inaudita, e lhe faz verter lagrimas de ventura. Se chora inter necido, se nada em alegria é porque Jesus Christo, seu divino Salvador, o envolve intimamente em seu amor.

Ah! poder dizer: Deus está comigo! Sentil-o! Isto vale um mundo! Nas almas sanctas, os ardores do coração por vezes irrompem e traduzem-se em transportes de alegria, em chammas e extases. E quando se possui assim a Deus no coração, está-se disposto a tudo soffrer, a tudo arrostar, a tudo esperar, e a tudo emprender. Ah! eis como a divina Eucharistia foi e será sempre no seio da Egreja catholica, apostolica, romana, uma semente fecunda de martyres, de confessores e de virgens. Digo a Egreja catholica, apostolica, romana, porque só ella possui o segredo e a practica da união eucharistica.

A Eucharistia não é só um sacramento, é tambem um sacrificio, como o concilio de Trento o define nos termos que seguem: «Na ultima ceia, e na mesma noite em que foi entregue, querendo deixar á Egreja, sua es-

posa querida, um sacrificio visivel, como o exige a natureza humana, e que representasse o sacrificio sangrento que devia offerecer uma vez na cruz e que lhe perpetuasse a memoria até ao fim dos tempos, e applicasse sua virtude salutar á remissão dos peccados commettidos, declarou que elle fora constituido sacerdote eterno segundo a ordem de Melchisedec. Depois de ter celebrado a antiga Paschoa, estabeleceu como Paschoa nova a immolação que debaixo de signaes visiveis a Igreja deve fazer por mão do sacerdote em memoria d'aquelle transito que effectuou d'este mundo para seu Pai, quando pela effusão de seu sangue nos resgatou, nos arrebatou ao poder das trevas. E' uma só e mesma victima a immolada sobre o altar e no calvario. Só o modo de immolação é differente. Os fructos da immolação sanguinolenta são recebidos com maior abundancia pela immolação não sanguinolenta.»

Nossa mãe a Santa Igreja estabeleceu certos ritos, certas ceremonias, ornamentos sacerdotaes, e outros em grande numero, afim de dar realce á magestade de um tão grande sacrificio, e de excitar por estes signaes sensiveis de piedade e de religião, o espirito dos fieis á contemplação dos mysterios que ali se occultam.

Este sacrificio satisfaz ao mesmo tempo a todas as exigencias de nossa natureza. Holocausto põe-nos em condição de podermos prestar perfeitamente a Deus as homenagens devidas a sua soberana grandeza; a agradecer-lhe plenamente os favores que d'elle temos recebido, e outros de que temos necessidade na ordem espirital e temporal; a expiar pelos vivos e mortos as penas devidas ao peccado. E' portanto simultaneamente — e que ideia tão consoladora — um sacrificio de adoração e de louvores, de acção de graças, de impetração e de propiciação, e um sacrificio de um valor infinito!

Que não possa reproduzir n'este logar as orações tão admiraveis, tão tocantes, de preparação, de

celebração, de acções de graças, que a sagrada lithurgia põe no coração e nos labios do sacerdote, e outrossim a prosa e os hymnos do SS. Sacramento que a fé e a sciencia de mãos dadas inspiraram ao genio de um S. Thomaz! E' que são outros tantos esplendores refulgentes da divindade da sancta Egreja catholica, apostolica, romana. Ao menos seja-nos permittido dar a amostra d'estes nobres e pios ardores das almas eucharisticas.

« Eis o pão dos anjos tambem feito pão dos viajantes, o verdadeiro pão dos filhos, que não deve ser dado aos cães. Bom pastor, pão verdadeiro, Jesus, de nós te amisera, apascenta-nos, defende-nos, faze que possuamos na terra dos vivos os bens que nos destinas. »

« Que em virtude da sanctissima Eucharistia, o Senhor omnipotente e misericordioso nos conceda a alegria com a paz, a correcção de vida, o tempo de uma sincera penitencia, a consolação do Espirito Sancto, a perseverança nas boas obras, um coração constricto e humilhado, a consummação feliz de nossa vida! » Taes são os segredos, e todos os desejos de um coração christão. . .

« Conjuro-vos, ó meu dulcissimo Jesus, a que vossa paixão seja a força que me revista, me proteja e defenda. Que vossas chagas sejam o alimento e a bebida que me nutram, inebriem e façam ditoso! Que a effusão de vosso sangue seja para mim a ablução de todos os meus peccados! Que vossa morte seja para mim a eterna vida! Que em vossos sacramentos e sacrificios divinos esteja toda a minha alegria, saude e a doçura de meu coração. . . » Jesus, a quem entrevejo sob o veo eucharistico, concedei-me, peço-vol-o, aquillo de que tenho sêde tão ardente.

Que vendo-vos um dia face a face, seja feliz com a perspectiva e gozo de vossa gloria!

« O pão dos anjos está feito o pão dos homens: o

pão dos ceos põe fim ás figuras. O' cousa estupenda! o pobre, o escravo, o humilhado manduca seu senhor.»

Nascendo, volveu-se companheiro de nosso exilio; comendo comnosco, fez-se nosso alimento; morrendo, fez-se nosso resgate; reinando nos ceos, é nossa recompensa.»

«O Verbo feito carne com uma só palavra fez de sua carne o pão verdadeiro; o sangue de Jesus Christo torna-se nossa bebida; e se nossos sentidos nada nos dizem, a fé só de per si basta para socegar nossa consciencia.»

IV. *O Sacramento da Penitencia.* A penitencia é o sacramento da nova lei, instituido por N. S. Jesus Christo, para remir os peccados commettidos depois do baptismo.

Sua instituição transluz d'estas palavras de Jesus Christo a S. Pedro: Dar-te-hei as chaves do reino dos ceos; tudo o que ligares sobre a terra será ligado no ceo.» (S. Math. xvi, 19); aos outros apóstolos: «tudo o que ligardes na terra será ligado no ceo, e tudo o que desligardes na terra será desligado no ceo.» (S. Math. xviii, 18). «Como meu Pai me enviou, assim eu vos envio.» Dizendo estas palavras, soprou sobre elles e disse-lhes: «Recebei o Espirito Sancto! Os peccados serão perdoados áquelles a quem os perdoardes; e serão retidos áquelles a quem os retiverdes.» (S. Jo. xx, 22 e 23). Interprete infallivel da sagrada Escripura, dos Padres e da Tradição, o concilio de Trento declara: «Se alguém disser que a Penitencia não é um verdadeiro sacramento, instituido por Nosso Senhor Jesus Christo, para reconciliar os fieis com Deus todas as vezes que cahirem em peccado, depois do baptismo, seja anathematizado!

*Sua materia.* A *quasi-materia* do sacramento da penitencia são os actos do penitente, a contricção, a confissão e a satisfação. Estes mesmos actos, necessarios de



direito divino no penitente para inteira e perfeita remissão dos peccados, são chamados partes da penitencia.

*Contricção.* Dor d'alma e detestação do peccado, sempre foi necessaria para obter o perdão de Deus, e ao homem cahido em peccado depois do baptismo serve de preparação para a graça da reconciliação. Deve ser *interior* ou partir do coração: *sobrenatural* em seu principio e em seu motivo; *universal* ou estender-se a todos os peccados mortaes que se tem commettido. *Summa*, quer dizer que a dor do peccado deve ser superior a qualquer outra, não intensiva ou sensivelmente, mas virtualmente n'este sentido, que nos devemos affligir mais por ter offendido a Deus do que por qualquer outra desgraça. Distinguem-se duas especies de contricção: a contricção perfeita e a imperfeita ou attricção.

A *contricção perfeita*, que tem por motivo a charidade que nos faz amar a Deus sobre todas as cousas por ser quem é, por ser infinitamente bom, reconcilia directamente, immediatamente o homem com Deus, com a condição de que ha de comprehender o desejo e a vontade de receber o sacramento da penitencia.

A *attricção*, detestação do peccado por causa de sua torpeza e dos castigos que attrahe, basta; é um beneficio immenso, juncto ao sacramento da penitencia para justificar o peccador.

A *confissão* é a accusação dos peccados, feita a um sacerdote aprovado, para d'elles obter o perdão. «Se alguém affirmar que a confissão sacramental não é uma instituição divina, ou que não é necessaria para a salvação de direito divino; ou que a maneira de se confessar secretamente ao padre só, tal com a Egreja catholica o observa e sempre o observou, não é conforme á instituição e ao preceito de Jesus Christo, mas que é sim uma invenção humana... ou que a confissão de todos os peccados mortaes, cuja recordação é possível... é

não só inutil . . . impossivel . . . mas que deve ser abolida, seja anathematizado . . .»

A confissão! O padre, medico das almas, não pode curar as doenças sem as conhecer e não pode conhecê-las sem a confissão. A confissão! O padre, juiz, podendo ligar ou desligar, deve antes de mais nada conhecer os peccados, e pelo mais suave dos processos, a accusação voluntaria do culpado.

A confissão! é uma necessidade do coração humano! O homem culpado de um crime e d'elle arrependido, busca por toda a parte um amigo, um confidente; sente uma fatalidade imperiosa de o manifestar para obter o perdão! Quantos assassinos se tem tornado os reveladores conscientes ou inconscientes de seu crime, e por conseguinte seus proprios verdugos! «De tantas religiões differentes, dizia Voltaire, não ha uma unica que não tenha tido por objectivo a expiação: o homem tem experimentado sempre a necessidade da clemencia. . . A confissão das faltas foi desde sempre auctorizada, quasi em todas as nações. Encontra-se effectivamente na India, no Japão, na Grecia, etc.; tem a seu favor o testemunho dos mais illustres philosophos, dos maiores pensadores da humanidade;» etc. (Vej. Berseaux, *Scien- cia sagrada*, tomo III, os *Sete Sacramentos*, 536 a 558.)

• *A satisfação.* Embora o peccado haja sido remitido, resta sempre uma pena temporal a soffrer, quer n'este mundo por obras expiatorias, quer no outro pelas penas do purgatorio; esta expiação tão racional effectua-se pela satisfação. O Concilio de Trento fulmina o anathema contra aquelles que pretendem «que as satisfações, pelas quaes os penitentes resgatam seus peccados, não fazem parte do culto de Deus. . ., que não são mais que tradições humanas. . .; que os padres que impõem penitencias áquelles que se confessam. . . obram. . . contra a instituição de Jesus Christo. . .» Esta penitencia reparadora do passado, confirmativa do presente,

preservadora do futuro, é eminentemente racional, suave e salutar.

*Sua forma.* A absolvição! Eis sua formula revelada:

«Nosso Senhor Jesus Christo te absolva de todo o vinculo de excommunhão, suspensão ou interdicto; e eu te absolvo nos limites do meu poder e consoante a tua necessidade, de todos os teus peccados em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Sancto.» Se alguém affirmar, diz o Concilio de Trento, que a absolvição sacramental do sacerdote não é acto de um juiz, mas o de um ministro... pronunciando e declarando que os peccados são perdoados ao penitente que os accusa, com a simples condição de se acreditar absolvido, seja anathematizado!»

A absolvição! que prodigioso presente do céu! O peccador sentira, vira, tocara seu peccado, e por conseguinte sua condemnação. Em quanto não sentir, não vir, não tocar seu perdão, ficará inquieto, perturbado, desesperado. O perdão pela fé em Deus, que se não sente, que se não vê, que se não toca, pode ser pura illusão! Condeinnar o homem a este perdão insensível, invisível, impalpavel, é um homicidio, uma negação insensata da natureza humana.

O homem está longe de ser um anjo! Assim é que uma atmospherá de chumbo, um *spleen* desolador, pesa sobre todos os povos protestantes, para quem não ha absolvição! Ao passo que essa mesma absolvição excita transportes de alegria na alma dos peccadores catholicos os mais desesperados, que a recebem.

Note-se ainda esta bella invocação, que segue a absolvição: «Os soffrimentos de Nosso Senhor Jesus Christo, os meritos da bemaventurada Virgem Maria e de todos os sanctos; todas as tuas boas obras, todos os teus soffrimentos suportados com paciencia, te sirvam para pagares a divida de teus peccados, para augmen-

tar em ti a graça. e para te merecer a gloria eterna. Vai em paz, não peques mais!»

A estas palavras Lazaro sahe do seu tumulo; o filho prodigo volta a casa de seu pai; o peccador reconciliado com seu Deus, em paz consigo mesmo, com o coração alliviado de um fardo enorme, frue uma ventura que parecia reservada só á innocencia. O inferno fechou-se-lhe debaixo dos pés, o ceo abriu-se-lhe acima da cabeça, os anjos regosijam-se, o sancto tabernaculo descerra-se, e o banquete divino aguarda este irmão que estava perdido e que foi novamente encontrado, que estava morto e que resuscitou!

*Seu ministro.* E' o padre, delegado da Egreja, tendo a necessaria jurisdicção, e alem d'isso a approvação. «Se alguém disser... que nem só os padres são os ministros da absolvição,... e que todos os christãos tem o poder de perdoar os peccados por simples correcção, se são publicos, e se o culpado se submete; pela confissão espontanea se são secretos, seja anathematizado!» *Concilio de Trento.* sessão xiv, canon x.) O sagrado Concilio acrescenta para tirar ao peccador todo o pretexto de inquietação: «Se alguém disser que o padre em estado de peccado mortal não tem o poder de ligar ou desligar, seja anathematizado.» E o que é altamente proficuo, canon xi: «Se alguém disser que os bispos não tem o direito de reservar certos casos... e que portanto a reserva não obsta a que o padre absolva validamente dos peccados reservados, seja anathematizado!» «Todavia, accrescenta o concilio, sempre a Egreja tem observado que não ha caso reservado algum na hora da morte, e que qualquer padre pode então absolver o penitente de todo e qualquer peccado!»

Nada mais razoavel que os casos reservados. O peccador comprehende melhor a gravidade de suas culpas, quando se vê obrigado a ir buscar o perdão ao longe.

Um enfermo comprehende muito melhor a gravidade do seu estado, quando sabe que os medicos ordinarios nada podem fazer para o melhorar, e que é forçoso recorrer com grande custo e despezas a homens de arte experimentados!

*Seu sujeito.* São todos aquelles que depois de haverem sido baptizados, commetteram algum peccado mortal. «O sacramento da penitencia, diz o Concilio de Trento, é necessario á salvação para todos aquelles que cahiram depois do baptismo, como o baptismo o é para aquelles que ainda não foram regenerados.» Necessario de *necessidade de preceito* e de *necessidade de meio*; mas não de *necessidade absoluta*, n'este sentido, que em caso de impossibilidade pode ser supprido pelo desejo com a contricção perfeita.

A razão esclarecida pela fé demonstra sem difficuldade que para todo o homem baptizado e manchado de peccado é um dever, no ponto de vista natural e no ponto de vista sobrenatural, recorrer ao sacramento da penitencia para pedir ao padre a cura do passado e a direcção ou regras de hygiene espiritual para o futuro, porque é o meio por excellencia de purificação, de pacificação, de renovamento, de preservação e de perseverança. (Berseaux, vol. cit. p. 511 e seg.).

*Seus effeitos.* No ponto de vista moral: «Instituição admiravel, diz o padre Berseaux, p. 527, tu és o tumulo do vicio, a mãe da sabedoria, a nutriz da virtude, o remedio aos males dos mortaes. Amigo excellente do homem, fazes mais pela felicidade do genero humano, do que os sabios os mais afamados e as escolas de maior nome. Todo aquelle que ama a humanidade, ama-te necessariamente; todo aquelle que te aborrece, aborrece a humanidade.» No ponto de vista social (Berseaux, p. 532): «A confissão penetra no interior das almas, e sonda os mais secretos pensamentos do cidadão; restitue-lhe o imperio de sua vontade, quando é domi-

nado por uma paixão tyrannica; vigia sobre as intenções e os motivos de suas acções para as depurar, elevar, enobrecer; desperta o remorso. para o calar em seguida pelo arrependimento; tudo vê, tudo ouve, tudo governa, fazendo observar não só a lei de Deus, mas as leis do Estado; amiga dos bons, fortifica-os; inimiga dos maus, condemna suas más obras; vingadora inexoravel, exige satisfação; guia seguro, dirige nas veredas divinas da verdade e da virtude...»

E' impossivel, diz lord Fritz-William, em suas bellas *Cartas a Attico* estabelecer a virtude, a justiça, a moral, em bases um tanto solidas sem o tribunal da Penitencia, porque este tribunal, o mais terrivel dos tribunaes, apodera-se da consciencia dos homens, e dirige-a de maneira mais efficaz do que nenhum outro tribunal. Ora este tribunal pertence exclusivamente aos catholicos. .

Entre elles ha leis de uma auctoridade imperiosa que não se limitam a punir os crimes, mas que os previnem... Estas leis consistem... na confissão, na penitencia, na absolvição e na communhão. Toda a economia da ordem social gyra n'esta couceira. E' a estas maravilhosas instituições que elles devem sua solidez, segurança e felicidade.

*Suas ceremonias.* Sendo, como é, a Penitencia, o sacramento da misericordia, os ritos, conforme aos quaes é administrado, devem respirar a bondade e clemencia divina.

E assim é; que admiravel differença entre o processo dos tribunaes civis e criminaes e o do tribunal da Penitencia!

Segundo as regras inflexiveis do direito penal, o cidadão suspeito de crime é procurado, preso e metido em prisão!... O juiz encarregado da instrucção do seu processo usa de astucia e destreza para convencel-o, espia lhe os gestos e os passos, revê-lhe a corres-

pondencia, procura ler em seus olhares e em seus passos; chama testemunhas que forceja por intimidar para arrancar confidencias comprometedoras. O indiciado é traduzido á presença dos magistrados, cujo rosto austero, toga imponente e attitude grave, etc., mostram ao vivo que estão ali para vingar a lei; tudo move ao temor e até mesmo ao terror; a victima, a sociedade, o bem publico, estão ali com seus altares, sobre os quaes ha de ter logar o sacrificio... Juridicamente convencido, o culpado é inexoravelmente condemnado. A pena é sempre cruel, a prisão, as galés, a deportação, a morte.

O castigo infligido nem inspira arrependimento do passado, nem a confiança no presente, nem segurança no futuro; pelo contrario lança no abatimento e no desespero.

No tribunal da penitencia: o peccador vem prostrar-se aos pés do seu juiz livremente, a grado seu, movido pelo arrependimento e pelo amor. E' ao mesmo tempo accusado, accusador e testemunha; de si só depende o dar-se a conhecer, tal como a si mesmo se conhece e é de Deus conhecido. Confessa-se a Deus, á sanctissima Virgem, aos sanctos, ao sacerdote, a quem chama Pai; ao sacerdote, a quem está defeso pronunciar sentença de condemnação, pois só lhe é permittido pronunciar uma sentença de perdão, que levanta em vez de abater, que rehabilita em vez de desprezar, que impõe quando muito depois do perdão uma leve pena, tendo em menos por fim punir do que guarecer, que restitue o filho prodigo á sociedade religiosa e civil, depois de o ter tornado digno d'ella e de si mesmo. Eis aqui como os ritos divinos da Penitencia transformando o peccador por sua influencia suave e sua efficacia soberana, prestam á sociedade os mais relevantes serviços, até mesmo debaixo do ponto de vista de seus interesses temporaes.

*Objecções.* A confissão é uma invenção sacerdotal que data do VIII seculo! Não é verdade, pois já nos seculos anteriores se encontra. Não, porque aquelle que tentasse invental-a teria levantado contra si uma opposição formidavel, que o desacreditaria na opinião dos bons, sempre precatados contra qualquer innovação; na opinião dos maus, que todos teriam repellido com horror esse jugo tão insupportavel; na opinião dos padres, para quem é um fardo pesado e fadigoso, motivo bastante para mil vezes a abolir, se não fosse uma instituição divina. Se o inventor de uma practica tão universal houvesse existido, seu nome, seculo e sua patria teriam sido conhecidos; e a historia desconhecê-o!...

A confissão activa o crime, facilitando o perdão! Triste sophisma! a suppressão da confissão, esse sim que tem multiplicado os crimes a ponto de espantar os heresiarchas e os povos! Leibnitz disse: «A necessidade de confissão affasta a muita gente do mal, quando ainda não estão endurecidos.»

Luthero não hesitava em dizer que antes queria soffrer o jugo do papa, do que consentir na abolição d'este sacramento. Ecolampadio declarava que supprimindo a confissão, se tinham multiplicado os vicios e a libertinagem ao excesso. Lê-se na lithurgia sueca: «Logo que affrouxaram desmedidamente as regras prescriptas para a confissão auricular, as celebrações das festas foram acompanhadas de uma tão espantosa libertinagem, que todos se julgam auctorizados a satisfazer suas paixões.» Os lutheranos de Nuremberg asustaram-se por tal forma da onda de crimes, sem represa, logo depois de abolida a confissão, que despacharam uma embaixada a Carlos v para lhe pedir que restaurasse o uso d'ella. Os ministros de Strasburgo, em 1670 em memoria aos magistrados, emittiram o mesmo voto. Tanto os magistrados, como o imperador



responderam, que seu poder não chegava a tanto, e que visto haverem supprimido a confissão estabelecida por Deus, muito melhor supprimiriam a restabelecida pelos reis.

As confissões dos philosophos não são menos contundentes do que as dos heresiarchas e dos hereges. Marmontel: «Que mais salutar preservativo para os costumes da adolescencia do que o uso e a obrigação de ir todos os mezes á confissão! A vergonha da humilde confissão de suas culpas as mais secretas extingue talvez maior numero d'ellas, do que todos os outros motivos por mais sanctos que sejam.» «A confissão, diz Voltaire, é um freio para crimes inveterados. *A maior parte dos homens, quando cahidos em grandes crimes, tem naturalmente horror d'elles. Se ha cousa que n'este mundo os console*» é de certo poderem reconciliar-se com Deus e consigo mesmos.» (*Cartas sobre Olympia.*) «Os inimigos da Egreja romana, que se tem revoltado contra uma instituição tão necessaria (a confissão) tem tirado aos homens o maior freio que é possível, ao que me parece, pôr-se a seus crimes secretos.» (*Annues do Imperio.*)

O padre pode trahir o segredo da confissão! Não o ignorava Jesus Christo, quando estabelecia seus apóstolos juizes e senhores de ligar e desligar. A sancta Egreja catholica sabia-o e sabe-o quando definiu a instituição divina de que se tracta, e a necessidade absoluta da confissão! Pois que! Se o padre em um momento de irreflexão dissesse uma palavra indiscreta, seguir-se-hia d'ahi que não mais devemos confessar-nos? Tambem o medico pode trahir os segredos temiveis de sua arte! e por isso deixaremos de o consultar? Mas a historia diz-nos que semelhante susto é chymerico! Vai em dezenove seculos que todos os dias, entre as nações christãs, milhares de peccadores se confessam a milhares de padres, e todavia o segredo da con-

fissão não é violado! Pode haver factos mais significativos para mostrar que Deus vela pelos labios do sacerdote, e que mesmo debaixo d'este ponto de vista o sacramento da penitencia é realmente divino?

O padre pode ser, e tem sido por vezes corruptor no tribunal da Penitencia! Tudo isso é possível; mas que conclusão tirar?... Não abusamos do que ha de melhor? Entre os doze apóstolos houve um Judas! E por causa de Judas deveria o Salvador dos homens renunciar aos outros apóstolos, que converteram o mundo? Os medicos não tem muitas vezes abusado do seu ministerio para seduzir e corromper? Porque não anathematizais por isso a medicina e os medicos?

Ha objecções que o respeito da humanidade e uma certa dignidade prohibem formular.

V. *O Sacramento da Extrema-Unção* — A Extrema-Unção é um sacramento instituido por Nosso Senhor Jesus Christo para remittir aos enfermos em perigo de vida os restos de seus peccados, guarecer-lhes os languores d'alma, e mesmo restituir-lhes a saude, quando for conveniente para a salvação.

O momento da morte é o signal da crise terrivel da agonia, do combate, da grande lucta contra os inimigos da nossa salvação, os demonios, tão poderosos, tão activos, tão numerosos, tão habéis e encarnigados. E' a *extremidade*, a hora em que todas as dores physicas e moraes attingem um grau summo, em que a vida vai despedaçar-se contra sua ultima barreira. E' a hora tambem das derradeiras vontades, das ultimas despedidas, do ultimo suspiro.

O tempo cede o logar á eternidade, o juizo do homem ao juizo de Deus; a terra foge debaixo dos pés do pobre moribundo e abandona-o suspenso entre o ceo e o inferno. O bom mestre, que durante sua vida mortal tamanha ternura mostrara pelos enfermos, que por experiencia conheceu quanto a morte é acerba,

devia ter preparado para o moribundo um calmante divino, que torne menos vivos os soffrimentos do corpo, ou mesmo restituil-o á vida; que guareça os males extremos de sua alma, que extinga as derradeiras maculas, e o defenda contra os ultimos assaltos do inimigo.

S. Thyago, primeiro echo da bondade infinita de Jesus Christo, allude ao sacramento da Extrema-Uncção nos seguintes termos: «Se algum de vós adoecer, chame os presbyteros da Egreja; que estes orem por elle; que em nome do Senhor o unjam com oleo, e a oração da fé salvará o enfermo; o Senhor alliviará seus soffrimentos e se tem peccadoss er-lhe-hão perdoados.» (*Epistola cath.* v, 13 e segg.) Se alguém, diz o concilio de Trento, sessão XIV, cap. I, sustentar que a Extrema-Uncção não é, realmente e no sentido proprio, um sacramento instituido por Nosso Senhor Jesus Christo, e promulgado pelo bemaventurado S. Thyago, apostolo, mas que é apenas um rito transmittido pelcs Padres, ou uma invenção dos homens, seja anathematizado!» «Se alguém disser que a Sancta-Uncção dos enfermos não confere a graça, nem perdoa os peccados, nem allivia os enfermos, seja anathematizado!» «Se alguém disser que os presbyteros da Egreja, que S. Thyago chama para juncto dos enfermos afim de os ungirem não são os padres ordenados pelo bispo, mas sim as pessoas mais edosas da communidade, e que portanto o padre não é o ministro proprio da Extrema-Uncção, seja anathematizado!»

*A materia da Extrema-Uncção*, o oleo que suavisa, acalma, fortifica, guarece, que mana da oliveira, symbolo da paz.

*Sua forma.* Ao ministrar a uncção a cada um dos cinco sentidos, olhos, ouvidos, nariz, labios, peito, mãos e pés, o sacerdote diz: «Pela virtude d'esta sancta uncção, e por sua piissima misericordia te perdoe o Senhor as faltas que commetteste pela vista, o ouvido, o

olfacto, o gosto e a palavra, os ardores da concupiscencia, o toque e a marcha.»

Não é possível exprimir de maneira mais simples, mais tocante e mais eficaz, o effeito do perdão supremo e universal do sacramento dos que morrem.

*Seu ministro.* O padre, e só elle, pode guarecer o enfermo, animal-o, consolal-o, só elle o evangelisa, o faz concentrar em si mesmo, o reconcilia com Deus; dedica-se, affronta, se é preciso, as doenças mais contagiosas, a angina cuenosa, a variola, o typho, o cholera, a peste, a raiva e suas furias, as balas, os obuzes, as granadas, os combates! Eis o que practica o padre catholico, e que practica elle só. No sitio de Sebastopol um official superior do exercito inglez dizia ao padre Parabére e na pessoa d'elle a todos os padres: «Nossos ministros fogem do perigo que vós arrostaes, tem medo do cholera que vós não temeis! Não ha vel-os onde vós estaes sempre! Nossa religião não faz nem padres nem irmãs da caridade.»

*Seu sujeito.* Os feis perigosamente doentes, principalmente aquelles, diz o Tridentino, que o estão de tal sorte que parecem em perigo de vida: motivo porque a Extrema Uncção se chama o sacramento dos moribundos. Não é necessario de necessidade de meio, sem o qual não ha salvação; mas é só de necessidade de preceito e de preceito grave. Porque é de obrigação rigorosa para o homem no momento em que a terrivel sentença vai ser pronunciada — *tempus non erit amplius*, não haverá mais tempo! — adoptar todos os meios de fazer que a arvore tombe para o lado, onde ha de permanecer eternamente.

*Seus effeitos.* Na ordem physica: allivio, e algumas vezes cura da enfermidade; cura, cuja origem pode estar na paz e na segurança restituídas ao coração. Obrigado a ministrar os ultimos sacramentos pelo espaço de quinze annos em uma grande parochia de Paris, vi

doentes desesperados, já abandonados dos medicos, voltarem quasi milagrosamente á vida depois de terem recebido a Extrema Uncção. Na ordem moral pacificação, tantas vezes maravilhosa. Na ordem domestica, allivio de todos os corações que se levantam firmes para o ceo.

*Suas ceremonias.* O padre, acompanhado de um pequeno grupo de fieis piedosos, entra dizendo: A paz seja convosco! Expulsa os demonios, aspergindo a casa com agua benta; encommenda o christão que soffre á milicia dos anjos, á assembleia dos eleitos; pede para elle a saude d'alma e do corpo; ministra-lhe as uncções sagradas; dá-lhe a beijar o crucifixo, Deus morto por elle, e applica-lhe uma ultima indulgencia plenaria.

Depois se a agonia começa, repete as mais tocantes deprecações: «*Parte, alma christã, em nome do Padre que te creou, de Jesus Christo que te remiu, do Espirito Sancto, de quem és templo; em nome de todos os anjos e de todos os sanctos: Hoje, sê em paz.*» E as admiraveis invocações postas na bocca do moribundo! litanias ardentes e apaixonadas, que na linguagem de Bossuet são «como o supremo grito, com que a Igreja nos dá a luz da eterna vida.»

*Objecções.* São de recear no enfermo as emoções, que podem impedir o effeito dos remedios e causar a morte.—A experiencia prova que estes temores são as mais das vezes chymericos! O enfermo segundo a promessa do apostolo é quasi sempre alliviado e cheio de alento. E a fé não nos impõe como um dever resignar-nos, se preciso for, a perder o corpo para salvar a alma?

O doente está no gozo de todos os seus sentidos, amanhã ainda é tempo!—A Extrema-Uncção é o sacramento dos enfermos e não dos moribundos. E não será uma felicidade que o doente esteja no pleno gozo de seus cinco sentidos para melhor se assegurar uma boa

morte! Aguardais que entre na agonia para mandar chamar o medico do corpo?

A alma será menos do que o corpo? Materialismo desolador!

Não se deve affligir mais a familia! — Affligir a familia quando o padre é portador de esperanças immortaes, o allivio d'alma e do corpo! E se os falsos melindres da familia causarem a morte eterna d'aquelle que amam? Amam-no e choram-no aqui, onde já não existe, e pouco se lhes dá que elle seja atormentado para sempre onde está. Quão sensato era esse grito de fé de nossos paes: «Queimai, cortai. não poupeis neste mundo, com tanto que me perdoeis na eternidade!»

Accusar a Egreja de imprudencia, de dureza e de crueldade, quando ostenta todos os ardores de seu zelo, todas as riquezas de sua ternura para abrir as portas do ceo a um de seus filhos que apenas está preso á terra por um fio prestes a partir-se! Que injustiça! Na Extrema-Unção como nos demais sacramentos tudo é esplendor!

VI *A Ordem.* A Ordem é o sacramento instituido por Nosso Senhor Jesus Christo para formar o padre, para lhe conferir o poder e a graça de consagrar seu corpo e sangue, desempenhar outras funcções sacerdotaes; de representar Jesus Christo e a Sancta Egreja, ensinar, dispensar a vida eterna, perdoar os peccados: funcções estas que evidentemente não é possivel exercitar sem vocação, sem delegação, sem instituição divina!!! «Que ninguem, diz o Apostolo, usurpe esta honra, se não for chamado por Deus como Aarão.» Introduzido no sanctuario sem vocação celeste, diz o concilio de Trento, o padre seria um lobo voraz e um intruso!!!» Por haver tocado sem missão as cousas sanctas Choré foi engulido, Saul precipitado do throno, Jeroboão ficou com a mão arida e paralytica.

Jesus Chisto ordenou sacerdotes a seus apóstolos,

quando lhes disse: «Toda a vez que comerdes este pão e beberdes este calix, fazei-o em minha memoria.»

«Tudo o que ligardes e desligardes na terra será ligado ou desligado no ceo.» Quando depois da imposição das mãos, lhes disse: «Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as...»

Na sessão xxiii, o Concilio de Trento formulou os canones seguintes: «Canon i. Se alguém disser que não ha na lei nova sacerdocio visivel ou exterior; ou que não existe poder algum de consagrar e de offerecer o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue do Senhor, ou de perdoar os peccados, seja anathematizado.» Canon ii. Se alguém disser que não ha na Igreja alem do sacerdocio outras ordens maiores e menores, pelas quaes, como por outros tantos degraus se chega ao sacerdocio. seja anathematizado... Canon iii. Se alguém disser que a ordem ou a ordenação sagrada não é verdadeira e propriamente um sacramento instituido por Nosso Senhor Jesus Christo, mas uma invenção humana, seja anathematizado... Canon iv. Se alguém disser que o Espirito Sancto não é dado pela ordenação e que não imprime character, ou que aquelle que foi padre n'outro tempo, pode tornar-se leigo, seja anathematizado... Canon vi e seguintes. Se alguém disser que na Igreja catholica não ha hierarchia divinamente ordenada e instituida, a qual se compõe de padres, bispos e ministros: que os bispos elevados a esta dignidade por auctoridade do Pontifice romano, não são verdadeiros bispos, que não são superiores aos padres, ou que não tem o poder de confirmar e de ordenar... ou que o poder que tem lhes é commum com os padres, seja anathematizado...»

*A materia do Sacramento da Ordem:* a imposição das mãos, signal material, é convencional ou humano, da transmissão como do exercicio do poder e da **graça.**

A apresentação dos instrumentos proprios de cada funcção: o ostiario toca as chaves; o leitor o livro da palavra de Deus; o exorcista o livro dos exorcismos; o acolyto o cirio, o castiçal e as galhetas; o subdiacono o calice e a patena vazios, o livro das epistolas; o diacono o livro dos Evangelhos; o presbytero a patena com o pão, o calice com o vinho e agua.

*As formas do Sacramento da ordem.* O bispo diz ao ostiario: «Obra como quem tem de dar contas a Deus dos objectos que estas chaves servem para fechar!» Ao leitor: «Recebe este livro, sê o echo da palavra divina!» Ao exorcista: «Tem o poder de impor as mãos sobre os energumenos, quer hajam recebido o baptismo, quer sejam ainda do numero dos cathecumenos!» Ao acolyto: «Recebe o castiçal com o cirio, e sabe que d'ora em diante estás encarregado de acender os lumes da Igreja; recebe estas galhetas afim de ministrares em nome do Senhor o vinho e a agua que devem servir para celebrar o mysterio eucharistico do sangue de Jesus Christo!» Ao sub-diacono: «Vê bem estas cousas (o calice e a patena) cujo ministerio te é confiado!» Ao diacono: «Recebe o poder de ler o Evangelho na Igreja de Deus, tanto pelos vivos como pelos defunctos!» Aos presbyteros em geral: «Que tudo o que abençoardes seja abençoado; que tudo o que consagrardes e sanctificardes seja consagrado e sanctificado!» A cada um em particular diffundindo-lhe nas mãos o oleo sancto: «Senhor, pela virtude d'esta unção e de vossa benção, dignai-vos consagrar e sanctificar estas mãos, afim de que tudo quanto abençoarem seja bento, e tudo o que consagrarem seja consagrado e sanctificado em nome de Nosso Senhor Jesus Christo.» E mandando-lhe tocar os vasos do sacrificio e os dons a consagrar: «Recebe o poder de offerecer a Deus o sacrificio, e de celebrar pelos vivos e defunctos em nome do Senhor.»



*O ministro da Ordem:* é o bispo, o unico que possui a plenitude do poder sacerdotal; verdadeiro pastor do rebanho de Jesus Christo.

*Sujeito da Ordem:* só os homens que receberam o baptismo. Mas a ordenação, embora valida, não será licita se os ordinandos não estiverem isentos de certas irregularidades; não homicidas, ou voluntariamente participantes na morte de algum de seus semelhantes; não filhos de nascimento illegitimo; não attingidos de defeito corporal notavel; não escravos; não infamados ou bigamos; não muito jovens; não sem sciencia e virtude sufficientes, etc.

Semelhantes reservas e ritos são evidentemente razoaveis, sabios e divinamente inspirados.

O levita, geralmente educado no pequeno seminario antes de sua ordenação terá de passar muitos annos no grande seminario para provar sua vocação, estudar a philosophia e a theologia, adquirir o espirito de oração, exercitar-se pouco a pouco nas funcções do ministerio. Outr'ora a sancta Egreja exigia do ordinando que provasse ter meios de subsistencia, mostrando ou que dispunha de um patrimonio conveniente, ou que estava de posse legitima de um beneficio sufficiente para sua sustentação, ou que pertencia a uma ordem religiosa aprovada. Eram os tres titulos de patrimonio, de beneficio ou de pobreza. Algures exprimimos o desejo de que os senhores bispos exigissem dos candidatos que se apresentam sem nenhum d'estes titulos a promessa de se consagrarem durante um certo numero de annos ao ensino superior, secundario ou primario.

*Seus effeitos.* Confere áquelles que o recebem o poder e a graça necessarios para continuar sanctamente a missão de Jesus Christo e dos apóstolos; para offerecer o divino sacrificio, administrar os sacramentos, e ensinar de viva voz ou por exemplos; ser o sal da terra e a luz do mundo; exercitar todas as obras de caridade

e de misericórdia, etc.; e tudo isto com efficacia divina.

*As ceremonias da Ordem.* Que tocante não é esta exhortação preliminar: «Meu filho, pesa attentamente, e pesa bem os encargos que pretendes. Até agora és livre, mas uma vez recebido o sacramento, deverás guardar castidade, e para sempre, ficarás consagrado á Igreja... Se é da tua vontade perseverar em tua resolução, aproxima-te...» O passo está dado, o levita acaba de renunciar a si e ao mundo.

Cahe como ferido de morte sobre o chão do templo: a Igreja militante conjura a Igreja triumphante a que lhe assista com seus suffragios, e insta com o Senhor para que o abençoe, o sanctifique e o consagre: «Veneravel bispo, exclama o arceidiago, nossa mãe a sancta Igreja pede que imponhaes a este diacono que vos apresentamos o cargo do sacerdocio.» «E vós sabeis que é digno d'elle?» «Tanto quanto a fragilidade humana permite semelhante conhecimento, sei e attesto que é digno.» — «Demos graças a Deus, diz o bispo!» Em seguida consulta o povo, e se não ha opposição, impõe as mãos sobre o eleito. Depois d'isto todos os padres presentes estendem sua mão direita sobre a cabeça do ordinando, e em seguida a um prefacio sublime, em que a origem e a historia do sacerdocio são dados em resumo. o pontifice assentado reveste-o da estola e da casula, dizendo: «Recebe o habito sacerdotal, symbolo da caridade; que Deus t'a augmente, e a torne fecunda em obras perfectas.» Depois da unção e da consagração das mãos, da entrega dos vasos sagrados, etc., o novo presbytero celebra com o bispo os formidandos mysterios e communga com elle, em quanto o coro canta: «*A partir d'este dia, não mais vos chamarei servos, MAS SIM AMIGOS.*» Em seguida á communhão de baixo das duas especies, o ordinando de pé deante do altar, recita em voz alta o symbolo dos apóstolos, e

logo pondo-se de joelhos deante do pontifice, ouve de sua bocca as seguintes palavras: «Recebe o Espirito Sancto! Os peccados que perdoares serão perdoados! e os que retiveres serão retidos!...» A casula do ordinando ainda dobrada desdobra-se nas mãos do bispo que lhe diz: «Que o Senhor te revista da tunica da innocencia.»

Depois tomando-lhe as mãos: «Prometes-me a mim e a meus successores respeito e obediencia?» E abraçando-o depois de lhe ter declarado: «Prometo: «Que a paz do Senhor seja sempre contigo!»

Tudo está consummado!

Quem poderá negar que estes testemunhos não são críveis até ao excesso? Esplendor!

VII. *O Sacramento do Matrimonio.* — O matrimonio é um sacramento que consagra a união do homem e da mulher, e lhes confere a graça necessaria para se sanctificarem no seu estado. E' de fé que o matrimonio é um verdadeiro sacramento da nova lei, instituido por Nosso Senhor Jesus Christo. O apostolo S. Paulo, escrevendo aos de Epheso, diz-lhes: «Maridos, amai vossas mulheres, como Jesus Christo amou sua Igreja... O homem deixará seu pae e sua mãe, e unir-se-ha a sua esposa; e serão dois n'uma só carne... Este sacramento é grande em Christo e na Igreja.» O concilio de Trento depara n'este texto a prova de que o matrimonio é um verdadeiro sacramento: «Foi o proprio Jesus Christo, Auctor e Consummador de nossos mysterios, quem por sua paixão nos mereceu a graça necessaria para aperfeiçoar esta união natural, para firmar esta união individual e sanctificar os esposos. E é isto o que o apostolo S. Paulo quiz dar a entender, quando diz: «Este sacramento é grande em Christo e na Igreja.» ... O casamento na lei evangelica, avantajando-se aos sacramentos antigos pela graça que vem de Jesus Christo, é com razão considerado pelos sanctos Padres, pela tra-

dição da Igreja universal e pelos concílios um dos sacramentos da lei nova.» (Sessão xxiv.) O sagrado concílio accrescenta:

«Se alguém disser que o matrimonio não é propria e verdadeiramente um dos sete sacramentos instituidos por Nosso Senhor Jesus Christo, mas que não passa de uma invenção dos homens na Igreja, seja anathematizado!» Sessão xxiv, canon 1.)

Nada mais conforme á razão esclarecida pela fé. De feito, não é de mais a dispensação de uma graça particular aos esposos para cumprirem reciprocamente os novos deveres, cuja obrigação contraem, e sem os quaes a sociedade conjugal não poderia subsistir; para dar aos filhos o nascimento e a educação, e com reforço de razão uma educação christã; para os tornarem filhos fieis da Igreja e eleitos para o ceo. Que dedicação, quanta coragem, de que heroismo não carecem! se se é opulento para ver a fortuna dividida entre um grande numero de filhos; se se é pobre para aventar onde haverá meio de nutrir e vestir uma numerosa familia; rico ou pobre, para educar até á idade de vinte annos um filho, que talvez venha a ser uma fonte perenne de magoas. E não é a sociedade domestica a base e o fundamento da sociedade publica? Não é o sanctuario, onde se formam as gerações, e ao qual o homem pertence por todos os titulos, de pae, mãe, esposo, filho, irmão e de irmã? Contestar a necessidade de um sacramento que auxilia os esposos a attingirem fins tão sanctos, tão multiplos, tão imponentes do casamento; pretender que o amor conjugal, paterno e materno para tudo chegam, é rematada loucura!

A historia mostra-nos por toda a parte, fóra do christianismo, não só na antiguidade, mas ainda hoje, a polygamia, o divorcio, a morte ou o abandono das creanças, etc., etc.

*Materia do sacramento do matrimonio.* E' o contra-

cto formado pelo consentimento mutuo dos esposos, ou a manifestação sensível d'este consentimento. Onde este contracto for nullo, não ha sacramento. As condições essenciaes d'este contracto são a *unidade*, a *indissolubilidade*, a *legitimidade*.

1.º *Unidade ou monogamia*. Deus creou um só homem, e a este homem unico deu uma só mulher, dizendo-lhe: O homem deixará seu pae e sua mãe, e unirse-ha a sua esposa, e serão não dois, mas um em uma só carne. E quando Jesus Christo quiz reformar o casamento, que as paixões tinham profundamente desnaturado, apenas lembrou aos judeus o que fora no principio: «Se alguém, diz o concilio de Trento, affirmar que é permitido aos christãos ter ao mesmo tempo muitas mulheres, e que tal cousa não é prohibida por nenhuma lei divina, seja anathematizado!» (Sessão XXIV, canon II.) Que haverá de mais conforme á natureza e á razão do que a monogamia? Que de mais homicida do que a polygamia? 1.º destroe no casamento a egualdade entre o homem e a mulher; com effeito cada mulher se dá ao homem integralmente, em quanto que o homem repartido entre muitas mulheres, só se lhes dá em parte. 2.º Onde a polygamia reina, a mulher é escrava, é considerada não como pessoa, mas como cousa, como instrumento de trabalho e de prazer; como besta de carga, que entra como mercadoria, para se comprar e vender. 3.º Não é demais um homem só para educar os filhos que uma só mulher lhe dá. Debaixo do regimen da polygamia, vê-se a cada passo o filho repudiado por seus pais, que d'elle fazem menos caso do que os animaes dos seus. 4.º A polygamia é uma fonte perenne de discussões e de ralhos domesticos, como eloquentemente o demonstra a historia dos harens. Pelo factogeral da egualdade numerica dos homens e das mulheres, Deus significa nitidamente que destina a cada homem uma só mulher. A polygamia, dando muitas mu-

lheres a um só homem, condemnaria um certo numero de homens a não se casarem, e privar-os-hia do exercicio de um direito que receberam da natureza; seria apanagio exclusivo do rico, unico que pode, mercê de seus rendimentos ter um serralho. Não alleguem em favor da polygamia, argumentos illusorios de falsidade e de propagação da especie humana. De facto não ha homem, a quem Deus haja querido proporcionar maior felicidade do que a Adão sahido de suas mãos innocente e puro; não houve nunca uma epocha em que a propagação do genero humano fosse tão necessaria, como na origem do mundo, e não obstante Deus não doou a Adão mais do que uma companheira. Alem d'isso na Turquia, onde a polygamia reina, ha, guardadas as proporções, menos habitantes do que na Europa.

2.<sup>o</sup> *Indissolubilidade do contracto.* Jesus disse aos pharizeus: « Que o homem não separe o que Deus uniu... » (S. Math. xix, 6.) « Todo aquelle que despedir sua mulher e esposar outra, e todo aquelle que esposar aquella que seu marido repudiou, commette adultério. » (S. Luc. xvi, 19.) S. Paulo diz a seu turno: « Quanto áquelles que são casados, não sou eu, mas o Senhor, quem lhes ordena: « Que a mulher se não separe de seu marido. Está presa pela lei do matrimonio a seu marido emquanto vivo fôr. » (*Ep. aos Colossenses*, vii, 10 e seg.) O concilio de Trento formulou o seguinte anathema: « Aquelle que disser que a Egreja erra, quando ensina, como sempre tem ensinado, segundo a doutrina do Evangelho e dos apostolos, que o laço matrimonial não pode ser dissolvido por causa de adultério de uma das partes... que nem uma nem outra parte pode contrahir novo casamento em quanto vivo o outro consorte; que o marido que despede sua mulher adultera e espósa outra, tambem elle adultéra, assim como a mulher que, tendo deixado seu marido adultero, contrahiu segundo casamento, seja anathematizado! » (Ca-

non, vii.) «Se alguém disser que o laço matrimonial pode ser quebrado por causa de heresia, de cohabitação pouco supportavel, ou de ausencia affectada de uma das partes, seja anathematizado!» (Canon, v.)

Esta lei da indissolubilidade repousa ao mesmo tempo sem a menor duvida sobre a natureza e sobre a do homem, sobre a natureza da sociedade domestica e civil. A indissolubilidade é um dos caracteres da familia divina da SS. Trindade, typo da familia humana.

Formando Eva da costella de Adão, quiz Deus significar que o homem e a mulher são menos dois que um, que são indivisiveis e inseperaveis. Um dos grandes fins do matrimonio é a educação dos filhos; ora será sempre uma grande desgraça para os filhos que seguirem o pai, viverem longe dos cuidados da mãe, e para os que seguirem a mãe viver longe da tutella, da protecção do pai. Se não houver partilha dos filhos, nem por isso serão menos bem educados, regra geral, por um só, do que o teriam sido pelos dois.

Um outro fim do matrimonio é a mutua assistencia dos esposos: se souberem que podem separar-se, cuidarão menos de examinar se convirão um ao outro, amar-se-hão menos, se não contarem com a perpetuidade do seu amor; acabarão por duvidar um do outro, ao sentirem que o capricho e a paixão podem despedaçar a cada instante os laços que os unem.

Nada mais facil por outra parte do que estabelecer com certeza as proposições seguintes:

O divorcio em as nações christãs nunca foi exigido por lei senão nas epochas de revolta ou decrepitude. No fundo não passa de um concubinato legal, de uma concessão vergonhosa feita á volupia, á custa do dever. Seria uma causa puramente de divisões entre os esposos, as familias e os filhos. Separando o homem e a mulher sem lhes deixar a segurança de approximação, gerará implacaveis odios, ao mesmo tempo que

aniquila todo o sentimento de piedade filial no coração do filho que é separado do pae ou da mãe.

A historia mostra que a população diminue em razão da facilidade dos repudios. Uma lei que auctorisasse o divorcio sem vivas reclamações e sem opposições vehementes da nação, seria um dos symptomas os mais temerosos de sua degradação. A sancta Egreja procede portanto com grande tacto, quando repelle todo o pensamento de divorcio por incompatibilidade de humor, por esterilidade da união contrahida, por adulterio de um dos esposos, e mesmo por attentado de um dos esposos contra a vida do outro. Apesar d'isso, mostra-se admiravel e conciliadora ao mesmo tempo; porque proveu á segurança das pessoas, permittindo a separação quanto á habitação e não quer que se attente contra a estabilidade do casamento mantendo o vinculo, *vinculum*.

Aos pharizeus que lhe perguntavam a razão porque Moysés permittia ao marido repudiar sua mulher, Jesus Christo respondia: «por causa da malicia de vosso coração; mas ao principio não foi assim, e não o será d'aqui em diante.»

3.<sup>o</sup> *A legitimidade do contracto*. Deve ser ao mesmo tempo valido e licito, quer dizer, que não deve ser contrahido com impedimentos formulados pela Egreja. Se o impedimento é dirimente, o casamento é nullo.

Se o impedimento é sómente prohibitivo, o casamento é valido, mas illicito. E' um dogma catholico, um artigo de fé, que a Egreja pode em virtude de um poder que lhe é proprio estabelecer estas duas especies de impedimentos. «Se alguém disser que as causas matrimoniaes não são da alçada da Egreja, seja anathematizado!» (*Concilio de Trento*, sess. xxiv, can. ii.) A Bulla *Auctorem Fidei*, de 28 d'agosto de 1794, dirigida a todos os fieis por Pio vi, e que foi recebida por todas as egrejas, sem reclamação, condemna como hereticas e contra-



rias aos canones do concilio de Trento as doutrinas do concilio de Pistoia, que sustentava que o direito de appor impedimentos dirimentes ao contracto de casamento não pertence originariamente senão ao poder civil. Declara que a Egreja sempre pôde e pode em virtude de um direito que lhe é proprio, estabelecer impedimentos, que não só suspendam o casamento, mas que o tornem nullo.

«E que prudentemente formulados elles não são! *O erro*: é claro que o erro substancial sobre a pessoa vicia na origem o consentimento e annulla o contracto. *A condição*: esposar uma pessoa escrava, quando se julgava esposar uma pessoa livre, é um erro substancial. *O voto solemne de castidade*: pronunciado depois de todas as provas canonicas, esse voto constitue a vocação divina; convirá deixar uma porta trazeira áquelles que se tem mettido no caminho da dedicação e do sacrificio? *O parentesco*: os perigos da consanguinidade são enormes! «E' uma regra commum em todas as nações, diz o sr. Troplong, que o sangue tem horror de si mesmo nas relações dos sexos; é por um sangue estranho que quer perpetuar-se para não degenerar.» *O crime*: o assassinio e o adulterio são crimes gravissimos! Seria actual-os e multiplical-os não declarar nullo o casamento entre duas pessoas, que d'elles fossem culpadas. *A disparidade de culto ou a differença de religião*: o fim do matrimonio é a sanctificação dos esposos e a educação christã dos filhos; ora um christão unindo-se a um infiel, não ficaria exposto a perder-se? terá bastante influencia sobre o infiel para conseguir que seu filho seja christão? Estas mesmas razões tão graves tendem a impedir os casamentos entre os catholicos e os hereges, mas a Egreja não os declara nullos, torna-os sómente illicitos. *A violencia*: se a liberdade deve presidir a todos os actos humanos, deve

com dobrada razão presidir ao casamento, que é um dos actos mais importantes da vida. *A Ordem*: a missão do padre é sublime e divina, urgia pol-o na feliz necessidade de nunca pensar no casamento, e defendel-o efficazmente contra a seducção. *O ligamen*: se na familia só deve haver um marido e uma unica mulher, é evidente que o vinculo do primeiro casamento deve ser um obstaculo absoluto ao segundo. *A loucura*: um alienado não pode nem contrahir validamente casamento, nem cumprir-lhe as obrigações. *A afinidade*: os esposos que fazem um n'uma só carne, devem ser considerados como membros da familia, á qual se alliam. *A clandestinidade*: sempre e em toda a parte o casamento tem sido acompanhado de ceremonias publicas. E' de facto da mais alta importancia que os casamentos que se contraem, recebam uma publicidade legal. *A impotencia*: aquelle que não pode attingir o fim essencial do matrimonio, não pode contrahil-o validamente.

Em suas *Cartas sobre a historia da terra e do homem*, t. 1, p. 48. Deluc diz mui reportadamente: «A religião prestou o maior serviço ao genero humano, estatuinto sobre o casamento uma lei, debaixo de cujo imperio a inconstancia dos homens é forçada a submetter-se: e não é esta de certo a unica vantagem de um codigo fundamental de moral, que não pode ser por elles alterado.

A favor das leis fundamentaes do matrimonio, e de cada um dos seus impedimentos dirimentes a Igreja pode invocar o testemunho da tradição universal, pois que em meio das mais densas trevas da humanidade se entrevê a luz, ao lado da realidade a menos perfeita surprehende-se o sentir do ideal christão.

*Os effeitos do sacramento do matrimonio.* Antes do christianismo, o marido era um tyranno, a mulher uma escrava, o filho uma victima. A esposa estava fatal-

mente predestinada a soffrer a tyrannia do marido, o filho a crueldade do pai e da mãe.

O pai sentia-se invencivelmente arrastado a exagerar sua auctoridade, a mãe a sacudil-a ou a usurpal-a, e o filho a subtrahir-se a ella.

O christianismo fez entrar a auctoridade paterna em seus limites naturaes, subordinando-a á auctoridade divina, á lei da dedicação e do sacrificio. Mantem a mulher dentro da sua esphera, prescrevendo-lhe o dever de obedecer ao marido; impõe ao filho o dever de respeitar a auctoridade do pae e de não esquecer os gemidos da mãe.

Rehabilitou a familia mettendo-a na ordem divina, mostrando-lhe na familia divina o typo, incitou-a propondo-lhe por modelo a sancta familia de Nazareth, José, o verdadeiro modelo do pai, Maria, o verdadeiro modelo da mãe, Jesus, o verdadeiro modelo do filho; condemnadas todas as seitas hereticas ou philosophicas que negam as leis eternas, fóra das quaes não ha para o homem senão degradação e miseria; chamando continuamente a seus deveres cada um dos seus membros, ao pai dizendo que deve a seus filhos a educação physica; á mãe que deve educar e nutrir ella mesma seus filhos tanto quanto puder, e prodigar-lhes os mais ternos cuidados; ao filho, que deve á semelhança do Menino Jesus na submissão a seus pais crescer na idade, progresso physico; em sabedoria, progresso intellectual; em graça, progresso moral, deante de Deus e dos homens.

*As ceremonias do sacramento do matrimonio.* A primeira é a dos esponsaes, na qual, quarenta dias antes do casamento, a Egreja abençoa a promessa que os futuros esposos fazem de se unir. Chegado o dia do casamento, os noivos acompanhados dos votos de seus parentes e amigos, ajoelham ao pé do altar. O seu pastor que conhece todas as suas ovelhas por seus nomes e as

ama, aproxima-se e aviva-lhes a ideia da sanctidade dos compromissos que vão tomar por juramento na presença de Deus, dos seus anjos e dos fieis presentes; das novas virtudes que deverão practicar para serem mutuamente felizes; o grande fim do matrimonio, sua sanctificação e a de seus filhos; o termo a que devem tender, o ceo, destinado a reunir para sempre aquelles que vinculos tão fortes e tão doces uniram na terra. Depois de os haver assim exhortado, abençoa a moeda que representa o dote da esposa, e o anel que o esposo vai passar ao dedo da esposa em signal da união que contrahem. Emfim em quanto os noivos se dão a mão, une-os e abençoa-os fazendo sobre elles o signal da cruz:

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto.

*Objecções.* O casamento é um contracto puramente civil! — Não, Montesquieu estabelece que em todos os tempos e logares a religião presidiu ao casamento; que foi objecto de uma benção particular; que á religião pertence decidir se o laço será indissolúvel ou não.

A Igreja nada tem com isso!

Tem, evidentemente! pois o matrimonio é um sacramento da nova lei! Pode-se por abuso de liberdade secularisar o casamento, a familia e o Estado; mas o individuo, a familia e o Estado, collocados queiram ou não queiram na ordem sobrenatural da Redempção, ficaram dependentes da lei eterna e divina e por isso mesmo da Igreja, unica interprete official e infallível d'esta lei.

A Igreja não pode appor ao casamento nenhum impedimento dirimente! — É falso, absolutamente falso! Sociedade divina e infallível estabelecida por Jesus Christo, guia divino da humanidade, a Igreja tem o duplo poder de formular impedimentos e de dispensar n'elles quando o julgue a proposito. «A natureza decahida, abandonada a si mesma, não será jamais senão o

que tem sido, predestinada á barbarie. O casamento civil tende fatalmente, a pôr em risco a civilização, a degradar a humanidade que separa de seu principio regenerador e sanctificador. E' um passo a mais para a animalidade, em quanto que o matrimonio christão é um passo adeante para a divindade. Se o attractivo que aproxima os dois sexos fosse abandonado ao delirio dos sentidos, a degradação da especie depressa correria parrelhas com sua depravação.» (Troplong, da *Influencia do christianismo sobre o direito civil*, cap. VII.) «A secularização do casamento, sua usurpação pela auctoridade civil é, dizia Mirabeau, o maior attentado do poder politico contra o poder civil.»

A Igreja estabeleceu os impedimentos ao matrimonio para abrir uma fonte de rendimento pelas dispensas que concede! — Calúnia!

Toda a administração civil e religiosa tem o direito e o dever de viver á custa de seus administrados. A Igreja faz o que fazem todos os poderes estabelecidos, quando diz a seus subditos: Dispensovos de observar a ordem tal como está regulada, mas com a condição de que por uma esmola concorrais para a manutenção e triumpho d'esta ordem.

A Igreja com taes prohibições attenta contra a liberdade! — Em todo o caso se attentasse, fal-o-hia em nome de Deus que é o Soberano Senhor! Mas não; não attenta contra a liberdade; regula-a; desvia-a do mal e faz que d'ella se use só para o bem. A eterna verdade disse: Se vossa liberdade não fôr a de Jesus Christo, não sereis verdadeiramente livres. Tudo conspira para demonstrar a verdade do christianismo: os Esplendores da fé, os factos da historia, as profundezas d'alma, as entranhas da terra, a magnificencia de seus dogmas, a sanctidade de sua moral, a efficacia de seu culto, sua influencia civilisadora, etc., etc., etc. Nada portanto mais feliz e glorioso, do que obtemperar a suas leis.

## CAPITULO TRIGESIMO QUINTO

### O celibato e os votos religiosos

O Evangelho mostra sem rodeios que o celibato entrava nos desígnios do Salvador.

Espantados de verem que proclamava altamente a indissolubilidade do matrimonio, seus discipulos disse-ram-lhe: «Se tal é a condição do homem pelo que respeita á mulher, não é bom casar.» Jesus disse-lhes então: «Nem todos comprehendem esta palavra, só aquelles, a quem foi dado comprehenderem isto é que entendem que é melhor não casar. Ha homens que se tem feito eunuchos (renunciando ao casamento) por causa do reino dos ceos. (Esses taes escolheram a melhor parte)» Certo dia, em que S. Pedro exclamava: «Tudo deixámos e seguimos-te, que recompensa será a nossa?» Jesus Christo responde: «Aquelle que abandonar sua casa,... sua mulher... por minha causa, receberá o centuplo.» Jesus Christo chega a impor esta renuncia a alguns de seus discipulos como uma condição indispensavel de salvação. S. Paulo, a quem as leis evangelicas foram directamente reveladas por Jesus Christo, diz da maneira a mais explicita (1 Cor. vii, 1 e segg.):

« E' vantajoso para o homem não tocar na mulher, desejaria que todos fosseis como eu! Mas cada um tem seu caminho particular... Digo áquelles que não são casados... que é melhor para elles ficarem assim, como eu... Aquelle que está sem mulher, põe todo o seu cuidado nas cousas do Senhor... para ver como ha de agradar ao Senhor. Da mesma sorte a mulher não casada e a virgem pensam nas cousas que são do Senhor, afim de serem sanctas de corpo e de espirito; em quanto que aquella que é casada pensa nas cousas do mundo, como ha de agradar ao marido. Aquelle que casa sua filha virgem, faz bem, mas aquelle que a não casa faz melhor.»

Conformemente á douctrina de Jesus Christo e dos apóstolos, os antigos Padres e doutores de todos os tempos tem exaltado á porfia a continencia e o celibato como algo de mais perfeito, de mais digno aos olhos da religião, que o estado matrimonial, affirmando unanimemente que é mais feliz e melhor ficar na virgindade ou no celibato, do que casar.

Resumindo e definindo a douctrina evangelica e a tradição, o concilio de Trento formulou os dois canones seguintes (Sessão xiv): Canon ii: « Se alguém disser que o estado matrimonial deve ser preferido ao estado de virgindade ou de celibato; ou que não é melhor ou mais feliz ficar na virgindade ou celibato, do que unir-se em casamento, seja anathematizado.» Canon ix: « Se alguém disser que os clérigos de ordens sacras ou os regulares que fizeram profissão solemne de castidade podem contrahir matrimonio; e que aquelles que não sentem em si o dom da castidade podem casar, ainda que hajam feito voto de a guardar, seja anathematizado. Porque Deus não recusa este dom áquelles que lh'o pedem, como devem, e não permite que sejamos tentados acima de nossas forças.» A incognita era a bondade e a possibilidade do celibato e da vir-

gindade...; o conhecido é a divindade de Jesus Christo e de sua sancta Egreja. Jesus Christo e a Egreja affirmam a bondade e a possibilidade do celibato, a incognita está desembaraçada!

A causa ah! hoje tão impopular e tão mal comprehendida do celibato do clero foi pleiteada tão brilhantemente pelo sr. padre Berseaux na *Sciencia sagrada*, (t. iv, p. 60 e seg.), que me limitarei a esboçar mui perfunctoriamente sua defeza: « Todos os povos, diz o conde de Maistre, acreditaram que ha na continencia alguma cousa de celeste que exalta o homem e o torna agradavel á divindade, que por uma consequencia necessaria toda a funcção sacerdotal, todo o acto religioso, toda a cerimonia sancta se casa pouco ou nada com o matrimonio, » (*Do Papa.*) Interrogando sobre este ponto a Judeia, a India, a Persia, a Arabia, o Egypto, a Grecia e Roma, as nações barbaras falam exactissimamente identica linguagem... Os philosophos, Pythagoras, Plutarcho, etc., pensam a tal respeito como o povo. Se a gentildade está d'accordo com a Egreja, os sabios com os sanctos Padres, Athenas com Jerusalem, não será porque o celibato é cousa sabia e sancta?

Um sentimento universal suppõe uma causa universal; ora não ha no mundo senão duas causas universaes, Deus e a natureza; logo o celibato das pessoas consagradas a Deus repousa n'um fundamento divino. E que serie de razões intrinsecas a militarem a favor d'esta grande verdade! 1.º O Padre é o representante de Jesus Christo, e Jesus Christo viveu virgem. 2.º Jesus Christo quiz nascer de uma virgem. Se o grande mysterio da Incarnação se realisou por intermedio de uma virgem, não será conveniente que o ministerio da divina Eucharistia, que é a continuação e a extensão d'aquelle mysterio se effectue pelo ministerio de um sacerdocio virgem? 3.º O padre é o pontifice encarregado de offerecer a Deus o duplo sacrificio da oração



e da Eucharistia; ora debaixo d'este duplo ponto de vista é conveniente que elle guarde castidade. Origenes dizia: « Só áquelle, que se votou a uma castidade perpetua, pertence offerecer o sacrificio perpetuo. 4.º O padre é a luz do mundo, deve ensinar e defender a verdade; e para ensinar e defender a verdade é preciso que a conheça; para a conhecer é preciso que a estude; para a estudar precisa livros, tempo e uma especie de solidão. Ora tudo isto é impossivel para o padre casado. A experiencia justifica a theoria: attesta que a castidade dispõe o espirito para a perfeição das operações intellectuaes.

Os homens, de facto, que mais tem brilhado pela sciencia, na antiguidade e nos primeiros seculos da Egreja, tem sahido todos das fileiras do celibato. 5.º O padre não é sómente o doutor da alma humana: depois de a ter esclarecido e animado á virtude, deve determinall-a com o exemplo; e debaixo ainda d'este aspecto novo, de que immensa utilidade não será o celibato? E' sem duvida a instituição do celibato, e a honra que o christianismo tributa á virgindade, a alavanca potente que arrancou o velho mundo á podridão. Eram necessarios estes excessos divinos para mostrar ao homem, escravo dos sentidos, que a carne pode ser domada. 6.º O padre catholico é um mensageiro celeste que deve exercer o imperio de Jesus Christo. Para exercitar este imperio com fructo, carece da consideração, da independencia e da coragem precisa para exclamar: *Não é permittido! Não podemos!*

Tirai o celibato, e estas qualidades gloriosas não existem! Ninguem se apresentará para vir em auxilio da verdade divina opprimida! Attentai no que se passa no seio do protestantismo. Desde o dia, em que pediu ou acceitou o casamento dos padres, consentiu logo em que o poder civil estendesse mão sacrilega sobre as verdades reveladas, redigisse e impuzesse symbolos. 7.º O

padre é um homem publico que deve dedicar-se á humanidade inteira; ora só o padre celibatario pode fazer o sacrificio inteiro do tempo, de sua fortuna e vida. A natureza grita constantemente aos ouvidos do padre casado, que deve tudo, seus bens e sua vida áquelles, a quem deu o ser! Assim é que por toda a parte se nota no padre virgem a dedicação; no padre casado o abandono cobarde das almas.

E visto que o celibato dos padres, debaixo de qualquer ponto que se encare, é absolutamente indispensavel, e altamente proficuo, só a religião que impõe o celibato a seus ministros é a divina, é a de Jesus Christo.

Mas dizem: 1.º A observancia do celibato é impossivel! — Deus declara a S. Paulo o contrario: «Minha graça basta-te.» E a prova irrefragavel da continencia, é que ella é universal na Egreja. Não só a continencia é possivel, mas é facil, facillima para aquelles que a querem seriamente.

O proprio Rousseau disse:

«Essa necessidade das relações sexuaes é chymérica, e sómente confessada por pessoas de má conducta. Todas essas pretendidas necessidades não tem origem em a natureza, mas na voluntaria depravação dos sentidos.» S. Agostinho disse uma grande verdade: «E' muito mais facil abster-se, do que usar com moderação . . .» E' um facto constante, que ha maior distancia do celibato á copula, do que do casamento ao adulterio.

2.º Mas ha infracções e desordens secretas! — Que importa, pois, se aparecem de longe em longe, como nuvens ligeiras em ceo sereno! Ha infracções ao celibato, como as ha na fidelidade conjugal; como as ha para todos os compromissos os mais sagrados da terra. Apesar d'essas infracções, o celibato não deixa de ser a mais elevada das instituções em si mesma, e a mais salutar em seus resultados.

Voltaire não duvidava dizer:

«A vida secular tem sido sempre mais viciosa do que a dos padres, mas as desordens d'estes tem sido sempre mais reparadas pelo contraste com a regra.»

3.º A Igreja pelo celibato faz de seus padres outras tantas victimas de sua tyrannia! — Nunca a Igreja obrigou ninguem a fazer voto de castidade. E bem sabe ella que uma vez feito aquelle voto, não pode ser observado sem uma grande perseverança na corajosa resolução tomada; por isso apella sómente para as almas de boa vontade, para os violentos!

Receia-se extremamente dos compromissos temerarios, e ordena muitos annos de reflexões e de provas áquelles que desejam consagrar-se á virgindade.

4.º O jugo é muito mais tyrannico ainda, a escravidão mais dura, para os habitantes do claustro! — Era a accusação calumniadora do XVIII seculo. Uma experiencia memoravel deitou por terra a calumnia: as portas dos conventos foram arrombadas e os religiosos declarados livres para poderem sahir! Mas foi preciso recorrer á violencia para os arrancar á sua solidão querida; preferiram o martyrio á liberdade, a morte ao perjurio.

5.º Se todos se consagrassem á virgindade, que seria do genero humano? — A isto poderíamos responder: Se todos guardassem continencia no casamento ou se condemnassem á viuvez, que seria do genero humano? Ora tanto se pode receiar que todos se consagrem ao celibato, como ha a temer que todos sejam continentes no regimen matrimonial.

A virgindade é cousa difficil, e porque é difficil é cousa rara: o proprio Jesus Christo declarou que muito poucos a comprehendem. E se alguem a ella se não consagrasse, que seria das miserias innumeradas que allivia e soccorre?

6.º A Igreja, prescrevendo o celibato e exaltando a virgindade, irroga um ultraje á sanctidade da união

conjugal — Pois não tem a Igreja honrado sempre e protegido o matrimonio, elevado por Jesus Christo á dignidade de sacramento, contra os sophistas e os hereses que tem combatido, desde os gnosticos até aos phalansterianos? O fim do casamento é conservar o genero humano pela reproducção; o fim do celibato conserval-o pela sanctificação: são dois agentes egualmente dignos de benção, de conservação.

7.º Todos os homens são chamados ao casamento pela natureza e por Deus — Que Deus fizesse o homem, considerado genericamente, para o casamento, é uma verdade incontestavel; mas que haja destinado e obrigado cada um em particular, é um erro ou uma loucura, que só pode formular um homem que nunca reflectiu sobre as grandes cousas humanas, sobre a harmonia geral da natureza. Se quizessemos tomar á letra: *o Crescite et multiplicamini*, então todo o ser humano deve casar-se logo que é nubil! então os esposos deverão ter tantos filhos quantos puderem! então toda e qualquer pessoa que não puder casar, deverá recorrer ao concubinato! dois esposos affastados d'ha muito ou pouco, estariam no direito de ser infieis á fé jurada! então as leis que prohibem o casamento aos cidadãos chamados ao serviço militar seriam homicidas.

8.º Difficultando o desenvolvimento da população, o celibato difficulta o desenvolvimento da industria, a riqueza e a prosperidade das nações.

— O celibato christão não é obrigatorio senão para alguns espiritos de eleição, cujo numero mal se nota, quando se compara com a multidão que segue a lei commum e concorre para o desenvolvimento da população. O celibato que favorece os bons costumes favorece por isso mesmo o desenvolvimento da população... Falam nos dos filhos que o celibato rouba ao Estado! Melhor era falar do numero infinitamente maior d'aquelles que elle conserva ao Estado. Accusam o celi-

bato de cercear os braços á agricultura! Mas não falam das terras que elle surribou, das lagoas que enxugou, das charneças que fertilisou, dos fragedos que ornou de vinhas, dos caminhos que abriu!

Accusam-no de ser prejudicial á riqueza das nações! E é elle que em todos os paizes do globo préga incessantemente o amor do trabalho, o espirito de ordem e de economia, o respeito pela propriedade, a prohibidade nos negocios, etc. Accusam-no de homicida, de oppor obstaculos á longevidade! E estatisticas exactas estabelecem que os celibatarios são aquelles que attingem em maior numero os setenta annos.

O que prova que o celibato catholico está no justo meio que caracteriza a virtude e a ordem divina, é o terem-se levantado contra elle as mais contradictorias accusações.

O XVIII seculo dizia a todos:

Casai-vos, o celibato é contra a natureza; o celibato é impossivel de observar; gerai, gerai; quanto mais um povo prolifica, mais feliz é; observar a continencia é contrariar as vistas do Creador; se o celibato se generalisasse, o mundo acabaria.

O XIX seculo exclama por sua vez:

E' dever de todo o individuo pensar no casamento sómente quando tem com que satisfazer ás necessidades de sua futura familia. A observancia quer perpetua, quer temporaria do celibato, é um dos meios mais efficazes de prevenir catastrophes sociaes, a degredação, a corrupção e a fome!

Dizer que o celibato é indispensavel á felicidade do mundo, é mais do que affirmar que pode ser observado!

Se é certo que o Creador deseja que o mundo se povoe; não o é menos que deseja que se povoe de uma raça sã e virtuosa: o que é impossivel sem a continencia. Se o casamento se tornasse geral, e se cada casa-

mento produzisse tudo o que pode produzir, a terra seria impotente para nutrir os seus habitantes. Em certos paizes só se permite o casamento áquelles que justificam possuir meios de subsistencia para si e a futura familia! Em todos se recommenda a prudencia no casamento, se aconselha o onanismo, o mais odioso dos peccados a sangue frio, a multiplicar de maneira aterradora o infanticidio voluntario ou involuntario, sangrento ou simulado.

Só o celibato catholico tem a coragem de protestar contra estes vicios vergonhosos e contra estes crimes, como tambem é o unico que vem em soccorro das innumeraveis miserias que esses vicios causam!

Que outros diques oppor á miseria, se não obriga, o que seria absurdo e cruel, todos aquelles que não podem sustentar familia a viver no celibato?

*A caridade particular?* Daria a todos alguma cousa, não dará a todos o necessario.

*A caridade publica e legal?* Seus soccorros concorrerão para estimular a preguiça; promoverão o accrescimento da mendicidade. Para prova a taxa dos pobres em Inglaterra e as fabricas nacionaes de 1848.

*A generosidade dos mestres e dos patrões?* Como pagarão um trabalho de que não tiram proveito? Se venderem por baixo preço, como hão de dar um salario elevado? Se de todo não venderem, como poderão dar um salario qualquer? Será a emigração? A historia attesta-o: O caminho da emigração está semeado de cadaveres; é um mal e uma vergonha! Não será muito melhor prevenil-a do que soffrel-a?

*Os votos de Religião.* — O apello á vida religiosa sahe indubitavelmente do coração e dos labios de Jesus Christo. No fundo é o mesmo que o apello á virgindade. Diz a todos, ao grande numero!

Se quizerdes entrar na vida eterna, observai os mandamentos. Diz aos privilegiados, ao pequeno nu-

mero: Se quizerdes ser perfeitos, vendei tudo o que possuis, dai o producto da venda aos pobres, vinde e segui-me! Segui-me! eis o apello á castidade, á pobreza e á obediencia.

Jesus Christo diz com effeito, (S. Luc. xiv): «Se alguem vem a mim e me segue, e não aborrece seu pai, sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e irmãs e a sua propria vida, não pode ser meu discipulo... Todo aquelle que não renuncia a tudo o que possui, não pode ser meu discipulo.»

No espirito de Jesus Christo esta renuncia é para aquelles que chama uma necessidade de salvação, pois a compara ao capital necessario para a edificação de uma casa ou para a entrada em campanha.

Jesus Christo, como auxiliares de sua missão divina, como instrumentos de sua redempção, quiz pobres voluntarios que tivessem auctoridade para consolar os pobres indigentes, e fossem os canaes por onde as esmolas dos ricos chegassem até elles.

Jesus Christo quiz virgens que fossem mães dos orphãos, filhas dos velhos, irmãs de todos os desgraçados.

Jesus Christo quiz obedientes que trocassem sua fraqueza por sua força, e com elle alcançassem todas as victorias.

E assim é que a historia nos diz com sua potente voz que os pobres, as virgens e os obedientes tem sido os salvadores temporaes e espirituaes da humanidade.

Os pobres, as virgens e os obedientes tem sido evocados por Deus para reagir, realisando em sua vida o heroismo do sacrificio christão, contra o egoismo pagão, origem profunda de todas as desordens e ao mesmo tempo de todos os desastres da humanidade.

A obediencia, a pobreza, a castidade são os unicos diques que se podem oppor ás tres grandes correntes

que arrebatarem as existencias humanas, riqueza, sensualidade e independencia.

As congregações religiosas são na ordem moral os mais fortes baluartes da humanidade, porque praticam perfeitamente os grandes deveres que pesam sobre ella :

1.º O dever de glorificar a Deus no tempo, esperando glorificá-lo na eternidade. A Igreja desempenha-se d'este dever pelas ordens contemplativas, que consagram a vida a louvar e a glorificar a Deus. Quem não admirará essas almas consagradas á contemplação, essas Magdalenas bemditas que de joelhos adoram e supplicam? Jesus Christo disse d'ellas que haviam escolhido a melhor parte. São os justos que poderiam salvar Sodoma ou Gomorrha. São Moysés no alto da montanha sancta, levantando os braços ao ceo e pedindo que lh'os ajudem a sustentar, porque a cada momento de cansaço correspondia outro de suspensão no triumpho das armas de Josué. São os para-raios da patria!

2.º O dever de satisfazer á justiça divina; é forçoso que a humanidade faça penitencia ou que seja punida!

Este dever é cumprido pelas ordens penitentes que se applicam principalmente a offerecer-se pela mortificação como victimas pela salvação do genero humano. Seus grandes meios de expiação vem a ser: o celibato, o jejum, os soffrimentos, o trabalho, a pobreza, a obediencia.

A humanidade necessita da verdade, sobretudo da verdade sobrenatural, e de apóstolos que a transportem até ás extremidades do mundo.

A humanidade necessita de virtudes e de modelos que a incarnem, de almas sanctas, que elevando-se ao exercicio do que a moral christã tem de mais perfeito, demonstrem a possibilidade da sua practica. A humanidade necessita de mestres que se devotem á educa-



ção das classes elevadas e pobres da sociedade; necessita de heroes que se consagrem ao allivio da innumerable multidão de outras miserias que pesam sobre ella.

As ordens religiosas, debaixo de mil nomes diversos, debaixo de mil vestuarios differentes, são os unicos que podem desempenhar e desempenham estas missões sublimes. D'esses claustros tão calumniados tem sahido os espiritos os mais elevados e magnanimos, os missionarios os mais desprendidos e fervorosos, os mais arrebatadores e eloquentes dos oradores, os pensadores os mais profundos, os sabios os mais eminentes, os santos de virtudes as mais heroicas.

Ha quem lhes deite em cara suas riquezas! — Foram legitimamente adquiridas pelo direito do primeiro occupante, a doação, o trabalho, a compra, a herança... E, com rarissimas excepções, sabiam fazer d'ellas um emprego muito nobre.

Censuram-lhes tambem concentrarem-se em si mesmos, e não terem outro horizonte que os muros de seu convento!—... Mas todas as instituições monasticas tinham um fim social, e em nenhuma outra parte se mostrou uma compaixão mais terna pela humanidade, maior ardor em a servir.

Lançam-lhes em rosto attentarem contra a liberdade e a dignidade humanas, aniquilando-se e reduzindo-se pela obediencia a não serem mais do que meros instrumentos e automatos, sem vida nem movimento! — Mas a que devemos comparar as ordens religiosas senão a exercitos chamados a combater Satanaz e seus anjos, o mundo, seus erros e seus vicios? Ora qual é a alma e a força de um exercito se não a disciplina militar, uma obediencia absoluta, passiva, cega, que faz do soldado um cadaver? *Perinde ac cadaver!*

Os conventos tem dado logar a graves abusos e numerosos, tem degenerado, e era quasi uma obra sancta destruil-os!

Na hypothese d'aquelles que pensam que os frades levavam vida alegre e airada, levantam-se dois problemas insolúveis, dois enigmas indecifráveis: d'um lado a veneração profunda, de que eram objecto as ordens religiosas; do outro as espantosas maravilhas que obra-ram!

Algumas perguntas, a que os factos respondem eloquentemente, bastarão para pôr em evidencia a acção altamente benefica atravez os seculos do clero secular e regular.

Quem assentou no mundo o programma de todas as ideias sãs e progressivas, quem fez da Europa o que é? Jesus Christo!

Quem venceu e fez desaparecer lentamente o poder discricionario e tyrannico dos imperadores romanos? Os martyres da Egreja!

Quem destruiu a escravidão physica ou social, despedaçando os grilhões da escravidão; a escravidão moral, libertando a consciencia? Quem creou a dignidade humana? Quem libertou a intelligencia humana, substituindo o verdadeiro, o bello, e o bom dos dogmas christãos ao falso, ao mau, ao disforme do naturalismo pagão? Quem suavizou o rigor e atrocidade do direito pagão? O christianismo.

Quando hordas de barbaros apertando-se uns aos outros em longas e frementes vagas inundaram a Europa, quem lhes sahiu ao encontro e as civilisou?

Quem foi o mediador entre esses brutaes conquistadores e os povos conquistados? O episcopado e o clero catholico.

Que homem foi esse, deante do qual estacou respeitoso Attila, o flagello de Deus? um papa, S. Leão o Grande?

Quem levantou esses monumentos soberbos, essas magestosas basilicas, tão dignas de admiração? a Egreja.

Quem nos tempos modernos, quando o racionalismo heretico ou philosophico inundou o mundo para destruir a um tempo o edificio das verdades divinas e humanas, se oppoz a essa torrente devastadora?

Quem se postou debaixo dos fogos do inimigo e lhe resistiu com todas as armas de que o genio do homem pode dispôr? o clero catholico principalmente.

E é quando a sociedade está n'um estado de decomposição, de desorganisação, que se desejaria pôr de parte o clero, unico que possui os meios de guarecer e de rehabilitar?! Não seria o mesmo que apartar o medico do enfermo pretender curar o mal destruindo o remedio?

Para governar e salvar a humanidade, é mister um symbolo, em volta do qual se agrupem todas as intelligencias; um codigo de moral indiscutivel; um conjunto de meios que alcancem toda a humanidade; ministros legitimos, convictos, zelosos, confiando na efficacia dos meios de acção de que dispõem. Ora a Egreja catholica é a unica que está de posse d'estas gloriosas prerogativas, a que a philosophia e o livre pensamento são completamente estranhos.

A Egreja é a unica depositaria do symbolo que illumina! E' a unica fonte das graças omnipotentes, a mãe de todas as instituições beneficicas, a guarda das almas, desde o berço ao tumulo, o refugio de todos os espiritos agitados, de todas as consciencias perturbadas, de todos os corações ulcerados.

A philosophia é a abstracção que arremessa o homem para fóra da realidade.

A heresia é o formalismo sem vida e sem virtudes.

Já atraz o consignámos: um dos factos mais significativos da historia do xix seculo, é o movimento de conversão de grande numero de protestantes instruidos, imparciaes, devotos, pertencendo a todas as condições: á nobreza, á burguezia, á litteratura, á phi-

losophia, á sciencia, á magistratura, á classe militar. Um publicista allemão não duvidou dizer: «A Egreja protestante some-se, e do alto da cathedral de S. Paulo parece ouvir-se ao longe o som dos sinos do futuro chamando á casa de Deus todos aquelles que antes da reforma se reuniam para só formar um e mesmo povo christão.» (*Alzog, Diccionario Encyclopedico, art. Volta á Egreja catholica.*) E' o grito geral na Allemanha que o Cultur-Kampf infundiu nova vida á Egreja catholica e deu um golpe mortal na egreja estabelecida.

---

## CAPITULO TRIGESIMO SEXTO

### Os novissimos do homem

Em todas as tuas acções, diz o Ecclesiastes, lembra-te dos teus novissimos, e não peccarás. (Cap. viii 40.)

Os novissimos, *novissima*, do homem são as scenas ultimas de sua existencia: «*A morte*», passagem do tempo para a eternidade, com confirmação no bem ou no mal. «*O juizo particular*,» que fixa sua sorte, condemnando-o á felicidade ou á desgraça eterna. «*O juizo universal ou ultimo*,» manifestação dos meritos ou demeritos de cada um, consagração solemne dos juizos individuaes ou particulares. «*O purgatorio*,» logar ou estado de expiação final, para as almas justas das penas devidas ainda ao peccado, especie de etape entre a terra e o ceo. «*O inferno*,» habitação, estado ou logar de tormentos para os condemnados. «*O paraizo*,» estado ou logar de delicias para os escolhidos.

Estes novissimos são factos, realidades grandiosas. E quem ousaria affirmar que estes factos não são entre-vistos como possiveis ou mesmo como necessarios pela razão humana, ou ao menos pela razão esclarecida á luz da fé?

«*A morte.*» A morte existia no mundo antes do peccado de Adão, testemunhas os innumeraveis fosseis animaes, sepultados nas camadas do globo terrestre. Estamos até no direito de affirmar que para todo o organismo animal ou vegetal, a morte é a consequencia natural e necessaria do exercicio da vida, tal como a fez o Creador, ou do funcionamento regular dos órgãos, cujo movimento não poderia ser eterno. Debaixo d'este ponto de vista, o proprio homem era naturalmente mortal, a perpetuidade ou a immortalidade não lhe era essencial ou natural. Só a fé nos desvenda que se elle não devia morrer, é porque aprouvera a Deus creal-o não no estado de natureza pura, mas no estado sobrenatural. A Igreja condemnou aquelles que pretendiam que embora Adão não houvesse peccado, tinha de morrer pela condição de sua propria natureza. E' dogma de fé que a morte foi pena do peccado original. Prohibindo a Adão e Eva que comessem do fructo de uma certa arvore, Deus accrescentara: «No dia em que d'elle comerdes, morrereis.» (Gen. II. 17.) Quando Adão desobedeceu, formulou Deus a terrivel sentença: «Porque comeste do fructo vedado, comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes á terra de que fostes formado... Porque és pó, e em pó te has de tornar.» (Gen. III, 17, 19.) S. Paulo volveu-se o echo solemne do dogma christão: «O peccado entrou n'este mundo por um só homem e pelo peccado a morte.»

A morte pois será o apanagio triste de todos os que peccaram em Adão. Mas o que deve consolar-nos é que a morte, pena do peccado, é tambem a sua expiação, e que assim como todos morreram em Adão todos hão de ser vivificados em Jesus Christo. (I Cor. XV, 22.)

E' de fé tambem que a morte é uma. ou que cada homem só ha de morrer uma vez. «Está decretado que os homens só uma vez hão de morrer,» diz S. Paulo.

A hypothese da metempsychose, conforme a qual as almas depois da morte, hão de passar do corpo que deixam para um ou muitos outros corpos, humanos, animaes, ou vegetaes, até á purificação inteira, não passa de um sonho insensato de alguns philosophos da antiguidade, gregos ou indús. Se este decrepito erro tem encontrado em nossos dias algum favor, é porque debaixo de uma forma precisa traduz o pensamento vago dos adversarios do dogma terrivel da Eternidade das penas.

O concilio de Perigueux, reunido a 8 d'abril de 1856, condemnou no livro *Ceo e Terra* de João Reynaud, entre outros erros grosseiros a douctrina que affirma que «a natureza angelica ou humana, em razão da liberdade e da actividade de que é dotada pela essencial e immutavel condição de sua natureza, está e estará sempre n'um estado de prova sem poder chegar nunca ao termo de seu destino.»

*A vida futura. A immortalidade d'alma.* Pretender que o dogma da immortalidade d'alma não vem claramente enunciado no Antigo Testamento ou pelo menos no *Pentateuco* de Moysés, é mentira impudente e blasphemia.

A verdade pelo contrario é que a immortalidade d'alma tresanda em cada pagina, em cada versiculo do Antigo e do Novo Testamento, que era crença tão vulgar que ninguem pensava em affirmal-a, porque ninguem pensava em negal-a.

No principio do Genesis a alma é chamada o sopro de Deus, ora o sopro de Deus não morre.

Depois do peccado, diz Deus a Cain: «Se fizeres o bem, não terás por isso recompensa? Se fizeres o mal, teu peccado será contra ti.» (*Gen.* iv, 7.) Ora Abel não recebeu sua recompensa sobre a terra; logo recebeu-a alem-tumulo.

Deus disse a Abrahão: «Serei eu mesmo tua re-

compensa muito grande. » Jacob designava os dias de sua vida n'este mundo dias de sua peregrinação; quer ser sepultado no tumulo de Sara, para ali dormir com seus pais! Ora quem diz somno, diz despertar. Moribundo, dizia a Deus: « Eu espero de vós meu livramento e minha salvação. » (*Genesis*, XLVIII, 69.) Moysés prohiu aos judeus interrogar as almas dos mortos!... A alma de Samuel, evocada por Saul, diz-lhe: « Amanhã, tu e teus filhos estareis comigo. » O propheta Balaão pronuncia este voto: « Que minha alma morra da morte dos justos, e que meus derradeiros momentos sejam semelhantes aos seus. » Deus annunciando a morte a Moysés, diz-lhe: « *Dormirás com teus pais*, como teu irmão Aarão morreu na montanha de Hor, e assim foi congregado a seu povo. » (*Deut*, xxxii, 49.) David achou o segredo do escandalo da prosperidade dos maus em seu ultimo fim e no futuro que os espera... Diz a Deus que ha de ver um dia os ceos que elle formou e todas as suas maravilhas. Diz do peccador que morre: « O peccador verá e entrará em colera, range-rá os dentes, myrrhará de despeito, o desejo do peccador perecerá eternamente. »

Salomão dá ao homem este prudente conselho: « Lembra-te do teu Creador antes que chegue o momento de voltar o pó á terra, e o espirito a Deus que o deu. » (*Eccles*. ix.) « Deus ha de entrar em juizo com o homem por todo o bem e mal que fizer. » xii, 14.) Põe ainda este grito de desespero na bocca dos condemnados: « Insensatos que nós eramos, quando julgavamos que a vida dos justos não passava de loucura, e que seu fim era sem honra! E agora eil-os adnumerados entre os filhos de Deus... Viverão eternamente. Sua recompensa está no Senhor, seu pensamento está no pensamento do Altissimo... Assim exclamavam aquelles que se viram sepultados nos infernos. » (*Sab*. v, 4-17.) Elias querendo resuscitar uma creança, diz a Deus: « Senhor,



fazei que a alma d'este menino volte a seu corpo.» O escriptor sagrado accrescenta que a alma d'este menino voltou e que tinha resuscitado. (III dos Reis, XVII.) Isaias affirma que os justos mortos repousam no logar de seu somno, porque caminharam direitos nas vias do Senhor. (XI, 57, 62.) Põe-lhes na bocca increpações ao rei de Babylonia, que vae ter com elles na outra vida. Judas Machabeu na firme crença da resurreição futura e da vida eterna, offereceu a Deus sacrificios pelos mortos. A mãe dos Machabeus, afim de tornar o ultimo de seus filhos inabalavel, mostra-lhe o ceo, onde Deus o espera, vencedor dos tormentos e da morte.

Jesus Christo dá-se o titulo de resurreição e de vida; promete a resurreição eterna a todos aquelles que comerem sua carne e beberem seu sangue. Annuncia a vida eterna aos justos e o fogo eterno aos maus. Aos Sadduceus, que negavam a futura resurreição, responde: « Não lestes o que Deus vos disse: Eu sou o Deus de Abrahão, de Isaac e Jacob; ora Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos;» logo Abrahão, Isaac e Jacob vivem.

Martha, n'um impeto de fé espontanea, diz que sabe que seu irmão Lazaro ha de resuscitar no ultimo dia, etc., etc. S. Paulo préga que todos hão de resuscitar, uns na gloria, outros na ignominia; assevera ter sido transportado aos ceos, onde Deus inunda de delicias o coração de seus escolhidos.

Os apóstolos no symbolo que traz seu nome, impõem-nos um acto de fé na communhão dos sanctos, na resurreição da carne, na vida eterna. Todos os symbolos, todas as profissões de fé impõem a mesma crença.

Em seu excellente livro: *Da vida futura segundo a fé e a razão*, 3.<sup>a</sup> ed., Paris, Delagrave 1870, o sr. Henri-que Martin, decano da Faculdade de lettras de Rennes, demonstra irrefragavelmente que os Chananeus,

os Chaldeus, os Persas, os Indios, os Chinezes, os Scythas, os Celtas, os antigos Bretões, os Gaulezes, os Gregos e os Romanos, os mesmos selvagens, sempre acreditaram na immortalidade d'alma; e era sobre esta tradição universal, mais ainda do que sobre suas demonstrações que Platão, Cicero e os outros philosophos, fundavam sua crença na vida futura.

Este dogma enfim é affirmado e supposto pela razão. Para destruir nossas almas seria preciso um acto excepcional da vontade de Deus. Com effeito substancias simples, puros espiritos, nossas almas não podem cessar de existir a não ser pelo aniquilamento e para as aniquilar, ao mesmo tempo que se admite que nenhum atomo é aniquilado no universo, seria mister uma vontade especial de Deus. Ora semelhante vontade não existe em Deus, porque não convem nem a sua justiça, nem a sua sabedoria, nem a sua bondade. Alem d'isso, para que um aniquilamento da substancia d'alma, a cessação da vida do corpo implicasse a cessação da vida d'alma, cujas funcções mais elevadas nenhuma relação necessaria tem com o corpo, mas apenas relações contingentes de influencia reciproca, seria tambem mister uma vontade expressa de Deus. Ora semelhante vontade não pode suppor-se em Deus, porque iria directamente contra os designios claros da Providencia. O homem, tal como a Providencia o fez, tem outros destinos, aos quaes não pode falhar por culpa de Deus, mas só por culpa sua.

Enfim Deus não nos deu sómente a liberdade moral e a responsabilidade, deu-nos tambem n'esta vida o pensamento de uma continuação indefinida de nossa existencia, o desejo de uma ventura sem fim. Ora: 1.º é naturalmente impossivel que este pensamento e este desejo cessem em nós n'uma vida melhor; 2.º é impossivel que o Ente infinitamente sabio e infinitamente bom queira enganar este pensamento e este desejo, arreba-

tando a cada alma bemaventurada a existencia ou a personalidade.

Em resumo, tudo na alma humana aspira á immortalidade, á eternidade. O coração humano, como já dizia S. Agostinho, está irrequieto em quanto não repousar em Deus! Logo ha para elle uma outra vida.

*O juizo particular.*— E' de fé que cada alma no momento da morte comparecerá na presença de Deus para ser julgada por tudo aquillo que fez, disse e pensou durante a vida: «Assim como está decretado, diz S. Paulo (*Ep. aos Heb.* ix, 27), que todo o homem ha de morrer uma vez, assim tambem que a morte será seguida do juizo.» E' o juizo que se chama juizo particular. Nada mais conforme á razão do que este dogma christão. A vida é um deposito.

Aquelle que nol-o confiou tem o direito de exigir que lhe prestemos conta do uso que d'elle fizemos. Da parte de Deus abdicar d'este direito tão legitimo e tão essencial, dar-nos a vida como propriedade nossa, seria abdicar sua sabedoria infinita, e introduzir entre os homens a confusão, a desordem, o transbordar de todos os crimes. Se cada um fosse senhor absoluto de suas acções, sem ter de dar conta d'ellas, as leis divinas e humanas não teriam sancção; as sociedades civis não seriam possiveis, fosse qual fosse o rigor das leis, e a vida dos homens não estaria em segurança.

Como se fará este juizo?

No mesmo instante da morte, a alma esclarecida por uma luz superior, verá como n'um espelho brilhante seus meritos e demeritos, seus peccados, seu numero, suas circumstancias, sua enormidade, a sentença, seus motivos, sua equidade, sua extensão, sua sorte fixa, irrevogavel, eterna.

*O Purgatorio.*— A Egreja catholica entende pelo purgatorio um logar, ou ao menos um estado, em que estão retidas por certo tempo as almas dos justos que

não expiaram inteiramente sobre a terra a pena devida, depois de perdoada a culpa ou a offensa, a seus peccados mortaes ou veniaes. E' de fé que nem toda a pena do peccado é perdoada com elle, que o que restar d'esta pena ha de ser expiado n'este mundo ou no outro, porque nada inquinado pode entrar no ceo (Ap. xxi, 27); que esta expiação se effectua no purgatorio; que as almas do purgatorio podem ser suffragadas pelas orações da Egreja e preces dos fieis.

«A Egreja catholica, diz o concilio de Trento, sessão xxv. instruida pelo Espirito Santo, sempre ensinou consoante as Escripturas e a antiga tradição dos Padres, nos sanctos concilios e ainda ha pouco n'este concilio geral, que ha um purgatorio, e que as almas n'elle detidas recebem allivios pelos suffragios dos fieis e maiormente do sacrificio do altar.»

E no canon xxx, 11: «Se alguém disser que a todo o peccador penitente, que recebeu a graça da justificação, lhe foi perdoada a culpa ou offensa de tal modo que nenhuma pena temporal lhe resta a soffrer n'este mundo ou no outro, no purgatorio, antes de entrar no reino dos ceos seja anathematizado!» S. Paulo por certo que quer alludir ás chammas do purgatorio, quando diz (Cor. iii. 13. . .): «O dia do Senhor fará conhecida a obra de cada um, e o fogo provará o que ella é: se sua obra permanece, receberá a recompensa; se exposta ao fogo experimentar damno, será salvo, mas atravez do fogo.»

Como negar a legitimidade, a efficacia das orações pelos mortos, se Judas Machabeu exclamava já: «E' um sancto e salutar pensamento orar pelos mortos, afim de que sejam livres de seus peccados.» Esta passagem é pelo menos um testemunho da crença do povo de Deus na utilidade das orações pelos mortos e na existencia do purgatorio; é ainda hoje tambem crença dos judeus.

A afirmação dos reformadores que pretendia que as orações pelos mortos eram na Igreja uma inovação relativamente recente, tem recebido um cruel desmentido das inscripções tumulares, encontradas nas catacumbas romanas, primeiros cemiterios dos christãos, inscripções recolhidas em tão grande numero, classificadas, commentadas, confrontadas com tanto esmero pelo sr. de Rosse. Desde os fins do primeiro seculo, estes epitaphios offerecem á vista de todos o symbolo da esperança, uma ancora esculpida, ou grosseiramente aberta na pedra, com essas sortidas breves e rapidas de um coração christão, echo das saudações apostolicas: *Pax tecum! Pax tibi! Vivas in Deo!* As pedras tumulares dos seculos II e III, desenvolvimentos eloquentes d'estas ideias fundamentaes, proclamam com uma accentuação cheia de fé que a alma do querido defuncto já frue a sorte ditosa aos justos reservada, e que já se reuniu aos sanctos; ou então murmuram uma prece humilde e amorosa para que possa sem delongas ser admittida a gozar de tão grande ventura. Pedem para aquelle que partiu a paz, a luz, o refrigerio, o repouso em Deus.

O leitor achará uma collecção preciosa d'estas inscripções na visita ás catacumbas do Reverendo Spencer Northcote, traduzida do inglez pelo sr. P.<sup>o</sup> Leclerc; Paris, Forestier, 1878, in-8.<sup>o</sup>, pag. 128 a 129. Eis uma: 1.<sup>o</sup> *Aemrinus Rufinae. Deus refrigeret spiritum tuum. Inscripti ut quisquis de fratribus legerit oret Deum.* As catacumbas são monumentos vivos e incomparaveis da immutabilidade e infallibilidade da sancta Igreja catholica, apostolica; um acto solemne de fé em todos os seus dogmas, um echo glorioso dos Esplendores da Fé.

Que haverá de mais racional do que a crença no purgatorio?

Será justo, por exemplo, que um peccador que toda a sua vida viveu na desordem, mas que á hora da

morte convertido entra em estado de graça por uma contrição sincera, goze logo da mesma felicidade eterna que o justo que viveu sempre na practica da virtude, e que morreu nos sentimentos do mais perfeito amor de Deus?

Pretender que entre os catholicos se faz tudo para evitar as penas do purgatorio e nada para evitar as do inferno, é um verdadeiro dislate! Como poderia o medo de uma pena temporal embotar o de uma pena eterna? Affirmar que a certeza da efficacia da oração pelos mortos tem sido a origem de todas as superstições da Egreja romana é uma calumnia odiosa. A Egreja romana é inimiga de todas as superstições. E ainda quando esta crença necessaria e sancta desse occasião a alguns abusos, seria criminoso pretender conjural-os pelo embuste ou pelo silencio.

Mas será o purgatorio um logar ou simplesmente um estado de soffrimento? E' muito provavel que seja ao mesmo tempo um estado e um logar... Este logar confundir-se-ha com os Limbos, essa região inferior, esses infernos passageiros, nos quaes as almas dos justos do Antigo Testamento aguardavam a chegada e a redempção do Messias, e que Jesus Christo visitou para consigo os trazer e conduzir ao ceo, nos tres dias que decorreram entre sua morte e sua resurreição? Pode muito bem ser!

A pena do purgatorio, alem da demora tão insoffri-vel da entrada no ceo e do gozo da visão intuitiva, alem da dor viva e acerba de ter offendido a Deus, será tambem uma pena physica ou physiologica, a pena ou sensação do fogo? A opinião mais commum comprehendendo nas penas do purgatorio a pena de fogo, ou pelo menos uma analoga. Qual a intensidade e a duração d'esta pena? A pena do purgatorio varia com o *quantum* da divida a pagar. Segundo S. Thomaz e S. Agostinho, a dupla pena do purgatorio, de damno e de sen-

tido, ainda que temperadas pelo amor de Deus e pela esperança do ceo mais ou menos proximo, excede todas as d'esta vida.

«*A Resurreição geral dos corpos.*» Já tratei esta grande questão, t. II, mas não posso deixar de a resumir aqui. O patriarcha Job dizia: «Sei que o meu redemptor está vivo, e que no ultimo dia hei de resurgir da terra; que novamente serei revestido do meu corpo; que hei de ver meu Salvador com os olhos de minha propria carne! Esta esperança fulge no intimo de meu ser.» (Job xxix, 25.) O propheta Daniel a seu turno: «Aquelles que dormem no pó hão de despertar um dia; uns para a vida eterna, outros para um opprobrio sem fim.» (Dan. xii, 3 e segg.) Martha dizia sem hesitações a Jesus Christo: «Sei que meu irmão ha de resuscitar no ultimo dia.» (Jo. xi 24.)

Jesus Christo depois de nos ter dado na sagrada Eucharistia pela manducação de seu corpo e sangue o penhor e o germen da futura resurreição, pronunciou esta sentença irrevogavel: «Os mortos que estão no sepulchro ouvirão a voz do Filho de Deus, e irão os que fizeram o bem para a resurreição da vida, e os que fizeram o mal para a resurreição do juizo.» (Jo. v, 24.) S. Paulo, enfim, echo fiel da revelação evangelica, exclama: «Todos nós havemos de resuscitar, mas nem todos seremos mudados! Semeado na ignominia, o corpo ha de resuscitar na força; semeado animal, ha de resuscitar espiritual. N'um momento, n'um abrir e fechar d'olhos, os mortos hão de resuscitar. O corpo corruptivel será revestido de incorruptibilidade. O corpo mortal será revestido de immortalidade. E quando o corpo morto for revestido de immortalidade, então se cumprirão estas palavras da Escriptura: A morte foi absorvida na victoria que ella pensava loucamente alcançar. O' morte, onde está o teu aguilhão? O' morte, onde o teu triumpho?»

Uma tal linguagem não pode ser de invenção humana. Cahe do ceo!

Todas as communhões são unanimes em crer com a Egreja catholica na resurreição dos corpos e na vida eterna. Todas ensinam como dogma revelado que assim como Jesus Christo resuscitou, assim todos os homens hão de resuscitar, i é, todas as almas serão de novo unidas aos corpos de que a morte as separou, muito embora estes corpos depois da resurreição assumam propriedades muito differentes das que tinham tido em vida.

Que propriedades serão essas? A impassibilidade, a subtileza, a agilidade, a claridade, etc., etc., Não me demorarei a definil-as. Nem tão pouco tentarei levantar a ponta do veo que envolve o mysterio d'estas terriveis palavras de S. Paulo: «Todos havemos de resuscitar, mas nem todos seremos mudados... O homem ha de recolher o que houver semeado. O que houver semeado na carne, colherá da carne a corrupção, o que houver semeado no Espirito, colherá do Espirito a vida eterna.»

Que será o corpo dos reprobos, mescla espantosa de vida e de morte, a um tempo animado e cadaverico? só Deus o sabe! Mas que moral tão admiravel! E que assombrosa doutrina forçosamente revelada. Esplendor!

O dogma da resurreição dos corpos é mui consensaneo com a razão. A alma só de per si não é uma pessoa humana, um *eu* humano! Não é pessoa, não é *eu*, senão em sua união com o corpo que a *exige* e que ella *exige*, completa e é por elle completada.

Se pois a alma é destinada a viver eternamente, poderá transitoriamente estar separada de seu corpo, mas seu corpo deverá completal-a de novo quando houver de encetar sua nova e eterna existencia.

Quem merece ou desmerece é o homem, o todo hu-



mano, a alma unida ao corpo; o que deverá por conseguinte ser recompensado ou punido, na hora da suprema justiça, é o homem, o todo humano. O corpo foi não só o companheiro, mas sempre o instrumento e muitas vezes a occasião senão a causa do acto criminoso ou virtuoso, deve portanto tomar parte na gloria ou na ignominia.

Relativamente ao dogma da resurreição, a sciencia estabelece desde logo o facto de que a ideia da immortalidade e da resurreição é como inseparavel da humanidade, e que por toda a parte se nos depara... Se em alguns individuos, ou mesmo em alguns povos selvagens, esta ideia se tem completamente obscurecido, é um mero accidente, devido á influencia morbida do corpo sobre o espirito. Mas embora não exista em acto, essa fé persiste ainda assim no estado virtual ou latente, prompta a renascer quando o homem tiver voltado a uma condição normal.

Estabelecido este facto da tradição, a verdadeira sciencia vela o rosto e adora; a meia sciencia ou a falsa formulam objecções sem valor.

1. Como não admittir que os mesmos elementos solidos, liquidos e gazosos, entraram successivamente na formação dos corpos de grande numero de homens?

E até mesmo que um certo numero d'esses corpos nenhum elemento novo contem, que lhes pertença como seu? Que não podem reclamar para si elementos já possuidos por outros? Que por conseguinte são incapazes de resurreição?

A isto respondem a physiologia e a razão: o que faz com que o corpo de um homem seja seu ou o seu verdadeiro corpo, não é a identidade numerica das moléculas ou dos átomos que o compõem, mas seu modo de organização e sua união com a alma. A prova está no phenomeno mysterioso, mas incontestavel das mu-

danças incessantes, migrações perpetuas que se effectuam nos corpos vivos.

Posto não estar rigorosamente demonstrado que meu corpo não é já numericamente o mesmo, não é menos certo que meu corpo de hoje, apesar de sua renovação absoluta, e pelo facto de não ter cessado de estar unido a minha alma, de ser informado, vivificado e regido por ella, constitue com ella um mesmo *eu humano*, sempre o mesmo e indivisivel.

No corpo de cada homem ha o que quer que seja de essencial, e alguma cousa de adventicio ou de accidental. O que ha de essencial, o que não tem de commum com ninguem, o que elle só possui, e o que possuirá para sempre é o que d'elle existia no momento em que foi informado, animado e vivificado por sua alma. Estes elementos essenciaes ha de sempre conserval-os, hão de ser sempre seus. O resto, o que é trazido pela nutrição, pela digestão, assimilação e circulação, não é elle. Pode perdel-o e perde-o, sem deixar de ser o que é. E porque terão sempre sido essencialmente elle, o corpo resuscitado nada terá que reclamar a nenhum outro corpo. E' com estes elementos pessoas ou essenciaes que Deus ha de reconstituir o corpo resuscitado ou glorioso como tambem a immortal corrupção do corpo do reprobado. A alma sendo a mesma, sendo o mesmo o germen proprio ou o elemento constitutivo, o resto pouco importa, a identidade em tal caso subsiste eternamente. Além d'isso está rigorosamente demonstrado: 1.º que em um corpo volumoso como a terra, ha bastantes vazios ou poros, para que seja possivel concebello reduzido a um grão de areia; 2.º reciprocamente, em um grão de areia ha bastantes partes, moleculas ou atomos separaveis ou actualmente separados para que se possa com elles formar um corpo tão volumoso como a terra, e no qual a distancia entre duas moleculas ou atomos contiguos seja tão pequena quanto se quizer.

Em presença d'estes dois mysterios da natureza, mysterios de uma força esmagadora, ousaremos nós discutir a possibilidade ou a impossibilidade da reconstituição do corpo humano com seus elementos essenciaes e primitivos?

Ha um outro systema, muito antigo e muito novo, que enfraqueceria consideravelmente a objecção dos chimicos physiologistas. Platão e Berkeley querem que o corpo seja uma especie de involucro limite da alma, um não sei quê de que a alma é a forma, tal que tirando a alma, unica monada real e essencial, se tiraria tudo. N'esta hypothese que refugamos, mas que muitos adversarios da Revelação defendem, não tem logar no acto da vida essas passagens de elementos de um corpo para outro pela geração e nutrição. A objecção pois fundada sobre a materialidade do corpo desvanece-se. O sr. Darwin aventou n'estes ultimos tempos um systema chamado *Pangense*, que reduz o corpo de cada ser infinitamente pequeno a uma cellula...! E esta simples cellula não só contem todos os elementos ou principios constituintes do corpo, encerra tambem sob a forma de gemmulas toxicas os principios de seus estados morbidos, das doenças hereditarias, das deformidades congenitae, etc., etc. Ora ahi tem com certeza um mysterio natural, um mysterio humano, que espanta a imaginação, e no qual não obstante isso muitos acreditam! Inclinemo-nos, pois, sem resistencias nem repugnancias diante do mysterio sobrenatural da resurreição dos corpos; sua credibilidade necessaria e sufficiente depara-se-nos quer na velha theoria dos germens, quer na hypothese moderna da cellula geradora! Em todo o caso não ultrapassa de certo os limites da omnipotencia de Deus.

Que substituem ao dogma mysterioso, mas tão racional da resurreição dos corpos esses sabios e livres pensadores que ainda admittem que a alma não morre

com o corpo? Vou dizel-o embora me custe. Um escriptor em voga, o sr. Luiz Figuier, em uma obra que fez bastante ruido: *O dia seguinte ao da morte*, ou a *vida futura segundo a sciencia!* Paris, Hachet, 1872, formúla n'estes termos o que crê ser a ultima palavra ácerca de nossos destinos: «Se durante a vida a alma perdeu parte de sua força e de suas qualidades, se foi o apanagio de um individuo perverso, não deixará a terra. Depois da morte d'este individuo, irá alojar-se em outro corpo humano, perdendo a memoria de sua anterior existencia. Estas incarnações em um corpo humano podem ser numerosas. Repetir-se-hão até ao momento, em que as faculdades se houverem desenvolvido assaz, ou em que seus instinctos se houverem melhorado e aperfeiçoado: Só então é que esta alma poderá abandonar a terra, e lançar-se no espaço para transitar em um organismo novo, que se segue immediatamente acima do homem na hierarchia da natureza. O espaço onde habitam as almas assim justificadas está cheio do ether planetario.

Possuem um corpo, mas é um corpo dotado de qualidades infinitamente superiores ás que são o apanagio do corpo humano.

Depois de um intervallo, cuja duração não ousaremos fixar, o ser sobrehumano morre e entra em um corpo novo, exornado de faculdades ainda mais poderosas. E não é n'uma terceira ou n'uma quarta geração que acaba esta cadeia de creações sublimes que entrevemos, fluctuando no infinito dos ceos. . . Depois de ter percorrido esta longa successão de etapes e de estações nos ceos, os seres que estamos considerando, devem finalmente chegar a um logar. Este logar, termo definitivo de um cyclo immenso atravez dos espaços, a nosso ver, é o sol! . . .

O que alimenta a radiação solar, são os comboios d'almas que chegam continuamente ao sol. . . Estes ar-

dentes e puros espiritos vem substituir as emanações incessantemente despedidas do sol atravez do espaço sobre os globos que o rodeiam. Os seres espiritualizados reunidos no sol enviam para a terra e para os ares a vida, a organização, o sentimento e o pensamento!!!» Já é extravagancia! E seria tambem sciencia! Passando á differenciação d'esta douctrina da metempsychose dos antigos e do transformismo de Darwin, Figuier todo ancho, accrescentá: «Guiou-nos não a ideia materialista, que dirige e inspira os sabios, mas a de um espiritua-tismo raciocinado!» Espiritualismo raciocinado! o systema absurdo, que concede ás almas por origem d'onde emanam, e por termo, onde vão abysmar-se, o *Sol!* E este livro exdru-xulo obteria as honras de uma quarta edição! Que symptoma tão melancolico dos tempos, de que fala o apostolo S. Paulo: «Não soffrerão a sã douctrina; buscarão mestres que lhes préguem em linguagem rendilhada fabulas doutas, e tomarão a verdade em odio.»

*O Juizo Universal ou Ultimo.*—E' tambem um dogma de fé, que alem do juizo particular que se segue logo á morte, ha de haver um segundo juizo chamado geral ou ultimo, para todo o genero humano, ou porventura para toda a creação, os anjos e os homens.

No fim dos tempos realizar-se-ha a segunda vinda de Jesus Christo; descerá dos ceos como para lá ascendeu, e virá visivelmente julgar todas as creaturas intelligentes, recompensar os justos e punir os peccadores: «Quando voltar o Filho do homem, diz S. Matheus, XIII, 37, em sua magestade, acompanhado de todos os seus anjos, assentar-se-ha no throno de sua gloria: E todos os povos da terra se congregarão na sua presença, e ha de apartar uns dos outros como o pastor aparta as ovelhas dos cabritos. E collocará as ovelhas á sua direita e os cabritos á sua esquerda. Então o Rei dirá áquelles que estão á sua direita: Vinde,

bemditos de meu Pai, possuir o reino que vos está preparado desde o principio do mundo; porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, estava nú e vestistes-me, sem asylo e recolhestes-me, doente e visitastes-me, prisioneiro, e viestes ver-me; porque em verdade vol-o digo, que aquillo que fizestes ao minimo de meus irmãos, a mim o fizestes... Dirá em seguida áquelles que estão á sua esquerda: Retirai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno preparado para Satanaz e seus anjos. Pois tive fome e não me destes de comer, sede e não me destes de beber; não tinha pousada e não me recolhestes; estava nú e não me vestistes; doente e prisioneiro e não me visitastes. Então estes irão para o supplicio eterno, e os justos para a vida eterna!»

Para melhor inculcar a seus discipulos que seu mandamento por excellencia, o mandamento da lei nova, era a caridade para com o proximo, Jesus Christo quiz que o unico motivo explicito da recompensa e do castigo fosse o allivio ou o abandono do proximo. Mas a sagrada Escriptura diz em outras partes que os injustos, os adulteros, os perjuros, aquelles que retém o salario dos obreiros, o oppressor da viuva e do orphão, o espoliador do estrangeiro, os idolatras, os impudicos, os fornicadores, os ladrões, os avaros, os ebrios, os maldizentes, todos os viciados emfim serão excluidos do reino dos ceos, e condemnados ao supplicio eterno... S. Paulo affirma que todos havemos de comparecer deante do tribunal de Jesus Christo, afim de que cada um receba o que é devido ás boas e ás más acções que tiver feito em quanto esteve revestido do corpo. (II Cor.)

S. Pedro prophetisa nos seguintes termos o fim do mundo e a formidavel tragedia do juizo derradeiro: « Os ceos e a terra estão destinados a ser abrazados pelo fogo no dia de juizo e da ruina dos impios...

O dia do Senhor virá como o ladrão... E então

por entre o estrondo de uma horrorosa tempestade os ceos passarão, os elementos se dissolverão, e a terra com tudo o que encerra, será consumida pelo fogo... O ardor do fogo dissolverá os ceos, e fundirá todos os elementos. Pois nós aguardamos novos ceos e nova terra, onde a justiça ha de habitar (II Ep. III, 10.)

Cousa singular: ha dezenove seculos que as abobadas de nossas egrejas repetem este julgamento dos seculos pelo fogo, e só d'alguns annos para cá é que esta formidavel sentença echoou nos amphitheatros da sciencia.

S. João Evangelista, em seu *Apocalypse* (xx, 1 e XXI, 1), desenha por sua vez um quadro grandioso e terrivel das scenas do juizo derradeiro: « Vi um grande throno rutilante, e aquelle que lá se assentava. Ao seu aspecto a terra e os ceos fugiram, e não deixaram vestigios! Em seguida vi os mortos, grandes e pequenos, comparecerem deante do throno!... Os livros foram abertos, e abriu-se ainda um outro que é o livro da vida... e os mortos foram julgados por aquillo que estava escripto n'estes livros, consoante suas obras. E o mar restituiu os mortos que tinha engulido; e o inferno e os sepulchros restituiram os mortos que possuíam; e cada qual foi julgado segundo suas obras... E aquelle que não estava escripto no livro da vida, foi arrojado no lago de fogo... E vi um novo ceo e uma nova terra, porque o primeiro ceo e a primeira terra haviam desaparecido e o mar já não existia!... »

Os Symbolos dos Apostolos, de S. Athanasio, de Constantinopla e de Nicêa impõe-nos a crença de que o Filho de Deus feito homem ha de voltar uma outra vez á terra, mas em sua gloria para julgar os vivos e os mortos, para dar a cada um, aos eleitos como aos reprobos, segundo suas obras.

Mas ainda mesmo que este grande acontecimento não nos houvesse sido claramente revelado e predicto,

nossa razão, esclarecida pela fé, affirmaria sua conveniencia, e até sua necessidade absoluta como consequencia e coroa do governo da divina Providencia.

Os juizos da historia são uma especie de juizo universal, mas longe de excluir o juizo derradeiro e de o suporem redundante, exigem-no imperiosamente como indispensavel complemento, como plena e inteira consagração.

A historia universal não passa de umas abstracções que poucos lêem. Seus juizos não são publicos; são incompletos, por vezes contradictorios: são sentenças mortas ou pelo menos mudas que a ninguem se impõem; não comportam execução. O juizo universal, tal como o Evangelho nol-o offerece, esse sim constituirá uma sentença visivel, magnifica, solemnemente executada. Será mercê d'elle que o juizo da historia se volverá uma pagina viva, aberta aos olhos de todos, onde apparecerá tal qual é, e não tal como a entreviam os olhos interesseiros e apaixonados do homem. Ao mesmo tempo que será o grande dia da glorificação ou da condemnação do homem, será o grande dia da glorificação de Deus, do triumpho de sua sabedoria admiravel, que conduz todos os seres a seu destino com doçura e sem tolher a acção de sua liberdade, mas com uma força irresistivel que derriba todos os obstaculos! O triumpho de sua justiça, que nenhum merito deixa sem recompensa, e nenhum demerito sem castigo! O triumpho de seu amor que tudo empenhou para salvar o homem perdido, em quanto o homem tudo fazia para se perder! O triumpho de seu poder, que até do mal se serviu para o comprimento de seus designios eternos. Que hymno de feito á gloria de Deus será esse grito unanime de todas as creaturas intelligentes no dia da consummação dos seculos! «Vós sois justo, Senhor, e vossos juizos soberanamente equitativos!»



Que reparação grandiosa não será a confusão dos ímpios e seus gritos de desespero: «Logo errámos!»

Onde terá lugar o juízo derradeiro? Ninguém o sabe; mas se tomarmos á letra esta passagem do propheta Joel (iii, 12): «Que todos se ergam e encaminhem para o valle de Josaphat, porque lá hei de julgar as nações!» poderemos suppor, como atraz (t. iii) indicámos, que Jerusalem, logar da creação do homem, de sua queda, de sua redempção, será tambem o theatro da ultima scena do mundo e do juízo universal.

Quando será o fim do mundo? Ninguém o sabe, nem pode saber; mas uma interpretação legitima da grande prophesia de Daniel, e tambem de certos signaes mysteriosos, descobertos pelo sr. Piazzì Smith no corredor ascendente da grande pyramide, conduziriam a este resultado, que o fim do mundo não vem longe; que os acontecimentos que devem preludial-o já começaram a cumprir-se; emfim que a ultima palavra do mundo estará dita antes do fim do anno 6000.

*A vida eterna.* — E' uma consequencia natural e forçada do dogma da immortalidade d'alma. Vida eterna bemaventurada para os justos, vida eterna desgraçada para os maus, é ou paraizo eterno para uns, ou inferno eterno para outros.

Aquelles, os justos, collocados á direita, no acto da terrivel e eterna separação dos bons e dos maus, irão para a vida eterna.

Estes, os maus, apartados para a esquerda, irão para um supplicio eterno. E' a sentença final! E' a ultima palavra do mundo. E' tambem a fé catholica e a crença universal do genero humano.

Quem o diria? certos philosophos, os partidarios antihumanos ou homicidas da moral independente, que professam, que devemos evitar o mal só por causa de sua deformidade, da desordem que traz, e que devemos fazer o bem só por causa da sua bondade e belleza in-

trinseca, pondo de lado a propria natureza, e o desejo innato de felicidade e o horror instinctivo da dor, censuram ao christianismo preoccupar-se demasiadamente das penas e das recompensas da outra vida, da vida eterna!

Haveria na opinião d'elles maior generosidade e grandeza em fazer tudo o que se faz na perspectiva só do dever, sem esperanza alguma de recompensa, sem nada esperar de Deus e sem nada lhe pedir.

Ora isto é talvez menos impio do que barbaro. Que cegueira esta que não quer ver que a grande lei da natureza inorganica, attracção e repulsão, é tambem a grande lei da natureza organica, do animal e do homem? O homem é essencialmente attrahido pelo prazer, *voluptate trahitur*, e repellido ou sustido pelo receio da dor ou do supplicio.

Quão cego e funesto, quão absurdo não é este desinteresse, mesmo attendendo só á vida presente! Effectivamente, como é que o amor do dever, da virtude, da ordem, do bem em todas as cousas, deixaria de se tornar mais energico e mais poderoso n'alma, quando em vez de só attentar no dever, na virtude, na ordem, no bem absoluto, como puras abstracções sem maldade fóra do pensamento movel e fallivel do homem, suspenso entre a existencia e o nada, reconhecesse em tudo isso a vontade immutavel e sancta do ser eterno e perfeito, do Deus Creador, do Legislador, do Remunerador supremo? Ora é este amor do bem que posto em acção constitue o bem moral!

Sem fé em Deus e na vida futura, este amor é fraco e esteril, como um ramo despegado da arvore. Só a fé em Deus lhe communica uma seiva divina, o torna forte e fecundo em boas obras. A sancta Egreja condemnou em Fenelon como exaggeração piedosa, como illusão perigosa, a falsa ideia de que o grau o mais sublime do amor de Deus consiste em renunciar inten-

cionalmente a tudo, mesmo á salvação eterna. E como seria permittido ao homem renunciar ao estado de bemaventurança, a que sabe Deus o chama, para o qual lhe impõe como dever aspirar incessantemente, e que tem a certeza de alcançar a não ser que livremente se torne inimigo de Deus?

*A Vida Eterna Bemaventurada, o Ceo, o Paraizo.* — Em quasi todas as paginas do Antigo e do Novo Testamento se faz allusão ao ceo. «Onde eu estou, dizia Jesus Christo, lá devem estar meus servos... Eu vou preparar-vos um logar... Todo aquelle que for fiel nas pequenas cousas entrará na alegria do Senhor... na vida eterna... Tomará posse do reino que lhe está preparado desde o principio... Os eleitos receberão uma coroa immarcescivel... Descançarão de seus trabalhos... Não haverá mais para elles tristeza, nem pranto, nem dor... Todas as penas se trocarão para elles n'uma alegria que ninguem lhes poderá tirar... Hão de ver a Deus; hão de assentar-se em thronos... Tomarão parte em sua gloria, em sua magestade, em seu imperio... Conhecerão a Deus, como d'Elle são conhecidos, ser-lhe-hão semelhantes como participes da natureza divina...» S. Paulo que fora arrebatado ao terceiro ceo, ao paraizo, affirma que nunca os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum experimentou ou comprehendeu o que Deus reserva áquelles que o amam.

O concilio de Latrão decreta «que toda a alma pura de peccado é logo admittida no ceo, e vê a Deus na Trindade adoravel, tal qual é, segundo a medida de seus meritos, um de maneira mais perfeita, outro de maneira menos perfeita...; que esta visão de Deus de modo algum procede das forças da natureza; que se effectua sobrenaturalmente, e não impede que Deus fique sempre incomprehensivel para todo o espirito creado.»

S. Agostinho (Sermão xxxvii) dá-nos em poucas palavras uma ideia da magnificencia da vida futura: «A gloria, a belleza, a magestade, que ha de aureolar a nossa felicidade, excede toda a ideia, todo o sentimento, toda a palavra: o que Deus reserva para aquelles que o amam está acima de toda a crença e vai muito alem de nossa esperanza, de nosso amor, votos e desejos... A felicidade do ceo consiste essencialmente na visão de Deus. Ao mesmo tempo que hão de ver a Deus tal qual é, os eleitos hão de ver em Deus todas as maravilhas da creação e os mysterios augustos da Revelação, a historia do universo e a de cada um dos seres do universo. Ver-se-hão a si proprios em primeiro lugar! Como Deus os tem amado desde a eternidade, como os creou porque os amava, como sempre os cobriu com olhares de pai, etc., etc. A historia de sua vida desdobrar-se-ha a seus olhos até nas menores insignificancias... Sua fé está mudada em visão, sua esperanza em posse, mas sua caridade essa permanece! Recordam-se d'aquelles que lhes estiveram unidos pelos vinculos do sangue e de amizade; seguem-nos com o olhar e o coração. Deus, a mesma luz, esparze sobre todos sua claridade, e penetra-os com seu fulgor. Reconhecem-se, encontram-se com alegria, comprehendem-se, amam-se. Todos tem uma sêde inextinguivel de conhecer, de amar, de gozar; e esta sêde a cada instante é apagada; vão de claridade em claridade, de gloria em gloria, de amor em amor, de delicia em delicia.»

E não se diga com Strauss que «uma ventura prolongada acaba por se tornar ao principio indifferente, depois cheia de enojo, e logo em seguida insupportavel, pois uma vida sem progresso é uma vida soberanamente monotona e languida.» (*Dogmatica*, p. 687.) Isto não passa de aberração de espirito, porque a bemaventurança do ceo ha de ter seu progresso incessante, que

não será das trevas para a luz, da pobreza para a riqueza, do soffrimento para o bem estar, mas da vida para a vida mais abundante, da alegria para a alegria mais plena, da claridade para a claridade mais viva, do amor para o amor mais ardente... Ao mesmo tempo que Deus é a simplicidade e a unidade infinita, é também a variedade e a multiplicidade infinita! E a prova está em que o mundo e os mundos jorraram de seu seio. E' o oceano eterno e eternamente incommensuravel da vida, o movimento perpetuo no repouso absoluto, a carreira ainda quando o fim está attingido.

«Deus, diz S. Ireneu (*Adversus Hoereses*, II, 47) não cessa de instruir seus escolhidos, e elles não cessarão de aprender durante a eternidade, porque suas riquezas não tem medida, e sua sciencia não conhece limites. Será por conseguinte um progresso eterno! N'esta vida do tempo ha incompatibilidade entre a acção e o repouso, entre o desejo e a posse! Na vida futura a acção e o repouso, desejo e posse são uma e mesma cousa. Os bemaventurados desejam e possuem, e desfructam; são felizes, e cada vez o são mais e sempre!»

No entanto nem todos os eleitos são geralmente bemaventurados; porque na casa do Pai ha muitas mansões. Todos vêem a Deus, a Deus inteiro, a Deus que faz a felicidade de cada um: mas vêem-no diversamente, em differentes graus, e a felicidade maior de um não causa a outro nem tristeza, nem inveja! A alegria de um é a alegria de todos, e esta alegria é infinitamente variada em suas manifestações.

A humanidade resgatada combate n'este mundo tres mortaes inimigos: a carne, o mundo, o erro. No ceo haverá também tres especies de triumphadores! Os triumphadores da carne, as virgens que seguem o Cordeiro para qualquer parte para onde vá, e cantam um cantico que os outros não podem cantar. Os triumphadores do mundo, o coro dos martyres que deante

dos homens confessaram o Senhor, e que o Senhor confessa por sua vez na presença de seu Pai celestial. Os triumphadores da verdade, o coro dos doutores, que brilharão como estrellas em perpetuas eternidades. O apostolo S. Paulo compendiou este ensino em poucas palavras: «Os olhos do homem nunca viram, nem seus ouvidos ouviram, nem seu coração suspeitou o que Deus reserva para os escolhidos.»

Por certo que damos valor demasiado ao habito de attribuir á bemaventurança do ceo um character de inactividade ou de quietação, que se cifra n'estas tres palavras, aliás mui significativas: *videbimus, laudabimus, amabimus!* e que porventura melhor exprime o eterno Ah! de Bossuet. Veremos, louvaremos, amaremos! Mas ao mesmo tempo faremos outras muitas cousas e mui admiraveis.

Nada se oppõe a que admittamos a pluralidade dos mundos habitados e resgatados ou sobrenaturalizados.

S. Paulo affirma sem rodeios que Deus resolvera na plenitude dos tempos restaurar no Christo tudo o que está nos ceos, e tudo o que está sobre a terra, purificar, reconciliar, pacificar todas as cousas por Elle.

Um velho hymno do Breviario romano convida-nos a cantar a gloria da onda sanguinea sahida do coração do Redemptor, e que pacificou os continentes, as ilhas, os astros e todo o universo!

David em um encantador psalmo que a Egreja de Paris cantava outr'ora nas exequias das creancinhas, exclama cheio de enthusiasmo: «Oh! Senhor, Deus nosso, quão admiravel é vosso nome!... quanto vossa magnificencia é mais elevada que os ceos... Veremos um dia esses ceos que vossas mãos estenderam, a lua e as estrellas que vós consolidastes, etc., etc.»

E para que seriam os corpos dos eleitos resuscitados, dotados de agilidade e revestidos de claridade, se

peregrinações mysteriosas atravez os espaços celestes os não estivessem a convidar? Onde será o paraizo, o ceo? Se a alma de Jesus Christo, diz Bergier, gozava de gloria celestial sobre a terra, não é o logar que faz o paraizo! Em rigor o paraizo é antes um estado, do que um logar. Pode ser o universo interio, no qual Deus se descobre aos sanctos e faz sua eterna ventura.

Pode tambem ser que o paraizo consista n'essa nova terra e n'esses novos logares que Deus nos promette, como diz S. Pedro, e onde morará a justiça eternamente. S. João, em seu Apocalypse, exalta magnificamente a gloria da Jerusalem celeste, morada de Jesus Christo, o cordeiro eternamente immolado e vivo, e dos redimidos pelo cordeiro.

*O Inferno. A Eternidade das penas.*

O grande dia da eternidade não nascerá só para os justos, surgirá tambem para os peccadores. «Aquelles que houverem feito o bem, diz o Symbolo de S. Athanasio, entrarão na vida eterna, e os que tiverem feito o mal irão para o fogo eterno.»

Nenhum dogma da fé choca mais profundamente o que fallazmente se denomina a *consciencia moderna*. O dogma do inferno no presente é o que ha de ser no ultimo dia a partida para o inferno: *Ite, maledicti!* a joeira que separa os eleitos dos reprobos! Strauss, e depois d'elle todos os racionalistas modernos, vão repetindo que o inferno revolta o senso humano e injuria a sanctidade e a bondade de Deus.

E não obstante a eternidade das penas é admittida como indubitavel, como certa, pela tradição de todos os povos da terra, pelo vulgo como pelos genios os mais famosos: Prometheu, Sisypho, Ixion, Tantaló, The-seu, as Danaides, são testemunhos vivos e solemnes dos tormentos eternamente reservados aos inimigos de Deus.

O dogma do inferno apparece claramente enun-

ciado por Jesus Christo, que é infinitamente Sancto, Justo, Bom, como seu Pae eterno é infinitamente Sancto, Justo e Bom! e que amou os homens até ao extremo de morrer por elles.

Que grave e eloquente é a lição da parábola do mau rico e do pobre Lazaro! (S. Luc., xvi, 20): Havia um homem rico, que vestia de purpura e linho, e que todos os dias se banqueteava splendidamente. Havia tambem um mendigo chamado Lazaro, deitado á porta d'elle, coberto de ulceras, desejando, para matar a fome, as migalhas que cahiam da meza do rico, e que ninguem lhe dava. Ora aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abrahão. O rico morreu tambem, mas foi sepultado no inferno. Quando estava em tormentos, levantou os olhos e viu de longe a Abrahão e a Lazaro em seu seio. E gritando disse: « Pai Abrahão, tem dó de mim! Manda a Lazaro que molhe a ponta do dedo n'agua e me refrigere a lingua, porque soffro horriavelmente n'estas chammas. » E Abrahão disse-lhe: « Entre vós e nós ha para sempre um grande abysmo, aquelles que quizessem passar d'ahi para aqui ou d'aqui para ahi não o poderiam effectuar. » E o rico tornou: « Pai Abrahão, tenho cinco irmãos, despacha-lhes alguem que lhes falle d'estas cousas afim de que não venham elles tambem parar a este logar de tormentos. » Abrahão replicou: « Lá tem Moysés e os prophetas, que os ouçam! » — « Não, pai Abrahão, se um morto lhes apparecer, dar-lhe-hão credito. » — Abrahão respondeu-lhe: « Se não ouvirem Moysés e os prophetas, ainda mesmo que um morto resuscitasse, não o acreditariam! »

Será apologo? Será historia? Uma e outra cousa, sem duvida. O que é apologo é o sentimento de commiserção do mau rico por seus irmãos, que desejaria premunir contra a eterna condemnação, sentimento que não passa de figura, porque confirmado no mal como



Lucifer, o reprobado deseja que todos compartilhem de seu supplicio. Porem este sentimento devia ser occasião de ouvirmos este ensinamento incomparavel: « Lá tem Moysés e os prophetas; lá tem os esplendores da fé e a Igreja! Se não crêem na Igreja, nos Esplendores da fé, tambem não acreditarão, ao menos de fé efficaz, na appareção de um morto!

Parecerão ter sido victimas de uma illusão, e talvez córassem de fallar d'isso, porque se ririam d'elles.

Logo as penas do inferno são eternas! Entre o ceo e o inferno ha um abysmo insondavel. Não ha para o condemnado sequer allivio ou refrigerio. \*

E note-se: o mau rico não era um grande criminoso, era simplesmente um homem do mundo, amigo da vida regalada e egoista.

Jesus Christo affirmou debaixo de outras formas e mais explicitamente o dogma capital da eternidade das penas. «Não temais aquelles que não podem matar mais do que o corpo, teme sim aquelle que pode lançar a alma e o corpo no inferno.»

«Vale mais entrardes no ceo com um só olho, uma só mão, um só pé, do que ir com os dois olhos, as duas mãos e os dois pés, para o inferno, onde o verme roedor não morre, onde o fogo que arde não se extingue.» (S. Marc. ix, 24.)

Mas a sentença do ultimo dia é soberanamente decisiva: » Retirae-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos.» E estes irão para o supplicio eterno!

Não será eterno sómente o fogo, sel-o-ha tambem o supplicio! E esta sentença, este desfecho sahiram da

---

\* E' uma opinião, a d'este ultimo periodo, que vê outra na sua frente, e que não foi condemnada pela Igreja.

bocca de Jesus Christo, que é a sanctidade, a justiça, a bondade e a doçura infinita. Logo o inferno é eterno, soffrer sempre, morrer sempre.

Embora seja um terrivel mysterio, o inferno não nega, antes affirma o Deus sancto, justo e bom! Este dogma é de facto a chave, o fecho da abobada de todo o edificio christão, a coroa indispensavel da historia do mundo.

Tirae o inferno eterno como termo inevitavel do mal, e supprimis do mesmo traço equivalente, necessariamente, toda a differença entre o bem e o mal, o anjo e o demonio. O edificio do plano divino e da divina providencia é totalmente transtornado. No fundo, o ceo e o inferno eternos são a consagração pratica do principio fundamental da moral natural, a distincção entre o bem e o mal, entre o erro e a verdade, entre a negação e a affirmação. O inferno é a base do christianismo. Se o inferno não fosse eterno, dizia S. Bernardo, o Filho de Deus não se teria feito homem para nos resgatar. Se a pena do peccado fosse temporal e finita, para que teria vindo o Infinito e o Eterno soffrer essa pena em nosso logar?

O Infinito soffre, morre, logo a causa, pela qual dá sua vida ha de ser algo de infinito! Mas a pena temporal soffrida por um ser finito nada tem de infinita!

Deus é infinitamente bom, infinitamente misericordioso! — De certo; mas sua justiça é tão infinita como sua bondade e sua misericordia. Assim como premeia de um modo digno d'elle, tambem deve punir de modo digno d'elle!

Como o ceo dos eleitos é eterno, o inferno dos precitos tambem o deve ser.

Por maior que supponhais o supplicio, se lá deixardes a esperanza, o inferno não será o inferno da justiça de Deus.

Se houvesse de chegar o dia em que o justo e o

peccador, o martyr e seu algoz, o perseguidor e sua victima disfructassem egual ventura, Deus deixaria de ser justo e misericordioso.

E não se diga que o algoz só depois da expiação pelo soffrimento meritorio é que se volveria o egual da victima. Esta egualdade suppõe de feito antes de mais nada que o algoz desconfessou seu crime e o expiou! Pois o arrependimento, a expiação meritoria exigem necessariamente a liberdade. Ora a liberdade para o homem acaba com a vida terrestre, expira no termo de sua peregrinação, quando soar esta formidavel voz: não ha mais tempo! Tempo para o trabalho, tempo para o negocio. A porta está fechada para sempre! Não te conheço!

Demais, e é a ultima palavra, tornemos patente a suprema consagração do dogma da eternidade das penas! *Onde cahir a arvore, ahi ficará!* Fôra da vida não ha liberdade, nem merito, nem arrependimento, nem expiação. A vontade será para sempre confirmada quer no bem, quer no mal. Confirmada no bem e no amor pela vista e posse de Deus. Confirmada no mal e no odio pela certeza de haver perdido a Deus para sempre. E esta confirmação no mal não é outra cousa no fundo do que a perpetuidade e a eternidade do peccado.

Sim a razão ultima. a causa legitima do inferno eterno está na vontade essencial e eternamente má do peccador. De forma que o que me aterra não é tanto o inferno, como é a confirmação no mal da alma que morreu no peccado. O reprobado ha de querer sempre seu supplicio, e ha de repellir todo o perdão, semelhante aos grandes criminosos politicos que recusam com indignação a graça que lhes é outhorgada pelo soberano, que é mister arrancar, á força da cadeia, e que só d'ella sahem para se condemnarem ao exilio,

exílio que apeterceriam eterno, se eternamente houvesse de reinar o soberano.

N'estas condições a eternidade das penas é um acto de justiça, mas será também, dirão, um acto de crueldade; só cessaria de ser cruel, se Deus aniquilasse o reprobato. Não! Deus não aniquila suas creaturas. Aniquilando o homem, contradir-se-hia a si mesmo, porque lhe deu o presentimento e o desejo innato de sua eternidade, e lhe assignou destinos immortaes! O aniquilamento não seria uma expiação.

Não será inutil apresentar debaixo de outro aspecto com Mgr. de Pressy, bispo de Boulogne, o resumo das provas metaphysicas da equidade das penas eternas do inferno.

I. O peccado mortal por sua gravidade infinita exige uma pena infinita, e como esta pena não pode ser infinita em intensidade, deve sel-o em duração. A malicia do peccado mortal é infinita. De feito: 1.º o peccado mortal junta á revolta o desprezo: não quere que Deus seja seu ultimo fim; ora é de essencia de Deus ser o fim ultimo do homem. O peccado encerra implicitamente o implacavel desejo de que Deus não conheça o crime commettido, ou que o conheça sem o querer punir; ou que o queira punir sem o poder, quer dizer, que nega ao mesmo tempo a sciencia, a justiça e o poder infinito, todos attributos essenciaes de Deus. 2.º A ingratiidão do peccador é infinita, porque recebeu de Deus bens rigorosamente infinitos, a criação, a incarnação, a redempção, a promessa de uma bemaventurança eterna: uma tal ingratiidão provoca uma pena infinita tanto quanto o pode ser.

II. Aquelle que pecca mortalmente quer, tanto quanto o pode, peccar sempre, logo merece ser punido sempre. O peccador, diz S. Bernardo, nunca deixaria de querer seu peccado, se nunca morresse; ou antes quereria viver sempre para poder peccar sempre. De

modo que pode dizer-se d'elle que em um pequeno espaço de tempo, encheu a medida dos tempos infinitos e mereceu soffrer sempre.

III. A alma impenitente, não podendo depois da morte nem apagar a mancha, nem abolir a culpa, nem perder a memoria do seu peccado, deve soffrer-lhe sempre a pena. Os reprobos, como outros tantos furiosos, sentirão vivamente sua desgraça, mas gabar-se-hão de sua conducta, e antes quererão ser sempre o que são do que não ser. De tal modo terão prevertida sua intelligencia, que será absolutamente incapaz de bem ajuizar das cousas. Dos reprobos pode dizer-se o que Bossuet diz dos demonios: «Espiritos maldictos, aborrecidos de Deus e aborrecendo-o! Como cahistes tanto? Quizestel-o, e quereil-o ainda, pois que quereis ser sempre soberbos, e por um indomavel orgulho ficais sempre obstinados em vossa desventura! Não sois capazes senão d'esse prazer negro e malefico, se se lhe pode dar o nome de prazer, que facultam um orgulho cego e um baixo ciume.»

IV. As penas infligidas ao peccado devem ser eternas, porque recompensas magnificas e sobrenaturaes, promettidas por mera graça á virtude, são egualmente eternas. De feito: 1.º um crime de lesa magestade divina não é digno de menos castigo do que um *acto heroico* de amor divino é digno de recompensa; 2.º não ha injustiça em augmentar a duração do castigo alem do tempo durante o qual o crime, considerado só em sua natureza, merece ser punido, com tanto que se augmente em proporção igual a duração do tempo durante o qual o acto de amor divino, considerado só em sua natureza, merece ser recompensado.

*O Logar do Inferno.* — Onde está situado o inferno? Só Deus o sabe! A revelação cala-se a tal respeito, e apenas nos ficam conjecturas. Muitos collocam o inferno no centro da terra, foco incandescente do calor central.

Esta opinião pretende fundamentar-se n'estas palavras do Salvador: «Eu via a Satanaz precipitado do ceo como um raio!» Cahir, precipitar-se, applica-se sobretudo ás quedas para a terra. S. Agostinho que em sua obra de *Genesi ad litteram*, tinha dito que o inferno não está situado no interior da terra, reconhece em suas retractações que deveria antes ter dicto o contrario. E accrescenta: Só Deus que preparou o inferno, sabe o que é e o que será o inferno. Só elle conhece seu lugar, comprimento, largura e profundidade.

*As Penas do Inferno.* — São de duas especies: as penas de privação, penas de damno, e as corporaes ou dos sentidos.

*Penas de damno.* — O reprobó perdeu a Deus. A perda de Deus é só de per si o inferno. Deus perdido, perdida está a consolação, a esperança, a felicidade. O condemnado só vive para os tormentos, o proprio e o dos outros. Está feito um vaso de colera, do qual diz o Psalmista: «Calix cheio de mistura amarga, que se entorna ora para um lado, ora para outro, mas cujas fezes nunca se esgotam; todos os peccadores da terra o hão de beber.» (Ps. LXXIV, 9).

*Penas dos sentidos.* — Alem da pena de damno, será o reprobó atormentado em todas as potencias d'alma. Sua imaginação representa-lhe sem cessar as alegrias dos escolhidos. Sua memória está toda occupada do seu peccado, que revolve sem descanso. Sua razão desdobra adeante d'elle a eternidade. Sua vontade consome-se em uma lucta desesperada contra sua sorte irrevogavelmente fixa. E' o verme roedor que não morre, juncto ao fogo que, jamais se extinguirá. Este fogo será um fogo metaphorico, ou um fogo physico? E' de fé ou quasi de fé, que o fogo cujos ardores sentem os demónios e as almas dos condemnados, é physico, ateado pela justiça de Deus, ardendo sem combustivel; tornado apto pela vontade e omnipotencia de Deus para

se fazer sentir até dos puros espiritos. Não será um acontecimento verdadeiramente providencial, que uma das maiores descobertas da sciencia moderna haja sido a de um fogo excitado só pela concentração no foco de uma lente, no ar ou no vasio, de um fogo que consiste unicamente nas vibrações do fluido luminoso ou ethereo, fogo assaz intenso para tornar a platina incandescente, fogo que se identificaria tanto melhor com o fogo do inferno, quanto é certo ser invisivel e obscuro, como o exige a estranha e horrida associação das trevas e dos ardores eternos, a que os livros sanctos tantissimas vezes alludem?

Mas como explicar o mysterio da conservação eterna da existencia dos condemnados e dos demonios, no seio de um fogo tão ardente, e de soffrimentos physicos tão atrozes? Segredo de Deus! Ha todavia no Evangelho uma palavra extraordinaria que tudo explica: «Seu verme roedor não morre, seu fogo não se extingue porque a victima é salgada e conservada pelo fogo, como a carne é conservada pelo sal.» E' Jesus Christo que fala. Por sua omnipotencia Deus, motor supremo, excita e alimenta eternamente estas vibrações ardentes. E por outro effeito de sua omnipotencia conserva aquellas tristes victimas, sem que jamais se embote n'ellas o sentimento da dor. Deus dizia S. Agostinho tortura e poupa, atormenta e preserva; de sorte que, passados milhões de seculos, sua pena será tão nova e tão intoleravel como no primeiro instante. O reprobó morre e vive. Succumbe e subsiste.

*Allivio das penas dos condemnados.* S. Agostinho. (*Enchiridion*, cap. CXII), não censura aquelles que crêem que as penas afflictivas dos reprobos são de tempos a tempos alliviadas ou mitigadas; permite sustentar esta opinião, com tanto que se defenda como simples hypothese, e que não se negue a eternidade d'es-

sas penas. O mesmo sancto doutor ensina que as preces que se fazem pelos condemnados lhes aproveitam não para abreviar sua condemnação, mas para a tornar supportavel. Não tolhe que se pense que para um grande numero de condemnados, menos criminosos do que Judas, é melhor ser do que não ser, de modo que não lamentariam haverem sido tirados do nada. Não estranha que Deus em lugar de os tratar com dureza, use com elles de uma certa misericordia, punindo-os menos do que merecem. Não discutiremos esta opinião; contentar-nos-hemos de a consignar, accrescentando que não nos é sympathica, que a nosso ver não tem nenhuma probabilidade, porque tomamos á lettra o «*abyssmo invadeavel entre o ceo e o inferno*» e a recusa ao mau rico de uma gota d'agua que lhe refrigerasse por um instante a lingua; assim como esta sentença do *Apocalypse* (xiv, 11): «Serão atormentados noite e dia... Não terão repouso nem de dia, nem de noite»: mas remettemos o leitor que quizer aprofundal-a para as instrucções pastoraes de Mgr. de Pressy, bispo de Boulogne (Obras completas, ed. de Migne) ou para as obras do sur. abbade Emery (ed. Migne). O sr. Emery conclue assim: «Hoje que se disputa mais sobre a natureza e o excessivo rigor das penas do inferno, do que sobre sua realidade, a charidade, a prudencia estão a aconselhar que se advirta que o que mais parece revoltar na especie e duração das penas não pertence á fé; que no seio das escolas catholicas se debatem ácerca da natureza do fogo do inferno, da intensidade de suas penas, e particularmente sobre a possibilidade de lhes procurar allivio, opiniões a que se pode adherir sem escrupulo, e que são mui proprias para socegar o que mais revolta a imaginação.»

Mas para que tantas transacções? E' conveniente que o espirito do reprobado encontre um castigo mui



atroz. Sim, sentir-se-ha eternamente esmagado sob o peso da justificação divina. Dizem: «O Senhor é injusto! Eu é que sou o injusto!... e não o serão seus caminhos corrompidos. O' ceos, estremecei de horror! Pranteai portas do ceo, sêde inconsolaveis, porque meus filhos fizeram dois grandes males: abandonaram-me a mim, que sou fonte d'agua viva, e cavaram para si cisternas lodosas que não podem conservar a agua que se lhes deita... Sobre a terra passam-se cousas estranhas, e que não podem ouvir-se sem o maior assombro... O milhano conhece no ceo quando é chegado o seu tempo; a andorinha e a cegonha sabem discernir a quadra de suas migrações e meu povo não conheceu o tempo de meu julgamento! Nutri filhos, e em seguida desprezaram-me. O boi conhece o dono; o asno o estabulo d'aquelle a quem pertence; meus filhos porem não me conheceram...! Quebraram meu jugo, despedaçaram meus vinculos, e disseram: Não servirei!... A mim é que elles irritam? diz o Senhor. Não dão antes em si, cobrindo-se de confusão?... Quantas vezes lhes tenho dito: Chamai-me pois ao menos agora, e invocai-me, dizei: vós sois nosso Pai! Não deixeis escapar o dia de minha misericordia; buscai o Senhor, em quanto pode ser achado; invocai-o emquanto está proximo; convertei-vos, tornaes para vosso pae, e guarecerei o mal que vos tendes feito apartando-vos de mim. Porque são as vossas iniquidades que tem seccado muitas graças e os vossos peccados que se tem opposto ao bem que desejava fazer-vos. Quantas vezes tenho dito aos ministros de minha justiça: Instrui, instrui ainda! Esperai, esperai ainda! E vós obstinados em proferir: Não tenho peccado, estou innocente!. . Então chegou o fim, o fim veio!... Entrarei em juizo comvosco! Vossa propria malicia vos accusará; é do meio de vós que hei de tirar o fogo que vos devore as entranhas... Então a af-

ficção dar-vos-ha a intelligencia, e toda a iniquidade fechará a bocca ao mau, compellido a dizer: Ah! infeliz de mim; minha chaga é maligna e incuravel; e eu sou a unica causa de meu mal, é justo que eu soffra!»

Que dizer em presença d'esta linguagem evidentemente divina?

Calar, tremer e adorar.

---

## CAPITULO TRIGESIMO SETIMO

**A Igreja. Fóra da Igreja não ha salvação. — A Igreja e a civilização. — A civilização sem a Igreja é a barbie. — A Igreja e o Estado. — O Poder temporal do Papa.**

*A Igreja. Definição e missão da Igreja.* — A Igreja, na definição de S. Paulo, é o corpo mystico de Jesus Christo. Este corpo tem sua organização harmonica, perfeita, com distincção de ordens e de funcções, formando uma hierarchia celeste e terrestre ao, mesmo tempo.

Christo, cabeça d'este corpo, habita os ceos, d'onde irradia as ondas de sua luz divina. O successor de Pedro, chefe visivel da Igreja, é o primeiro que estes raios illuminam. Seus labios, órgão do Espirito Sancto, descerram-se para promulgarem os oraculos da sabedoria eterna.

Abaixo d'este chefe supremo, presos a elle por vinculos sagrados, movem-se órgãos illustres, cujas multiplices funcções concorrem para diffundir a vida divina do Deus Salvador.

E porque Jesus Christo, a cabeça, é um, a Igreja é uma, e porque Jesus Christo é sancto, a Igreja é

sancta: sancta em suas origens e em seus fins; sancta pelo espirito que a inspira e pelas virtudes que florecem ao sopro d'este espirito; sancta em sua doutrina e preceitos; sancta na melhor parte de seus filhos.

Jesus Christo é o caminho, a verdade e a vida, logo a Egreja com exclusão de qualquer outra sociedade é o caminho que conduz á verdade sem sombra e á vida sem declinar. Quem a não tem por mãe, quem não for alimentado a seus peitos, quem não for vestido por suas mãos virginaes e maternas da branca tunica do Cordeiro, não tem a Deus por pae, não entrará na sala do festim, não se assentará á meza dos filhos de sua familia...

Jesus Christo tinha uma obra grande e capital a fazer, era a missão de tudo libertar, de tudo resgatar, de tudo purificar e edificar. A Egreja, irradiação e ampliação de Jesus Christo, é por isso mesmo universal ou catholica. Para ella são todos os tempos e todos os logares. Em qualquer sitio, onde puzer o pé, está em dominio proprio, porque toda a descendencia de Adão lhe foi dada em herança, a seu cargo está a humanidade inteira.

As nações e os povos não tem o direito de se atarem á vida de pura natureza, sujeitas unicamente ás leis da razão: como os individuos devem acceitar com a revelação uma forma de vida superior e sobrenatural, que longe de absorver sua existencia natural, a amplia, ennobrece e coroa...

Mas como se effectuará esta posse da humanidade pela Egreja? Estas palavras toram dictas, poderosas e fecundas como as de Deus: «Ide, ensinai todas as nações. Conquistareis as almas pelas almas; as sociedades pelas sociedades, e até o solo, no qual vivem. E conquistareis tudo isto não para dominar á maneira dos despostas da terra, mas para me assimilardes o genero humano.» A Egreja para cumprir a ordem recebida,

tem direito á liberdade de ir e vir, de prégar, liberdade plena e inteira, sem restricções, liberdade que não é obrigada a solicitar dos poderes temporaes porque é de direito seu absoluto e divino. Nada de barreiras, nada de empachos, é mister que a Egreja seja livre; e para a tornar livre, Deus, que quer salvar o mundo, empregará a força de seu braço!...

*A Egreja é uma sociedade e uma sociedade perfeita.*— A Egreja é uma sociedade, i é, uma multidão de seres intelligentes e livres, unidos no proseguimento do mesmo fim. Membros da Egreja, não somos unidades isoladas, lançadas ao acaso sobre todos os pontos do globo, não dependendo senão de nós mesmos, entregues a nossas proprias forças ou melhor a nossa fraqueza. Formamos uma sociedade universal e immensa... Esta sociedade, a Egreja, é divina, espiritual, sobrenatural, mas não obstante isso pelos membros que recruta, pelos vinculos exteriores que ata com elles e entre elles, pelos meios sensiveis que emprega, é uma sociedade humana; vive sobre a terra; respira na atmosphera que nos cerca; desenvolve-se no tempo e no espaço; é uma voz que falla, echo fiel da voz do alto e que retine até ás extremidades do globo: é o braço que se estende, governa, abençoa, e pune; é a luz, não escondida debaixo do alqueire, mas posta sobre o candelabro; é a cidade edificada sobre a montanha, exposta ás vistas de todos; o aprisco onde devem todos entrar como filhos, devem poder reconhecê-la, discernil-a... Mas como discernil-a, se ella não tiver na frente signaes inimitaveis, o diadema cingido por mão divina?

Tirai á Egreja este brilho, este resplendor, esta visibilidade, não mais haverá sociedade universal ou catholica...

Toda a sociedade é constituida pelo principio que a especifica, a determina, a distingue, lhe imprime um

caracter particular, lhe dá uma physionomia propria, a caracterisa em summa na hierarchia das sociedades.

Este principio determinante e constitutivo de uma sociedade é essencialmente seu fim. O fim da Igreja é Deus visto em sua essencia, Deus possuido em sua propria felicidade pelos homens... Conduzir os homens a este fim superior, eis sua missão.

Toda a sociedade implica uma organização... Na Igreja ha um povo governado e um governo constituido por mandado divino, governo dotado de um duplo poder: de um poder de ordem indelevel, immediatamente deputado para a sanctificação das almas, pela administração dos sacramentos: um poder de *jurisdição*, cuja função é reger o rebanho de Jesus Christo, quer propondo de maneira obrigatoria á intelligencia humana a doutrina da verdadeira fé, quer dirigindo effizantemente a vontade humana por mandamentos propriamente dictos.

D'aqui duas hierarchias: hierarchia de Ordem, hierarchia de Jurisdição.

No fastigio o Pontifice romano, vigario de Jesus Christo, Principe ou Padre supremo, que possui sobre toda a Igreja um pleno e universal poder, que se chama *Primado*.

Abaixo d'elle estão os bispos, pastores verdadeiros e propriamente dictos. Instituidos na Igreja para serem os cooperadores do summo pontifice, para com elle partilharem o peso do munus pastoral, tem em virtude de instituição divina aptidão necessaria para dirigir perfeitamente os fieis, elevados como estão ao mais alto grau da hierarchia da Ordem...

Em seguida vem os presbyteros, cooperadores dos bispos em virtude de sua instituição, na administração dos sacramentos, á excepção da Ordem e da Confirmação.

A constituição da Igreja é uma constituição monarchica, a Igreja é uma monarchia... Mas que monarchia? Absoluta, temperada, representativa? Pode seguir-se a opinião de Bellarmino, que diz ser uma monarchia temperada de aristocracia e de democracia. Deixemos porem estes confrontos; o melhor é dizer com o concilio de Florença, cuja definição o do Vaticano reproduziu, que o papa possui pleno poder de governar toda a Igreja.

E esta Igreja será uma sociedade perfeita? Na linguagem do direito social entende-se por sociedade perfeita uma sociedade autonoma, independente, que a si só se pertence; cujo fim e meios necessarios para o attingir não estão subordinados ao fim e aos meios de outra qualquer sociedade. Dada esta definição, diremos que a Igreja é uma sociedade perfeita. Não nasceu da vontade dos homens, mas da vontade de Jesus Christo.

Ella é o reino de Deus sobre a terra; está livre por direito de toda a humana sujeição; possui soberanamente o triplice poder legislativo, judiciario e executivo, até por meios physicos. Porque se respectivamente a sua origem é um poder espiritual, é tambem uma sociedade temporal, visto que nas condições do tempo seus subditos são homens feitos de materia e espirito. Em razão de sua perfeição, a Igreja não está de modo algum sujeita á lei universal da mudança, permanece firme e immutavel em meio d'essa torrente de seculos que arrebata homens e imperios. Mas longe de ser a inercia immutavel da materia, é antes a viva e fecunda immutabilidade de Deus.

*A Igreja é uma sociedade viva e fecunda.* — A Igreja é regularmente uma obra prima, a obra prima de Deus! E' viva; traduz-se e revela-se em virtude de uma força intima, secreta, que jorra do mais profundo do seu ser e

a impelle para deante, a vida. Move-se por si mesma. Fala, e os effeitos provam que sua palavra não é um vão som, mais ou menos echoante, mas que está animada pelo sopro de um peito vivo. Pelo passo, repleto de graça e de magestade, mostra-se rainha. Opera, e sua acção traz consigo o signal irrecusavel de uma energia vital, que reflecte e exprime no exterior. A Igreja é dotada em summa de movimento espontaneo, que é o character proprio da vida. Esta vida da Igreja é independente de todos os poderes humanos. E' certo que no decorrer das edades, tem ella muitas vezes contra-hido allianças intimas com os poderes da terra!

Ella crê, ella ensina que a união entre a Igreja e o Estado está em a natureza essencial das cousas; que é da vontade de Deus; que d'esta intelligencia cordeal resultam grandes bens para a vida das almas e para a vida dos corpos, para a vida dos individuos e para a vida das nações.

Não cessa de dizer aos governos que a renegam. Não quereis auxiliar-me, marchar de concerto comigo, promover comigo a grande obra da civilização christã, tanto peor para vós! Nunca mostrei mais vida do que quando despojada de todo o signal externo, entregue ao desprezo dos sabios e aos maus tractos da multidão sanguisedenta, flagellada pelas mentiras e calumnias dos doutos, esbofeteada pela mão dos biltres, de novo ostentei aos olhos do mundo a nobre e sanguinolenta imagem de Christo coroadado de espinhos, entregue pelo fraco proconsul romano á plebe judia, dizendo: Eis o homem! E' tambem a minha condição actual! Indigittando-me gritam: Eis o inimigo! E no entanto estou viva e bem viva! Ao meu lado surgem egrejas rivaes!

Aparentemente fazem grande figura sobre a terra. Ao seu dispor estão as tres grandes potencias, o ouro que tudo compra, a força que tudo faz vergar, a diplo-



macia que tudo consegue! A bandeira da Inglaterra, a espada do imperador da Allemanha, e o sceptro do autocrata de todas as Russias, protegem-nos!

E vivem? sem autonomia, sem independencia, sem acção propria, circumscripitas nos limites que o dedo do homem lhes traçou; felizmente mettidas debaixo do jugo, vegetam despreziveis na deshonra da escravidão, e no opprobrio da esterilidade!

A Igreja catholica, essa vive; possui a vida no mais alto grau, com bem distinctos caracteres: a unidade e a fecundidade.

A vida da Igreja é uma vida una e sempre identica consigo mesma; uma vida perpetua e de fecundidade inexaurivel! Uma só fé! um só baptismo! um só altar. Um só ensino!

Só a Igreja submetteu a tal ponto o entendimento do homem, que este nos espiritos os mais altos como nos mais humildes tem vivido de seu sopro e se tem alimentado de sua palavra. Uma só fé aceite por milhões e milhões de homens, proclamando o mesmo ensino sempre identico, nos tempos os mais diversos e sob as mais variadas formas, determinando a unidade das intelligencias na adhesão á mesma verdade; a união dos corações n'um só e identico amor de Deus e de nossos irmãos; a unidade da obediencia na mesma submissão á auctoridade suprema, trazendo estampado na frente o sello da auctoridade divina e submettendo as vontades humanas tão rebeldes e tão orgulhosas, sob a magestade do mesmo commando; finalmente a unidade das almas em a mesma adoração.

Um altar! sempre o mesmo, embora levantado sobre todos os pontos do globo! Uma victima sempre a mesma. embora offerecida todas as manhãs no oriente, no occidente, no septemtrião, no meio-dia! um sacerdotio, de todos os tempos, de todos os logares, perpassando em seu coração e murmurando com os labios a prece

de todos os degradados filhos de Adão; haurindo no coração aberto de Jesus Christo as ondas do sangue regenerador, para o derramar pelos canaes dos sete sacramentos nas veias exaustas da humanidade. Cada corpo vivo occulta em suas entranhas uma força secreta que o dota com uma certa immortalidade; pois mercê d'ella, pode reproduzir-se em outros corpos, e fazer brotar ondas de vida até ás mais remotas gerações. Da mesma sorte Jesus Christo deu á sua Igreja a gloria de uma fecundidade sem exemplo, que escapa a todo deslize e que ultrapassa todos os limites. Por sua catholicidade e sanctidade, a Igreja patenteia-nos este duplo milagre de uma vida universal sempre conquistadora, sempre tomada de folhas, flores e fructos!

Catholicidade de vocação: *Escolhi-vos e colloquei-vos, para que vades e deis fructos, e taes fructos permaneçam!*

Catholicidade de missão: *Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as e ensinai-lhes a observar os meus preceitos!*

Esta dupla catholicidade de vocação e de missão, de aptidão e de facto, só a Igreja a possui! Assim como é um unico o sol que se ergue acima de nossas cabeças e illumina o mundo com sua luz, assim tambem uma é a religião que abraça todos os tempos, todos os logares, todas as almas, sobrevivendo vai em dois mil annos a todas as gerações, adaptando-se a todas as edades e a todas as raças da humanidade; satisfazendo a todas as necessidades, tomando dia a dia mais amplo logar no espaço; experimentando aqui e acolá perdas e diminuições, mas reparando estas deficiencias de hoje pelas conquistas do dia d'amanhã; arrojando até ás ultimas fronteiras do mundo as legiões pacificas e conquistadoras de um apostolado que nenhum obstaculo entibia, que nenhuma selvageria amedronta, que nenhuma resistencia desanima, que nunca diz: basta!

Outrotanto pode affirmar-se de sua sanctidade. Possui ella uma sanctidade interna, fundamental, que é a origem de sua sanctidade exterior, que é a substancia de sua vida, que por Jesus Christo lhe foi transfundida. D'este manancial profundo e vivo extravasam-se as aguas fecundantes, que sobre esta nossa terra, turgida pelo orgulho, deshonorada pela luxuria, esfriada pelo egoismo, devorada pela cupidez, no seio d'esta humanidade roida e carcomida de mil paixões sensuaes, faz brotar legiões de sanctos.

*A Igreja é uma sociedade necessaria. Fóra da Igreja não ha salvação.* Nada mais certo do que esta maxima: fóra da Igreja não ha salvação! Jesus Christo disse: Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ora a Igreja não é mais do que a extensão, o ampliamto de Jesus Christo a todos os pontos da duração e do espaço. Logo é ella o caminho, fóra do qual força é perder-se um; é ella a verdade, a unica que pode illuminar o homem com uma luz brilhante e inextinguivel; é ella a vida que jorra até á eternidade. E' de facto á Igreja só que Jesus Christo disse: Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as, instrui-as ácerca da observancia dos meus preceitos, aquelle que acreditar e receber o baptismo será salvo.

A Igreja é a sala do banquete, o aprisco, o reino, a cidade, a casa, o corpo de Jesus Christo! Fóra do banquete não ha viveres! Fóra do aprisco não ha ovelhas amadas, defendidas, nutridas! Fóra do reino não ha cidadãos dos ceos! Fóra da casa não ha filhos do pai de familia! Fóra do corpo não ha membro vivo. E' o significado d'esta tocante imagem. (S. Jo. xv, 1 e seg.)

«Eu sou a videira, meu Pai o agricultor... vós os sarmentos. Aquelle só que permanece em mim e eu n'elle, dará muito fructo... se alguem não permanece em mim, será lançado fóra como sarmento cortado e

seccará; depois será enfeixado, arrojado ao fogo, e arderá!»

Aqui está o dogma: Fóra da Igreja não ha salvação, enunciado de maneira cathogorica pelo Senhor Jesus que amou os homens até ao excesso, até morrer por sua salvação, até se volver o companheiro perpetuo da sua peregrinação, até se lhes dar em alimento para os conduzir ao ceo.

E ainda ha mofinos que se atrevem a dizer que este dogma é cruel! embora tudo o que tem havido de grande, de sancto na humanidade regenerada, se haja tornado echo fiel e submisso d'elle. Ouçamos um só, S. Agostinho: «Fóra da Igreja catholica, o herege pode ter tudo, excepto a salvação. Pode ter honra; pode cantar *alleluia*, e responder *amen*; pode guardar o Evangelho; pode em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto prégar a fé. Mas a fé só na Igreja catholica a poderá encontrar.» (Serm. v ao povo de Cezarêa.) Al-gures lê-se este bello arroubo de seu coração: «Amemos, amemos o Senhor Deus como Pai! Amemos a Igreja como nossa mãe! Que importa que confesseis o Senhor, que o honreis e prégueis, se blasphemaes a Igreja?» (Serm. II sobre os Ps.) E' esta licção severa dada aos livres pensadores e aos apóstolos da moral independente de seu tempo que iam dizendo:

«*De Deus recebemos o ser de homens, mas de nós o ser justos!*» «Cautela com as illações! E se vos resta ainda algum sentimento, atemorisaí-vos! aquelle que julga produzir de si mesmo fructos, não está na videira; aquelle que não está na videira não está em Christo; aquelle que não está em Christo não é christão! Eis as profundezas e abysmos de vosso partido.»

«E' mister escolher ou a videira ou o fogo.» (Tratado 82 sobre S. João).

E ainda este anathema que parece de antemão pre-

parado contra os eclecticos do decimo nono seculo: «Tem havido pois certos philosophos, tractando longa e subtilmente das virtudes e dos vicios, dividindo, definindo, propondo razões e formulando as mais agudas conclusões, publicando livros, fazendo soar por trombetas de estentor a sabedoria de que se criam possuidores. ousando affirmar aos demais homens: Se quereis ser felizes, segui-me, filiai-vos na minha seita. Entravam não pela porta, mas pela janella ou atravez das paredes; queriam perder, degollar, matar. *Perdere volebant, mactare et occidere!!!*»

A razão juncta aqui sua voz á da revelação e da tradição. Se a Igreja é a verdade, poderá acceitar a falsidade? Pois a verdade não será por indole exclusiva, intolerante? Pois o sim e o não poderão jamais dar-se a mão e caminhar junctos pacificamente? A Igreja é não uma religião, mas a Religião! Ora qual é o fim da Religião? Reatar os vinculos que prendem o homem a Deus e salvá-lo. Logo que o lançardes fóra da Igreja, por esse factio apartail-o de Deus... O catholico ha de forçosamente dizer: Fóra da Igreja não ha salvação! O protestante dirá: Fóra de Jesus Christo não ha salvação! O deista: Fóra da crença em Deus não ha salvação! Só o atheu ou o materialista, que não aspiram á salvação, mas ao nada, são de tolerancia dogmatica absoluta, porque para elles não ha dogma. Mas se forem republicanos ou socialistas (o que tantas vezes succede) dirão a seu turno: Fóra da republica ou do socialismo não ha salvação, e será feroz n'esta sua intolerancia politica.

Quanto á objecção de Rousseau tão misera: «Vós annunciáeis-me um Deus nascido e morto ha dois mil annos! Para que realisou Deus tão longe e tão tarde um acontecimento, que me quereis obrigar a aprender. Dizeis que vindes a ensinar-m'o! Mas porque não viestes ensinal-o a meu pai?»

Porque prejudicar assim o bom do velho. . . Pondevos no meu lugar, e vêde se, a julgar pelo que dizeis, eu posso conciliar tanta injustiça com o Deus justo que annunciaes! Não, eu jamais prégarei a intolerancia». (*Emilio*, liv. iv). Uma tal objecção é ridicula, paradoxal, de má fé! Porque o principio fóra da Igreja não ha salvação não significa de modo algum que todos aquelles que tem ignorado invencivelmente a historia da vida e da morte de Jesus Christo e sua doutrina, os antigos pagãos, os povos selvagens, os idolatras da India e da China, os mahometanos, os scismaticos e os hereges de boa fé, o bom do velho de Rousseau debaixo de todas as suas formas, mortos sem infracção voluntaria e grave das leis que conheceram, fossem por isso condemnados. De facto, respectivamente á Igreja, é mister distinguir entre seu corpo e sua alma.

O corpo da Igreja comprehende todos os homens que desde a origem dos tempos tem vivido em seu seio. A alma da Igreja comprehende tambem os justos que desde a origem dos tempos tem pertencido ao corpo da Igreja, e os infieis que vivendo fóra do seu seio tem acreditado todas as verdades que puderam conhecer, tem practicado todo o bem, que a consciencia lhes dictava, e prestaram a Deus em boa fé o culto que se lhes affigurou verdadeiro.

D'onde se segue: 1.º que os gentios que viveram fóra do corpo da Igreja, puderam pertencer á sua alma e salvar-se; que os hereges e os scismaticos que vivem fóra do corpo da Igreja podem pertencer a sua alma e estar no caminho que conduz ao ceo.

Logo o sacerdocio catholico dizendo: *fóra da Igreja não ha salvação*, não condemna aos fogos eternos nem a todos os christãos separados, nem a todos os homens que não tiveram conhecimento do Evangelho. Pode-se pertencer ao corpo da Igreja sem pertencer a sua alma, e *vice-versa*. Um bom pagão está mais proximo do

reino do ceo, do que um mau catholico! O bom pagão tem por desculpa legitima a boa fé! O mau catholico nenhuma tem, porque o sol da verdade brilhou para elle em todo o seu fulgor, e todavia fechou os olhos á luz!

Como é consolador pensar que a alma da Egreja abrange todos aquelles que estão de espirito e de coração com Deus e Jesus Christo; todos aquelles que dizem implicitamente, se não explicitamente, de coração, se não de bocca: que vosso nome seja sanctificado! Que venha o vosso reino! Que seja feita a vossa vontade! Porque em summa n'isso se contem o segredo e a sciencia da salvação!

Ha mais ainda: A Egreja pronuncia anathema contra todo aquelle que disser que se pode ser condemnado por aquillo que se não pôde conhecer; que por conseguinte a ignorancia invencivel é uma causa de condemnação; que a fé é a primeira das graças; que fóra da Egreja Deus não concede graça nenhuma etc. (Proposições de Baio condemnadas).

E de facto a douctrina da Egreja é a de S. Paulo: «Deus ha de dar a cada um consoante as suas obras. Dará a vida eterna áquelles que... nas boas obras procuram a gloria, a honra e a incorruptibilidade. Honra, gloria e paz a todos aquelles que fazem o bem aos judeus... aos gentios etc., etc., porque deante de Deus não ha accepção de pessoas... Aquelle que tiver peccado debaixo da lei, será julgado segundo a lei... A ira de Deus inflamar-se-ha contra aquelles que houverem conhecido de Deus o que de Deus pode descobrir-se pelo conhecimento que d'elle dá a natureza... e que tendo-o conhecido, o não glorificaram... mas se desvaneceram em futeis raciocinios.» (Ep. aos Rom. I, 2).

Logo o principio: Fóra da Egreja não ha salvação, absolutamente verdadeiro, dogmaticamente falando, traduz-se na applicação por uma questão de intenciona-

lidade e de boa fé! E a tolerancia da Igreja vai tão longe como a verdade, como a justiça, e a razão! Vae mais longe: porque depois de haver proclamado que o principio não attinge senão aquelles que estão voluntariamente, intencionalmente fóra da alma da Igreja, se lhe perguntardes quaes são nominativamente aquelles que pelo vicio da intenção estão fóra do seu gremio e da salvação, abster-se-ha de vos responder. Se a apertardes para que vos assignale em todo o universo e na serie das edades um só homem, que com certeza se condemnasse, só Judas vos nomeará.

Se lhe perguntardes o motivo d'esta excessiva tolerancia, dir-vos-ha com um celebre orador: «Sejam quaes forem a patria, o procedimento de um homem, em sua alma, nos umbraes da eternidade, passam-se mysterios divinos de justiça sem duvida, mas tambem de misericordia e de amor.»

Dirão talvez: Esta doutrina é muito bella, mas a Igreja desmente-a por sua conducta; ahi está todos os dias a fulminar excommunhões; a lançar anathemas contra os infieis, os hereges, e até contra os seus proprios filhos.

A excommunhão não é de modo algum uma sentença de condemnação, e o anathema tambem não é um juizo de maldição. Os raios da Igreja não ferem o homem senão no tempo, não em os umbraes da eternidade; não são lançados contra o peccador, para que pereça, mas para que se converta e viva.

Pois não fecha ella as portas das egrejas, não recusa as preces e a sepultura ecclesiastica áquelles que não querem reconciliar-se com ella?—As orações publicas sobre o feretro, a sepultura ecclesiastica são signaes exteriores de religião, repellidos pelo desgraçado que se separou livremente do corpo da Igreja. Se o padre fecha ao escandalo as portas da igreja, ajoelha e ora no interior d'ella, com fervor e lagrimas, por aquelles



que a maldizem ao de fóra e por aquelle, cujos despojos estão servindo para acirrar o odio e o desprezo da religião. A Igreja succumbiria no proprio dia em que se prestasse a fazer de suas pompas uma representação de theatro.

Hoje bem vingada está! Esses mesmos homens que queriam forçar as portas de suas igrejas para lá introduzirem os desgraçados, mortos renegando a fé por suas blasphemias ou por suas obras, condemnam-se hoje com mais ruido ainda á sepultura civil, á inhumação do muladar. Outrora odiavam a Igreja, hoje vão mais longe, desprezam-n'a e desejariam exterminal-a. Fazem semblante de quererem confiar ainda seus cadaveres á terra benta dos cemiterios christãos, mas não tardará que sejam os primeiros a exigir que nos cemiterios não appareça signal religioso. Mentir-se-hão a si mesmos, ter-se-hão excommungado! A separação será consummada; mas ainda então a Igreja os não condemnará!

Clamará com S. Paulo: «Cahiu, mas não é impossivel que se levante, porque Deus é bastante poderoso para o levantar!»

*Tu quis es, qui judicas servum alienum? Domino suo stat aut cadit! Stabit autem: potens est enim Deus estatuerre illum.* (Ep. aos Rom.)

Alguem dirá: Se a salvação é possivel fóra da Igreja, a Igreja não é necessaria, a mediação de Jesus Christo não é indispensavel. Falar assim seria blasphemar. Porque a boa fé não desculpa sómente que se esteja fóra da Igreja, faz que se esteja dentro d'ella, que se pertença a sua alma, pois a Igreja abraça em sua sociedade todo o homem, catholico, judeu ou gentio, que honra a Deus consoante *o que d'elle sabe* ou pode saber. E' uma verdade fundamental da fé que Jesus Christo, cordeiro immaculado, diz S. João, desde o principio do mundo, morreu por todos os homens sem ex-

cepção, na universalidade dos tempos e dos logares; de sorte que se pode dizer que todos os homens pertencem a Jesus Christo e são christãos.

S. Agostinho não recebeu dizer: «A cousa que hoje se denomina religião christã, existia entre os antigos, e nunca deixou de existir desde a origem do genero humano até á vinda de Jesus Christo em carne; então começou-se a denominar christã a verdadeira religião, que já d'antes existia.» (*Retract.*, liv. I, cap. XIII, n.º 3.) D'onde tirava S. Jeronymo esta illação tão consoladora: *Jesus Christo, o Filho unico, o Primogenito de Deus, é a Suprema Razão*, de que todo o genero humano participa. Todos aquelles, pois, que viverem conformemente a esta razão são christãos, ainda quando os accusassem de ser atheus. Todos os homens que viveram e que vivem segundo a razão (na ignorancia invencível da lei evangelica) são verdadeiramente christãos, e podem estar ao abrigo de todo o receio... Pelo contrario aquelles dos antigos que não tiverem regrado sua vida pelos *ensinos do Verbo* e da razão eterna, são os unicos excluidos do ceo.

Mas se a razão e a lei natural bastam, se são o Verbo de Deus falando a nossa intelligencia e a nosso coração, pelas creaturas e pelas tradições sociaes, para que exigis mais do christão? Para que o submetteis a crencas mais mysteriosas e a practicas mais austeras?—

A religião natural é o Verbo de Deus, mas não é todo o Verbo de Deus. Illuminando as intelligencias, que vem a este mundo, o Verbo divino não se inibia de outras revelações mais explicitas, de se fazer homem, de habitar entre nós, de se mostrar cheio de graça e de verdade, de nos propor artigos de fé, de confirmar os antigos preceitos, de nol-os dar novos, de nos impor a crenga em seus mysterios, a obediencia a seus mandamentos, por austeros que sejam. Esta dupla obrigação constitue toda a essencia do christianismo.

O pagão que se teria podido salvar por se haver conservado fiel á religião natural, porque estava na boa disposição de procurar a verdade e de a seguir, por esquivã que se lhe affigurasse, se, depois de ter conhecido a Revelação, se recusasse a seguil-a, ficando o que era, não estaria, é claro, d'ora em diante na mesma boa fé, e portanto não bastaria a religião natural para o salvar.

O que dizemos do pagão e do judeu applica-se ao herege com relação ao catholicismo, e ao catholico de nome respectivamente á fé viva e practica.

Todos nós somos dignos de desculpa, quando estamos em erro involuntario, na ignorancia invencivel, na boa fé!

Mas desde o momento em que recusamos abrir os olhos á luz da verdade, se não nos esforçamos por acabar de a conhecer e de a abraçar, os vinculos que nos prendem a Jesus Christo e á sua Igreja rompem-se, e nossa salvação está gravemente comprometida. «Se eu não tivesse vindo, disse Jesus Christo, e não lhes tivesse falado, não commetteriam o peccado que commettem, mas desde agora não tem desculpa de seu peccado! Se eu não tivesse feito entre elles obras que nenhum outro fez, não teriam o peccado que tem; mas viram-n'as e odiaram-me, a mim e a meu Pai.»

Jesus Christo, o Salvador por excellencia, teria pois vindo para perder-nos, pois que sem elle seriamos escusaveis, e por elle somos capazes de culpa. — E' um sophisma. A sabedoria eterna, revelando-se mais completamente em sua Incarnação e em sua Igreja, propoz-se cumprir um designio de bondade. Quiz tornar-nos o accesso juncto d'ella mais facil, a fé mais explicita, a virtude mais attrahente. Trouxe-nos auxilios mais poderosos, sem os quaes muitos teriam permanecido na desordem; tornou os maus bons, e os bons perfeitos; tem sido para a pobre humanidade a causa de

progressos evidentes na verdade e na sanctidade; deu-lhe um valor moral immenso.

Se um grande numero se obstina em se volver mais culpado, não será culpa do bemfeitor. E' fóra de toda a duvida que o numero de homens que tem alcançado a felicidade eterna, natural ou sobrenatural, pela simples practica da religião natural, com o soccorro da graça que Deus concede superabundantemente a todas as suas creaturas, será infinitamente pequeno em comparação d'aquelles que a conseguiram por sua fidelidade sincera aos ensinós e preceitos de Jesus Christo. Ora a liberdade e a justiça requeriam imperiosamente que Jesus Christo fosse ao mesmo tempo principio de resurreição e de ruina: *Positus est hic in ruinam et resurrectionem multorum.*

Mas se a revelação evangelica é tão grande beneficio, porque não são a elle chamados effectivamente todos os homens?—São-no! E para melhor o fazer comprehender, empregarei a linguagem do R. P.<sup>e</sup> Faber, um dos mais famosos convertidos de Inglaterra. «Faz bem pensar na rede d'amor, com que a cada instante Deus cerca toda a alma que creou sobre a terra. Se contemplarmos o mundo com toda a sua geographia pitoresca, com os recortes caprichosos de suas cartas, os cursos prolongados de seus rios profundos, suas immensas planicies, suas vastas florestas, as cadeias das montanhas azuladas, nosso coração expandir-se-ha, vendo na criação as primeiras malhas da rede de amor, com que Deus circumda toda a alma humana. Todos sim, o Europeu atarefado, o silencioso Oriental, o Americano aventureoso, o Hottentote degradado, o selvagem sarapintado pela picadura, \* o feroz Malaio, todos o

---

\* *Tatoué*, que se pode verter menos puramente, o que soffreu a tatuagem.

tem perto. Opera de modo differente com cada um, mas sempre com ternura, indulgencia, generosidade, prodigalidade. As differenças entre uns e outros são innumeraveis, mas são menos multiplas que as multiplicações de sua incessante affeição. A biographia de cada uma d'estas almas é uma historia milagrosa da bondade de Deus. Se nos fora permittido, como o é mui provavelmente aos bemaventurados, ler essas tocantes historias, aprenderiamos quasi uma nova sciencia de Deus, tantas luzes inesperadas e faiscentes projectariam sobre suas diversas perfeições. Vel-o-hiamos estreitar até o mais feroz dos idolatras nos vinculos do seu amor. Vel-o-hiamos occupar-se da mais brutal prever-sidade, do mais fanatico erro, da mais estúpida insensibilidade e dispor todas as cousas favoravelmente com a excessiva delicadeza de um amor creador.

«Mas ha o quer que seja de tão assombroso, de tão inebriante na torrente da divina luz e no vasto oceano de eterna predilecção, com que inunda sua Igreja, que tudo aquillo que está fóra d'ella parece obscuro aos olhos offuscados pelo brilho da sua magnificencia.

«Cega-nos a ponto que não podemos reconhecer que as pretensas trevas são uma verdadeira luz illuminando todo o homem que vem a este mundo. (Faber, *A Creação e o Creador*, xxv, cap. III.)»

Certamente, que o corpo, a sociedade visivel da Igreja, depositaria dos meios de sanctificação, possuindo em seu ensino infallivel, em seus sacramentos, em seu governo espiritual os instrumentos ordinarios da salvação dos homens, é o poço d'agua viva, o paraizo cheio de fructos saborosos, onde as almas se desalteram e se nutrem, sem jamais receiarem nem a fome, nem a sede.

Mas quantos seres racionaes vagueiam em redor d'este jardim fechado, vivendo dos perfumes que exhala debaixo da bafagem do Espirito Santo? Quantos rece-

berão, por mysteriosas infiltrações, algumas gotas do sangue redemptor, e por isso pertencerão á alma da Igreja? Só Deus o sabe.

Resumindo: Todos os homens estão na Igreja, na sociedade de Deus e do seu Verbo, pela redempção de que são objectivo, quando acceitam um tal beneficio, practicando todo o bem que devem practicar, adherindo a toda a verdade que podem conhecer. De forma que todos aquelles que, sciente e systematicamente, estacam para aquem da verdade religiosa, cujo ponto de partida está na lei natural, e cujo apice está na lei evangelica, na sancta Igreja catholica, apostolica, romana, são os unicos excluidos da salvação.

Consignemos enfim que d'esta vez ainda, como sempre, a iniquidade se mentiu a si mesma; que os falsos apóstolos da tolerancia universal, os adversarios os mais exaltados da pretendida intolerancia da Igreja, tem sido os mais intolerantes dos homens. Apenas citaremos dois, Rousseau e Luthero, embora pudesseamos citar milhares d'elles.

Rousseau chegou a dizer: «Se alguém se portar como quem não crê na religião do paiz, seja condemnado á morte.»

Luthero parece um echo do inferno quando escreve: «As almas piedosas que fazem o bem para ganhar o reino dos ceos, não só o não conseguirão jamais, mas devem contar-se no numero dos impios! E' necessario prevenirmos-nos antes contra as boas obras, do que contra os peccados... Todas as cousas acontecem pela eterna vontade de Deus, que reduz a nada o livre arbitrio... Deus cria em nós o mal e o bem. A mais alta perfeição da Fé consiste em acreditar que Deus é justo, embora nos torne *fatalmente condemnaveis por sua vontade, embora pareça folgar com os tormentos dos reprobos...* Deus agrada-vos quando coroa os indigentes, força é que tambem *vos agrada quando condemna os in-*

*nocentes*. Aqui está o verdadeiro evangelho, o resultado de uma inspiração que me dispensou o Espirito Santo! Nem o imperador, nem o papa, nem todos os diabos poderão nada contra isto.» (Luthero, *de libero Arbitrio*, ed. de Iena, t. II, folio 170.)

E ha governos illustrados que fazem gala de lutheranos!

E por uma consequencia movem guerra descarada á sancta Egreja de Jesus Christo!

Calvino não era menos implacavel: «Nem todos os homens foram creados na mesma condição; uns são preordenados para a vida eterna, outros para a eterna reprovação.» (*Inst.* liv. XVI, cap. XXI, n.º 5.º) E' de certo para honrar este heroe que a Suissa calvinista persegue encarniçada e expulsa os ministros inoffensivos da Egreja catholica!

E que revoltante injustiça, que cumulo de intolerancia é que se proscreeva a unica Egreja, á qual vai em dezenove seculos os judeus, os imperadores romanos, os reis barbaros, os imperadores da Allemanha, todas as heresias conjuradas, a philosophia, a revolução, etc., não tem cessado de gritar: «*Abjura ou morre!*»

*A Egreja e a Civilisação.* Venha pleitear e ganhar esta grande these S. Em.<sup>a</sup> o cardeal Pecci, ao tempo bispo, hoje Sua Santidade Leão XIII. Eis o resumo de sua excellente carta pastoral para a quaresma de 1877.

«Se se expõe á irrisão a palavra de Deus e d'aquelle que sobre a terra o representa, faz-se, dizem, em nome da civilisação. E' a civilisação que exige que se restrinja o numero das egrejas e que se multipliquem pelo contrario os logares do peccado! E' a civilisação que exige theatros sem gosto e sem pudor! Em nome da civilisação larga-se o freio á mais desavergonhada usura e ás ganancias indecentes! E' ainda em nome da civilisação que uma imprensa abominavel corrompe os espiritos, e que a arte, prostituindo-se, queima os olhares por in-

fames imagens, e abre caminho á corrupção dos costumes. Com o veio de palavras sedutoras, balsão reputado legitimo e veneravel, o parto envenenado circula livremente, e em meio da cealeuma clamorosa da anarchia das ideias, parece logico que é culpa nossa se a civilisação não progride mais rapidamente, se ella não attinge mais altos destinos. Aqui a origem, a causa do que chamam a «*Lucta da civilisação*», mas que deveriam denominar antes a oppressão violenta da Igreja. Não vos admireis pois se discorrermos longamente e de preferencia a qualquer outro assumpto sobre esta civilisação de geito a provar-vos por provas evidentes que todo o bem, de que esta civilisação é a expressão, nos veiu do passado pelas mãos da Igreja, e que no futuro será só pela solitudine maternal da Igreja que nos será conservado.

«E' uma verdade de facto que o homem, vivendo em sociedade deve aperfeiçoar-se debaixo do triplice aspecto do bem estar physico, das relações moraes com seus semelhantes e das condições politicas. Os diferentes graus d'este desenvolvimento successivo, que attingem os homens reunidos em sociedade, constituem a civilisação. Esta civilisação é nascente e rudimentar, quando as condições em que o homem se aperfeiçoa debaixo d'este triplice ponto de vista, são pouco desenvolvidas. E' elevado, quando estas condições são mais amplas. Seria completa se todas estas condições fossem de todo preenchidas.

«Será verdade que a civilisação não pode produzir seus fructos n'uma sociedade que vive do espirito de Jesus Christo, e no meio da qual a Igreja catholica faz ouvir sua voz de mãe e mestra? . . . Será verdade que na Igreja e seguindo seus ensinamentos, o homem fique inhibido de chegar sob o ponto de vista do bem estar physico, ao grau de civilisação que lhe teria sido facil



attingir, se estivesse livre de todo o vinculo e de toda a dependencia da Igreja?

«Ah! facil e mui facil nos é responder com as palavras bem conhecidas de um escriptor não suspeito de ternura pela Igreja: «Cousa admiravel! A religião christã que parecia não alvejar a outro fim do que ao da nossa felicidade na outra vida, assegura-a tambem n'esta.» (Montesquieu, *Espirito das Leis*, XXIV, III.)

Reputa-se como fonte de prosperidade o trabalho, d'onde manam as riquezas publicas e particulares, os aperfeiçoamentos da materia e as engenhosas descobertas. Ora o trabalho, quer se encare na sua forma a mais humilde, que é o trabalho manual, quer na mais nobre, que é o estudo da natureza, para lhe surprehender as forças e applical-as aos usos da vida, quem o estimulou jamais tanto como a religião de Jesus Christo, a qual se conserva pura e inalteravel na Igreja? O trabalho foi e é sempre desprezado, onde o christianismo não exerce o seu imperio. Aristoteles proclamava-o illiberal; Platão infligia-lhe a mesma nota. Os operarios que foram sempre da parte da Igreja objecto de sollicitudes tão affectuosas, não eram considerados entre os Gregos como cidadãos, confundiam-se lá para as baixas camadas dos escravos.

Cicero desprezava o trabalho a tal ponto, que reputava os operarios como barbaros e gente de nada. Terencio, testemunha esclarecida e fiel das usanças recebidas e que tinham curso em Roma no seu tempo, dá a entender que para ser respeitado e honrado, era mister viver vida ociosa, e não ser obrigado a trabalhar para viver. Juvenal diz-nos qual era a occupação a mais estimada dos Romanos livres: «Rojar-se ou ser insolente com os ricos, para d'elles obter pão e divertimentos deshumanos.»

Em nossos dias vemos que a mesma antipathia se perpetua nos povos privados das luzes do Evangelho.

Na India um brahmine, i é, um homem que pertence á casta a mais elevada, julgar-se-hia maculado se tocasse sómente um paria. Os selvagens da America do Norte abstem-se do trabalho, que impõem ás mulheres, tractadas como os escravos ou como bestas de carga!

Por confissão de uma famosa Revista, a *Revista dos Dois Mundos* (t. LXI, p. 70) mesmo entre nós, aliás chegados a uma elevada cultura, o trabalho é apenas honrado em palavras; em quanto que se dobra a espinha deante do rico, ou que se faz má cara áquelles, cujas mãos endurecem ao contacto dos instrumentos de trabalho.

Este estado de cousas desapareceu logo que no vasto corpo social se fez sentir o sopro da religião christã.

«Desde então o trabalho foi honrado como uma dignidade sobrehumana, porque Jesus Christo, verdadeiro Filho de Deus, quiz estar sujeito a um pobre artista da Galileia, porque elle proprio na officina de Nazareth não córou de manejar com suas bemditas mãos a ferramenta do aprendiz e do operario.

Ao trabalho pediram os apóstolos de Jesus Christo a sua subsistencia, afim de não serem pesados a seus irmãos, e de poderem soccorrer ainda os pobres.

Os Padres da Egreja mais tarde parecem receiar não ter expressões assaz vehementes para encarecer e glorificar o trabalho, tanto é o apreço, em que o tem! S. Ambrosio e S. Agostinho exaltam-no por sua utilidade. S. João Chrysostomo accentua bem que o trabalho, alem de nos ser imposto como expiação, é tambem indispensavel para fortificar nossa natureza moral. Pelo trabalho obtem o homem para si o sufficiente, para os seus semelhantes o auxilio. Os monges do Occidente e do Oriente, devotados de um modo especial ao trabalho, e designadamente ás explorações agricolas, vieram depois implantar-se na sociedade, e trazer o seu pode-

roso concurso ao bem estar commum. Esses homens unidos debaixo da disciplina da Igreja viviam em tempos barbaros e perturbados, em uma epocha, em que ninguem tinha gosto pelo trabalho, e em que todo aquelle que dispunha de um braço robusto entendia que o não podia empregar melhor do que pondo-o ao serviço de algum aventureiro pouco escrupuloso, para semear por toda a parte a ruina e a devastação. E todavia apesar de condições tão desastradas diffundiram-se pela Europa inteira, tornada um vasto deserto, e mudaram-lhe o aspecto cobrindo-a de ricas e florescentes culturas. Que exemplo tão efficaz e proficuo davam estes homens, que contentes de um pobre vestuario, satisfeitos com um alimento sufficiente para os preservar da morte, suspendiam a oração para rasgarem a terra com a charrua, confiando-lhe a semente que no tempo da ceifa devia fornecer o pão aos pobres, aos peregrinos, a paizes inteiros. Alem d'isso empregavam esforços para abrir caminhos e ligal-os com pontes. afim de tornarem mais commodas as communicções de seu paiz para outro, e de que o commercio fosse mais facil e mais seguro. Que vantagens não tem tirado a sociedade da experiencia d'estes homens, que multiplicando seus trabalhos e ensaios com uma paciencia que nada fatigava, e pondo em commum suas forças e suas luzes, conseguiram enxugar pantanos, regular as correntes fluviaes, recolher as aguas dispersas para as forçar á irrigação das encostas e dos valles, e isto por maneira tão engenhosa, que sob palavra de um historiador illustre, os mesmos modernos, apesar dos progressos das sciencias naturaes, tem muito que aprender d'esses venerandos habitantes dos claustros.

As artes mecanicas e as bellas artes não tiveram mais seguro asylo nem campo melhor preparado para se desenvolverem, do que as egrejas, os paços episcopaes, os mosteiros, nos quaes as primeiras se poliram e

as segundas projectaram fagulhas que mais tarde se trocaram em raios de candidissimos fulgores.

A sociedade na Italia nunca se elevou tão alto em seus vôos para a civilisação, do que quando estava animada do sopro christão, e como que saturada do espirito catholico. Veneza, Genova, Pisa, Lucques, Florença e as outras Communas e Provincias italianas, em quanto foram respeitosas para com a auctoridade da Egreja e cheias de fé, como o attestam as magnificas basilicas e as instituições tão numerosas da piedade christã, tiveram um tal poder que, respectivamente aos tempos e aos meios imperfeitos d'esta epocha, excedia a das nações modernas as mais florescentes. A Jonia, o Mar Negro, a Africa, a Asia eram o theatro das relações commerciaes e das expedições militares dos nossos antepassados. Lá fizeram importantes e fecundas conquistas, e em quanto que no estrangeiro fluctuavam suas bandeiras honradas e temidas, dentro não ficavam inactivas; cultivavam as artes e o commercio, accrescentando por todos os meios honestos a riqueza publica e privada. As industrias da lã, da seda, da ourivesaria, dos vidros pintados, das fabricas de papel, em Florença, em Pisa, em Bolonha, em Milão, em Veneza, em Napoles, forneciam a milhares de milhares de obreiros trabalho lucrativo, e attrahiam aos nossos mercados o ouro e a concorrência do estrangeiro.

A Egreja porem não tem sómente o merito indiscutivel de haver enobrecido e sanctificado o trabalho; não se gloria sómente de haver levado a sociedade, por ella conduzida e inspirada a dar passos rapidos nas vias da civilisação; assiste-lhe gloria ainda mais pura, meritos mais levantados: conteve os homens dentro da moderação rasoavel, impedindo que esta moderação não fosse esquecida por um amor excessivo do lucro de forma a converter n'uma fonte de oppressão barbara o que, practicado com discrição, é meio de gran-

gear vantagens apetecíveis e uma honesta prosperidade...

As escolas modernas de economia politica consideram o trabalho como o fim supremo do homem, e no proprio homem apenas vêem uma machina mais ou menos preciosa, consoante é mais ou menos *productiva*. D'ahi o desprezo pela moralidade do homem; d'ahi esse indigno abuso da pobreza e da fraqueza por aquelles que a querem explorar em seu proveito.

Quantas lastimas, que justas objurgatorias não te-reis ouvido mesmo nos paizes que são reputados como indo na vanguarda da civilisação, sobre o numero exagerado de horas de trabalho, impostas áquelles que devem ganhar o pão com o suor do seu rosto, sobre essas creanças entaipadas nas manufacturas, onde se atrophia em precoces fadigas...

A' força de trazer os homens acorrentados á materia, desvanece-se a vida do espirito, e essas pobres victimas do trabalho volvem-se pagãos...

Pergunta-se com dor se esses partidarios da civilisação divorciada da Igreja e sem Deus, em lugar de de nos fazerem progredir, não nos fazem retrogradar muitos seculos, reconduzindo-nos a esses tempos deploraveis, em que a escravidão manietava uma tão grande parte dos homens, em que o poeta Juvenal lamentava sentidamente que o genero humano vivesse para divertimento de alguns cidadãos...

A Igreja catholica pelo contrario consegue suavisar a amargura do trabalho, interromper sua fatigante continuação pelo repouso do domingo e as solemnidades christãs, que de onde a onde vem diffundir uma alegria religiosa na vasta familia dos crentes.

No regaço da Igreja, aonde o chama a voz da religião, encontra delicias que em outra parte lhe não é dado encontrar: a harmonia dos canticos sagrados elevam-n'o; os olhos vão-se-lhe atraz do encanto causa-

do pelos marmores preciosos, pelos ricos dourados, pelas elegantes ornamentações, pela severidade das linhas architecturaes; mas sobre tudo, commove-se-lhe e purifica-se-lhe o coração ao ouvir as palavras do ministro de Deus que lhe commemoram sua redempção, seus deveres e suas esperanças immortaes...

Por isso que aperto de coração ao vermos os domingos e os dias de festa perturbados por escandalos deploraveis; as lojas abertas, os artistas occupados nos seus trabalhos habituaes; as machinas continuando a funcionar, os negocios não abandonados; todos n'uma palavra inhibidos de pensar nos negocios bem mais importantes d'alma, e de se applicarem ao estudo das verdades que devem guiar-nos pelos caminhos arduos do tempo aos destinos certos e ditosos da eternidade...

A sciencia, mercê de estudos quotidianos e de habéis experiencias, está senhora de muitas forças da natureza, que eram desconhecidas ou que escapavam ao dominio do homem. Estas forças empregadas com arte com o auxilio de machinas engenhosas, tem tornado a producção mais rapida, mais baratos os objectos produzidos, e por conseguinte mais facil a satisfação das necessidades, menos rude a vida d'aquelles que não podem gastar muito.

Nada melhor do que semelhantes descobertas, mas os incredulos tem pretendido servir-se d'essas nobres e pacificas conquistas da sciencia sobre a natureza, como se taes conquistas houvessem sido realisadas a despeito da Igreja e contrariamente a seus desejos...

Mas na Igreja tambem ao lado do zelo pela gloria de Deus, se inflamma um outro amor não menos poderoso, o amor pelo homem, o ardente desejo de o ver restabelecido em todos os direitos que lhe foram conferidos pelo Creador...

A palavra que retinia na manhã da creação: «Sujeitai a terra e dominai-a» nunca foi revogada. Se hou-

vera permanecido no estado de innocencia e de graça, o homem teria exercido seu dominio sem esforço e a sujeição das creaturas teria sido espontanea; agora porem este dominio é penoso, porque as creaturas só recebem o freio constangidas pela violencia. E a Egreja que é mãe, nada pode ter mais a peito do que o exercicio d'esse constangimento, que o homem mostre que de facto é o senhor e o amo da creação. E realmente o senhor das creaturas exercita seu direito quando rasgando os veos que encobrem sua possessão, não parando no que está á superficie e no que toca com as mãos, penetra dentro das proprias entranhas da natureza, colhe os thesouros da fecundidade das forças que ahi se encontram, empregando-as em vantagens suas e dos seus semelhantes.

Que bello e magestoso não é o homem quando apanha o raio e o faz cahir impotente a seus pés; quando chama a faisca electrica e a despede mensageiro de suas ordens atravez dos abysmos do Oceano, para alem de montanhas escarpadas e de planicies interminaveis! Como se ostenta glorioso, quando ordena ao vapor que de alguma sorte prenda azas a seus hombros, e que o leve com a rapidez do relampago atravez dos mares e dos continentes! Como é poderoso, quando por engenhosos processos captiva essa mesma força e a conduz por veredas maravilhosamente combinadas para dar o movimento e para assim dizer a intelligencia á materia bruta, a qual d'est'arte se substitue ao homem, e lhe poupa as mais duras fadigas! Dizei-me se não ha n'elle como uma faúlha de seu Creador, quando evoca a luz electrica, e a obriga a dissipar as trevas da noite, e a orn ar com seus esplendores as vastas salas e palacios.

A Egreja, essa mãe affectuosa que conhece tudo isso, está tão longe de querer oppor obstaculos a esses

progressos que pelo contrario estremece de jubilo e de alegria a esse espectaculo.

E que razão poderia ter a Igreja para se sentir incommodada pelos maravilhosos progressos que nossa idade realisa por seus estudos e descobertas? Haverá n'isso o que quer que seja, que de perto ou de longe possa prejudicar as noções de Deus e da fé, de que a Igreja é a guarda e a doutora infallivel? Bacon de Verulam, que se illustrou na cultura das sciencias phisicas, escreveu que pouca sciencia affasta de Deus, porem que muita conduz a Elle. Esta reflexão aurea é sempre igualmente verdadeira, e se a Igreja se assusta pelas ruinas que podem causar os vaidosos, que pensam haver já comprehendido tudo, porque de tudo tem uma leve tintura, confia plenamente n'aquelles que applicam sua intelligencia a estudar seria e profundamente a natureza, porque bem sabe que no fundo de todas as investigações lá acharão a Deus, que em suas obras se deixa ver com os attributos irrecusaveis de seu poder, sabedoria e bondade...

Taes são os pensamentos e sentimentos da Igreja. Porque pois luctam contra ella? Em que vistas organisam a lucta? Será para lançar os homens no exaurimento de um trabalho tomado como fim supremo, adoptado como um instrumento para se guindarem acima das cabeças baixas dos outros homens, e sobre seus corpos calcados aos pés? Luctar contra a Igreja! mas para que? Para confiar o povo a mãos de uma bondade incerta e fatalmente incapaz, arrancando-o aos peitos da religião que inspira e aviventa os prodigios da caridade divina? Luctar contra a Igreja! mas para que? Para apagar a historia gloriosa da civilização christã e restaurar uma civilização que só teve o brilho e fulgor bastante para melhor deixar ver as profundas chagas do coração do homem?...



Pois é bem sabido que essa civilização, que o soberano Pontifice condemnou, não é a verdadeira civilização, a qual brota como flor das raizes do christianismo, o que elle condemnou foi essa cousa bastarda que da civilização só tem o nome, e que é a inimiga perfida e implacavel da legitima civilização...

A sciencia em si mesma, longe de ser proscripta pela Egreja, é por ella favorecida. Ha uma no entanto que ella reprova e com razão, é essa que engendra uma philosophia que diz com satanico orgulho: «A razão humana é, sem se importar com Deus, o unico arbitro do verdadeiro e do falso, do bem e do mal; é sua lei, basta-se a si mesma para grangear a felicidade dos homens e dos povos...»

Ah! os factos ahi estão para mostrar aonde nós conduziu essa lucta insensata, emprehendida contra a Egreja em nome da civilização. Por uma parte vêem-se multidões, ás quaes arrebatara toda a esperanza do futuro, todo o lenitivo que a fé proporcionava ao infortunio; multidões que não podem colher porção bastante dos gozos da terra, muito pobre para tantos appetites, muito prodiga de miserias e contrariedades; por outra um pequeno numero de homens, a quem a fortuna sorri, que não possuem o menor sentimento de caridade em seus corações, preocupados sómente em enthesourar e gozar! De um lado homens fremindo desesperados, que parecem uns selvagens; do outro alegrias indecentes, dansas e habitos pagãos que excitam a indignação do pobre abandonado e esquecido, e provocam castigos divinos! Eis ahi o que nos tem dado, eis o que nos promette essa guerra declarada á Egreja em nome da civilização, vinda em má hora para nos tornar a mergulhar nos horrores da barbarie.

Quem pois poderá negar que o fructo da verdadeira civilização deve ser a melhoria dos costumes, o enobrecimento e a purificação das almas, a urbanidade das

maneiras, a doçura e a generosidade das relações privadas, domesticas, civis e politicas?

Ninguem por certo negará que o homem é susceptivel de aperfeiçoamento, e obrigado a aperfeiçoar-se: e ninguem teria tambem a coragem de desconfessar os progressos realizados n'esta via. Todo o mundo, penso eu, concorda n'isto; mas o desaccordo aparece quando um certo partido reputa estes augmentos como incompativeis com o christianismo, ou o que quer dizer o mesmo, com o Magisterio da Egreja, a tal ponto que se organisa a lucta para o aniquilar, como se fora um perigo e um obice aos progressos que se desejam . . . E no entretanto é pela acção constante da hierarchia catholica que foi fundada a civilisação, fatalmente denominada christã, nome que lhe é tão proprio, que os esforços do nosso tempo não tem podido conseguir separar um do outro, por tal forma que falar de civilisação é subintender o epitheto de christã. . .

Já não temos essa praga nefanda da escravidão, que condemnava mais de dois terços da especie humana a uma vida de esforços penosos e a indiziveis ultrages: aquelle estado de cousas foi reformado pela Egreja com tanta perseverança como sabedoria.

Já não temos jogos sangrentos onde eram trucidados centenares de infelizes; onde tantos outros eram arrojados em pasto ás feras, para distracção de ociosos, e activar mais sua sêde de sangue, paginas vergonhosas que para sempre rasgou o sangue dos martyres christãos.

Já não temos o odio inveterado do pobre, transfigurado pela religião de Jesus Christo.

Já não temos divorcios faceis, tyrannias maritales, o aviltamento legal dos esposos. . .

E' mais facil aperfeiçoar as cousas que já existem, do que creal-as de novo. Para que pois declamar agora que a Egreja perdeu o direito de animar com seu sopro

a obra da civilisação, e pretender que já não é idonea para dirigir as almas nas vias do progresso moral e em suas ultimas evoluções? Será acaso verdadeiro que as forças da Igreja diminuíram e que perdeu essa pujança de juventude e de vida que outr'ora penetrou a ordem civil, dispensando-lhe os beneficios que nos conta a historia, e que nós estamos contemplando? .

O apóstolo S. João adverte que tudo o que ha no mundo de criminoso e proprio para causar sua ruina, se reduz ao desregramento dos prazeres bestiaes, á concupiscencia, e ao orgulho que nenhum freio supporta.

Ora para ordenar o homem, como se porta a Igreja, seguindo a moral ensinada por Jesus Christo? Abri a tal respeito os livros sanctos, ou esse sublime resumo dos livros sanctos que é o nosso *Cathecismo*.

A'quelles que se deixam ir atraz das suggestões dos sentidos lembra: que se prohibe até um olhar, um mau pensamento, um desejo!

Ao homem, atormentado pela avidez do ouro, diz egualmente: que a avareza é uma escravidão, e que não é possivel servir ao mesmo tempo a Deus e ao dinheiro.

Enfim ao orgulho prescreve-se-lhe que abata sua soberba, que imite da creança sua simplicidade ingenua, para entrar no reino dos ceos. . .

Assim preparado o individuo, vencidas suas abjectas paixões, causa de tantas perturbações, a Igreja sem se apartar um apice das licções do Salvador, esforça-se por metter em ordem as relações mutuas.

O que desde logo se offerece a nossa consideração é o fundamento muito firme que ella assenta para conservar perduraveis essas relações e volvel-as irremediavelmente proficuas á verdadeira civilisação. Este fundamento é a *Caridade*, a qual fóra do christianismo nem sequer de nome é conhecida, e se o é, na cousa

passa tomada n'um sentido muito differente d'aquelle que lhe damos.

O que o mundo ganhou e ainda hoje ganha n'essa escola de amor inexprimivel, é por nós bem sabido: é o respeito do homem ainda que pobre, ainda mesmo de baixa e desprezivel condição; é o perdão facil e sincero das almas depois de terem soffrido sangrentos ultrages; são as vinganças em menor numero ou tornadas impossiveis, porque são severamente julgadas por nossa propria consciencia e pela dos outros; são a equidade chamada a mitigar os rigores do direito, as fadigas e as privações accites de coração alegre no intuito de attender á suavisação do indigente, do operario honrado, do orphão, e do velho. Eis factos palpaveis, que saltam aos olhos, e a mais leve reflexão basta para lhes descobrir a fonte, a qual evidentemente não é outra senão a moral de Jesus Christo, ensinada pela Egreja.

Terão esses que querem substituir uma civilisação inteiramente humana áquella que se elevou a tão grande altura, graças á acção e trabalho da Egreja, terão obtido por suas tentativas uma só d'essas vantagens moraes? Serão porventura symptomas de suavisação dos costumes e dos caracteres essa inveja e esse odio que invadem e inundam cada dia mais o coração d'aquelles que são desprovidos dos bens da terra contra aquelles que são ricos? Serão prova de sentimentos de fraternidade sincera esses fremitos de tigre, essas ameaças de incendio e de morticinio que chegam a nossos ouvidos?...

Mas apartemos nossos olhares d'estes signaes de uma barbarie nascente para os fixar com prazer e, praza ao ceo, com fructo para as almas, sobre as influencias salutaes que possui a moral christã, para sanctificar e tornar prosperas as sociedades humanas.

A primeira e a mais importante é a *sociedade con-*

*jugal*, da qual nasce primeiramente a familia, e que em seguida determina a formação da sociedade civil.

Graças á egreja o casamento, depois de longas ignominias, appareceu toucado de um diadema real. Assim transformado, só podia ser uma fonte perenne de insignes vantagens para a propria civilisação... Dai-me esposos attentos por um lado a secundar os designios de Christo, e do outro a exercer o ministerio maternal da Egreja e então a civilisação será salva. Os filhos que sahirem dos lares domesticos para povoar a terra levarão profundamente gravadas em seu coração as maximas da justiça, base da sociedade civil; irão acostumados por uma prudente educação a guardar a disciplina, a respeitar a auctoridade e a observar as leis equitativas. Nas mãos d'estes pais se formarão os caracteres energicos e firmes, que não se deixarão nem abalar, nem arrebatár pelos ventos das douctrinas mudaveis. N'esses lares domesticos, sanctificados pela fé e pelos exemplos dos paes, os filhos terão a dita de beber os sentimentos da lealdade nas relações, da constancia em guardar a palavra dada, etc., com que muito lucrará a sociedade...

E não será realmente um attentado contra a civilisação abrir a porta ao divorcio, consequencia fatal e inevitavel do casamento profanado? Não será uma civilisação entoxicada, essa que nos dá um casamento, despojado de seu esplendor e magestade religiosa, abandonado ás mãos de calculos obscenos que de baixo do pretexto da liberdade e da instabilidade da natureza, vem com egoismo e impudencia falar-nos de relações temporarias, ou para falar sem euphemismo de brutaes deleites? N'estas condições, as pobres crianças ou ficariam expostas, na previsão das vistas materiaes, de perecer antes de tempo, como flores a quem os raios do sol não podem dar vida, ou cresceriam sem uma orientação determinada, sem vinculos solidos de

affeição que os prendam á familia e pela familia á patria!

E é para nos presentarem com uma tal civilisação, que os inimigos da Egreja se metteram n'uma afanosa lucta! . . .

As vantagens que a civilisação encontra nas doutrinas, pelas quaes a Egreja pauta as relações dos homens n'essa sociedade mais ampla que é a sociedade civil, não são menos consideraveis.

O poder, diz a Egreja, vem de Deus. Mas se o poder vem de Deus, deve reflectir a magestade divina para se mostrar respeitavel, e a bondade de Deus para se mostrar acceitavel e suave áquelles que lhe estão sujeitos. Todo aquelle que tem em suas mãos as redeas do poder, quer seja um individuo, quer seja uma pessoa moral, quer receba suas funcções do nascimento ou de eleição, no seio de um Estado democratico ou da monarchia, não deve buscar no poder a satisfação de sua ambição e o vão orgulho de estar superior a todos, mas ao contrario d'isso deve buscar o meio de servir a seus irmãos, como o Filho de Deus que não veio para ser servido, mas para servir os outros. Palavras, maximas bem curtas, mas onde se encontra a transformação do poder a mais feliz e consoladora que é possivel desejar. . .

O poder, conforme o ensino christão é modesto, laborioso, attento em favorecer o bem, prudente na concepção de que, no juizo derradeiro, castigos estão reservados para aquelle que mal houver governado. . . Se o poder tira de Deus sua razão de ser, sua magestade, sua solicitude em investigar todo o bem, é impossivel acreditar que é permittido revoltar-se contra elle, porque seria revoltar-se contra Deus.

A obediencia do subdito deve ser franca e leal, deve manar de um sentimento intimo, e não do temor servil dos castigos; deve implicar a prova de sua since-

ridade e receber da melhor vontade os sacrificios reclamados por aquelle que exerce o poder para desempenhar-se de seu ministerio... A Igreja não approva os factores de desordens, os inimigos systematicos da auctoridade, e a obediencia que inculca encontra uma poderosa compensação na transformação do poder, o qual tornado christão e despojado de suas velhas e vergonhosas inclinações para a ambição e a tyrannia, reveste o character de um ministerio paternal, sabiamente contido nos limites da justiça do mando. Se franquearmos estes limites, invadindo o dominio da consciencia, ouve-se uma voz de dentro, respondendo com os apóstolos: E' mister obedecer acima de tudo a Deus. Os subditos pusillanimes, attentos a temores baixos, não são educados nos braços da Igreja! Nascem fóra d'ella, no seio das sociedades que não reconhecem outro direito exterior alem do da força bruta...

Benjamin Franklin, no termo de uma vida, consumida no manejo dos negocios publicos e amadurecida por uma longa experiencia, escrevia de Philadelphia: «Uma nação não pode ser verdadeiramente livre se não for virtuosa, e quanto mais corrompidos e depravados se tornarem os povos, maior é a necessidade que tem de amos.» Um outro escriptor, Ugo Picolo, cujo nome é venerado pelos factores da *lucta pela civilização*, dizia tambem: «Não se deve destruir a religião, porque um povo sem religião cahe depressa nas garras de um governo absolutamente militar!...»

De forma que, interrogando o homem como individuo, ou o homem em suas relações com seus semelhantes, o homem na sociedade domestica ou civil, basta um exame por alto para nos convencermos de que as doutrinas da Igreja encerram os mais preciosos germens da civilização, e de que postas em practica, conduziriam inevitavelmente á mais alta perfeição moral que é dado esperar sobre a terra...

E que fructos tem colhido os costumes publicos, que vantagens tem auferido as relações domesticas e sociaes da funesta lucta, emprehendida sob o especioso pretexto de abrir á civilisação novos e mais altos destinos?

A moral arrebatada das mãos da Egreja e despojada traiçoeiramente de seus fundamentos religiosos, tem ficado fluctuante e incerta; tem deixado de ser a regra auctorizada das acções; tem-se volvido o juguete e o vil instrumento de todos os appetites!... «O homem, ousou dizer um impio do nosso tempo, sanctifica o que escreve, e enfeita com as flores da imaginação tudo o que ama.» Não pode ser licito, como os auctores d'estas theorias o suppõem pelo seu procedimento, fazer tudo o que é deshonesto; apellidar de divino o prazer dos sentidos; insultar as leis do pudor, para correr em poz da belleza que foge como sombra e que em seu destino primeiro deveria elevar nossa mente para Deus, como escada bemdita que a Elle nos conduz, a Elle, fonte suprema de tudo o que é precioso e encantador. «Eis aqui os fructos causados pela immensa rebellião nascida no mundo.»

Dado este resumo da Carta particular de Sua Santidade Leão XIII, seja-me permittido accrescentar aquillo que minha longa experiencia me tem ensinado, quer da civilisação em geral, quer da civilisação comparada das nações catholicas e das nações protestantes, arma que tantas vezes tem sido brandida contra a nossa fé.

Já lobrigava o projecto de meus *Esplendores da Fé*, quando no prefacio da primeira edição de minha *Telegraphia electrica*, deixava escapar de minha alma e de minha penna este grito de terror que devia retinir aqui.

Estava eu em setembro de 1845 sobre o ponte de Londres, centro e ponto culminante da civilisação ma-



terial a mais adeantada que houve jamais. Minha imaginação estava vivamente sobre-excitada pelo espectáculo, unico no mundo, d'esses centenares de barcos a vapor que fendiam com rapidez vertiginosa as aguas do grande rio! de tantas locomotivas que partiam mugindo para devorar o espaço! d'esses fios metallicos sulcados pelo raio, que despachavam para todos os pontos do horizonte mensagens mais velozes que o relampago! d'essas mil chaminés mais elevadas que os obeliscos do velho mundo, que arrojavam sobre a enorme cidade ondas de espessa fumarada!

Minha alma no entanto estava como nunca illuminada pelas luzes da fé!

Meu coração vibrava como nunca em accorde das inspirações consoladoras e eminentemente humanitarias da religião christã e catholica!

Mas eu comprehendia então melhor do que até ali comprehendera esse hymno celestial: Gloria a Deus! Paz aos homens de boa vontade! Só o reino de Deus pode trazer á terra o reino da justiça e da felicidade! A unica verdadeira liberdade é a dos filhos de Deus e irmãos de Jesus Christo!

E eis aqui o sentimento que me emocionava.

Mais talvez pela invenção da telegraphia electrica, do que pelo emprego do vapor, o homem volveu-se gigante. Ora as sagradas Escripturas dizem-nos que elle o fora já nos tempos primitivos. Sim. houve outr'ora uma raça de gigantes e sua historia deploravel poderá, se nos não precatarmos, volver-se a nossa. Os filhos de Deus acharam bellas as filhas da terra! Um louco amor depravou de subito seu coração e obscureceu sua razão. O espirito chegou por fim a identificar-se com a carne. Esta união insensata e criminosa produziu os gigantes.

E de feito quando o genio do homem concentra toda a sua actividade, toda a sua energia sobre a ma-

teria, quando a acirra de alguma sorte com o sopro de sua vida divina, torna-se como um gigante! Mas é então que na ebriedade de seu triumpho se crê deus; não mais ergue para o ceo os olhos agradecidos; volta-se para sobre si mesmo; encarna-se cada dia mais na materia, cuja massa acaba de alguma sorte pelo absorver. Não tarda que se pronuncie uma reacção espantosa. A materia, tornada rainha, enerva e subjuga seu rei! Escravidado, embrutecido pelos sentidos, o espirito perde todo o seu ardor! a sciencia extingue-se! a industria fenece! e a barbaria recomeça!

E não será fóra de duvida que a civilisação do XIX seculo se não é, materialmente fallando, a barbarie, toca já pelo menos nas suas fronteiras?

O que se passa n'uma estação de caminho de ferro, a locomotiva com o olho flamejante e sangrento, o fogão incandescente, as torrentes de vapor que se escapa assobiando, ou antes mugindo e rugindo, não será a barbarie? Essas longas fiadas de vagon, rapidos como a flecha, que um descarrilamento imprevisto ou calculado despede algumas vezes violentamente esmagando uns contra os outros, ou que a ruptura de uma ponte precipita no abysmo, não serão a barbarie? E não será barbaro esse comboio da mala-posta de Londres ou das Indias, que ao vel-o passar causa vertigens, e vos penetra de terror até á medulla dos ossos? Não é possivel sem uma barbarie requintada condemnar milhares de empregados, mecanicos, fogueiros, guarda-freios, conductores, a permanecerem por tres dias e tres noites de pé sobre a locomotiva, sempre inquietos, sempre desasossegados, sempre esmagados ao peso de uma responsabilidade terrivel? Não será barbaro ter as estações abertas aos domingos e dias de festa, a todos os comboios de viajantes e de mercadorias, a todos os carros de grande e de pequena velocidade, sem jamais interromper os serviços nocturnos, que impõem a tantos

operarios mal retribuidos tão longas e penosas vigílias? Não serão barbaros esses interminaveis tunneis de doze a quinze kilometros de comprimento, abertos á força de braço, de tempo e de dinheiro atravez dos Alpes, e que podem tornar-se a cada instante o tumulto dos carros que por elles se mettem?

Barbaros são esses vapores enormes atulhados de passageiros, em numero por vezes superior a mil e quinhentos, condemnados a atravessar o Oceano atravez de espessas brumas, assaltados por violentissimos furacões, escoltados por blocos immensos de gelo, em risco de irem despedaçar-se contra os rochedos, ou de cahirem uns sobre os outros em collisões espantosas. Barbaros esses monitores, esses navios couraçados, verdadeiros monstros marinhos, com sua armadura de ferro de trinta e cinco a quarenta centimetros de espessura, suas torres cobertas de aço, seus canhões de cem a duzentas toneladas, com seu centro de gravidade tão elevado, sua instabilidade tão grande, que basta o menor abalroamento de um outro para os metter a pique com seus exercitos de marinheiros e soldados. Barbaras essas couraças de cincoenta, sessenta, setenta, e oitenta centimetros de espessura, que desprezam as balas de peça de oitenta, cem, cento e vinte toneladas! Sim, barbara. ultrabarbara a lucta encarniçada e interminavel da bala que forceja por atravessar a couraça e da couraça que desafia a bala, lucta que provocou este dicto de um grande poeta: «Quando se houverem descobertas couraças capazes de cuspir todas as balas, fabricar-se-hão balas capazes de furar todas as couraças!»

Barbaras essas collossaes industrias do vidro, do ferro e da hulha, com suas immensas torrentes de metal liquido inflammado, que se diriam torrentes de lava enfurecida! Barbaros esses blocos enormes de ferro incandescente que torram os homens que os puxam para os lançarem em pabulo aos laminadores e aos martel-

los! Barbaros esses martellos-pilões que fabricam arvores de ferro da grossura do tronco humano! (A massa activa do martello-pilão exposta pelo Creuzot \* no Campo de Marte pesava oitenta toneladas, oitenta mil kilogrammas! A altura da queda do pilão era de cinco metros! Esta altura de queda multiplicada pelo peso de 80,000 kilogrammas dá um trabalho de 400,000 kilogrammas! \*\*) Barbaras essas ondas de grandes faúlhas, mensageiras do incendio! Barbaras essas planicies outrora verdejantes, hoje devastadas e nuas, despojadas de seu minerio de ferro e de carvão, listradas noite e dia de fogos lugubres, cobertas de nuvens sinistras e de fumaradas empyreumaticas! Barbaros esses poços de quatro mil metros de profundidade, para onde convergem vastas e compridas galerias subterraneas, periodicamente invadidas pelo hydrogenio carbonado, agente cruel de formidaveis explosões, que estalam quando menos se espera, e fulminam toda a população operaria lá sepultada, pela maior parte amparos de numerosa familia! Barbaras essas machinas a vapor cada vez mais monstruosas das fabricas, dos navios e dos vapores! Uma das machinas de um navio a vapor expostas no Campo de Marte, attingiu a fabulosa cifra de 8,000 cavallos-vapor!

Barbaras, barbaras as exigencias e arrebatamentos da civilisação que tornam as cidades todos os dias desconformes! Quem se não tem sentido perdido, aniquilado, despojado de sua personalidade, vagabundo, desolado como o homem que perdeu o seu reflexo ou sua sombra atravez d'esses omnibus, d'esses tramways, d'es-

---

\* Povoação industrial importante do departamento do Saone-et-Loire.

\*\* O A. quiz de certo dizer o trabalho de 400,000 kilogrammetros.

ses trens de praça, d'esses mil vehiculos de toda a especie, que sulcam as ruas de nossas grandes cidades? Hoje não se pode ir de um passeio da rua a outro sem perigo de vida. Já se crearam refugios; não tardará que seja preciso estabelecer pontões. Um jornal parisiense estygmatisa esta barbarie em termos mui espirituosos: «Ao canto das ruas mais frequentadas, taes como as de Montmartre, Richelieu, etc., é costume que os guardas da paz façam passar, alternativamente, uma fornada de peões e outra de carruagens. Acontece porem algumas vezes que os guardas esquecem completamente a infantaria, de sorte que esta não pode desembocar senão quando o desfilar da cavallaria está inteiramente acabado, o que é mui pouco agradável para os infelizes peões.»

Barbaras essas admiraveis avenidas, delicias dos parisienses e dos estrangeiros, onde passeavam ou respiravam á vontade, hoje porem impedidas e sulcadas por milhares de linhas de tramways, cujas cornetas ensurdecedoras reboam com enfadonho estalejar!

Barbaras essas estações do caminho de ferro dos suburbios, onde milhares de homens, mulheres, e creanças esperam apinhados o signal da sahida. Todos estremecem de alegria ao ouvirem o silvo da locomotiva! Mas esta alegria converte-se em desespero, quando se sabe que o trem vai já trasbordando de passageiros!

Barbaras essas caudas interminaveis condemnadas a esperar debaixo de chuva, gelo ou neve, a abertura dos postos onde se vendem bilhetes (*quichets*) de theatros, salas de concertos ou de outras publicas reuniões. Mais barbaras ainda essas longas fiadas humanas, acotovelando-se, no fim do cerco, em redor das casas de distribuição para obter passada meia hora, uma hora de espera, alguns bocados de pão negro ou de carne com uma gota de vinho!

Barbaros esses armazens immensos do Louvre, da

Bella Jardineira, da Ponte Nova, do Bom Mercado, etc., onde tudo se remexe de alto a baixo, onde ha demoras iutermineaveis, etc., etc., e que occasionaram a ruina de grande numero de pequenas industrias de que viviam honrosamente seus pacificos possuidores.

Barbaros esses hotéis continentaes onde a ordem está na fusão e na confusão!

Barbaros, barbaros esses grandes cafés, transformados em cidades permanentes, onde se passa o dia e uma parte da noite cavaqueando sempre, fumando sempre, bebendo sempre!

Barbaros esses *restaurants*, onde comem esbaforidos, fascinados, aturdidos milhares de convivas!

Barbara essa Bolsa estonteante, onde os gritos tumultuosos de compra e venda, de alta e baixa, se cruzam selvagens em todos os sentidos, e onde desaparecem de repente tantas fortunas!

Barbaros esses bancos nacionaes, aos quaes um só desfalque pode subtrahir dezenas de milhões sem darem por isso, ou sem d'isso se queixarem!

Barbaro esse ardor irresistivel que rouba os habitantes dos campos a suas tranquillias choupanas e os golfas nas cidades para os empilhar nas fabricas, nas officinas, nos armazens, nos canos de esgoto!

Sim barbara, cem vezes barbara essa civilização excessiva, insensata! O velho Boileau achava já barbara a Paris do seu tempo. De certo fugiria horrorizado da Paris do decimo nono seculo.

Mas todas essas barbaries que apenas bosquejamos são barbaries materiaes, necessidades fataes dos tempos, consequencias forçadas do progresso, inspiradas, realisadas pelo espirito de insurreição, por obras de genio que fazem a maior honra á humanidade. São duras, extravagantes, mas são boas em si humanas. Ha outras barbaries moraes, necessidade tambem dos tempos, que não são essencialmente más, mas que nem por

isso são menos desastrosas. Por exemplo, barbaros moralmente os exercitos permanentes, o serviço militar universal que arranca, e por cinco longos annos, ao lar domestico, o melhor das populações, para o condemnar á caserna, á vida dos quarteis, com suas consequencias homicidas. Sim, barbaras são essas leis draconianas que votam quinhentos mil homens jovens e vigorosos, (\*) na maior parte arrancados á agricultura, a mais fecunda, a mais salubre, a mais morigeradora de nossas industrias, não ao celibato propriamente, mas á libertinagem!

Attentado material contra Deus e contra a humanidade.

Mais barbaro ainda esse ardor de nossa juventude pelas funcções assalariadas da centralisação e da *burocracia*. E' a quem mais desertará de sua aldeia natal! E' a quem mais abandonará sua pequena cidade natal, desgostoso do commercio a retalho, monotono, mas honesto, e que proporcionaria uma existencia modesta. Não, isso não basta, é preciso correr para as capitais da provincia, ou para a capital do reino, e viver estiolado no seio das grandes repartições, na meia ociosidade da uma vida deleteria. Quem ignora ah! que as sanguessugas do Estado, como todos os seres parasitas,

---

(\*) 500 000 homens diz o A., 12.600.000 deveria dizer e só para as cinco grandes potencias continentaes da Europa!

E promptos a avançar, a despedaçar-se, a servirem de alvo ás Chassepot, ás Krupp ás metralhadoras, e a outros tantos instrumentos de morticínio e destruição! E tudo isto em nome do progresso, da civilisação e da paz! mas é do progresso sem Deus, da civilisação materialista e pagã, já infamada pela historia, da civilisação sem Jesus Christo, o unico que pode realmente dar a paz, a liberdade, a fraternidade, o unico que pode enfrear a força, as ambições da conquista, os odios entre as nações, e preparar a victoria do justo, o triumpho do direito!

são não só seus servidores os mais inúteis, mas os seus maiores inimigos ?

Mais desoladoras talvez outras barbaries, para vergonha da sociedade moderna em geral, da sociedade franceza em particular, são essas que eu denominei *peccados a sangue-frio*: o trabalho do *domingo* que torna as nações athêas; o descanso á segunda-feira que leva ao seio das familias a tristeza e a ruina; o esquecimento voluntario dos preceitos da Egreja, da abstinencia e do jejum, preceitos aliás muito hygienicos, e de boa economia publica; o beneficio illicito sobre o preço das compras e vendas em prejuizo dos amos, indelicadeza requintada que suffoca na alma dos creados todo o sentimento de honestidade; a alteração dos pesos e medidas; as falsificações e as sofisticaciones de todos os artigos alimenticios, e outros semelhantes crimes de lesa-humanidade!

Enfim, e sobretudo a violação das leis que devem presidir á união do homem e da mulher, crime abominavel, lucta horrenda do calculo atheu contra a religião, a razão, a natureza e até a propria paixão, fonte ruinosa de uma infinidade de males, cancro devorador no coração da nossa querida França, a quem prepara activamente sua queda proxima. Ha ainda um factio incontestavel que devemos consignar aqui, e que prova até á evidencia a barbarie da civilisação. Hoje na Europa, onde sobe ao seu acume, não se diria que a grande occupação do homem é attentar contra a sua vida? Mata-se pela sêde das grandezas, pelo afan dos negocios, pelas preoccupações da industria e do commercio, pela demora quasi habitual nas atmospheras empestadas dos theatros, dos cafés e tabernas por dansas effrenes que se prolongam noite inteira, pelo abuso do tabaco e das bebidas alcoolicas, e sobretudo pelo absinto; pela paixão dos cavallos e das corridas,



pelas exaltações do jogo, pelos attentados directos contra a propria vida que se vão multiplicando em proporção assombrosa.

E essas doenças terriveis, quasi desconhecidas n'outros tempos, que ceifam á sua parte mais de metade das victimas da morte! A syphilis, os abortos, as febres puerperaes, o garrotinho, a febre typhoide, a anemia, a chlorose, a phtisica pulmonar sobretudo, á qual de boa vontade chamaria o sello da besta, o passe de morte da civilisação. Um celebre medico inglez urdiu a historia da etiologia e como a theoria das *doenças dos tempos modernos! Diseases of moderne life*, pelo doutor Richardson in-12, 520 paginas Londres, Mac-millan, 1875.

Mais uma palavra da civilisação comparada das nações latinas e das nações germanicas ou anglo-saxonias, por outras palavras, das nações protestantes e das nações catholicas. As nações catholicas avantajavam-se outrora sem a menor duvida ás nações protestantes. A Italia, a França, a Hespanha, Portugal tem na historia paginas de ouro.

Abraçavam ou possuíam o mundo inteiro, quando a Inglaterra, a Allemanha e a America mal tinham sahido as proprias fronteiras. Que haverá de mais surpreendente, do que a Hespanha de Philippe v, ou a França dos primeiros annos de Luiz xiv? E note-se que fora sua fé catholica, apostolica, romana o principal fautor da grandeza d'estas nações. Os povos, senhores do mundo, são sómente aquelles que porfiam em cumprir esta divina missão: «Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as e ensinai-lhes a observar os meus preceitos.» Ora o apostolado da fé e da civilisação, já o provámos á saciedade, é o caracteristico do genio catholico, está acima das forças do genio heretico ou scismatico. O apostolo deve ser sancto; ora o inglez, o allemão, e o anglo-saxonio protestantes não tem no mesmo grau das nações latinas o sentimento da sanctidade.

Gabam-se até de nem a tanto aspirar !

Mas os tempos vão mudados ! Se as raças latinas dominaram no passado, perderam o imperio do presente e mais ainda do futuro. No fim da guerra de 1870, o Germano na embriaguez da victoria gritava á nossa bella França : «Teu reinado acabou, o meu começa ; as raças latinas tiveram sua epocha, as raças allemãs vão apparecer transfiguradas, o futuro pertence-lhes!» Quando isto acontecesse, quando esta inferioridade actual fosse um facto, não se poderia manejar como arma contra a religião catholica. Porque é evidente pelo contrario que se a Italia, a França, Hespanha e Portugal tem deixado de occupar a primeira plana entre as nações, é porque perderam o espirito catholico. Pela fé conquistou a Hespanha o novo Mundo e as Philippinas. Portugal, as Indias e o Brazil ; a França, uma parte da America e do Canadá. Hoje com o espirito catholico essas mesmas nações perderam o sentimento da auctoridade, da auctoridade religiosa, da auctoridade politica, da auctoridade civil, da auctoridade domestica, e uma tal perda é a causa de sua decadencia. (\*)

---

(\*) Quanto a nossa infeliz patria é o exemplo frisante, vivo e eloquente d'esta bella critica historia ! Que povo houve jamais tão livre, tão feliz e tão glorioso, como o portuguez na epocha dos primeiros reis da segunda dynastia ? A essa epocha tambem pertencem os tempos heroicos da fé catholica, os formosos dias do Grão Mestre de Christo, o immortal Infante D. Henrique ; n'essa tela se destacam as figuras mais acabadas de portuguezes ou melhor são os dias da juventude do Portugal Cavalheiro *sans peur e sans reproche* ! Com as riquezas do Oriente vieram-n'os o luxo, a preguiça, a corrupção, a degenerescencia dos caracteres, os erros de administração, a superstição nos sentimentos simples e candidos do christianismo ; ao mesmo tempo entravam-nos as fronteiras os judeus semitas, que haviam de empolgar nossos bens pela usura e minar a fé e os costumes christãos pela descrença e pelo viver de um sensualismo reles, baixo, sem ideaes ; mais tarde com as ideias philosophicas do XVIII seculo, a politica pagã, escravidante, tyrannica e desprezadora da humanidade do marquez de Pomal, seguida do falso liberalismo da Revolução franceza.

As nações latinas, mórmente a França, possuem todas as qualidades de um conquistador. São a um tempo corssel, torrente, rio. Ora para que levem não a morte, mas a vida, é mister que a torrente haja cavado seu leito profundamente, que o rio tenha seus diques, e o corssel um freio.

O genio das nações latinas e mais do que qualquer outro o genio francez, é ao mesmo tempo razão, logica e acção; e se lhes inoculardes as theorias revolucionarias ou philosophicas, suas qualidades nativas volver-se-hão energicos disolventes. Em quanto que para os espiritos mais tardios e mais brancos das raças anglo-saxonicas ou germanicas, estas doutrinas podem ficar por muito tempo no estado de theoria sem entrar na practica, erros antes do que crimes.

Que será pois necessario para restituir á França, á Hespanha, á Italia e a Portugal, a paz, a prosperidade e a grandeza? simplesmente, eu não direi aniquillar, nem mesmo converter, mas tornar impotentes para o mal em Hespanha cem, em Italia duzentas, em

---

Hoje anarchia na politica, não ha ideias, nem crenças, nem partidos; anarchia moral nos caracteres, porque a moral do positivismo é triste e abafada como o ambiente de um sarcophago, e essa moral é da maior parte dos homens dirigentes do espirito publico; a anarchia economica, resultado de esbanjamentos, de augmento louco por parte dos governos das classes inactivas e do funcionalismo, de melhoramentos materiaes precipitados e já em parte improductivos, da imprevidencia dos nossos financeiros, imitadores atoleimados do systema de Law; da falta de protecção directa á nossa agricultura e industria; anarchia no bello campo catholico, onde o clero e os fieis seculares subordinam os interesses da Igreja e do christianismo aos seus proprios interesses. Qual será o resultado final de todas estas anarchias? A historia tem escripto mais de um epitaphio, e no tumulto de povos mais antigos; mas tambem tem presenciado e aplaudido a resurreição de outros. Oxalá que este novo Lazaro resurja á voz de Deus para brilhantes destinos!

*N. do T.*

França quinhentas, ou talvez um milhar de más vontades!

Façamos um confronto directo entre as raças latinas e as raças germanicas.

A superioridade intrinseca das raças latinas é evidente.

Os solos da França, da Hespanha, de Portugal, da Italia, bastam e com muito para a subsistencia de seus habitantes.

O ceo é lá puro, clemente, o clima temperado, a atmospherá amena. A carne, o peixe, o trigo, o vinho, o azeite, o mel, o assucar, todos os artigos de conforto abundam. A necessidade imperiosa da emigração não as dizima annualmente.

O meio ou o elemento do genio allemão é a nuvem, sonha!

O meio, onde vive o genio inglez, é o nevoeiro, enoja-se! O meio do genio francez, é o sol, opera! O meio do genio italiano, é o ar, canta! O meio do genio hespanhol, é o ceo, ora!

Estudemos de mais perto as nações protestantes, e vejamos o que é no fundo sua pretendida superioridade.

A Inglaterra. Um poeta, o snr. marquez de Jouffroy, disse da Inglaterra com muita razão:

Salve, fria Albion, terra d'industria, d'um povo mecanico insipida patria; tua obra prima a meu ver é o navio a vapor, que me permite fugir-te apesar da vaga em furor.

*O paiz.* O solo de Inglaterra mal produz o indispensavel para a vida, seu clima é triste, a bruma está ali como em sua casa. Encerrados em sua ilha fria e humida, onde a abordagem é sempre com perigo, os inglezes estão condemnados a ir buscar ao longe o conforto e a alegria.

*A religião.* Como nação a Inglaterra é christã. Or-

ganisa missões, mas sem apóstolos. Espalha profusamente biblias, *tracts* religiosos. Mas individualmente falando, não tem fé, ninguém ora. Reparai no inglez que vae á Judeia; lá se dirige na mesma attitudo formalista, com que vae aos seus negocios; mas vê-se, palpa-se, que não pensa n'aquillo.

Entrando no templo, occulta por um instante o rosto no chapeo, assenta-se, eis tudo!

Quanta verdade n'este remoço

...E riré sempre  
d'este povo devoto uma vez por sete dias

*Sua riqueza.* O grande afan da Inglaterra é tudo quanto ella crê poder enriquecê-la, o consummo com suas crises desastrosas, a grande industria com suas greves ruinosas, a colonisação com a emigração e suas innumeraveis victimas.

...Um homem baixou á terra!  
Mas que importa? ao commercio lá vai mais uma  
tonellada de ferro!

Em Londres, diz o sr. J. Pecchio, em logar de dizerem que tal individuo emprega tal numero de operarios, dizem commummente que tal numero de *hands*, i. é, braços, como se os obreiros fossem simples machinas ou escravos, sem cabeça, sem coração, sem alma, o que é realmente assim. « Eis aqui como nossas cidades populosas, dizia o douctor Pusey, nossos portos, nossas minas, nossas fabricas estão mergulhadas em profunda desolação; salvo a suspensão das penas são typos do inferno. »

A Inglaterra é rica, muito rica, mas esta opulencia territorial ou commercial é o privilegio exclusivo, quer de um pequeno numero de familias aristocraticas que

a apostasia da fé catholica e o favor de Henrique VIII tornaram senhores absolutos do solo, quer de algumas personalidades em evidencia, cujos milhões de libras esterlinas fazem um excellente contraste com a extrema penuria das multidões que os enriquecem com suas fadigas, suores, lagrimas e sua extenuação.

Em Londres, o numero de individuos reduzidos a extrema pobreza, a miseria espantosa, é incalculavel. A estatistica official accusa um indigente por cada oito habitantes; pode dizer-se que ha um para quatro! Mesmo no tempo ordinario, milhares de operarios ficam sem trabalho, e os desgraçados *leave men* vivem a ceo descoberto de immundicies e da rapinagem. O publico é informado todos os annos de que milhares de habitantes morrem de fome. Em tempo de crise é bem mais medonho ainda.

Para referir um factó de entre mil outros: Em 1857, grupos mui numerosos de operarios percorriam a rua Oxford, gritando a cada instante com voz sepulchral: *All out of work!* (todos sem trabalho!); *All starving!* (todos a morrer de fome!) E lá iam cruzando as ruas da cidade, e gritando sinistramente: *Woe! Woe!* Maldição! Maldição!

E o que ha de mais triste, e horrivel é que o pobre inglez é esse pobre soberbo que Deus tanto aborrece! Todos esses mendigos, inclusivé aquelles que apparecem todos os dias mortos sobre as calçadas das ruas, tem seu chapeo, seu chale e vestido com guarnições.

Como consequencia natural d'esta horrivel miseria, o vicio não se occulta, escancara-se impudente, não só pelas ruas tortuosas da cidade, mas até nas mais espaçosas e illuminadas. A prostituição tem tomado proporções verdadeiramente assustadoras.

Muito embora a taxa dos pobres seja um imposto extremamente oneroso, os soccorros dados aos indigen-

tes são irrisorios. Os habitantes, ou melhor os presos das Works-Houses estão empilhados em logares apertados, mal arejados e infectos. E jamais esses infelizes, ainda quando soffrendo de graves enfermidades, tem a esperança de receber os carinhos de uma irmã da charidade! E' que em Inglaterra a charidade é uma palavra sem sentido; o que a substitue com a heresia é a mais glacial philantropia.

*Sua moralidade.* A cubiça, que é o vicio commum do povo inglez. O abuso das bebidas alcoolicas é geral nas diversas classes da sociedade. As proprias mulheres, mesmo as da alta sociedade, enfermam de amores pelo gin. Veem-se todos na necessidade de ter creadas muito novas, porque aos trinta annos a temperança é excepção rarissima.

Em Glasgow, dez mil individuos se embebedam todos os sabbados á noite, logo depois da feria, e ficam n'este estado domingo, segunda-feira e ás vezes terça-feira. N'essa mesma cidade, anda por vinte mil o numero das mulheres presas por bebidas e a tal ponto, que não podem ter-se em pé. Em Edimburgo, cidade aliás puritana, foram creados vastos estabelecimentos, onde se põem por obra em larga escala a arte de perderem a razão por um penny, trinta reis. Quaes são as consequencias fataes d'estas abominaveis estatisticas? A mais profunda miseria, a promiscuidade dos sexos, a loucura e o crime! A alienação mental, causada pela embriaguez, attingia ha annos esta proporção formidavel: sobre 1271 orates, cujos antecedentes puderam ser conhecidos, 649, i é, mais de metade, tinham perdido a razão por causa das bebidas alcoolicas. Na classe indigente, é bem peor ainda! Os dois terços de inglezes pobres são intemperantes.

*A probidade.* Em 1834, já a *Revista Britannica* apresentava a seguinte estatistica dós roubos commettidos n'esse anno: Furtos por domesticos 17.000:000; roubos

sobre o Tamisa, 12.000:000; roubos nas dokas e nas vias publicas, 13.000:000; roubos por moeda falsa, 5.000:000; roubos por falsos bilhetes de Bancos, 4.000:000. N'aquelle anno a cidade de Londres contava 1.200:000 habitantes, era portanto um imposto de 43 francos, 75 c. por cabeça. E note-se que n'esta bonita estatística ainda ficam de parte os furtos de caixeiros! O que dariam as estatísticas de 1890 ou 1891!

*A familia.* O *Jornal dos Debates*, aliás grande admirador de Inglaterra, não pôde deixar de dizer certo dia que se houvessemos de fazer juizo por aquillo que transluz cá fóra, sem devassar o lar domestico, tinhamos de concluir que quasi todos os maridos inglezes batem nas mulheres.

Na sessão de 1853, o snr. Fitz-Roy dizia em pleno parlamento: «Não se podem ler os jornaes sem um sentimento de horror, tão numerosos são os exemplos de tratamento brutal infligido ao bello sexo por homens, cujas atrocidades nos deveriam fazer córar. As mulheres são vendidas pelos maridos, os filhos pelo pai e pela mãe; ha mercados publicos, onde as creanças dos dois sexos são offerecidas a quem mais der.»

*A justiça.* Em Inglaterra não ha codigos, ninguem pode gabar-se de saber as leis. A magistratura ingleza é fartamente remunerada; ha juizes que vencem o ordenado fabuloso de setecentos e cincoenta mil francos. O presidente do tribunal do Banco da Rainha vence dois milhões e quinhentos mil francos; e em parte alguma do mundo a justiça corre mais lenta e ruinosa. O mais insignificante processo, julgado no supremo tribunal de justiça, custa ao que o ganha a bagatella de quinhentas libras sterlinas ou doze mil francos! Nossas Irmãs do Bom Socorro de Angers, estabelecidas em Hammers-Smith, foram accusadas por uma rapariga que estivera na má vida, de sevicias, porque a obrigavam a levantar-se ás seis horas da manhã! Não são



condemnadas, mas as custas do processo importaram-lhes em doze mil francos. Um processo de falsificação por mais bem fundado que seja, arruina aquelle que ousar intental-o.

No tribunal supremo, a Chancellaria, as causas correm tão morosamente e as despezas montam a uma conta tão fabulosa, que só o fallar em Chancellaria causa calafrios. E' um antro devorador, d'onde se não pode sahir desde que para lá se entrou. Já é!

Evidentemente as nações latinas ou catholicas nada tem a invejar á Inglaterra, debaixo do ponto de vista do bem estar, dos costumes, das leis e instituições. Considerada de perto, tudo quanto podia seduzir ou enganar o olhar do observador pouco attento, perde muito.

Digamos ao terminar com Montesquieu: « Causa admiravel! a religião christã, sobretudo a catholica, que parece não ter outro objecto senão a felicidade da outra vida, faz ainda a nossa ventura n'esta. » (*Espirito das Leis*, cap. xxiv, pag. 33.)

*A Allemanha.* Quanto á Allemanha, limitar-me-hei a resumir um pequeno trabalho que publiquei com este titulo — *O povo-rei do futuro.* — No começo revestiu a forma de uma conferencia dada no salão do Grande Hotel de Pariz em plena guerra de 1870.

A Germania grita: « As raças latinas passaram, soou a hora das raças germanicas, d'or'avante serão o povo do futuro. » Vejamos o que ha de verdade n'estas aspirações insensatas... A força de um povo, o que o unge como rei do futuro é seu genio. O ponto de apoio da força ou do genio é o solo. O instrumento da força e das conquistas do genio é a lingua. Ora a Prussia, embora representasse toda a Allemanha, não tem o genio, nem o solo, nem a lingua que dão a força. Comecemos pelo solo.

*O solo* allemão é impotente para alimentar seus filhos.

O que respondia o sr. de Bismarck áquelles que lhe increpavam o sacrificar tresentos mil homens ao ciume odiento que tinha á França? «Tresentos mil homens! é isso o que a Allemanha arroja cada anno nas fauces da hydra da emigração!» Quantos hespanhoes, francezes ou italianos contaes na Allemanha? Pouquissimos! E esses raros emigrados morrem lá de aborrecimento! Quantos prussianos contaveis antes da guerra em França? milhares d'elles, centenas de milhares d'elles.

E que faziam entre nós esses milhares de prussianos, de allemães? tudo aquillo que nós não queremos fazer. A França extrahiu de seu solo em menos de dois annos os cinco milhares de milhões de francos de indemnisação da guerra!

A Allemanha enguliu esses cinco milhares, e já solta gritos de angustia nas garras da crise financeira!

*O genio.* O futuro pertence ao genio de invenção; ora o genio allemão não inventa. Avanço mais, não crê, ou crê difficilmente na possibilidade da invenção. Isto é tão verdade, que na Prussia — e é uma anomalia tão revoltante, que tem mil vezes feito desesperar nossos inventores francezes — é quasi impossivel obter a sancção de uma descoberta estrangeira.

A Prussia não tem realmente inventado ou melhor fabricado senão a peça Krupp, monstro ingente, informe e horrendo! E já que fallámos n'elle, não o deixemos sem dizer — o que prova eloquentemente a barbarie da civilisação do xix seculo — é que a peça Krupp rende a seu auctor a bagatella de dois milhões de francos annuaes, e que paga ao Estado de contribuições mais de 70,000 francos.

Mas os allemães são sabios! E' certo que contam sabios de primeira ordem. Porem esses sabios de primeira ordem, os Jacob, os Gauss, os Dirichlet, não eram da raça germanica, pertenciam á semitica. E os

outros são sabios a seu modo, sabios terra a terra, á maneira dos eruditos. Estabelecem e analysam pacientemente os factos, á caça meuda. O espirito allemão habita demasiadamente a região das nuvens e dos fumos do tabaco, vive muito de sonhos. E o reino do sonho é um reino ephemero, de illusões.

Por isso é de sua feição desvanecer-se nos proprios pensamentos, e assim precipitar-se em todas as enormidades do erro. Vêde Kant, Hegel, Fichte, Feuerbach, Strauss! Devem todo o seu prestigio ás nuvens em que se envolvem. Suas mais famigeradas theorias são negações delirantes. Para elles as sanctas e grandes cousas, Deus, Universo, não são de certeza objectiva; não são realidades distinctas do espirito que as concebe. Atrevem-se a affirmar que seu pensamento produz Deus, o Mundo, a Sociedade. Sonhos, abstracções puras, e por corollario d'estes sonhos e abstracções o desespero e o nada! E' o espirito prussiano no maximo da sua força!

*A lingua.* A lingua allemã é uma lingua riquissima, philologicamente, ousada na composição, original e até extravagante na grammatica, como se receasse que comprehendessem muito depressa o que ella quer dizer. Mas de nenhum modo é a lingua do apostolado e do ensino. Não é mesmo uma lingua popular; fica fatalmente ignorada da maioria d'aquelles que a falam quasi tanto como o chinez!

E' que na realidade a lingua allemã não está feita, está e estará sempre por fazer.

Aprehendel-a-hão por necessidade, hão de a falar por força das circumstancias, mas logo que for possivel será posta de parte...

A minha these está provada até á evidencia: o solo, o genio, a lingua das raças germanicas não caracterizam de modo algum o povo do futuro. A Prussia tão arrogante, é bom ou mau grado seu, o que tem sido n'estes ultimos annos, o flagello de Deus que ha de

acabar, a força que se ha de exaurir, a vergasta que se ha de quebrar.

A supremacia no futuro, como no passado, pertencerá, quando tiverem expiado seus desvarios, quando tiverem sacudido o jugo de uma audaciosa minoria, ás raças latinas, e entre estas á raça franceza, á França.

E que diríamos se eu tivesse invocado em favor de minha these os symptomas de decomposição, digamos antes, de barbarie que resumam de todas as partes da Allemanha? A invasão do socialismo, a exaltação das reuniões populares, a emancipação das mulheres, o abandono da egreja nacional, o despreso dos ministros do culto, ou seu isolamento das massas, os vicios que trasbordam, o pauperismo que augmenta a olhos visto, o exaurimento das caixas do Estado, etc.

E' um grito universal, o de que os perfumes de Berlim ameaçam supplantar os de Paris, Londres e New-York, etc,

OS ESTADOS-UNIDOS. Quanto mais assustador não seria o quadro comparativo das raças anglo-saxonicas, se eu tivesse confrontado as raças latinas com os Estados Unidos da America do Norte! Este povo, cuja independencia data apenas d'ha um seculo, já attingiu os requintes da mais avançada civilisação. O deus *dollar* reina como soberano senhor sobre todas as classes da sociedade.

Quando se pedem informações ácerca de alguém, não se pergunta, como na Europa, se tal pessoa é honrada, mas se é habil, *smart*? Isto diz assaz que entre os americanos a moral pouco vale. Tem pela vida um desdem absoluto, como se d'ella fossem senhores. Dois capitães de navios encontrando-se em um d'esses bellos rios que sulcam magestosamente a America em todos os sentidos, não sentirão o menor escrupulo em sacrificar cem ou duzentos passageiros só para terem o prazer de deixar atraz o navio rival.

Practicam á lettra o que encerra esta phrase de Bonaparte: «Os homens não são nada, os minutos são tudo.» Assim é que entre elles não ha crenças!

Aos doze annos vereis um adolescente gravemente assentado ao mostrador, falando e respondendo com os modos de um homem de quarenta annos. Os americanos não vivem, queimam a vida. O sentimento n'elles está morto; só são capazes de sensação. A justiça é vernal; e bastas vezes a corrupção dos juizes tem sido desmascarada. A instrucção é por atacado; a educação viciosa. Que pensar de feito d'esses vastos collegios, onde os dois sexos frequentam os mesmos cursos, e junctamente se recreiam? A caridade não existe lá. Nada mais frequente do que encontrar de manhã estendidos nas ruas muitos infelizes mortos de fome. E se desapareceu a vergonha da escravidão, depois de uma guerra de exterminio, não foi isso resultado de melhores sentimentos nos estados do Norte, do que nos do Sul, seria erro grosseiro. Foi a politica a que determinou a attitude tomada pelos estados do Norte. E esse horror dos filhos que todos os dias medra no seio das classes abastadas! E esses innumeraveis abortos practicados insolentemente por proxenetas millionarios recostados faustosamente em *landaus* puxados a seis cavallos!

O que ha de salvar a joven America da decadencia absoluta é seu respeito pela liberdade religiosa. Graças a esta tolerancia de todas as religiões, o catholicismo arvorou altivo sua bandeira sobre essa verdadeira terra de licença, e á sombra de suas gloriosas prégas, tem vindo congregar-se todos os elementos de uma regeneração proxima, d'esses bellos e grandes Estados, cuja população multicolor tanto se parece com a da cidade fundada pelos filhos de Rhéa.

A EGREJA E O ESTADO.— O DIREITO QUE A EGREJA  
TEM DE POSSUIR.— O PODER TEMPORAL DOS PAPAS

*A Igreja e o Estado.* Que bello e proficuo não é o segundo psalmo de David, que eu nunca pude ler ou ouvir cantar sem um grande temor: «Porque fremem as nações, e urdem vãs conspirações? Porque se levantaram os reis da terra, e se colligaram os principes contra o Senhor e o seu Christo? Despedacemos os laços que a elles nos prendem, e atiremos para longe de nós seu jugo! Aquelle que habita os ceos rirá de sua revolta, o Senhor escarnecerá d'elles! O Christo falar-lhes-ha em sua colera, e seu furor os ha de confundir. Eu fui posto rei por Deus meu Pai sobre Sião e sua montanha sancta, para lhe intimar suas ordens. Elle disse-me: Tu és meu filho, eu te gerei (em teu nascimento humano, como te gerei no divino e eterno.) A petição tua, dei-te as nações da terra em herança, e tua possessão estender-se-ha até aos confins da terra. Governal-as-has com uma vara de ferro, e despedaçal-as-has como o oleiro despedaça (quando lhe apraz) o vaso (por elle moldado.) (Quer dizer, que tu serás para ellas salvação ou ruina!) E agora, reis, comprehendei (vossos deveres)! Principes, instrui-vos! Servi ao Senhor no temor, e que vossa alegria n'elle não ande separada de um certo tremor. Abraçai sua doutrina, com receio de que algum dia se não irrite, e de que surprehendendo-vos fóra dos caminhos da justiça, não vos faça perecer. Felizes aquelles que quando sua colera se inflammar de subito, tiverem posto n'elle sua confiança!»

Que sentença tão clara e tão terrivel! Não são sómente os individuos, mas as nações, os povos, os estados, os governos, que pertencem a Jesus Christo, que devem obedecer bom ou mau grado a Jesus Christo. E

como Jesus Christo transmittiu todos os seus direitos a sua Igreja, todas as nações, governos, Estados, soberanos devem pertencer á Igreja, obedecer á Igreja. E' o grande oraculo de Isaias e de David: «Elle dominará sobre todas as nações! Todas as nações o hão de servir!» Não é sómente aos particulares, é tambem ás cidades, ás nações, aos imperios, que se applicam estas palavras do Salvador: Aquelle que não é por mim, é contra mim! E o oraculo de S. Pedro: «Não ha salvação senão em Jesus Christo. Nenhum outro nome foi dado debaixo do ceo aos homens, pelo qual possam ser salvos.»

Jesus Christo na personificação de Jerusalem diz a todas as cidades: «Jerusalem, Jerusalem, quantas vezes quiz eu congregar teus filhos, como a gallinha reúne seus pintainhos debaixo das azas, e tu não quizeste!... Pois eis que todas as tuas casas te ficarão desertas, e serás calcada aos pés dos gentios!...»

Jesus Christo disse a todas as nações, falando a Corozain e a Bethsaida: «Maldição sobre ti, Corozain, maldição sobre ti, Bethsaida, porque não tendes feito penitencia, porque não tendes prestado ouvidos á verdade, apezar dos milagres brilhantes que em vós foram operados!»

As consequencias tiradas dos sanctos Padres, de toda a tradição, dos concilios, dos summos pontifices, falando *ex-cathedra* a toda a Igreja, são muitas e capitães; aqui apenas daremos d'ellas um resumo, extrahido fielmente e até nos proprios termos, do tratado dogmatico do R. P. Liberatore, S. J.: a *Igreja e o Estado*, Paris, Victor Palmé, 1877.

A Igreja é uma sociedade perfeita e suprema, não deve estar subordinada a nenhuma outra sociedade inferior.

Toda a sociedade deve submeter-se á Igreja. Para nada vem ao caso a differença entre as duas ordens de

sociedade, uma espiritual, a outra temporal. Em suas relações mutuas, esta diversidade implica para o Estado uma independencia relativa, mas não absoluta, nas cousas que por si mesmas se referem exclusivamente á vida presente. Mas nas cousas que respeitam directamente e por si mesmas á religião, á justiça e aos costumes, o Estado deve conformar-se com as prescripções da Igreja. Enfim mesmo nas cousas que são da sua competencia, o dever do Estado é nada fazer que seja prejudicial á moralidade de seus subditos e ao culto de Deus. E a Igreja tem o direito de corrigir e de annullar todas as disposições injustas e immoraes, que mesmo na ordem temporal foram tomadas. Haveria confusão da Igreja e do Estado, se a Igreja estivesse subordinada ao Estado; mas nenhuma confusão resulta da subordinação do Estado á Igreja: o corpo não se confunde com a alma, embora lhe ande subordinado.

Separado da Igreja, o Estado não pode attingir o proprio fim da sociedade civil.

A ordem natural deve ser subordinada á ordem sobrenatural, a natureza á graça, a vida presente á vida futura. A doutrina catholica não admite nem a supremacia do Estado sobre a Igreja, nem a independencia absoluta do Estado, nem mesmo a separação da Igreja e do Estado, porque toda a sociedade instituida para o bem do homem não pode abstrahir do que constitue o bem supremo da humanidade. E' mister ser demente para imaginar que tendo ambos sua origem em Deus, sendo o poder espiritual o mais nobre, possa estar sujeito ao poder temporal. A humanidade é um corpo unico, a Igreja é o corpo de Jesus Christo. Logo, muito embora no seu gremio existam diversos poderes, diversas magistraturas, é forçoso que todas ellas estejam subordinadas entre si, afim de que sejam d'algum modo reconduzidas á unidade.

Pelas palavras dirigidas a Pedro e seus successo-



res: «Apascenta minhas ovelhas,» os reis e os imperadores ficam como subditos sujeitos a Pedro, visto serem ovelhas do rebanho de Christo.

O governo temporal para ser justo e bom, deve ter uma regra espiritual, logo deve ser regulado pelo poder espiritual. Os papas, de seu lado, encarregados de reprehender e de corrigir os reis e os imperantes, não só como homens, mas tambem no exercicio de seu poder, devem dar a Deus conta por elles.

Taes as relações do corpo e da alma no homem, taes são tambem as relações dos dois poderes, temporal e espiritual, na Igreja. O poder espiritual não se intromette nos negocios temporaes, com tanto que os negocios temporaes se não opponham ao fim, que o poder espiritual deve conseguir, etc. Se as medidas temporaes forem necessarias para obter este fim, o poder espiritual pode e deve reprimir o poder temporal, e constrangel-o por todas as vias e maneiras necessarias. (Bellarmino, *de Romano Pontifice*, Lib. VI, c. VI.)

Estas palavras de Jesus Christo: «Como meu Pae me enviou, assim eu vos envio...! Foi-me dado todo o poder no ceo e na terra! ide pois e ensinai todas as nações!» assemelha o poder da Igreja ao poder de Deus, a auctoridade dos pontifices romanos á de Jesus Christo; logo estende-se a todos, aos individuos e ás nações, aos Estados e aos soberanos.

Como homem, o soberano deve servir a Deus, vivendo segundo a fé; como rei, deve servir a Deus pautando suas leis — governo em conformidade com a lei, sem jamais se subtrahir a sua subordinação para com a Igreja.

Esta subordinação espiritual não é nem exclusão nem absorpção dos poderes temporaes; pelo contrario enobrece-os e dá-lhes força.

No governo dos povos resgatados, Deus uniu o Estado á Igreja; e uma tal união deve ser mantida. Sem

a Igreja, o Estado moderno semelhar-se-hia a um cadaver.

Uma vez constituída a Igreja por Christo, dois poderes, o poder ecclesiastico e o poder civil coexistem; e suas relações mutuas não podem ser senão a subordinação do segundo ao primeiro.

Inventae systemas para destruir esta subordinação, não podem dar outro resultado que não seja excitar a guerra, e a guerra só pode acabar pelo triumpho do imperio que deve durar eternamente. Se o colosso tentar erguer-se de novo, lá irá a pedra cahida da montanha reduzil-o a pó! A Igreja é o reino de Deus sobre a terra, reino de que Jesus Christo, é o rei invisivel e seu vigario o rei visivel. Quando Christo declarou perante o presidente romano que era rei, não diz como adverte S. Agostinho: «Meu reino não é aqui, mas sim meu reino não é d'aqui! Meu reino não é n'este mundo, mas sim meu reino não é d'este mundo!» Porque realmente meu reino é n'este mundo, e ha de durar até ao fim dos seculos.»

O territorio d'este reino comprehende o universo. Em virtude do dominio universal e absoluto que lhe pertence, Jesus Christo conferiu á sua Igreja auctoridade sobre todos os homens, vivam onde viverem. Em vista do exposto, não será demencia qualificar de estrangeira a auctoridade do papa? Como será a cabeça estranha aos membros?

A falarmos com rigor, não é a Igreja que está no Estado, é pelo contrario o Estado que está na Igreja. De facto não é o todo que está nas partes, mas sim as partes que estão no todo. Ora a Igreja é um todo, uma sociedade universal, destinada a receber todo o genero humano em seu seio. A Igreja é catholica, universal; o Estado ao contrario d'isso é sempre limitado, quanto ao territorio, ás pessoas e ao poder.

Os juizos sobre causas espirituas, i é, aquellas que

dizem respeito á fé, á administração dos sacramentos, aos ritos, á moral, á direcção dos fieis na practica da virtude, de tudo quanto se refere ao culto de Deus e á salvação das almas, não cahem debaixo da alçada do poder temporal, mas pertencem exclusivamente á auctoridade da Egreja ou espiritual: verdade catholica, e porventura, diz Suarez, dogma de fé.

Por conseguinte: 1.º as *apellações como de abuso*, em virtude das quaes o magistrado leigo se arroga o poder de citar perante o seu tribunal e de julgar os ministros sagrados por actos de jurisdicção ecclesiastica e practicados no exercicio de seu ministerio, são uma usurpação inconsiderada.

2.º Outrotanto diremos do *Beneplacito regio* ou dos *Exequatur*, exigidos para a publicação e execução das bullas, breves ou sentenças emanadas da Santa Sé.

Todo o Estado catholico, ou todo e qualquer governo que representa uma nação catholica, está obrigado por esse facto a defender e a proteger a Egreja.

O grande erro do espirito moderno é o Naturalismo, ou a reivindicacção do supposto direito innato ou adquirido de viver na esphera da ordem de pura natureza, e de romper com a ordem sobrenatural, não se importando de modo algum com o vinculo necessario, posto por Deus, entre a ordem natural e a ordem sobrenatural. A natureza humana separada e isolada da Redempção, é apenas aquillo que na linguagem das sanctas Escripturas se apellida o mundo, do qual não é Jesus Christo, pelo qual Jesus Christo não ora, ao qual brada: Maldicção! do qual o diabo é pae, o principe e a cabeça; cuja sabedoria é inimiga de Deus; cujos caminhos vão dar aos infernos.

Pio ix, denunciou e condemnou aquelles que, applicando á sociedade civil o principio impio e absurdo do naturalismo, não trepidam professar que a melhor condição da sociedade civil e o progresso social requerem

absolutamente que as sociedades humanas sejam constituídas e governadas sem pesadellos religiosos, como se a religião não existisse, ou ao menos sem estabelecer diferença alguma entre a verdadeira e a falsa religião. (*Encyclica de 8 de dezembro de 1864.*)

Esta separação, diz o sancto pontifice, daria em resultado: obscurecer e obliterar a concepção e o sentimento do dever; substituir ao direito a força; conduzir á fatal theoria da Opinião publica e dos factos consummados; determinar a affirmação de que a sociedade domestica ou a familia tira sua razão de ser do direito civil sómente: que só da lei civil dependem todos os direitos dos pais sobre os filhos. D'onde se infere que a separação de Deus e da Igreja conduz fatalmente á negação do fim individual e á preversão do fim social.

*Direito de existir e de possuir.* — A Igreja, estabelecida por Jesus Christo debaixo da forma de uma sociedade publica e de um reino visivel, tem o direito de existir e de se desenvolver no mundo. Este direito, este dever de existir, de se conservar e dilatar, implica o direito ás cousas terrestres, necessarias para a manutenção da vida, e por conseguinte o direito á posse de recursos sufficientes para conservação de sua existencia em conformidade com seu fim...

O sacerdocio de todos os tempos, de todos os logares, tem exercido o direito de propriedade, e todos os povos tem considerado este direito como sagrado. A Igreja, ainda mesmo nos tempos das perseguições, possuía já importantes propriedades.

O concilio de Trento fulminou anathema contra todos aquelles, fossem imperadores ou reis, que por avareza, força ou ameaças, artificios, pretextos ou quaesquer outros disfarces, violassem ou usurpassem a propriedade ecclesiastica, debaixo de qualquer forma, bens, censos e direitos, emolumentos e rendas. (Sess. xxii, cap. xi.)

A Igreja, sociedade suprema de instituição divina, possui de direito divino e por conseguinte independentemente de todo o direito humano. Mesmo na qualidade de mera associação humana, tem o direito natural de possuir, de que não pode ser despojada, e cujo exercício não pode sem injustiça ser perturbado. O governo, usurpando os bens ecclesiasticos, ataca o direito de propriedade dos mesmos cidadãos.

*Festividades e concordatas.* — A obrigação de abstenção de obras servis nos dias de festa é essencial no seio das sociedades christãs, e com razão é sancionada pelo poder civil: não contradiz, pelo contrario affirma os principios de uma sã economia politica; o odio que lhe tem o naturalismo politico é no fundo impio e atheu.

A escola sem Deus e sem religião é para a juventude um mal grande; dá incremento e desenvolve as faculdades e os instinctos, sem indicar e regram-lhes o emprego, e entrega-os á usurpação facil das tendencias viciosas da natureza corrompida. O ensino deve ser necessariamente fornecido na dependencia e inspecção da Igreja.

As concordatas são uma legislação ecclesiastica especial, outorgada a um reino pelo mesmo pontifice, a instancias do chefe d'esse mesmo reino, e confirmada pelo compromisso tomado por este de a manter sempre. As concordatas, visto estipularem interesses sagrados ou espirituaes, não podem ser consideradas como contractos synallagmaticos. Alguns papas deram-lhes feição de contracto bilateral, mas esta forma não é essencial, é meramente accidental, de sorte que as concordatas nada perdem de sua natureza de simples concessões ou privilegios com obrigação de fidelidade contrahida pelo papa.

E' falso que no caso do papa, quando o bem da Igreja o exige imperiosamente, retirar no todo ou em

parte as prerogativas concedidas a um príncipe ou a um governo, este tenha o mesmo poder pelo que respeita ás obrigações por elle contrahidas em virtude d'essa mesma concordata. A razão de semelhança disparidade está em que o summo pontifice obra como legislador supremo, em quanto que o príncipe ou o governo permanece sempre subdito. O papa procede como chefe do povo, e o príncipe como seu representante.

*Immuniidade do clero.*— O clero é isento por direito divino da jurisdicção dos príncipes seculares, e só do soberano pontifice depende; tal é a doutrina formal da Egreja e dos concilios: «A immuniidade da Egreja e das pessoas ecclesiasticas, diz o concilio de Trento, foi estabelecida por disposição divina e pelas leis canonicas.» O concilio de Latrão dissera que a prescrevia o direito divino e humano. Esta immuniidade não obsta aliás a que não estejam sujeitos á obrigação de observar as leis civis indispensaveis á manutenção da ordem e da justiça na sociedade. Eis porque a immuniidade ecclesiastica é objecto especial das concordatas, vindo a um accordo os dois poderes supremos na medida, em que deve ser respeitada.

De todas as immuniidades a mais razoavel, a mais legitima e essencial, é a que isenta os ordinandos do serviço militar.

Abolir esta immuniidade é da parte do Estado uma injustiça flagrante, um sacrilegio, uma profissão de atheismo, um attentado contra o povo e scbretudo contra a população pobre, cujas esperanças estão todas nas mãos do clero.

*Immuniidade do Summo Pontifice.*— A immuniidade do summo pontifice é mais essencial ainda que a do clero, que ella suppõe necessariamente. Pertence-lhe essencial e absolutamente, e deve consistir n'uma perfeita independencia. O papa foi posto no fastigio supremo

da soberania: «Tudo o que ligares ou desligares sobre a terra será ligado ou desligado no ceo.» O juiz supremo e universal, o soberano dos soberanos não pode estar sujeito a nenhum tribunal, ou auctoridade; quer dizer que não pode estar sujeito a nenhum outro poder humano. «A primeira Sé, dizia o Concilio Romano no tempo do papa Sylvestre, não será julgada nem por Cezar, nem por toda a clerezia, nem pelo rei, nem pelo povo, mas só por Deus.»

A forma social da immunição ou da independencia papal é a soberania temporal, não honorifica, porem real. A destruição da soberania temporal arrasta consigo a destruição da immunição e reciprocamente.

De forma que a espoliação do poder temporal não pode perpetuar-se. Não ha forças humanas que possam lutar contra a acção e tendencia da natureza de uma instituição divina e indefectivel. Não é possível que uma tão alta dignidade, que um poder tão extenso esteja subordinado a um poder qualquer, que lhe regule a natureza, a uma força extranha que lhe possa embaraçar o passo. O promulgador soberano e universal, o pacifico ordenador que abraça todos os povos no amor de pai; o director espirital dos individuos, povos e nações; o centro e o principio da unidade; o primeiro motor d'este grande corpo que é a Igreja, deve ser livre como o ar.

E no lugar onde residir não pode lá reinar nenhum soberano temporal.

E' absolutamente indispensavel que haja em Roma, no centro da Europa um lugar sagrado em face dos tres continentes do antigo mundo, uma sede augusta e soberana, d'onde fale ora aos povos, ora aos principes, uma voz omnipotente, a voz da justiça e da verdade, imparcial, e sem preferencias, forra de toda a influencia arbitraria, que não possa ser corrompida nem pelo terror, nem pelas blandicias.

*Poder temporal dos papas.* — E' incontestavel que a Egreja tem um certo poder sobre o temporal dos imperadores e dos reis, e que o exercicio d'este poder pertence ao pontifice romano. Este poder pode ser directo ou indirecto.

O poder directo supporia reunidas na mão do papa as duas espadas, os dois poderes espiritual e temporal, sob a condição de que o papa não exercerá o poder temporal em pessoa, mas o delegará n'um leigo.

O poder indirecto suppõe a coexistencia, parallela e independente dos dois poderes, cuja união se effectua em Deus.

Ainda assim, n'esta ultima hypothese a independencia do poder temporal só existe sob condição de que não ha de estorvar o fim que o poder espiritual tem a missão de proseguir, porque n'isto fica sujeito ás penas do poder espiritual. Pode-se acreditar que Jesus Christo submetteu o poder temporal ao poder espiritual sómente o preciso para proseguir o seu fim sobrenatural; ora o poder indirecto basta para conseguir este fim.

O poder directo que se manifestou em plena idade media, ponto culminante da civilisação christã, entre S. Gregorio VII e S. Pio V, conta illustres partidarios, taes como S. Bernardo, S. Thomaz, etc. Aquelles dois grandes pontifices que o exercitaram eram dois grandes sanctos, e seguiam n'este exercicio a opinião publica de todos os Estados christãos.

A minha consciencia impunha-me o dever de enunciar os principios fundamentaes das relações entre a Egreja e o Estado; o leitor que desejar maiores desenvolvimentos encontral-os-ha na bella obra do P.<sup>e</sup> Liberatore. Taes douctrinas talvez se affigurem antipathicas a alguns de meus leitores, mas são a expressão da verdade, e não tinha duvida em dar minha vida por ellas. O direito está ali. Quanto á practica, ao factio, exporei



um resumo d'esta grave materia, já por mim dado, em 1845, em publicação intitulada: *Principios fundamentaes, pelos quaes devem resolver-se no tempo actual as duas grandes questões das relações entre a Igreja e o Estado, e da liberdade de ensino*; estas paginas já tomaram logar no capitulo da *Igreja revolucionaria*, mas são necessarias aqui.

«Qual é a ordem natural das ideias em facto de governo? O ente que foi o objecto immediato da vontade divina, o ente que Deus creou para sua gloria, que destina á felicidade, é o *individuo*, ou o homem individual. Para o individuo constituiu Deus o pai e a mãe ou a *familia*, que é de direito divino. As familias como os individuos reclamam por essencia a *sociedade*. A sociedade estabelece entre os individuos e a familia *interesses particulares e communs*, que devem *ser regulados e garantidos*. A necessidade d'esta regulamentação, d'esta garantia, implica a existencia de um poder superior ou governo, que presida á totalidade das familias. O governo não é essencialmente de direito divino, como é a familia, não é por forma alguma indispensavel que, á semelhança dos juizes e dos primeiros reis de Israel, seja instituido immediatamente por vontade de Deus, pode ser estabelecido pela vontade commum das familias e dos individuos que rege. Mas nenhum espirito razoavel deixará de confessar que a auctoridade exercida por um poder qualquer é forçosamente uma emanação, uma delegação da auctoridade divina; é que todo o poder deve governar em nome de Deus que creou os interesses particulares e communs, de Deus origem de todo o ser e auctoridade, de Deus que sanciona, garante e vinga todos os direitos.

«Deus, o Individuo, a Familia, o Estado, eis portanto a ordem immutavel que a razão deve reconhecer e confessar, que a vontade deve acceitar e respeitar. Os governos hão de passar, a familia ha de passar, Deus e o individuo hão durar eternamente. O individuo deve

obedecer a Deus que é o seu fim; a família deve auxiliar-o n'esta tendencia divina que é o direito de Deus e o dever do individuo; o governo ou o Estado deve tornar possivel e facil á familia esta sagrada tutella, que é o direito do individuo e o dever da familia. Entre o Estado e o individuo ha pois a familia, e é absurdo por isso affirmar que o individuo pertence ao Estado, como seria absurdo dizer que o fim pertence ao meio.

«Os direitos do Estado fluem natural e exclusivamente dos interesses privados, ou communs, das familias e dos individuos, ser-lhes-hão correlativos. Não tem outro poder senão aquelle que é imperioso e strictamente necessario para tornar efficazes a regulamentação e a garantia d'estes interesses: ultrapassa seus direitos, usurpa desde que manda ou prohibe fóra da esphera dos interesses privados ou communs; commette uma injustiça mais ou menos flagrante, faz se tyranno, quando os desconhece ou calca aos pés.

«Governo perfeito será evidentemente aquelle que considerando o homem em sua synthese, tal como a natureza, a razão e a fé o definem e apresentam, o homem material e espirital, o homem do tempo e da eternidade, da natureza e da graça, o homem n'uma palavra de interesses materiaes, moraes, religiosos e sobrenaturaes, quere por todos os meios ao seu alcance, regular e garantir egualmente estes interesses diversos e multiplos que são para elle egualmente sagrados. Tal foi por exemplo nos seculos XVI e XVII, o governo que tornou a Hespanha tão sancta, tão forte e tão grande.

«Em um governo perfeito, a religião conhecida e recebida como a unica verdadeira, a unica divina, por todas as familias, é lei do Estado, não no sentido de que a lei possa entrar no dominio intimo da consciencia, prescrever actos interiores, punir infracções que não se hajam exteriorizado; o sanctuario da consciencia é só governamentalmente accessivel a Deus; mas

no sentido de que toda a desobediencia á religião manifestada por actos exteriores se torna punivel; que a lei deve castigar um attentado exterior contra a fé de um individuo, como pune um attentado contra sua honra ou sua bolsa. N'um tal governo um poder ou tribunal intermediario entre o Estado e o individuo, com a missão de conhecer por meios honestos e legitimos das infracções exteriores á lei religiosa, de as julgar e punir, é uma instituição tão natural como os tribunaes destinados a perseguir os delictos contra os individuos, suas pessoas, reputação e fortuna. N'esta ordem de cousas alem d'isso, o individuo que denuncia aquelle que teve o atrevimento de armar laços a sua fé, não está menos no direito de o fazer, do que se denunciasse um attentado commettido contra sua pessoa e bens.

«Não será evidente por si mesmo, não provará a historia superabundantemente que o governo perfeito, tal como acabamos de o definir, é altamente favoravel á fé; que tende efficazmente a conserval-a, a dar-lhe incremento, que é para ella como um impulso universal e irresistivel? Mas ah! o reino do bem, como o de Deus, não é d'este mundo, e a corrupção do optimo torna-se fatidicamente a peor das corrupções, *corruptio optimi pessima*.

Quando n'um paiz a religião cessou de ser unica, quando a fé já não é geral, quando a preponderancia dos interesses sobrenaturaes e eternos é posta em duvida, os governos não querem ou não podem considerar senão o homem do tempo, de interesses materiaes e sociaes, e de modo algum o homem da eternidade. O Estado apenas vê no homem seu presente, sua fortuna, sua honra, e não quere por forma alguma occupar-se de sua fé e de seu futuro immortal. Então deslisa-se mais ou menos abertamente no regimen de separação da Igreja e do Estado, da egualdade de todos os cultos perante a lei, etc., etc. E' impossivel negal-o, ainda

que factos innumeros, mais brilhantes que a luz do sol, o não provassem de maneira contundente e irrefutavel, uma tal secularisação mais ou menos absoluta da legislação é bem menos favoravel ao exercicio da fé.

«Pelo facto do governo, do poder supremo se constituir equivalentemente atheu, guarda entre todos os cultos uma neutralidade official, e não se occupa do homem religioso, sendo para elle como se não existisse, etc., a fé e os interesses sobrenaturaes baixam ao infimo plano, e cedem o passo aos interesses materiaes e sociaes.

A negação, ou se assim o querem, a indifferença do Estado tende invencivelmente a instillar a negação e a indifferença das familias e dos individuos.

A fé apouca-se e extingue-se em proporção e com uma rapidez medonha; mas ao mesmo tempo a auctoridade exercida pelo Estado perde em poder e prestigio. Não se protege no mesmo grau o character da auctoridade divina; deixa de ser, permitta-se-me a expressão, um dogma visivel e palpavel para ser um facto de força material; os vinculos que a prendem ás familias e aos individuos affrouxam; a anarchia ganha terreno dia a dia e a ordem social periclita.

No entanto, como por uma parte este governo puramente humano não é essencialmente mau, e por outra é talvez o unico governo d'or'avante exequivel, entendemos que é indispensavel lembrar em que condições poderá manter a ordem, e cumprir sua missão providencial, n'uma palavra declarar os principios que devem presidir a seu exercicio regular.

«I. Desde que uma acção, seja qual for, não é de maneira alguma contraria aos interesses privados e communs, constitue direito certo e inviolavel dos individuos e das familias. O Estado não pode sem crime estorvar o exercicio d'este direito; pode sómente e deve vigial-o no intuito de que nunca venha a ser con-

trario aos interesses de todos e de cada um ; qualquer outro modo ou escopo d'aquella fiscalisação seria illegal. Se um terceiro pretender oppor-se ao exercicio d'este direito legitimo, o Estado deve punil-o.

«II. Pelo facto de o Estado abdicar relativamente de certos interesses que não quiz ou não deve regular, os direitos relativos a estes interesses voltam a encorporar-se á familia e ao individuo, e portanto é dever rigoroso do governo garantir plenamente á familia e ao individuo o livre exercicio d'estes direitos.

«III. Quando um governo repudiou o que respeita aos interesses sobrenaturaes; que por conseguinte reconheceu a liberdade de consciencia, a egualdade de todos os cultos perante a lei prevarica se consente que os homens investidos de seu poder, ataquem um culto qualquer. Seu crime será maior, se o culto atacado for a religião da maioria das familias que governa.

«IV. A intervenção do Estado na Egreja deve ficar puramente ao de fóra ; haverá usurpação ou violencia e por conseguinte perigo toda a vez que em suas relações com a Egreja e os diversos cultos, o governo sahir da esphera dos interesses materiaes e civis, seu exclusivo dominio.

Na ordem de cousas logica e consequente comsigo mesma, que acabamos de definir, as diversas commhões religiosas conservariam plenamente sua independencia ; o proprio Estado exerceria mais livremente sua auctoridade soberana ; manteria sobre todos os cultos essa fiscalisação paternal, cujo effeito unico deve ser salvaguardar os interesses materiaes e moraes de que é arbitro reconhecido. A Egreja como os consistorios, como as synagogas, não mais seria um Estado no Estado ; o bispo, o presidente do consistorio, o grande rabino exerceriam poder n'uma esphera, em que o governo não pode nem deve penetrar. Fóra d'esta esphera serão simples individuos ou subditos, para quem de

modo algum será necessario crear a jurisdicção excepcional do Conselho de Estado, ficando sujeitos á dos simples tribunaes, quando por qualquer forma attentassem na ordem material ou moral, contra os direitos do governo ou de terceiras pessoas.

«Se uma tal ordem de cousas fosse possivel em França; se o governo depois de haver restituído ao clero catholico uma parte sufficiente dos bens, de que a Revolução violenta e injustamente o espoliou deixando-lhe a liberdade de adquirir e possuir; se velhas e mesquinhas tradições lhe não impuzessem prevenções injustas; se o respeito dos direitos de todos e de cada um pudese entrar em nossos costumes, a fé talvez viesse a ganhar com uma tal liberdade, visto como ah! tantas vezes é compromettida e vexada sob o regimen inconsequente e perseguidor da interferencia do Estado no governo da Igreja.

«Por effeito do destino que sua origem e seu fim sobrenaturaes lhe assignam n'este mundo, destino que seu divino Fundador como que auctorisou n'esta dolente propheta: *Sereis até ao fim dos seculos objecto de odio por minha causa*, a Igreja não tem menos a receiar do favor do que da repulsa dos poderes estabelecidos. Pouco faltou para que em 1830 não expiasse cruelmente as sympathias, aliás bem timidas do governo da Restauração! E as desconfianças do governo de julho valeram-lhe em 1848 uma completa ovação, quando parecia ter só a esperar perseguições violentas!»

Uma sociedade franca e largamente liberal, tal como a definimos, seria porventura um terreno neutral que a Igreja cultivaria com exito, salvando as almas e consolando todas as dores.

E' o que se está dando na America, onde a liberdade, menos seductora por certo vista de perto do que de longe se estende á religião. «Em 1875 escrevia ha pouco o correspondente do Jornal o «*Universo*» havia

duzentos catholicos em New-York, hoje somos cem mil ! Vêde do norte ao sul este cinto, com que Deus adorna o Atlantico, e que do Meno ao Texas tantas joias dignas da admiração do ceo contem ! Que divinos raios partem d'estes solios episcopaes, levantados pelos successores de S. Pedro ! . . . Vêde mais alem o pharol da fé diffundir seus fogos atravez de planicies infinitas, Albani, Rochester, Buffalo, Cincinnati, S. Luiz ! E ainda para lá, mais longe ainda, para alem dos grandes lagos, n'esses prados sem fim no meio das montanhas Rochosas, até n'esses desertos sem nome, pisados sómente pela planta das feras, a Egreja estabeleceu, e não tardará, é convicção minha, que converta as pobres seitas, cujos mais distinctos membros, vem todos os dias ter comnosco para se desalterarem nas fontes da vida, de balde procuradas por elles n'outra parte.»

---

## ADEUS A MEUS ESPLENDORES

---

*Ide-vos meus queridos «Esplendores», ide-vos!  
Possam: O pensamento de fé que vos inspirou,  
O ardor com que vos emprehendi,  
O trabalho excessivo, a que me condemnastes,  
As angustias que me causou a temeridade de vossa edi-  
ção,*

*As dores de vosso dolorosissimo parto,  
As crueis contradicções que me preparais, etc.,  
Merecer-me que sejais a lei immaculada do Senhor, que  
converte as almas, o testemunho fiel de Deus, que dá a sabe-  
doria aos pequenos!*

*Irei depor-vos sobre o altar da capella provisoria de  
Montmartre, preludio do Monumento de salvação, que a  
França arrependida eleva ao Sagrado Coração de Jesus,  
em quem puz todas as minhas esperanças.*

*Irei offerecer-vos a Nossa Senhora de Lourdes, á Vir-  
gem Immaculada, que ao escrever-vos todos os dias invoquei.*

*Irei de joelhos por-vos sob o patrocínio do glorioso  
successor de Pio IX, que se dignou honrar-me com a  
sua affeição, que previamente vos abençoou.*

*Depois direi na plenitude de meu reconhecimento  
e de minha alegria:*



Agora, Senhor, deixai morrer e vosso servo em paz!

Se porem ainda for util a vosso povo, não me recuso ao trabalho; de novo voltarei a vella, exclamando com um enthusiasmo cada vez mais accentuado e generoso:

E' preciso que Elle cresça, e quanto a mim que diminua.

FRANCISCO MARIA JOSÉ MOIGNO.

Dia de Natal de 1878.



## APPENDICES AO TOMO IV

---

### APPENDICE A

#### Do Poder temporal dos Papas

*Allocução dirigida a sua Sanctidade Pio IX pelos bispos reunidos em Roma em 1862, em numero de cerca de tresentos, por occasião de serem canonizados os martyres do Japão.*

Vemos-vos, Sanctissimo Padre, pelo crime d'uns usurpadores que só professam a liberdade para melhor encobrir sua protervia, despojado d'essas provincias, com as quaes justamente attendeis á dignidade da Sancta Sé e á administração de toda a Egreja. Vossa Sanctidade repelliu com inexprimivel coragem essas violencias indignas, por cuja attitude em nome de todos os catholicos vos damos os mais vivos agradecimentos.

Porque nós reconhecemos que a soberania temporal da Sancta Sé é uma necessidade, e que foi manifestamente uma disposição da divina Providencia, não hesitando em declarar que no estado presente das cousas humanas, essa soberania temporal é absolutamente requerida pelo bom e livre governo da Egreja e das al-

mas. E' mister sem a menor sombra de duvida que o Pontifice Romano chefe de toda a Igreja, não seja nem subdito, nem mesmo hospede de nenhum principe. mas senhor em sua propria casa e em seu proprio reino, não reconheça outro direito senão o seu, e possa em nobre, pacifica e calma liberdade, proteger a fé catholica, defender, reinar e governar toda a christã republica.

Quem haverá ahí que se atreva a negar que, no conflicto das cousas, das opiniões e das instituições humanas, é mister que haja no centro da Europa como um logar sagrado, collocado entre os tres continentes do antigo mundo, uma Sé augusta d'onde se levante alternativamente para povos e reis uma voz grande e poderosa. a voz da justiça e da verdade imparcial e sem preferencia, livre de todas as arbitrarias influencias, que não possa nem ser abafada pelo temor, nem seduzida pelos artificios?

Como de feito, mesmo n'esta occasião, teriam perdidos os prelados da Igreja, vindos de todos os pontos do universo, chegar aqui em segurança para conferenciar com Vossa Sanctidade ácerca dos mais graves interesses, se, congregados de tantos paizes e nações diversas, encontrassem aqui um principe, dominando sobre estas plagas, e suspeito do legitimo soberano ou a este suspeito e hostile? Ha certamente deveres do christão e deveres do cidadão, deveres que de modo algum são contrarios; mas sim differentes. E como poderiam os bispos cumpril-os se em Roma não houvesse uma soberania pontifical, isenta de toda a jurisdicção estranha e centro da concordia universal, não tendo nenhuma ambição humana, nada emprehendendo por desejo de dominio universal?

Eis-nos pois aqui livres deante do Pontifice-Rei livre, provendo egualmente ás cousas da Igreja como pastores e ao bem da patria como cidadãos, não faltando a nossos deveres de pastores nem de cidadãos.

E sendo isto assim, quem ousaria atacar esta soberania tão antiga, fundada sobre uma tal auctoridade, sobre uma tal ordem de cousas? Que outro poder se lhe poderá comparar, mesmo que só se attenda ao direito humano sobre o qual repousam a segurança dos principes e a liberdade dos povos? Que poder haverá tão veneravel e sancto? Que monarchia ou que republica pode nos seculos passados ou modernos gloriarse de direitos tão augustos, tão antigos e tão inviolaveis? Se direitos semelhantes viessem a ser menosprezados e calcados aos pés, que principe estaria seguro em seu proprio reino, que republica em seu territorio? Assim é pois, Sanctissimo Padre, que vós luctais e combateis pela religião, e não só por ella, mas tambem pela justiça e pelo direito que são entre as nações christãs os fundamentos das cousas humanas.

---

## APPENDICE B

### O Dinheiro de S. Pedro

O sr. arcebispo de Aix depois de ter consultado a Sancta Sé sobre um projecto de organização do *Dinheiro de S. Pedro*, recebeu do cardeal Secretario de Estado uma resposta calma e grandiloqua, onde a questão é considerada debaixo de todos os seus aspectos.

Recusando por delicadeza intervir pessoalmente na organização proposta, deixando isso ao cuidado dos bispos e dos fieis, o Sancto Padre acceita seus soccorros absolutamente necessarios.

A Igreja está n'elle, e ninguem pode duvidar d'isso. A politica moderna tem destruido agora o edificio sagrado, tanto quanto o pode destruir. E' um facto. O pão de cada dia é incerto. Pode faltar a qualquer hora. O que resta de pé não é mais que um muro prestes a esbarrondar-se, a queda, a ruina total não pode tardar muito. Os escombros serão taes que poderão arrasar o mundo. Será a demão final da obra da Revolução. *Et dixit qui sedebat in throno: Ecce nova facio omnia.*

O sr. arcebispo de Aix, compenetrando-se do alcance da carta do eminente secretario de Estado, reproduziu-a litteralmente em pastoral dirigida ao seu re-

banho. E' de lá que a vamos extrahir hoje, festa da Dedicção.

LUIZ VEUILLOT.

«ILL.<sup>mo</sup> E REVERENDISSIMO SENHOR,

«Sua Santidade recebeu em suas augustas mãos o respeitoso escripto assignado por Vossa Senhoria Illustrissima e Reverendissima, e de quatorze seus collegas, escripto, cujo fim é representar a necessidade de dar uma nova impulsão á obra do Dinheiro de S. Pedro, e de fazer assim face ás crescentes necessidades da Sancta Sé, fructos da perseguição, com que a Sancta Egreja todos os dias é mais vexada, da parte d'aquelles que governam esta malfadada Peninsula. O desejo espontaneo, que por este acto prelados francezes tão distinctos mostram de vir em auxilio da Sé apostolica, emocionou profundamente o coração de Sua Santidade. Este desejo prova mais uma vez que sempre que as privações d'esta sancta Sé se tem agravado, os bispos de vossa nobre e generosa nação logo sahem a campo para defender e proteger os direitos do chefe da Egreja, para o consolar em suas aflicções, para o socorrer nas angustias financeiras, em que o poz a Revolução, a ponto de lhe tornar sempre difficil e por vezes practicamente impossivel o governo da Egreja universal.

«Não é possivel duvidar de que a dedicção filial d'este venerando episcopado para com o Sancto Padre, e o vivo interesse que toma pela sorte de toda a catholicidade, não sejam as verdadeiras e principaes causas das benções e graças celestes, com o que o Senhor visivelmente o cumula. De feito não só o clero e o povo francez o respeitam mais do que em qualquer outra epocha da historia, mas os mesmos adversarios de nossa sancta religião, com tanto que não estejam dominados de vis paixões, se inclinam deante d'elle em signal de

respeito e de veneração, e reconhecem que é das mais puras e brilhantes glorias do nosso seculo.

«Quanto á pergunta que forma o objecto da mencionada representação, a saber: se convem em presença do incremento das necessidades da Sancta Sé dar ás collectas do Dinheiro de S. Pedro uma organização estavel, geral, legal, sancionada pelo Soberano Pontifice com sua auctoridade indiscutivel, afim de que a empreza seja coroada de maior exito, o Sancto Padre, depois de tudo maduramente pesado, não crê em sua alta sabedoria, dever pronunciar-se sobre a proposta que lhe fazeis.

«Até hoje, isto é fóra de duvida, toda a vez que quer em França, quer em outro qualquer paiz da catholicidade, o episcopado tem dirigido um apello á dedicação filial dos fieis para com o Pai commum, tem sempre respondido com uma espontaneidade e uma generosidade, de que só são capazes os povos que avaliam profundamente a ventura incomparavel e o beneficio inapreciavel de serem Estados resgatados pelo sangue de Jesus Christo, e de fazerem parte da verdadeira Egreja fundada por nosso divino Salvador.

«Este factio honra grandemente a fidelidade e a dedicação dos povos catholicos para com a cadeira suprema da verdade, mas parece tambem aconselhar o Summo Pontifice a que deixe como no passado a sua sua espontaneidade o generoso concurso das piedosas offerendas, que depositam a seus pés com tanto zelo e constancia.

«Ha tambem outro factio incontestavel: toda a vez que os inimigos da Egreja tem por sua acrimonia obrigado o Soberano Pontifice a fazer novas despezas, e buscado tornar-lhe ainda mais penoso o exercicio do seu sancto ministerio, as populações catholicas tem logo correspondido maravilhosamente aos convites de seus ordinarios, e recebido da melhor vontade os meios



os mais efficazes, que lhes eram propostos, de realizar qualquer grande e nobre iniciativa.

«E' por isso que o Sancto Padre prefere deixar inteiramente ao zelo e prudencia do episcopado catholico o cuidado de organizar na forma que julgar mais opportuna as subscripções destinadas a animar as offer-tas, tornando-as mais faceis quer aos collectores, quer ás pessoas que para ellas contribuirem, tomando alem d'isso em consideração as condições locaes das diversas partes do mundo catholico.

«Por outra parte, nada repugnaria tanto ao coração do Pai commum dos fieis, como seria o parecer que lhes impunha não só taes offertas, como tambem as proporções e o modo de as effectuar.

«A confiança immensa de que gozam os bispos dos nossos dias, justamente honrados por todos os povos da catholicidade torna mais que certo o pleno successo da iniciativa em questão, seja qual for o meio que os bispos adoptem. Se os povos não esquecerem que ex-oliaram o Soberano Pontifice do dominio temporal, fonte dos meios necessarios para sua honesta sustentação e para o governo da Igreja universal, ser-lhes-ha facil comprehender que a Sancta Sé não poderá viver e cumprir sua benefica missão em todo o mundo sem o generoso concurso dos fieis, emquanto não tiverem a consolação de o ver outra vez de posse de seus legitimos dominios.

«Alem d'isso, quem o ignora? para o governo da Igreja, para tranquillidade das consciencias, para o andamento regular do governo das dioceses, as congregações romanas, compostas de cardeaes, de prelados, de consultores e funccionarios, são indispensaveis.

«O numero d'estes ultimos é bem restricto, se o confrontarmos com o dos funccionarios de qualquer governo secular. Todavia o zelo verdadeiramente sacerdotal e o espirito de sacrificio de que dão constantes e

innumeraveis provas, supprem tanto quanto possivel, á falta sempre crescente de braços; accrescente-se a isto que percebem emolumentos e remunerações muito modicas. De mais, a falta de braços nasce da privação dos meios subtrahidos quasi todos, um apoz outro, ao governo da Igreja universal.

«A usurpação da soberania temporal do Pontificado, mau grado das promessas, tantas vezes repetidas, d'aquelles, que d'ella se quizeram tornar culpados, foi a pouco prazo seguida do confisco dos bens ecclesiasticos, da desaparição das ordens religiosas, da usurpação dos conventos, bibliothecas, museus e outros bens que lhes pertenciam; e o que é mais desolador, quando se olha ao futuro, é que essa usurpação da soberania temporal collocou essas mesmas instituições na impossibilidade em que se acham de abrir seminarios, collegios, noviciados; ao passo que antes d'isso todos esses thesouros vinham em soccorro do chefe da Igreja no pesado encargo do governo de duzentos milhões de almas.

«Hoje, quem o ignora? nada resta de tudo isso, e portanto as necessidades são maiores.

«De facto, alem dos auxilios a dar aos religiosos e religiosas, pobres, tambem por sua vez tão cruelmente provados, o Papa deve prover á subsistencia pessoal d'aquelles bispos que se recusam a reconhecer aquelles que governam actualmente a Italia, e muitas vezes ainda a outras necessidades de suas dioceses e á sustentação dos respectivos seminarios. A uma tão grande tyrannia junctam ameaças, já effectuadas em alguns logares, de não pagar a congrua aos mesmos ecclesiasticos, nomeados para qualquer officio e beneficio por bispos não reconhecidos. No meio de tão grandes tempestades, a alma do Sancto Padre é ainda transverberada pela vista do horrivel espectaculo, que offerecem as escolas athêas, onde o povo d'esta capital da christan-

dade é educado, sem que permittam ao Supremo Hierarchy, ao Mestre infallivel e ao Guarda de nossa sancta Doutrina oppor-lhes escolas, onde seus filhos e subditos possam receber uma educação christã.

«A este respeito não será fóra de proposito tornar isto conhecido a saber: que em quanto das Americas e dos paizes ainda não christãos, o Sancto Padre recebe todos os dias petições afim de que lhes envie missionarios, delegados, representantes da Sancta Sé, quer para salvaguardar n'estas longinquas paragens o que lá constitue o interesse da Egreja, quer para ganhar novas almas para a fê e para a civilisação, o coração sangra-lhe por não poder attender a estas petições por causa de sua extrema penuria de recursos.

«Finalmente a Sancta Sé, com aplausos merecidos dos catholicos e até dos homens honestos dá um ordenado, modesto é verdade, mas que para elle é um pesado encargo, aos antigos empregados do governo temporal. Sem estes subsidios ficariam abandonados á maior miseria, e soffreriam com maior difficuldade as crueis vexações da Revolução triumphante; porque ella não pode perdoar-lhes sua fidelidade e dedicação ao Soberano Pontifice, fidelidade e dedicação que provam á evidencia quão grande é a affeição que o governo dos Papas soube inspirar a seus subditos.

«As encyclicas, as allocuções, os discursos do Summo Pontifice e todos os actos da Sancta Sé revelam bastantemente as dores que o alanceiam.

«Se os bispos os puzerem deante dos olhos dos catholicos, estes sem duvida alguma sentirão a necessidade de continuar, como o tem feito até aqui, a enviar-lhe espontaneamente suas offertas. Em vista do exposto, o Sancto Padre agradecendo aos bispos sua attenção, pelo pensamento de redobrem de zelo e de cada vez mais animarem as collectas do dinheiro de S. Pedro, quer deixar-lhes, como já atraz dicto fica, o

cuidado de tornarem conhecido o accrescimento das necessidades da Sé Apostolica e de adoptarem os meios que lhes parecerem mais practicos e proprios para attingir o desejado fim. Recommenda-lhes que se soccorram tambem da imprensa catholica, a qual é credora de todos os elogios pelo que tem feito ha tantos annos e até em favor do dinheiro de S. Pedro.

«Depois d'isto, só me resta declarar a Vossa Senioria Illustrissima e Reverendissima, sempre no primeiro plano, quando se tracta de tomar nobres e generosas iniciativas para bem da Igreja, que Sua Santidade lhe concede, assim como a todos os seus veneraveis collegas, signatarios do precitado escripto, uma benção particular. Queira Vossa Senioria dignar-se dar-lhes communicação da presente carta.

«Aguardando, tenho a honra de me assignar com os sentimentos da mais alta estima de Vossa Senioria Illustrissima e Reverendissima servo.

«L. CARDEAL NINA.

«Roma, 4 d'outubro de 1878.»

## APPENDICE C

### A Obra Franceza das Escolas Christãs

*Carta do sr. Garnier de Cassagnac, pai*

Como o Instituto dos irmãos das Escolas christãs é n'este momento, em França, o ponto principal de mira aos ataques virulentos da Revolução, cabe-me a honra de ter dado bem a conhecer o logar realmente miraculoso, que este sancto instituto occupa no mundo christão.

F. MOIGNO.

«Os Irmãos das Escolas christãs, aos quaes dão alguns o nome de *Irmãos Ignorantinhos*, que n'outro tempo adoptaram por humildade, estão hoje á frente do ensino primario, não só em França, mas em todo o mundo.

Sem soccorros do orçamento do Estado, com os recursos devidos ao interesse que inspira seu zelo, abnegação e suas luzes possuem n'este momento mil e duzentos e nove estabelecimentos ou casas de residencia,

que lhes pertencem ; só em França *mil e sessenta e quatro*, e *cento e oitenta e cinco* no estrangeiro ; e estes estabelecimentos fornecem Irmãos, mestres ou professores, a *duas mil duzentas e trinta e quatro* Escolas, assim distribuidas :

Mil oitocentas e setenta e nove em França ;

Quarenta e tres nas Colonias francezas ;

Trezentas e doze no estrangeiro.

Sim, estes Irmãos, a quem os republicanos de Blois tiraram a escola municipal primaria, ensinam o francez em dez escolas em Roma ; em doze, em Turim ; em duas, em Tunis ; em tres, na Prussia ; em duas, na Austria ; em cinco, na Inglaterra ; em vinte e seis, no Canadá ; em trinta e uma, em New-York ; em doze, em S. Luiz ; em tres, no Mexico ; em cinco, na California ; em cinco, em Madagascar e na Mauricia ; em dez, no Equador e no Chili.

«Estes exilados de Blois tem dez escolas na Algeria, i é, em Alger, em Blidah, em Constantina, em El-Bar, em Oran, em Sidi-Bel-Abbés, em Tlemcen, em Mostaganem, em Stora, em Phillipeville ; tem tres no Egypto, i é, em Alexandria, Ramlé e Cairo ; tem quatro na Turquia, i é, em Constantinopla, Kadikeny, Smyrna e Jerusalem ; tem tres na Conchinchina, i é, em Saigon, Mytho e Visals-Long ; tem duas em Ceylão, i é, no Combe e Negombo ; tem tres na Birmania, i é, em Bassein, Rairgoon e Monlmain ; tem duas no Indus-tão, i é, em Cananor e Calicut ; duas na Malasia, em Penang e Singapura ; enfim, tem duas na China e dezeses na ilha da Reunião.

«Eis aqui homens que ensinam a lingua, a litteratura e a civilisação da França a todos os povos do mundo !

«Depois de haver exposto o desenvolvimento enorme que tem tomado fóra da França as escolas christãs, na Europa, na Asia, na Africa e na America,

devo tornar conhecido o espirito que presidiu a sua formação, e a situação legal de que gozam em França.

«As escolas christãs consideradas como instituições caritativas, destinadas a instruir gratuitamente as creanças pobres foram fundadas em 1680 por um veneravel conego de Reims, chamado João Baptista de la Salle, que consagrou sua fortuna a esta obra. Formam uma congregação religiosa, mas não *ecclesiastica*; quer dizer que os Irmãos pronunciam votos referentes á profissão do ensino que abraçam; mas não podem aspirar nem ao sacerdocio, nem á prégacao. O altar e o pulpito ficam-lhes absolutamente defesos.

Afim de se poderem consagrar exclusivamente ao estudo e ao ensino, e de não serem embaraçados por qualquer interesse exterior, renunciam á familia e ao mundo e fazem voto de castidade, de pobreza e obediencia. Uma unica occupação, um unico fim, trabalhar incessantemente para se habilitarem a bem ensinar, e ensinar depois até ao fim da vida.

Passadas as horas d'aula, os professores leigos descansam de tarde; passados dez mezes de ensino escolar, os professores leigos tem suas ferias.

Os Irmãos nada d'isso tem.

A' noite reúnem-se em conferencia para prepararem as aulas do dia seguinte; nos mezes de ferias recolhem á casa-mãe de sua provincia, onde se fortificam em conferencias, estudos novos, no intuito de manter ou elevar o nivel do ensino.

E que aposentação é d'estes servos das creanças pobres, depois de trinta, quarenta e cincoenta annos de trabalho? Nenhuma... Como vivem então ao cabo de sua carreira? á hora das refeições, quando o velho, que já não pode trabalhar entra no refeitório, apertam-se os que lá estão para lhe dar logar, e fazem-se os quinhões mais pequenos.

«A situação dos Irmãos é perfeitamente legal. São

collaboradores regulares da Universidade. Banidos de França em 1792, depois de lhes confiscarem os estabelecimentos que possuíam, tornaram a ser chamados e abriram suas escolas em 1802. Em 1808 o decreto de reorganisação do ensino geral, deu-os como adjunctos á Universidade para o ensino primario, deixando-lhes livres os estatutos e os methodos.

Até 1883, os Irmãos dirigiram suas escolas em virtude de cartas de obediencia, entregues pelo superior geral, em conformidade com seus estatutos; mas a lei de 28 de junho, elaborada e sustentada por Guizot, impondo aos professores leigos garantias diversas, entre as quaes diploma de capacidrde, passado depois de um exame feito perante uma commissão departamental, os Irmãos não quizeram para si nenhum privilegio, nem dar o exemplo de nenhuma excepção. Apresentaram-se portanto deante das commissões e obtiveram os diplomas de fôrma que hoje não ha em França, na Algeria, ou nas colonias uma unica escola, regida por Irmãos, onde o Irmão director não seja diplomado, tal qual como nas escolas leigas.

Em França, todas as escolas primarias são *publicas* ou *livres*. As escolas publicas, chamadas tambem *communes*, são aquellas, cujo ensino é pago total ou parcialmente pelos cofres do Estado, do departamento ou do municipio. As escolas *livres* são as devidas á iniciativa privada.

Mil e dezeseis escolas *communes* estão em França confiadas aos Irmãos, para cuja regencia não podem delegar menos de tres membros. São geralmente escolas de sede de concelho. Os Irmãos dirigem tambem em França tresentas e dezeseis *escolas livres*, que lhes pertencem. Paris, só á sua parte, tem cento e quarenta e uma *escolas communes*; oitenta e uma estão confiadas a professores leigos; sessenta são dirigidas por Irmãos, os quaes possuem alem d'estas vinte *escolas livres*.



«Compreende-se facilmente que enorme pessoal um tal desenvolvimento impõe ás escolas christãs; é um exercito.

As escolas christãs empregam 21:250 professores a saber :

Em França. . . . .	9:387
Em Alger e nas Colonias.	223
No estrangeiro . . . . .	11:640
Total . . . . .	21:250

«Tal é a organização das escolas christãs.

Mostremos agora a superioridade immensa e incontestavel do ensino, dado pelas Escolas christãs, sobre o ensino dado pelas Escolas leigas, e argumentando com cifras authenticas que provam esta superioridade, vou primeiramente explicar, o methodo especial, de que é o resultado, methodo inconciliavel com o ensino leigo.

« Os dois methodos differem n'isto, que o professorado leigo, nas Escolas normaes, só pode receber a instrucção: em quanto que o Irmão, nos noviciados da ordem, recebe ao mesmo tempo a instrucção e a vocação.

« Não é diffamar o professor leigo dizer que em geral o que elle procura no ensino primario é uma carreira, bastante honrosa e remuneradora. Concede-se que no ensino secundario ou no ensino superior, o gosto ardente das lettras baste para crear e conservar a vocação do professorado; mas a perspectiva de viver obscuro no retiro do campo, e de ahi dar todos os dias seis horas de aula a creanças dos sete aos doze annos, não é de certo assaz attrahente para se deixar tentar das vantagens affectas á carreira do professor de instrucção primaria, vantagens, a primeira das quaes é a dispensa do serviço militar, e a segunda é um ordenado

quasi igual ao do parochio, com direito á jubilação, que este não tem.

« Por outra parte, não é rebaixar ou desconhecer a missão do governo em materia de instrucção primaria, dizer que todos os seus esforços se limitam necessariamente a formar um professor instruido. Consegue este resultado com o auxilio das escolas norinaes, a grandes expensas edificadas, mobiladas, e sustentadas pelos departamentos, e nas quaes os jovens, que se destinam ao ensino, vem receber uma instrucção geralmente gratuita, paga em verbas do orçamento do departamento ou do Estado.

« Depois de tres annos de estudos, os alumnos da escola normal apresentam-se a exame perante uma commissão departamental, cujos membros são nomeados pelo governo, e se estão convenientemente preparados recebem um diploma de capacidade ou habilitação que é do primeiro ou do segundo grau, segundo o programma; depois d'isto o approvado recebe a direcção d'uma escola.

« Ora qual é, debaixo do ponto de vista pedagogico e do ensino pratico, o valor d'este diploma de capacidade e que garantia offerece ás familias o Estado? — Em assumpto tão delicado convem dar a palavra á propria Universidade. Eis qual é a apreciação do snr. Gréard, inspector geral da instrucção e director do ensino primario do Sena:

« Se o diploma de capacidade é a significação de que um candidato possui o minimo dos conhecimentos exigidos na lei, *não dá nenhuma garantia, nem quanto a seu valor professional, nem quanto a suas aptidões moraes.* O legislador, é verdade, prescreveu que se verificasse por um interrogatorio sobre os processos de ensino das diversas materias comprehendidas no programma, se o candidato tem noções pedagogicas. Alem d'isso, antes de poder ensinar, a lei submete toda a sua vida a um

inquerito profundo. Estão tomadas sabias e uteis medidas, destinadas a pôr de parte os individuos incapazes ou indignos, mas *insufficientes para formar um corpo de professores e professores irreprehensíveis* e para propagar as sãs doutrinas do ensino.

A profissão do ensino primario não pode *dispensar* o que outrora se designava com um nome tão elevado, que só se applicava aos apellos de *ordem divina*: A **VOCACÃO!** Ora para se ficar certo de a ter, é mister que a *vocação haja sido posta a uma prova demorada.* (1) »

Pois bem, um appello, quasi de ordem divina, que a profissão do ensino primario não pode dispensar, a *vocação*, ou esse character que as Escolas norinaes não sabem dar aos professores leigos, dão-no os Noviciados das Escolas christãs aos Irmãos. De feito, se os esforços do governo tendem a crear um professor instruido os esforços das escolas christãs tendem principalmente a crear professores religiosos, e o noviço só depois de longas provas, de reflexões profundas, de experiencias concludentes dos deveres que vai contrahir é que pode dizer-se um Irmão. Só então, depois de os superiores julgarem que o noviço tem de facto a *vocação* que elle aceita não só sem reluctancia intima, sem murmurios, mas até com convicção, com amor ás obrigações affectas aos tres votos de castidade, pobreza, e obediencia, adquiriu o character de religioso, é admittido como Irmão; mas nem por isso é considerado já professor.

«Como se vê, é enorme a differença de preparação de um professor entre as escolas normaes e os noviciados. O leigo offerece quando muito como garantia o diploma de capacidade; em sua juventude, ficou entregue á sua propria direcção, sem superintendentes, sem formação effectiva; e ao sahir da escola acabam para elle

---

(1) Gréard, *Memoria dirigida ao sr. Prefeito do Sena.* p. 270.

as lições. Não se dá outrotanto com o professor congreganista. Este offerece as mais solemnes garantias; voluntariamente se sujeitou a um regulamento penoso; abraçou um estado de abnegação, de pobreza e dedicação; conta que ha de sempre obedecer, que ha de viver e morrer trabalhando, separado do mundo e sem possuir de seu cousa alguma. Alem d'isso, já professor, estudará ainda e sempre, porque toda a communitade docente é uma escola normal practica, onde cada professor estuda constantemente, e se assenta nos bancos da aula para se aperfeiçoar conforme o seu grau.

«Mas o ponto culminante que ainda mais accentua a differença dos methodos empregados no ensino leigo e no ensino congreganista, é que n'esta applicam-se judiciosamente as aptidões especiaes do professor ás diversas materias do ensino.

N'uma escola leiga, todos os professores são diplomados, i é, são eguaes, nenhum d'elles se sujeitaria á humilhação de consagrar a vida a ensinar o abc, a taboada de Pythagoras, ou os rudimentos caligraphicos. Nas escolas christãs, onde o voto de obediencia é a regra dominante, cada Irmão é obrigado a ensinar o que sabe melhor, a calligraphia, a leitura, a arithmetica, a grammatica; de forma que cada materia do ensino é ensinada pelo professor que melhor a conhece e mais claramente a explica.

«D'onde, a superioridade incontestada dos resultados do ensino ministrado nas escolas christãs, superioridade posta em toda a luz nos concursos que todos os annos tem lugar em Paris entre os educandos das escolas primarias leigas e os das escolas congreganistas, quer para obter as pensões nas escolas superiores, quer para obter certidões de habilitação, quer para o estudo do desenho.

«Apenas tenho aqui á minha disposição os resultados officiaes dos concursos de 1875; mas são todos os mesmos; eil-os:

*Pensões postas a concurso : 80*

«As 81 escolas leigas obtiveram. . . .	25
«As 54 escolas congreganistas . . . .	55

*Approvações*

«As 81 escolas leigas obtiveram. . . .	593
«As 54 escolas congreganistas . . . .	711

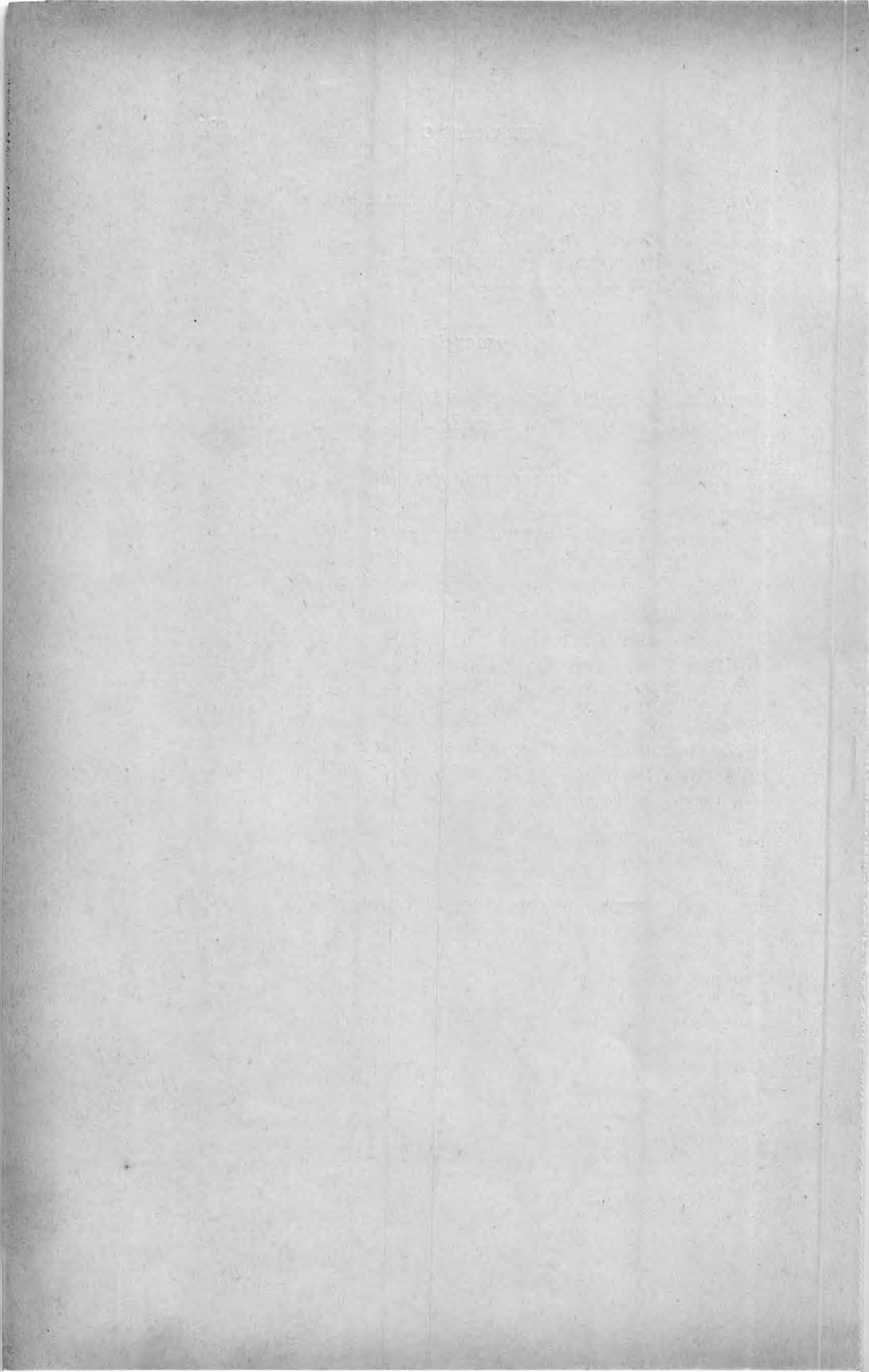
*Concursos de desenho*

«As 81 escolas leigas obtiveram : premios, 2 ; — accessits, 9 ; distincções, 11 ; total — 22 recompensas.

«As 54 escolas congreganistas obtiveram : premios, 8 ; accessits, 12 ; distincções, 25 ; total, 45 recompensas.

«Taes são o principio e os resultados comparativos do ensino primario leigo e do ensino congreganista.

«Haverá ahi pessoa illustrada, pai de familia sensato que em presença d'estes factos, não se insurja indignado contra a perseguição systematica de que as Escolas da Doutrina christã estão sendo alvo com tolerancia dos governos?»



# INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO IV

---

Prefacios . . . . .	5
O auctor, autobiographia . . . . .	5
O fundador dos <i>Mundos</i> e da Sala do Progresso . . . . .	12
A obra, seu fim, seu plano, seu methodo . . . . .	30
A Fé e a Razão . . . . .	37
Capitulo i. Estado da questão. Methodo a seguir . . . . .	37
Discussão e Exposição . . . . .	37
As parabolas do Evangelho . . . . .	40
Os Esplendores da Fé . . . . .	41
Capitulo ii. A divindade da fé demonstrada pelas prophecias . . . . .	43
Capitulo iii. A divindade de nossa fé provada pelos milagres . . . . .	48
Os principaes milagres do Evangelho . . . . .	48
Capitulo iv. As notas ou signaes caracteristicos da verdadeira Egreja de Jesus Christo . . . . .	59
— Visibilidade . . . . .	60
— Apostolicidade . . . . .	60
— Unidade . . . . .	61
— Sanctidade . . . . .	62
— Catholicidade . . . . .	62
— Indefectibilidade e infallibilidade . . . . .	63
— Infallibilidade do Summo Pontifice . . . . .	63
Capitulo v. Primeiro Esplendor da Eé. — <i>Todas as gerações me chamarão bemaventurada</i> . . . . .	65
A narração evangelica . . . . .	65
O Symbolo dos Apostolos . . . . .	67

A Ave Maria . . . . .	67
Os primeiros templos em honra de Maria . . . . .	68
Maria nas catacumbas . . . . .	68
Maria exaltada pelos SS. Padres . . . . .	68
Maria na lithurgia catholica . . . . .	69
As festas de Maria. . . . .	69
As antifonas em honra de Maria . . . . .	69
Maria vingada dos hereges . . . . .	70
As peregrinações de Maria . . . . .	70
Maria glorificada na edade media . . . . .	71
Maria glorificada pela Renascença . . . . .	71
Universalidade do nome de Maria . . . . .	72
Maria glorificada pelas familias religiosas . . . . .	72
Maria glorificada no xix seculo . . . . .	73
Influencia do culto de Maria, alma do mundo christão . . . . .	74
Capitulo vi, Segundo Esplendor do Fé. — <i>Meus olhos viram o</i> <i>Salvador que vem de vós, que preparastes em face das nações,</i> <i>a luz que se ha de revelar a todos os povos . . . . .</i>	76
A narração evangelica, o oraculo, a prophecia, o cumprimento do oraculo . . . . .	76
1.º Jesus Christo é e tem sido a salvação de Deus. . . . .	78
2.º Jesus Christo tem sido a luz revelada ás nações . . . . .	79
Capitulo vii. Terceiro Esplendor da Fé — <i>Este está posto para</i> <i>ruina e resurreição de muitos . . . . .</i>	88
A ruina de muitos. Os judeus . . . . .	88
Roma pagã . . . . .	89
Os deicidas . . . . .	89
Os tyrannos e os perseguidores . . . . .	90
Os inimigos da Egreja e dos Papas . . . . .	92
Os hereges e os scismaticos . . . . .	96
Os impios . . . . .	96
Os corypheus da grande Revolução franceza . . . . .	100
Os corypheus da unidade italiana. . . . .	101
A resurreição de muitos . . . . .	101
Nações e soberanos . . . . .	102
Convertidos illustres . . . . .	102
Os sanctos e as sanctas. . . . .	110
Capitulo viii. Quarto Esplendor da Fé — <i>Este menino será o alvo</i> <i>da contradicção . . . . .</i>	112
Contradição da parte dos perseguidores . . . . .	114
— da parte dos hereges . . . . .	114
— da philosophia do xviii seculo . . . . .	116
— da critica moderna . . . . .	117



-- do sr. Renan . . . . .	118
-- dos scelerados modernos . . . . .	119
Capitulo ix. Quinto Esplendor da Fé — <i>Vinde apoz de mim, e far-vos-hei pescadores de homens</i> . . . . .	122
Os Apostolos e seus successores pescadores de homens . . . . .	122
— Nas missões apostolicas . . . . .	123
— No pulpito . . . . .	130
— No confessorario . . . . .	130
O pescador de homens é desconhecido no gremio do scisma e da heresia . . . . .	131
Esterilidade pasmosa das missões protestantes . . . . .	132
Capitulo x. Sexto Esplendor da Fé — <i>Sêde (ou sereis) perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito</i> . . . . .	136
Os sanctos do Antigo Testamento . . . . .	138
As virtudes heroicas . . . . .	139
Os decretos de beatificação e de canonização dos sanctos . . . . .	139
Sanctos illustres em todas as condições da vida . . . . .	140
Typos creados pela religião catholica, apostolica, romana . . . . .	141
Capitulo xi. Setimo Esplendor da Fé — <i>Os pobres serão evangelizados</i> . . . . .	160
Jesus nascido revela-se aos pobres . . . . .	161
Jesus Christo identifica-se com os pobres . . . . .	162
O pobre divinizado, o rico amaldiçoado . . . . .	163
Os monumentos da caridade christã . . . . .	165
O ensino dos pobres e dos pequenos . . . . .	167
As Congregações docentes . . . . .	168
Os sanctos mestres do ensino dos pobres . . . . .	168
O ensino dos pequenos e dos pobres antes da Revolução . . . . .	171
O pobre sem fé, o monstro do pauperismo . . . . .	172
Capitulo xii. Oitavo Esplendor da Fé — <i>Sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome</i> . . . . .	174
A narração evangelica e o oraculo de Jesus Christo . . . . .	175
O odio no coração dos Judeus . . . . .	176
O odio no coração dos Romanos: O odio no coração dos perseguidores pagãos . . . . .	178
O odio no coração dos hereges e dos scismaticos . . . . .	180
O odio no coração dos philosophos . . . . .	181
O odio no coração dos revolucionarios . . . . .	182
O odio no coração dos franc-maçons . . . . .	183
O odio em acção sob todos os governos que se tem succedido ha sessenta annos . . . . .	184
O odio sob o governo da Communa . . . . .	185

O odio por toda a parte debaixo do céu plumbeo da hora presente . . . . .	186
O odio no coração do solidario . . . . .	189
Capitulo xiii. Nono Esplendor da Fé. — <i>Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella</i> . . . . .	192
A narração evangelica, o oraculo . . . . .	192
O cumprimento do oraculo . . . . .	193
Primeira Tempestade. Conjuração da synagoga e dos judeus rebeldes . . . . .	194
Segunda Tempestade. Conjuração dos tyrannos . . . . .	194
Terceira Tempestade. Conjuração das heresias e dos scismas. . . . .	195
Quarta Tempestade. Conjuração do Mahometismo . . . . .	196
Quinta Tempestade. Conjuração e invasão dos Barbaros. . . . .	197
Sexta Tempestade. Os escandalos da idade de ferro . . . . .	197
Setima Tempestade. O grande scisma do occidente . . . . .	198
Oitava Tempestade. As violencias da reforma protestante . . . . .	199
Nona Tempestade. O desencadear da Philosophia no seculo XVIII . . . . .	201
Decima Tempestade. Os excessos da Revolução franceza . . . . .	202
Undecima Tempestade. Os attentados do Directorio e do imperador Napoleão contra a Santa Sé . . . . .	204
Duodecima Tempestade. As pretensões e audacias da falsa sciencia e da meia-sciencia . . . . .	204
A Conjuração do actual momento. O triumpho . . . . .	205
Capitulo xiv. Decimo Esplendor da Fé. — <i>E eu, quando for levantado da terra, hei de attrahir tudo a mim</i> . . . . .	208
A narração evangelica, o oraculo . . . . .	208
O cumprimento . . . . .	209
O Christo governa, reina e manda. . . . .	210
Jesus Christo attrahiu a si as nações e os povos . . . . .	210
— o individuo . . . . .	210
Jesus Christo attrahiu sua intelligencia. . . . .	210
— sua vontade . . . . .	211
— seu coração . . . . .	212
— seu corpo. . . . .	214
As attracções do Coração de Jesus . . . . .	215
Capitulo xv. Undecimo Esplendor da Fé. — <i>Será por isto que todos hão de reconhecer que sois meus discipulos, se vos amardes uns aos outros</i> . . . . .	218
Narração evangelica, o oraculo . . . . .	218
Regras da charidade evangelica . . . . .	219
Os primeiros christãos reconheciam-se por sua charidade . . . . .	221

Os heroes da charidade christã, esplendores da fé. . . . .	224
Charidade exercida pela Igreja desde o berço ao tumulo e para lá . . . . .	225
Capitulo xvi. Decimo Esplendor da Fé. — <i>Em verdade, em verdade vos digo: aquelle que crer em mim fará as obras que eu faço e ful-as-ha ainda maiores.</i> . . . . .	243
A narração evangelica. O oraculo. . . . .	243
Os milagres dos Apostolos . . . . .	244
Os grandes thaumaturgos da Igreja . . . . .	245
Meu grande patrono, S. Francisco d'Assis . . . . .	250
Capitulo xvii. Decimo primeiro Esplendor da Fé. — <i>Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto, ensinai-lhes a observar os meus mandamentos e eis que eu eston comvosco até á consummação dos seculos</i> . . . . .	257
A narração evangelica. O oraculo. . . . .	257
O cumprimento. Os Apostolos partem . . . . .	261
Grandeza da empreza . . . . .	261
Exito da empreza. . . . .	262
Rapidez da empreza . . . . .	262
Consequencias da empreza . . . . .	263
Perpetuidade da empreza . . . . .	264
Capitulo xviii. Decimo oitavo Esplendor da Fé. — <i>Jerusalem, dias virão em que teus filhos hão de cahir ao gume da espada e hão de ser levados em captiveiro para entre as nações. Jerusalem, serás calcada aos pés dos gentios</i> . . . . .	267
A narração evangelica. O oraculo. . . . .	267
O cumprimento. Jerusalem foi destruida . . . . .	268
Jerusalem foi destruida nas condições predictas . . . . .	269
Contraste singular, a maldição e a riqueza dos judeus . . . . .	273
A conversão dos judeus no fim dos tempos . . . . .	274
Capitulo xix. Decimo Quinto Esplendor da Fé — <i>E tu, convertido, confirma teus irmãos</i> . . . . .	276
A narração evangelica. O oraculo . . . . .	276
O cumprimento. Pedro confirma seus irmãos. . . . .	277
A grande confirmação. Segunda epistola de S. Pedro a todos os fieis do universo . . . . .	282
A primeira epistola de S. Pedro . . . . .	286
Confirmação pelos successores de Pedro . . . . .	289
Pio ix, o <i>Syllabus</i> . . . . .	290
Leão xiii, echo fiel das confirmações de Pio ix . . . . .	290
Capitulo xx. O alcance dos Esplendores da Fé — <i>Quinze prophcias brilhantes como o Sol. Quinze milagres tamanhos como</i>	

<i>o mundo, ou que são o mundo transformado. Consequencias dos Esplendores . . . . .</i>	291
Capitulo XXI. <i>Os mysterios em geral. . . . .</i>	297
A conveniencia divina dos mysterios . . . . .	297
O conhecido e o desconhecido . . . . .	298
Os mysterios da sciencia . . . . .	299
— mais esmagadores que os mysterios da Fé. . . . .	299
Capitulo XXII. <i>Deus . . . . .</i>	306
A ideia de Deus . . . . .	306
A existencia de Deus . . . . .	307
A definição e attributos de Deus . . . . .	308
Personalidade divina . . . . .	312
Pantheismo . . . . .	313
Materialismo . . . . .	314
Capitulo XXIII. <i>Mysterio da SS. Trindade . . . . .</i>	317
A Sagrada Escripura e os Symbolos da Fé . . . . .	317
A alma humana, imagem da SS. Trindade . . . . .	319
A ultima palavra do juizo humano sobre o mysterio da SS. Trindade . . . . .	320
A tradição dos povos e dos genios da humanidade. . . . .	322
Symbolos innumeraveis da Unidade na Trindade . . . . .	323
— da Trindade na Unidade . . . . .	323
Os testemunhos do Senhor são muito criveis . . . . .	325
A antiga e amorosa doxologia . . . . .	326
Capitulo XXIV. <i>Deus Creator . . . . .</i>	327
O dogma da criação definido pela sagrada Escripura e pelos concilios . . . . .	327
O ser das creaturas e o ser de Deus . . . . .	331
Primeira ideia do como do mysterio da criação. A criação pelo genio do homem . . . . .	332
Segunda comparação: a participação na auctoridade . . . . .	333
Como esta comparação exclue toda a ideia de pantheismo . . . . .	334
Luz que esta doutrina projecta sobre todas as questões da philosophia e da theologia natural . . . . .	334
Conciliação da immutabilidade divina e da mobilidade incessante da criação com auxilio da machina de calculos analyticos de sir Ch. Babbage . . . . .	336
Capitulo XXV. <i>O Mysterio da Providencia. . . . .</i>	344
O dogma da Providencia . . . . .	341
A divina providencia ensinada por Jesus Christo . . . . .	342
A ordem admiravel e o encadeiamento providencial da natureza . . . . .	344

O desconhecido e o conhecido . . . . .	345
Objecções. O triumpho dos tyrannos . . . . .	346
— a prosperidade dos maus. . . . .	346
— a desigualdade das condições . . . . .	348
O determinismo moderno; a Intelligencia e a formula de Laplace, homenagem à providencia divina . . . . .	348
Capitulo xxvi. A Oração . . . . .	351
A sancta Biblia e o Evangelho superabundam em orações sahidas das boccas as mais nobres e as mais puras . . . . .	352
Testimunho de Jesus Christo em favor da oração . . . . .	353
A oração das orações . . . . .	353
As objecções do livre pensamento, da falsa sciencia e da meia sciencia . . . . .	354
A acção da vontade humana em a natureza . . . . .	355
Testimunho do bom e grande Euler . . . . .	357
A grande illusão da sciencia . . . . .	358
Capitulo xxvii. O milagre . . . . .	359
Para que recorrer ao milagre? . . . . .	359
O milagre é impossivel? . . . . .	360
A probabilidade do milagre será menor, do que a probabilidade de um erro da parte das testinunhas? . . . . .	361
Resposta mathematica de sir Ch. Babbage . . . . .	362
E' impossivel verificar o milagre . . . . .	363
Os milagres não poderão explicar-se pelas leis da natureza? . . . . .	363
Já não ha milagres? . . . . .	364
Os milagres podem vir do demonio . . . . .	364
Todas as religiões terão seus milagres?. . . . .	364
Como é que a machina de calculos analyticos esclarece a questão da natureza e da possibilidade do milagre . . . . .	366
Capitulo xxix. <i>O peccado original</i> . . . . .	368
O dogma do peccado original . . . . .	369
A Escripura e a Tradição compendiadas pelo concilio de Trento . . . . .	369
A Queda referida por todas as tradições . . . . .	370
Testimunho da alma humana, prova experimental. . . . .	371
A differença entre o homem da natureza e o homem decalhido será aquella que se dá entre o homem nú e o homem despojado? . . . . .	373
O peccado original não é uma simples denegação ou privação. . . . .	374
Como a transição do peccado original é racional, justa e conforme ás leis geraes da natureza . . . . .	376

Todo o ser vivo gera um ser semelhante a si . . . . .	376
O segredo do peccado original: concebido de um ser im- mundo! . . . . .	377
Feliz culpa! . . . . .	378
Capitulo xxix. <i>O mysterio da incarnação.</i> . . . .	379
Definição do dogma . . . . .	379
Incarnação da alma, imagem da Incarnação do Verbo . . .	379
A Incarnação é digna de Deus e gloriosa para a humanidade .	383
Jesus Christo! Seu espirito, seu coração, sua vontade, seu corpo immaculado! Magnifico rasgo de Bossuet!. . . . .	384
Incapacidade da arte humana para reproduzir os traços de Je- sus Christo . . . . .	387
Capitulo xxx. <i>A Redempção</i> . . . . .	389
A Redempção para a razão esclarecida pela fé . . . . .	389
A substituição e a reversibilidade . . . . .	392
Necessidade de cooperação individual na Redempção . . .	394
Capitulo xxxi. <i>A presença real do corpo de Jesus Christo debaixo das apparencias do pão e do vinho</i> . . . . .	396
O desconhecido e o conhecido . . . . .	396
As cinco propriedades fundamentaes da materia . . . . .	398
A promessa da divina Eucharistia. . . . .	398
Instituição da divina Eucharistia . . . . .	399
Os concilios, a tradição, a prescrição . . . . .	400
Accordo dos dados da sciencia a mais adeantada com os da- dos eucharisticos . . . . .	401
Essencia da materia. Substancia dos corpos . . . . .	402
Substancia de um corpo organizado . . . . .	405
Diversos estados de um corpo . . . . .	405
Os accidentes dos corpos . . . . .	407
Transubstanciação . . . . .	407
Multilocação . . . . .	409
Capitulo xxxii. Accordo da liberdade humana com o concurso divino natural e sobrenatural, a presciencia, a graça e a predestinação . . . . .	412
Definição da liberdade. . . . .	412
Dogma da liberdade, affirmado pela sagrada Escripura, os concilios, a tradição, a razão . . . . .	413
O conhecido e o desconhecido . . . . .	415
O livre arbitrio e o concurso divino . . . . .	416
A liberdade e a presciencia divina . . . . .	418
A liberdade e a graça . . . . .	419
A liberdade moral e a razão sufficiente . . . . .	420
A liberdade e a predestinação . . . . .	422

A liberdade e o determinismo . . . . .	425
Capítulo xxxiii. Os Espiritos. . . . .	427
Porque razão não havia de existir espiritos bons e maus? . . . . .	427
São citados a cada passo na sagrada Escripura . . . . .	428
Os bons anjos . . . . .	428
Os maus, ou demonios. . . . .	429
Os diversos graus de escravidão do demonio. . . . .	430
Posse do mundo idolatra pelo demonio. . . . .	432
Possibilidade de relações mais ou menos intimas entre o homem e o demonio . . . . .	433
A alma, espirito. Demonstração da simplicidade e espiritualidade d'alma . . . . .	434
Capitulo xxxiv. Os Sacramentos . . . . .	439
Os Sacramentos em geral . . . . .	439
O Baptismo . . . . .	442
A Confirmação . . . . .	443
A Eucharistia . . . . .	445
A Eucharistia, sacrilicio . . . . .	447
A Penitencia . . . . .	450
A Confissão, necessidade do coração humano. . . . .	452
A Absolução, maravilhoso dom do ceo. . . . .	453
Os admiraveis efeitos da confissão . . . . .	455
A confissão será invenção dos homens?. . . . .	458
A confissão estimulará o crime? . . . . .	458
O Sacramento de extrema-Unção. . . . .	460
Seus efeitos. . . . .	462
Deveremos receiar emocionar o enfermo? . . . . .	463
Amanhã ainda haverá tempo! . . . . .	463
Deveremos receiar aterrar a familia . . . . .	464
O Sacramento da Ordem . . . . .	464
As Cerimonias da Ordem. . . . .	468
O Sacramento do Matrimonio . . . . .	469
O divorcio só tem sido erigido em lei nas epochas de revolução e de decrepitude, . . . . .	473
Quão prudentes são os impedimentos formulados pela Igreja. . . . .	475
Sabedoria da legislação christã e catholica do casamento . . . . .	478
O casamento será um contracto puramente civil? . . . . .	478
A Igreja nada terá de ver com elle? . . . . .	479
Não poderá oppôr impedimentos dirimentes? . . . . .	479
Estabeleceria impedimentos só no intuito de fontes de receita? . . . . .	479
Attentará contra a liberdade com as suas prohibições?. . . . .	480
Capitulo xxxv. O Celibato e os votos de religião . . . . .	480

O Celibato e a virgindade são de instituição divina . . .	482
Todos os povos têm exaltado a continencia . . . . .	483
Razões intrinsecas a favor do celibato dos padres . . . .	484
A observancia do celibato é impossivel? . . . . .	484
Ha infracções e desordens secretas . . . . .	485
A Igreja faz de seus padres outras tantas victimas . . .	485
A tyraunia é ainda maior para os habitantes do claustro? .	485
Se todos se votassem á guarda do celibato, que seria ds ge- nero humano? . . . . .	485
O celibato é um ultrage á união conjugal? . . . . .	486
Todos os homens são chamados ao casamento . . . . .	487
O celibato oppõe-se á prosperidade das nações? . . . .	487
Accusações contradictorias ao celibato. . . . .	488
O celibato catholico é dique opposto á sciencia . . . . .	488
Os votos de religião . . . . .	489
O apello á vida religiosa é divina. . . . .	489
Deus e a humanidade tem necessidade de pobres, de virgens e obedientes . . . . .	490
Os roligiosos e religiosas são o baluarte da sociedade . . .	491
Inuidade das criticas que lhes fazem . . . . .	492
São atravez dos seculos os bemfeitores da humanidade . . .	492
Toda a esperanza da sociedade está no clero secular e regular	495
<b>CAPITULO XXXVI. <i>Os novissimos do homem</i></b> . . . . .	<b>495</b>
O dogma da immortalidade aparece em cada pagina do An- tigo e do Novo Testamento . . . . .	497
E' affirmado pela tradição . . . . .	500
E' supposto e affirmado pela razão . . . . .	501
O juizo particular . . . . .	501
O purgatorio . . . . .	505
A resurreição geral dos corpos . . . . .	507
Os corpos são incapazes de resurreição? . . . . .	509
O que substitue a sciencia ao dogma da resurreição dos cor- pos . . . . .	511
O juizo universal . . . . .	515
O logar do juizo universal . . . . .	515
Quando ha de acontecer . . . . .	515
A vida eterna . . . . .	515
A moral independente, absurda e homicida . . . . .	517
A vida eterna, o ceo, o paraizo . . . . .	518
A pretendida monotomia do ceo . . . . .	519
A animação do paraizo christão . . . . .	520
Onde será o ceo . . . . .	521



O inferno, a eternidade das penas . . . . .	522
A parábola do mau rico e do pobre Lazaro . . . . .	524
A eternidade das penas . . . . .	525
Onde cair a arvore, ahí permanecerá . . . . .	526
Provas metaphysicas da eternidade das penas do inferno . . . . .	527
Em que logar estará elle situado? . . . . .	528
As penas do inferno . . . . .	528
Pena de damno . . . . .	528
Penas dos sentidos, o fogo do inferno . . . . .	529
Mysterio da conservação dos condemnados . . . . .	529
Allivio dos condemnados . . . . .	531
Justificação divina pelos condemnados . . . . .	533
CAPITULO XXXII. <i>A Igreja : Fóra da Igreja não ha salvação. A Igreja e a civilisação — A civilisação sem a fé é uma verdadeira barbarie. A Igreja e o Estado. O poder temporal dos Papas . . . . .</i>	
Definição e missão da Igreja . . . . .	535
A Igreja é uma sociedade e uma sociedade perfeita . . . . .	537
A Igreja é uma sociedade viva e fecunda . . . . .	538
Unidade e fecundidade da Igreja. . . . .	541
A Igreja é uma sociedade necessaria : fóra da Igreja não ha salvação . . . . .	543
Vós annunciais-me um Deus morto ha dois mil annos? . . . . .	545
O corpo e a alma da Igreja . . . . .	546
A Igreja a ninguem condemna . . . . .	546
A Igreja desmente esta douctrina por sua conducta . . . . .	547
A Igreja está hoje bem vingada . . . . .	547
Á mediação de Christo não seria portanto indispensavel? . . . . .	548
Todos os homens pertencem a Jesus Christo. . . . .	549
Bastarão pois a razão e a fé natural . . . . .	549
Jesus Christo terá vindo para nos perder . . . . .	550
Porque motivo não são todos os homens chamados á fé? . . . . .	551
Amor de Deus por todas as almas. . . . .	552
Intolerancia do erro . . . . .	553
A Igreja e a civilisação . . . . .	554
A lucta contra a Igreja a proposito de civilisação . . . . .	555
A Igreja e o trabalho . . . . .	557
As artes e a Igreja . . . . .	557
A Igreja e a escravidão . . . . .	558
A Igreja e o progresso . . . . .	559
As consequencias da lucta pela civilisação . . . . .	561
A perfectibilidade do homem e Igreja . . . . .	562

A Igreja e a charidade . . . . .	565
A Igreja e o casamento . . . . .	565
A Igreja e a sociedade. . . . .	566
Não ha liberdade sem religião . . . . .	569
A civilização e a barbarie . . . . .	570
A barbarie do peccado a sangue frio . . . . .	571
Civilização comparada das nações catholicas e protestantes . . . . .	574
A decadencia das nações catholicas não pode attribuir-se a sua fé . . . . .	582
Civilização da Inglaterra . . . . .	587
Civilização da Allemanha . . . . .	588
— Seu genio. . . . .	589
— Sua lingua . . . . .	590
— Signaes da sua decomposição . . . . .	590
Civilização dos Estados Unidos da America . . . . .	591
A Igreja e o Estado . . . . .	592
As nações e os Estados obrigados a submetterem-se a Jesus Christo e à Igreja . . . . .	593
O poder ecclesiastico e o poder temporal . . . . .	595
O Estado está na Igreja . . . . .	596
O Estado não deve separar-se da Igreja . . . . .	598
A Igreja tem o direito á existencia e aos meios de existencia. . . . .	599
As concordatas . . . . .	600
Immuniades do clero. . . . .	600
Immuniade e independencia absoluta do Soberano Pontifice. . . . .	602
Poder temporal dos papas, directo ou indirecto . . . . .	604
Relações da Igreja e do Estado nos tempos actuaes . . . . .	606
O individuo, a familia e o Estado . . . . .	606
Governo normal ou perfeito. . . . .	607
Governo anormal ou imperfeito . . . . .	607
Condição do exercicio legitimo de um governo humano. . . . .	610
Adeus aos Esplendores. . . . .	610
Appendice A. Poder temporal dos papas. — Allocução a Sua Sanctidade Pio xi . . . . .	613
Appendice B. O dinheiro de S. Pedro . . . . .	626
Appendice C. A obra franceza das Escolas christãs . . . . .	623

## ERRATAS E RECTIFICAÇÕES

---

Fiz quanto me foi possível para corrigir as provas; mas aqui, como por toda a parte reaparece o servo inútil! No entanto não me penitenciarei a ponto de dar a lista dos erros typographicos que escaparam. Seria longa, fastidiosa e inútil; além d'isso as faltas por si mesmas se denunciarão, e serão rectificadas sem custo. Julgo prestar melhor serviço insistindo, em algumas linhas, sobre certas afirmações que novos estudos me obrigam a modificar ou a fortificar.

Página 35, tomo III. Lamentei profundamente não ter podido resolver pela experiencia a dificuldade, levantada a proposito da cegueira de Tobias; mas uma indicação do habil pharmaceutico do Hotel-Dieu de S. Diniz, M. Ménard, me poz na pista de uma explicação plenamente satisfactoria.

O esterco de andorinha, caracterisado por um cheiro forte, e por uma sensação de ardencia que causa ao contacto com as membranas do olho, contem uma porção sensível de cantharidina, proveniente da caça que as andorinhas fazem á mosca cantharida, que vive no freixo e n'outras arvores. Por isso esse esterco é visicante e pode muito bem determinar a opacidade da cornea. A experiencia vale a pena fazer-se, e por sem duvida se tornará uma nova prova da verdade absoluta dos Livros sanctos.

Página 76. O baobab.

Por si mesma a longevidade d'esta arvore não facultará absolutamente um argumento a favor da antiguidade do homem; mas uma tal longevidade está longe de ser incontestada. O celebre viajante Livingstone, tendo examinado de perto um baobab, cuja idade calculava em mil e quatrocentos, achou-o ferido de uma enfermidade que alterava bastantemente sua madeira, para que se lhe prophetizasse morte proxima.

Pag. 164. O Paraizo terrestre! A opinião que colloca o paraizo terrestre no territorio de Jerusalem, foi apresentada em todo o seu desenvolvimento pelo Rev. W. Henderson, em um opusculo interessante, que tem por titulo: *Essay on the Identity of the scene of Man Creation Fall (Queda) and Redemption.*

Ainda ha pouco um escriptor discutia esse ponto no *Univiers*, mas deixando ás quatro correntes d'agua, que regavam o jardim, sua identidade com os quatro grandes rios da natureza, e não só sua semelhança com elles.

Página 264. O sr. Jorge Smith julgava ter encontrado o rei Chodorlahomor do Genesis, no velho rei chaldeu Kadar-Mabuck, fundando-se na inscripção gravada sobre um tijolo, em Ur-Kasdim, patria de Abrahão.

O sr. Oppert nega esta identificação, e o sr. Jorge Smith abandona-a por fim. Mas o precioso tijolo nem por isso deixa de attestar a existencia de um rei elamita, da dynastia dos Kudaritas, que submetteu o paiz de Chanaan.

Página 279. *A torre de Babel.* Um estudo mais attento, ou pelo menos mais feliz, da celebre inscripção de Borsippa, parece ter provado que não allude á confusão das linguas. As palavras que o sr. Oppert traduziu por *essa desordem proferindo suas palavras, exprimiriam provavelmente uma negligencia sobre a conservação dos reservatorios das aguas pluviaes.*

Não é porem menos liquido que o vencedor de Jerusalem nos indica por esta inscripção o local da torre de Babel e sua forma, sem no entanto a referir á epocha do diluvio.

*Vestigios dos principaes dogmas christãos, tirados dos antigos livros chinezes.* E' o titulo de uma obra do padre Premare, antigo missionario na China, traduzida do latim para francez, e publicada por Bonnetty e pelo abbade Paulo Perry, in-8.º de xv — 511 paginas, 1878.

Este volume sahiu muito tarde para podermos aproveitar-nos d'elle, mas deixaremos consignado o resultado, a que conduz. O padre Premare está convencido de que ha de chegar o dia, em que todos os missionarios da China serão unanimes em procurar os vestigios das tradições primitivas nos livros antigos; n'esta previsão leu e releu cem vezes os *Kings*, assim como os livros classicos, os commentadores e os velhos historiadores. Recolheu todas as passagens que lhe pareceram ser restos d'esse christianismo primitivo, e d'est'arte chegou, com todos esses textos, a compor para a China o mais bello e mais sabio tractado de apologetica catholica. Ha, diz Luiz Veuillot, bellas cousas nos *Vestigios.*

Muitas passagens d'esses velhos auctores chinezes são dignas de Job e de Moysés. Sabe-se que esperavam o *Sancto*, e que os antigos se saudavam dizendo: o *cordeiro já veiu?* ou a *serpente esconde-se?* Uma passagem diz-nos que os antigos reis sacrificavam á Suprema Unidade todos os sete dias! Ha outras passagens que dão definições pasmosas da SS. Trindade!

Em Breve, dirigido aos auctores, Sua Sanctidade Leão XIII não hesita em dizer que os livros sagrados dos chinezes e as obras dos sabios contem vestigios muito evidentes dos dogmas e tradições de nossa religião sanctissima.

# ERRATAS

No Tomo I em Nota á Pagina 207. citei entre as illustrações scientificas, dedicadas á Fé Christã o nome de Agassiz. Hoje conheço qua o fundamento, em que se baseava este meu conceito, não existe. Porque foi racionalista.

Na pag. 116 linha 25 onde se lê — obras — leia-se — almas. Na pag. 120 na ultima linha subintenda-se adiante da palavra strictamente o verbo — tende.

No tomo IV :

Pag. lin.	onde se lê	leia-se	Pag. lin.	onde se lê	leia-se
19 9	douctor	doutor	285 7	Vossos	Nossos
19 14	douctorado	doutorado	297 1	Vigessimo	Vigesimo
34 20	<i>coppertens</i>	<i>convertens</i>	333 14	conselhos	concelhos
43 19	pronunciar	preunciar	333 29	conselho	concelho
44 2	pronuncia	preuncia	375 35	indefenida	indefinida
45 8	Melchisedec	Melchisedec	379 20	Omniponte	Omnipotente
51 36	tivestes	tiveste	397 7	transubstanisa-	transubstancia-
54 3	alvorçado	alvorçado		cão	ção
55 21	Estamos	Estavam	402 20	sociedade	saciedade
60 19	naniversario	anniversario	426 2	Boussi nescq	Boussinescq
73 19	mundos	mundo	492 33	Grande?	Grande.
83 36	e	é	496 23	fostes	foste
85 28	baseado	baseada	516 23	maldade	realidade
86 17	saibem-no	saibam-no	539 3	-nos	-nas
91 16	auxilio	auxilio	561 22	sens	seus
104 5	Attingia	Attingiu	576 34	humanas	mesmas
104 14	corrompido	corrompida	580 29	Cavalheiro	Cavalleiro
109 22	natnreza	natureza	585 23	põem	põe
132 9	annos	anno	608 13	pudese	pudesse
160 13	Jesus,	Jesus	609 14	mentros,	membros
166 21	os	as	640 15	Coração	Coração
170 1	acções	orações	645 7	república	republica
195 21	espantando	espantado	618 26	sua sua	sua
195 25	socumbir	succumbir	625 29	é	é a
206 10	ubi,	ubi	626 13	capacidrde	capacidade
206 31	Juliano.	Juliano	630 14	n'esta	n'este
28 28	carrasco,	carrasco			

